Expedição Centenária Roosevelt-Rondon - Parte III

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra sobre a 7ª Fase do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar*" – *Expedição Centenária Roosevelt-Rondon – Parte III*, em três tomos, reverencia dois ícones da história da humanidade que gravaram para sempre seus nomes dentre os mais corajosos desbravadores de todos os tempos, ao sulcar as tumultuárias águas de um Rio inóspito, enfrentando a fome, os Saltos, as Cachoeiras, os Rápidos e toda a sorte de adversidades impostas pela densa floresta tropical e seus habitantes.

Dedicamos esta obra a um personagem quase desconhecido – o Sargento Manoel Vicente da Paixão –, do 5° Batalhão de Engenharia, um veterano que participou com destaque dos trabalhos da Comissão das Linhas Telegráficas, enfrentando as adversidades do Sertão no planalto dos Paresí.

Como Cabo, foi nomeado, por Rondon, para comandar um Posto Militar instalado no Juína, local que serviria de ponto de apoio à Comissão de Rondon. Nesse Posto ele recebeu, em 1911, a visita de um grupo de índios Nambiquara tendo o mérito de lhes conquistar a confiança e o prestígio.

Prefácio

Empresário Pedro Meyers

É com grande honra que recebi o convite do Cel. Hiram Reis para escrever o prefácio desta obra.

Com mais de 26 livros escritos, dos quais 7 publicados, o ex-instrutor chefe de engenharia do CPOR de Porto Alegre e ex-comandante da primeira companhia de engenharia de construção do 6° Batalhão de Engenharia, é um dos grandes remadores do mundo. Remou em seu kayak mais de 60.000 Km pelos principais rios brasileiros como o Amazonas, Negro, Madeira, Tapajós, Branco, Juruá, Aquidauana, Miranda e pela Laguna dos Patos, Lagoas Mirim e Mangueira, no Rio Grande do Sul.

Aceitou nobre e prontamente, "*de pé e à ordem*", fazer parte da expedição que refez em 2014 a épica aventura do ex-presidente americano Theodore Roosevelt e do Cel. Rondon, realizada em 1914, quando remaram toda a extensão do Rio da Dúvida, atual Rio Roosevelt, percorrendo um trajeto de 750 Km por regiões inóspitas com tribos indígenas e cachoeiras traiçoeiras. Essa obra é sobre esse grandioso feito de 2014.

Seus outros livros são valiosos e interessantes pois, em suas incursões a remo por esse Brasil afora – imaginem 60.000 Km! – o solitário navegador "*eternamente em busca da terceira margem*" relata a situação atual dos locais de interesse como fortes e outros sítios históricos que foram descritos por outros autores um ou dois séculos antes. O leitor tem assim uma visão clara de como as coisas mudaram nos últimos séculos. Em alguns casos para pior.

E para grande parte dos brasileiros que desconhecem essa riqueza do Brasil – os grandes rios – os relatos do Hiram são um achado, pois contam a história da conquista desses rios por parte de dedicados exploradores e nativos, a maioria sucumbindo em tenra idade por moléstias e outras agruras dos trópicos. Os majestosos rios são descritos com maestria e salpicados com belas poesias [o autor além de historiador é poeta] e fotos. Um prazer de leitura!

Mas voltemos ao livro atual – Expedição Centenária Roosevelt – Rondon – Tomo III.

A épica excursão de 2014, na qual dois integrantes perderam a vida e o ex-presidente Roosevelt quase morreu pelas agruras e dificuldades da aventura [excesso de cachoeiras, falta de alimentação e moléstias tropicais], era composta por 22 integrantes e durou 2 meses navegando com inúmeras dificuldades o Rio da Dúvida em 7 pesadas pirogas [canoas], percorrendo 750 Km em direção norte a partir das cercanias de Vilhena, no atual estado de Rondônia, via Mato Grosso, até o Rio Madeira no Amazonas.

Para refazer os passos exploratórios da dupla icônica [Rondon e Roosevelt], o Prof. Marc Meyers, idealizador do projeto, teve a sorte de encontrar o grande canoeiro Cel Hiram Reis – Kiko como o chama carinhosamente nosso vice-presidente Mourão – e seu amigo Cel Ivan Angonese, do prestigioso Colégio Militar de Porto Alegre, com quem nosso autor desceu o Juruá.

O Prof. Marc trouxe consigo o repórter americano Jeffrey Lehmann e os quatro percorreram o mesmo trajeto de 750 Km em dois kayaks e uma canoa canadense em 22 dias em outubro/novembro de 2014, um século após a excursão original.

Deve ser mencionado que a aventura só chegou a bom termo graças a experiência e coragem dos dois coronéis. O rio é pontilhado de rápidos e cachoeiras, o que dificulta ao extremo sua navegação. Sem a expertise e destreza de um experiente navegador como o Cel Hiram um ou mais integrantes da excursão teria sucumbido como na excursão de 1914. Outra dificuldade pela qual passaram os indômitos exploradores foi seu encontro com o chefe da tribo dos Cinta Larga João Brabo que os proibiu de navegar na reserva. Esse trajeto de 100 km foi realizado em 2019 após obtenção de permissão para tal pelo chefe João Brabo.

O autor, ao descrever cada etapa da aventura, faz a conexão com a descrição original feita por Roosevelt, pelo Cel. Rondon, e pelo naturalista americano Cherrie. Para o leitor essa visão por vários ângulos traz realidade à aventura.

Nosso escritor ao descrever o Salto Navaité, onde o rio se estreita de 100 para 2m, diz poeticamente, em profunda admiração por seus ídolos Rondon e Roosevelt:

> [...] beleza agreste daquelas formações, o medonho fragor do caudal confinado de repente, com uma angustura tão incomum e as águas tumultuarias e refulgentes, emocionaram-me na presença daqueles ilustres personagens. Engarupado na anca da história, eu via ou sentia a presença daqueles ilustres personagens [Roosevelt e Rondon] que há cem anos palmilharam aqueles sítios, gravando indelevelmente sua passagem em cada deles.

A situação de conflito entre os índios Nambi-quara/Cinta-Larga e os garimpeiros, que redundou em dezenas de mortes de garimpeiros pelos Cinta Larga em 2004, é analisada com muita profundidade e imparcialidade pelo autor que se baseia também

em artigos do “*Jornal do Brasil*”, “*Correio Braziliense*”, “*Jornal do Commercio*”, e “*O Cruzeiro*” da época. É assunto complicado e de difícil solução.

O autor também relata no tomo III sua visita ao Forte Príncipe da Beira, Rondônia, em setembro de 2019, às margens do Rio Guaporé que divide a Bolívia do Brasil. Nessa ocasião foram visitados na região sítios arqueológicos e “*labirintos*” compostos de vales e morrotes. De acordo com a antropóloga Denise Schaan, da Universidade Federal do Pará, esses sítios arqueológicos pré-colombianos encontrados no Amazonas, Acre e Rondônia são de origem religiosa.

Raros são os escritores que reúnem numa só pessoa o espírito de aventura e a força física necessária para tal, com o interesse e dedicação por fatos históricos e o necessário rigor militar. E além de tudo é poeta, citando, além de poesias próprias, Carlos Drummond de Andrade, Gonçalves Dias, Camões, Múcio Teixeira, Garcia Lorca e tantos outros. “*Mens sana in corpore sano!*”

Parabéns Hiram! Que seu espírito de idealismo e conquistas iluminem e sirvam de exemplo para todos os brasileiros!

Agradecimentos

Aos meus filhos queridos Vanessa, Danielle e João Paulo que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meus irmãos, Luiz Carlos Reis e Silva e Carlos Henrique Reis e Silva, amigos de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao General-de-Exército *Juarez* Aparecido de Paula Cunha – Comandante do Comando Militar do Oeste (CMO) e ao Coronel Valdenir de *Freitas* Guimarães, seu Assessor de Patrimônio Histórico e Cultural do (CMO), diletos Camaradas da Tu AMAN/75 pelo apoio irrestrito e amigo ao nosso projeto.

Ao meu caro amigo e Ir:. General-de-Exército Antônio Hamilton Martins Mourão, Comandante Militar do Sul pelo apoio incondicional à nossa Missão.

Ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia e, em especial, ao 3° Sgt BM Douglas Matias da Silva Ferreira e o Cabo BM Hiuri Marcel de Sousa nossos solidários "*anjos da guarda*", que nos orientaram, apoiaram durante toda a Expedição, mesmo fora do Estado de Rondônia.

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

Ao meu caro amigo, irmão e mestre Cristian *Mairesse* Cavalheiro meu primeiro e mais fiel colaborador que continua irrestritamente apoiando nossas jornadas;

Ao Dr. Marc Meyers, mentor intelectual da Expedição Centenária, e seu irmão Pedro Meyers patrocinador solidário de nossas jornadas;

À minha querida parceira Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribui nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto-aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Apresentação

Vamos relatar, neste III Tomo, a descida do Rio Roosevelt, realizada cem anos após a Expedição Original, rendendo uma justa homenagem à épica jornada protagonizada por Rondon – mais tarde conhecido como o Marechal da Paz e Roosevelt – Ex-presidente dos Estados Unidos da América.

Repercutiremos, passo a passo, a descida desses dois intrépidos desbravadores, cujo arrojo, determinação e principalmente dedicação a uma causa servem eternamente de paradigma às futuras gerações tão carentes de bons exemplos nos hodiernos tempos.

Cada capítulo de nosso diário de bordo será mesclado com os textos reportados por este protagonista que vos fala e as narrativas pretéritas do Cel Cândido Mariano da Silva Rondon ([1]), do Ex-presidente Theodore Roosevelt ([2]), do Cap Amílcar Armando Botelho de Magalhães ([3]), do Dr. José Antônio Cajazeira ([4]), do Naturalista George Kruck Cherrie ([5]) e de Esther de Viveiros ([6]), dentre outros para que se possa observar a descida sob os mais diversos ângulos e aquilatar a grandeza desta que foi, sem dúvida, uma das mais fascinantes e épicas páginas da história das Américas.

---

[1] Cândido Mariano da Silva Rondon: Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915, no Teatro Phenix do Rio de Janeiro Sobre os Trabalhos da Expedição Roosevelt-Rondon e da Comissão Telegráfica.

[2] Theodore Roosevelt: Nas Selvas do Brasil.

[3] Amílcar Armando Botelho de Magalhães: Pelos Sertões do Brasil e Impressões da Comissão Rondon.

[4] Dr. José Antônio Cajazeira: Expedição Científica Roosevelt-Roondon – Anexo N°6.

[5] George Kruck Cherrie: Cherrie's Diary of the Theodore Roosevelt Expedition to Explore the River of Doubt in Brazil.

[6] Esther de Viveiros: Rondon Conta Sua Vida.

Saga de um Canoeiro
(Boi Caprichoso)

Vai um canoeiro, nos braços do Rio,
Velho canoeiro, vai. Já vai canoeiro.

Vai um canoeiro, no murmúrio do Rio,
No silêncio da mata, vai. Já vai canoeiro.

Já vai canoeiro, nas curvas que o remo dá. Já vai canoeiro
Já vai canoeiro, no remanso da travessia. Já vai canoeiro.

Enfrenta o banzeiro nas ondas dos Rios,
E das correntezas vai o desafio. Já vai canoeiro.

Da tua canoa, o teu pensamento:
Apenas chegar, apenas partir. Já vai canoeiro.

Teu corpo cansado de grandes viagens.
Já vai canoeiro.

Tuas mãos calejadas do remo a remar.
Já vai canoeiro.

Da tua canoa de tantas remadas.
Já vai canoeiro.

O porto distante,
O teu descansar....

Eu sou, eu sou.
Sou, sou, sou, sou canoeiro. Canoeiro, vai!

Rio Roosevelt

O Rio Roosevelt nasce no estado de Rondônia e, em seu percurso, atravessa o NO do Mato Grosso, entrando a seguir no Estado do Amazonas, onde se torna um afluente do Rio Aripuanã que, por sua vez, desemboca no Rio Madeira.

- Relata Magalhães -

Cachoeiras

A Expedição transpôs onze cachoeiras, que foram pela primeira vez estudadas e que exigiram o trabalho de abrir varadouros na extensão aproximada de dez quilômetros.

Nesse trecho de montante, estão assinaladas as seguintes cachoeiras: Seis de Março, Boa Esperança, Duas Canoas ([7]), Felicidade, Quartzito, Taunay, Inscrições Indígenas, Paixão, Pedra de Cal, Dez de Abril e Piranhas.

Atingida a zona baixa, onde foram encontrados vestígios de ocupação e passagem dos seringueiros ([8]), os expedicionários tiveram apenas de melhorar os varadouros já existentes nas seguintes cachoeiras: Pedral, Santo Amaro, Panelas, Infernão, Glória, Carapanã, Galinha e Matamatá. (MAGALHÃES, 1941)

Cursos d'água

Dos levantamentos realizados constam, além de vários Igarapés e ribeirões menores, os seguintes afluentes do Rio Roosevelt:

---

[7] Duas Canoas: Quebra Canoas.

[8] Passagem dos seringueiros: trecho do antigo Rio da Castanha.

01) Ribeirão "*Festa da Bandeira*", com 21 m de largura e 04 m de profundidade, afluente da margem direita, 14.778 m abaixo do Passo da linha.

02) Ribeirão "*Diábase*" ([9]), afluente da margem direita, que foi o primeiro encontrado a jusante do Passo da Linha.

03) Rio "*Kermit*", margem esquerda, com 21 m de Boca e descarga de 20.385 litros por segundo. Dista 123 km daquele Passo e recebeu esta denominação em consideração ao Sr. Roosevelt.

04) Rio "*Marciano Ávila*", identificado ao que tem suas nascentes no Chapadão dos Parecis e que fora antes descoberto e recebera o nome de prestimoso ajudante de Rondon, hoje General reformado.

05) Rio "*Taunay*", margem esquerda; então descoberto e com cujo nome homenageou a Expedição a memória do herói que perpetuou a glória da Retirada de Laguna.

06) Ribeirão "*Cherrie*", margem esquerda, que tomou o nome do naturalista da comitiva norte-americana.

07) Rio "*Capitão Cardoso*", margem direita, com 95 m de largura.

08) Rio "*14 de Abril*", margem esquerda, distante 252.475 metros do Passo da Linha.

09) Rio "*Branco*", margem esquerda, já na zona dos seringais em exploração.

10) Rio "*Madeirinha*", margem esquerda, tem a largura de 80 m na Boca.

11) Rio "*Machadinho*", margem esquerda.

---

[9] Diábase: Rocha magmática maciça, granulosa e de cor escura.

12) Rio "*Aripuanã*", considerado assim como afluente do Roosevelt, pela margem direita e não como o principal, como figurava em todos os mapas do Brasil, desde esta Confluência até a sua Foz no Madeira.

Esta última consideração merece ser desenvolvida, para demonstrar em que razões de ordem técnica baseou o General Rondon sua ousada sentença. (MAGALHÃES, 1941)

Repercussão

Já tive ocasião de aludir ao trabalho publicado pelo ilustre Almirante Ferreira e Silva, da nossa Marinha de Guerra, sobre as condições que devem prevalecer na determinação do galho principal de um Rio. Estudando o caso através desses argumentos, que são, até agora, a última palavra de competentes profissionais, disse o General ([10]):

1. Segundo os próprios termos do Cmt Ferreira e Silva, o título de ramo principal compete, conforme a primeira condição enumerada, ao confluente "*que conserva a direção geral do Rio ou dele mais se aproxima, apresentando a menor deflexão em relação ao tronco*". Ora, se tomarmos um mapa, no qual esteja figurado o itinerário seguido pela Expedição Roosevelt-Rondon, desde o momento em que ela embarcou em canoas, no Rio da Dúvida, até aquele em que saiu no Madeira, a primeira coisa que nos há de ferir a atenção será, certamente, a regularidade com que o traço representativo desse itinerário se estende de Sul para Norte, a princípio um pouco à direita e em seguida um pouco à esquerda do meridiano que, passando pela Foz do antigo Aripuanã, no Madeira, caracteriza a direção geral do Rio tronco.

[10] General: Rondon.

E de fato, é bastante notável que, num percurso fluvial de 899.174 metros, a Expedição se tenha achado incessantemente encerrada na faixa de terra limitada por dois meridianos, os de 17 e 18 graus a Oeste do Rio de Janeiro, sem, no entanto, tocar nenhum deles. Se a esse percurso juntarmos o trecho existente da ponte da linha telegráfica para o Sul, até as mais altas nascentes, no paralelo aproximado de 12 graus e 39 minutos, encontramos mais 110.000 metros, dos quais só os últimos 44.000 penetram no fuso geográfico anterior ao já mencionado.

Verifica-se, pois, que os cursos antigamente denominados Dúvida, Rio da Castanha e Baixo-Aripuanã formam um Rio único, extenso, de 1.009.174 metros, avançando uniformemente de Sul para Norte, cerca de sete graus, sem apresentar em ponto algum uma deflexão que importe na ruptura da continuidade da direção geral.

Menos extenso do que essa grande artéria central e chegando a ele, vindo do lado do oriente, o galho para cuja designação reservamos o uso do nome de Aripuanã, apresenta-se com todos os característicos dos afluentes; e assim como, ao penetrar nessa artéria, ele perde a direção geral de Noroeste, que trazia até a Foz, da mesma forma, e daí por diante se apaga a denominação que lhe é própria, absorvida pela de seu recipiente.

2) Quanto à extensão, está hoje, definitivamente, assentado que a do galho Ocidental [da Castanha], excede a do outro [Aripuanã] não só dos 15 quilômetros em Latitude Sul, que eram admissíveis antes do reconhecimento do Tenente Marques de Souza, mas de muito mais do que isso, talvez da distância correspondente a um ou mais graus do meridiano terrestre.

3) A consideração do volume não decide contra as conclusões tiradas da extensão e muito menos contra as deduzidas da coincidência da direção geral do ramo principal com a do tronco. No entanto, para não deixarmos de mencionar mais este elemento de valor na caracterização do Rio estudado pela Expedição Roosevelt-Rondon, direi que as medições realizadas na Confluência pelos Tenentes Lyra e Pirineus, acusaram a largura de 302 metros, a velocidade média, por segundo, de 885 milímetros e a profundidade média, de 828 centímetros; portanto, a descarga do antigo Rio da Castanha, em cada segundo, era naquele dia de 2.212 m^3. Comparando este volume ao já mencionado do Aripuanã [largura, 470 m; velocidade média, 776 milímetros; profundidade média, 6,39 m; donde a descarga de 2.331 metros cúbicos] achamos para o 1° uma inferioridade de pouco mais de cem metros cúbicos. É evidente, porém, que tal inferioridade, além de pequena, não passa talvez de simples expressão de circunstâncias ocasionais, podendo acontecer que o Aripuanã estivesse engrossado com as águas das chuvas mais copiosas ou mais demoradas do que as caídas por aqueles dias no vale do antigo Rio da Castanha.

4) Relativamente ao argumento de ordem antropogeográfica, proposto por Gelkie e Peschel, temos de demonstrar que os índios Nambiquara, isto é, os habitantes da região das cabeceiras do Rio por nós denominado Dúvida, em 1909, e chamado Rio da Castanha pelos seringueiros da parte interior de seu curso, lhe davam o nome de Caiuaniaru, desde suas nascentes até a Foz no Amazonas. Portanto, para os Nambiquara, o galho Ocidental, que denominamos Aripuanã não passa de um afluente do Caiuaniaru, no qual ele, ao entrar, perde o nome e a individualidade, como acontece a todos os tributários, depois de serem absorvidos pelos respectivos recipientes.

Deduz-se, portanto, da exposição feita pelo General, que o nome de "*Rio Roosevelt*", substituiu de montante para jusante as primitivas designações: cabeceiras do Uru e Rio da Dúvida [descobertos e batizados pelo General Rondon], Rio da Castanha e Baixo-Aripuanã [trecho entre a Confluência Castanha-Aripuanã e a Foz no Madeira]; e que o nome de "*Rio Aripuanã*" passou a ser o do mais importante afluente do Rio Roosevelt, e desapareceu da relação dos afluentes da margem direita do Rio Madeira. Os mais modernos mapas do Brasil adotaram este critério, como pôde ser verificado no de Olavo Freire [última edição] e no mapa Comemorativo do Centenário da nossa independência, organizado sob os auspícios do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. (MAGALHÃES, 1941)

Relatos Pretéritos

Angyone Costa (1934)

Tupi – É a Niemuendaju que se deve a determinação exata da posição desta tribo. Esses índios divididos em três grupos, os Paranciu, os Uirapé, os Tacanatiba-Iriauhum. Os dois primeiros grupos vivem sobre o curso superior do Riozinho, afluente do Machado, e o último em seu confluente com este Rio.

Estes tupis, segundo detalhes etnográficos, são próximos parentes dos Parintintin-Kaoíba e, como estes últimos, devem ser restos da nação Cabaíba, destruída pelos Mundurucu. Os Nhogapi – vivem no alto Madeirinha, afluente da margem esquerda do Rio Roosevelt, falam um dialeto tupi muito alterado por influência dos Katukina. (COSTA)

Frederico Augusto Rondon (1934)

O General Rondon foi o seu desbravador, no trecho por onde passa a referida linha. Tão desconhecido era esse imenso território que, encontrando o Alto Rio da Castanha, afluente do Jamari, lhe deu o nome de Rio da Dúvida, por não saber se suas águas pertenciam ao Tapajós ou ao Madeira, fato que se esclareceu quando, em outra viagem, em companhia de Teodoro Roosevelt, Ex-presidente dos Estados Unidos do Norte, deu novamente nesse caudal, batizando-o com o nome de Rio Roosevelt, em homenagem ao ilustre itinerante norte-americano.

Verificou-se, então, que se tratava do Rio da Castanha, até certo ponto conhecido e explorado pelos caucheiros amazonenses, aviadores de Manaus e de Belém, muitos anos antes dessa penetração. (AUGUSTO RONDON)

Raymundo de Moraes (1936)

O de Roosevelt, também Coronel, Cowboy, Militar, Estadista, Escritor, Globe-trotter. Depois de haver caçado tigres e leões no continente negro, o prestimoso cidadão yankee, míope ainda por cima, descobrira volumosa artéria fluvial no Novo Mundo. [...]

Plantou-se um marco comemorativo da linda façanha e o Coronel Rondon, novo São João Batista da ramalhuda árvore hidrográfica do noroeste patrício, batizou de Rio Roosevelt aquela corda potâmica, sem atender ao resmungar de alguns auxiliares da comitiva e aos seus próprios conhecimentos, que afirmavam ser aquilo o Aripuanã, volumoso e conhecido afluente do Madeira. (MORAES)

Roy Nash (1939)

A série de quedas e corredeiras do Rio Roosevelt, que por pouco não fizeram soçobrar a Comissão Roosevelt-Rondon, caracterizam o leito de todos os grandes Rios que vêm do planalto. (NASH)

Durval Rosa Sarmento Borges (1986)

O encontro dos dois homens, tão diferentes entre si – Roosevelt acostumado à alta política e permanente contato com o exterior e Rondon, sertanista fechado em seu destino nacional – se deu na cidade mato-grossense de Cáceres ([11]), às margens do Rio Paraguai, já em meio de seu caminho ao Prata. A ideia de Roosevelt era subir este Rio e passar de algum modo para um afluente da Bacia Amazônica e atravessar seu vale, ainda desconhecido. O grupo se dividiu, a equipe científica descendo o Rio Papagaio em direção Norte, diretamente ao Amazonas e o comando, com Rondon e Roosevelt, viajando por terra – e assim passando de uma Bacia a outra – até o Rio Juruena, revisitando os lugares onde Rondon acampara, alcançar o Madeira e finalmente o Amazonas, chegando a Manaus e a Belém. O percurso é considerável, igual a uma Expedição completa de Rondon, mais de 2.000 km, de Cáceres a Belém, o que foi feito de 15.12.1913 ([12]) a 07.05.1914.

O território apresentava as mesmas dificuldades vencidas por Rondon e a travessia se revestiu das mesmas dificuldades, carências, febres e escassez de recursos que somente a criatividade e a resistência poderiam superar. [...]

---

[11] Foz do Rio Apa, ao Sul de Porto Murtinho.
[12] 12.12.1913.

Zoogeograficamente houve realizações substanciais. A principal delas foi a descoberta, identificação e medição de um Rio central desconhecido dos mapas anteriores, com a extensão de 1.500 km ([13]). É afluente do Rio Madeira e recebe número considerável de pequenos outros afluentes, delineando um vale de grandes possibilidades e fertilidade. Foi inicialmente batizado como "*Rio da Dúvida*", pela dificuldade inicial de identificação, em seguida "*Rio Roosevelt*" e finalmente, por decisão do Governo brasileiro, "*Rio Teodoro*" ([14]). No setor de zoologia, a contribuição para o "Museu de História Natural de Nova Iorque" foi importante: 2.500 aves, 500 mamíferos, além de répteis, batráquios e peixes. [...] Assim foi até o fim, quando Roosevelt, a 07.05.1914, se despediu em Belém de seus "*companheiros de seis meses na selva, satisfeitos e admiradores um do outro*". A "*Expedição Científica Roosevelt-Rondon*" foi realização de valor. (BORGES)

John C. Maxwel (2007)

O Sucesso não Chega da Noite Para o Dia

Roosevelt também não se tornou um grande líder da noite para o dia. Seu caminho para a presidência foi de crescimento lento e contínuo. Enquanto ocupava diversas posições, de chefe de polícia de Nova York até Presidente dos Estados Unidos, continuou a aprender e a crescer. Ele evoluiu e, com o tempo, tornou-se um líder notável. Mais uma prova de que ele viveu segundo a lei do processo.

---

[13] 1.500 km: na verdade o Roosevelt tem 683,6 km e ele é um afluente do Rio Aripuanã.

[14] Oficialmente, o IBGE o denomina de Rio Roosevelt; a maioria dos americanos, entretanto, usa o nome completo, Rio Theodore Roosevelt, ou apenas Rio Theodore; o site do Ex-presidente americano cita as formas separadas como válidas – Rio Theodore ou Rio Roosevelt.

A lista de realizações de Roosevelt é impressionante. Sob sua liderança, os Estados Unidos se tornaram uma potência mundial. Ajudou o país a criar uma marinha de 1ª classe. Garantiu a construção do Canal do Panamá. Negociou a paz entre a Rússia e o Japão e, nesse processo, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

E, quando as pessoas questionaram a liderança de TR – já que ele se tornara Presidente com o assassinato de McKinley –, ele fez campanha e foi reeleito com a maior margem que qualquer Presidente tinha conseguido até então. Roosevelt sempre foi um homem de ação e, quando concluiu seu segundo mandato presidencial em 1909, viajou em seguida para a África, onde liderou uma Expedição Científica patrocinada pela Smithsonian Institution.

Alguns anos mais tarde, em 1913, ele foi um dos líderes de um grupo que explorou o não-mapeado Rio Roosevelt, também conhecido como Rio da Dúvida, no Brasil. Era uma aventura enriquecedora que ele disse que não poderia perder. "*Era minha última chance de ser garoto*", admitiu mais tarde. Ele tinha 55 anos de idade. No dia 06.01.1919, Theodore Roosevelt morreu dormindo em sua casa em Nova York. O Vice-presidente Marshall fez o seguinte comentário:

> A morte teve de levá-lo durante o sono, pois, se Roosevelt estivesse acordado, teria havido uma briga. (MAXWEL)

Mário de Andrade (2008)

O limiar da consciência é bem mais difícil de achar que as cabeceiras do Rio da Dúvida... Que o digam os psicólogos! Que o digam as penas rotas e mortas em buscar esse limiar fugitivo e irônico! (ANDRADE)

Jaime Klintowitz (2014)

O Teatro Municipal do Rio de Janeiro lotou para ouvir a série de palestras proferidas por Cândido Rondon, em 1915. A plateia gostou em especial do relato da Expedição que devassou o Rio da Dúvida, cujo nome refletia a incerteza sobre seu curso. Desvendado o mistério, foi rebatizado de Rio Roosevelt. Isso porque Rondon levara consigo, pela mata virgem, o Ex-presidente Theodore Roosevelt, o do "*Big Stick*". O momento era de aclamação patriótica do bandeirante moderno, e ninguém mencionou que a aventura por pouco não termina em tragédia.

A Expedição Binacional havia percorrido 640 quilômetros em 59 dias por Rios e florestas inexploradas. Jornada exaustiva e, devido aos atritos entre os expedicionários, tensa. Ao chegar a Manaus, em 30.04.1914, o Ex-presidente americano perdera 20 quilos e estava febril, com uma ferida infeccionada na perna. Rondon, ao contrário, mostrava-se pronto para retornar ao trabalho na floresta. O que para o americano fora um mergulho no "*Inferno Verde*", para o militar brasileiro era simples rotina.

> Cândido Rondon acompanhou a comitiva de Roosevelt até Belém, aonde chegaram em 09.05.2014 ([15]), e o americano pegou um navio para casa. O militar brasileiro embarcou às 23h00 do mesmo dia num navio que voltava pelos Rios Amazonas e Madeira. (KLINTOWITZ)

[15] 07.05.1914.

A Lord Byron

(Múcio Teixeira)

De um manso Lago a superfície calma
– Ferida pela seta sibilante –
Mil círculos desenha nesse instante,
Ferve, borbulha... mas por fim se espalma.

Há um Lago, porém, que não se acalma,
Que nunca mais reflete o azul distante
Desde que nele a aresta de um diamante
Fere o cristal, que vibra... É a nossa alma!

Compreendo-te, Byron! – Forasteiro
No teu próprio país, – o mundo inteiro
Percorreste, sombrio, a largos passos...

Cantaste, dos baldões ([16]) aos tiroteios ([17]):
Ah! mas uma princesa – abriu-te os seios!
De um povo a liberdade – abriu-te os braços!

---

[16] Baldões: impropérios.
[17] Tiroteios: troca de palavras rudes e insultos entre pessoas numa discussão mais calorosa.

2014, um Ano de Muitas Expectativas

A Esperança
(Augusto dos Anjos)

A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe a Crença.
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,
Voltam sonhos nas asas da Esperança. [...]

A cada virada de ano renascem as esperanças, esboçamos novos projetos, traçamos novas metas, visamos novos objetivos, enfim, encaramos com coragem e determinação os novos desafios.

A cada dia que passa, algumas dessas perspectivas são alcançadas, para nosso júbilo, e, infelizmente, não raras vezes, percorrendo os tortuosos, soturnos e insondáveis labirintos do destino, o fracasso cruel desponta nos trazendo profundo desalento.

Academia de Letras de Rondônia (ACLER)

Na minha quarta jornada pelos amazônicos caudais, desci de caiaque os Rio Madeira e Amazonas, com meu filho João Paulo, desde Porto Velho, RO, até Santarém, PA (22.12.2011 a 15.02.2012). Foram 2.000 km de pura magia e deslumbramento.

Em Porto Velho, tive a honra e o privilégio de conhecer e entrevistar o Professor, Historiador e Escritor Doutor Dante Ribeiro da Fonseca, da Universidade Federal de Rondônia, com quem venho mantendo, desde então, uma salutar correspondência. No início deste ano, graças à proposta do Professor Dante, passei a fazer parte da ACLER, como registra a ata de 22.01.2014:

> Em reunião realizada no dia 22.01.2014 a Assembleia Geral da ACLER decidiu por unanimidade aprovar a proposta de admissão do Coronel de Engenharia Hiram Reis e Silva, que passa desde já a compor seu quadro de associados correspondentes. [...] Essas obras resultam de um ambicioso projeto denominado "*Desafiando o Rio-Mar*" através do qual nosso novo associado tem percorrido, conhecido e descrito a realidade de todos os afluentes do Rio Amazonas. O Acadêmico Hiram Reis e Silva ocupará a cadeira de número 41, sob o patronato de Emilie Snethlage ([18]). (acler.com.br)

Marçal, meu Fiel e Desassombrado Escudeiro

No alvorecer deste ano, eu ainda trazia no coração e na mente as gratas lembranças de minha sexta jornada pelos amazônicos caudais – singrara, em outubro de 2013, as belas águas cor de esmeralda do Rio Tapajós, onde contei, pela quarta vez, com o apoio fundamental de meus intimoratos escudeiros Cabo Mário Elder Guimarães Marinho e do Soldado Marçal Washington Barbosa Santos, valorosos guerreiros do Grupo Fluvial do 8°BEC (Santarém, PA).

---

[18] Emilie Snethlage: A ornitóloga alemã Henriette Mathilde Maria Elisabeth Emilie Snethlage (1868-1929) desenvolveu sua carreira científica no Brasil, trabalhando no Museu Paraense Emilio Goeldi e no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Um dos pontos altos da sua obra científica foi o "*Catálogo das aves amazônicas*", publicado em 1914. Outro foi a travessia que realizou a pé, acompanhada apenas por guias nativos, entre os Rios Xingu e Tapajós, em 1909, percorrendo um território até então desconhecido. A historiografia das ciências no Brasil apresenta, até agora, poucos exemplos da atuação feminina no campo das ciências naturais antes da fundação das universidades na década de 1930. A análise da trajetória de Emilia Snethlage, articulando questões de história das mulheres e o estudo das formas de inserção da cientista em redes institucionais e sociais, poderá contribuir para o melhor entendimento de campos historiográficos pouco percorridos. (JUNGHANS)

Infelizmente, no dia 28 de fevereiro do corrente ano, tomei conhecimento de que meu valoroso parceiro Marçal estava sendo dispensado das fileiras do Exército. Tive a honra e o privilégio de conviver com este destemido e arrojado guerreiro, nas descidas de caiaque pelo Rio Amazonas (851 km), Rio Madeira (2.000 km) e Rio Juruá (3.950 km) além da circunavegação do Baixo Tapajós (630 km). Em cada uma destas etapas, o Marçal jamais refugou os grandes desafios que lhe propus.

Foi com enorme alegria que o vi transformar-se de espectador em protagonista acompanhando-me galhardamente, de caiaque, na descida dos quase 4.000 km que nos separavam a comunidade da Foz do Breu, fronteira do Acre com o Peru, até Manaus. Considero-o, sem sombra de dúvida, um dos melhores profissionais com quem já tive a oportunidade de conviver desde que incorporei à minha alma, meu sangue, músculos e nervos a augusta farda verde-oliva, em fevereiro de 1972, na gloriosa Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Se fosse chamado, algum dia, para comandar uma árdua missão, fosse qual fosse, nos ermos sem fim, sob quaisquer condições de terreno ou meios, certamente eu o chamaria, mais uma vez, para compor minha equipe.

Obrigado, amigo Marçal, por tudo e esteja certo de que nossa amizade permanecerá viva, independentemente da enorme distância física que separa os Estados do Pará e Rio Grande do Sul. Sede muito feliz na tua nova marcha, na bela Aveiro, assentada à margem direita do formoso Tapajós, junto à sua querida esposa Jamily e sua mimosa filhinha Carmem.

Centenário da Expedição Roosevelt-Rondon

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota.
(Theodore Roosevelt)

Pois bem, recebi no dia 28 de fevereiro, curiosamente no mesmo dia da baixa do Marçal, como se a providência divina conspirasse para neutralizar meu desalento, um e-mail do Dr. Marc André Meyers que me informava estar planejando uma histórica e oportuna homenagem ao Centenário da Expedição Roosevelt-Rondon.

Respondi, no mesmo dia, que estava pronto, "*De Pé e à ordem*" para cumprir esta épica missão que pretendia percorrer o trajeto fluvial da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. A saída seria da Fazenda Baliza, na fronteira de Pimenta Bueno e Vilhena, e sua conclusão na confluência do Rio Roosevelt com o Rio Aripuanã. Espero que o Exército Brasileiro se alie a esta homenagem, mais que merecida ao Marechal da Paz e ao ex-Presidente Roosevelt, concebida pelo Dr. Meyers. Para aqueles que não o conhecem, vamos apresentar parte do seu currículo:

Currículo do Doutor Marc André Meyers

> O Professor Doutor Marc André Meyers é brasileiro, natural de Belo Horizonte, nasceu em 10.08.1946, filho de doutor Henry Meyers e de dona Mariana Meyers, vindo para a cidade de João Monlevade, na primeira semana de vida. Desde criança, foi fascinado pela metalurgia.

É ex-aluno de escolas públicas de João Monlevade. Formou-se em Engenharia Mecânica pela UFMG e foi escolhido, no último ano, como Monitor da Cadeira de Metalurgia Física e melhor aluno dessa matéria em uma classe de oitenta estudantes. Fala cinco idiomas, possui seis cursos de graduação em Administração, em Universidades Americanas. É Doutor em Metalurgia Física pela Universidade de Denver. [...]

Materiais Bioinspirados

Nos últimos anos, enveredou por nova área de investigação científica e materiais biológicos. [...]

Foi também o autor do primeiro trabalho científico sobre as propriedades mecânicas do bico do tucano, que é um material complexo otimizado para peso e resistência à flexão. Este trabalho foi inspirado por uma viagem que o professor Marc fez a Diamantina quando adolescente.

Enquanto seu pai caçava perdizes, ele se repousou em uma mata observando os tucanos nas copas das árvores. Por acaso encontrou um esqueleto. Ao levantar o bico, surpreendeu-se com o peso baixíssimo e relativa resistência a flexão.

Este trabalho suscitou o interesse de diversas publicações de divulgação científica e um artigo foi publicado em dezembro 2006 pela National Geographic. (Fonte: www.pmjm.mg.gov.br)

Nova Morada

Desde 06.05.2011 que eu e meus irmãos estamos tentando regularizar o imóvel herdado de nossos pais. Os nebulosos meandros judiciários só foram plenamente contornados no primeiro semestre de 2015. Acompanhou-nos neste périplo o Arquiteto Sólon, interessado na compra de nosso patrimônio.

Tivemos a grata ventura de encontrar nele muito mais que um empresário, mas um ser humano diferenciado, um facilitador que não poupou esforços para que conseguíssemos adquirir nossa nova morada antes mesmo de regularizar a documentação da venda da anterior. Estamos agora instalados em Ipanema, nas proximidades do Guaíba, um Bairro realmente residencial, com uma vizinhança encantadora.

O Brasil acompanha estarrecido os inúmeros escândalos envolvendo a PETROBRAS. A estatal que há cinco anos era a 12° maior empresa do mundo, caiu, em 2013, para 48° lugar e hoje ocupa um sofrível 120°, graças às inúmeras falcatruas e péssima gestão capitaneada por um desgoverno acéfalo e despreparado. A instituição dos "*propinodutos*" propaga-se como uma pandemia e mina a administração pública nacional. Inúmeras vezes, funcionários públicos dos mais diversos escalões envolvidos na venda de nosso imóvel sugeriram algum tipo de "*prêmio*" para agilizarem o processo que se arrastava indefinidamente.

A venda tinha como objetivo, e isto consta da ação, quitar parcialmente as altas despesas que tenho com o tratamento da esposa, há quase onze anos e que minaram totalmente minhas finanças. Infelizmente os juízes que trataram do assunto jamais deram a devida prioridade ao nosso caso tratando-o como uma venda de imóvel comum. Os encaminhamentos errados e as decisões equivocadas provocaram atrasos que nos fizeram ir ao encalço de empréstimos cada vez mais onerosos, mas nada disso pareceu influenciar o ânimo de nossos magistrados, que ao contrário dos simples mortais, tem direito a magníficos salários e inúmeros recessos.

Conclusão

Uma série de outros eventos importantes relativos à descida e pesquisas na Laguna dos Patos e Lagoa Mirim, a possível publicação da coleção Desafiando o Rio-mar (nove livros), em 2015, embora aguardem confirmação nos estimulam a prosseguir, pois constatamos que, aos poucos, nosso trabalho começa a receber maior visibilidade e reconhecimento.

O convite do Dr. Meyers me emocionou muito e, se realmente vier a se concretizar, será uma maneira de participarmos pessoalmente da homenagem àquele que considero a maior figura humana das Américas – Rondon – o Marechal da Paz.

Onde se Lê... Leia-se...

(Múcio Teixeira)
[A Felix Ferreira]

Estão lendo as crianças,
E o mestre tosse e ralha, sem cessar;
— Escuto cá de fora o soletrar,
Como um vago rumor de coisas mansas.

Eu paro e depois sigo
Pela margem do Lago: – é primavera;
Ao longe, o louro canavial antigo
Treme ao vento sutil que o refrigera,

Como as noivas nos êxtases de amores.
Estende a Natureza pelas selvas
Frescos lençóis de flores
Sobre coxins de aveludadas relvas...

[...] Porque hão de rebentar sempre os espinhos,
No pedúnculo das rosas?
Porque dormem os pássaros, nos ninhos,
Mesmo ao pé das cavernas tenebrosas
Onde rugem, as feras?

Porque há dias de chuva e tempestades
Em plenas primaveras?
Porque sentimos nós tantas vontades,
Vivendo tão sujeitos
À tanta gente e a tantos preconceitos?

Porque foram as pérolas lançadas
À profundez dos mares,
Quando nas recepções das embaixadas
Eu peixes nunca vi... nem sem colares?

São ligeiros descuidos ortográficos
Do incansável autor da... criação;
Podem ser simples erros tipográficos,
Eu não digo que não. [...]

Penas Brancas

A consciência da mesma missão, da defesa da Pátria, a comunhão dos mesmos princípios e virtudes militares, a vida e as tradições comuns são fatores de camaradagem que levam, se necessário, ao sacrifício da própria vida. Os desafios do combate exigem que entre os soldados a força da amizade se chame "camaradagem". [...] Quer no dia a dia, quer no ardor da luta, o querer coletivo e o sentir-se mais do que si próprio é que conduz à vitória porque sempre quer bem a seu amigo, nunca o contrário e assim deseja fazer-lhe o bem por todas as formas. Nunca sentindo entre nós inveja, desordenada cobiça, avareza, desejo ou mostrança de sobranceria. (D. Duarte – Século XV)

Inimigo na Trincheira

Volta e meia nossas rotas são obstruídas por rochedos e águas tumultuárias capciosamente engendrados por "*tropas amigas*". Assim foi na Descida do Juruá cuja orientação do então Comandante Militar da Amazônia (CMA), Gen Ex Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, repassada a todas Organizações Militares subordinadas e, em especial, aos Camaradas do 61° Batalhão de Infantaria de Selva, Cruzeiro do Sul, AC, tinha sido – a de apoiar "*minimamente*" nossa missão. Decisão tomada em virtude de um de conflito de opiniões de meu bom amigo e grande incentivador Gen Bda Jaborandy, CHEM do CMA, e um dos Assessores de História do CMA, artífice das tais intrigas palacianas. Apesar de ter sido uma jornada concebida e planejada pelo próprio CMA, contar com recursos disponibilizados, mais do que suficientes (160 mil reais), pelo Diretor do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – Gen Div Jorge E. Pinto Fraxe e apoiado pelo Chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) – Gen Ex Ueliton José Montezano Vaz.

As coisas só tomaram novos rumos depois de uma intervenção decisiva desde Nova York, EUA, através de um dos ícones da Engenharia Militar e Ir∴ Maçom – o Gen Ex Ítalo Fortes Avena, que depois de chefiar o Departamento de Engenharia de Construção (DEC) do Exército Brasileiro havia assumido a função de Consultor Militar da Organização das Nações Unidas (ONU).

Tinha programado a minha derradeira jornada pelo Rio-mar – Descida do Amazonas II (Santarém a Macapá) – para agosto deste ano, e solicitado, tão somente, o apoio do Cabo Mário Elder Guimarães Marinho que pilotaria a lancha "*Mirandinha*", ambos do 8° Batalhão. A resposta do "*Escalão Superior*" (CMN) a quem o Comandante do 8° BEC está diretamente subordinado, foi de que seria impossível porque era uma "*operação arriscada*". Interessante colocação tendo em vista de que o Grupo Fluvial do 8° BEC percorre esta rota sistematicamente – "*Engoli o sapo*" e transferi a descida para março de 2015 quando então o Cabo Mário já terá, então, dado baixa do Exército.

Para a Descida do Rio Roosevelt, em homenagem ao Centenário da Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1914) solicitamos desta vez o apoio, tão somente, do Cb Mário – que se apresentara como voluntário para a missão. O pedido foi feito diretamente por meu particular e dileto Amigo e Ir:. Comandante Militar do Sul (CMS) Gen Ex Antônio Hamilton Martins Mourão ao Comandante do "*Escalão Superior*" (CMN) e novamente a resposta foi negativa – "*Engoli um cururu*". Não tinha mais dúvida que antigas cizânias tinham cravado profundamente suas garras no coração, alma e mente do meu empedernido companheiro de arma (1975).

É impressionante que antigas desavenças entre dois jovens Capitães perpetuem-se através dos tempos (mais de 28 anos) prejudicando, injustificavelmente, projetos que, superando interesses mesquinhos e abjetos, visam tão somente divulgar a historiografia da Amazônia e, sobretudo, enaltecer e reverenciar os vultos militares de nossa Força Terrestre – um Projeto patrocinado oficialmente pelo Departamento de Ensino e Cultura do Exército (DECEx) e pelo Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). Engarupados na anca da história façamos uma breve retrospectiva para entender o contexto da cizânia entre estes exaltados Capitães nos idos de 1986.

FT 90 (Força Terrestre 1990)

O então Ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves idealizou o Programa de Modernização e Reaparelhamento do Exército Brasileiro. Novas Organizações Militares foram criadas, Quartéis construídos, compraram-se e desenvolveram-se equipamentos sofisticados enquanto os antigos aquartelamentos, viaturas e armamentos careciam de manutenção e reparo. Tecnologia de ponta e novas instalações para um Exército do futuro que deveria ser operado por uma tropa, na oportunidade, desprestigiada e mal remunerada.

A situação entre os nossos graduados era a mais caótica. Nos grandes centros eles e suas famílias moravam em favelas onde sofriam ameaças constantes de traficantes. A defasagem do valor das indenizações de moradia era muito grande. A tropa estava em pé de guerra – uma série de manifestações eclodiram por toda Nação embora a maioria delas raramente tivesse a devida repercussão nos meios de comunicação social.

Imagem 01 – Capitão Jair Messias Bolsonaro

Duas dessas Manifestações

Capitão Bolsonaro – Vila Militar, RJ, 1986

Eu nem pensava em entrar na política, mas isso me ajudou porque fiquei conhecido e então eu fui eleito no ano seguinte. Perícias provaram minha inocência, depois comprovada pelo Supremo Tribunal Federal.
(Capitão Jair Messias Bolsonaro)

A repórter Cássia Maria da Revista Veja (Edição 999, de 28.10.1987), fraudou uma matéria afirmando que o Capitão Jair Messias Bolsonaro, em 1986, havia planejado explodir bombas em quartéis da Vila Militar.

Bolsonaro, na verdade, apenas denunciara as dificuldades que a tropa enfrentava em decorrência da grave defasagem dos soldos e reportara essa situação à Revista Veja.

Capitão Walter – Apucarana, PR, 1987

Ensinaram-me nas Escolas Militares que o militar zela pelas condições de vida digna dos seus comandados, tanto quanto pela manutenção da disciplina e dos deveres castrenses. Eu levei isso ao máximo, talvez além. Eu cometi o crime para chamar a atenção de uma situação injusta e hoje, sem medo de errar, negligente da época.
(Ten-Cel Luiz Fernando Walther de Almeida)

Às 10h00 do dia 22.10.1987, 50 militares do 30° Batalhão de Infantaria Motorizado comandados pelo Cap Walter, tomaram de assalto a Prefeitura de Apucarana, protestando contra os baixos salários.

CPOR/PA (1986)

Nessa época eu era Instrutor-chefe do Curso de Engenharia do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA) e acompanhava, preocupado e perplexo, junto aos meus subordinados, os acontecimentos que pipocavam pelo Brasil afora. Naquele ano, diversos Cadetes pediram exoneração do Exército em virtude dos baixos salários.

Os jovens militares anexaram ao seu pedido de demissão a cópia do contracheque de um motorista de ônibus da "*Viação Cometa*" que ganhava mais do que um oficial em início de carreira. Como resultado, o concurso para Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), naquele ano, apresentou uma sensível queda no número de candidatos. Resolvi tomar uma atitude.

Depois de explicar a meus familiares e subordinados quais seriam as inevitáveis consequências disciplinares, sem alarido, sem encaminhar manifestos à mídia.

Tentei motivar os Capitães da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) para que eles, disciplinadamente, fizessem com que as vozes de nossos aflitos graduados chegassem aos ouvidos das autoridades militares. Enviei uma missiva a um colega de turma que estava cursando a EsAO (Capitão Eng Patrick Lyra Tubino) para que ele solicitasse permissão do instrutor e a lesse em sala de aula, o que foi feito. Ao mesmo tempo enviei uma série de cartas, todas datilografas pelo Sargento Luiz Carlos Santos de Barcelos, meu sargenteante, a ex-Cadetes e companheiros de turma explicando o porquê de minha conduta. Recebi apoio de alguns e críticas de outros, mas todos, sem exceção, hipotecando solidariedade à minha pessoa porque conheciam minha vida pregressa e meu "*incorrigível idealismo*". Sempre pautei minha vida e conduta profissional visando o cumprimento da missão e o coletivo, jamais pensando mesquinhamente na minha situação ou na minha carreira.

Recebeu uma das minhas missivas, o Tenente Eng "*SF*" (meu ex-Cadete) que, não sei com que intuito, resolveu mostrar a carta, que era de cunho estritamente pessoal e confidencial, ao Comandante da sua Companhia de Engenharia de Combate – Capitão Eng "*OJF*", que, sem considerar que se tratava de um documento de cunho particular, imediatamente a encaminhou ao Centro de Informações do Exército (CIE) que trabalhava e ainda o faz com Operações de Inteligência e de Contra-inteligência na Força Terrestre.

Evidentemente essa atitude carreirista, intempestiva e desditosa, era totalmente desnecessária, pois eu informava, na mensagem, que encaminhara à EsAO, que se tratava de uma "*Carta Aberta*" que, de imediato, seria levada ao conhecimento do Comandante da Escola

e que, fatalmente, acarretaria nas devidas e necessárias sanções disciplinares. Fiquei sabendo do encaminhamento da carta ao CIE pelo General-de-Exército Edison Boscacci Guedes, então Comandante Militar do Sul (CMS), muito amigo de meu pai – Coronel Cassiano Reis e Silva, de quem fora "*bixo*" na Escola Preparatória de Porto Alegre.

O Gen Guedes chamou meu progenitor ao seu gabinete, no Quartel General, sediado na Rua da Praia, e mostrou a ele, indignado com a atitude de meu colega de turma, o documento que recebera do CIE. Antes disso, eu já fora ouvido pelo Comandante do CPOR/PA Coronel Eng Sérgio Antônio Rocha que já mandara publicar em Boletim Interno quatro dias de prisão. O Cel Rocha, depois de ouvir minhas razões, entendera minha altruística manifestação, deixando isto patente no texto inicial da punição:

– *Por ter enviado, ainda que movido por elevados ideais, carta aberta...*

Na oportunidade, o Cel Rocha quis saber por que eu não levara ao seu conhecimento meu desiderato e informei-o de que não o fizera para não envolvê-lo na questão e para não agravar ainda mais minha falta disciplinar, já que tinha certeza de que ele tentaria demover-me de cometê-la eu não iria, absolutamente, obedecer à sua ordem. O Ministro Leônidas, ao saber da decisão do Comandante do CPOR/PA em punir-me com apenas quatro dias de prisão, determinou que o Cmt do CMS agravasse a minha pena para 20 dias e exonerou-me da função de Instrutor-Chefe do Curso de Engenharia, a bem da disciplina, transferindo-me para o 9° Batalhão de Engenharia de Combate (9° B E Cmb), Aquidauna, MS.

Fiquei confinado ao quartel do CPOR/PA onde, nos fins de semana, os Camaradas do CPOR/PA e de outros Quartéis vinham me visitar e assar um churrasco confraternizando em um ambiente de franca cordialidade.

Foi em Aquidauna que tornei-me canoísta profissional, sagrando-me campeão, por antecipação, em 1989. Sou imensamente grato ao General Leônidas por isso, e, se pudesse retornar ao passado, não modificaria uma vírgula desses pretéritos acontecimentos que guardo com muito carinho e orgulho na memória.

O Sangue na Guelra e as Penas Brancas

O Coronel Manoel Cursino Peixoto Amarante, em 1887, Comandante do Corpo de Alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, fez o seguinte comentário, certa feita, a respeito das reações intempestivas de um aluno do 3° ano daquele Estabelecimento de Ensino Militar que não se conformava com o grau que lhe atribuíam os examinadores e que culminaram com sua classificação em segundo lugar da turma. O Coronel Amarante assim se dirigiu a Cândido Mariano da Silva Rondon:

– Nós, quando alunos, também fomos assim, com sangue na guelra... (VIVEIROS)

Ordem da Pena Branca

A "*Ordem da Pena Branca*" foi criada no início da Primeira Guerra Mundial com o objetivo forçar os cidadãos ingleses a se alistarem no Exército. A Ordem persuadia as mulheres a presentear com uma pena branca aqueles que não estivessem envergando um uniforme militar.

A pena branca foi adotada como símbolo de covardia pelo exército britânico desde o século XVIII. Este símbolo nasceu da crença de que os galos-de-rinha que apresentassem uma pena branca na sua cauda seriam perdedores natos, lutadores medíocres e de que uma raça pura de galos-de-rinha não portaria, jamais, nas suas caudas as famigeradas penas brancas, demonstrando com isso pertencer a uma raça superior e aguerrida de galináceos.

Nos idos de agosto de 1914, primórdios da Primeira Guerra Mundial, o Vice-Almirante Charles Cooper Penrose-Fitzgerald (1841-1921) fundou a "*Ordem da Pena Branca*" com o apoio do grande escritor e jornalista inglês Thomas Humphry Ward (1845-1926). Fitzgerald organizou um grupo de trinta mulheres em Folkestone para distribuir penas brancas aos homens adultos em trajes civis.

O fato repercutiu bombasticamente na mídia e rapidamente alastrou-se pelo país e pelas demais nações do Império Britânico. O secretário do Interior, Reginald McKenna (1863-1943), preocupado com injustiças e a possibilidade de os servidores públicos e empregados das indústrias estatais virem-se constrangidos a se alistar, criou um distintivo, com o dístico "*King and Country*" e "*On War Service*" para indicar que eles também estavam servindo o esforço de guerra. Da mesma forma, a partir de setembro de 1916, foi criada a insígnia "*Silver War Badge*", para ser usada pelos combatentes que tinham sido dispensados em decorrência de ferimentos ou doenças, evitando possíveis constrangimentos aos veteranos de guerra. A campanha das penas brancas foi novamente retomada durante a Segunda Guerra Mundial.

A Ordem inspirou o filme "*The Four Feathers*" cujas versões foram exibidas em 1921/29/39 e 2000.

The Four Feathers

Imagem 02 – The Four Feathers

Inspirado no clássico romance de Alfred Edward Woodley Mason, o filme começa em 1875, dez anos antes da queda de Khartoum pelas mãos dos guerreiros de Mahdi. Esta é a extraordinária história das corajosas tropas de reforço incumbidas de acabar com a revolta em Khartoum, ressaltando o orgulho daqueles jovens soldados assim como sua vulnerabilidade perante um inimigo que não temia a morte. A história do filme é sobre Harry Feversham, admirado por seus Camaradas como um dos melhores soldados de seu regimento.

Apaixonadamente devotado à sua linda futura esposa, Ethne, Harry tem um futuro promissor como militar e uma vida feliz o aguarda ao lado da mulher que ama. Mas quando um exército de rebeldes sudaneses ataca uma fortaleza colonial britânica em Khartoum e seu regimento é enviado para o Norte da África, Harry se vê dominado por inseguranças e incertezas e renuncia à carreira quando seu regimento embarca para a guerra. Chocado com a atitude de seu filho, o pai de Harry o repudia.

Assumindo que ele tem medo, três dos amigos de Harry – e até mesmo sua noiva Ethne – lhe enviam cada um uma pena branca, um símbolo de covardia, já que ninguém consegue entender o que ele fez. [...] (Fonte: www.nostalgiabr.com)

As Cores no Idiomatismo

"*White featcher*", pena branca, é o símbolo da covardia. Provém da lenda de que uma pena branca na cauda de um galo de briga é sinal de degenerescência e fraqueza. (SILVA)

Ideais Traídos

Generais do "*complot*" Geisel, depois dos acontecimentos de 12.10.1977, começaram a receber, por certo tempo, envelopes com "*penas brancas*", correspondência que visava a acusá-los de traidores. (FROTA)

Apenas uma Singela Pena Branca

Neste caso são traidores. Mais provavelmente o fazem por covardia, escudando-se, em nome da disciplina, numa distorcida lealdade que deveria ser primeiro para com a Pátria. Para estes ofereço simbolicamente uma pena branca. Eles sabem o que isto significa. (FREGAPANI)

Um Pôster na Latrina

Como vimos, nos parágrafos anteriores, desde o século XVIII, as penas brancas representam qualquer ato covarde, espúrio, inconfesso, daqueles que na surdina, acobertados pelo anonimato, atentam contra a honra e a dignidade de um camarada ou de toda uma coletividade. Eu cumpria minha punição, quando o Comandante do CPOR/PA me repassou um quadro com a fotografia da Companhia de Engenharia de Combate – comandada pelo Capitão Eng "*OJF*", para ser fixada nas instalações do Curso de Engenharia. Foi então que surgiu a ideia das "*Quatro Penas*". O Sargento Carlos Renato Lima Pereira criava galinhas em casa e trouxe quatro belas e alvas penas que eu e três de meus subordinados fixamos no quadro do "*companheiro*" e lhe devolvemos o pôster que o ST Deocildo Bortolotto postou pelo correio.

O "*bochincho*" estava formado, o quadro, depois de ter sido periciado, em Palmas, PR, em busca de digitais, retornou e o Cel Rocha, Comandante do CPOR/PA, indignado, determinou que eu o fixasse nas instalações do Curso de Engenharia. Ordem dada, ordem cumprida, consultei meus subalternos e fixamos, com toda a "*pompa e circunstância*", o quadro enviado tão "*gentilmente*" pelo "*Camarada OJF*" na entrada da latrina dos alunos.

Como podem notar, nada de muito sério para que "*o colega de turma*" guarde tanto rancor até hoje. O "*sangue nas guelras*" do Capitão de antanho parece irracionalmente ter-se irradiado para o cérebro, inibindo-lhe o discernimento e o bom-senso que deveria caracterizar alguém que ocupa, hoje, o mais alto posto da hierarquia militar.

Adeus ao Velho Casarão da Várzea?

Como o Cabo Mário fora impedido, pelo Comandante do CMN, de nos acompanhar tínhamos de recorrer a algum canoísta experiente que fosse capaz de enfrentar os desafios destemidamente e suportar a solidão e as dificuldades proporcionadas pelo ambiente por vezes hostil do Rio Roosevelt e da Hileia.

Apoio CMO

Fiz contato com o General-de-Exército Juarez Aparecido de Paula Cunha – Comandante do Comando Militar do Oeste e o Coronel Valdenir de Freitas Guimarães – Assessor de Patrimônio Histórico e Cultural do Comando Militar do Oeste.

O Coronel Freitas, sabendo de minha experiência como canoísta no Mato Grosso do Sul, viajou até Aquidauana onde contatou meus velhos amigos canoístas Fauzi e Girotto.

Caros amigos

Como diz o de Dalai Lama:

> *Quando surge um problema, você tem duas alternativas – ou fica se lamentando, ou procura uma solução. Nunca devemos esmorecer diante das dificuldades. Os fracos se intimidam. Os fortes abrem as portas e "acendem as luzes".*

Vocês acenderam as luzes e se eu não conseguisse a liberação do Cel Inf R/1 Ivan Carlos Gindri Angonese pelo CMPA sei que poderia contar com vocês. Obrigado Gen Juarez e Cel Freitas, de coração. Depois da reação do Cmt do CMN "*OJF*" eu ficara realmente muito triste e desacorçoado.

> Ano que vem, no 2° semestre, na estiagem pantaneira, se o G:.A:.D:.U: pretendemos partir de caiaque de Aquidauana, descer os Rios Aquidauana e Miranda até o Rio Paraguai e gostaria, nessa oportunidade, de passar por Campo Grande e cumprimentá-los. Tríplice e fraternal abraço do Hiram Reis (o Mukinho), um humilde canoeiro eternamente em busca da Terceira Margem.

O Coronel Angonese já havia me acompanhado na "*Descida do Juruá*", naquela oportunidade, subimos a motor de Cruzeiro do Sul, AC, à Foz do Breu (fronteira peruana) e depois regressamos juntos de caiaque. O valente camarada partiu corajosamente da fronteira brasileira enfrentando águas procelosas, desviando dos inúmeros troncos arrastados pela torrente furiosa apesar de ser a primeira vez que embarcava em um caiaque – era o homem certo para a arrojada missão. Seja bem-vindo, caro guerreiro, para esta missão, mais do que a qualquer outra que enfrentei nos amazônicos caudais, preciso de parceiros audazes, capazes de arrostar as adversidades da floresta tropical e os perigos dos saltos e cachoeiras com um sorriso sobranceiro nos lábios. Uma jornada deste quilate nos faz engarupar na anca da história e recordar as palavras do imortal poeta lusitano Luiz Vaz de Camões:

> Não me mandes contar estranha história.
> Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

Que nosso voluntário lavor seja uma justa homenagem ao centenário da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Como se meus problemas pessoais e os relativos à Expedição já não bastassem para me assombrar recebi uma notícia, por vias transversas, de que meu contrato no CMPA seria suspenso a partir de dezembro de 2014.

Quase entrei em pânico, justo agora que achava que, com a venda da casa, conseguiria equilibrar momentaneamente minhas finanças. O Coronel Gilberto Machado da Rosa e o mano Deoclécio José de Souza agendaram uma visita (15.10.2014) ao meu caro amigo e Ir:. General-de-Exército Antônio Hamilton Martins Mourão, Comandante Militar do Sul que, depois de ouvir atentamente a exposição feita pelo meu "*guru*" Cel Gilberto, olhou-me fixamente nos olhos e disse simplesmente:

– Kiko, deixa comigo...

Graças a ele, parto mais tranquilo, podendo concentrar minha total atenção aos desafios impostos pela natureza, sabendo que à minha retaguarda meus amigos zelam por mim.

Imagem 03 – Mapa 1ª Fase (Ponte – Rio Cap Cardoso)

Vilhena, RO – Navaité (KM 67)

Para os garimpeiros que tentam ludibriar os índios [leia-se também empresas e mafiosos atuando por trás], fugindo ou escondendo minérios por resistência à comissão, que varia entre dez e trinta por cento, o perigo é o mesmo. Muitos foram torturados e assassinados sem que se tenha mais notícia. Para os mais audaciosos, que tentam entrar pela mata para garimpar sem prévio "acordo" com os índios, o destino é o cemitério clandestino, em geral, em local de dificílimo acesso e desconhecido de quem não pertence à tribo. (Wilson de Carvalho)

Fui recebido no aeroporto de Vilhena, no dia 18.10.2014, sábado, pelo Dr. Marc André Meyers e pelo Sr. Luiz Quijada, esposo da Sr.ª Maria Ângela Elias, que nos conduziu em sua camionete até o Hotel Colorado onde já estavam hospedados os demais membros da Expedição.

A Sr.ª Ângela tinha sido indicada pelo meu caro amigo e irmão de coração Coronel de Engenharia Carlos Alfredo Maiolino de Mendonça. O então 1° Tenente Maiolino conheceu-a, nos idos de 1978 a 1980, quando servia no 5° BEC e comandava a Residência Especial de Vilhena responsável pela construção de um trecho de 300 km da BR-364 entre Pimenta Bueno e Barracão Queimado.

Conheci, no Hotel Colorado, o Jeffrey apresentador de TV e produtor do programa "*Weekend Explorer*". O Jeffrey e o Coronel Inf R/1 Angonese seriam os responsáveis por conduzir a canoa desmontável que o Dr. Marc trouxera dos EUA e transportar nela grande parte da bagagem de rancho enquanto eu e o Dr. Marc pilotaríamos os caiaques oceânicos da Opium Fiberglass que ostentavam as cores da bandeira brasileira.

Imagem 04 – Entrevista na SEMTIC

20.10.2014 (segunda-feira) – Entrevista - SEMTIC

O Dr. Marc já havia agendado com a Sr.ta Rita Marta Correia, Chefe do cerimonial da Prefeitura de Vilhena, uma entrevista à imprensa que repercutiu favoravelmente nossa empreitada.

Folha do Sul – On Line, Vilhena, RO
Segunda-feira, 20.10.2014

Cem Anos Depois, Expedição irá Refazer o Trajeto de Rondon e Roosevelt

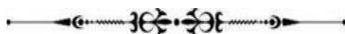
Um grupo de quatro pessoas pretende refazer pelo Rio Roosevelt o trecho percorrido em 1914 pelo Marechal Cândido Rondon e pelo então ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, viajaram de canoa cerca de 700 km pelas águas. Na época, o Rio que hoje leva o nome do líder americano ainda era desconhecido.

A expedição foi idealizada pelo engenheiro mecânico Marc André Meyers, que é professor da Universidade de San Diego, na Califórnia [EUA]. [...]

Aqui no Brasil se juntaram ao grupo o Coronel de Engenharia Hiram Reis e Silva, experiente na navegação em caiaque, embarcação que será utilizada pelo grupo no percurso, e o Coronel de Infantaria Ivan Carlos Gingri Angonese, que serviu no Comando de Selva e, portanto, é conhecedor dos perigos existentes na Amazônia.

O objetivo da Expedição Centenária, segundo Marc, é homenagear Roosevelt e Rondon, mas também para ver quais mudanças ambientais ocorreram nestes 100 anos. "*Todos os dados coletados serão matéria-prima para o livro e para o documentário*", disse Marc. [...]

Segundo o Coronel Hiram, o tempo estimado para concluir o percurso é de 21 dias. Bem abaixo dos três meses, tempo que Roosevelt e Rondon levaram para fazer o mesmo percurso em 1914.

Folha de Vilhena, Vilhena, RO
Segunda-feira, 20.10.2014

Pesquisadores Realizarão Expedição em Homenagem aos 100 Anos da Expedição Roosevelt–Rondon

A coletiva de imprensa aconteceu na manhã desta segunda-feira, 20, na Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio [SEMTIC], localizado no Centro da cidade de Vilhena.

Folha Espigão, Vilhena, RO
Segunda-feira, 20.10.2014

Centenário: Aventureiros vão Refazer Expedição Rondon-Roosevelt

Durante 21 dias, os aventureiros brasileiros Marc André Meyers, Hiram Reis e Silva, Ivan Carlos Gingri Angonese e o norte-americano Jeffrey Lehmann [...]

Rondônia em Pauta, Vilhena, RO
Terça-feira, 21.10.2014

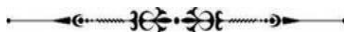
Com Apoio da Prefeitura, Expedição ao Rio Roosevelt parte nesta Terça-Feira

Teve início nesta terça-feira a Expedição [...]

Jornal o Nortão, Porto Velho, RO
Terça-feira, 21.10.2014

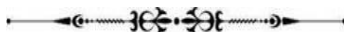
Com Apoio da Prefeitura, Expedição ao Rio Roosevelt parte nesta Terça-Feira

Quatro pesquisadores vão realizar, a partir desta terça-feira, uma Expedição em homenagem aos 100 anos da Expedição Científica Roosevelt-Rondon [...]

Rondônia Digital, Vilhena, RO
Terça-feira, 21.10.2014

Expedição ao Rio Roosevelt
Parte Nesta Terça-Feira

Teve início nesta terça-feira a Expedição [...]

Rondônia Agora, Porto Velho, RO
Terça-feira, 21.10.2014

Pesquisadores vão Percorrer Roteiro
da Expedição Roosevelt-Rondon

Quatro pesquisadores vão realizar, a partir desta terça-feira, 21, uma Expedição em homenagem [...]

G1. Globo, Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 25.10.2014

Pesquisadores Refazem Trajeto Feito
por Roosevelt e Rondon Há 100 Anos

Expedição iniciou na terça, 21, na nascente do Roosevelt, em Vilhena, RO. Objetivo é verificar as mudanças que ocorreram na região amazônica em dez décadas.

Imagem 05 – Posto Telegráfico Álvaro Vilhena

25.10.2014

Fomos recebidos pelo Secretário Estadual do Turismo, Indústria e Comércio (SEMTIC), Dari A. de Oliveira, que nos apresentou o projeto do "*Parque Recreativo Municipal*" antes denominado "*Parque Rondon*". O projeto prevê uma pista de caminhada, "*play ground*", academia de ginástica, área verde, banheiros, lanchonetes, etc. O Parque será dotado de um Lago de aproximadamente 4.000 m² abastecido por poço artesiano. Após a entrevista com a mídia local fomos visitar o antigo Posto Telegráfico ([19]) que é agora conhecido como a Casa de Rondon.

---

[19] Álvaro Coutinho de Melo Vilhena: os Campos Gerais ou Chapadão dos Parecis passaram a ser conhecidos como Vilhena, a partir de 1910, após a Comissão chefiada pelo então Tem Cel Cândido Mariano da Silva Rondon, ter construído na região um Posto Telegráfico, que fazia parte da linha Cuiabá-Santo Antônio do Alto Madeira. A linha que ligaria Cuiabá a Porto Velho permitiria a construção de milhares de quilômetros de cabos telegráficos, fazendo surgir Vilas em torno dos Postos. Rondon batizou a estação telegráfica, com o nome de Álvaro Vilhena em homenagem ao engenheiro maranhense Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, que nos idos de 1890, foi designado Engenheiro Chefe da Organização da Carta Telegráfica da República e, em 1900, Diretor Geral dos Telégrafos. No dia 12.10.1910, a Estação Telegráfica foi transferida para as novas instalações, conhecida hoje como "*Casa de Rondon*".

A área está tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e é patrimônio do Ministério da Defesa.

21.10.2014 (terça-feira) – Fazenda Baliza (AC01)

Partimos depois das 08h00 para a Fazenda Baliza e meia hora depois de partirmos a camionete locada pelo Dr. Marc começou a apresentar problemas mecânicos. O reboque carregado com a canoa, os dois caiaques e toda a bagagem foram atrelados, então, à camionete de Guilherme e Dariano que felizmente acompanhavam-nos e sem o apoio dos quais teríamos, fatalmente, de adiar nossa partida. Paramos em um posto de combustível e o 3° Sgt BM Douglas Matias da Silva Ferreira sanou o problema da camionete do Naif.

O Dr. Marc fez questão de passar pela casa do Sr. Grilo que afirmou que existiam a montante do local onde acamparíamos vestígios de uma Ponte de madeira que poderia ser a construída, em 1909, pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas comandada por Rondon.

Descarregamos as embarcações e a carga e, enquanto meus parceiros montavam o Acampamento 01 – 12°01’41,47”S / 60°22’40,51”O ([20]), naveguei Rio acima (rumo Sul) na tentativa de achar a tal ponte e, depois de remar até a Latitude de 12°03’14,27”, não avistei qualquer sinal da mesma. A largura do Rio, naquela Latitude variava de 08 a 10 m, os barrancos eram baixos e não me pareceram, na oportunidade, compatíveis com a construção de uma ponte de 20 m de extensão.

---

[20] O Acampamento, do dia 27 para 28.02.1914, da Expedição Científica foi à margem direita 9,1 km à montante do local de onde partimos.

Considerando que cada minuto da Latitude corresponde aproximadamente a 1.852 m (milha náutica) tenho certeza de que a Comissão chefiada por Rondon não cometeria um erro de tal magnitude. A Comissão estabelecera para sua partida a Latitude Sul de 12°01', portanto a jusante (ao Norte) do AC01 e eu reconhecera o curso d'água até quase 02' acima, aproximadamente, 3.700 m na direção geral Norte. Historicamente os erros de locação jamais chegaram à casa dos minutos. A título de exemplo cito a Latitude encontrada pela Expedição Original para a Confluência do Rio Roosevelt com o Rio Capitão Cardoso que foi de 10°59'00,3"S e que nós estabelecemos como sendo 10°59'20,8"S, um erro de pouco mais de 20" perfeitamente aceitável para os rudimentares equipamentos de que dispunha a Comissão. Na minha solitária investigação avistei inúmeras árvores caídas que agora em plena estiagem obstaculizavam a progressão exigindo muita atenção e habilidade. A Expedição Original descera na cheia o que facilitou sobremaneira a navegação, como relatou Rondon:

> A enchente era tão grande, que a correnteza passava molhando a parte inferior do tabuleiro da ponte ali construída pela Comissão das Linhas Telegráficas; mas isso era para a Expedição, uma grande vantagem, porque assim nos seria possível deslizar por cima de obstáculos que estariam submergidos. (RONDON)

22.10.2014 (quarta-feira) – AC01– AC02

Partimos da Fazenda Baliza (AC01) depois das 08h00, as árvores caídas dificultavam a navegação e tive de socorrer o Dr. Marc que, apesar de sofrer dois naufrágios, manteve, uma notável serenidade para um neófito canoeiro.

O Cel Angonese e o Jeffrey (a quem chamaremos, doravante, de "*Camaradas*") enfrentaram com galhardia as barreiras formadas pelos troncos, manejando com certa dificuldade a frágil e carregada canoa. As buritiranas ([21]), que Roosevelt observara na sua saga há cem anos, ali estavam representadas por suas descendentes, com os troncos cobertos de espinhos, graciosamente curvados sobre as águas, as quais ele erroneamente chamara de "*boritana palms*".

A navegabilidade melhorou sensivelmente depois da confluência com o Rio Festa da Bandeira, as águas estavam mais serenas e a largura do Rio não permitia que as árvores tombadas bloqueassem-no em toda amplitude. A progressão tornou-se mais fácil, mas não mais veloz já que a vazão permanecia praticamente a mesma.

O acréscimo do fluxo das águas do afluente era neutralizado pela maior largura do Rio. Diferente da Expedição Original observamos, desde a partida, urubus planando sobre o verde dossel que nos circundava. Cherrie avistou-os somente no dia 28.03.1914, o 30° dia deles no Rio da Dúvida nas proximidades da Foz do Rio Cherrie ([22])

A mudança geográfica destes catartídeos ocorreu, logicamente, em função das áreas desmatadas a cavaleiro do Rio Roosevelt, destinadas à criação de gado ou ao desmatamento desenfreado que grassa, também, na Terra Indígena (TI) dos Cinta-Larga.

---

[21] Buritiranas: Mauritiella aculeata.

[22] Avistei dois ou três urubus voando alto sobre floresta. Como eles não são aves de ambiente florestal, acho que podemos estar nos aproximando de uma região mais aberta, possivelmente um Chapadão. Atualmente estamos cortando nosso caminho através de uma Cadeia de montanhas. (CHERRIE)

A partir da Latitude Sul 11°55’20”, encontramos alguns “*furos*” ([23]), “*arrombados*” ([24]) e “*sacados*” ([25]).

Aportamos em uma praia nas proximidades de um arrombado para analisá-lo onde colhi excrementos de capivara para serem lançados ao fogo com o intuito de espantar mosquitos. Comprovei, à noite, que, diferente dos dejetos bovinos, as fezes de capivara não repeliam absolutamente os insetos.

Reporto o comentário de Alfred Russel Wallace por ocasião de sua passagem por Monte Alegre, PA, nos idos de 1849, a respeito do uso do esterco de gado para afugentar os mosquitos:

> Depois de alguns dias de permanência, os mosquitos foram-se tornando tão intoleráveis que já não nos permitiam sequer pensar em ficarmos sentados à tardinha lendo ou escrevendo. Aí ficamos sabendo que os moradores costumam queimar esterco de vaca junto às portas, a fim de afugentar aquela praga, que é como aqui os denominam com muita propriedade. Esse é o único recurso que produz algum efeito contra eles.
>
> Havíamos arranjado um índio para os serviços de cozinha, e todas as tardes o mandávamos fazer uma boa provisão de tão útil quão necessário artigo. Pouco antes de escurecer, acendíamos fogo, junto à porta dos nossos quartos, na varanda, num pote de barro, que enchíamos de estrume, a fim de fazer

---

[23] Furos: são canais que unem trechos sinuosos do mesmo Rio encurtando distâncias.

[24] Arrombados: são uma evolução dos furos que, com o passar dos anos, acabam se transformando no novo leito do Rio.

[25] Sacados: são lagos, geralmente em forma de ferradura, formados depois do “furo” se transformar em “*arrombado*” e consequente assoreamento das bocas de montante e jusante do antigo leito do Rio.

> tanta fumaça, quanto fosse possível, e ali ficávamos conversando tranquilamente, sem sermos incomodados pelos mosquitos.
>
> De noite, em todas as casas e cabanas, veem-se essas panelinhas de barro com bosta de vaca, ficam ardendo o tempo todo. O curioso é que o cheiro não é ruim exalando delas um aroma que pode ser considerado até agradável. Como há nas proximidades das cidades muitas reses, tal preciosidade é sempre muito procurada, especialmente para o dito propósito. (WALLACE)

Avistamos, à tarde, depois de haver percorrido 24,5 km ([26]), uma praia de areias muito alvas (AC02 – 11°54’44,45” S / 60°22’27,95” O), à margem esquerda, onde acampamos. As diversas pegadas e dejetos revelavam que o local era frequentado por capivaras. Enquanto o Angonese providenciava o fogo e o Dr. Marc e Jeffrey lenha fui cortar uns esteios para fixar a lona sobre o fogo. O Angonese convenceu nossos parceiros que o item mais importante em um acampamento era o fogo e que era preciso providenciar, de imediato, uma proteção para ele em caso de chuva.

Além dos esteios encontrei, por acaso, uma quantidade considerável de uma espécie muito valorizada na Amazônia chamada Breu-branco (Protium heptaphyllum) e de uma delas colhi abundante resina que seria usada pelo Angonese, durante toda a nossa jornada como mais um elemento inicializador do fogo. Imediatamente veio-me à mente uma passagem do livro “*Voyage au Cuminá*” da Madame Marie Octavie Coudreau:

---

[26] Expedição Científica: 25,84 km.

> Vou com Guilhermo e dois marinheiros procurar breu e tivemos a sorte de encontrar imediatamente muito mais do que precisávamos. As árvores da cera ([27]) vivem aqui em família, conto 10 pés no meu entorno e Guilhermo me disse que se fôssemos mais para dentro da mata, iríamos encontrar mais. Enchi dois baldes, o suficiente para calafetar ([28]) nossa brava canoa. A "*Joaninha*" fica perfumada com o cheiro doce e agradável desta cera vegetal. (COUDREAU)

As populações ribeirinhas, que conheci no Pará, afirmam que a resina do breu é um potente analgésico, que sua casca é utilizada no tratamento de úlceras gangrenosas e em banhos para acalmar a dor de cabeça. Do caule prepara-se um xarope para o tratamento de tosses, bronquites e coqueluches. As folhas são, também, empregadas contra as úlceras gangrenosas e inflamações em geral.

---

[27] Breu-branco (Protium heptaphyllum): o breu-branco produz uma resina depois de ser estimulado pela larva de um inseto da família Curculionidae, que deposita suas larvas sob a casca da árvore e ali permanecem até a idade adulta. No início, a resina tem cor branca e brilhante e, com o passar do tempo, solidifica-se, assumindo uma cor esbranquiçada e cinzenta, ou cinza-esverdeada, quebradiça e inflamável. A cor da resina, consistência e aroma variam muito de acordo com a espécie: Cosméticos: empregados na fabricação de produtos de higiene, cosméticos e perfumes.

Essência: as folhas são empregadas na fabricação de pós aromáticos e saches.

Insetífugo: usa-se a resina como repelente de insetos.

Medicinal: estudos recentes com o óleo da resina comprovaram sua eficácia terapêutica, demonstrando propriedades anti-inflamatórias, anticonceptivas e antineoplásicas.

Antineoplásica: utilizado para destruir células malignas, evitando ou inibindo o crescimento e a disseminação de tumores.

[28] Calafetagem: fazem-se pequenos cortes (sangria) na casca da árvore de onde brota um líquido que, depois de seco, transforma-se numa massa flexível de cor branco-amarelada. Essa massa é empregada na calafetagem de embarcações depois de aquecida e misturada com azeite ou sebo.

23.10.2014 (quinta-feira) – AC02 – AC03

A alvorada, novamente, foi por volta das 05h00 e, enquanto o Dr. Marc encarregava-se de avivar o fogo para o café da manhã, os outros membros da Expedição desmontavam o acampamento e carregavam as embarcações. Nas minhas amazônicas jornadas, eu seguia uma rígida e espartana rotina, deixando para trás as comodidades da civilização e partindo sempre antes do alvorecer e em jejum. Tive, porém, muito a contragosto, de me adaptar à ritualística rotina americana de tomar o desjejum, conversar preguiçosamente em volta do fogo e partir somente por volta das 08h00. Minha conduta prussiana sucumbia à maneira americana. Este conforto cobrava, porém, um alto tributo aos expedicionários que forçosamente teriam de enfrentar os ventos que aumentam de intensidade com o passar das horas, o Sol causticante e as chuvas que predominantemente caem no período da tarde. O resultado desse imbróglio todo é que nossa média horária não ultrapassava os risíveis 05 km/h. O dia transcorria sem alterações significativas, até que avistamos, depois de navegar uns 06 km, o tabuleiro de uma rústica ponte de madeira (11°52'59,3" S / 60°22'50,3" O) que atravessava o Rio, de margem a margem, em direção à Terra Indígena dos Cinta-Larga. No acampamento dos madeireiros encontramos apenas a cozinheira, a gaúcha Dona Fátima, moradora de Espigão do Oeste, e natural de Tenente Portela, RS, que deu de presente ao Coronel Angonese algumas minhocas para serem usadas como isca e latas de sardinha como reforço ao nosso rancho. À medida que avançávamos, o curso do Rio alternava-se de trechos extremamente sinuosos para amplos estirões e curvas mais alongadas aqui e acolá e, no final da jornada, alguns rápidos que transpúnhamos sem maiores problemas.

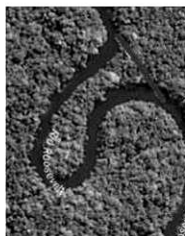
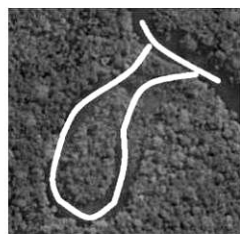
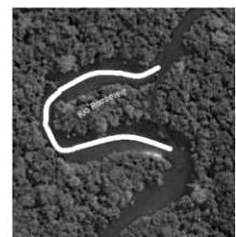



Imagem 06 – Alterações no Leito do Rio Roosevelt

Imagem 07 – Partida do "Passo" da Linha Telegráfica

À tarde, depois de uma série de rápidos, que aumentaram sensivelmente a velocidade de deslocamento, começamos a ouvir o som tonitruante do Salto Navaité. Tínhamos percorrido 37 km, resolvi picar a voga, deixando o Dr. Marc para trás, e ultrapassei a canoa pilotada pelos nossos Camaradas antes que eles se aproximassem demais da perigosa série de corredeiras, cachoeiras e saltos. Passei por eles, solicitei que aportassem e aguardassem. Desembarquei logo à frente e fui verificar se era ou não aconselhável continuar a navegação. Voltei e informei aos Camaradas e ao Dr. Marc que precisávamos desembarcar e reconhecer até aonde teríamos de transportar, por terra, as embarcações e a carga. Verificamos que teríamos de realizar a portagem do material por mais de 800 m, e o Coronel Angonese foi tentar conseguir algum tipo de apoio na vizinhança, realizando uma extenuante marcha enquanto retirávamos as embarcações d'água e montávamos o AC03 – 11°47'05,45" S / 60°27'31,29" O ([29]) na margem direita, a montante do Salto Navaité.

---

[29] Expedição Científica: 66,23 km, desde a Ponte Telegráfica; Expedição Centenária 61,5 km, desde o AC01 – Fazenda Baliza.

Ao retornar, bastante cansado, o Cel Angonese relatou-nos que a única fazenda na redondeza estava localizada na margem oposta. Decidimos, então, realizar o transporte na manhã seguinte acampando a jusante do Salto Navaité.

Relatos Pretéritos: Ponte da Comissão – Navaité

27.02.1914

- Relata Rondon -

> **27.02.1914** – A Expedição para o reconhecimento do Rio da Dúvida dispunha de uma flotilha de 07 canoas, recentemente construídas, das quais as maiores podiam carregar até 80 arrobas. Uma delas foi destinada ao serviço pessoal do Sr. Roosevelt; 02 foram designadas para os trabalhos de levantamento topográfico de que eu, o Ten Lyra e o Sr. Kermit, como porta mira, nos encarregávamos; e as 04 restantes, ligadas duas a duas, foram transformadas em balsas.
>
> Além das pessoas mencionadas, cujos nomes acabo de citar, a Expedição contava mais com o naturalista americano Cherrie, o capitão médico Dr. Cajazeira ([30]), duas Praças do exército, 08 voluntários regionais e 06 trabalhadores civis: os expedicionários eram, portanto, em número de 22.
>
> Terminados os últimos preparativos de embarque, começamos a descer o Rio da Dúvida pouco depois do meio dia de 27.02.1914. O Rio, engrossado com as águas das chuvas próprias da estação em que estávamos, apresentava-se, no lugar de onde partíamos, com a largura de 20 metros.

---

[30] Dr. Cajazeira: José Antônio Cajazeira.

A enchente era tão grande, que a correnteza passava molhando a parte inferior do tabuleiro da ponte ali construída pela Comissão das Linhas Telegráficas; mas isso era para a Expedição, uma grande vantagem, porque assim nos seria possível deslizar por cima de obstáculos que estariam submergidos; muitas árvores caídas e atravessadas de uma para outra margem, muitos secos, talvez pedregosos, que certamente impediriam a cada passo a nossa navegação, se a tivéssemos de realizar nos meses de estiagem, agora nem seriam percebidos e nenhum trabalho nos dariam.

Nesse dia, percorremos 9.314 metros, ora por entre matas, onde já apareciam alguns exemplares da Hevea brasiliensis, ora através de terras baixas e alagadiças. O terreno era constituído do arenito dos Paresí.

O curso do Rio tomou o rumo geral do Norte e o levantamento fez-se com 114 estações. Passamos a noite no nosso primeiro pouso, à margem direita [...] (RONDON)

- Relata Viveiros -

27.02.1914 – O Capitão Amílcar com seu grupo, dizia adeus, da margem, quando as canoas partiram Rio abaixo – corrente escura, volumosa, porque era estação das águas. Era tão grande a enchente que a correnteza molhava a parte inferior do tabuleiro da ponte ([31]) aí existente. Isso tinha a vantagem de imergir os obstáculos, inclusive árvores caídas. Na estiagem, estariam, certamente, à tona.

---

[31] Ponte de madeira com vão de 20 m, construída em 1909, pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas comandada por Rondon.

Partíamos de **12°01′ S** ([32]) e 17°34′ O do Observatório do Rio de Janeiro. A direção a seguir era Norte, para o Equador. Eram exímios os remadores – ágeis como panteras, nadavam como peixes e manejavam igualmente bem o machado e o facão de mato ou o remo e a vara. (VIVEIROS)

- Relata Rooseevelt -

27.02.1914 – Pouco depois das 12h00, iniciamos a descida do Rio da Dúvida para o desconhecido. Era para nós uma absoluta incerteza, se ao fim de uma semana nos encontraríamos no Ji-Paraná, ou ao fim de seis no Madeira, ou depois de três meses só Deus sabia onde.

Fora essa a razão de o Rio ser chamado, muito adequadamente, da Dúvida. Estivéramos acampados junto ao Rio, no lugar da picada da linha telegráfica, onde há sobre ele uma ponte rústica. Na ocasião em que nossas canoas carregadas deslizaram pela corrente, Amílcar e Miller, assim como os outros da comitiva do Ji-Paraná, se achavam no barranco e na ponte, para nos trazerem suas despedidas, com os votos de boa e feliz viagem. A época das cheias chegara a seu máximo e a correnteza engrossada era veloz e barrenta.

---

[32] Viveiros copia, do texto de Roosevelt, a longitude **errada** da Ponte Telegráfica, felizmente, depois de muita pesquisa, verifiquei nas "*Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915*", por Rondon, no Teatro Fênix do Rio de Janeiro, que:

2ª CONFERÊNCIA

I

Reconhecimento e exploração do Rio da Dúvida: [...]

II

Exploração e levantamento do Rio da Dúvida, desde o Passo da Linha, na latitude **12°03′56,8″ S** e longitude 60°21′55,8″ O de Greenwich, até o encontro com a turma auxiliar do Tenente Pyrineus no Aripuanã. (RONDON)

Nosso acampamento ficava a cerca de **12°01′ S** ([33]) e **60°15′ O** de Greenwich. A direção geral de nossa rota deveria ser para o Norte, em demanda do Equador, navegando através da vasta floresta.

Dispúnhamos de 7 canoas, todas feitas de troncos escavados. Uma era pequena, outra pouco estável, e duas eram velhas, remendadas, fazendo água. As três outras eram boas. As duas canoas mais velhas, a de fendas e uma terceira foram ligadas entre si, formando pares. Kermit com dois remadores embarcaram na menor das canoas que estavam em bom estado.

O Coronel Rondon, Lyra e três remadores ocupavam a outra, e eu com o Médico e Cherrie íamos na maior, com três remadores. Os oito Camaradas restantes – eram 16 ao todo – foram distribuídos igualmente pela parelha de canoas geminadas. Embora nossa bagagem pessoal estivesse limitada ao essencial – à saúde e ao desempenho de nosso trabalho, em uma exploração como a nossa, de fins científicos, e com a necessidade de levar provisões para 22 pessoas durante um tempo desconhecido – era impossível evitar uma carga volumosa, por isso as canoas estavam excessivamente abarrotadas.

Os remadores formavam um excelente conjunto. Eram peritos em serviços n'água e homens do mato, destros veteranos nos trabalhos do Sertão. Juntavam à agilidade da pantera a força do urso. Nadavam como cães d'água, manejando tão à vontade o varejão como o remo, o machado ou o facão. Um deles era um bom cozinheiro e os outros prestavam-se para todos os serviços do acampamento.

---

[33] Roosevelt arredondando, como de costume, os dados obtidos pelo levantamento topográfico (12°03′56,8″ S) lançou, nas suas anotações, 12°4′ e o editor, não entendendo sua caligrafia, trocou para 12°1′.

Assemelhavam-se aos piratas dos quadros de Howard Pile ou Maxfield Parrish e um ou dois eram realmente piratas, e um terceiro pior do que isso, mas a maioria deles trabalhava esforçadamente, com boa vontade e alegria. Eram brancos [ou antes, do azeitonado dos europeus do Sul], pretos, cor de cobre e de todos os matizes intermediários.

Na minha canoa, Luiz, o capataz e encarregado do leme, era um negro de Mato Grosso; Júlio, o proeiro, baiano, e de puro sangue português, e o terceiro, Antônio, um índio Pareci.

O levantamento topográfico do Rio era feito pelo Coronel Rondon e Lyra, tendo Kermit como auxiliar. Kermit seguia à frente com a mira graduada, sobre a qual dois discos, um vermelho e outro preto, estavam fixados a 01 m de distância. Ele escolhia pontos que permitissem as maiores visadas possíveis para cima e para baixo do Rio e que por isso deviam ser no vértice de cada curva do Rio; desembarcava aí e cortava os galhos que interceptavam a visada, aprumando a mira – às vezes topando com os marimbondos e multidões de formigas de mordidas pungentes. Lyra, de sua colocação Rio acima, lia com o telêmetro a distância, enquanto o Coronel registrava com a bússola o ângulo. Adiantavam-se então para o ponto que Kermit deixara e este seguia a escolher outra colocação visível para eles.

O primeiro meio dia de serviço pouco rendeu. O curso geral do Rio caía um pouco para Nordeste, mas a intervalos curtos se encurvava virando para todos os quadrantes. Kermit desembarcou um cento de vezes e só percorremos 09,33 km. Minha canoa seguia à frente dos que faziam o levantamento. A elevação das águas tornava a navegação fácil, pois a maioria das tranqueiras de paus secos e árvores caídas ficavam muito abaixo da superfície.

De vez em quando, entretanto, a correnteza nos impelia para redemoinhos que assinalavam pontos traiçoeiros de troncos imersos, ou para árvores desarraigadas que se estendiam de través, quase atravessando a corrente. Os remadores, com os músculos das costas e braços retesados, com remada sobre remada nos libertavam deles e faziam as canoas desviarem-se dos obstáculos. O debrum ([34]) de árvores curvadas ou caídas era constituído das espinhosas palmeiras "*boritana*" ([35]), de hastes delgadas e que gostam da água, muitas vezes ainda viçosas e em pleno vigor, embora mergulhadas no Rio com estípites encurvados para cima e as frondes agitadas pela rápida correnteza.

O nosso trabalho era interessante, porque nunca homem algum civilizado havia subido ou descido aquele Rio, nem visto a região que estávamos percorrendo. A floresta altaneira e compacta se levantava como uma muralha verde para cada lado. As árvores eram majestosas e belas. As trepadeiras entrosadas e tortuosas pendiam delas como grandes cordas. Montes de parasitas cresciam tanto sobre as árvores mortas, como sobre as vivas; algumas delas tinham folhas grandes como orelhas de elefante.

Aqui e acolá ondas de perfume nos chegavam das flores marginais. Não havia muitas aves e a mata era na maior parte do tempo silenciosa; raramente ouvíamos estranhos pios na profundeza da floresta ou víamos algum biguá ou socó. Minha canoa desceu por espaço de duas horas e paramos então para esperar os outros. Como os topógrafos não apareciam após mais de duas horas, desembarcamos e acampamos num lugar em que a margem subia empinada por uns 100 m, até uma área plana.

---

[34] Debrum: a orla.
[35] Boritana: buritirana, buriti-mirim (Mauritiella aculeata).

Amarramos as canoas e os foiceiros roçaram um espaço para as barracas, que foram armadas; as bagagens foram trazidas e acendeu-se fogo.

A mata estava em silêncio quase completo e viam-se antigos carreiros de antas mas não havia rastos frescos. Antes do cair da noite, chegaram os topógrafos. Apareceram alguns piuns e mosquitos-pólvora, assim como alguns pernilongos, depois que anoiteceu, mas não em quantidade para nos incomodar. As pequenas abelhas sem ferrão, de ligeiro odor aromático, enxameavam enquanto havia luz do dia e nos subiam pelo rosto e pelas mãos; as coitadinhas eram tão mansas e inofensivas que, quando faziam muita coceira, eu procurava sempre afastá-las sem as molestar. Mas se tornaram uma praga pouco depois. Bátegas de chuva tinham caído espaçadas e o céu estava coberto, mas, depois do pôr do Sol, o tempo clareou, as estrelas brilharam no alto e a Lua nova mostrou-se no Ocidente. Foi uma noite fresca e agradável; dormimos em sono profundo. (ROOSEVELT)

- Relata Magalhães -

Nota 38 – O Ribeirão "*Festa da Bandeira*" foi descoberto pelo General Rondon (em 1912), que assim o denominou, identificando-o ao curso d'água que promanava ([36]) da cabeceira a que os índios Nambiquara chamavam "*Carumixaru*". A "*Expedição de 1909*" cortou-o bem próximo da sua cabeceira principal e executou "*caminhamentos*" que atravessaram os seus formadores da margem esquerda; a linha telegráfica descreveu aí um grande polígono envolvente que interceptou uma série de cabeceiras secundárias de sua margem direita, para depois atravessar-lhe também o curso, o que obrigou a

[36] Promanava: brotava.

construção de uma grande ponte de madeira. Estes trabalhos permitiram à Comissão Rondon a construção de uma planta topográfica que assinala o grande leque constituído pelos formadores do "*Festa da Bandeira*".

Para não descer a minuciosidade maior, direi apenas que nesse trecho, entre a sua principal cabeceira e o ponto em que a linha o cortou, a Comissão estudou e traçou 38 cabeceiras secundárias. (MAGALHÃES, 1941)

27.02.1914 – No dia 27, às 07h30, levantei acampamento da cabeceira do Sete de Setembro e fiz um grande alto, no Rio da Dúvida, onde assistimos a vossa partida com a turma de exploração desse Rio, sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt, partida realizada às 12h00. Ao passar pelo vosso acampamento do Rio da Dúvida, recebi as bagagens e correspondências que me confiastes, para que as levasse a Manaus, entreguei relacionada a carga que deveria voltar para a estação José Bonifácio e, finalmente, agreguei definitivamente ao meu Estado-Maior o naturalista americano Leo Miller e o geólogo Brasileiro Dr. Euzébio Paulo de Oliveira, os quais comigo desceriam o Rio Ji-Paraná, assim como a meu contingente os praças e tropeiros constantes dos suplementos n° 23 e 24, ficando assim a turma composta de 06 oficiais e 02 adidos, 76 praças e tropeiros, ao todo, pois, 84 homens.

Em seguida à vossa partida, levantou acampamento o Tenente Joaquim Manoel Vieira de Mello com o seu pessoal, já novamente incorporado à minha turma, e marchamos todos para a cabeceira Dr. Stiglmayer, onde acampei às 20h00. (MAGALHÃES, 1942)

- Relata Cherrie -

27.02.1914 – Ao meio-dia, iniciamos a nossa viagem de canoa pelo "*desconhecido*", ou melhor, "*Rio da Dúvida*". Enquanto o Coronel Rondon, o Tenente Lyra e Kermit Roosevelt iam em duas canoas traçando o rumo e medindo o comprimento do Rio, Kermit e a tripulação seguiam à frente em uma canoa com a baliza, o Tenente Lyra fazia a leitura da distância enquanto o Coronel Rondon, usando a bússola, fazia os registros da rota.

O Tenente Lyra, à noite, no final de cada jornada, atualizava o traçado do Rio. Poucos animais foram vistos ao longo das margens. Um grande número de árvores tinha caído no leito do Rio e em muitos lugares bloqueavam a passagem das canoas. O curso é extremamente tortuoso e seu sinuoso curso volve em todas as direções. Os remadores precisam, às vezes, realizar manobras extenuantes para conseguir que as canoas vencessem algumas das curvas. (CHERRIE)

28.02.1914

- Relata Rondon -

28.02.1914 – Daí prosseguimos às 8 horas da manhã imediata. Percorridos 14.778 m, encontramos do lado direito da barra de um Ribeirão, com 21 m de largura e 4 de profundidade, que reconhecemos ser o Festa da Bandeira, nome com que designamos, desde 1912, as águas de uma cabeceira, denominada Carumixaru pelos Nambiquara.

Terminamos os trabalhos desse dia, 1.750 m abaixo dessa barra, ou sejam 25.842 m a contar da Ponte da Linha. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

28.02.1914 – Na manhã seguinte, as 2 canoas do levantamento largaram logo depois do café. Uma hora mais tarde os dois pares de canoas ligadas seguiram em frente. Eu retive nossa canoa atrás a fim de que Cherrie pudesse colher espécimes, pois nas horas matinais ouvíramos os cantos de certo número de aves na mata próxima. Os mais interessantes que matou foram um cotinga ([37]) de um azul-turquesa brilhante, com o pescoço vermelho magenta e um grande pica-pau ([38]) de dorso preto e ventre cor de canela, com a cabeça e pescoço inteiramente vermelhos.

Eram quase 12h00 quando partimos. Vimos mais outras aves e rastos frescos de antas e pacas num lugar em que desembarcamos. Ouvimos uma vez bugios no fundo da mataria e avistamos uma grande lontra no meio da corrente. Fomos descendo, ora derivando, ora remando pela correnteza suja e redemoinhante, entre o verde vivo da floresta tropical molhada pela chuva.

As árvores pendiam sobre o Rio de ambos os lados. Quando eram muito altas, as que caíam ao Rio em algum lugar estreito, ou quando acontecia caírem duas de margens opostas, formavam-se barreiras que os homens das canoas da frente abriam a machado. Havia muitas palmeiras, tanto buritis com suas folhas espalmadas como enormes leques, como uma bela espécie de bacaba, com ramos longuíssimos harmoniosamente encurvadas.

---

[37] Cotinga: cotinga de garganta encarnada – Porphyrolaema porphyrolaema.

[38] Pica-pau: pica-pau-de-topete-vermelho – Campephilus melanoleucos.

Em certos lugares as palmeiras apareciam em moitas cerradas, altas e esbeltas, com os troncos em grandiosas colunatas e os ramos das folhas formando uma cúpula rendilhada arqueada contra o azul celeste. Borboletas de inúmeras cores esvoaçavam sobre as águas. O dia era sombrio, com bátegas ([39]) de chuva, e, quando o Sol fulgia entre frestas nas nuvens, seus raios douravam a floresta.

Ao meio da tarde, chegamos à Foz de um caudaloso e rápido afluente que desembocava à direita. Era sem dúvida o Festa da Bandeira que havíamos atravessado bem pelas cabeceiras, dez dias antes, ao nos dirigirmos para José Bonifácio. Os Nambiquara haviam informado o Coronel Rondon de que ele caía no Rio da Dúvida.

Depois da junção, o Rio se alargou com o volume d'água do tributário, sem perder em profundidade. Estava tão cheio que transbordava por entre a mata nos lugares baixos. Somente os pontos mais altos estavam a seco.

Nas barranceiras ([40]) a prumo, junto às quais parávamos, tínhamos de empurrar as canoas por espaço de alguns metros através da galhada das árvores submersas, abrindo passagem a machado. Em algumas enseadas e remansos, de onde a corrente se afastara, viam-se altas capituvas ([41]).

Naquela tarde, acampamos numa coroa plana de terreno enxuto, de mata densa, é claro, logo acima da barranca e a quase 2 m acima do nível da água. Dava prazer presenciar a maneira fácil e vigorosa com que os foiceiros faziam um roçado para as barracas.

---

[39] Bátegas: pancadas.
[40] Nas barranceiras: nos barrancos.
[41] Capituvas: Rhynchospora áurea.

No dia seguinte, quando nos banhamos antes de o Sol nascer, mergulhamos em água profunda mesmo junto à margem onde amarráramos as canoas. Naquele segundo dia, percorremos 16,5 km pelo Rio, o que representava quase nove em linha reta para o Norte. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

28.02.1914 – Nos últimos acampamentos, coletei uma dúzia de aves, e preparei suas peles. Nossa rota hoje, depois de fazer incontáveis voltas e mais voltas, inicialmente seguindo direção Oeste, logo depois, a Este, nossa a direção geral apontava para o Norte. Vimos apenas um ou dois galináceos – nenhum outro animal foi avistado.

Foi um dia muito agradável, apenas um pouco chuvoso. Todos os acampamentos são identificados com marcos de madeira de lei, nos quais são pintadas a data, a distância a partir do ponto de partida, o número do Acampamento e outros dados. Trilhas de anta e outros animais foram avistadas em abundância nas cercanias do Acampamento. (CHERRIE)

01.03.1914

- Relata Roosevelt -

01.03.1914 – Choveu muito, algumas vezes simples chuviscos, outras vezes pancadas fortes. Nossa rota foi um tanto para Noroeste e vencemos 20,5 km.

Passamos por vestígios de habitações de índios, abrigos de folhas de palmeiras abandonados aos dois lados do Rio. Na margem esquerda, encontramos 2 ou 3 roças antigas de índios, cheias de esqueletos de árvores queimadas e invadidas pelas samambaias.

Na Boca de um Ribeirão que entrava pela direita, algumas varas fincadas n'água indicavam o lugar de um antigo pari ([42]) de apanhar peixes.

Em um ponto achamos um grosseiro corrimão de cipós de uma ponte dos índios, atravessando o Rio a uns 60 cm de altura sobre a água. Era evidente que a pinguela fora construída com as águas baixas. Três fortes estacas tinham sido fincadas em fila no leito do Rio, em ângulo reto com a direção da corrente. A ponte consistira em paus amarrados àquelas estacas – ligando as três entre si e as estacas extremas aos barrancos. O cordame de grossos cipós fora estendido para servir de corrimão, indispensável com tão precário apoio para os pés. A enchente levara a ponte, mas as estacas e o corrimão continuaram no lugar.

Pela tarde, Cherrie, embarcado na canoa, matou um grande macaco cinza-escuro ([43]), com cauda preensora. Tinha uma carne muito saborosa. Abarracamos num plano enxuto, só alguns palmos acima do nível do Rio, de modo que nosso banho e nado eram fáceis. O mato foi roçado e o acampamento arranjado com rapidez metódica. Um dos homens quase pisou em uma cobra coral verdadeira, o que seria coisa séria, pois ele estava descalço. Felizmente eu tinha calçado de grosso couro, e as presas dessa cobra – diferentes das de todas as víboras – são por demais curtas para furar couro forte. Prontamente lhe pus a bota em cima e ela a picou sem que seu veneno me pudesse causar dano.

---

[42] Pari: armadilha de pesca que consiste de um tapume feito de estacas, que atravessa o Rio de uma margem à outra, possui no centro uma única abertura por onde os peixes entram e ficam presos em um cercado.

[43] Macaco cinza-escuro: Macaco-barrigudo – Lagothrix lagotricha.

Tem-se afirmado que os tons brilhantes da cobra coral dão-lhe em seus esconderijos habituais uma coloração dissimulante. No mato escuro e emaranhado e, em menor grau, na paisagem variada comum, qualquer coisa imóvel, especialmente se estiver meio oculta, ilude facilmente o olhar. Mas contra o fundo escuro do chão da mata onde encontramos aquela coral, sua cor clara e brilhante era distintamente reveladora; infinitamente mais, que o escuro mosqueado ([44]) da jararaca e de outras perigosas lachesis ([45]).

No mesmo local, entretanto, encontramos um exemplo típico de genuína coloração e forma miméticas ou protetoras. Uma grande larva de inseto – pelo menos assim a classificamos, sem ser nenhum de nós entomologista – se assemelhava a uma folha seca parcialmente enrolada, o que era francamente de surpreender. A cauda imitava o pedúnculo ou continuação da nervura central da folha seca. O corpo achatado estava dobrado para cima nos bordos e tinha as nervuras e a coloração exata de uma folha seca. A cabeça, da mesma cor, se projetava para diante.

Estávamos ainda no planalto Brasileiro. A floresta não vibrava de vida e era, ao invés, geralmente silenciosa; não ouvíamos o coro de aves e animais como por vezes ouvíramos, mesmo em nossa passagem pelo altiplano, onde mais de uma vez fomos acordados à madrugada pelos guinchos dos macacos, araras, papagaios e periquitos. Vinham até nós, entretanto, de tempos em tempos, sons singulares da mataria; caída a noite, várias espécies de rãs e insetos emitiam estranhos gritos e apelos que pareciam crescer em volume e frequência até a meia-noite.

---

[44] Mosqueado:malhas escuras.
[45] Lachesis: surucucus.

[...] Ali, as formigas carregadeiras devoraram por completo a camiseta do Médico e abriram furos em seu mosquiteiro; além disso, comeram a correia que suspendia a tiracolo a espingarda de Lyra. Muitas abelhinhas sem ferrão enxameavam em quantidade tal, e tão insistentes eram, que tínhamos de usar o véu de gaze à cabeça quando escrevíamos ou esfolávamos os espécimes. (ROOSEVELT)

- Relata Rondon -

01.03.1914 – No dia seguinte, 1° de março, percorremos e levantamos uma extensão de 20.377 metros, apesar de sermos muito incomodados por uma grande pancada de chuva que caiu desde às 11h00 até 13h00.

Nesse trajeto encontramos, primeiro, a Foz de outro Ribeirão, com a largura de 15 m; e em seguida numerosos vestígios de Nambiquara, provavelmente dos pertencentes ao grupo chamado Navaité. Dos vestígios a que aludimos, mencionaremos: uma barragem para pescarias construída naquele Ribeirão, que por esse motivo ficou conhecido como "*Ribeirão da Tapagem*"; capoeiras de roças antigas; um porto com alguns ranchos pequenos; e uma pinguela, muito comprida, ao longo da qual estava estendido um cipó, disposto de maneira a servir de corrimão. (RONDON)

- Relata Cherrie -

01.03.1914 – [...] Hoje saímos por volta das 11h00. Pouco depois de partir, começou a chover e assim permaneceu durante a maior parte do dia. Passamos por algumas antigas clareiras indígenas e uma "*ponte*", ou melhor, uma passarela – de cipós. Avistamos numerosos jacus, mas todos fora de alcance de tiro.

Imagem 08 – Salto Navaité – Roosevelt e Rondon

Pouco antes de chegar ao Acampamento, matei um macaco-barrigudo ([46]), depois de acamparmos, esfolei-o. Antes de deixar o Acampamento na noite passada, matei e esfolei ([47]) um pica-pau. Kermit é novamente vitimado pelas febres! Nosso curso geral, desde o início, tem sido o Norte. (CHERRIE)

02.03.1914

- Relata Roosevelt -

02.03.1914 – O dia foi quase sem chuva. Era delicioso deslizar, com espaçadas remadas, descendo o belo Rio tropical. Até o meio da tarde a correnteza não era rápida em excesso, e o caudaloso, profundo e plácido curso d'água serpeava ([48]) para todas as direções, embora o rumo geral fosse para Noroeste.

[46] Macaco barrigudo: Lagothrix lagotrichia.
[47] Esfolei: eviscerei.
[48] Serpeava: ziguezagueava.

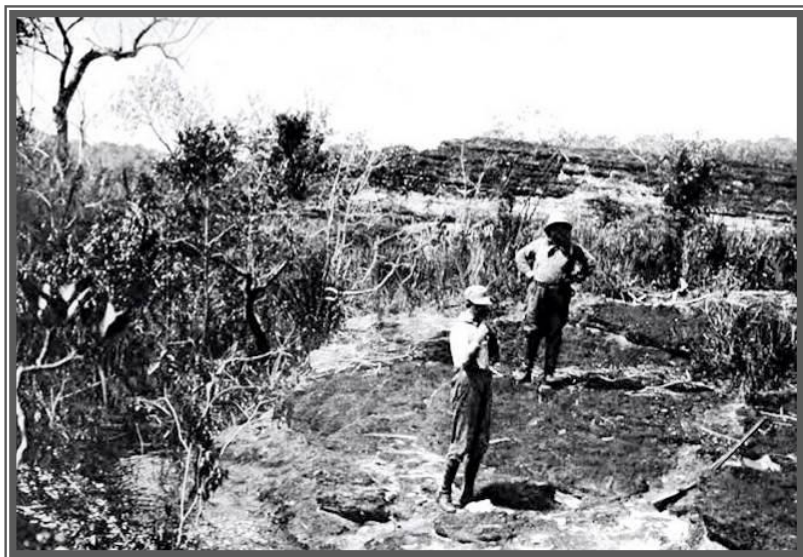



Imagem 09 – Salto Navaité – Cherrie e Roosevelt

A região era plana e na maior parte estava submersa. Continuamente nos víamos a deslizar entre trechos de mata alagadiça, onde a água estagnava ou corria entre as árvores. Uma vez passamos por um outeiro ([49]). Vimos periquitos e surucuás de colorido brilhante ([50]). Afinal a correnteza aumentou, acelerando-se cada vez mais, até parecer calha de moinho, e ouvimos o estrondear das corredeiras à frente. Encostamos na margem direita e amarramos as canoas e, enquanto a maioria do pessoal preparava o acampamento, dois ou três nos acompanharam para observarmos as corredeiras. Tínhamos percorrido 20 km. Logo verificamos que as corredeiras constituíam obstáculo sério. Havia muitos encachoeirados e uma ou duas quedas a pique, aproximadamente de 02 m de altura. Seria impossível descer por elas, que se estendiam por espaço de 1,5 km.

[49] Outeiro: monte.

[50] Surucuás de colorido brilhante: Surucuá-de-barriga-vermelha – Trogon curucui.

O transporte por terra das coisas, no entanto, através do mato e pedregal, quase em linha reta, seria num trajeto um pouco mais curto. Não era fácil naquele lugar transportarem-se cargas pesadas e arrastarem-se pesadas canoas. No ponto em que a descida era mais forte, existiam grandes lajedos de arenito e conglomerados friáveis. Sobre estes havia em alguns pontos areia fina coberta de tufos de capim áspero. Outras porções, corroídas pelas intempéries, apresentavam formas fantásticas – uma Saliência parecia um velho chapéu de castor virado para cima. Naquele lugar, onde as lajes nuas indicavam o nível da barreira rochosa através da qual o Rio abrira seu curso, a torrente se despenhava por um Canal fundo a prumo e muito estreito.

Em certo ponto, tinha menos de 2 m de largura e, até certa distância, não excedia a 5 ou 6, ao passo que um quarto de légua, somente acima das corredeiras, o plácido lençol d'água tinha pelo menos 100 m de largura. Parecia extraordinário, quase impossível que um Rio tão largo pudesse, em tão pequeno trecho, contrair-se até às dimensões do estrangulado Canal pelo qual despejava agora seu volume inteiro.

Ali tinha sido uma das paragens em que os Nambiquara, a espaços, construíram suas Aldeias efêmeras, plantando roças pelo sistema primitivo e destruidor dos silvícolas. Havia várias roças abandonadas, onde a vegetação densa de samambaia ocultava a coivara de paus caídos e carbonizados. Nem havia muito que os índios se tinham mudado, pois em uma trilha achamos o que os ciganos chamariam um "*pateran*", isto é, dois galhos arrumados em cruz, com oito folhas em cada um; isto tinha alguma significação especial, pertencendo àquela classe de sinais, cada um com algum sentido peculiar, muitas vezes complicado, de uso comum entre muitos povos selvagens.

Os índios haviam lançado uma ponte simples, composta de quatro troncos compridos, sem guarda-mão, através de uma das gargantas de rocha mais estreitas, em que o Rio espumejava em sua descida. Aquela subtribo de índios era chamada de Navaité ([51]), e com este nome chamamos às corredeiras. As observações de Lyra localizaram-nas [com boa aproximação] em 11°44' S e 66°18' O de Greenwich ([52]). (ROOSEVELT)

- Relata Rondon -

02.03.1914 – No dia imediato, 2 de março, pudemos navegar apenas das 08h00 até às 15h30, fazendo um percurso de 20.013 metros. Aí, foi forçoso suspender a marcha e acampar, porque na frente o Rio dava um salto, que impossibilitava a passagem das canoas. Pouco antes, já esse acidente se havia feito anunciar, porque as águas haviam entrado a correr impetuosamente, e quando nós nos achamos no meio delas, vimo-nos em sérias dificuldades para impedir que se alagassem as embarcações do levantamento; por esse motivo, designamos o lugar pelo nome de "*Corredeira do Apuro*". Logo que pisamos em terra avançamos pela margem até o ponto de onde nos era possível examinar o acidente que nos fizera parar. Vimos o Rio, numa extensão de 200 m, correndo com espantosa velocidade, por entre pedras de arenito ferruginoso, que aparecem aqui, ali e por toda a parte, talhadas profundamente, despedaçadas e atiradas umas sobre as outras, pela força rompente das águas que se precipitam em cachões.

---

[51] Navaité: é um conjunto de cachoeiras e corredeiras no Rio Roosevelt, sobre arenitos pertencentes à Formação Fazenda Casa Branca. Fica a 40 km da mina de calcário da CMR. Suas cachoeiras têm até 10 m de altura, tornando impraticável a navegação. O acesso é feito por vicinais na seca. São trafegáveis apenas nesse período. (Montezuma Cruz)

[52] 11°44' S e 66°18' O: 11°47' S / 60°27' O.

Imagem 10 – Salto Navaité – Vista Aérea (Google)

Depois surge uma ilhota último baluarte da resistência que aquele solo desbaratado e escalavrado opôs à pertinácia indomável da corrente. Mas as 2 colunas em que esta se vê por um instante dividida, unem-se de novo, penetram num corredor afunilado, por elas mesmas aberto na rocha, e atiram-se para o plano inferior do leito, continuando a correr em borbotões revoltos por um Canal cortado na massa do arenito. Desta forma, o trecho do Rio em que nos era vedada a navegação, prolongava-se por mais de mil metros para baixo do lugar em que havíamos acampado.

Tínhamos, pois, de varar por terra as nossas canoas. Para isso, precisávamos abrir caminho através da mata, ligando o ponto em que nos achávamos ao mais próximo do lado de baixo, onde pudéssemos recomeçar a navegação. Depois, os homens da Expedição, com auxílio de cordas, arrastariam por esse caminho as embarcações, até recolocá-las no Rio, e transportariam, aos ombros, toda a carga, passando-a também do extremo superior da cachoeira para o inferior. Tal serviço evidentemente, muitíssimo penoso, não só pelo esforço que exige no arrastamento das canoas e no transporte das cargas, como também, e principalmente, pela necessidade de se derrubarem numerosas árvores das matas marginais do Rio. Felizmente, o lugar em que nos encontrávamos era um dos constantemente frequentados pelos Nambiquara-Navaité. Isso nos era revelado por um trilho bastante batido que atravessava o local de nosso acampamento e ia, margeando o Rio, transpô-lo por uma pinguela, nas proximidades do ponto em que a sua largura se reduzia a um metro e sessenta centímetros. Mas, para a situação em que nos achávamos os melhores sinais dessa frequência, eram os campos abertos pelos índios e alguns até recentemente queimados: o nosso trabalho de varação ficava, pois, bastante simplificado, visto não ser preciso fazer grande derrubada de árvores.

O dia 3 foi todo empregado na preparação do novo acampamento, que era o 5° desta expedição, e no transporte das bagagens do precedente para ele. A varação das canoas iniciou-se com a manhã do dia seguinte e à tarde ficou quase terminada. Enquanto o Tenente Lyra dirigia esse trabalho, eu, fazendo-me acompanhar dos dois cães que vinham com a Expedição, passei da margem direita para a esquerda, utilizando-me da ponte dos Navaité, tomei por um trilho desses índios, entrei para o interior das terras e da floresta, com o objetivo de realizar um pequeno reconhecimento. Vi três cabeceiras de um Ribeirão e várias capoeiras de antigas roças; mas não encontrei vestígio de aldeamento. Regressei dessa pequena excursão, ainda com tempo de proceder ao levantamento do trecho encachoeirado, o qual mediu 1.310 metros.

À queda aí existente dei o nome de "*Salto Navaité*".

O afloramento da rocha que ocasionou este Salto corresponde inteiramente ao que determinou a cascata do Paraíso, salvo no ponto relativo à direção, porque aqui ele se dirige do Sudoeste para o Nordeste ao passo que lá corre para o Norte, indo terminar na estação Barão de Melgaço. A rocha é um grés ferruginoso, com incrustações duras, que resistiram em muitos lugares ao choque de enorme correnteza produzida pelo desnivelamento brusco do leito do Rio. Toda a parte descoberta se está decompondo por erosão lenta, porém, ascendente. Em muitos pontos, nota-se certa quantidade de cascalho, seixos rolados de quartzito e quartzo puro, que indicam antigos leitos do Rio. O salto tem a forma de uma curva elíptica, o que faz as águas convergirem como se fossem entrar num funil. A queda a que nos estamos referindo, é a maior; existem, porém, mais duas, uma situada antes e a outra depois dela. (RONDON)

- Relata Cherrie -

02.03.1914 – Nosso rumo geral de hoje foi Noroeste, mas o número de meias-voltas, reviravoltas e voltas completas eram quase inacreditáveis. Atravessamos uma região plana muito baixa que, em data não muito distante, deve ter sido um grande Lago interior ou pântano.

Justamente, quando estávamos começando a procurar um local para acampar, as águas começaram a correr mais rapidamente. Atravessávamos pequenos Rápidos, e o fluxo, ao invés de se aquietar, corria cada vez mais rapidamente. Logo ouvimos o rugido ameaçador dos Rápidos ou de uma Cachoeira.

Navegamos Rio abaixo até que conseguimos avistar o início de uma série de Rápidos. Em seguida, aportamos, amarramos as canoas e, enquanto os Camaradas montavam o Acampamento, abrimos uma trilha na mata ao longo do Rio para investigar as Rápidos. Descobrimos que os Rápidos prolongavam-se por uma milha ([53]) ou mais e que existiam duas pequenas quedas de 1,2 m a 1,8 m.

O mais extraordinário, porém, é que, a jusante dos Rápidos, o curso d'água corre por uma garganta estreita com margens rochosas e abruptas, em um Canal de menos de 1,5 m de largura.

Parece incrível que um Rio que, a uma milha ([46]) a montante com 100 m de largura e uma profundidade razoável, possa ser comprimido a tão radicais proporções. Sua profundidade através do desfiladeiro só poderia ser estimada. O dia foi agradável – sem chuva. (CHERRIE)

---

[53] Milha:1,6 km.

03 a 04.03.1914

- Relata Roosevelt -

03 a 04.03.1914 – Passamos os dias 03 e 04 de março e a manhã de 05 na baldeação, contornando as corredeiras. Na primeira noite, acampamos no mato junto ao ponto em que paramos. Na manhã seguinte, transportamos a bagagem para a extremidade inferior das corredeiras, onde pretendíamos lançar as canoas à água e armamos as barracas sobre o lajeado escampo de arenito. Chovia a cântaros. As abelhinhas sem ferrão eram tão numerosas que aborreciam. Muitas das abelhas de ferrão se misturavam às sem ferrão e nos ferroavam de doer. Éramos também picados por grandes mutucas do porte de zangões. Mais sério inconveniente eram os piuns e borrachudos durante o dia e os mosquitos-pólvora à noite. Havia alguns carapanãs, mas a pior peste eram os borrachudos: esses tiravam sangue imediatamente e deixavam marcas que duravam semanas.

Eu escrevia de luvas e véu na cabeça. Por fortuna, tínhamos conosco alguns vidros de "*Mata-Mosquito*" – como dizia o rótulo – adicionados a nossos medicamentos pelo Dr. Alexandre Lambert, que o havia experimentado nas matas do Norte e o achara excelente. Eu nunca fora antes obrigado a usar a tal pomada, e relutara em levá-la comigo, mas agora folgava em possuí-la e todos nós a achamos muitíssimo útil. Nunca mais iria eu a terras de mosquitos e mutucas sem aquilo. Seu efeito dura por meia hora; em muitos casos, como quando se transpira muito, o efeito é nulo; mas há ocasiões em que minúsculos pólvoras e outros entram pelo véu da cabeça e pelas malhas do mosquiteiro, e então a pomada, renovada a miúdo, permite o sono ou o descanso, que de outro modo seria impossível.

Imagem 11 – O Diário de Roosevelt

Os cupins entraram em nossa barraca armada no areal, abriram furos no poncho e no mosquiteiro de Cherrie e tinham começado a danificar nossos sacos de viagem quando os descobrimos.

Fazer o carreto das cargas foi simples, mas, arrastar as pesadas canoas deu trabalho. A maior das remendadas era a mais pesada. Lyra e Kermit dirigiram o serviço com todo o pessoal trabalhando, menos o cozinheiro e um homem que caíra com febre. Foi aberto a machado um picadão pela mata e cerca de 200 roletes de dois metros, fortes e delgados, foram colocados à distância de quase dois metros um do outro.

Com o cadernal ([54]), as sete canoas foram puxadas da água até em cima da íngreme barranca e dali, pelo solo inclinado, até o plano. Então os homens se colocaram dois a dois ao longo do cabo de tração e um deles, com alavanca, impelia por trás a canoa que, aos solavancos, ia escorregando e rolando através da mata. Sobre a pedreira, havia algumas rochas estorvadoras, mas no conjunto o caminho era em descida e relativamente fácil.

---

[54] Cadernal: peça que contém duas ou mais roldanas.

Considerando o modo como foi realizado o trabalho, a boa vontade, a resistência e força de touros dos Camaradas, e a inteligência e esforço incansáveis de seus chefes – só nos admirava a ignorância dos que não sabem o quanto de energia e eficiência possuem os homens dos trópicos, ou neles podem ser prontamente desenvolvidas. Outro assunto para cogitação é a atitude de certos homens que viajam em condições fáceis e menoscabam as façanhas dos verdadeiros exploradores, dos autênticos desbravadores do grande Sertão.

Os impostores e fanfarrões, entre os exploradores ou pseudo-exploradores e vagabundos dos Sertões, têm sido muito abundantes no que se refere à América do Sul [embora os mais eminentes dessa classe não sejam sul-americanos] e fazem jus à repulsão e derrisão ([55]). O fato é que a obra do verdadeiro explorador e desbravador do Sertão é cheia de provações, canseiras e perigos.

Muita gente ignorante fala à ligeira sobre tais baldeações como se fossem coisas de nonada ([56]). Esse trabalho, em terreno desconhecido e ínvio ([57]) é sempre árduo e arriscado para as canoas; e, no Sertão deserto ou pouco frequentado, é coisa que poderia colocar as mesmas em risco. Aquela baldeação especial nas corredeiras de Navaité estava longe de oferecer dificuldade excepcional; mesmo assim, custou não só dois dias e meio de incessante e penoso labor, como importou em avarias nas canoas. Particularmente, aquela em que eu viajava ficou tão lascada que nos causou séria inquietação quanto ao tempo que ainda poderia durar, ainda depois de remendada.

---

[55] Derrisão: escárnio.
[56] Nonada: sem importância.
[57] Ínvio: fechado.

No ponto em que as canoas foram novamente lançadas à água, o barranco era íngreme e uma das canoas remendadas se encheu d'água e foi ao fundo; e mais trabalho tivemos para tirá-la dali. Não podíamos ainda absolutamente dizer para onde íamos nem o que nos aguardava adiante. Sentados em torno do fogo, depois do jantar, discutimos sem cessar e formulamos todas as hipóteses imagináveis sobre ambos esses pontos.

O Rio podia volver em ângulo forte para o Oeste e entrar no Ji-Paraná na parte alta deste ou mais abaixo; ou seguir para o norte rumo ao Madeira; ou fletir para Leste e cair no Tapajós; podia ainda desaguar no Canumã, e por uma das Bocas deste penetrar diretamente no Amazonas. Lyra inclinava-se para a primeira hipótese, e o Coronel para a segunda.

Não sabíamos se teríamos 100 km a percorrer ou 800; nem se a torrente seguiria contínua ou seria interrompida por cataratas ou corredeiras, ou mesmo se chegaríamos a algum grande pantanal ou a algum Lago.

Não sabíamos se encontraríamos índios hostis, embora ninguém se afastasse 10 m do acampamento sem levar a carabina. Não tínhamos ideia do tempo que nos tomaria a viagem, pois entráramos numa zona de possibilidades desconhecidas. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

03.03.1914 – Para nossa sorte, não choveu durante todo o dia. Passamos toda a jornada mudando o Acampamento e transportando as bagagens, de montante da Cachoeira para um ponto mais abaixo de onde poderíamos reembarcar. É difícil dizer quanto tempo demorará o transporte das canoas.

Só consegui acrescentar um novo pássaro à coleção, mas esfolei ([58]) um grande falcão ontem, e três ou quatro pequenos pássaros. A andorinha-de-peito-branco Atticora ([59]) é abundante aqui. Os piuns de muitos tipos são igualmente numerosos, como também diversas espécies de abelhas. Sofremos com os insetos hoje, mais do que em qualquer outro dia. Era difícil de tolerar, especialmente, a coceira e a sensação de queimação nas mãos e orelhas.

Nosso último Acampamento foi montado ao lado de uma trilha indígena, bem batida, que parecia margear o Rio. Num dos pontos mais estreitos do curso d'água, ao longo dos desfiladeiros, os índios construíram uma passarela, colocando três postes lado a lado na beira do abismo. (CHERRIE)

04.03.1914 – Não tive tempo, esta manhã, de salvar a minha roupa do ataque dos cupins. O poncho que eu havia estendido sob minha rede estava, literalmente, vivo, infestado por uma colônia de cupins, como também a minha mochila etc. Levei toda a manhã para retirá-los de minhas coisas e na vã tentativa de exterminá-los das cercanias do Acampamento.

Fazem, hoje, cinco meses que saímos de Nova York. O transporte dos barcos estava praticamente concluído muito mais cedo do que eu esperava. Foi uma manhã chuvosa e consegui fazer apenas uma pequena coleta. (CHERRIE)

[58] Esfolei: retirei o couro e eviscerei.
[59] Atticora: Atticora tibialis.

Ahasverus e o Gênio
(Antônio de Frederico Castro Alves)

Sabes quem foi Ahasverus? ... – o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na fronte o selo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalde à vingadora voz!

Misérrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Coa mão vazia – viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe – o grão de areia,
A gota d'água – rejeitou-lhe o mar. [...]

E caminhou! E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...

Ele que só pedia sobre a terra
– Silêncio, paz e amor! –
No entanto à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.

"Ele não morre", a multidão dizia...
E o precito ([60]) consigo respondia:
– "Ai! mas nunca vivi!" –

O Gênio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos. [...]

---

[60] Precito: amaldiçoado.

Imagem 12 – Entrevista na SEMTIC, Vilhena, RO

Imagem 13 – Equipe de Apoio (Vilhena-Fz. Baliza)

Imagem 14 – Casa do Sr. Grilo

Imagem 15 – Subindo o Rio Roosevelt

Imagem 16 – Partida (22.10.2014)

Imagem 17 – Ponte Clandestina

Imagem 18 – Dr. Marc

Imagem 19 – Os Camaradas

Navaité – P. Ten Marques (KM 100)

Quer elas venham correndo velocíssimas ou saltando por cima das cristas de montanhas; quer indo em grandes massas de encontro a elas, e delas retrocedendo: caindo em borbotão nos abismos e deles se erguendo em úmida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéus; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vaivéns, e brandamente e com espandanas ou em flocos de escuma alvíssima como arminhos – é um espetáculo assombroso e admirável.
(A Cachoeira de Paulo Afonso – Castro Alves)

24.10.2014 (sexta-feira) – AC03 – AC04

Iniciamos logo cedo o extenuante transporte de todo o material para o acampamento a jusante do Salto Navaité. Existia uma trilha relativamente recente o que facilitou o transporte das embarcações, utilizando um carrinho que o Dr. Marc trouxera dos EUA para esta finalidade. Como o trajeto era muito longo, resolvi realizar o transporte em três etapas, assim recuperava o fôlego após cada carregamento retornando sem carga até a etapa anterior até chegar, por fim, ao local do acampamento. Levamos a manhã inteira para concluir a portagem.

Após o almoço, passamos a tarde reconhecendo e fotografando o complexo de Navaité. O maior estreito ou angustura, como diriam nossos avoengos, de todo o Roosevelt. Sua largura, que a montante, variava de 20 a 30 m, passava agora por uma estreita fenda de menos de 02 m de largura, e, como sua vazão permanece praticamente idêntica à de montante, isso indica que sua seção transversal é provavelmente a mesma, ou seja, a profundidade neste local é muito grande, em torno de 15 a 20 metros.

Observando os grandes lajedos de arenito e conglomerados friáveis, eu identificava alguns deles, onde Rondon, Roosevelt e Cherrie tinham sido fotografados. A beleza agreste daquelas formações, o medonho fragor do caudal confinado, de repente, em uma angustura tão incomum e as águas tumultuárias e refulgentes, emocionavam-me. Engarupado na anca da história, eu via ou sentia a presença daqueles ilustres personagens que há cem anos palmilharam aqueles sítios, gravando indelevelmente sua passagem em cada um deles.

25.10.2014 (sábado) – AC04 – Ponte Ten Marques

Parti alguns minutos antes dos demais com o intuito de visitar a fazenda que aparecia nitidamente à margem esquerda do Rio. Seu Gerente era um mineiro sisudo, mas boa praça, que morava sozinho naqueles ermos sem fim. O Rio apresentava agora um traçado bastante suave, pleno de estirões e amplas curvas. Estávamos próximos à ponte que dá acesso à Aldeia Tenente Marques, chefiada pelo João "*Brabo*" ([61]) quando aproximou-se numa voadeira, o 3° Sgt BM Douglas e um nativo. Cumprimentamos efusivamente o amigo, mas estranhamos o fato de ele estar tão próximo à primeira ponte (km 100) e não na ponte do Km 124, onde deveria estar e isso me inquietou. Logo adiante cruzou velozmente uma lancha com 7 índios armados e carrancudos: confirmando meu mau pressentimento.

---

[61] João Brabo: alguns repórteres resolveram chamá-lo de "*Bravo*" ainda que na porteira de acesso à sua aldeia esteja escrito em letras garrafais – João Brabo. O dicionário Michaelis afirma que "*Bravo*" é "*quem não teme o perigo; denodado, intrépido, valente*" e "*Brabo*": "*nocivo, prejudicial, irado, brigador*". Ora, não consta que esse malfadado João Cinta-Larga tenha se destacado por qualquer ato de bravura na sua famigerada existência, portanto, é Brabo mesmo.

O 3° Sgt BM Douglas fora informado que o João "*Brabo*" ia impedir-nos de prosseguir a partir da 1° ponte (Tenente Marques).

Aportamos na margem esquerda, a montante da ponte (11°38'32,52" S / 60°27'13,79" O), fora da Terra Indígena onde fomos informados pelo 3° Sgt BM Douglas e o Cabo BM Hiuri Marcel de Sousa Lopes que não poderíamos continuar a partir daquele ponto. Logo depois do Sgt BM Douglas ter explicado a situação, comecei a descarregar o caiaque, colocando as tralhas no reboque da camionete dos bombeiros enquanto meus parceiros ainda imaginavam que poderiam convencer o tal do João "*Brabo*" de nos deixar passar. Eu conhecia os antecedentes do fanfarrão e sabia que ele não voltaria atrás.

De repente surge o tal João, na Ponte, vestindo apenas um calção e um cocar, seguido de dois de seus capangas e diversos adolescentes e crianças, entoando canções tribais. O Sgt BM Douglas nos informara que, quando adentrou na Aldeia dos Cinta-Larga, o João e demais lideranças estavam participando, devidamente paramentados com roupas de grife e tudo mais, de uma reunião.

Tão logo ele se aproximou de nós, começou a falar, intercalando em voz alta o português com sua língua nativa, dizendo que estávamos invadindo sua Terra. A pantomima durou alguns minutos e o líder tribal fingia estar muito irritado com a nossa presença. Chegou a cogitar de que poderia nos manter como reféns na Aldeia até que lhe fosse assegurada a construção de uma nova ponte sobre o Roosevelt. Quando ele disse isso olhei acintosamente para a pistola que o Coronel Angonese trazia à cintura.

Podíamos perceber, nitidamente, que ao usar de palavras mais chulas ou ameaçadoras, ele optava pela língua nativa permitindo que seus seguidores admirassem sua pretensa "*bravura*" e nós ficássemos sem saber o que ele dizia. Depois de encerrar sua engendrada e burlesca encenação, ele foi amainando a linguagem e permitiu que fotografássemos a ele e as crianças Cinta-Larga. Terminamos o carregamento, embarcamos na viatura do Corpo de Bombeiros e nos deslocamos para Vilhena, onde teríamos de refazer nosso planejamento, descobrindo um novo ponto de partida a jusante do Rio Cardoso já no Estado do Mato Grosso e longe da TI Cinta-Larga.

Deixávamos para trás, portanto, o trecho mais preocupante de toda a jornada e onde a Expedição Original mais penou. Tínhamos percorrido, até então, apenas 100 km do Rio Roosevelt. Da atual Ponte Tenente Marques até a Foz do Rio Capitão Cardoso a Expedição Científica demorou quase um mês (07.03.1914 a 06.04.1914), para percorrer somente 110 km (uma média de 3,55 km/dia) e uma diferença de altitude de 133 metros (1,2m/km). Foi neste trecho onde ocorreram alguns dos reveses mais significativos de toda a jornada:

- ✧ 15.03.1914: Canoeiro Antônio Simplício da Silva (Afogado);
- ✧ 16.03.1914: Cachorro Lobo (Flechado);
- ✧ 30.03.1914: Presidente Theodore Roosevelt (Perna ferida);
- ✧ 03.04.1914: Cabo Manoel Vicente da Paixão (Assassinado);
- ✧ 03.04.1914: Júlio (Foragido);
- ✧ 07.03.1914 a 06.04.1914: Naufrágio de 4 canoas.

A repórter Juliana Arini, da Revista Época, também testemunhou a ridícula encenação de João Brabo – momento e cenários diferentes mas um idêntico roteiro e as mesmas ameaças:

Diário: A Terra dos Canibais
Revista Época, Juliana Arini, 24.02.2007

A primeira sensação de estar entrando em outro mundo começou em Riozinho, cidade próxima a Cacoal, onde vários Cinta-Largas compraram casas. O povoado é uma espécie de aldeia urbana, na qual os índios ficam quando precisam procurar tratamento médico, receber aposentadorias ou comprar roupas e mantimentos. Os funcionários da FUNAI me contaram que o Cacique João Bravo Cinta-Larga possuía uma casa em Riozinho e tive a ingênua ideia de ir visitá-lo para conversar. Como já tinha encontrado com seus funcionários – uma cozinheira e um vigia – resolvi dar dois passos além da porta de entrada da casa, para ver quem estava na varanda. Péssima ideia. O Cacique estava sentado à mesa, de costas para nós, sem camisa e de cara fechada. Era corpulento e baixo, como a grande maioria dos Cinta-larga. Pelo seu semblante irritado, eu percebi que não éramos bem-vindos. Quando tentei iniciar algum tipo de conversa e contar que éramos jornalistas, ele levantou e começou a falar em voz alta que tínhamos invadido a sua casa.

Discursou durante uma meia hora, sempre irritado com a nossa presença. *Chegou a falar que poderia nos manter presos ali*, para nos ensinar a respeitar a casa dos índios. Falou de histórias de canibalismo e dos ilustres ex-prisioneiros dele, como o delegado da Polícia Federal, Mauro Spósito.

Também pegou o arco-e-flecha para mostrar as pontas bem feitas de suas armas.

Relatos Pretéritos: Navaité – Ponte Ten Marques

05.03.1914

- Relata Rondon -

05.03.1914 –Terminada a varação das canoas, na manhã de cinco, prosseguimos a navegação águas abaixo. O Rio continua a apresentar-se-nos, de ambos os lados, rico de seringa; as suas florestas vão-se tomando rapidamente mais espessas, e portanto mais pitorescas; por toda a parte aparece a canela ribeirinha; e vêm-se alguns exemplares da Mauritia vinifera ([62]).

À tarde, estabelecemos o nosso 6° acampamento, ou o "*Da Canja*", à margem esquerda, sobre terreno coberto de alta mataria. A distância percorrida foi de 11.890 metros; estávamos, pois, a 74.120, a contar do ponto inicial da Expedição. No novo acampamento, o Dúvida tinha a largura de 45 metros, ou sejam sete mais do que no quinto. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

05.03.1914 – Partimos de novo Rio abaixo no começo da tarde. Nossas mãos e rostos estavam inchados com as picadas da praga de insetos do acampamento no areal plano, e foi um prazer estarmos mais uma vez no meio do Rio, onde eles não iam em absoluto, quando estávamos em movimento. A correnteza era rápida, e a profundidade era tão grande que não encontramos obstrução séria.

---

[62] Mauritia vinifera: Buriti.

Por duas vezes descemos pequenos trechos que na época da estiagem eram sem dúvida corredeiras, e uma vez chegamos a um lugar onde muitos redemoinhos indicavam a presença de matacões de rochas sob a água, rochas que, não fosse estar o Rio tão avolumado pelas chuvas, se achariam à vista. A distância que percorríamos num dia, indo água abaixo, nos tomaria uma semana se estivéssemos subindo.

O curso do Rio voltava-se ora para um, ora para outro lado, fazendo algumas vezes curvas em "*S*", mas o rumo geral era para Nordeste. Como sempre, tudo era muito belo, mas nunca podíamos dizer o que apareceria ao dobrarmos cada curva. Na mata que se erguia dos dois lados, notavam-se grandes seringueiras. As canoas dos topógrafos, como de hábito, seguiram primeiro, cuidando eu dos dois pares geminados de canoas de carga ([63]).

Eu fazia com que navegassem sempre entre a minha canoa e aquelas primeiras – à frente da minha até que eu passasse por elas, e depois atrás de mim, até que, uma hora ou pouco mais tarde, tivesse eu escolhido local para acamparmos. Havia tanta margem alagada, que naquela tarde levamos algum tempo para achar um lugar plano com elevação bastante para estar enxuto. Pouco antes de alcançarmos o lugar escolhido, Cherrie matou um jacu, belo pássaro um tanto aparentado ao peru, porém bem menor que este. Depois de esfolado por Cherrie, deu uma excelente canja. Vimos bandos de macacos, e as falsas-arapongas davam seus gritos estrídulos na mata densa em torno às barracas. As formigas gigantes ([64]), de três centímetros e tanto, eram aliás por demais abundantes naquele pouso.

---

[63] Canoas de carga: balsas.
[64] Formigas gigantes: tocandiras – Dinoponera gigantea.

Uma delas ferrou Kermit e foi quase como que a picada de um escorpião pequeno, doendo bastante por duas horas. Naquela meia jornada viajamos 12 km. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

05.03.1914 – Embarcamos nas canoas e reiniciamos nossa jornada Rio abaixo, pouco depois do meio-dia. Pouco antes de acampar, atirei num "*jacu*" [Penelope jacquacu ou Spix's Guan] ([65]). Um peru semelhante às Guans [Penélope]. (CHERRIE)

06.03.1914

- Relata Rondon -

06.03.1914 – Daí descemos, no dia 6, mais 19.420 m. Paramos um pouco abaixo da Barra de um Ribeirão, que recebeu o nome de Figueira, e armamos o nosso 7° acampamento, o "*Do Açaí*", porque já ouvíamos o ronco de uma segunda cachoeira, que precisava ser reconhecida.

Neste percurso assinalamos, numa e noutra margem, 18 cabeceiras e 5 Ribeirões. Encontramos também nova pinguela, com corrimão de cipó, construída pelos índios.

Das estações 745 e 746, do levantamento topográfico, avistamos para os lados do Sul uma serra alta, que devia estar distante da margem esquerda do Dúvida, uns 4 quilômetros. Daí por diante, de tempos a tempos, deparavam-se-nos alguns dos seus contrafortes, que vinham até próximo do Rio. (RONDON)

---

[65] Jacu: gênero de aves craciformes. No Brasil, são conhecidas como jacu, e nos Estados Unidos da América como "*guans*".

Imagem 20 – Varadouro

- Relata Roosevelt -

06.03.1914 – No dia imediato, percorremos 19 km, ziguezagueando o Rio para todos os lados, mas com rumo geral um pouco para Noroeste.

Paramos uma vez junto a uma abelheira para tirar mel. A árvore era um gigante altaneiro, da espécie denominada pau-de-leite, porque uma seiva leitosa espessa jorra abundante de qualquer talho. Nossos Camaradas bebiam ávidos o fluido branco que escorria dos golpes de seus machados.

Eu o provei e o gosto não era desagradável, mas deixava na boca um resíduo viscoso. O piloto da minha embarcação, Luiz, um negro musculoso, cortava a árvore, equilibrando-se com ágil desembaraço sobre um jirau improvisado.

O mel estava num oco e era produto de uma abelha sem ferrão, de porte médio. Na boca daquele oco, construíram elas uma curiosa entrada própria da espécie, com a forma de um canudo de cera com palmo e meio de comprido. Na extremidade da abertura, as paredes do canudo mostravam a sua formação de cera, mas no resto se tinha tornado de cor e aspecto que o confundiam com a casca da árvore. O mel era delicioso, doce, com um sabor ácido. O favo diferia muito do das nossas abelhas comuns. As células do mel eram muito volumosas e as das larvas muito pequenas, dispostas em uma só fila, em lugar de duas. Junto àquela árvore, deparou-se-me um exemplo de genuína coloração mimética: um grande sapo sentado ereto – não agachado – sobre um galho podre.

Estava completamente imóvel, com o castanho amarelado de seu dorso e seus flancos escuros harmonizando-se exatamente na cor, com as manchas claras e escuras da madeira; a cor era tão dissimuladora ali no seu meio natural, como a cor do nosso sapo-do-mato, comum, entre as folhas secas de nossas matas. Quando procurei assustá-lo, saltou para um galho fino, agarrando-se nele com os discos das extremidades dos dedos e ali equilibrando-se com inesperada habilidade para tão grande animal; em seguida, pulou para o solo onde outra vez ficou imóvel. Evidentemente confiava, para sua defesa, na dificuldade de ser visto. Encontramos alguns símios e rastos de anta, e Kermit matou um jacu para a panela.

Pelas 15h00, estava eu à frente quando a correnteza começou a acelerar-se. Passamos por um ou dois lugares em que a água se encrespava um pouco, e ouvimos depois adiante o marulho de corredeiras, enquanto a correnteza se tornava mais rápida. Aproamos a canoa sobre o barranco e, descendo por

um carreiro de antas que margeava o Rio, fomos fazer um reconhecimento. Uma caminhada de perto de 0,5 km nos mostrou que havia grandes corredeiras pelas quais as canoas não poderiam descer. Voltamos então ao ponto de desembarque. Todas as canoas ali se reuniram e Rondon, Lyra e Kermit partiram Rio abaixo em exploração. Voltaram passada uma hora, com a notícia de continuarem as corredeiras por longo trecho, com quedas fortes e trechos de água encachoeirada, devendo a baldeação durar vários dias.

Acampamos logo acima das corredeiras. As formigas eram legião e algumas mordiam ferozmente. Nossos homens, ao abrirem a clareira para as barracas, deixaram em pé várias palmeiras altas e esguias; o caule desta palmeira é reto como uma flecha e coroado de palmas delicadas que se encurvam harmoniosamente. Tínhamos percorrido o Rio quase exatamente na extensão de 100 km; e andara o seu curso com tais torcicolos que só nos achávamos apenas a 55 km para o Norte do ponto de partida. As aflorações rochosas eram porfiríticas ([66]). (ROOSEVELT)

[66] Porfiríticas: fenocristais incrustados.

A Cachoeira
(Castro Alves)

Mas súbito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubantes – no álveo do Rio –
Tremem as lapas dos titãs coevas!
Que grito é este sepulcral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?
É o brado atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa! [...]

Então doido de dor, sânie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os vales vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro...
Mas súbito ela às águas o arrastando
Contrai-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante
– Larga sucuruiúba do infinito –
Com as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito!
Hórrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abismo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!

Dilacerado o Rio espadanando
Chama as águas da extrema do deserto...
Atropela-se, empina, espuma o bando...
E em massa rui no precipício aberto...
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto...
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas
Caem de horror no abismo estateladas... [...]

Imagem 21 – Navaité

Imagem 22 – Navaité

Imagem 23 – Navaité

Imagem 24 – Navaité

Imagem 25 – Navaité

Imagem 26 – Navaité

Imagem 27 – Navaité

Imagem 28 – Navaité

Imagem 29 – Navaité

Imagem 30 – O Autor (Jeffrey L.)

Imagem 31 – Ponte Tenente Marques (Jeffrey L.)

Imagem 32 – João "Brabo" e o Autor (Dr. Marc M.)

Os Cinta-Larga

O grupo, originalmente, usava uma larga faixa confeccionada da entrecasca de tauari ([67]) que lhes cingia a cintura e, por isso, os regionais passaram a denominá-los Cinta-Larga codinome que foi adotado pela Fundação Nacional do índio (FUNAI). Na verdade sob a denominação de Cinta-Larga foram aglutinados três grupos distintos, que possuem língua e cultura semelhantes, autodenominados Kabã, Kakin e Mã.

As Terras Indígenas (TI) Cinta-Larga, Zoró e Suruí estão inseridas no Parque Indígena (PI) Aripuanã localizado no Leste do Estado de Rondônia e Noroeste do Mato Grosso somando uma área total de aproximadamente 2,8 milhões de hectares. A FUNAI criou, no último decênio do século XX, quatro TI adjacentes dentro do território ocupado pelos Cinta-Larga – PI Aripuanã, Área Indígena (AI) Roosevelt, AI Serra Morena e AI Aripuanã cuja população está distribuída em 33 aldeamentos. Beto Ricardo & Fany Ricardo, em "*Povos indígenas no Brasil*", relatam:

> ***Questão Cinta-Larga***
>
> Até o final dos anos 1960, os Cinta Larga, ocupavam [e dominavam] uma área de 4,5 milhões de hectares entre os Rios Roosevelt e Aripuanã, repleto de riquezas historicamente exploradas por seu valor de mercado: primeiro como uma província seringueira, depois mineral, depois madeireira e hoje ambas. Foi com seringueiros e garimpeiros que invadiram seu território que os Cinta-Larga contataram os "*zaryj*" [civilizados], em uma região pródiga em borracha, ouro, diamante e madeiras nobres.

---

[67] Tauari: Couratari spp.

Os Cinta-Larga observaram que esses inimigos tinham as cobiçadas ferramentas de metal, sobretudo machados e terçados ([68]), já que no começo desprezavam e não viam utilidade nas espingardas. Justamente aí tem início a "*Questão Cinta-Larga*", na divulgação regional e nacional das riquezas minerais em suas terras e da sua antropofagia, noticiadas na imprensa nos anos 1960.

A FUNAI somente chegaria à região após essas notícias, alguns anos depois de a maioria dos grupos locais Cinta-Larga do Aripuanã e do Roosevelt terem contatado garimpeiros e visitado a estação telegráfica de Vilhena. As primeiras ações desses funcionários foram justamente as de expulsar os "*amigos garimpeiros*" e tomar o lugar deles, inclusive instalando-se em suas casas, dando aos Cinta-Larga as tão desejadas ferramentas – além de remédios e sementes.

Os funcionários do órgão indigenista ([69]) passaram, pouco depois, a organizar a vida aldeã, convocando os Cinta-Larga para o trabalho na roça, no corte de seringa e outras atividades cotidianas, de modo a concorrer com o próprio "*zapivaj*", como é chamado o chefe da aldeia.

No fim dos anos 1980, críticas e ameaças contra a "*mesquinhez*" da FUNAI se tornaram regra entre os Cinta-Larga que foram sendo transformadas em indiferença ao longo desta última década. Por essa razão, os Cinta-Larga substituíram a FUNAI pelos "*amigos madeireiros*", os novos doadores de ferramentas – e moradias, estradas, Toyotas e L200 ([70]).

---

[68] Terçados: facões.
[69] Órgão indigenista: FUNAI.
[70] L200: Camionete Mitsubishi.

> Quando a FUNAI deixou de se comportar "*no registro de zapivaj*", deixando de concorrer com os verdadeiros donos da casa, tudo voltou como antes na ordem sociopolítica Cinta-Larga. Assim, a iniciativa dos contratos de madeira, se no começo dessa atividade [1986-1988] passava pelos funcionários da FUNAI, foi completamente assumida pelos "*zapivaj"* de todas as aldeias quando esses funcionários foram afastados e aqueles que entraram tinham como postura predominante o "*não se meter*".
>
> "*Liberar*" a exploração de madeira ou garimpo para "*pegar dinheiro*", visando atender suas necessidades atuais de bens e serviços [como moradias, saúde, educação] – dado que a FUNAI, falida, não os propiciava, "*como no começo fazia*" – passou a ser a regra dominante da economia política dos Cinta-Larga. (BETO & FANY)

Progressivamente a cobiça desenfreada pelos recursos naturais na TI Cinta-Larga passou a contar com a participação efetiva e ostensiva de funcionários da FUNAI que contavam com o beneplácito dos mais altos escalões do órgão pseudo-indigenista.

As máfias ligadas à exploração madeireira e garimpo passaram a fazer uso de "*contratos*" estabelecendo como moeda de troca com os líderes indígenas corruptos e corruptores, todo o tipo de mercadorias, caminhonetes e dinheiro vivo – fruto da participação nos "*lucros*" que pretensamente dariam respaldo às invasões e outros atos ilícitos.

Desde então o patrimônio cultural, moral e natural dos Cinta-Larga foi sendo sistematicamente dilapidado.

A mídia atual criminalizou o povo Cinta-Larga descurando, como é do seu feitio, das atrocidades que este povo sofreu por décadas até que os Governos Militares ao assumirem as rédeas da nação resolveram dar um basta.

Em 1967, foi instaurada uma Comissão de Inquérito, pelo Ministro do Interior, General Afonso Albuquerque Lima, e presidida pelo Procurador Jáder de Figueiredo Correia (Ministério do Interior - Processo n° 4.483/68), para investigar as irregularidades e crimes cometidos por agentes do extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Retrocedamos, reproduzindo duas excelentes reportagens da "*Revista O Cruzeiro*", de 1968 e 1972, para que possamos entender o contexto histórico e as origens da "*Questão Cinta-Larga*".

O Cruzeiro, n° 19 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 11.05.1968

☠ A Morte Como Destino ☠

[Reportagem Francisco Dias Pinto / Fotos de Douglas Alexandre, Hugo Góes e O Cruzeiro]

No planalto de Vilhena, região da fronteira de Mato Grosso com Rondônia, verdadeiras cidades de palha, construídas quase da noite para o dia, estão surgindo. Quem primeiro as viu foi um pastor protestante americano, que há algum tempo as sobrevoou.

O fato, a princípio, não despertou maior atenção, mas os interessados no problema indígena ficaram curiosos e resolveram estudar o assunto. E chegaram a uma triste conclusão: as cidades foram construídas pelas tribos do planalto [algumas, inimigas tradicionais há muito tempo], que se coligaram para poder sobreviver aos choques com as frentes de civilização que estão explorando minério de cassiterita na região.

No início, a notícia teve apenas uma repercussão local. Mas o sacerdote americano, que esteve recentemente no Rio, procurou o jornalista Queiroz Campos, que atualmente dirige a recém-criada Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e comunicou o fato. Tão logo ficou ciente, o Ministro do Interior designou Francisco Meirelles, um dos nomes mais conhecidos do indigenismo brasileiro, para que fosse a região e fizesse um relatório.

O sertanista está de volta e o relatório já foi entregue. Os resultados das observações são trágicos: área de cinco mil índios, de diversas tribos, esperam, coligados e em sobressalto, o fim das chuvas e o início da baixa das águas dos rios, quando as veredas, caminhos e picadas secarão e ficarão transitáveis, por elas vindo o branco, integrante da "*frente de civilização*", em busca de minério, na terra que outrora pertencia ao índio, agora em luta desesperada para conservar os últimos pedaços que lhe restam.

O Ministro Albuquerque Lima já tomou as providências para que os choques sangrentos não voltem a ocorrer. Ao mesmo tempo que rumores de que a França, apoiada por países socialistas, estaria disposta a denunciar o Brasil na Conferência de Teerã, pelas mortes de índios, divulgadas na imprensa mundial. No distante planalto, mais de cinco tribos esperam que as chuvas acabem e que sua sorte seja decidida. A terra onde mora o índio é inaproveitável? Suas riquezas não podem ser exploradas enquanto ele ali permanecer? Quem responde é o sertanista Francisco Meirelles:

> É perfeitamente possível o aproveitamento da terra sem o sacrifício do seu habitante natural. O índio, em seu estado tribal e autêntico, nas reservas ou parques, deve ser aproveitado para os trabalhos que está habituado a realizar e bem a caça, da qual se origina toda uma indústria extrativa de peles de animais silvestres, a extração de castanha, madeiras de lei, caucho [um tipo de borracha]. Este tipo de aproveitamento é um dos únicos que não provocam muitos choques com o branco. Isto porque ele está saindo de uma forma de vida nômade, com uma economia baseada no sistema primitivo de coleta para um estágio mais elevado de produção, então é necessário que se lhe dê uma atividade que esteja de alguma forma ligada ao tipo de trabalho que sempre realizou para subsistir.
>
> Para isso, têm a palavra os cientistas de um modo geral, economistas, antropólogos, etc, que podem estruturar um método mais racional e humano, de aproveitamento do índio. No caso da extração de alguns minérios, ainda não foi descoberto um meio de aproveitamento direto do índio. Mas isto não quer dizer que ele tenha que sair obrigatoriamente da região, para que ela possa ser minerada. Em nosso ponto de vista, paralelo ao trabalho branco, o índio poderia ir desenvolvendo todas as suas atividades normais [caça, pesca, agricultura], ajudando, inclusive, a resolver o problema de alimentação da frente.

> Quanto ao lucro do minério tirado, seria pago ao índio um royalty, o que seria justo, uma vez que ele é o proprietário da terra. Isto ainda não está se verificando, por vários motivos. Um destes era o desinteresse que tinham nossas autoridades em encontrar uma solução ideal para o problema de sobrevivência do índio e, principalmente, desinteresse e ganância das frentes, que só querem, na realidade, se apossar das terras produtivas. Pela primeira vez, em minha vida de serviços prestados ao índio, vejo um Ministro [General Albuquerque Lima] realmente interessado em resolver o problema. Para os outros ministros que conheci nos meus trinta e cinco anos de serviço, o índio era um estorvo e um entrave a sua administração.

A DENÚNCIA

> Tenho a honra de acusar o recebimento de seu aviso verbal, Confidencial e Urgente n° 20, de 29 de março último, relativo à próxima Conferência de Direitos Humanos e à possibilidade de discussão naquele conclave do tratamento dispensado às populações tribais, no Brasil. Em resposta, apraz-me esclarecer que o encaminhamento do problema, no Brasil, em confronto sobretudo com situações congêneres em outros países, só pode fortalecer, no exterior, a imagem brasileira, no que respeita à democracia racial. Com efeito, os pretensos crimes de genocídio praticados contra índios brasileiros não passam de conflitos muito mais violentos na história de outros povos, entre a cobiça da civilização sem humanismo e a propriedade do silvícola, desequipado mental e materialmente para defendê-la.

Este é o trecho inicial de um relatório contendo informações que o Ministro do Interior, General João Albuquerque Lima, enviou recentemente ao Ministro Magalhães Pinto. Estas informações servirão de base para a defesa que o Brasil terá que apresentar na Conferência de Direitos Humanos, a se realizar brevemente em Teerã, na Pérsia, caso venha a ser

acusado, como especulam alguns observadores internacionais, pela França, apoiada por países do bloco socialista.

Até o momento, nenhuma confirmação de fonte oficial foi feita. Entretanto, o jornal francês "*Le Monde*", além de outros matutinos europeus, vem, ultimamente, atacando sistematicamente o Governo do Brasil, com relação aos problemas dos índios. Para muitos observadores, se tal denúncia vier a ser feita, deixará o Brasil em situação difícil, não pela veracidade ou não dos acontecimentos, mas sobretudo pelo fato de que a questão será julgada por um plenário constituído por grande maioria de países subdesenvolvidos, intransigentes nas questões que afetam grandes coletividades. Em suas informações, o Ministério do Interior sugere que o Itamarati coloque o problema "*à luz da dinâmica das civilizações comparadas, a fim de pôr em evidência a posição favorável do Brasil*". Mas o documento apresenta uma característica de grande honestidade, quando afirma:

> A proteção dos Direitos Humanos, no caso em espécie, tem duas faces: a das violências contra os índios e as das garantias constitucionais em relação aos acusados de sua prática. Nesse sentido, o Ministério do Interior muito apreciaria uma réplica incisiva no plano internacional, a eventuais explorações que se façam contra o verdadeiro estado em que se encontra a apuração das violências, num passado não muito próximo, cometidas contra o índio no Brasil.

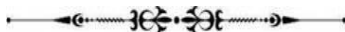
O QUE HÁ DE VERDADE

Diariamente crescem as denúncias e defesas com relação ao Serviço de Proteção aos Índios. Para muitos, ele foi o maior culpado por tudo o que houve.

Outros acham que o que se está procurando fazer é destruir um dos únicos órgãos que ainda se interessam em defender o índio e sua terra. Enquanto isso, cinco mil índios, das tribos Cinta-Largas, Cajabis, Mamandêuas, Beições e Nhambiquaras, além de outras menores da região do Rio Roosevelt, aguardam aflitos a estiagem. A situação, segundo Francisco Meirelles, é de gravidade. Poderá ocorrer com estas tribos o mesmo que já ocorreu com outras, como os Xavantes, que estão hoje, praticamente, despojados de suas terras. O Ministério do Interior está agindo de maneira vigorosa e já solicitou o auxílio do 5° Batalhão de Engenharia e Construções, sediado em Porto Velho, no sentido de que detenha o avanço das frentes. A solução terá que ser estudada de maneira bastante detalhada. Isso porque, quem afirma é ainda o sertanista Francisco Meirelles, o Governo está gerando os seus próprios problemas, na medida em que fornece e possibilita financiamentos e concessões particulares que organizam as frentes, que muitas vezes vão agir [como no caso de uma Aldeia Xavante que foi desalojada de suas terras por uma firma particular de São Paulo que precisava da área para plantio e construções] nas terras do índio, não aparelhando, por outro lado, os responsáveis pela sobrevivência e bem-estar das tribos. Para resolver definitivamente o problema, a FUNAI deverá criar, brevemente, um novo parque naquela região, nos moldes do que já existe no Xingu.

> O ministro está realizando, realmente, um grande trabalho – conclui Francisco Meirelles. – Mas é preciso que fique atento às investidas que sua ação vai desencadear em diversas áreas para que no futuro possa dotar a Fundação de um sistema justo de concessões, em que as terras não permaneçam inexploradas, mas que não seja preciso sacrificar o índio, em favor do desenvolvimento da região em que ele já vivia, feliz, antes do branco. (O CRUZEIRO, N° 19)

O Cruzeiro, n° 03 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-feira, 19.01.1972

☠ Cinta-Larga – A Pacificação Fracassada ☠
[Fotos Hélio Jorge Bucker]

"Às vezes, é mais difícil pacificar um civilizado". João Américo Peret, autor desta reportagem, é um sertanista tarimbado, profundo conhecedor dos índios Cinta-Larga e das selvas, onde trabalhou 23 anos

"Os índios estão atacando na estrada perto de Marco Rondon" – repetia Chico Torres, chefe dos garimpeiros no Rio Barão de Melgaço.

Ele chegara em companhia do Sargento Pinheiro, comandante da Base Aérea de Vilhena e que um ano antes, salvara de possível extermínio os moradores da velha estação telegráfica construída pelo Marechal Rondon, onde estávamos.

O garimpeiro, que mudou completamente de atitude depois que conseguiu apaziguar os ânimos em Marco Rondon, falava de olhos abertos, contando estórias que mais pareciam fruto de sua imaginação:

> Os selvagens, completamente nus, estavam saqueando um caminhão enguiçado perto da gleba Colambra, do sr. Elias Rachid; passei com meu carro a toda velocidade e eles ainda correram atrás, tentando me alcançar. Estão indo para Marco Rondon e a população está em pé do guerra... vai ser uma catástrofe!

Isso ocorria no dia 30 de julho de 1968, às 23 horas. Nesse dia, eu passara separando o material destinado às duas frentes do pacificação da "*Operação Cinta-Larga*", programada pela FUNAI: uma, chefiada por mim, saindo de Vilhena [Mato Grosso] e a outra, chefiada por Francisco Meirelles, que sairia de Pimenta Bueno, em Rondônia. Nosso objetivo era a "*Cidade de Palha*", composta de 21 aldeias dos Cinta-Larga, a qual havíamos localizado de um avião do Ministério do Interior, na região dos Rios Roosevelt o Capitão Cardoso. Com a notícia trazida por Chico Torres, a empreitada ficaria mais simples para mim. Assim pensava eu, por julgar que entraria em contato com os índios. Meu pessoal auxiliar chegaria somente no dia imediato, mas eu havia separado algum material destinado a brindes para os índios. Então, aceitei a carona oferecida pelo garimpeiro e, já alta madrugada, percorremos os 130 quilômetros que nos separava de Marco Rondon.

FRENTE A FRENTE COM OS ÍNDIOS

O dia amanhecia, quando consegui convencer os moradores de Marco Rondon de que teria condições de resolver o problema, estabelecendo contatos amistosos com os índios. A tarefa não foi fácil, pois estavam todos assustados e dispostos a emboscar os Cinta-Larga. Nada conheciam de Índios e por isso poderiam provocar sério conflito, mesmo que os índios viessem em missão de paz. A serviço da FUNAI, a finalidade do meu trabalho era pacificar... E como foi difícil abrandar os ânimos, daqueles "*civilizados*"! Consegui uma carona num caminhão gradeado, destinado ao transporte de gado. O chofer, apavorado com a notícia que corria sobre os Cinta-Larga, não quis prolongar por mais tempo sua permanência ali: fechou-se na boleia o só parou quando lhe dei o sinal. O homem baixou um pouco o vidro e perguntou:

– Que devo fazer? Estou com um medo danado!

Parecia uma criança assustada. Pedi-lhe que esperasse que eu desembarcasse a minha carga, aconselhando-o, dado o seu visível pavor, a fechar o vidro e seguir em frente.

Foi então que ouvi um tiro de espingarda, vindo da gleba Colambra. Olhei e vi, contrastando com o verde do descampado ao lado da estrada, um grupo do pessoas de pele acobreada, composto de homens, mulheres, crianças e adolescentes. Eram os altivos Cinta-Larga e não traziam armas. Corriam em curto acelerado, tranquilos, sem muita pressa e sem medo. Passaram junto a uma cabana e um dos guerreiros, retirando o próprio cocar, atirou-o, num largo movimento, no interior da cabana, como brinde. O grupo não parou e pouco depois desaparecia na selva. Tudo multo rápido, mas profundamente marcante. Essa a minha Impressão.

Joguei no chão os instrumentos de trabalho que colocara na carroceria do caminhão e pulei... Não queria perder aquela oportunidade. O chofer acelerou a viatura e arrancou. Vi então um homem seminu que vinha correndo no encalço dos índios. Estava desarmado e brandia seu chapéu de palha, tentando atrair a atenção dos silvícolas.

Quando me viu, "*Baiano*" – como o chamavam na região – veio ao meu encontro. Não sabia que eu era funcionário do Governo encarregado de manter contato com aqueles índios. Propôs-me ele que saíssemos atrás do grupo para dialogar e travar amizade. Enquanto transportávamos o material para a sua cabana, a mesma onde o índio atirara seu cocar, expliquei-lhe o motivo de minha presença ali. E nós dois, carregando ferramentas e utensílios de cozinha, saímos na trilha dos Cinta-Larga.

ASTÚCIA NAS MATAS

Seguimos os vestígios bem visíveis dos índios: galhos o cipós quebrados e papéis cortados para fazer cigarros, talvez apanhados em alguma barraca de branco. A trilha estava fácil demais para um sertanista como eu, tarimbado, com 23 anos de trabalho nas selvas. Investiguei com mais atenção e vi que os rastros deixados eram apenas de dois guerreiros, feitos com o propósito de confundirmos.

Voltamos e encontramos o local exato onde começara aquela farsa. O grosso do grupo tinha seguido em outra direção. Seguindo as pegadas, agora verdadeiras, fomos encontrando objetos que haviam apanhado nos barracos por onde haviam passado e que, a princípio, julgaram ser alimentos: um latão de lubrificante, uma panela com feijão mal cozido, um pouco de café moído e um punhado de sal. Aquele grupo não conhecia ainda – e nem aceita agora – sal e feijão. Tais iguarias não fazem parte da sua mesa.

A noite já se avizinhava, quando regressamos, sem ter logrado encontrá-los. No barracão de onde partira o tiro, eu soube depois o que acontecera. Os índios haviam surgido na outra margem da estrada e, tranquilamente, se dirigiram para lá, os moradores eram duas mulheres, um homem e um menino, que buscaram logo refúgio seguro. Os Cinta-Larga "*visitaram*" a cabana e foram apanhando objetos, colocando em troca alguns adornos. Nem flechas tinham! Na cozinha, foram provando o que lhes parecia comida e recolhiam o que lhes agradava ao paladar. Num dado momento, um índio tentou entrar no quarto onde estavam as mulheres e uma delas, aterrorizada, fez um disparo de espingarda. O homem, escondido na boleia de um velho caminhão, buzinou com insistência. O disparo e o som rouco da buzina assustaram os índios, que saíram correndo.

Um lavrador, que estava na roça, veio correndo para tentar entrar em contato com eles. Foi assim que perdi a grande oportunidade de travar contato com os Cinta-Larga. Mandei uma mensagem para Marco Rondon e continuei na busca pelas imediações. Descobri um valão e ali estavam um arco, duas flechas e uma borduna, que recolhi para facilitar os estudos sobre esses grupos.

Quando, mais tarde, cheguei a Marco Rondon, encontrei novamente a população alvoroçada e preparada para lutar. Um chofer que por ali passara havia dito que os Cinta-Larga estavam atacando nas Imediações, que eu tinha sido assassinado e que os índios, em pé de guerra, haviam queimado as cabanas. Falavam até de um grupo de mais de 200. Tudo fiz para aquietar os ânimos, mas nem a minha presença ali conseguiu convencer os moradores de que nada de grave havia ocorrido. Tive que ir até Pimenta Bueno e trazer o delegado Ladislau Nunes, que, com seu pessoal, conseguiu desarmar homens e mulheres.

OS ÍNDIOS QUE EU VI

Os índios que eu vi eram bastante robustos: mediam aproximadamente 1,70 m de altura, eram espadaúdos, tinham quadris estreitos devido ao uso constante das cintas que lhes dão o nome, pernas finas e cabelos longos sobre os ombros. Aqui cabe uma observação: tais grupos isolados sempre trazem os cabelos compridos e só os cortam em sinal de luto. Isso é válido para homens, mulheres e crianças, com exceção dos jovens no período da puberdade. Os homens traziam no púbis uma proteção de palha nova de buriti, que se assemelha a um pequeno chapéu e desce em tira encurvada. Nos grupos Parintintin tal proteção é chamada de “*caá*”.

Alguns traziam cocares de penas curtas e braçadeiras estrangulando o bíceps: outros usavam tornozeleiras que pareciam trançada com fios de algodão. Em alguns, notei também que tanto homens como mulheres usavam pinturas de jenipapo, de cor azulada, formando malhas. Alguns traziam colares de sementes ou partículas de coco; outros substituíam a faixa larga da cintura por várias voltas de um cinto de fibras de coco. Algumas mulheres carregavam os filhos escarranchados nas ilhargas e apoiados em uma banda de trançado de fios de algodão, como se fora uma faixa de pano. Todos eram de cor bronzeada.

Naturalmente, esse grupo estava em missão de paz. Os índios de grupos isolados periodicamente abandonam suas aldeias e saem em busca de aventuras que incluem caçadas, contato com brancos, enfim "*turismo*" à moda deles. Dessas surtidas, a mais perigosa é a aproximação com o branco, que geralmente não compreende as intenções dos índios. O grupo que eu vi não trazia armas e, certamente, todos tinham fome, por se, encontrarem longe de suas aldeias e muito próximos das estradas.

Pela quantidade de aldeamentos que sobrevoamos, pelo tamanho das choças que comportam até 150 pessoas, os índios Cinta-Larga podem ser considerados uma nação de grande densidade populacional, não sendo absurdo admitir que sejam superiores a 5 mil, em toda a região onde habitam. Suas aldeias são construídas no meio de uma grande lavoura e gostam de viver em áreas de densas florestas e matas ciliares [vegetação marginal de rios, lagos e lagoas]. Localizam-se principalmente no município de Aripuanã [MT], estendendo seus domínios desde a margem esquerda do Rio Juruena, ultrapassando o Rio Aripuanã, até alcançar a margem esquerda do Rio Roosevelt, já no Território de Rondônia.

A maior densidade do seus aldeamentos está situada entre os Rios Roosevelt e Capitão Cardoso, que depois toma o nome de Tenente Marques, ao Norte de Vilhena. É uma região do boa caça, terra fértil para a lavoura, rica em madeira de lei e seringais, além de minérios, sobretudo cassiterita, ouro o diamante.

Seus vizinhos são: os índios Erigpacisá, Arara, Nhambiquara dos vários grupos – Nenê, Tauitê Anuzê, Tagnani e Mamaindê.

Constatamos que as características físicas e culturais dos índios com que os Meirelles conseguiram fazer um contato eventual, os Suruí, são semelhantes aos dos Nhambiquara, o que nos leva a acreditar que pertençam ao mesmo grupo étnico, muito embora o costume do cobrir o sexo seja também encontrado entre os Parintintin do baixo Madeira.

AGRESSIVIDADE VEM DO BRANCO

Possivelmente devido aos grandes desgastes provocados pelos sucessivos contatos com frentes pioneiras, os Cinta-Larga se mostram, às vezes, agressivos.

Tem-se notícia de que esses índios tiveram seu território invadido milhares de vezes. A ambição leva às áreas dos índios toda sorte de aventureiros: gateiros, coletores [borracha, castanha], garimpeiros e grileiros.

As invasões mais conhecidas são as dos Rios Juína-Mirim, Camararé, Ikê, Aripuanã, este com três frentes: as do Campo 21, Serra Morena e Dardanelos, além de Pedra Bonita, no Juruena; Roosevelt, Riozinho, Igarapé de Lourdes, os três últimos em Rondônia.

É bom relembrar que no passado mais remoto os Cinta-Larga visitarem algumas estações telegráficas instaladas pela Comissão Rondon. Salvo pequenos sustos, não houve atritos. Podem ser citadas as estações de José Bonifácio, Três Buritis, Campos Novos, Barão de Melgaço, Vilhena, todas montadas pelos idos de 1907 a 1910. Quando surgia atrito, este era sempre provocado por pessoas irresponsáveis ou intrujões, como é o caso que relataremos a seguir.

TRÊS BURITIS

Formada a equipe, composta de índios Nhambiquara, saímos de Vilhena em direção à antiga estação telegráfica de Três Buritis. Não foi preciso abrir picadas de penetração, pois seguimos as trilhas abertas, em 1910, pela Comissão Rondon, o que dispensou até mesmo o uso da bússola. Desde os primeiros dias da penetração, começamos a encontrar vestígios da presença, recente, dos Cinta-Larga na região.

Para evitar qualquer surpresa, eu viajava sempre duas horas na frente da expedição. Nos últimos dias de viagem, já perto de Três Buritis, sentimos que estávamos sendo seguidos. Os índios, nunca se aproximaram, davam apenas sinais de que estavam ali nos vigiando... Finalmente chegamos ao ponto desejado e acampamos ali, nos escombros carbonizados da antiga estação telegráfica. Nosso companheiro Nhambiquara Nenê conhecia tudo aquilo, pois trabalhava na estação, que foi queimada, em 1955, pelos Cinta-Larga. Então ele contou:

> Os índios costumavam visitar e estação, aonde chegavam de surpresa. Quando chegavam, os brancos já se tinham refugiado em suas casas. Os índios brincavam, carregavam galinhas, mas sem causar qualquer dano físico ao pessoal do Posto.

> Certa vez, sua chegada foi tão rápida que não deu tempo de fecharem a estação. Os Cinta-Larga entraram, confraternizaram com o telegrafista, visitaram as dependências da casa e apanharam alguma ferramenta. Quando já iam embora, um jovem índio viu um cachorro e gostou dele.
>
> O animal pertencia a um garimpeiro que andava por aquela região. O dono maltratava o cachorro, um vira-lata manso que já tinha o rabo e as orelhas cortados. O índio se faz amigo do cão e resolveu leva-lo para a sua aldeia. Aí começou a tragédia: o garimpeiro de maus bofes matou o índio com um tiro nas costas, desencadeando a guerra...
>
> Durante a noite os índios apanhavam seus mortos e feridos e os brancos e seus auxiliares Nhambiquaras aproveitavam para fugir. Mas três crianças não puderam escapar e ali permaneceram escondidas. Eram meninas Nhambiquara, que viram quando os Cinta-Larga queimaram totalmente a estação.
>
> Quando a estação não era mais que escombros fumegantes, os índios não mais voltaram. As meninas então saíram do seu esconderijo e, viajando sempre durante a noite, seguiram para Vilhena, onde só chegaram duas, pois uma delas morreu de fome pelo caminho.

E aqui o nosso companheiro Nhambiquara termina seu relato.

Prosseguindo em nossa expedição, chegamos à foz do Rio Festa da Bandeira, no Roosevelt. Ali instalamos o primeiro polo de atração. Quando saímos• depois de ter deixado o material para os índios, ateamos fogo ao capinzal para chamar atenção deles. Montamos um segundo polo em Três Buritis e o terceiro no Rio Tenente Marques, usando sempre o processo da queimada para informar aos índios de nossa retirada. Finalmente, chegamos à Vilhena, nosso Centro de Operações.

"Às vêzes, é mais difícil pacificar um civilizado." JOÃO AMÉRICO PERET, autor desta reportagem, é um sertanista tarimbado, profundo conhecedor dos índios Cinta-Larga e das selvas, onde trabalhou 23 anos

CINTA-LARGA

A PACIFICAÇÃO FRACASSADA

Fotos em côres de HÉLIO JORGE BUCKER

FRENTE A FRENTE COM OS INDIOS

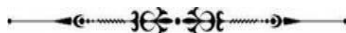
ASTUCIA NAS MATAS

Imagem 34 – O Cruzeiro, n° 03, 19.01.1972

Estava assim encerrada a primeira etapa do processo do pacificação dos Cinta-Larga. A atração ou pacificação de índios só é completa quando o sertanista vai às suas aldeias, caso ainda não registrado com os Cinta-Larga, até a presente publicação.

Possidônio Morreu por Amor aos Índios

✞ A Selva Ainda Guarda o Segredo do Massacre ✞
[Texto: Fernando Pinto / Fotos: Eme Nascimento]

"Escreva dizendo que é mentira morte de maridinho. Loreta". As mãos do sertanista Francisco Meirelles tremem, ao exibir o telegrama da mulher do repórter Possidônio Bastos, cujo corpo foi encontrado às margens do Rio Roosevelt, num subposto da FUNAI

"Escreva dizendo que é mentira morte de maridinho porque agora vou partir para junto dele. Abraços. Loreta".

As mãos do sertanista Francisco Meirelles tremem quando ele exibe o telegrama da mulher do repórter Possidônio Bastos, cujo corpo putrefato foi encontrado às margens do Rio Roosevelt no dia 22 de novembro, admitindo-se que tenha sido flechado pelos índios Cinta-Larga no dia 15 ou 16, justamente quando o subposto de atração do Rooseevelt deixou de se comunicar pelo rádio com o "*Posto 7 de Setembro*", da FUNAI, no Parque do Aripuanã, onde vivem cerca de 5 mil índios nas proximidades da divisa de Mato Grosso e Rondônia.

– Dona Loreta não quer acreditar, mas infelizmente Possidônio morreu.

Diz Meirelles, justamente ele que amava tanto os índios. Francisco Meirelles já deu mais da metade de sua vida aos índios. Ele tem 64 anos de idade, 36 dos quais dedicou ao serviço público na selva. Como tão longo sacrifício conta tempo dobrado para efeito de aposentadoria, Chico já podia estar descansando há muito tempo com vencimentos integrais, mas ainda continua teimosamente na ativa. Hoje ocupa a importante função de delegado da 8ª Inspetoria Regional da Fundação Nacional do Índio, no Território Federal de Rondônia. O velho sertanista só não está totalmente feliz porque é obrigado a ficar a maior parte do tempo sentado diante de uma mesa na pequena sala do velho casarão amarelo da FUNAI, localizado numa rua central de Porto Velho.

– Preferia estar ao lado de Possidônio na ocasião em que ele foi atacado. Não sei se teria evitado a sua morte, mas eu teria feito qualquer coisa por ele, pois eu o amava tanto quanto amo meu filho Apoema, que também era muito seu amigo.

Os olhos cansados de Chico Meirelles se enchem de lágrimas ao relembrar a figura de Possidônio Bastos, o jovem que abandonou o jornalismo para se dedicar aos índios.

– Ele um dia veio fazer uma reportagem aqui e aí se apaixonou pela selva. Isso aconteceu há mais ou menos um ano. Depois ele veio para nunca mais voltar ao Sul e agora vinha também sua mulher Lorota, que mora no Rio.

POR QUE NÃO É FÁCIL SER SERTANISTA

É preciso ressalvar que há uma ordem do presidente da FUNAI proibindo qualquer tipo de entrevista a jornalistas e o acesso de pessoas estranhas à área dos acontecimentos que culminaram com a morte de Possidônio, além do desaparecimento da índia Arara

Maria Agamenon e do telegrafista Acrísio Camilo Lima, que também trabalhavam no subposto de atração do Roosevelt. Francisco Meirelles mostra o rádio de Brasília e justifica com delicadeza "*por que não pode falar com repórter*". Mas seu coração é ingênuo como o de um índio, por isso ele continua conversando no melhor tom de entrevistado.

> – O jovem Possidônio era muito querido por todos, particularmente pelos índios do Parque do Aripuanã. Seu corpo, mesmo putrefato, foi carregado com carinho nos braços dos que o encontraram, que tiveram de caminhar pela selva durante bastante tempo até enterrá-lo no campo de pouso do Rio Roosevelt. E não foram poucas as lágrimas que regaram a estranha morte de meu jovem amigo Possidônio Bastos.

Enquanto não forem recolhidas todas as provas, será prematuro tentar explicar por que, como e por quem Possidônio foi barbaramente trucidado. Sobre a versão de que o jornalista foi morto por civilizados, também é cedo para se fazer comentário, muito embora todos esses detalhes estejam sendo investigados pelas autoridades da 8ª Inspetoria Regional da FUNAI, já agindo com a devida cautela na área vizinha ao Rio Roosevelt. Todo cuidado será pouco para evitar um possível atrito com os belicosos Cinta-Larga, pois o lema do pessoal da C é "*Morrer se preciso for, matar, nunca!*", legado por Rondon.

MASSACRE É FATO COMUM NA SELVA

No relatório que enviou ao General Bandeira de Mello, Presidente da FUNAI, o sertanista Francisco Meirelles presta contas das providências que estão sendo tomadas para apurar o massacre do subposto de atração do Rio Roosevelt, lembrando que esta não foi a primeira e não será a última demonstração da belicosidade dos índios, que às

vezes matam inocentes por causa da ganância de seringalistas e garimpeiros, assassinos e invasores que dificultam ainda mais o já difícil trabalho dos homens da FUNAI.

> – Em 1941, fui chamado para substituir o saudoso sertanista Pimenta Barbosa, trucidado juntamente com a sua comitiva pelos então ferozes Xavantes da serra do Roncador.

Quanto aos índios Ikorem, mais conhecidos como Cinta-Larga, constituem-se em vários grupos, num total aproximado de cinco mil silvícolas que habitam esparsamente os 32.000 km^2 do Parque Aripuanã juntamente com outros cinco mil das tribos Suruí, Araras e Gaviões, num total aproximado de 10 mil índios e 21 aldeamentos. Há cerca de três anos trabalhando junto a esses grupamentos silvícolas, o pessoal da FUNAI conseguiu a façanha de trazer a Porto Velho dois guerreiros Cinta-Larga, que mantiveram encontro oficial com o governador do Território Federal de Rondônia. Posteriormente, foi instalado o subposto de atração do Rio Roosevelt, para onde foi destacado o ex-jornalista Possidônio Bastos, o telegrafista Acrísio Camilo Lima, a índia Arara Maria Agamenon, que funcionava como cozinheira, e mais quatro trabalhadores braçais.

MORTE CONTINUA EM MISTÉRIO

Quase diariamente Possidônio Bastos se comunicava pelo rádio com seu amigo Apoema Meirelles, filho de Francisco Meirelles, chefe do "*Posto 7 de Setembro*", sede da FUNAI no Parque do Aripuanã. Vocacionado para lidar com índios, tanto que trocou o jornal pelo sertão, Possidônio conseguiu conquistar a simpatia de inúmeros silvícolas do Aripuanã, inclusive dos temidos Cinta-Larga. Em setembro último, quando viajou de férias para o Rio, recebeu a honrosa escolta de 17 guerreiros índios, que o levaram pela

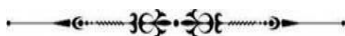
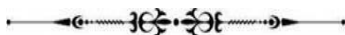
selva até o campo de pouso de Roosevelt, onde hoje está enterrado. Mesmo admitindo a hipótese de que Possidônio tenha sido morto pelos Cinta-Larga, Francisco Meirelles diz que da última vez, em visita à área do Aripuanã, percebeu a hostilidade de alguns grupos.

> – Eles também têm os seus partidos subversivos, e é possível que estes índios rebeldes tenham atacado o subposto do Rio Roosevelt. Por enquanto, porém, tudo é mistério.

Quem deverá trazer a resposta do quebra-cabeças é o sertanista Apoema Meirelles, que se embrenhou na mata para encontrar uma pista que explique a morte misteriosa de seu amigo Possidônio Bastos. Uma das chaves do quebra-cabeças se relaciona a dois fatos estranhos: os corpos da índia e do telegrafista ainda não foram encontrados, pôr isso não podem ser dados como mortos; e a "*sorte*" dos quatro trabalhadores braçais do subposto do Roosevelt, que escaparam pela "*coincidência*" de dois deles terem ficado doentes e os outros dois deixarem o Rio Roosevelt para transportar os companheiros atacados de malária. O sertanista Francisco Meirelles, que está com a saúde bastante abalada com a morte de Possidônio, tem certeza de que seu filho Apoema vai trazer uma resposta da selva.

> – De qualquer forma, Possidónio morreu por amor aos índios. (O CRUZEIRO, N° 03)

Os Kimberlitos da TI Cinta-Larga

Isto É, n° 1.731 – São Paulo, SP
Quinta-feira, 05.12.2002

Lá Está a Riqueza que os Estrangeiros e os Políticos Querem Tirar do meu Povo. Tudo o que Saiu é Pouco. Os Garimpeiros Estão Somente Arranhando a Rocha Maior [Kimberlito], Abaixo do Igarapé, onde está o Grosso Do Diamante. [Tataré Cinta-Larga]

Os kimberlitos são a mais importante fonte de diamantes e sua existência só foi comprovada nos idos de 1866. Kimberlito é uma homenagem a Kimberly, na África do Sul, onde a existência destas miraculosas chaminés foi comprovada pela primeira vez.

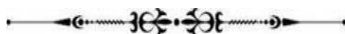
A maioria dos diamantes que encontramos hoje formaram-se há milhões de anos quando violentas erupções de magma trouxeram-nos até a superfície através das chaminés de kimberlito.

Estas chaminés foram criadas à medida que o magma emergia desde as mais profundas fissuras da Terra empurrando os diamantes e outros minerais para a superfície da crosta terrestre. Após o magma esfriar ele deixava atrás de si as características veias cônicas da rocha de kimberlito. Embora alguns de nossos mais ilustres magistrados manifestem-se contrários à exploração mineral nas TI os caciques Cinta-Larga continuam zombando da Lei e gerindo suas terras como se não fizessem parte de nosso País.

A prepotência se deve simplesmente à ausência de medidas coercitivas que os atinjam. A criminosa impunidade no assassinato de mais de uma centena de garimpeiros, a ingerência até mesmo em terras que não lhes pertencem, os "*contratos*" permitindo o garimpo e a exploração madeireira, sem qualquer controle estatal, atentam contra tudo e contra todos.

A perpetuar-se este cenário estaremos permitindo que os nefastos caciques Cinta-Larga transformem, progressivamente, Rondônia numa terra sem lei. (ISTO É, n° 1.731)

Correio Braziliense, n° 14.950 – Brasília, DF

Sexta-feira, 23.04.2004

Massacre no Garimpo foi Aviso, diz Cacique

Os principais líderes da tribo cinta-larga, da reserva Rooseevelt, em Espigão D'Oeste, Rondônia, assumiram ter assassinado os 29 garimpeiros que buscavam diamantes na terra indígena. Eles afirmaram que o massacre foi "*um aviso*" do que pode ocorrer na área. Segundo confirmou o cacique Pio Cinta-Larga, as mortes aconteceram pelo fato de os mineradores não terem obedecido à ordem de não entrar na reserva. "*Isso foi um 'aviso', porque os guerreiros estão cansados de tirar o pessoal do garimpo proibido*", disse Pio, em entrevista. "*Os garimpeiros ficam teimando*". O cacique defendeu a liberação do garimpo apenas para os índios, mas ele próprio e outros três líderes da tribo estão sendo processados por formação de quadrilha e extração ilegal de minério.

Imagem 35 – Correio Braziliense, n° 14.950, 23.04.2004

Os índios confirmaram o que a Polícia Federal [PF] já sabia, mas não descreveram como ocorreram as mortes. Os 29 mortos estavam entre os mais de cem mineradores que extraíam ilegalmente diamantes na área chamada Grota do Sossego. "*Nós não queremos que eles invadam mais. O pessoal entra na área sabendo que é proibido*", afirma o cacique, um dos principais líderes da Roosevelt.

Depoimento

Pio Cinta-Larga será um dos índios que a PF irá chamar para depor, provavelmente depois de sobreviventes serem ouvidos na próxima semana. "*Antes, é necessário acabar com o clima de tensão. A seguir, será iniciada a fase de depoimentos*", afirma o Delegado Federal Mauro Spósito, Coordenador-geral de operações especiais de fronteira da PF e responsável pelas investigações. O cacique cinta-larga responde a quatro processos na Justiça Federal de Rondônia e já foi indiciado em inquéritos na PF nos quais é acusado de ligação com o empresário Marcos Glikas, preso em Porto Velho por contrabando de diamantes.

No inquérito, Pio e os caciques Raimundo, Oita e João Bravo são citados como responsáveis pelas transações com o empresário, que seria o líder de uma grande organização no País.

Outro cacique, Dirceu Cinta-Larga, afirmou que a Fundação Nacional do índio [FUNAI] não tem culpa pelas mortes de garimpeiros na Roosevelt "*A FUNAI não tem culpa, pois foram os próprios índios que fizeram esse serviço [as mortes]*" disse.

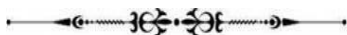
Hostilidade

O coordenador da Força-Tarefa do governo na região, Walter Blós, acredita que os índios foram provocados antes de matar os mineradores. Ontem, dez dos 29 corpos dos garimpeiros assassinados na Semana Santa foram liberados no Instituto Médico Legal. Os exames comprovaram que eles foram mortos por tiros.

Os demais corpos deverão ser reconhecidos por exames de DNA, segundo o IML Na região do garimpo Roosevelt, cerca de 400 homens da PF, PM e outros órgãos federais e estaduais continuam fazendo barreiras para evitar a entrada e saída das Terras Indígenas.

O governo quer legalizar a exploração de garimpo de diamantes na reserva Roosevelt, mas o assunto não é consenso entre os Ministérios. Desde o início de 2003, o governo faz debates sobre a regulamentação da exploração de minérios em terras indígenas. Pela Constituição, os recursos naturais do subsolo brasileiro, incluindo minérios, são patrimônio da União e só podem ser explorados mediante concessão pública. (CB, N° 14.950)

Correio Braziliense, n° 14.951 – Brasília, DF

Sábado, 24.04.2004

Diamantes por Armas

Três líderes cintas-largas – Nacoça Pio, Oita e João Bravo – são acusados de vender diamantes extraídos da reserva Roosevelt, em Rondônia, em troca de armas, como revólveres, pistolas e rifles.

A negociação teria sido feita com o empresário Marcos Glikas, preso em março. Segundo o processo criminal a que eles respondem, o empresário chegou a investir RS 1,27 milhão nas aldeias, antes mesmo de receber as pedras.

Apenas numa das transações, teriam sido negociados 2 mil quilates de diamantes. "*Há indícios claros de que parte dos diamantes foi paga com amas de fogo*", afirmou o delegado Marcos Aurélio Moura, Superintendente da Polícia Federal em Rondônia. Segundo o processo, sob sigilo judicial, foram os próprios índios que solicitaram as armas.

Enterro Coletivo

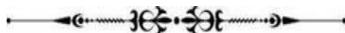
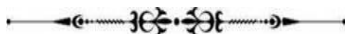
Ontem, oito dos 29 garimpeiros assassinados por cinta-largas dentro da reserva foram enterrados numa cerimônia coletiva, em uma mesma cova no cemitério de Espigão d'Oeste, a 534 km de Porto Velho. Na cidade vizinha de Pimenta Bueno ocorreu um enterro. Outro corpo foi levado para Mato Grosso. Cerca de 300 pessoas, segundo a Polícia Militar, assistiram ao velório.

Em mais uma denúncia contra os Cinta-larga, o Sindicato dos Garimpeiros de Espigão d'Oeste informou que 20 homens são mantidos reféns na aldeia indígena Roosevelt.

A FUNAI em Rondônia negou a denúncia, mas segundo o presidente do sindicato, Gilton Muniz, os garimpeiros feitos reféns são obrigados a trabalhar para os índios, operando máquinas usadas na extração de diamantes durante a noite. De dia ficam amarrados e vigiados. (CB, N° 14.951)

Jornal do Commercio, n° 170 – Rio, RJ

Segunda-feira, 26.04.2004

RONDÔNIA

Chefes Cintas-Largas
são Acusados de Contrabando

[...] O contato de Glikas com os índios era intermediado, segundo a PF por José Nazareno Torres de Moraes, servidor da Fundação Nacional do índio [FUNAI] na cidade de Cacoal [R0].

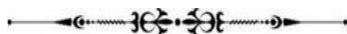
Segundo as investigações da Polícia Federal e do Ministério Público Federal, Moraes tinha um contato próximo com os líderes tribais devido ao seu trabalho indigenista. Além de porcentagem sobre a venda de diamantes, Moraes receberia um caminhão para facilitar a entrada de máquinas na reserva, mas a encomenda foi interceptada pela PF no início deste ano.

De acordo com um integrante da quadrilha que passou a colaborar com os investigadores da polícia, antes da compra de diamantes, Glikas enviou R$ 390 mil ao chefe Pio, R$ 180 mil a Oita e R$ 700 mil a João Bravo, totalizando R$ 1,27 milhão. A testemunha confirmou à PF ao menos quatro compras de pedras, nos valores de R$ 205 mil, R$ 260 mil, R$ 220 mil e R$ 160 mil.

O dinheiro era gasto pelos índios na compra de caminhonetes, relógios, roupas de grife e bebidas. Nas visitas à cidade de Espigão d'Oeste, cada líder indígena também levava presentes para suas mulheres. (JC, N° 170)

Correio Braziliense, n° 14.958 – Brasília, DF

Sábado, 01.05.2004

Risco de Tensão no Pará

[...] Em Rondônia, a Polícia Federal ainda não conseguiu chegar à Grota do Sossego, na reserva Roosevelt, onde 29 garimpeiros foram mortos na Semana Santa. O sindicalista Celso Fantim, do Sindicato dos Garimpeiros de Espigão d'Oeste, garantiu à PF que há ainda pelo menos 14 homens desaparecidos na reserva.

OPERAÇÃO PENTE FINO

A Polícia Federal fará uma operação pente-fino para retirar garimpeiros da Reserva Roosevelt, em Rondônia. Há 20 dias, um confronto entre índios e garimpeiros deixou 29 mortos na Reserva.

O Superintendente da Polícia Federal em Rondônia, Marco Aurélio Moura, anunciou que a partir de segunda-feira será reforçado o efetivo de agentes na área. Atualmente cerca de 60 policias atuam na área, com extensão calculada de 2,7 milhões de hectares. Na próxima terça-feira o Procurador Federal Daniel Farah e o Delegado Federal Mauro Spósito irão a uma das aldeias da Reserva. De acordo com a FUNAI o objetivo é sensibilizar os guerreiros a seguirem as orientações da Fundação e da PF no sentido de evitar confrontos com garimpeiros e suspender as atividades de garimpagem, concentradas em três grotas espalhadas pela Reserva.

A PF diz não ter uma lista oficial de garimpeiros desaparecidos. "*Como era um garimpo clandestino, quem tem coragem entra. Não existe essa lista oficial*", afirmou François René, assessor de imprensa da Polícia Federal. Segundo caciques Cinta-Larga, outro grupo de mineradores está fazendo a extração ilegal de diamantes no local. O Delegado Federal Mauro Spósito, coordenador de operações especiais de fronteira, se reuniu ontem com os líderes indígenas Nacoça Pio, João Bravo e Panderê Cinta-Larga para reforçar a proibição de extração de diamantes, seja por índios ou brancos.

Na próxima semana, Spósito e funcionários da FUNAI entrarão em diversas aldeias para tentar acabar com o clima de tensão, que aumentou após o surgimento da informação sobre a presença de garimpeiros na Grota do Sossego. A PF teme que os mineradores estejam armados e possa haver novas mortes.

Envolvimento

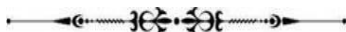
Está em investigação a participação do superintendente da Fundação Nacional do índio [FUNAI] em Rondônia, Valter Glóss, na extração

ilegal de diamantes e na morte dos garimpeiros na Reserva Indígena Rooseevelt. O nome de Glóss foi citado em alguns dos mais de cem depoimentos tomados no estado pelo superintendente da PF, Márcio Mauro, depois que os Cinta-Larga mataram os garimpeiros. Segundo o diretor-geral da PF Paulo Lacerda, não está descartada a participação de narcotraficantes entre os responsáveis por dar suporte econômico ao garimpo na região. (CB, N° 14.958)

Jornal do Brasil, n° 23 – Rio, RJ

Sábado, 01.05.2004

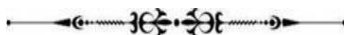
Governo vai Tirar Garimpeiro da Reserva

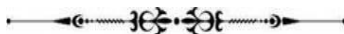
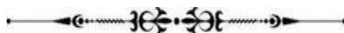
(Hugo Marques)

BRASÍLIA – O Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República [GSI], a Polícia Federal e a FUNAI vão realizar uma operação pente-fino para retirar todos os garimpeiros e invasores da reserva indígena Roosevelt, em Rondônia. No início do mês, 29 garimpeiros foram mortos pelos índios. Na quinta-feira, garimpeiros voltaram a invadir a reserva.

A nova operação foi discutida ontem com os próprios índios, no município de Cacoal [RO], próximo da reserva. Os índios Cintas-Largas haviam denunciado na quinta-feira a presença de cerca de 200 garimpeiros dentro da reserva. Ontem, os índios informaram à Polícia Federal que na localidade conhecida como Grotinha há entre 12 e 30 garimpeiros. A informação não havia sido confirmada pelo GSI até o início da tarde de ontem.

Os caciques Cintas-Largas Nacoça Pio, João Bravo, Panderê e Carlão confirmaram ontem, durante reunião com a Funai, que vão desativar totalmente os garimpos de diamantes dentro da reserva Roosevelt, mesmo os que são administrados pelos índios. A informação foi transmitida aos funcionários da FUNAI na divisa da reserva. Os caciques se comprometeram ainda a não agredir os garimpeiros que eventualmente forem encontrados dentro da reserva. (JB, N° 23)

Jornal do Commercio, n° 207 – Rio, RJ

Domingo e Segunda-feira, 13.06.2005

RONDÔNIA

Governador Aparece em Conversa

Massacre: Fita Mostra que Caciques Avisaram Cassol

Uma fita de vídeo em poder da Polícia Federal mostra que o governador de Rondônia, Ivo Cassol [PSDB], foi avisado por dois caciques Cintas-Largas que haveria mortes no garimpo ilegal de diamantes na Reserva Roosevelt, sete meses antes do massacre de 29 garimpeiros, em 7 de abril de 2004. As cenas mostram que Cassol não tentou convencer os indígenas a não matar e incentivou os caciques a prosseguir a garimpagem, alegando que no mundo "*tudo gira em torno de dinheiro e que é preciso explorar as riquezas*". Na gravação feita em uma aldeia, o governador conversa com os caciques Nacoça Pio Cinta-larga e João Bravo Cinta-Larga.

"*Então é por isso que nós tem medo. Não é o medo de entrar [no garimpo] ... É o medo de nós morrer, nós matar também. A legalização do garimpo, tem possibilidade?*", indaga Nacoça Pio, Cassol diz que sim e explica as vantagens da regularização da atividade ilegal.

Em depoimento à PF após o massacre, o cacique João Bravo Cinta-Larga disse que lideranças da tribo não permitiram que o governador instalasse máquinas para extrair diamantes, por isso Cassol teria retirado os policiais militares responsáveis pela segurança na reserva e incentivado garimpeiros a invadir a terra indígena. A matança aconteceu logo após a invasão.

As primeiras imagens da fita são do governador chegando de helicóptero em uma aldeia. Ele sempre negou à imprensa ter ido ao garimpo e nunca obteve autorização da FUNAI para isso. Com Cassol está o vereador de Cacoal, Chiquinho da FUNAI [PSDB], que também negava ter ido até o local.

O governador entra no escritório da FUNAI e inicialmente incentiva a garimpagem. "*Se não andar com as próprias pernas vocês estão enrolado [sic]. Se vocês não se organizar [sic], ninguém vai fazer nada pra vocês*".

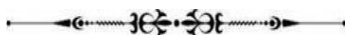
O governador afirma que deseja organizar o garimpo e faz acusações de corrupção à polícia de Rondônia. "*Então vocês poderiam explorar... sem tá precisando comprar policial civil... policial militar*".

Em seguida conta que no dia anterior estava em Brasília onde discutiu "*pesado*" com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e aconselha os caciques a autorizar uma reportagem que mostrasse só aspectos positivos da garimpagem, sugerindo que

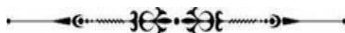
haveria um preço para isso. “Se vocês fossem pagar, ou se eu fosse pagar essa matéria, um milhão não pagaria”.

Citando diversas vezes riqueza e jogo de interesses, Cassol fala dos custos que estaria tendo. “*Eu tô, com uns polícia [sic] ai, só que tem um custo pra isso tudo, eu pago uns 20 mil por mês para esses policiais militares ficarem aqui... e eu tenho que pagar adiantado, senão eles não vêm*”, alega. O governador tenta convencer os caciques de que não adianta esperar ajuda do governo federal “*O negócio deles não é nós aqui não, nem vocês. O negócio deles é fazer a conversa do FMI, do Banco Mundial. Quanto mais pobre o Brasil, melhor para os americanos*”. Cassol explica o que, a seu ver, seria a solução ideal para os Cintas-Largas. “*Eu quero ajudar vocês. Mas pra mim entrar aqui tem que ter autorização de vocês e do governo federal, porque vocês são tutores do governo federal [sic], da FUNAI... então o que podemos dizer é: queremos que o governo do Estado nos ajuda [sic]*”, orienta o governador. (JC. N° 207)

Correio Braziliense, n° 15.652 – Brasília, DF

Terça-feira, 21.03.2006

Governo Finaliza Projeto de Lei Que Autoriza a Extração de Minérios Após Consulta aos Povos e Aprovação do Congresso. Áreas Serão Licitadas

Aval Para Exploração em Reservas Indígenas

[André Carravilla – da Equipe do Correio]

Dois anos após o assassinato de 32 garimpeiros na Reserva Roosevelt, em Rondônia, o governo prepara para enviar ao Congresso Nacional em abril o projeto de lei que permite a mineração em terras indígenas. A proposta, que passará por ajustes no Ministério da Justiça antes de ser levada à Casa Civil, estabelecerá regras completamente diferentes das que estão em vigor para exploração mineral de outras áreas.

O projeto significa também a abertura oficial de cerca de 12% do território nacional para extração comercial. Um negócio que pode render muito dinheiro, já que as reservas estão localizadas regiões com grande potencial mineral, especialmente ouro, cobre, diamante e ametista. Com pressa em quitar esta dívida com os indígenas, o governo admite, inclusive, editar uma medida provisória sobre o tema, que poderia servir especificamente para a Roosevelt.

Para explorar as terras indígenas, as empresas interessadas terão que participar de uma licitação.

"*O projeto vai permitir que a empresa que oferecer melhor proposta para os índios seja a escolhida*", diz o diretor-geral do Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM], Miguel Nery. A licitação será aprovada pelo Congresso, após a Fundação Nacional do Índio [Funai] e o DNPM emitirem laudos sobre o impacto social e o potencial produtivo da área, respectivamente. Nesta fase, os índios também serão ouvidos. As terras só serão leiloadas após o aval dos povos. As empresas vencedoras terão que pagar aos índios pela ocupação das terras, mesmo antes de retirar qualquer minério do solo. A partir do momento que iniciar a extração, parte dos recursos conseguidos com a venda do produto será revertido a favor dos índios.

O valor que as empresas devem repassar aos indígenas não será definido pelo projeto, mas por meio de um contrato. Este modelo é similar ao adotado nas licitações de áreas para exploração de petróleo e gás natural no país.

Fundo

Os recursos recolhidos serão depositados no Fundo de Compartilhamento de Receitas sobre a Mineração em Terras Indígenas, que será criado após a aprovação do projeto. Nery explica que ainda não foi decidido se os valores arrecadados serão destinados apenas à comunidade onde a mineradora se instalou ou revertidos em benefício de todos os índios. O projeto altera a legislação mineral completamente. Pelo atual modelo, em áreas não-indígenas tem prioridade no uso da terra o autor do pedido de pesquisa no DNPM. Após comprovada a viabilidade comercial da exploração, o empresário pede o aval para a extração comercial. "*O projeto evita que isso se repita nas reservas*", sustenta Nery. "*Com o projeto, o pedido para pesquisa vai servir apenas para dar início ao processo*", explica. O DNPM já recebeu 5.970 pedidos de alvarás de pesquisas em terras ocupadas pelos índios. Até agora, nada foi liberado porque a autorização da atividade mineral nas reservas, prevista desde 1988, precisa de uma lei complementar que a regulamente para que comece a valer. De acordo com levantamento do Instituto Socioambiental [ISA], realizado até 1998, pouco mais de 70% dos pedidos são para pesquisa de ouro.

Roosevelt Ainda é Alvo de Garimpo

O assassinato de 32 garimpeiros que atuavam na Reserva Roosevelt, em Rondônia, em abril de 2004, não intimidou forasteiros, que continuam invadindo a área para extração ilegal de diamantes em uma das

maiores jazidas do mundo. Segundo informações do Ministério da Justiça, aproximadamente 300 garimpeiros estariam na terra dos Cintas-Largas, alguns deles comandados pelos próprios índios. Mas segundo cálculos de quem está instalado nas cidades vizinhas, o número é bem maior, de 700 a 1.000 pessoas.

Caciques proibiram a entrada de agentes federais na reserva. Atentos, os policiais evitam ultrapassar as seis bases montadas ao redor da terra indígena. Segundo os caciques, no final de 2005 o diretor da PF para Assuntos de Fronteira, Mauro Spósito, e três agentes foram aprisionados na aldeia de João Bravo Cinta-Larga.

Depois de pintar o diretor da PF com urucu, o que é considerado por eles uma humilhação, um dos caciques, lia, teria segurado uma pena de gavião real e simulou cortar o pescoço do delegado: "*Aqui, nós somos a autoridade*".

Desde então, o contato com os índios tem sido feito por emissários da Fundação Nacional do Índio [Funai], que nas últimas semanas intensificaram o processo de negociação para remover garimpeiros que atuam sob a guarda dos Cintas-Largas, segundo o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto. A iniciativa é parte de uma grande operação que será deflagrada pela PF dentro da Reserva nos próximos dias.

Uma ronda aérea já teria identificado 30 máquinas resumidoras – usadas na extração do diamante – em atividade na Reserva, neste momento. De acordo com Luiz Paulo Barreto, os garimpeiros driblaram a fiscalização e, com uma retroescavadeira, abriram uma nova estrada de acesso às áreas de concentração da pedra. (CB, n° 15.652)

SEGUNDA-FEIRA

CORREIO BRAZILIENSE

R$ 2,00

“NOSSO OBJETIVO É QUE OS ÍNDIOS UTILIZEM BEM OS RECURSOS MINERAIS E QUE AS COMUNIDADES USUFRUAM DA RIQUEZA EXTRAÍDA DO SUBSOLO”

12%

MINERAÇÃO

Empresas e etnias terão que participar de leilões para explorar o cobiçado subsolo das terras indígenas. Governo quer regulamentar atividade para evitar novos conflitos, como os ocorridos em 2004, em Rondônia

Ordem no garimpo

O QUE PREVÊ A PROPOSTA

Um fortuna incalculável

Imagem 36 – Correio Braziliense, n° 16.017, 26.03.2007

Correio Braziliense, n° 16.017 – Brasília, DF

Segunda-feira, 26.03.2007

“Nosso Objetivo é que os Índios Utilizem bem os Recursos Minerais e que as Comunidades Usufruam da Riqueza Extraída do Subsolo”

[Carlos Nogueira da Costa Júnior, subsecretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia]

MINERAÇÃO

Empresas e etnias terão que participar de leilões para explorar o cobiçado subsolo das terras indígenas. Governo quer regulamentar atividade para evitar novos conflitos, como os ocorridos em 2004, em Rondônia

ORDEM NO GARIMPO

[*Clarissa lima da Equipe do Correio*]

Três anos após o assassinato de 29 garimpeiros na Reserva Roosevelt, em Espigão do Oeste, a 543 km de Porto Velho [RO], o governo se prepara para enviar ao Congresso Nacional, até o final do semestre, um projeto de lei autorizando a mineração em terras indígenas.

O massacre dos garimpeiros revelou o lado mais sangrento da disputa pela riqueza no subsolo das terras indígenas Eles foram torturados e mortos por índios cintas-larga descontentes com a atuação dos brancos na exploração de diamante. Hoje, apesar da chacina, cerca de 60 não-índios continuam trabalhando em Roosevelt.

A demora na liberação da atividade mineral em terra indígena rendeu ao governo brasileiro esta semana, um "*puxão de orelhas*" da Organização das Nações Unidas [ONU]. O relator especial da ONU para defesa dos povos indígenas, Rodolfo Stavenhagen, disse que o governo não consegue impedir a invasão das reservas por garimpeiros. Enquanto a regulamentação não é aprovada, garimpeiros e índios trabalham na Ilegalidade, sem proteção nem segurança.

Além da proposta a ser enviada ao Congresso, o governo discute a criação de uma lavra garimpeira indígena. Seria uma saída mais rápida para o

problema, por meio de autorização especifica para as próprias etnias explorarem suas reservas.

O aval seria dado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM]. "*É um Instrumento para dar legalidade, enquanto o projeto é discutido no Congresso, e para evitar que estas áreas continuem sendo terra de ninguém*", justifica Walter Arcoverde, diretor de fiscalização do DNPM.

O esboço do projeto de lei, a que o Correio teve acesso, prevê regras rígidas para quem estiver disposto a explorar os milhões de hectares de reservas indígenas, que correspondem a 12% do território nacional. A partir deste documento, o governo vai iniciar debates com as lideranças indígenas e empresariais para tentar um consenso em torno da proposta, antes de enviá-la ao Congresso.

O QUE PREVÊ A PROPOSTA

O projeto de lei que será apresentado ao Congresso pelo Executivo estabelece regras duras para a mineração em terra indígena. A principal novidade é o leilão para exploração da área. Confira como será o processo:

- Qualquer empresa, associação ou o próprio Executivo pode iniciar o processo para receber a autorização para explorar área indígena;
- Após o pedido, o Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM] elabora um laudo técnico com o levantamento das potencialidades do local;
- Se o parecer for positivo o processo segue para a FUNAI, onde é feito laudo antropológico. Se a área for de Segurança Nacional, como as fronteiras, é preciso ainda a autorização do Conselho de Defesa Nacional;

- ✧A partir deste aval, o Executivo envia o pedido para votação do Congresso;
- ✧Em seguida, é feito o leilão, o vencedor só poderá explorar o minério que foi autorizado. Ou seja, quem pedir para retirar calcário não pode explorar diamante. Terá ainda que obter as licenças ambientais Junto ao IBAMA.
- ✧O mínimo de 3% do rendimento bruto com exploração será repassado aos índios da localidade, além do pagamento pelo uso da área, entre R$ 2 a R$ 4 por hectare;
- ✧É permitido o extrativismo indígena, ou seja, a retirada artesanal de minério pelas comunidades, em uma área de, no máximo 100 hectares. Neste caso os índios não precisam de autorização do Congresso nem de licitação.

REGRAS DURAS

A proposta estabelece um longo trâmite burocrático. A disputa pelo terreno será feita por leilão, após o aval de órgãos federais ligados ao tema, como a FUNAI e o Ministério de Minas e Energia [MME], e a aprovação do Congresso Nacional.

Se um dos órgãos vetar, o pedido é engavetado, antes mesmo de chegar aos parlamentares. O leilão seguirá regras parecidas com as adotadas para a exploração de petróleo e gás natural, onde ganha quem fizer a melhor oferta.

Os índios poderão disputar o leilão, sozinhos ou associados com empresas privadas. Mesmo que não explorem, receberão um percentual mínimo de 3% do rendimento bruto arrecadado na exploração uma espécie royalties. "*Nosso objetivo é que os índios utilizem bem os recursos minerais e que as comunidades usufruam da riqueza extraída do subsolo*",

explica Carlos Nogueira da Costa Júnior, subsecretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia [MME]. Estas regras subvertem a legislação mineral. Atualmente, a concessão de direito para atividade de exploração segue o critério da antiguidade. Ganha o direito de explorar quem primeiro tiver feito o pedido no DNPM. Com o leilão, essa lista de pedidos será extinta e a disputa, zerada.

Quem ganhar o leilão, só poderá explorar o mineral estabelecido no edital e por um tempo determinado, ao contrário do que ocorre em outras áreas onde a autorização não tem prazo para expirar. O governo quer evitar que uma empresa peça licença para extrair um produto de baixo valor e, na prática, passe a retirar uma pedra preciosa, por exemplo.

Para a indústria mineral, o endurecimento das regras pode afastar os investidores. Hoje, o intervalo entre o início da pesquisa do subsolo e a extração do mineral é de 10 anos. "*Se dificultar mais, iremos limitar este tipo de atividade a um modelo arcaico, que não traz lucro para o país nem para os índios*", pondera Paulo Camillo Penna, Presidente do Instituto Brasileiro de Mineração [IBRAM], que reúne as maiores indústrias do país.

Os empresários, até agora, não tiveram acesso ao projeta. E reclamam da falta de diálogo, especialmente com o Ministério da Justiça. "*Este assunto está fechado em copas*", diz Camillo Penna.

Entre os índios não há consenso sobre o projeto. Apesar de também terem poucas informações sobre a proposta, eles defendem que o tema seja Incluído no Estatuto dos Povos Indígenas, que patina há 13 anos no Congresso. As comunidades com rico potencial de minério são as que defendem a rápida liberação da exploração.

EXTRATIVISMO

Uma vitória das comunidades indígenas nestes três anos de debates foi a liberação para que possam realizar o extrativismo mineral, ou seja, a exploração de forma artesanal. Os índios estarão livres da burocracia da licitação, mas terão que cumprir as mesmas regras hoje adotadas para os garimpeiros em atividade de baixa escala de produção.

A justificativa é de que muitas comunidades retiram minerais – argila, por exemplo – do seu território para o próprio sustento. Mas o projeto também libera que os índios possam retirar diamantes. A área máxima permitida é de 100 hectares. Na prática, o governo vai estar legalizando o que já acontece em regiões ricas em minerais preciosos, como a reserva de Roosevelt e a dos Ianomâmis.

A autorização para a exploração artesanal será precedida de uma avaliação do DNPM, que vai verificar o potencial da área e determinar o prazo em que os índios poderão manter o trabalho. O minério retirado poderá ser vendido, e a renda revertida para os índios.

UM FORTUNA INCALCULÁVEL

Os 12% do território nacional que pertencem aos índios escondem um tesouro ainda incalculável. Por serem reservas, as áreas nunca foram alvo de estudos geológicos que comprovassem quais tipos de minérios escondem e em qual quantidade. O que se tem hoje são projeções de que existam riquezas a partir do tipo de rochas encontradas em áreas vizinhas. "Os conflitos mostram que há um grande potencial", afirma Paulo Camillo Penna, Presidente do Instituto Brasileiro de Mineração [IBRAM].

Na reserva Roosevelt, em uma área de 2,7 milhões de hectares, quase o tamanho da Bélgica, pode estar urna das maiores minas de diamante do mundo. Uma fortuna que alguns arriscam ser da ordem de US$ 3,5 bilhões. Em 2004, logo após o massacre de 29 garimpeiros, o governo federal autorizou a venda do diamante retirado ilegalmente na área. Foi montado um posto da Caixa Econômica Federal [CEE] na reserva para recolher as pedras. E o resultado surpreendeu os técnicos. Os índios arrecadaram R$ 700 mil com a venda do minério que tem qualidade comparável aos retirados na África, considerados os melhores do mundo.

Apesar do desconhecimento sobre as potencialidades geológicas, o que não faltam são interessados no subsolo ocupado pelos índios. Até os anos 90, o Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM] já tinha catalogado 5.970 pedidos de empresas para explorar as reservas. Pouco mais de 70% são para retirar ouro e diamante, minerais ricos no norte da Amazônia. Nesta disputa estão gigantes como a Companhia Vale do Rio Doce.

Além de Roosevelt, outras áreas que atraem grande Interesse da iniciativa privada são a Reserva Ianomâmi, com mais de 700 pedidos de pesquisa já protocolados, e as regiões do Alto Rio Negro [AM], Mundurucu [PA, AM e MT] e Baú [PA]. Todas ficam na Amazônia Legal.

Em Roraima, a existência de ouro e de diamante na reserva da Raposa e Serra do Sol transforma a região em outro foco de conflito entre garimpeiros e índios. A liberação da mineração nas reservas indígenas vai permitir que, pela primeira vez, se façam estudos geológicos nestas regiões. Hoje, os técnicos do DNPM são proibidos de entrar ou sobrevoar estas áreas. [CL] (CB, N° 16.017)

Certamente é mais uma Lei que não está nem será cumprida, parece-me que teríamos de começar encarcerando as autoridades do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) que autorizaram este tipo de pesquisa e lavra e disponibilizar maiores efetivos e recursos materiais à Polícia Federal.

24 Horas News – Cuiabá, MT
Terça-feira, 15.07.2014

Extração de Diamantes em Terra Indígena em MT Atrai Conflitos e Mortes, Ladrões, Prostitutas e Contrabandistas.

A partir de agora, devem ser cancelados os requerimentos para realização de pesquisa mineral em Terras Indígenas da comunidade Cinta-Larga e no seu entorno, conforme decisão obtida pelo Ministério Público Federal [MPF] junto ao Tribunal Regional Federal da 1ª Região [TRF1]. No dia 01.07.2014, o Superior Tribunal de Justiça concedeu liminar para retirar efeito suspensivo que impedia a decisão do TRF1 de ser cumprida. Desde a ação civil pública em primeira instância, o MPF demonstrou que as pesquisas e lavras autorizadas pelo Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM] no interior da Terra Indígena têm servido para aumentar a criminalidade na área. Relatório da Polícia Federal [PF] citado nas peças do MPF assinala os conflitos gerados entre garimpeiros, mineradores e indígenas por causa da comercialização ilícita de diamantes extraídos nas terras ocupadas pelos índios Cinta-Larga, com produção avaliada em torno de US$ 20 milhões mensais.

Segundo apuração da PF em Rondônia, a vida dos contrabandistas tem sido facilitada pela concessão de licenças de pesquisas minerais próximas às áreas indígenas pelo DNPM e "*a presença de mineradoras nas áreas circunvizinhas às Terras Indígenas fomenta o contrabando e o crime organizado que atua contrariamente aos interesses indígenas*". A Área Indígena dos Cinta-Larga possui um raro kimberlito – rocha vulcânica onde é encontrado o diamante – que, segundo estudo da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, órgão do Ministério das Minas e Energia, é único no país, podendo gerar uma mina industrial de diamante de gema com capacidade para produzir, no mínimo, um milhão de quilates de pedras preciosas por ano. Além disso, a exploração atrai ladrões de pedras, prostitutas e traficantes para a região. Já provocou a morte de pelo menos cem garimpeiros, índios e contrabandistas nos últimos dois anos, e é responsável por sérios danos ambientais, tais como o assoreamento do Rio Roosevelt. [...] (24HN, 15.07.2014)

El Diamante
(Federico García Lorca)

El diamante de una estrella
Ha rayado el hondo cielo,
Pájaro de luz que quiere
Escapar del universo
Y huye del enorme nido
Donde estaba prisionero
Sin saber que lleva atada
Una cadena en el cuello.

Cazadores extrahumanos
Están cazando luceros,
Cisnes de plata maciza
En el agua del silencio.

Los chopos niños recitan
Su cartilla; es el maestro
Un chopo antiguo que mueve
Tranquilo sus brazos muertos.

Ahora en el monte lejano
Jugarán todos los muertos
A la baraja. ¡Es tan triste
La vida en el cementerio!

¡Rana, empieza tu cantar!
¡Grillo, sal de tu agujero!
Haced un bosque sonoro
Con vuestras flautas. Yo vuelo
Hacia mi casa intranquilo.

Se agitan en mi cerebro
Dos palomas campesinas
Y en el horizonte, ¡lejos!,
Se hunde el arcaduz del día.
¡Terrible noria del tiempo!

P. Ten Marques (KM 100) – KM 252

A um Gérmen
(Augusto dos Anjos)

Começaste a existir, geleia crua,
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto
Das tuas concreções plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra nua,
Vence o granito, deprimindo-o ... O espanto
Convulsiona os espíritos, e, entanto,
Teu desenvolvimento continua!

Antes, geleia humana, não progridas
E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!

Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres
De atingir, como o gérmen de outros seres,
Ao supremo infortúnio de ser alma!

07 a 09.03.1914

- Relata Rondon -

07 a 09.03.1914 – A mudança do 7° para o 8° acampamento foi ser feita por terra, seguindo um caminho da extensão de 490 m, aberto na mata, contornando a cachoeira. Esses trabalhos e 03 preliminares para a varação das canoas fizeram-se no dia 7. A cachoeira constava de 2 saltos principais, distantes um do outro 100 m, precedidos e seguidos de corredeiras perigosas. Os degraus eram formados por um espigão de pórfiro vermelho, que atravessava o leito do Rio normalmente à sua direção.

Reconheci, no dia imediato, que, abaixo do ponto escolhido para saída daquele varadouro, era preciso abrir um segundo, com o comprimento de 180 m. Apesar de nestes trabalhos se empenhar toda a boa vontade do Ten Lyra e do Sr. Kermit, não foi possível termina-los antes do dia 10, Estes acontecimentos causavam grandes contrariedades ao Sr. Roosevelt, que temia resultar de tudo isso maior demora na terminação da viagem e portanto algum prejuízo para os seus projetos de breve regresso aos Estados Unidos. Examinava constantemente o desenho que íamos levantando do caminhamento diário, procurando prognosticar o termo desta e de outras contrariedades. Mas, apesar de tudo, não se afastava uma linha sequer do seu hábito de escrever diariamente o registro das suas impressões de momento e mais algumas páginas do livro destinado a divulgar o que estava vendo e passando nesta travessia dos Sertões brasileiros. Além disso, dedicava algum tempo de cada dia para se internar pela floresta, levando a sua espingarda. Nestas incursões, ia sempre sozinho; e o mais frequente era voltar sem caça alguma, visto como, por sofrer de miopia, não conseguia descobrir de longe os animais, os quais, por sua vez, se espantavam e fugiam quando, procurando ele aproximarse, ouviam o barulho dos seus passos. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

07 a 09.03.1914 – Passamos os dias 07, 08, 09 a transportar as cargas, a arrastar por terra e lançar à água as canoas, desviando-nos da série de corredeiras em cujo início havíamos parado. No primeiro dia ([71]), transferimos o acampamento para baixo daquela série de corredeiras, a 1,5 km Rio abaixo.

[71] Primeiro dia: 07.03.1914.

Era um local pitoresco e encantador, à beira d'água, havendo aí uma pequena enseada com praia de areia compacta. No ponto médio da praia, se erguia d'água um grupo de três palmeiras buritis, cujos grandes troncos se assemelhavam a colunas.

Em volta da clareira onde ficavam as barracas existiam várias árvores muito grandes, entre as quais duas seringueiras. Kermit desceu o Rio pelo trajeto de 05 ou 06 km e voltou com um jacu, tendo verificado que no ponto que atingira a ave, outras corredeiras – quase uma Cachoeira –, exigiam que de novo arrastássemos as canoas para outro transbordo.

Antônio, o Pareci, matou um grande macaco, o que me agradou, pois fazer tais baldeações é serviço pesado, e os homens gostavam de carne. Até então Cherrie havia reunido no Rio da Dúvida 60 aves, todas novas para a coleção e algumas, provavelmente, para a ciência também.

Vimos sinais frescos de pacas, quatis e caititus, e Kermit, com os cães, levantou uma anta que atravessou o Rio mesmo nas corredeiras, mas ninguém conseguiu atirar nela.

Uma canoa bem grande, com carga leve, conseguiria provavelmente descer por aquelas corredeiras, exceto em um ou talvez dois lugares. Mesmo com tal canoa, porém, seria loucura fazer a tentativa, no caso de uma Expedição exploradora, em que a perda de uma canoa ou de sua carga seria um verdadeiro desastre; acresce que semelhante canoa não poderia ser utilizada devido à impossibilidade de arrastá-la nas baldeações, quando estas se tornassem inevitáveis. Quanto às nossas canoas, não flutuariam nem meio minuto naquelas águas revoltas.

No segundo dia ([72]), as canoas e cargas foram levadas para baixo das primeiras corredeiras. Lyra abria a passagem e colocava os roletes de madeira, enquanto Kermit, com o cadernal, arrastava as canoas da água para cima do barranco, à força de cordas e músculos.

Todos então juntavam as forças, pois, sobre aquele terreno desigual, era necessário o esforço de todas as pessoas para se arrastarem as canoas. Nesse ínterim, o Coronel com um ajudante media as distâncias e depois seguiu para uma caçada demorada, mas não achou caça. Eu desci, acompanhando o Rio por espaço de alguns quilômetros, e também nada encontrei. Na densa mataria tropical da Bacia Amazônica é muito difícil caçar, especialmente para quem esteja procurando atravessar a região tão depressa quanto possível. Em uma viagem como a nossa, conseguir caça era, em larga escala, uma questão de sorte.

No dia imediato ([73]), Lyra e Kermit desceram as canoas e cargas, com trabalho ingente, até à praia das três palmeiras, onde estavam as barracas. Numerosas pacovas cresciam em torno e os homens utilizavam suas folhas imensas, algumas com quatro metros de comprimento por quase um de largura, para cobrirem os frágeis abrigos em que armavam suas redes. Entrei na mata, mas, no emaranhado do cipoal, só por mero acaso poderia enxergar algum animal de porte. Em geral, a mata era silenciosa e deserta. De vez em quando, passavam pequenos bandos de aves de espécies várias – pica-paus, papa-formigas, tangarás, tiranos – bem como na primavera e no outono passam nas matas do Norte os bandos de toutinegras, gaios e pegas.

---

[72] Segundo dia: 08.03.1914.
[73] Dia imediato: 09.03.1914.

Sobre as pedras e sobre as frondosas árvores próximas do Rio, existiam grandes orquídeas brancas e lilases – a sobrália ([74]), de perfume delicado e agradável.

Naquele ensejo, meus livros pareciam-me um tanto indigestos e o dia talvez se me tornasse enfadonho, se Kermit não me tivesse emprestado a seleta de poesias francesas de Oxford. Eustáquio Deschamp, Joaquim du Bellay, Ronsard, o delicioso La Fontaine, o delicioso, porém terrivelmente difícil Villon, a Guitarra de Victor Hugo, os versos de Madame Desbordes-Valmore sobre a menina e o travesseiro, os versos mais delicados, sobre uma criança, que se poderiam escrever – estes e muitos outros confortaram-me bastante quando os lia, de gaze na cabeça e luvas, sentado em um tronco, à beira do Rio desconhecido, na floresta amazônica. (ROOSEVELT)

10.03.1914

- Relata Rondon -

10.03.1914 – Afinal, no dia 10, pudemos prosseguir o reconhecimento do Dúvida, para baixo daquelas cachoeiras, cuja maior ficou com a designação de "*6 de Março*".

Não chegamos a percorrer 732 m inteiramente desembaraçados; logo encontramos outro rápido. Felizmente, nele existia um Canal por onde foi possível varar as canoas, descarregadas; as cargas e as pessoas desceram por terra a distância de 403 m, ao fim da qual se puderam embarcar de novo. Ainda assim, a nossa marcha atrasou-se de três horas, que foi o tempo necessário para concluir a passagem.

[74] Sobrália: seu nome homenageia o botânico espanhol Francisco Martin Sobral.

Ao rápido, demos o nome de Jacaré, por ter sido aí que, pela primeira vez, avistamos, no Dúvida, um desses anfíbios ([75]). A uns 607 m abaixo desse rápido, deparou-se-nos outro, que transpusemos sem mais trabalho do que o de descarregar as canoas e fazê-las descer pelos canais, tripuladas por um piloto e um proeiro. Como já fosse bastante tarde, o Sr. Roosevelt opinou que deveríamos fazer alto e acampar. O levantamento acusou para esse dia o insignificante percurso de 1.847 m; estávamos, pois, a mais de 102 km do ponto inicial da Expedição. O Rio apresentava-se-nos com a largura de 100 m, correndo através de solo em que aflorava a diábase ([76]).

Ao nosso 9° acampamento, estabelecido neste lugar, dei a princípio o nome de "*Jacutinga Atirada*", mas, no dia seguinte, tive de mudá-lo para o de "*Quebra-Canoas*". O motivo de semelhante substituição, foi o ter-se, durante a noite, arrebentado a amarra de uma das balsas, que, ficando à mercê da correnteza encachoeirada do Rio, se foi despedaçar de encontro às pedras. Assim perdemos duas canoas e, para as substituir fizemos abater e escavar uma grande árvore, da família das Euphorbiaceas, cuja madeira, denominada Tatajuba, é de cor amarelada. (RONDON)

- Relata Cherrie -

10.03.1914 – As duas últimas das canoas foram arrastadas pelo varadouro "*Rápidos 06 de março*" e nossos equipamentos e suprimentos foram carregados ao meio-dia. Nosso atual Acampamento fica a, mais ou menos, um quilômetro abaixo do último, na margem direita do Rio. No entanto, fica abaixo de outra série de três Rápidos.

---

[75] Anfíbios: répteis.
[76] Diábase: dolerito.

Nós todos caminhamos. As cargas foram desembarcadas e transportadas no primeiro e no terceiro rápido, mas foram carregadas nas canoas para ultrapassar o segundo rápido. Ver os homens descerem a terceira série de Rápidos nas canoas vazias foi bastante emocionante. Ao descer a menor das duas "*balsas*", ela afundou e, para não perdê-la, os barqueiros pularam na água e puxaram-na para a terra. A segunda balsa, formada pelas duas velhas canoas, foi conduzida cuidadosamente e foi passada próxima das margens e abaixo dos Rápidos. (CHERRIE)

11.03.1914

- Relata Roosevelt -

11.03.1914 – Na manhã seguinte, verificamos que, durante a noite, nos acontecera um sério contratempo. Havíamos acampado na base da corredeira e as canoas ficaram amarradas às árvores da barranca, já no remanso.

As duas canoas velhas, embora uma delas fosse a nossa maior canoa para cargas, eram remendadas, e uma delas fazia água. Durante o dia, o Rio subiu de nível, e essa canoa rachada, que mergulhava muito n'água, encheu-se certamente aos poucos com a água que as ondulações lhe atiravam sobre a borda, e afundou-se arrastando a companheira; rebentaram-se então as amarras e desapareceram rolando pelo fundo.

Saiu uma canoa à sua procura e se constatou terem aquelas canoas esbarrado nas rochas do fundo pedregoso, despedaçando-se imediatamente; e seus grandes fragmentos, que em breve foram encontrados flutuando nos remansos ou lançados na praia, indicaram que era inútil procurá-las. Àquela corredeira foi dado o nome de "*Canoas Quebradas*".

Não era coisa agradável precisar deter-nos por alguns dias; devido às corredeiras, tínhamos avançado com lentidão, e era importante apressarmos a viagem, pois nosso suprimento de víveres era necessariamente limitado e nada sabíamos do que nos esperava adiante. Mas não havia outro remédio: tínhamos de fazer uma canoa grande ou duas pequenas. Chovia a cântaros quando os homens se espalharam em várias direções à procura de bons paus para canoas.

Três – que afinal se verificou que não eram muito próprios para o caso – foram achados junto ao acampamento; eram árvores de magnífico aspecto, uma delas com quase 02 m de diâmetro à altura de um metro do solo. Os machados atacaram-na sob a vigilância do Coronel Rondon. Lyra e Kermit partiram a caçar, em direções opostas. O primeiro matou um jacu, que ficou para nós, e o segundo trouxe dois macacos que serviram para os Camaradas. Ao cair da noite, o tempo melhorou. A lua estava quase cheia, e a água encachoeirada exibia um brilho prateado.

Nossos homens eram "*voluntários regionais*", isto é, tinham se alistado nos serviços da Comissão Telegráfica, especialmente para o trabalho no Sertão, com paga elevada, como era justo, em vista das privações, das dificuldades do serviço e do risco para a saúde e para a vida. Dois deles haviam acompanhado o Coronel Rondon na sua exploração de oito meses em 1909, ocasião em que seus homens eram praças do Batalhão de Engenheiros que ele comandava.

Seus quatro auxiliares durante os últimos meses daquela excursão foram os Tenentes Lyra, Amarante, Alencarliense ([77]) e Pyrineus. O naturalista Miranda

[77] Alencarliense: Alencarliense Fernandes da Costa.

Ribeiro também o acompanhou. Foi nesse ano que, seguindo a pé, através de zona totalmente desconhecida, o Coronel e sua comitiva atingiram afinal o Ji-Paraná, que figurava nos mapas [e em muitos ainda figura] com seu curso inteiramente errado, com mais de um grau fora da posição real. Quando chegaram aos afluentes do Ji-Paraná, um terço dos membros da comitiva estava tão enfraquecido pelas febres, que mal podiam se arrastar. Não tinham bagagem e as roupas se achavam em frangalhos, alguns já andavam quase nus. Durante meses não tiveram outro alimento além da pouca caça que matavam e de frutas silvestres e cocos; se não fora a grande abundância de cocos brasileiros, eles todos teriam perecido.

No primeiro Rio caudaloso que encontraram, fizeram uma canoa e Alencarliense nela seguiu para levantar-lhe o curso. Com ele seguiram Ribeiro, o Dr. Tanajura ([78]), que não podia andar devido a uma ferida no pé, 3 homens que a febre inutilizara para caminhar e 6 que ainda se achavam em estado de remar.

Quando o resto da comitiva atingiu o Rio navegável mais próximo, mais 11 homens prostrados de febre quase haviam chegado a seu fim. Ali deram eles com um pobre diabo que estivera perdido durante meses e morria lentamente à fome. Nada havia comido além de cocos e crisálidas de insetos ([79]). Não podia mais andar, apenas conseguia ficar em pé e cambalear por uma pequena distância. Outra canoa foi feita e nela Pyrineus desceu levando os 11 homens doentes e o vagabundo quase moribundo. O Cel Rondon conservava o moral da turma fazendo cumprir a rotina militar. O corneteiro esfarrapado tinha sua corneta.

---

[78] Tanajura: Joaquim Augusto Tanajura.

[79] Crisálidas de insetos: tapurus.

O Tenente Pyrineus perdera toda a roupa, exceto um chapéu e uma ceroula. O Tenente seminu enfileirou seus 11 febrentos, a corneta soou e todos ficaram em posição de atenção para ouvirem o macilento Coronel ler a Ordem do dia. A canoa partiu então Rio abaixo com sua carga de doentes, e os 12 homens restantes continuaram sua caminhada estafante. Quando, uma quinzena depois, encontraram afinal um barracão de seringueiros, 3 homens já estavam inteira e literalmente nus.

Nesse meio tempo, Amílcar tinha subido o Jaci-Paraná um ou dois meses antes com provisões, a fim de encontrá-los, porque nesse tempo os mapas indicavam erradamente aquele Rio como maior, em vez de menor que o Ji-Paraná, Rio que, na realidade, era o que estavam descendo. O Cel achava-se convencida de que descia o Jaci-Paraná. Amílcar regressou depois de passar por grandes provações e perigos. As 2 comitivas finalmente se encontraram na Foz do Ji-Paraná onde este entra no Madeira. O extraviado que fora encontrado estava a caminho de se restabelecer, tendo ficado numa fazenda do Madeira, onde podia receber o tratamento necessário [...]. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

11.03.1914 – Esta manhã verificamos ter ocorrido durante a noite nosso primeiro sério infortúnio! As 2 velhas e grandes canoas, que formavam a maior das duas balsas, romperam as amarras, na noite passada, e espatifaram-se nas rochas. Não há nada que possamos fazer a não ser aguardar a construção de uma ou duas canoas. Isso significa perder tempo e consumir nosso limitado suprimento de víveres. Uma árvore adequada foi logo encontrada, e abatida. Foram medidos 08 m, a partir da base, para a canoa, e o trabalho rendia satisfatoriamente.

É muito cedo para fazer uma estimativa, mas parece que, trabalhando todos os dias até a noite, a construção poderá ser concluída em quatro dias. A coleta não é boa, só consegui uma nova espécie para a coleção. Atirei em um tucano novo, mas que foi completamente arruinado, como espécime, ao cair numa pedra e quebrando o bico. O Cel Rondon esteve durante todo o dia orientando o trabalho e mantendo os homens ocupados na confecção da canoa. A manhã era chuvosa. Os Rápidos daqui foram nomeados pelo Cel Rondon para comemorar nosso infortúnio. (CHERRIE)

12.03.1914

- Relata Roosevelt -

12.03.1914 – Os homens ainda trabalhavam esforçadamente na escavação da madeira resistente do enorme tronco, com machado e enxó, enquanto todos vigiávamos e fiscalizávamos para que os preguiçosos não flanassem ([80]) à custa dos diligentes. Kermit e Lyra voltaram a caçar; aquele conseguiu um mutum, que foi bem recebido, pois estávamos procurando por todos os meios economizar nossas provisões. Comíamos palmitos, também. Passei o dia todo procurando caçar no mato próximo ao Rio, mas nada encontrei. [...] Mesmo assim era agradável percorrer a enorme floresta silenciosa. Aqui e acolá, erguiam-se árvores gigantescas e, da base de algumas, subiam formidáveis sapopemas. As trepadeiras e cipós eram de todos os tamanhos e feitios; alguns retorcidos e outros não; uns caíam diretos de galhos delgados a mais de 30 m de altura; outros, quais longas serpentes, se enroscavam nos troncos das árvores. Outros ainda pareciam cordas cheias de nós.

[80] Flanassem: ficassem ociosos.

Pouco ruído se ouvia na sombra, e o vento raramente agitava o ar quente e úmido. Raras flores e aves. Os insetos eram muito abundantes e ainda quando seguíamos lentamente, era sempre impossível evitá-los – sem falar dos nossos inseparáveis companheiros, as abelhas, as muriçocas e, em especial, os borrachudos ou mosquitos sanguessugas.

Quando atravessava um emaranhado, despertei uma caixa de vespas, que ativamente mostraram sua zanga; em seguida, por descuido, pisei no carreiro de uma pequena horda de formigas carnívoras; a seguir tropecei e, segurando-me a um galho, derrubei uma chuva de formigas de fogo; e, no meio de tudo isto, minha atenção foi particularmente alertada pela picada de uma saúva gigante, que ardia como a de uma vespa, cuja ferroada senti por espaço de três horas.

Os Camaradas andavam em geral descalços ou só usavam sandálias; seus pés e tornozelos estavam feridos e inflamados das picadas dos borrachudos e formigas, e alguns deles achavam-se incapacitados para o trabalho. Todos nós sorríamos menos ou mais, tendo os rostos e mãos ligeiramente inflamados das ferroadas dos borrachudos; apesar da roupa, estávamos com todo o corpo mordido de formigas e de carrapatinhos do mato. Devido à chuva e ao suor, nossas roupas estavam úmidas quando as despíamos à noite, e igualmente úmidas quando as vestíamos pela manhã. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

12.03.1914 – Um belo e claro dia. O trabalho na canoa continua tão rápido quanto poderíamos esperar. O Cel Rondon nunca desvia o foco de seu trabalho. [...] Não fui mais bem sucedido do que ontem e só consegui obter um bom e grande tucano.

Minhas mãos estão consideravelmente doloridas e inchadas. O Borrachudo ([81]) é um inseto que pousa, pica, deixa uma pequena mancha preta, e voa. O Cel Roosevelt matou um "*mutum*". Não há ninguém da nossa equipe que não vá ficar muito satisfeito quando esta viagem chegar ao fim. Há muitas incertezas e obstáculos a enfrentar e a possibilidade de abreviar sua conclusão nos serve de estímulo. (CHERRIE)

13.03.1914

- Relata Roosevelt -

13.03.1914 – Durante todo o dia, os homens trabalharam na canoa, fazendo bom progresso. De quando em quando, todos tinham de ajudar a virar e mudar a posição do enorme e pesado tronco. O trabalho continuava até 22h00, quando o tempo estava claro. À noite, alguns homens seguravam velas, e os outros manejavam o machado e a enxó, em pé ao lado, ou dentro do grande tronco meio escavado; e as luzes vacilantes das velas iluminavam a floresta tropical que se erguia na escuridão circundante. [...] (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

13.03.1914 – [...] Havia rações suficientes para alimentar os Camaradas por 35 dias e as rações preparadas para os membros da Expedição durariam talvez 50 dias. Avaliamos que ainda nos faltem cerca de 600 km a percorrer.

Nestes 15 últimos dias, mantivemos uma média de cerca de 07 km! [...]. Nesse ritmo, vamos ter somente 35 dias de gêneros! Sem sombra de dúvidas, enfrentaremos dias difíceis pela frente. (CHERRIE)

[81] Borrachudo: pium.

14.03.1914

- Relata Rondon -

14.03.1914 – A nova embarcação ficou pronta e foi lançada ao Rio no dia 14. Recomeçamos a navegação às 13h00 continuamo-la até as 17h00, fazendo um percurso de 14.671 metros. Estabelecemos o nosso 10° acampamento num ponto da margem esquerda, onde havia um tucum gigante [Astrocarum tucuman] cortado a machado de pedra, naturalmente por índios moradores nas proximidades deste lugar. [...] o Ten Lyra matou [...] um gralhão, ave da família dos "*Falconídeos*", que nos forneceu a designação do acampamento. Desde o "*Quebra-Canoas*", viemos encontrando o Rio com o aspecto de uma cachoeira continua, sobre leito de diábase. Por esse motivo, tivemos de abandonar o processo, anteriormente empregado no levantamento das estações fixas, e adotamos o das visadas com a canoa da frente em movimento. As florestas modificam-se também: agora, de ambos os lados, vemos numerosas árvores de seringa e de castanhas do Pará, e como o terreno é montanhoso, com certeza o caucho será abundante. Entre as madeiras de lei características da região amazônica, continuam a aparecer muitas das que são peculiares à sub-bacia do Paraguai. Das palmeiras, a Buriti, a Açaí e a Patauá são frequentes e numerosas; a Inajá, a Bacaba, a Tucuman e outras, são mais raras. (RONDON)

- Relata Cherrie -

14.03.1914 – A chuva caía sem parar desde manhã cedo até por volta das 12h00. [...] Minha coleção vai mal. Antes das 12h00, a nova canoa ["*a Arapuã*"] foi lançada às águas, alegrando-nos, ela flutuava muito bem.

Por volta das 13h30, reiniciamos a descida do Rio. A corrente é muito rápida, levando-nos rapidamente adiante. Passamos por um grande número de Rápidos, o que tornou a descida bastante interessante. Dois destes Rápidos eram definitivamente muito perigosos para serem transpostos por uma canoa carregada. A canoa encheu d'água e acabou submergindo! Trabalhei furiosamente para salvá-la. A tarde foi muito satisfatória, rendendo cerca de 15 km. (CHERRIE)

15.03.1914

- Relata Rondon -

15.03.1914 – Deixamos o acampamento do "*Gralhão*", às 07h00 de 15, e como o curso do Rio daí para baixo se nos apresentasse calmo, retomamos o trabalho do levantamento por estações fixas. No entanto, essa calma pouco durou, ao fim de 4.184 metros, às águas começaram, mais uma vez, a correr impetuosas, e iam meter-se por um perigoso Canal de nova cachoeira, de onde saiam em furiosos borbotões. Reconhecida a importância do obstáculo e a impossibilidade de o vencermos de frente, mandei aproar a minha canoa para a margem esquerda e dei ordem à da frente, portadora da mira, que fizesse o mesmo. Apenas em terra, eu, o Ten Lyra e o proeiro Joaquim fomos explorar o traçado de um caminho que nos levasse ao fim da cachoeira, onde desejávamos acampar. Terminado este trabalho, voltamos ao lugar onde estava aproada minha canoa, para providenciar sobre o transporte das cargas. Ao chegarmos, não encontrei o Sr. Kermit, nem vi a sua canoa; perguntei ao piloto Antônio Correia o que havia acontecido, e este respondeu-me que o Sr. Kermit, desatendendo à minha ordem de abicar, havia descido a cachoeira.

Retrocedemos logo sobre os nossos passos em direção à cachoeira. Pouco adiante, vejo que vem correndo para nós o nosso cão Trigueiro, que viajava na canoa da frente. Maior se tornou o nosso desassossego, porque o cão apresentava sinais evidentes de ter estado mergulhado na correnteza. Apertamos o passo e quando íamos alcançar uma ladeira, no fim do caminho, avistamos o Sr. Kermit, que a vinha subindo, todo molhado. O alívio que então sentimos expandiu-se, quase sem vontade nossa, num gracejo; "*Então, magnífico banho! Não foi?*" O interpelado respondeu-nos que havia escapado de morrer e que os outros náufragos, os canoeiros João e Simplício, estavam na margem oposta, onde se tinham refugiado, nadando. A canoa e toda a carga tinham desaparecido na voragem.

Já desoprimidos das apreensões relativas à sorte dos náufragos, pudemos ouvir a narração do Sr. Kermit. Disse-nos que, ao tentar fazer o reconhecimento do Canal, vira a sua embarcação bruscamente colhida pela corrente, ser arrastada para baixo da cachoeira que ali estava e de mais outra que aquela se seguia; correndo, assim, ingovernável, de queda em queda, ela se havia finalmente alagado e submergido.

Havia, pois, uma segunda cachoeira; dirigimo-nos para ela, resolvidos a examiná-la atentamente. Lá chegados, todas as pesquisas que fizemos na esperança de encontrarmos alguma cousa para salvar, foram infrutíferas; sobre as águas e nas margens nada vimos, que pudesse sequer lembrar o naufrágio ocorrido momentos antes.

Eu e o Ten Lyra iniciamos o estudo do varadouro que devia ligar a segunda cachoeira à primeira; o Sr. Kermit continuou aquelas pesquisas, percorrendo a margem, para baixo.

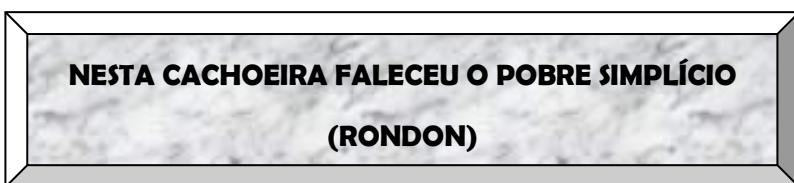
Depois de algum tempo, no caminho que seguíamos, encontramos o canoeiro João que havia, afinal, atravessado o Rio. Contou-nos que o Sr. Kermit depois de haver examinado a cachoeira, ordenara a descida pelo Canal, e, desprezando a informação que se lhe dava, de não ser a passagem praticável, insistiu no seu propósito, repetindo a ordem.

À vista disso, o canoeiro julgou-se na obrigação de obedecer, apesar de saber que aquilo era uma temeridade. Metida na correnteza, a canoa não aguentou: tomou água e alagou-se. João, que a pilotava, querendo salvá-la, saltou para o Rio e procurou sustenta-la, por meio do cabo de amarração, preso na proa. Todos os esforços, porém, foram baldados: a embarcação, arrebatada pelo ímpeto das águas emborcou. Depois, ele a tinha visto descendo, com o fundo para cima, e sobre ela o Sr. Kermit e o Simplício.

Esta narrativa deixou-nos desconsolados: o pobre Simplício não se havia salvo com o João, nem com o Sr. Kermit. Só nos restava uma esperança: era o resultado das pesquisas que estavam sendo feitas para baixo da última cachoeira. Mas essa era tão fugitiva! Ainda assim, mandamos o João auxiliar o Sr. Kermit.

Infelizmente chegou o momento em que nos era impossível continuarmos a acalentar as nossas ilusões: Simplício tinha se afogado! Esta tristíssima certeza desabou sobre os expedicionários, como dolorosa desgraça, que a todos tocava. Ninguém inicia, é certo, uma empresa do gênero desta em que nos achávamos empenhados, sem antes se ter familiarizado com a ideia dos perigos a que se vai oferecer e das inúmeras ocasiões em que se terá de encontrar com a morte.

Não era, pois, o imprevisto de sua chegada o que nos aturdia, mas sim a mágoa de termos perdido um companheiro com quem nos sentíamos irmanados pela comunhão dos trabalhos passados e das privações e esperanças provadas na realização de um objetivo que já pertencia a todas as vontades e a todos os corações. Querendo dar uma expressão a esses nossos sentimentos, perpetuamos o nome do desditoso Simplício nesta cachoeira, no marco quilométrico erguido no acampamento, colocamos a seguinte inscrição:

NESTA CACHOEIRA FALECEU O POBRE SIMPLÍCIO

(RONDON)

- Relata Magalhães -

15.03.1914 – O desastre ocorrido na Cachoeira, que tomou o nome de "*Simplício*", em homenagem à vítima, foi consequência da afoiteza de Kermit Roosevelt e de sua inexperiência. Rondon examinara pessoalmente o obstáculo e, com a indiscutível autoridade de sertanista prático, declarou logo a Kermit que seria em vão tentar a passagem por água, pelo que, internando-se com o Tenente Lyra, foi explorar o terreno para escolha do "*varadouro*".

Kermit, a quem parecera talvez demasiado prudente a resolução tomada pelo Chefe da Expedição Brasileira, examinou a Cachoeira e ordenou aos dois homens que tripulavam a canoa da mira, os exímios canoeiros João e Simplício, a descida pelo Canal.

À objeção de não ser a passagem praticável, insistiu no seu propósito, repetindo a ordem, a que o piloto se julgou na obrigação de obedecer, apesar de ter consciência do perigo a que se iam expor.

Realmente, segundo sua própria narrativa e a do outro sobrevivente, o piloto João, a canoa tomou água e alagou-se logo no começo da temerária descida. O piloto saltara então, para o leito do Rio, procurando sustentá-la pelo cabo de proa, mas o ímpeto das águas venceu os esforços que empregara e a canoa emborcou. Viu ainda João a embarcação, arrastada pela correnteza, águas abaixo, com o fundo para cima, e sobre ela Kermit e Simplício. Precipitada assim, em segundo tombo, sumiu-se, entretanto, e com ela desapareceu para sempre o corpo do inditoso Simplício.

Kermit, felizmente, salvara-se, sem saber como e, de roupas encharcadas, veio ao encontro de Rondon, a quem referiu o risco que correra, devido a sua imprudência de moço. (MAGALHÃES, 1941)

- Relata Cherrie -

15.03.1914 – O infortúnio continua perseguindo-nos, e, ainda nesta manhã, perdemos outra canoa e um dos rapazes morreu afogado. Todo infortúnio é uma tragédia! Kermit tentou passar para o outro lado do Rio muito próximo das Cachoeiras; a canoa foi apanhada por um redemoinho e levada para baixo, através de duas séries de Rápidos. Ela virou na segunda corredeira.

Kermit e João conseguiram chegar à margem, mas Simplício nunca mais foi visto. Além de uma vida, perdemos uma canoa, 10 dias de alimentos e parte das ferramentas para a construção de barcos, além do rifle de Kermit.

A perda de uma vida humana é sempre uma tragédia, mas a perda da canoa e de sua carga foi uma tragédia ainda maior para os membros restantes do nosso grupo. (CHERRIE)

16.03.1914

- Relata Rondon -

16.03.1914 – A amargura e as preocupações que nos deixara tal acontecimento, não conseguiram, todavia, esmorecer os nossos ânimos. Os trabalhos de varação das canoas, contornando a cachoeira por um caminho de 520 metros de extensão, terminaram a tempo de podermos reencetar a viagem às 07h00 dia seguinte, 16 de março, e perseguir o levanta mento topográfico pelo processo das visadas móveis, pois já não dispúnhamos de canoa suficientemente leve para poder manobrar com a mira.

Desta maneira, pudemos percorrer apenas 1.612 metros; nova cachoeira nos fez parar e nos obrigou a reconhecer e abrir mais um varadouro, do comprimento de 910 metros. Preparado este serviço e enquanto os canoeiros transportavam as cargas da parte superior para a inferior da cachoeira, onde estabelecemos o nosso 12° acampamento, tomei a minha espingarda e internei-me na mata, à procura de caça e de castanhas tocari ([82]).

Como de costume, fiz-me acompanhar de um dos meus cães. Segui, a princípio, na direção do poente, subindo um morro existente por detrás do acampamento; volvi depois para o Norte, atingi de novo a margem do Rio e fui acompanhando o curso deste, para baixo. Andados, assim, 1.500 m, cheguei ao ponto em que as águas se repartem entre o leito principal e um pequeno Canal, dando lugar à formação de uma ilha de tamanho regular.

Estava eu do lado do Canal e o ia perlongando, quando ouvi, pouco adiante de mim, os sons carac-

[82] Tocari: "*Castanha do Pará*" ou melhor "*Castanha da Amazônia*".

terísticos da voz do coatá, o maior dos macacos das florestas de Mato Grosso e da Amazônia. Era uma boa caça; convinha abatê-la. Com mil cuidados para a não espantar, agachado entre as moitas de verdura, eu avançava na direção dos sons, perscrutando ([83]) a ramaria do arvoredo. De repente, o meu cão, o Lobo, que me havia tomado a dianteira, enche a solidão de estridentes ganidos de dor. Era evidente que acabava de ser atacado e ferido; com certeza por alguma onça ou queixada, pensei. Mas, logo em seguida, levantaram-se outras vozes, muito minhas conhecidas: eram as exclamações curtas, enérgicas e repetidas em coro, com certa cadência, dos silvícolas, quando, iniciada a luta, começam a carregar contra o inimigo. O Lobo já vinha correndo para o meu lado; os índios perseguiam-no e, pela segunda vez, flecharam-no. O meu primeiro movimento foi socorrer o cão; descarreguei um dos canos da minha espingarda. Esperei alguns instantes e, como me parecesse que a perseguição continuava, pois só ouvia as vozes, sem ver índios, fiz o outro disparo.

Depois, refleti que seria imprudência teimar em acudir ao animal; não o poderia fazer sem me expor a ser visto pelos silvícolas, e isso talvez desse lugar a alguma luta entre mim e eles. Resolvi, pois, voltar para o acampamento; mas, antes de lá chegar já estava arrependido de ter abandonado o meu pobre Lobo e também de não haver tentado aproximar-me dos índios.

No acampamento, esperava-me uma notícia má: ao proceder-se à varação, por água, da "*Aripuanã*", nome da canoa que havíamos lançado ao Rio dois dias antes, o cabo, que servia para a sustentar e dirigir na correnteza, arrebentara e ela havia desaparecido no torvelinho das águas.

---

[83] Perscrutando: contornando.

O que mais me preocupava, porém eram os índios e o meu pobre cão, ferido e abandonado. Narrei ao Sr. Roosevelt e aos demais companheiros o que se havia passado, e convidei o Ten Lyra e o Sr. Kermit para voltarmos àquele lugar, levando machados e contas; se não encontrássemos os silvícolas deixaríamos esses brindes em lugar fácil de serem descobertos, revelando a intenção de quem os havia deixado.

Seguimos, pois, e conosco foi o Paresí Antônio que fazia parte da coluna expedicionária. Chegamos sem dificuldade ao lugar em que os índios tinham estado; era à beira do Canal a que já me referi. Ali encontramos uma vara, em cuja ponta estava amarrado um "*baquité*", ou pequeno balaio, cheio de intestinos de caça. Isso era, evidentemente um instrumento de pesca e o modo de servir-se dele devia consistir em mergulhar na água o "*baquité*", para atrair e ajuntar os peixes; estes viriam acompanhando a isca, quando o operador erguesse com movimento brando, a vara, até poderem ser vistos por outro pescador, armado de arco e flechas; com estas eles seriam feridos e depois facilmente apanhados.

Procuramos outros vestígios, mas só vimos os rastros dos fugitivos, que seguiam na direção de um Igapó existente pouco adiante; nós, porém, não o transpusemos e voltamos ao lugar da pescaria, onde deixamos os nossos brindes, ao lado daquela vara.

Guiados pelas manchas de sangue do Lobo, fomos encontrá-lo sem vida, caído no caminho do acampamento, a uns 300 metros de distância do ponto em que foi atacado. Duas flechas o haviam atingido; uma atravessara-lhe o estômago, abaixo do coração; a outra rasgara-lhe os músculos da perna direita. Da primeira, encontramos a ponta, um pedaço de taquara em forma de lança, farpada, e por ela verificamos não pertencerem estes índios à nação Nhambiquara.

Assim vimos confirmada a suposição sugerida pela árvore cortada a machado de pedra, de ser o Rio da Dúvida, a partir de certa altura, habitada por nova tribo de índios, a respeito dos quais não possuíamos nenhuma informação. Regressamos ao acampamento. O naufrágio da Aripuanã deixava-nos em sérios embaraços. No lugar não havia madeira que se prestasse para construção de nova canoa, e as quatro que ainda restavam eram insuficientes para o transporte do pessoal e cargas da Expedição. O alvitre de se fazer uma jangada foi lembrado e rejeitado. Por fim, adotamos o de carregar o material na flotilha, na qual embarcariam, além dos homens estritamente necessários para o serviço da navegação, o Sr. Roosevelt e o Dr. Cajazeira. Nós outros, em número de 13 pessoas, seguiríamos por terra, margeando o Rio, e durante a viagem tomaríamos as precauções necessárias para evitar que as duas partes da Expedição se afastassem muito uma da outra. Assim avançaríamos até encontrar madeira que servisse para nos dar as canoas de que precisávamos. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

16.03.1914 – Enquanto isso, Cherrie ficou postado acima, e eu embaixo das corredeiras, como sentinelas. Luiz e Antônio Correia desceram com uma canoa sem acidente. A que viria a seguir era a canoa nova, muito pesada e grande, feita de uma madeira mais pesada que a água. A corda que a sustentava arrebentou e a canoa perdeu-se, quase morrendo, Antônio, afogado. Perder a canoa foi prejuízo grande, porém maior ainda foi a perda do cadernal e das cordas. Significava isso que seria materialmente impossível guindar canoas grandes sobre elevações mesmo baixas, morrotes ou pedras, tais como os que com frequência ladeavam as corredeiras que encontráramos.

Não era prudente passarmos os quatro dias necessários à construção de novas canoas no lugar em que estávamos, devido ao perigo de ataque pelos índios. Além disso, as corredeiras seguintes podiam estar muito próximas, e nesse caso, as novas canoas seriam um embaraço. No entanto, as quatro canoas restantes não poderiam levar toda a carga e o pessoal completo, por mais que reduzíssemos as bagagens, pois estávamos resolvidos a tudo reduzir imediatamente.

Tínhamos viajado 18 dias e consumíramos cerca de um terço dos víveres e só havíamos percorrido 125 km, sendo de esperar que tivéssemos ainda de percorrer pelo menos cinco vezes, ou talvez seis ou sete vezes mais, aquela distância.

Em 15 dias, descêramos corredeiras que no total representavam menos de 70 metros de diferença de nível; poucos metros em rampa geram uma corredeira perigosa quando o Rio está cheio. Só possuíamos um barômetro aneroide para determinar nossa altitude e, desse modo, só podíamos ter dela uma aproximação grosseira, mas era provável que tivéssemos de descer mais dois ou três tantos àquela altura, nas séries de quedas à nossa frente.

Até então, a região pouco rendera em matéria de alimentos, com exceção dos palmitos. Tínhamos já perdido quatro canoas e um homem, e nos achávamos em domínios de índios bravios que atiravam bem com o arco. Precisávamos, portanto, seguir com cautela, porém o mais depressa possível, a fim de evitarmos acidentes sérios.

O melhor plano parecia ser descerem 13 homens pela margem, seguindo pelo Rio as 04 canoas restantes, amarradas duas a duas, ao lado deles. Se dentro de três ou quatro dias não encontrássemos

corredeiras muito feias, de modo a termos oportunidade razoável de viajar um bom trecho com velocidade razoável, poderíamos em tal caso construir novas canoas – de preferência duas pequenas e uma grande. Abandonamos toda a bagagem que pudemos dispensar. Já era muito precário nosso conforto, mas, mesmo assim, desistimos da maior parte deste. Cherrie, Kermit e eu vínhamos dormindo numa pequena barraca e havia outra muito leve, para uma pessoa, para caso de emergência. Ficou esta para abrigar minha cama de campo e os outros cinco penduraram suas redes sob a barraca maior. Isto significava que deixávamos para trás duas grandes e pesadas barracas.

Também abandonamos uma caixa com instrumentos topográficos. Cada um arrumou seus objetos pessoais em sacos de viagem ou caixas, embora fosse muito pouca a redução de carga assim conseguida, pois tão pouca coisa tínhamos, que o único meio de conseguir apreciável redução era ficarmos somente com as roupas do corpo. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

16.03.1914 – O Infortúnio persiste! Nestas duas últimas jornadas, conseguimos progredir apenas alguns quilômetros, passando por outra série de Rápidos. As canoas foram conduzidas pela água à sirga. Os Camaradas conseguiram passar quatro delas, mas a quinta e maior, a canoa construída no Acampamento 9 ("*Rápidos Canoa Quebrada*"), perdeu-se. O cabo que a sustinha quando era baixada através dos Rápidos, arrebentou e ela afundou. [...] Nossa situação é realmente preocupante. As Provisões diminuem diariamente. É impossível voltar e o caminho pela frente é, sem dúvida, muito longo. As dificuldades a superar só podem ser avaliadas pelo que já passamos.

No final da noite, após uma longa discussão sobre os procedimentos a serem adotados doravante, resolvemos transformar quatro de nossas maiores canoas em duas balsas. Elas foram carregadas com a nossa bagagem e suprimentos e equipadas cada uma com três remadores e com o Coronel Roosevelt e o médico responsável. Os treze restantes de nós vão caminhar ao longo das margens. É difícil acreditar que todos os expedicionários consigam, um dia, chegar a Manaus. (CHERRIE)

17.03.1914

- Relata Rondon -

17.03.1914 – Conquanto o Sr. Roosevelt não concordasse inteiramente com este plano, que lhe parecia arriscado enquanto estivéssemos na zona dos índios desconhecidos, foi assim que marchamos no dia 17, tendo antes jungido ([84]) as duas canoas que ainda navegavam isoladas [a do levantamento e a do Sr. Roosevelt], de modo a formarem uma balsa, análoga à que as outras duas já formavam.

Na viagem, encontramos uma primeira cachoeira, extensa, de 312 m, que mereceu o nome de "*Boa Passagem*" e em seguida outra, a das "*Sete Ilhas*", que exigiu um varadouro de 408 m.

Logo abaixo desta, encontramos, pela margem esquerda, um Rio, com a largura de 21 m, correndo com a velocidade média de sessenta centímetros por segundo e descarregando suas águas por uma Foz, cuja secção transversal deu a área de 339.760 centímetros quadrados; o volume fornecido, por segundo, correspondia a 20.385 litros.

[84] Jungido: unido.

Dei a este Rio o nome de "*Kermit*", em consideração à pessoa do Sr. Roosevelt. O levantamento acusou 6.460 metros, em relação ao acampamento anterior e, portanto, 123.230 a contar da estaca zero, na Ponte da Linha Telegráfica. Até este ponto, era ainda possível transigir-se com as dúvidas existentes no espírito do Sr. Roosevelt e de alguns outros expedicionários, a respeito da importância do Rio que vínhamos explorando desde o dia 27 de fevereiro.

Mas agora, já não havia motivo nenhum para subsistirem as hesitações, que por tanto tempo haviam trazido suspensos os julgamentos e divididas as opiniões – visto como todas elas nasciam da hipótese, que estávamos vendo não se poder verificar, de ser o Dúvida um simples afluente do Ji-Paraná. E o que, de modo peremptório, excluía essa hipótese, era o fato do Rio não possuir tributário tão considerável como esse que acabávamos de descobrir; o Ji era bem conhecido, e todos nós da Comissão das Linhas Telegráficas sabíamos que ele não tinha, pela margem direita, nenhum contribuinte comparável em grandeza e volume d'água ao que íamos sulcando.

Estava assim reconhecido que o Dúvida era o coletor principal de uma grande Bacia hidrográfica; para mim, desde algum tempo era certo que ele corria diretamente para o Madeira; mas, ainda que fosse para o Tapajós ou para o Amazonas, em nada isso poderia afetar a sua importância, rebaixando-o ao nível da de qualquer tributário de segunda ordem. Achava-se, pois, satisfeita a condição de que dependia o cumprimento da resolução de nosso governo, a mim comunicada pelo Sr. Ministro do Exterior, de perpetuar na Carta do Brasil a memória da viagem.de descobrimentos geográficos do Sr. Roosevelt mediante a adoção do seu nome para designar o Rio explorado. (RONDON)

Imagem 37 – Marco do Rio Roosevelt (FUNAI)

Da esquerda para a direita, Naturalista Cherrie, Tenente Lyra, Capitão Médico Dr. Cajazeira, Coronel Roosevelt, Coronel Rondon e Kermit Roosevelt.

- Relata Roosevelt -

17.03.1914 – De manhã o Coronel Rondon, Lyra, Kermit, Cherrie e nove Camaradas partiram, em fila indiana, descendo pela margem, enquanto o Médico e eu íamos nas canoas geminadas, com seis remeiros, três deles inválidos, por causa dos pés inflamados. Parávamos com frequência, pois descíamos três vezes mais depressa que os pedestres, e desenhávamos o curso do Rio.

Após 40 min de percurso nas canoas, chegamos a algumas corredeiras; as embarcações, descarregadas, venceram-nas sem dificuldade, enquanto as cargas eram baldeadas. Dentro de hora e meia, estávamos a caminho outra vez, porém, dez minutos depois chegávamos à nova série de corredeiras, onde o Rio corria por entre ilhas, dando grandes voltas.

As canoas grosseiras, sobrecarregadas, amarradas aos pares, se tornavam de manobra difícil, custando a obedecer ao leme. A corredeira surgira exatamente ao dobrar de uma curva viva, e fomos apanhados pela parte superior da corrente acelerada, sendo assim forçados a transpor a primeira corredeira da série. No par de canoas da frente, estivemos por um triz ([85]) de nos espatifar de encontro a grandes rochas contra as quais fomos atirados por outra corrente que interferia com a primeira.

Todos nós remando com toda a força – entre esbarros e pulos das canoas – nos safamos das dificuldades por um fio de cabelo, conseguindo alcançar a margem e amarrar as canoas. Por pouco que não houve grave desastre. O segundo par de canoas ligadas, aproveitando nossa experiência, desceu com risco, porém menor, e foi ficar junto a nós. Retiraram-se então as cargas, e as embarcações vazias passaram pelos canais menos perigosos entre as ilhas. Foi uma baldeação demorada e acampamos na base das corredeiras, tendo percorrido quase 07 km. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

17.03.1914 – Partimos de nosso Acampamento, preocupados – 13 de nós caminhando pela margem. Depois de uma caminhada de 05 km, chegamos a mais uma série de Rápidos ("*Cachoeira da Boa Passagem*"), onde tivemos de transportar as cargas por cerca de 200 metros. As canoas vazias passaram facilmente pelos Rápidos. Depois de algumas horas, chegamos a uma segunda série de Rápidos que foram batizadas "*Cachoeiras das Sete ilhas*". Esses Rápidos obrigaram-nos a carregar as cargas por um longo trecho.

---

[85] Por um triz: por pouco.

Ao pé destes Rápidos, na margem esquerda, existe a Foz de um Rio estreito e profundo que o Cel Rondon batizou de "*Rio Kermit*". Montamos nosso Acampamento a jusante da Boca deste Rio. Ficamos muito alegres esta noite, depois de pescar dois excelentes peixes de uma espécie conhecida como pacu. A partir de agora, acho que poderemos esperar ter nosso suprimento de alimentos suplementados por peixes. Também ficamos muito gratos por ter encontrado duas caixas de gêneros dados como perdidos na "*Cachoeira do Simplício*" Finalmente, parecia que nossa sorte estava mudando. (CHERRIE)

No seu livro "*Dark trails: adventures of a naturalist*", Cherrie faz um comentário a respeito das dificuldades enfrentadas pelos expedicionários:

> Um efeito curioso do fato de termos rações tão reduzidas por um tempo tão longo se revelava nas nossas conversas noturnas. Falávamos muito sobre o Rio e seus Rápidos, que estavam sempre presentes em nosso pensamento; mas também falávamos sem parar sobre comida. O Cel Roosevelt sempre queria uma costela de carneiro com rabicho! Quando a comida ficou mais escassa e as coisas começaram a parecer mais sombrias, o Cel e eu tivemos uma porção de conversas sobre o que iríamos comer quando saíssemos dali. Mas acho que nenhum de nós esperava realmente sair dali. (CHERRIE)

18.03.1914

- Relata Rondon -

18.03.1914 – [...] na manhã do dia 18, antes de partirmos do nosso 13° acampamento, publiquei uma Ordem do Dia, cientificando à Comissão Brasileira e comunicando à Americana que, daquela data em diante, se chamaria "*Roosevelt*" o Rio que até então, e desde 1909, denominávamos "*Dúvida*".

Esse ato, com que demos execução à vontade do Governo da nossa Pátria, de prestar mais uma homenagem aos Estados Unidos da América do Norte, na pessoa do seu Ex-presidente, realizou-se com toda a solenidade convinhável ([86]) ao lugar e às condições em que nos encontrávamos. Na mesma ocasião, inauguramos na Foz do tributário recém descoberto um marco de madeira com a inscrição "*Rio Kermit*", além das relativas à quilometragem, número de ordem do acampamento, iniciais da Expedição, e os valores das coordenadas geográficas, que achamos ser, para lat. Austral 11°27'20" e para long. a O do Rio 17°17'02".

Depois desta cerimônia, reencetamos a nossa marcha, divididos ainda em duas turmas, uma pelo Rio com as duas balsas, e a outra por terra. O solo, que desde a cachoeira da "*Boa Passagem*" se nos vinha apresentando formado sobre rocha diábase, passou a ser de granito, a partir da Foz do "*Kermit*". A princípio, foi esse o assunto que mais prendeu a nossa atenção; vínhamos, como de costume, apanhando amostras de pedras, destinadas a serem posteriormente examinadas e classificadas pelo Dr. Euzébio Paulo de Oliveira, geólogo da Comissão Brasileira. Mas, pouco depois, começamos a encontrar vestígios recentes dos índios. Primeiro, foi um tapiri, feito segundo o tipo usado pelos Urumi e Pauatê, tribos do Ji-Paraná; depois, foi um conjunto de três ranchos, pequenos e baixos, de forma abaulada, inteiramente cobertos e fechados por folhas de palmeira. Cada um deles possuía uma só abertura, ou porta muito pequena, que se disfarçava por baixo das folhas da coberta, deixadas propositalmente pendentes sobre ela. Como era de esperar de tal modo de construção, no interior das palhoças reinava densa obscuridade.

---

[86] Convinhável: conveniente.

O mais interessante, porém, era dispositivo do conjunto: dos três ranchos, dois estavam colocados paralelamente entre si e escalonados; o terceiro corria perpendicularmente a esses, apoiando-se lateralmente na extremidade de um e abicando o outro, quase no começo da sua parede interna. Desta maneira, se eles fossem atacados por certos lados, um, pelo menos, ficaria coberto pelos outros dois, e, assim, invisível aos assaltantes, poderia servir para refúgio das mulheres e crianças.

Do exame de todas estas coisas, porém, o que mais me interessava, era a indicação de se acharem os índios do Rio Roosevelt relacionados com as tribos do Ji-Paraná, porque isso me facilitaria, de futuro, o trabalho de os atingir, pacificar e proteger.

Continuamos a marcha e, depois de percorridos 5.280 m, a contar da Foz do Kermit, encontramos segundo Rio, que entra no Roosevelt, do lado direito, por uma cachoeira de 2 m de altura e 30 de largura. Não pudemos fazer, deste novo tributário, mais do que um pequeno reconhecimento, ao longo da sua margem esquerda, por ser de toda a necessidade atendermos ao desejo do Chefe da Comissão Americana, relativo à aceleração da nossa viagem. No entanto, vendo-o descer de Sudeste, na direção de Noroeste, presumimos que corresponda à cabeceira por nós designada no Chapadão, com o nome de "*Marciano Ávila*".

Descemos ainda ao longo do Rio Roosevelt mais 3.060 m, ao fim dos quais nova cachoeira exigiu o transporte das cargas por um varadouro da extensão de 640 m. Resolvemos instalar nesse lugar o nosso 14° acampamento, que recebeu o nome de "*Duas Canoas*", por termos descoberto duas araputangas de bom porte para nos fornecerem as embarcações de que necessitávamos. (RONDON)

- Relata Cherrie -

18.03.1914 – Esta manhã, antes de partirmos do "*Acampamento Rio Kermit*", o Coronel Rondon colocou todos os membros da Expedição em forma para a leitura da "*Ordem do dia*". O marco do Acampamento foi adornado com uma placa oval de madeira de lei polida com a legenda "*Rio Kermit*". O Cel Rondon, através da "*Ordem do Dia*", oficializava o nome do afluente do Rio da Dúvida, encontrado ontem, como Rio Kermit. Dando continuidade ao cerimonial, ele afirmou que, doravante, o curso d'água, conhecido como Rio da Dúvida, seria denominado Rio Roosevelt. Três vivas foram dados em homenagem a Roosevelt e aos EUA, a Rondon e à Comissão Telegráfica. Após a cerimônia, que seguiu a mesma rotina de ontem, encontramos uma trilha bem marcada ao longo do Rio, a qual facilitou muito o nosso deslocamento. [...] Concluímos o transporte das cargas tarde demais e, por isso, decidimos montar um novo Acampamento. A busca na mata próxima ao Acampamento identificou uma considerável quantidade de Araputangas ([87]), árvores adequadas para a construção de canoas. Duas destas belas árvores foram selecionadas e permaneceremos neste local o tempo suficiente para a construção de duas canoas. (CHERRIE)

19 a 21.03.1914

- Relata Rondon -

19 a 21.03.1914 – Iniciada a construção no dia 19, já na tarde de 21 lançávamos à água as novas canoas "*Esbelta*" e "*Chanfrada*", que nos permitiram retomar os nossos trabalhos de reconhecimento na manhã seguinte. [...]

---

[87] Araputangas: Swietenia macrophylla.

Assim percorremos 9.970 m, transpondo primeiro, com pequeno trabalho, uma cachoeira formada pelo afloramento do pórfiro quartzoso, e chegando depois à outra muito mais importante, de dois paredões de diábase, que precisava ser contornada por um varadouro de 850 m.

A esta última demos o nome de "*Cachoeira da Felicidade*"; e aí estabelecemos o nosso 15° acampamento.

Armadas as barracas, pediu-me o Sr. Roosevelt uma conferência, para expor o seu pensamento sobre o modo por que deveríamos conduzir os trabalhos da Expedição.

A sua opinião era que os chefes de empreendimentos de certa importância não se deviam ocupar com os detalhes da obra a realizar, mas somente com a determinação dos pontos principais e na medida necessária para caracterizá-la em seus traços gerais, abrindo e desbravando o caminho para os operadores especiais, que não tardariam a vir preencher os claros correspondentes àqueles detalhes.

Isto posto, ele opinava pela conveniência de ser retomado o levantamento expedito.

Respondi que ali estávamos para o acompanhar e guiar na travessia do Sertão e que, portanto, executaríamos os serviços de acordo com os seus desejos; empregaríamos os maiores esforços para lhe dar a satisfação de ver reduzido ao mínimo possível o tempo que ainda tinha de gastar nesta Expedição.

Por tal motivo, o levantamento topográfico prosseguiu sem podermos retirar todo o proveito dos recursos técnicos de que dispúnhamos e com os quais vínhamos realizando um trabalho bastante exato e rigoroso. (RONDON)

Imagem 38 – Tenente Lyra – Varadouro (K. Roosevelt)

- Relata Roosevelt -

19 a 21.03.1914 – Três semanas se tinham passado desde nossa partida descendo o Rio da "*Dúvida*". Havíamos percorrido seu curso sinuoso pelo trajeto de 190 km, com uma queda de nível avizinhando-se de 124 m. Fora um avanço moroso. [...] Enquanto eram construídas as canoas, desci pela manhã com Kermit, a pé, a fim de examinarmos as corredeiras alguns quilômetros abaixo. Achamos vestígios antigos de índios. Poucas aves havia e estas se conservavam no alto do arvoredo. Vimos rastos frescos de uma anta e, sob uma cajazeira ([88]), as pegadas de capivaras que estiveram comendo as frutas caídas. Essa fruta é deliciosa e constituiria uma valiosa contribuição para os nossos pomares. A cajazeira, embora tropical, é uma árvore robusta, desenvolve-se muito quando cultivada fora do mato e facilmente pega de galho.

---

[88] Cajazeira: cajá, taperebá – Spondias mombin ou Spondias lútea.

Nossa secretaria da agricultura devia verificar se ela se aclimataria no Sul da Califórnia e na Flórida. O nome de família do Médico provinha dessa árvore. Seu avô paterno, embora de sangue português, era um Brasileiro de vivo patriotismo. Muito moço, quando foi proclamada a independência do Brasil, não quis conservar seu apelido português, e por isso o substituiu pelo da bela árvore Brasileira em apreço. Essas mudanças de nomes são comuns no Brasil. O Dr. Vital Brasil, o homem que estuda o veneno das cobras, teve o nome escolhido por seu pai, cujo próprio nome de família era inteiramente diferente, sendo ainda diverso o nome de seus irmãos. [...]

O Rio tinha serpeado de tal sorte que, viajando meia légua, avançávamos um quarto de légua para o Norte. Nosso progresso tinha sido muito vagaroso; enquanto não saíssemos da região das corredeiras, que se sucediam, não era provável que pudéssemos adiantar-nos com maior rapidez, tais os trabalhos e riscos que elas nos traziam. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

19.03.1914 – Na noite passada, passei muito mal com uma indigestão que me acometeu por algumas horas. Não acredito que já tenha tido tão terrível dor de cabeça, achei que minha cabeça fosse estourar. Acho que o Coronel Rondon estava apreensivo em relação aos índios; ele levantou-se antes das 02h00. As duas árvores foram derrubadas e progredia bem a fabricação das canoas. (CHERRIE)

20.03.1914 – Há muito pouco para ser reportado hoje. São raras as aves nas cercanias do Acampamento e não consegui uma única pele. O trabalho nas canoas continua evoluindo bem. Uma canoa está pronta e a outra deverá estar concluída até às 12h00 de amanhã.

Com estas 2 novas canoas, espero que avancemos um pouco mais rápido. Descobrimos hoje que um dos Camaradas tem roubado nossas rações de emergência. Quinze caixas tinham desaparecido. (CHERRIE)

21.03.1914 – Esperávamos partir hoje, mas os trabalhos nas canoas foi retardado e, finalmente, o Cel Rondon confessou que era necessário realizar mais algumas observações para Latitude etc. [...] Hoje, nós, americanos, ficamos agradavelmente surpresos ao tomar conhecimento que o Rio Aripuanã já era conhecido até 08° 48' S – um ponto que servia de limite entre as fronteiras que entre os estados de Mato Grosso e Amazonas. Desta maneira, temos uma distância muito menor até nosso destino final do que esperávamos. Aripuanã é o nome do curso inferior cuja parte superior é o Rio Roosevelt. O Aripuanã tem suas próprias nascentes a algumas milhas a Oriente das cabeceiras do Roosevelt. (CHERRIE)

- Relata Viveiros -

21.03.1914 – Andava o Sr. Roosevelt muito preocupado. Resolveu-se, finalmente, a ter comigo uma Conferência:

– Roosevelt: Kermit teve a inaudita felicidade de escapar com vida do acidente em que pereceu Simplício. Não me conformo em ver a vida de meu filho ameaçada a cada momento, pela presença de índios, mais do que a qualquer membro da Expedição, uma vez que sua canoa vai à frente. Não convém continuar com tal processo para descobrir a verdade sobre o Rio da Dúvida. É preciso limitar-nos ao levantamento expedito, porque os chefes, num grande empreendimento, como este, só devem se ocupar com a determinação dos pontos principais.

- Rondon: Isso, pessoalmente, não me será possível. Mas estou pronto a orientar a travessia do Sertão pelos seus desejos, reduzindo ao mínimo o tempo da Expedição.

- Roosevelt: Os grandes homens não se preocupam com minúcias...

- Rondon: Nem sou um grande homem, nem se trata de minúcia. O levantamento do Rio é elemento indispensável, sem o qual a Expedição, no que me toca, terá sido inteiramente inútil.

Afinal propus:

- Rondon: O Sr. Kermit não irá mais à frente.

E assim chegamos ambos a um acordo, concluindo o Sr. Roosevelt:

- Roosevelt: Conheci, em minha vida, dois grandes Coronéis: o que resolveu o problema do Canal do Panamá e ... Rondon. (VIVEIROS)

22.03.1914

- Relata Roosevelt -

22.03.1914 – De manhã, partimos com as nossas seis canoas e percorremos 10 km. Vinte minutos após a partida, chegáramos às primeiras corredeiras. Todos seguiram a pé, exceto os três melhores remadores que levaram as canoas, uma após outra, em uma hora de trabalho. Logo depois encontramos uma colmeia na copa de uma árvore que pendia sobre o Rio; nosso piloto subiu para tirar o mel, mas ah! – perdeu tudo ao descer. Chegamos a um pequeno salto a prumo, no qual não nos atrevemos a descer nas canoas sobrecarregadas, toscas e instáveis, como eram. Por fortuna, foi possível seguirmos por um Braço profundo, que dava voltas por espaço de

um quilômetro, reentrando no Rio a 50 m de distância de onde partira, exatamente abaixo do salto. Depois de hora e meia de navegação, a contar da partida, deparou-se-nos uma longa série de corredeiras que nos tomou seis horas para a descida, e acampamos, por isso, junto ao remanso inferior. Tudo foi retirado das canoas e estas desciam uma após outra, sustentadas pelas cordas e, mesmo assim, quase perdemos uma. Descemos pela margem direita.

Na oposta, havia uma taba de índios, evidentemente só habitada na época da estiagem. Os talhos em troncos de árvores indicavam que esses índios possuíam machados, facões e roças antigas em que milho, feijão e algodão tinham sido cultivados. [...] (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

22.03.1914 – Nós, finalmente, partimos do Acampamento 14, por volta das 08h30. Depois de vinte minutos de navegação, chegamos a uma corredeira que foi ultrapassada com razoável sucesso com as canoas carregadas. Executando esta primeira série de Rápidos esta manhã, escapamos, por pouco, de uma catástrofe. Uma das balsas encheu d'água, os homens saltaram ao mar e, se não fosse a ajuda oportuna de um dos tripulantes dos outros barcos, algumas de nossas provisões teriam sido perdidas. Às 12h00, chegamos às cabeceiras de uma longa série de Rápidos [chamados "*Cachoeiras da Felicidade*"] e acampamos, à noite, a jusante deles. Os homens conseguiram conduzir as canoas [vazias] pelos Rápidos. O transporte do material e equipamento foi, porém, quase de um quilômetro e só foi concluído perto do anoitecer. Consegui um novo pássaro, provavelmente um parente próximo do Sayornis [Tyrannidae]. (CHERRIE)

23.03.1914

- Relata Rondon -

23.03.1914 – Da cachoeira da Felicidade, partimos, às 07h00 de 23. Mas, logo adiante, tivemos de suspender a marcha, porque o Rio enveredava encachoeirado por uma garganta aberta num contraforte de quartzito, que passa da margem esquerda para a direita, na direção de SE para NE.

Por toda a parte se viam grandes blocos de pedra atirados uns sobre outros, pela força rompente da correnteza; e se isso dava ao lugar um aspecto bastante pitoresco, em compensação aumentava a dificuldade de se descobrir o Canal por onde as canoas descarregadas pudessem ser varadas. 0 primeiro reconhecimento, conduzido pela margem esquerda, não deu outro resultado senão o de encontrarmos novos vestígios do Índios. Passamos, pois, para o lado direito, e aí encontramos o Canal conveniente. As cargas foram transportadas por terra, com um percurso de 1.096 metros, e o trabalho só terminou à tarde, quase às 16h00.

Ainda assim, prosseguimos a viagem; passamos por um penedo de diábase, da altura de 2 m sobre o nível do Rio, e fomos estabelecer o nosso 16° acampamento num ponto de onde se ouvia o rumor surdo das águas, correndo entre pedras. Nesse dia, em que trabalhamos desde as 07h00 até depois das 17h00, não conseguimos avançar mais do que 12.600 m. Se não fossem os obstáculos, poderíamos ter feito mais de 38 km, só em 8 horas, pois que o levantamento marchava à razão de 81 metros por segundo ([89]). (RONDON)

---

[89] Na verdade 81 metros por minuto (38,88 km em 8 horas).

- Relata Roosevelt -

23.03.1914 – [...] À nossa frente, o Rio, debruado pela mata, corria em duas muralhas verdes esfumadas pela neblina. O Sol em seguida atravessou o nevoeiro, refulgindo a princípio num rubro esplendor que primeiro se transformou em cor de ouro e depois numa alvorada de metal em fusão. Naquela luz deslumbrante, sob o azul vivo do céu, cada detalhe da floresta majestosa se oferecia nítido ao olhar: as árvores gigantes, o entrelaçado do cipoal, os recessos escuros sob abóbadas de verdura em que as trepadeiras recobriam tudo. Onde havia alguma grande rocha mergulhada, a superfície do Rio se encrespava em ondulações. Em certo ponto, uma rocha piramidal se erguia no meio do caudal, a 02 m sobre a água. Achamos nas margens sinais recentes de índios. [...]

Naquela parada, matamos um papa-formigas interessante ([90]). Do porte de uma toutinegra, preto retinto, com o reverso das asas e da cauda branco, algum branco entre as penas da cauda, tinha uma grande pinta branca no dorso, comumente quase oculta, por serem as penas ali compridas e crespas. Quando atiramos o pássaro, que era macho, estava ele fazendo festas a um passarinho menor de coloração escura, sem dúvida a fêmea; e a nota mais viva de sua plumagem era aquela mancha branca das costas. Levantava ele as penas brancas, ostentadas de modo que aquele ponto brilhava como o "*crisântemo*" sobre o nosso veado aspa-de-garfo, quando alertado por qualquer motivo. No sombrio da mata não era fácil ver o pássaro, mas o brilhar daquela mancha de penas alvas denunciava-o imediatamente, chamando a atenção. [...] (ROOSEVELT)

---

[90] Papa-formigas: Papa-formiga-de-bando – Microrhopias quixensis.

- Relata Cherrie -

23.03.1914 – Depois de deixar o Acampamento 15, navegamos, por 45 minutos, em um Rio largo e tranquilo e pudemos admirar as belas paisagens da floresta tropical ao longo das margens. Logo depois chegamos a uma longa série de Rápidos onde foi necessário carregar as cargas por uma trilha de uns 1.200 metros. O transporte dos barcos vazios à sirga transcorreu sem maiores dificuldades e o transporte das cargas, que fora concluído pelas 16h00, recomeçou novamente por uns sete quilômetros. Progredimos muito lentamente em decorrência dos inúmeros Rápidos perigosos que nos forçaram a transportar as cargas frequentemente. Nossa situação, a cada dia, se agrava com a diminuição da oferta de alimentos. (CHERRIE)

24.03.1914

- Relata Rondon -

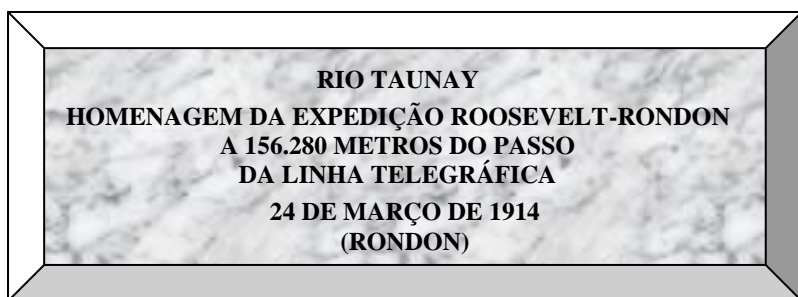
24.03.1914 – Ao amanhecer de 24, depois de termos perseguido, sem resultado, uma anta que nos aparecera no Rio [o que deu lugar a denominarmos o 16° acampamento de "*Anta Perdida*"], embarcamos nas canoas e fomos reconhecer a cachoeira que se anunciava pelo fragor da sua queda. Decorridos 33 minutos, tínhamo-la alcançado e começamos a explora-la do lado direito, por terra.

Andamos, ao longo de seu curso, mais de um quilômetro, no fim do qual existe enorme enseada de cerca de 400 m de comprimento; acabamos, porém, convencendo-nos de que por ali seria impossível descer as canoas, visto como as águas correm impetuosas sobre leito de diábase, cortado de espaço a espaço em degraus, que formam uma série de saltos.

Passamos para a outra margem, eu, o Ten Lyra, o Sr. Kermit e o canoeiro Antônio Correia, afim de vermos se por aí seriamos mais felizes. Pouco havíamos avançado no novo reconhecimento, quando fomos surpreendemos pela vista de outro Rio, que entrava no Roosevelt com a largura de 40 metros e volume maior do que o de todos os tributários anteriormente assinalados. Conquanto não pudéssemos levar mais adiante a nossa exploração, demonos por satisfeitos com o nosso trabalho, porque descobrimos um Canal por onde poderíamos fazer passar as canoas menores; as outras seriam arrastadas por terra.

No entanto, não me quis afastar do Rio recém descoberto antes de ter acertado com o nome que mais conviria adotar para designá-lo levando em consideração a grandeza das suas águas, o tom poético e encantador das suas margens e da sua Barra e ainda a riqueza das suas terras de lavoura, muitíssimo apropriadas à cultura da cana de açúcar, do café e de todos os cereais. Ao lado de algumas árvores de castanha e de numerosíssimos exemplares da hevea brasilienses, víamos as palmeiras uacuris, os cipós d'água e muitas outras espécies vegetais, que atestam a excelência do solo onde nascem e florescem. Este era, inquestionavelmente, de todos os descobrimentos geográficos que vínhamos realizando desde 27 de fevereiro, o mais notável e o mais importante; e pois que pertencia ao território de Mato Grosso, só o nome de um personagem credor da gratidão mato-grossense, pelo amor e dedicação com que houvesse servido à sua gente e à sua terra mereceria, ser lembrado, para receber a homenagem de ficar nele memorado. Nestas condições, quem não se recordaria logo da figura eminentemente simpática a todos brasileiros e cara ao coração dos filhos de Mato Grosso, do soldado que lhes deu o esforço do seu braço, no transe dolorosíssimo da invasão paraguaia, do

engenheiro que prestou o concurso de sua técnica no estudo da região dos pantanais dos Rios Negro, Tabouco e Aquidauana; e do escritor que melhor soube evocar as fugazes grandezas do recente passado de Vila Bela, e pintar, realçando-as carinhosamente, as belezas e grandiosidades daquelas terras e daqueles céus em que viu, recolheu e amorosamente cultivou a flor suavíssima da alma sertaneja, desabrochando e expandindo-se nos encantos da Inocência? Eu não podia, pois hesitar: fiz lavrar uma árvore, pujante de seiva e de vida, e em seu cerne duradouro inscrevemos as palavras:

RIO TAUNAY
HOMENAGEM DA EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON
A 156.280 METROS DO PASSO
DA LINHA TELEGRÁFICA
24 DE MARÇO DE 1914
(RONDON)

- Relata Roosevelt -

24.03.1914 – Pela manhã, precisamente ao partirmos do lugar do pernoite, uma anta atravessou a nado o Rio, um pouco acima do ponto onde estávamos. Infelizmente não conseguimos atirá-la. Um farto suprimento de carne de anta seria para nós de grande utilidade. Tínhamos partido com víveres para 50 dias, que não significavam, em absoluto, rações completas para cada homem. Fazíamos duas refeições diárias um tanto reduzidas – tanto as nossas como as dos Camaradas – exceto quando obtínhamos palmitos. Para nossa mesa, tínhamos as latas arranjadas por Fiala, cada uma com as rações de seis pessoas, o que era o nosso caso. Mas fazíamos cada lata durar dia e meio e, além disso, repartíamos um tanto de nossos alimentos com os Camaradas.

Somente nas raras ocasiões em que matávamos algum macaco ou mutum, ou quando apanhávamos algum peixe, todos comiam a fartar. Aquela anta seria um achado. Até então, a caça, o peixe e as frutas tinham sido por demais escassos para influírem em nossa reserva de alimentos. Numa Expedição como a nossa, percorrendo zona totalmente desconhecida, sobretudo em mataria fechada, pouco tempo se pode perder em paradas e não se pode ficar na dependência da caça. Só em regiões como o Norte e Oeste americano há 30 anos, ou a África do Sul no meio do século passado, ou a África Oriental agora poderia a caça constituir base de alimentação. Naquela viagem, a única contribuição positiva da zona para nosso sustento fora o palmito. Dois homens eram diariamente escalados para tirar palmitos destinados à cozinha.

Quilômetro e meio após deixarmos aquele acampamento, encontramos uma sucessão de grandes encachoeirados. O Rio ali serpeava em voltas e contravoltas e, na tarde precedente, ouvíramos o escachoar ([91]) daquelas corredeiras. Depois, deixáramos de ouvi-lo, mas Antônio Correia, nosso melhor homem para os serviços n'água, insistia sempre em que o barulho anunciava encachoeirados piores do que todos os que desde alguns dias vínhamos encontrando. "*Cresci dentro d'água e conheço, como o peixe, todos os seus ruídos*", dizia ele. E tinha razão.

Tivemos que baldear as cargas quase pelo trecho de 01 km naquela tarde, sendo as canoas erguidas para a barranca, de modo a estarem prontas para, na manhã seguinte, serem arrastadas sobre os paus roliços. Rondon, Lyra, Kermit e Antônio Correia exploraram as duas margens do Rio. (ROOSEVELT)

---

[91] Escachoar: borbotar.

- Relata Cherrie -

24.03.1914 – Hoje à noite, faz exatamente três meses que deixamos Corumbá! Navegamos velozmente por quase 30 minutos, antes de chegar a montante das Cachoeiras. Um longo transporte foi necessário, tanto para a carga como para as canoas. Já há algum tempo, viemos consumindo pouco mais de meia ração. Mantendo este ritmo atual, só teremos rações suficientes para uns 25 dias! Os Camaradas já consomem uma grande quantidade de "*palmito*". [...] Ao cortar estacas para a barraca, acidentalmente, feri seriamente a mão esquerda. (CHERRIE)

25.03.1914

- Relata Rondon -

25.03.1914 – Completavam-se 27 dias de navegação e no entanto não havíamos avançado mais do que 157.410 m correspondentes a um percurso diário inferior a 6 km. Tal velocidade seria realmente irrisória, se não fosse, antes disso, atestado eloquentíssimo da enormidade dos trabalhos que nos estavam custando os constantes empeços ([92]) criados pelas cachoeiras. Contudo, a não ser a contrariedade resultante da demora, o mais nos ia correndo favoravelmente. O estado sanitário era bom e a quantidade de víveres ainda existente bastava para nos garantir a terminação da viagem sem escassez de alimentação. Se não fossem as condições especialíssimas desta Expedição, tais obstáculos constituiriam para nós boas ocasiões de estendermos mais demoradamente as nossas explorações para o interior das terras, que deveras nos vinham interessando pela exuberância da sua formidável vegetação.

[92] Empeços: empecilhos, estorvos.

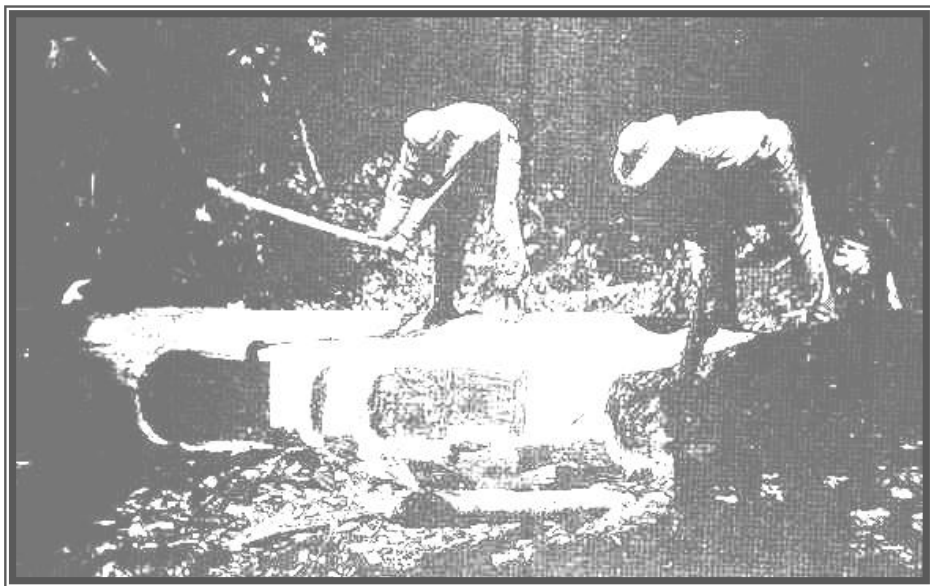



Imagem 39 – Construção da Canoa

A seringueira tomava-se cada vez mais profusa e de melhor qualidade. As madeiras de lei apresentavam-se numerosas e variadíssimas. Percorrendo as margens da nova cachoeira íamos assinalando exemplares de aroeira, piúva, angico, peroba, cedro, laranjeira silvestre, cajueiro e muitas outras espécies igualmente preciosas as quais formam floresta tão alta e espessa que o Rio toma uma feição carregada e sombria. Vimos também alguns vestígios dos índios, mas não recentes. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

25.03.1914 – Pela manhã, as canoas foram arrastadas para baixo. Feita a picada e colocados os paus roliços, no meio das corredeiras, Lyra e Kermit, que dirigiam o serviço e contribuíam no esforço de empurrar e puxar, lançaram-nas em um Canal de águas mansas, poupando, assim, muito trabalho pesado. À proporção que diminuíam nossas provisões, mais nos esforçávamos para poupar a força dos homens.

Mais um dia e arredondaríamos um mês desde nossa entrada no Rio da Dúvida – como havíamos partido em fevereiro, havia coincidência entre o mês lunar e o do calendário. Tínhamos consumido para mais de metade dos nossos víveres e só era de pouco mais de 160 km nosso avanço, em consequência do número e natureza das corredeiras. Supúnhamos que ainda três ou quatro vezes essa distância nos separava dos pontos do Rio onde poderíamos esperar auxílio, fosse dos seringueiros, fosse de Pyrineus, se este realmente estivesse subindo o mesmo Rio que descíamos.

Se os encachoeirados continuassem a ser tão feios como estavam sendo, antes de três semanas estaríamos em apuros para obter alimento, além dos perigos sempre possíveis de acidentes nas corredeiras; e se nosso avanço não fosse mais rápido do que estava sendo – tudo fazíamos para que o fosse – teríamos, em tal caso, várias centenas de quilômetros de um Rio desconhecido à nossa frente. [...]

Dois de nossos homens estavam prostrados pela febre. Outro, Júlio, um latagão ([93]), era por completo inútil, mau e preguiçoso de nascença, coração de malvado feroz num corpo de touro. Os outros eram homens bons, e alguns deles, em verdade, ótimos.

Aquele novo acampamento era muito ameno, à beira de uma enseada, na qual o Rio se alargava abaixo das corredeiras (94). Na praia arenosa nos banhávamos e lavávamos as roupas. Em todo o redor, do lado fronteiro à enseada, margeando a avenida aquática que o Rio formava, se erguia a mata imponente. [...] (ROOSEVELT)

---

[93] Latagão: homem alto e vigoroso.

[94] Corredeiras: Quartzito – 11°19’25,79” S / 60°29’36,94” O.

- Relata Cherrie -

25.03.1914 – Os homens trabalharam arduamente durante toda a manhã, sob a direção de Kermit e do Ten Lyra e, por volta das 13h00, tinham transportado todos os barcos. Às 15h15, tínhamos todos os barcos carregados e continuamos a descida mais uma vez. Tivemos apenas 15 minutos de boa descida, quando avistamos, à frente, mais uma longa série de Rápidos muito difíceis. Felizmente, os barcos puderam ser transportados por Canais laterais a maior parte do percurso, só sendo necessário um transporte de cerca de 100 pés ([95]). A carga, claro, teve de ser carregada por todo comprimento dos Rápidos, cerca de 1.000 m. [...] Existe uma pequena cadeia de montanhas avante, o que, provavelmente, significa que teremos pela frente um número maior de Rápidos do que os que deixamos para trás! Minha mão está um pouco rígida e dolorida hoje, mas eu acho que vai melhorar em breve. (CHERRIE)

26.03.1914

- Relata Roosevelt -

26.03.1914 – Ao meio da tarde, estávamos de novo embarcados nas canoas, mas remáramos Rio abaixo apenas alguns minutos, percorrendo um quilômetro apenas, quando o roncar de corredeiras ([96]) à nossa frente nos forçou de novo a encostar no barranco. [...] Os encachoeirados eram mais extensos e inclinados que os precedentes, mas, junto à margem oposta, a. Achamos e comemos ananases silvestres. O feijão do mato estava florescendo. Ao jantar, tivemos um tucano e dois papagaios, que achamos excelentes. (ROOSEVELT)

---

[95] 100 pés: 30,48 m.

[96] Corredeiras: Taunay – 11°18’55,70” S / 60°29’30,92” O a 11°18’42,47” S / 60°29’21,19” O.

Imagem 40 – Inscrições Rupestres (CPRM)

26.03.1914

- Relata Rondon -

26.03.1914 – No dia seguinte, dividi os nossos homens em 2 turmas; uma, dirigida pelo Ten Lyra, encarregou-se de varar as canoas pelos Canais e outra transportou as cargas para o 19° acampamento estabelecido na Barra de um pequeno córrego que entra pela margem direita do Roosevelt. Estes trabalhos ocuparam-nos o dia inteiro. À cachoeira demos, a princípio, o nome de Tocari, por causa de uma árvore dessas, que nos forneceu grande quantidade de castanhas. Mais tarde, porém, passamos a denominá-la "*Das Inscrições*", visto ter sido descoberto pelo Sr. Cherrie um lajeado com figuras geométricas, naturalmente gravadas pelos indígenas da região. Infelizmente o naturalista americano não pode fotografar os interessantes documentos etnográficos e nem mesmo copiou os seus desenhos. No entanto, disse-nos que eles consistiam em uma série de três conjuntos de círculos concêntricos, cada um constituído por quatro linhas, estando neles assinalada a posição do centro comum.

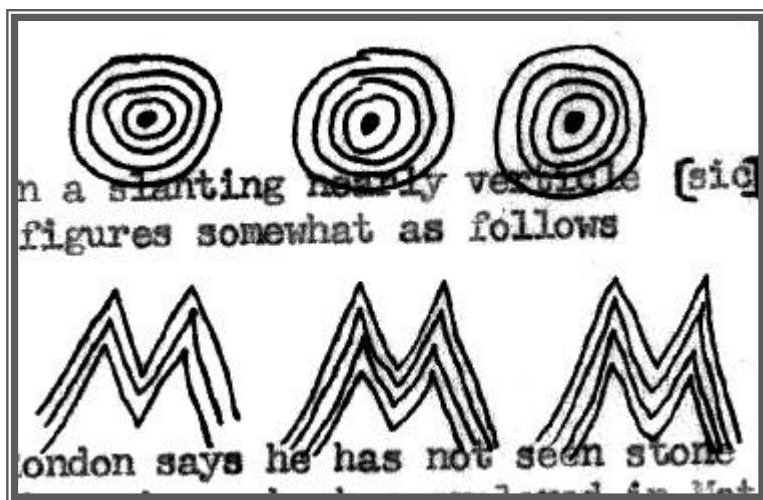



Imagem 41 – Inscrições Rupestres – Diário de Cherrie

Abaixo dessa primeira série de figuras, existiam outras três, cada qual formada de cinco M, encaixados uns nos outros de modo a conservarem-se paralelas as suas pernas. O quadro era encimado por um traço, que corria da direita para a esquerda da laje, a princípio retilíneo, em seguida curvando-se para cima, e afinal tomando a descer, para acabar prolongando do outro lado a direção inicial.

Na parte culminante desse traço, estavam gravados três circulozinhos, cada um com o centro bem visível. Outros desenhos, existentes na face da laje voltada para a correnteza do Rio, não os pode o Sr. Cherrie ver distintamente. (RONDON)

- Relata Cherrie -

26.03.1914 – O dia inteiro foi gasto no transporte da carga e das canoas. Como sempre, tudo está pronto, esta noite, para partirmos amanhã cedo! Na parte central dos Rápidos, em frente a uma queda de cerca de três metros, estão algumas grandes pedras de quartzito e granito em que estão gravadas

algumas figuras ([97]). Sinais de uma raça provavelmente muito diferente dos índios que agora habitam a região. Evidentemente estas gravações eram mais numerosas do que agora, considerando que algumas são agora quase imperceptíveis ([98]). Agora os mais relevantes são um conjunto de três círculos concêntricos, lado a lado. Os círculos exteriores têm cerca de meio metro de diâmetro, com três círculos internos e um ponto no centro. Em seguida, numa face quase vertical e um pouco abaixo dos círculos, encontramos três figuras mais ou menos semelhantes às da Imagem 34.

O Coronel Rondon diz que não viu inscrições ([99]) nas pedras de quaisquer um dos outros Rios que ele explorou no Mato Grosso. O Ten Lyra e três barqueiros desceram as canoas pela margem oposta do Rio; estamos na margem direita, e encontraram um monte "*Tocaris*" ([100]) trazendo cerca de um alqueire[101] [sete galões] de castanhas. Esse foi um achado muito importante Talvez venhamos a precisar muito delas, se acabarem as provisões.

As castanhas foram divididas igualmente entre os homens. Elas eram muito mais saborosas do que as nozes secas e rígidas que temos nas nossas casas. Os homens também encontraram duas colmeias de abelhas selvagens e todos nós fomos contemplados com uma porção pequena, mas muito agradável de mel. O método de criação da prole dessas abelhas selvagens é muito diferente daquela das abelhas italianas, também a formação dos casulos para a ninhada e o mel é muito diferente.

---

[97] Figuras: petróglifos.
[98] Imperceptíveis: devido à ação das águas e sedimentos abrasivos.
[99] Inscrições: ou gravações.
[100] Tocari: "*Castanha do Pará*" ou melhor "*castanha da Amazônia*".
[101] Alqueire: antiga medida de capacidade, equivalente normalmente a 13,8 litros. Dependendo da região, pode variar de 10 a 15 litros.

Em seguida, para completar as coisas boas que aconteceram neste dia, o Souza [um dos Camaradas] pescou duas enormes piranhas que proporcionaram uma boa porção para todos. Um dos homens procurando lenha descobriu uma enorme centopeia. Só consegui um novo pássaro, mas muito raro. Certamente começou a estação seca ([102]). Já faz quatro ou cinco dias que não chove, e o Rio está baixando. Encontrei uma grande quantidade de minúsculos carrapatos no meu corpo, braços e pernas. Eles produzem feridas pequenas e terrivelmente irritantes. Estamos cercados por todos os lados, por cadeias de elevações muito acidentadas. (CHERRIE)

27.03.1914

- Relata Rondon -

27.03.1914 – Desse acampamento partimos na manhã de 27, descendo mais 5.425 metros, cercados ainda pelas montanhas que nos vinham acompanhando desde a cachoeira de quartzito. Por duas vezes nos vimos obrigados a descarregar as embarcações, para podermos atravessar as correntezas e numa delas quase perdemos as canoas de uma das balsas, que virou. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

27.03.1914 – De manhã, jornadeamos cerca de 03 km e chegamos a alguns morros íngremes ([103]), bonitos de serem vistos, vestidos da espessa mata tropical, porém tristes presságios de novas corredeiras. E, de fato, logo adiante tivemos de fazer alto e de nos preparar para uma grande baldeação.

---

[102] Estação seca: verão amazônico.
[103] Morros íngremes: 11°17'11,75" S /60°29'21,43" O.

As canoas foram descidas sem cargas e mesmo assim arriscáramos, por um triz, a perder duas, as geminadas, nas quais eu, de ordinário, viajava. Num cotovelo agudo ([104]) das corredeiras, entre dois grandes remoinhos, elas foram arrastadas por entre as pedras, sob o emaranhado das galhadas que pendiam da margem. Ficaram inundadas e a correnteza veloz imobilizou-as, deixando uma quase trepada sobre a outra. Todos nós tivemos que ajudar a desembaraçá-las. Suas ligações foram cortadas a machado e Kermit com seis homens, em pelo, se dirigiram a uma ilhota de pedras situada logo acima das canoas, e dali atiraram uma corda que nós amarramos à canoa mais próxima deles.

Eu e o resto da turma, metidos n'água até as axilas, mal podendo equilibrar-nos, em meio da corrente forte, a escorregar e a cair sobre as pedras, erguíamos e empurrávamos a canoa, enquanto Kermit com seus homens puxavam a corda que iam firmando em uma árvore meio submersa. As canoas foram varadas na ilhota rochosa, onde lhes despejaram a água, seguindo depois Rio abaixo com dois remadores. Eram quase 16h00 quando ficamos prontos para seguir de novo, pois fôramos atrasados por uma pancada de chuva que não deixava enxergar a outra margem do Rio.

Dez minutos de viagem nos levaram ao começo de nova série de corredeiras, e os que seguiram adiante, em reconhecimento, regressaram avisando que tínhamos à nossa frente serviço para um dia inteiro; assim, acampamos sob a chuva, o que não tinha grande importância, pois já estávamos encharcados até os ossos. Era impossível, com a lenha molhada, conseguir uma fogueira boa para secar toda a roupa, pois a chuva continuava a cair.

---

[104] Cotovelo agudo: 11°17'05,59" S / 60°29'29,48" O.

De nossa canoa, vimos uma anta mas, naquele momento, estávamos rodando em círculo num remoinho e eu, por mim, não a vira com tempo para atirar. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

27.03.1914 – Nossa progressão, hoje, como de costume, foi muito curta, cerca de 5,5 km. Nós mal acabávamos de sair de uma série de Rápidos e, imediatamente, entrávamos em outra. Por 2 vezes realizamos transportes curtos para as cargas, mas fomos capazes de conduzir as canoas vazias Rio abaixo. No entanto, no primeiro transporte, escapamos, por pouco, de uma grande perda. Antônio Correia, Luiz Corrêa e Macário, ao descerem a balsa grande, cometeram um erro de julgamento na tentativa de tentar passá-la através de um Canal muito estreito em uma curva fechada e muito próxima da margem rochosa. Ao tentar fazer a curva, o barco de dentro da balsa chocou-se contra as pedras e também contra algumas galhadas e troncos. Num piscar de olhos, a correnteza soltou com seu ímpeto o barco de fora, lançando-o sob a proa do barco de dentro, que estava de lado, e ambos se encheram d'água e afundaram.

Graças à força da corrente, eles foram mantidos firmemente presos contra as rochas e outros obstáculos próximos à margem e não foram arrastados velozmente abaixo onde seriam esmagados pelas pedras. Ouvi os gritos dos homens e saí correndo de onde estava para descobrir o que estava acontecendo. Ao constatar o naufrágio, conclamei, imediatamente, a todos e, graças a um esforço combinado de todos os expedicionários, inclusive o do próprio Cel Roosevelt, trabalhando na água com água pelas axilas, fomos capazes de retirar as canoas, uma de cada vez, e esvaziá-las.

Estávamos muitos ansiosos, foram momentos muito intensos durante uma operação em que cada um estava dando tudo de si. Com as provisões acabando e a perda das duas canoas, teria sido uma grande catástrofe. Tivemos sorte esta noite de encontrar entre 20 ou 30 ouriços de Tocari sob uma castanheira próxima ao Acampamento. Elas reforçarão enormemente nossas provisões. Choveu fortemente das 15h00 às 17h00. Praticamente tudo o que tínhamos estava encharcado e o nosso Acampamento apresentava um cenário lúgubre. [...]

A quantidade de moscas pretas, piuns e borrachudos vêm diminuindo progressivamente, mas as abelhinhas de vários tipos que as substituíram são quase tão irritantes quanto eles. Ao descer por um dos Rápidos, os remadores de nosso barco avistou uma anta. Mas nem eu, nem o Coronel Roosevelt a vimos. [...] (CHERRIE))

28.03.1914

- Relata Rondon -

28.03.1914 – Instalamos o nosso 20° acampamento debaixo de enorme aguaceiro, e daí seguimos na manhã seguinte (28), fazendo o insignificante percurso de 1.550 m. Dispensando-me de maior referência a 3 corredeiras, que nos deram os trabalhos de costume, direi que, pouco antes, havíamos encontrado pela margem esquerda, um Riacho a que dei o nome do naturalista americano Cherrie, e que o lugar da parada foi ao lado de uma grande cachoeira. Considerada em conjunto, ela sujeitava o leito do Rio a um desnivelamento total de 33 m; mas, em detalhe, reconhecia-se ser constituída por seis degraus sucessivos, cujas alturas iam rapidamente aumentando do quarto para o sexto, onde as águas acabam dando um salto de 10 m.

De ambos os lados dos 3 últimos degraus, erguiam-se grandes penhascos como testemunhas de ter sido ali o ponto em que a montanha se deixou romper pelo ímpeto da correnteza, quando esta ainda procurava passagem através da sua massa compacta e ininterrupta. Depois da última queda, o Rio continua em leito profundo e estreito, encaixado entre montanhas, correndo velozmente, e só no fim de dois estirões, retoma o seu aspecto habitual. Quanto à natureza da rocha predominante pareceu-me no momento que se tratava de uma formação calcária; por esse motivo, dei ao lugar a designação de "*Cachoeira da Pedra de Cal*". Mais tarde, porém, o geólogo Dr. Eusébio de Oliveira constatou, pelas amostras que lhe forneci, haver engano naquela classificação e que o mineral ali existente é o chamado Hornfels ([105]) no qual o cálcio só se manifesta por leves traços. Deixo consignada a retificação na esperança de que sirva para evitar possíveis equívocos, sugeridos por aquela designação.

O embaraço criado por esta cachoeira ao prosseguimento de nossa marcha era muitíssimo sério; não o venceríamos senão ao cabo de enormes esforços, empregados durante alguns dias. Precisávamos abrir um caminho por cima do morro da margem esquerda, demandando o primeiro ponto navegável na parte inferior do Rio e por ele deveríamos fazer o transporte de todos os volumes e cargas da Expedição. Quanto às canoas íamos tentar passá-las pelos canais menos perigosos, guiando-as e sustentando-as por meio de cabos; nos trechos em que essa manobra fosse absolutamente impraticável, nós as arrastaríamos no seco, até podermos recolocá-las, adiante, em condições análogas às precedentes.

[105] Hornfels, corneana ou cornubianito: rocha de metamorfismo de contato.

Admitíamos a possibilidade das 5 embarcações menores não resistirem aos embates a que teriam de ser submetidas; e caso as perdêssemos, seria forçoso entregarmo-nos à construção das que as deveriam substituir. (RONDON)

- Relata Cherrie -

28.03.1914 – Estamos a apenas cerca de 1,5 km do último Acampamento! Os Rápidos continuam e, agora, encontramo-nos acima de uma série de Rápidos e Cachoeiras [6 delas], formadas pelo Rio que corre através de um profundo desfiladeiro entre as montanhas! É possível que tenhamos de abandonar as canoas. Somos obrigados a reduzir as bagagens a praticamente o que puder ser carregado nas mochilas. Não sabemos o que nos aguarda amanhã.

A coleta de espécimes adicionais de aves será, de agora em diante, quase impossível, apesar de todos os meus esforços. Hoje consegui vários tangarás de bicos muito vermelhos. Estou desistindo de minhas coleções. [...]

O Coronel Rondon deu o nome "*Rio Cherrie*" a um pequeno afluente da margem esquerda cuja Foz fica próxima ao início do desfiladeiro. As cargas foram transportadas sobre o Rio Cherrie, através de uma ponte improvisada com a derrubada de uma grande árvore próxima d'água, na margem direita. Tirei uma foto de Macário, que havia derrubado a árvore, no meio da ponte de circunstância. Avistei dois ou três urubus voando alto sobre floresta. Como eles não são aves de ambiente florestal, acho que podemos estar nos aproximando de uma região mais aberta, possivelmente um Chapadão. Atualmente estamos cortando nosso caminho através de uma Cadeia de montanhas. (CHERRIE)

29 a 31.03.1914

- Relata Rondon-

29.03.1914 – Na manhã de 29 dividimo-nos em três turmas: a primeira, com o Sr. Roosevelt, Cherrie e Dr. Cajazeira, ficou no acampamento [o 21°]; a, segunda, dirigida pelo Ten Lyra e Sr. Kermit, encarregou-se do trabalho de descer as canoas; e a outra acompanhou-me, para o reconhecimento do caminho terrestre. Segui no rumo de NNO, cortando pequenos espigões que se lançam para o Rio; atravessei o Vale de uma cabeceira de pouca importância e em seguida comecei a subir pela encosta do monte.

Chegando ao alto, às 10h30, verifiquei que o barômetro acusava a pressão de 742,5 milímetros, correspondente à altura de 104 metros em relação ao nível do 21° acampamento. Por esta avaliação, o cume do morro, onde nos achávamos e o Salto Navaité distante dali mais de cem quilômetros, estavam situados por tal forma, que a reta imaginária traçada de um para o outro seria horizontal; portanto, ao longo de todo o percurso feito desde aquele Salto até a Foz do Ribeirão Cherrie, havíamos descido, de cachoeira em cachoeira, tanto como desceríamos em poucos, minutos do alto deste morro ao nosso 21° acampamento.

Desejoso de ver o panorama que se podia descortinar deste alto, mandei derrubar algumas árvores do lado do Norte, no lugar em que a encosta desce abruptamente, formando despenhadeiro. Terminada a derrubada, puderam as nossas vistas alongar-se até o longínquo horizonte, abrangendo belíssimo quadro em que se destacava o dorso escuro da serra e embaixo, coleando entre montanhas, até desaparecer por detrás delas, na

direção do Norte, o Rio que vínhamos descobrindo com tantas fadigas e que agora se nos afigurava reduzido às insignificantes proporções de pequeno ribeiro. Prosseguindo no serviço de abertura do caminho, alcançamos, ás 14h30, a margem do Rio, abaixo do último salto da cachoeira, onde deveríamos estabelecer o nosso 22° acampamento, distante 2.250 m do anterior. Por esse caminho fizeram os nossos valentes caboclos o transporte de toda a bagagem da Expedição, trabalhando para isso, durante os dias 30 e 31; no último estávamos instalados no novo acampamento. (RONDON)

- Relata Cherrie -

29.03.1914 – O Cel Rondon passou o dia com um Grupo de homens abrindo uma trilha que contornava a garganta pedregosa, subindo e descendo os morros até um local a jusante da série de seis Quedas. Era preciso manter uma distância razoável do Rio, tendo em vista que consideramos impraticável e muito perigoso abrir uma trilha ao longo das margens íngremes. No ponto mais alto da trilha, alcança-se uma ponta rochosa de onde se tem uma ampla vista da cadeia de montanhas e vales vestidos com luxuriante mata tropical com o Roosevelt partindo como uma flecha de luz sobre as montanhas distantes...

Desta posição, é absolutamente impossível determinar se o Rio volve para a direita ou para a esquerda, cortando sua passagem através das montanhas até a planície logo adiante, não pairam dúvidas sobre isso. Kermit e o Ten Lyra com alguns homens tentavam levar as canoas à sirga para jusante das Cachoeiras. Eles conseguiram, até agora, passar apenas uma canoa além da terceira Queda. [...] Mais importante de tudo, porém, é que o Coronel Roosevelt não saiu do Acampamento hoje. (CHERRIE)

Imagem 42 – Balsa Roosevelt – "Estabilizadores" de Buriti

- Relata Viveiros -

29 a 31.03.1914 – E passaram-se os últimos dias de março transpondo, penosamente essas quedas. Mas que vista maravilhosa! Montanhas a se estender em cadeia, vestidas com luxuriante vegetação tropical. Na base da garganta – onde seria o próximo pouso – o Rio, depois de um remanso, corria quase em linha reta formando uma fita branca. [...]

Os homens estavam cada vez mais fracos: Kermit com febre, Lyra e Cherrie com disenteria. Tentando Roosevelt pôr em posição uma canoa, machucou gravemente uma perna. E não foi só; sobreveio-lhe tremendo acesso de febre e foi preciso interromper a viagem. Roosevelt chamou-me e disse:

> – Roosevelt: A Expedição não se pode deter. Por outro lado, não me é possível prosseguir. Partam e deixem-me!

Agitava-se, irritado com a resistência que eu lhe opunha. Encontrei, afinal, um argumento:

– Rondon: Permita-me que pondere que a Expedição se chama Roosevelt-Rondon e que não é, por isso, possível separarmo-nos.

Venceu ele a crise graças aos cuidados do Dr. Cajazeira que se desdobrava no sentido de manter o equilíbrio sanitário da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. (VIVEIROS)

- Relata Roosevelt -

29 a 31.03.1914 – Os últimos três dias de março foram empregados em atingirmos a base daquele desfiladeiro encachoeirado. Lyra e Kermit, com quatro dos melhores remadores, manobraram as canoas descarregadas. O serviço, além de pesado e difícil ao extremo, era arriscado. As paredes da garganta eram tão empinadas que, em certos lugares, tinham eles que se equilibrar sobre estreitas beiradas da pedreira, para dali irem afrouxando a corda que sustinha as canoas. Ao mesmo tempo, Rondon escolhia o traçado para a picada a ser aberta para os carregadores e dirigia a baldeação das cargas. As margens pedregosas da garganta eram excessivamente inclinadas para que homens com cargas tentassem passar por ali. Em consequência, a picada teria que transpor a crista da morraria, subindo e descendo as vertentes íngremes de solo pedregoso e coberto de mata. Era tarefa penosa carregar pesadas cargas em semelhante percurso. [...]

Não havia nas matas muitos seres vivos pequenos nem grandes. Os pássaros eram raros, embora de vez em quando os esforços incansáveis de Cherrie fossem recompensados por alguma espécie nova para a coleção. Descobrimos rastos de antas, veados e cotias; e, se dedicássemos alguns dias só a caçar, poderíamos talvez matar alguma coisa; mas as probabilidades eram muito incertas, a tarefa que desempenhávamos, por demais árdua e cansativa,

muito grande o empenho de ganhar terreno, e pesando isso tudo não nos conformávamos em perder qualquer parcela de tempo dessa forma. As caçadas haviam de ser feitas incidentemente. Semelhante selva quase impenetrável era da espécie que mais difícil se torna apanhar ainda mesmo as pequenas caças, que passam. Um casal de mutuns e um grande macaco foram mortos por Kermit e pelo Coronel. No dia em que o macaco foi trazido, Lyra, Kermit e seus quatro ajudantes tinham estado desde a madrugada até o pôr do Sol na aspérrima e por vezes perigosa lida entre as pedras, dentro d'água, encachoeirada, e por isso a carne fresca foi de grande oportunidade. A cabeça, os pés, a cauda e o couro foram cozidos para os cães famintos. A cada um de nós tocaram alguns bocados de carne, e como foram eles apreciados! [...]

Durante aquela baldeação, o tempo nos favorecera. A época das chuvas já chegava ao seu termo. No último dia do mês [31], quando mudamos o acampamento para o extremo do desfiladeiro, tivemos um temporal com trovões e raios; mas depois não fomos importunados pela chuva até a última noite ali, ocasião em que choveu pesadamente, entrando água pelo toldo ao ponto de molhar minha cama e as cobertas. [...]

No terceiro dia, Lyra e Kermit, com seus valentes e operosos remadores, depois de árduo labor, conseguiram descer cinco canoas pela pior das corredeiras até à queda alta. A sexta canoa, esguia e fraca, tivera o fundo arrombado nas pedras denteadas do encachoeirado. Nessa noite, embora eu julgasse ter pendurado as roupas a salvo, os cupins e as formigas saúvas foram a elas e furaram um sapato, comeram uma perna da ceroula e rendilharam o meu lenço; agora eu nada tinha para substituir tudo o que fora destruído. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

30.03.1914 – Nossos gêneros e bagagem estão sendo transportados pela trilha até o Acampamento que fica a jusante das Quedas e Rápidos. O carregamento deverá, provavelmente, estar concluído até amanhã à noite. A passagem das canoas avançou até o início das últimas Quedas, onde um longo transporte por terra é necessário. Uma das canoas menores naufragou hoje, e teremos de realizar um esforço considerável para construir uma grande canoa.

Encontrei poucos bandos de pássaros esta manhã e, apesar disso, consegui para minha coleção uma dúzia de aves. A maioria delas é duplicada, mas, no entanto, preparei sete peles. Vários Gaviões-tesoura ([106]) sobrevoavam o topo dos morros. O Cel Rondon caçou diversos macacos e me deu 2 deles. Eram conhecidos como macacos-barrigudos e tinham um excelente sabor. Até os cães receberam uma generosa porção de cabeça, cauda, pés e vísceras. A altitude da passagem acima deste campo é de 106 m. (CHERRIE)

01.04.1914

- Relata Roosevelt -

01.04.1914 – Neste dia, Lyra, Kermit e seus homens trouxeram as 5 canoas até o acampamento. Tinham efetuado em quatro dias um trabalho de incrível dificuldade e da máxima importância; à primeira vista, parecia absolutamente impossível evitarmos abandonar as canoas, quando vimos que o Rio se precipitava, encachoeirado, no fundo de um grotão entre paredões a pique. (ROOSEVELT)

---

[106] Gaviões-tesoura: Elanoides forficatus.

02.04.1914

- Relata Cherrie -

02.04.1914 – [...] O Cel Roosevelt falou-nos, mais tarde, depois da mudança do Acampamento 21 para o Acampamento 22. A travessia pelas montanhas foi extremamente penosa para ele, ele tinha problemas de coração, e quando chegou ao destino, estava totalmente fatigado. Quando chegamos ao novo Acampamento, ele deitou-se no chão por algum tempo para se recuperar. A alimentação deficiente, também, estava começando a afetá-lo. Esta manhã, as novas canoas foram unidas para formar uma balsa. As demais canoas foram carregadas separadamente. O Cel Roosevelt, os pilotos e remadores foram os únicos que embarcaram nas canoas. O restante de nós caminhou ao longo da margem. Uma hora depois de deixarmos o Acampamento e ter percorrido somente 2,70 km, chegamos a uma nova série de Rápidos que vão exigir o transporte de nossa carga por um longo trajeto. Em vez de deixarmos as montanhas para trás, de uma vez, como esperávamos, estamos profundamente encravados no meio delas. O curso do Rio passa por um desfiladeiro rochoso e muito estreito, onde suas águas ganham velocidade e, ao encontrar qualquer obstáculo, tornam-se violentas e perigosas. As margens são muito íngremes e precipitam-se verticalmente até a beira d'água. Às vezes, tínhamos dificuldade de encontrar um caminho entre as paredes de rocha e o Rio. O transporte da bagagem foi complicado e nossa progressão muito lenta. As canoas individuais passaram descarregadas através dos Rápidos até este ponto, e a balsa permaneceu com mais da metade de sua carga. Rondon, Lyra e Kermit foram adiante, reconhecer o terreno. Eles relataram a existência de vários Rápidos e pequenas quedas à nossa frente. [...] (CHERRIE)

- Relata Rondon -

02.04.1914 O Rio continuou a correr com impetuosa velocidade, encaixado entre morros pedregosos, obrigando-nos a transportar as cargas por caminhos penosos, verdadeiros trilhos de cabras, afim de possibilitar a descida das canoas pelas corredeiras.

Assim percorremos 2.850 m, ao fim dos quais acampamos, próximo a alto penhasco, através do qual as águas haviam aberto profundo canal de paredões quase verticais, como se a rocha houvesse sido lavrada por operários canteiros. A exploração do caminho para contornar, pela esquerda, o enorme obstáculo criado por esse acidente foi realizada no mesmo dia e teve de prolongar-se até alcançar, a mais de 2.200 m, a raiz de um penhasco, onde terminavam as cachoeiras.

Foi esse o lugar escolhido para instalarmos o nosso 24° acampamento, o qual esperávamos que seria conhecido como o da "*Queixada de Anta*", visto termos encontrado ali um maxilar do conhecido paquiderme brasileiro. Infelizmente, uma grande desgraça nos obrigou, poucas horas depois a trocar essa denominação por outra. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

02.04.1914 – Mais uma vez arrancamos, perguntando-nos a nós mesmos se não iríamos encontrar novas corredeiras junto aos morros em frente, e se num lapso razoável de tempo estaríamos, como indicava o barômetro, em nível tão baixo que forçosamente jornadearíamos, ao menos por alguns dias, sem encontrar obstáculos. Passáramos justamente um mês a vencer uma série ininterrupta de corredeiras e saltos.

Durante esse mês, avançáramos apenas cerca de 110 km, descendo perto de 150 m – os números são aproximados, mas quase exatos.

> Os primeiros quatro dias, antes de encontrarmos as primeiras corredeiras, e durante os quais percorremos cerca de 70 km, é claro que não estão incluídos, pois só me refiro à descida pelas corredeiras.

Perdêramos quatro canoas com que partimos, mais uma que havíamos construído, a vida de um homem, morrera um cão, cuja vida, com toda a probabilidade, salvara a do Coronel Rondon. Numa linha reta para o Norte, colimando nosso presumível objetivo, não havíamos percorrido mais de uns dois quilômetros por dia, à custa de esforços ingentes de toda a comitiva, de muito risco para alguns de seus membros, e de uma parcela de riscos e provações para todos. Muitos dos Camaradas estavam desanimados, o que era natural; e, em certas ocasiões, perguntavam a alguns de nós se esperávamos, realmente, sair daquela situação com vida; e precisávamos animá-los o melhor que podíamos.

Nossa rotina continuou a ser a mesma no correr de alguns dias. Não nos adiantávamos mais de três quilômetros diários. A maior parte da comitiva seguia a pé quase sempre; as canoas levavam as cargas até encontrarmos o alto de uma série de encachoeirados, que absorviam os dois ou três dias seguintes. O Rio corria precípite por uma garganta selvagem, um grotão ou abismo entre duas montanhas.

Suas vertentes eram muito íngremes, simples paredões de rochas, embora em muitos pontos tão recobertos de vegetação luxuriante de árvores e arbustos que saíam das fendas e de musgo verde que dificilmente se via a rocha nua.

Rondon, Lyra e Kermit, que abriam a marcha, deram com uma pequena região plana, com uma praia de areias, e mandaram aviso para ali acamparmos, enquanto seguiam por várias horas a explorar o terreno à frente. As canoas foram descidas sem cargas, sendo estas transportadas com enorme sacrifício pelas rampas da pedraria; esse caminho era tão difícil que achei duro percorrê-lo carregando somente minha carabina e o saco de cartuchos. Os exploradores voltaram dizendo que as serras continuavam à nossa frente, havendo corredeiras até onde tinham chegado. Nossa única esperança era que se o aneroide não estivesse desarranjado, em breve nos acharíamos em terreno comparativamente plano. O pesadíssimo trabalho, sob regime de alimentação incompleta, estava influindo no físico e no moral dos Camaradas; Lyra e Kermit, além de seus outros serviços, trabalhavam braçalmente tanto quanto eles. (ROOSEVELT)

03.04.1914

- Relata Rondon -

03.04.1914 – Na manhã de 3 começamos os nossos trabalhos: o Ten Lyra e o Sr. Kermit foram descer as canoas pela cachoeira, e eu fui abrir o caminho do varadouro. Este trabalho estava quase terminado e já uma terceira turma, dirigida pelo Sargento Paixão, havia iniciado o transporte das cargas, quando o canoeiro Luiz Correia veio avisar-me, de parte do Ten Lyra, que o Soldado Júlio, do 38° Batalhão de Infantaria, acabava de assassinar aquele Sargento. Deixei os homens da minha turma continuando o serviço que estávamos fazendo e acudi ao lugar da tristíssima ocorrência. Fui encontrar o corpo do meu inditoso camarada caído junto a uma grande árvore, pouco distante do ponto em que estavam acumulados os volumes da Expedição.

Ele havia sido atingido na axila direita, por bala de Winchester 44, que lhe causara morte imediata. Dirigi-me para o acampamento, onde se achavam o Sr. Roosevelt e o Dr. Cajazeira, que haviam tomado as primeiras providências, infelizmente infrutíferas, para socorrer o ferido e prender o assassino. Este, depois de praticado o crime, havia corrido para o interior da mata, onde desaparecera, levando a arma homicida.

O criminoso era um indivíduo de organismo forte e sadio; nós o havíamos incluído na Expedição, porque a essas qualidades verificadas pelo Dr. Cajazeira na inspeção médica, feita em Tapirapuã, para a escolha do nosso pessoal, se reunira a de ter ele manifestado o desejo de nos acompanhar. Desgraçadamente, tão favoráveis aparências só serviam para esconder uma natureza moral das mais infelizes e que, para se revelar, nada mais esperava do que os obstáculos das primeiras cachoeiras. Mas, quando pudemos descobrir as suas más qualidades de caráter, a sua cobardia e completa inaptidão para secundar os contínuos esforços dos seus companheiros de viagem, já estávamos tão adiantados no Rio, que impossível nos era desembaraçarmo-nos da sua presença e forçoso foi que nos resignássemos a tê-lo conosco até o fim dos nossos trabalhos. No entanto, nenhum de nós suspeitava que teríamos de lamentar as consequências de um ato tão perverso como aquele que acabou praticando, porque o traço mais acentuado da sua triste alma era a pusilanimidade, tanto para enfrentar os perigos, como para sustentar alguma ação seguida e enérgica.

Na Expedição, ninguém contava com o auxílio da sua força e muito menos da sua vontade. No entanto, não nos era lícito deixar de lhe dar alguma ocupação. Ele estava, pois, empregado no transporte dos volumes e mais do que de costume, requintava no desânimo e desleixo com que fazia o serviço.

O Sgt Paixão repreendeu-o por isso. Ele, sem dizer uma palavra, foi ao acampamento, apoderou-se de um dos quatro clavinotes ([107]) da Expedição, voltou ao lugar em que se achava o Sargento e, traiçoeiramente, praticou o assassinato.

Já dissemos que o criminoso se refugiara na mata, levando consigo aquele clavinote. Havia, pois, motivo para recearmos que ele viesse a praticar novos crimes, e para isso impedir era forçoso seguir-lhe a pista, desarmá-lo e, se fosse possível, prendê-lo. Neste sentido, dei as necessárias ordens ao canoeiro Antônio Correia e ao índio Antônio Pareci, os quais, seguindo pelos rastros do fugitivo, não tardaram a descobrir a arma, abandonada ao primeiro embaraço que ele encontrou à rapidez da sua fuga por entre a cerrada vegetação da floresta. Tranquilizados a esse respeito, desistimos do quase impraticável propósito de perseguir o assassino, para aprisioná-lo, e voltamos todas as atenções para os funerais do nosso pobre companheiro de trabalho.

O Sgt Paixão, do 5° Batalhão de Engenharia, era um veterano das campanhas travadas pela Comissão das Linhas Telegráficas contra as asperezas do Sertão do planalto dos Pareci. Havia comandado um posto militar por mim instalado no Juína, para servir de ponto de apoio à marcha das nossas tropas que se internavam para além do Juruena, em demanda da Serra do Norte. Aí, teve ele a feliz oportunidade de receber em 1911, a primeira visita amistosa dos representantes do grupo de Nambiquara do Vale daquele Rio, e soube conduzir-se tão bem nessa ocasião que, dentro de pouco tempo, conseguiu conquistar a confiança dos silvícolas, adquirindo grande prestígio sobre eles.

---

[107] Clavinotes: pequenas carabinas.

Do posto do Juína, passou Paixão a servir no Acampamento Geral da Construção, onde prestou relevantes serviços, que lhe mereceram a graduação de Sargento, porque no quadro efetivo ocupava o lugar de Cabo. Alguns anos atrás havia terminado o tempo da sua primeira praça nas fileiras do Exército e logo em seguida se reengajara; era nesta qualidade que ele continuava a prestar ao 5° Batalhão de Engenharia, à Comissão das Linhas Telegráficas e agora à Expedição Roosevelt-Rondon, o concurso do seu trabalho e da sua inexcedível boa vontade, servindo de exemplo aos seus Camaradas, pelo espírito de disciplina que imprimia a todos os seus atos e sobretudo pela moralidade da sua vida de Soldado e de Homem.

A sepultura foi aberta no mesmo lugar em que ele caíra, ao lado da estrada, com a cabeceira para a montanha e os pés para o Rio. Depois, o Sr. Roosevelt, eu, o Ten Lyra e o Dr. Cajazeira carregamos o corpo do nosso inditoso companheiro e depositamo-lo no fundo do modesto jazigo, assinalado pela cruz simbólica da sua crença religiosa. Completamos estes piedosos deveres com as salvas do funeral militar, nas quais também tomou parte o Sr. Roosevelt, secundado por mim, pelo Sr. Cherrie e dois soldados.

Foi este doloroso acontecimento que nos fez adotar nova denominação para assinalar a serra e a cachoeira que tiveram o mau destino de lhe servirem de causa indireta e de teatro: ambas receberam o nome de Paixão, como última homenagem por nós devida ao companheiro, cuja dedicação à causa comum, devotamento aos seus chefes e bondade para com os seus companheiros e subalternos, conquistou, não só a estima, mas também a gratidão dos descobridores do Rio Roosevelt.

Apesar dos trabalhos de mudança do acampamento terem prosseguido com grande atividade, não foi possível termina-los nesse dia. Por isso, no extremo do varadouro, abaixo das cachoeiras, só pudemos armar um ligeiro bivaque, com parte das nossas bagagens. Às 17h30, ali chegava o Sr. Roosevelt com muito esforço e afrontado do caminho, que subia a pique a encosta de montanhas pedregosas; aquele violento exercício havia sido excessivo para o seu estado de saúde e fazia-o sofrer horrivelmente. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

03.04.1914 – [...] Muitos desastres têm sido frequentes em Expedições na América do Sul. A primeira tentativa recente para descer um dos Rios desconhecidos que vão ao Amazonas, partindo do altiplano Brasileiro, resultou em um desses desastres. Foi empreendida em 1889 por uma comitiva tão grande como a nossa, sob a direção de um oficial brasileiro, o Cel Engenheiro Teles Pires. Ao descer uma corredeira, perderam tudo: canoas, víveres, remédios, ferramentas – perda completa. As febres prostraram-nos e depois veio a fome. Pereceram todos, exceto um oficial e dois homens que, meses depois, foram socorridos. Recentemente, na Guiana, um veterano dos Sertões, André, perdeu dois terços de sua gente, vitimados pela fome. A verdadeira exploração do Sertão bruto é tão perigosa quanto a guerra. A conquista da natureza selvagem exige vigor excepcional, audácia e intrepidez, e custa ao conquistador preço elevado em saúde e vida. [...]

Sob a influência de tais fatores, a maldade que existe no íntimo de alguém vem à tona. Nesse dia, ocorreu uma tragédia singular e terrível. Um dos Camaradas, por nome Júlio, de puro sangue branco e a cujo respeito já falei, era um robusto indivíduo que

insistira de modo importuno em ir com a Expedição, gozando bom nome como trabalhador. Mas, como tantos outros de classe mais elevada que a sua, não fazia ideia do quanto importava essa Expedição em sacrifícios e, sob a pressão da fadiga, provações e perigos, sua natureza se revelou em seu fundo real de egoísmo, ferocidade e covardia. Ele se esquivava a qualquer serviço, alegando estar doente, ninguém conseguindo que realizasse seu quinhão de trabalho; apesar disso, diferente de seus parceiros briosos, estava sempre com descaramento, a pedir favores.

Kermit era o único dentre nós que fumava, e sempre dava um pouco de fumo a alguns dos Camaradas que especialmente trabalhavam com ele. Os bons rapazes nunca o pediam, porém Júlio, que se negava a qualquer serviço, pedia sempre e sempre em vão. O Coronel Rondon, Lyra, Kermit, cada um por sua vez, tentaram fazê-lo trabalhar, e, para dele conseguirem alguma coisa, era preciso ameaçá-lo de o deixarem no Sertão. Deixava sua tarefa para ser feita pelos companheiros, ainda por cima furtando-lhes os alimentos assim como o nosso.

Numa Expedição daquelas, o furto de alimentos é crime somente inferior ao assassínio, e, pelo direito, deveria como tal ser punido. Não podíamos confiar nele para tirar palmitos ou juntar cocos, pois ficaria ausente a comer, quando deveria trazer para o rancho comum. Finalmente, em várias ocasiões, os próprios Camaradas apanharam-no a furtar-lhes a comida. Só ele, de toda a comitiva, graças ao alimento que furtava, tinha conseguido manter-se gordo e vigoroso.

Um de nossos melhores homens era um negro reforçado, de nome Paixão – pronuncia-se "*Paishon*", Cabo de esquadra que servia como Sargento no Batalhão de Engenheiros.

Tinha ele, por sinal, a calça reduzida a frangalhos, andando só com um par de ceroulas velhas, até que eu lhe dei as minhas de sobressalente, quando reduzimos as bagagens. Era severo observador da disciplina, e, tendo apanhado, uma tarde, Júlio a furtar comida, esmurrou-o na boca. Júlio foi ter conosco, queixando-se, contraídas as feições, de medo e ódio perverso; mas, investigado o caso, foi-lhe declarado que ele recebeu castigo muito brando. Os Camaradas tinham 03 ou 04 carabinas, que nem sempre andavam com seus donos.

Naquela manhã, ao começo da baldeação, Pedrinho surpreendeu Júlio furtando um pedaço de carne seca do pessoal. Pouco depois, Paixão censurou-o pelo fato de, como sempre, ficar para trás. Nessa ocasião, havíamos chegado ao lugar onde as canoas estavam amarradas ao barranco e em seguida foram sendo descidas. Pedrinho estava ainda no acampamento que havíamos deixado, Paixão tinha acabado de trazer um volume que arriou ao chão com sua carabina ao lado, voltando após pela picada em busca de outro volume. Júlio chegou, arriou sua carga, apanhou a carabina e voltou para a picada resmungando, mas sem mostrar exaltação. O fato não nos causou estranheza, pois estava sempre a resmungar; e por vezes algum dos homens via um macaco ou uma ave grande e procurava matá-los, de modo que não era surpresa ver um homem armado.

Um minuto depois, ouvimos um tiro, e logo em seguida três ou quatro Camaradas chegaram a correr pela picada, contando que Paixão estava morto, atirado por Júlio. O Coronel Rondon e Lyra achavam-se à frente; mandei avisá-los, deixei Cherrie e Kermit onde estavam, vigiando as canoas e provisões, e segui pela picada com o Médico – homem calmo em absoluto, armado de revólver, mas sem carabina – e dois Camaradas.

Logo passamos pelo cadáver de Paixão. Jazia emborcado num charco de sangue no lugar onde caíra trespassado no coração. Eu temia que Júlio houvesse enlouquecido e pretendesse fazer mais vítimas, antes de morrer, começando por Pedrinho, que estava só e desarmado no acampamento.

Assim, prossegui com os meus companheiros, olhando atento para todos os lados; mas, quando chegamos ao acampamento, o Médico, tranquilo, dirigiu-se a mim, dizendo:

> Minha vista é melhor que a sua, Coronel; se ele aparecer eu lho mostrarei, pois o senhor está com carabina.

Todavia, não o achamos, e os outros logo nos alcançaram com a boa notícia de haverem encontrado a arma homicida. O assassino ficara de tocaia, na picada, e matara sua vítima quando esta chegara a alguns passos de distância, com premeditação deliberada e maligna. Seu ódio mortal, então evidente, cedeu o passo à covardia inata e, ouvindo talvez alguém vir pela picada, tomou-se de terror e afundou na selva.

Uma árvore lhe havia arrancado das mãos a carabina. Suas pegadas indicaram que, após poucas dezenas de metros, voltara, sem dúvida, à procura da arma, mas fugira de novo, certamente porque então o corpo da vítima já fora encontrado. Era um problema saber se ele conseguiria ou não atingir vivo as Aldeias dos índios, seu objetivo provável.

Não era ele indivíduo acessível ao remorso, que nunca é sentimento vulgar, mas, era indubitável que o matador estaria num inferno vivo, com a fome e a febre a espreitar-lhe os passos, enquanto ele abria caminho pela vasta desolação do matagal.

França ([108]), o cozinheiro, citando um provérbio que provém da triste filosofia do povo, dizia: "*Ninguém conhece o coração dos outros*"; e em seguida afirmava, com profunda convicção, com uma crença entranhada no supranatural, que até então eu nunca encontrara:

> – França: O Paixão está seguindo Júlio agora, e o seguirá sempre, até Júlio morrer; Paixão caiu de bruços, sobre as mãos e os joelhos, e, quando um morto cai assim, sua alma acompanha o assassino enquanto este viver.

Não tentamos perseguir o criminoso. Não podíamos legalmente matá-lo, embora fosse ele um Soldado que a sangue-frio e premeditadamente assassinara um colega. Se estivéssemos próximos de algum centro civilizado, faríamos tudo para prendê-lo e entregá-lo à justiça. Mas estávamos no Sertão ermo e não podíamos calcular quantas semanas de jornada ainda nos aguardavam. Os víveres escasseavam, as doenças começavam a atacar o pessoal do trabalho, cuja coragem e resistência física estavam gradualmente cedendo. Nosso primeiro dever era salvar a saúde e as vidas dos membros da Expedição que honestamente estavam realizando e tinham ainda de realizar tanto trabalho penoso e cheio de perigos. Se prendêssemos o delinquente, precisaríamos vigiá-lo dia e noite. Numa Expedição em que sempre havia armas carregadas à mão, continuamente haveria oportunidade e tentação para ele, de se apoderar de víveres e armas para fugir, talvez fazendo antes outras vítimas.

Não poderia, algemado, subir e descer as ladeiras pedregosas; nem ficar algemado nas canoas, onde os riscos de afogamento, pelo fato de alguma canoa virar, estavam sempre presentes.

---

[108] França: gaúcho Pedro de França Filho.

A vigilância a um preso seria um severo castigo adicional para os pobres homens fiéis já tão fatigados pelo excesso de trabalho. A Expedição corria perigo e seria prudente aproveitar todas as circunstâncias que pudessem garantir-lhe o bom êxito. Que o criminoso morresse ou vivesse no deserto, era coisa que não tinha importância em face do nosso dever de tudo fazermos para a segurança do resto da comitiva.

Nos dois dias seguintes ([109]), estivemos sempre precavidos contra sua volta, pois poderia com facilidade matar mais alguém rolando grandes pedras sobre qualquer dos homens que trabalhavam nas faldas pedregosas ou no fundo da garganta. Não o vimos até a manhã do terceiro dia. Tínhamos passado a última das corredeiras do grotão e as quatro canoas seguiam Rio abaixo, quando apareceu ele atrás das árvores da margem, bradando que desejava entregar-se e ser levado para bordo – pois aquele facínora era no fundo um consumado poltrão, um curioso misto de ferocidade e covardia. A canoa do Coronel Rondon seguia muito à frente: ele não parou nem respondeu. Eu procedi do mesmo modo com as canoas da retaguarda, pois não tinha a menor intenção de recolher o assassino a bordo, a menos que o Coronel Rondon me declarasse que deveria fazer isso no cumprimento de seu dever de Oficial do Exército e servidor do governo do Brasil.

Na primeira parada, o Coronel Rondon veio a mim e declarou-me que essa era sua própria noção do dever, mas que não se detivera a fim de consultar-me primeiro, como Chefe da Expedição. Respondi que, pelas razões enumeradas acima, acreditava que não seria justo para os homens corretos da comitiva, que nós puséssemos em risco sua segurança levando

[109] Dois dias seguintes: 05 a 06.04.2014.

o assassino conosco, e que, se me coubesse a responsabilidade, eu me recusaria a recebê-lo; porém que ele, Cel Rondon, era o oficial Comandante tanto do assassino como de todos os Praças e Oficiais do Exército da Expedição, sendo, por sua vez, responsável perante seus próprios chefes e perante as leis do Brasil; e que, em face dessa responsabilidade, devia ele proceder como lhe ditasse o sentimento do dever.

De acordo com isto, do primeiro ponto de pernoite, ele mandou voltarem dois homens, peritos batedores de mata, a fim de o encontrarem e trazerem preso. Mas não o acharam.

> A narração acima, de todos os fatos ligados ao assassínio, foi lida e aprovada como exata pelos seis membros da Expedição.

[...] Quando verificamos ter fugido o criminoso, regressamos ao local do delito. O morto estava com um lenço a cobrir-lhe o rosto. Foi sepultado junto ao lugar em que caiu. Os Camaradas cavaram a machado e facões uma cova rasa e, com todo o respeito e carinho, ali depositamos o corpo que, apenas meia hora antes, estava tão cheio de vida.

Eu e o Coronel Rondon o levantamos, depositando-o no túmulo. Uma cruz ficou assinalando esse lugar, e demos uma salva de tiros em honra ao bravo e leal Soldado que caíra no cumprimento do dever.

Deixamo-lo em seguida, para sempre, sob a abóbada das grandes árvores, junto ao Rio solitário. Naquele dia só percorremos metade da extensão das corredeiras. Não havia lugar bom para acamparmos e somente nas abas de um morro achamos uma estreita faixa pedregosa, onde era possível armar as redes e cozinhar. Minha cama de campo ficou num plano inclinado; tinha sido tão sacudida, que parecia uma centopeia desconjuntada. [...] (ROOSEVELT)

Imagem 43 – Kermit Roosevelt

04.04.1914

- Relata Roosevelt -

04.04.1914 – Neste dia, Lyra, Kermit e Cherrie concluíram sua tarefa, trazendo as quatro canoas que nos restavam ao acampamento, uma delas rachada pelos esbarros nas pedras. Descemos então o Rio por algumas centenas de metros, acampando na margem oposta; não era ótimo local para o caso, porém muito melhor que o precedente. Os homens se tornavam progressivamente mais fracos, com o incessante esforço em trabalho exaustivo. Kermit estava com febre e Lyra e Cherrie tinham sintomas de disenteria, mas todos os três continuavam a trabalhar. Certo momento, metido n'água, procurando ajudar no salvamento de uma canoa virada, eu tinha, por minha falta de jeito, contundido a perna contra uma pedra, e a inflamação que sobreveio era de certo modo incômoda. Tive um acesso agudo de febre, porém, graças ao excelente tratamento do Médico, fiquei livre dela em quarenta e oito horas; mas a febre de Kermit piorou e o impediu de trabalhar por uns dois dias.

[...] Um bom Médico é de absoluta necessidade numa Expedição exploradora em zona como a que percorríamos, sob pena de pavorosa mortandade em seus componentes; os riscos e acasos inevitáveis são tão numerosos, e as possibilidades de desastres tão frequentes, que não há justificação em aumentá-los, pela omissão de quaisquer possíveis precauções. (ROOSEVELT)

- Relata Rondon -

04.04.1914 – Na manhã seguinte, 4 de abril, recomeçamos os exaustivos trabalhos da véspera, para terminar o transporte das cargas e a passagem das canoas. Pelas 16h00, já esses trabalhos se achavam bastante adiantados, e era possível irmos instalar, finalmente, o nosso 24° acampamento. No momento em que saíamos do bivaque, o Sr. Roosevelt sentiu-se subitamente atacado de forte acesso febril, cuja temperatura subiu logo a mais de 39°C. No caminho, fomos colhidos por pesado aguaceiro que nos alagou e muito aumentou os sofrimentos do nosso doente. O Dr. Cajazeira deu-lhe uma injeção de meio gramo de quinino e à noite fizemos-lhe quarto: o Sr. Kermit e o Dr. Cajazeira revezaram-se até as 02h00 e dessa hora em diante eu os substitui. (RONDON)

- Relata Cherrie -

04.04.1914 – Graças ao trabalho diligente e cuidadoso que tivemos, as 2 últimas canoas foram transportadas para baixo sem acidentes e, em seguida, concluímos todo o transporte para baixo desde o Bivaque. Eu alternava, montando guarda armado, ajudando com as cordas ou empurrando e puxando os barcos através da trilha. Os homens levaram toda a carga para baixo. No final da tarde, estávamos prontos para descer o Rio por cerca de um quilômetro até a cabeça de outra série de Rápidos.

Pouco antes de deixar o Bivaque, veio um aguaceiro encharcando a maioria de nós. O Coronel Roosevelt, Rondon e o Médico desceram na maior das nossas canoas. Com exceção dos remadores, o restante de nós desceu à pé até o Acampamento. O Coronel Roosevelt estava doente e febril durante todo o dia. Na curta viagem até o Acampamento, ele ficou muito doente. Eu senti alguns calafrios durante curtos períodos.

Nosso Acampamento está situado na margem direita. Tomamos as precauções necessárias, caso o criminoso Júlio ainda esteja à espreita querendo aprontar alguma surpresa. (CHERRIE)

05.04.1914

- Relata Rondon -

05.04.1914 – Conquanto ao amanhecer do dia 5, o Sr. Roosevelt acusasse melhoras, resolvi transferir o acampamento para outro lugar que não tivesse o inconveniente da grande umidade deste em que passáramos a noite. Para isso conseguir, transportei-me para a margem direita que percorri, explorando-a, numa distância de 1.600 m, até o ponto em que se nos deparou grande enseada, a qual demos o nome de "*Boa Esperança*" por vermos o Rio daí para baixo correr com o aspecto de não ter outros embaraços a opor à nossa marcha. Não levei, porém, o acampamento para aí, em atenção ao mau estado de saúde do Sr. Roosevelt; limitei-me a instalá-lo a 950 m do ponto de onde queríamos sair. Nesse dia terminaram os trabalhos de varar as cachoeiras, nos quais os nossos canoeiros, dirigidos pelo Ten Lyra e pelo Sr. Kermit, e animados pelo exemplo de tenacidade que estes lhes davam, desenvolveram esforços que pareciam exceder a capacidade de resistência do organismo humano.

O Sr. Roosevelt ficou maravilhado diante daquela prova inequívoca da excepcional energia física e moral dos nossos oficiais e dos nossos homens e, falando comigo, fez esta consideração:

> Dizem que os brasileiros são indolentes! Pois, meu caro Coronel, um País que possui filhos como estes, tem assegurado um grande futuro e certamente realizará as maiores empresas do inundo.

Passamos a noite com relativo sossego; a febre não se manifestou no Sr. Roosevelt, mas atacou o Sr. Kermit. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

05.04.1914 – Neste dia, tivemos uma longa baldeação para desviar-nos de algumas corredeiras, e acampamos à noite ainda na úmida e quente atmosfera do grotão sombrio. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

05.04.1914 – Ontem à noite, Kermit e o Dr. Cajazeira passaram toda a noite com o Cel Roosevelt. Ele passou uma noite muito ruim e sua temperatura chegou aos 39,8° C. Hoje, no entanto, ele se sente muito melhor e esta tarde foi capaz de caminhar pelas trilhas mais fáceis ao longo dos Rápidos até o nosso Acampamento. Kermit teve febre esta noite. Meu estômago ainda está muito desarranjado. Antônio e Luís foram capazes de trazer as canoas para baixo, vazias, sem grandes dificuldades.

No final da tarde, Antônio Pareci apressou-se em pegar sua arma, avisando que os macacos estavam próximos. [...] Havia um grande bando de macacos-barrigudos. Mas eles moviam-se com uma velocidade extraordinária através das copas mais altas das árvores. Eu, no entanto, cacei dois e Kermit, um.

Vínhamos sonhando com carne fresca e ela recompôs nossas forças e energias. O fato de o Rio parecer estar se afastando das montanhas, que por tanto tempo tinham nos cercado, trouxe-nos um novo alento. Eu não posso afirmar que todos nós, americanos, chegaremos a Manaus e em casa. [...] (CHERRIE)

06.04.1914

- Relata Rondon -

06.04.1914 – Na manhã do dia 6, partimos do 25° acampamento, levando as canoas ainda aliviadas de cargas para a enseada da Boa Esperança, onde retomamos a navegação, que prossegui levemente por longos estirões do Rio, até se completarem 28.325 m.

Na descida da cachoeira do Paixão havíamos perdido uma canoa. Com a flotilha reduzida a quatro embarcações, não podíamos continuar a empregar no levantamento tomográfico, os processos anteriores, e foi forçoso contentarmo-nos com os elementos fornecidos pelas medidas do tempo e da velocidade média, deduzida das avaliações feitas nos trechos retilíneos do Rio com o auxílio do telêmetro.

O lugar a que chegamos e onde instalamos o nosso 26° acampamento, a 201.950 m do passo da Linha Telegráfica, era a Foz de um novo tributário que entra no Roosevelt pela margem direita, com o azimute de 263 graus ESE, vindo quase de Leste. A sua largura era de 95 m e as suas águas corriam com grande velocidade, sobre rocha de pórfiro quartzoso. Na barra existem duas ilhas; e o Roosevelt, depois de o receber, toma a largura de 120 metros e continua com o azimute de 13° NO, que já trazia.

A floresta, cuja constituição começara a modificar-se um pouco antes desse ponto, pelo aparecimento de palmeiras uáuássú ([110]), torna-se aqui muito abundante dessa ataléa, associada com a hevea brasilienses. Desde a cachoeira da Pedra de Cal, porém, não mais avistamos a Bertholletia excelsa ([111]); talvez exista para o interior das terras.

Ao novo Rio assim descoberto na lat. Austral de 10°59’00,3’’ e na long. O do Rio de 17°05’54”, dei o nome de Capitão Cardoso, modesta homenagem da gratidão e da saudade que devo a um antigo e constante companheiro dos meus trabalhos de Sertão, desde os temidos da construção da Linha Telegráfica de Goiás a Cuiabá até o dia 8 de janeiro de 1914, em que ele tombou morto na estação de Barão de Melgaço, onde viera reorganizar e prosseguir os serviços que os tenentes Nicolau Bueno Horta Barboza e Paulo Vasconcellos tinham sido, meses antes, forçados a suspender, para salvarem as suas vidas ameaçadas pelo impaludismo.

Infelizmente o meu velho e dedicado companheiro de lutas não teve tempo de se defender contra o violentíssimo ataque de um acesso pernicioso dessas febres; e ao fim de dois dias de doença, pela primeira vez o seu braço descansou da longa faina de servir à causa pública e o seu grande coração deixou de amar a terra que lhe fora berço e os amigos conquistados pela formosura do seu caráter varonil e bondoso.

A possibilidade que as expedições de descobrimento de terras incultas nos dá de perpetuarmos nos novos acidentes geográficos a memória de esforçados

---

[110] Uáuássú (manicaria saccifera): Ubuçu ou Buçu, o cacho é protegido por um invólucro semelhante a um saco fibroso e resistente chamado de tururi.

[111] Bertholletia excelsa: castanha da Amazônia.

servidores da nação, verdadeiros heróis, não de uma façanha brilhante executada num instante de exaltação, na presença de milhares de espectadores, mas sim de uma série ininterrupta de sacrifícios e de privações inauditas e obscuras, não chega a ser um consolo para quem a encontra e realiza; é uma simples mitigação da dor, que nos ficou, de sabermos estar perdido para a Pátria um dos seus filhos, que a soube honrar e servir, e para a nossa amizade o objeto de uma afeição que se vê frustrada na esperança de acrescentar novos dons aos dons já recebidos, e se tem de resignar à fatalidade de só se alimentar da rememoração do passado e das emoções da saudade.

Quantas vezes desejaríamos que o destino nos poupasse esse doloroso dever de pedirmos a um canto do solo grandioso de nossa Pátria, que recolha e conserve a memória dos nossos companheiros de lutas, para a transmitir às gerações futuras, nas quais depositamos a fé serena e inabalável de que saberão retribuir com muito amor a devoção daqueles que antecipadamente tanto a amaram e serviram?!

Diante do Rio "*Capitão Cardoso*", naquela tarde de 6 de abril de 1914, estávamos bem longe de imaginar que, passado pouco mais de um ano, um dos seus afluentes, cuja existência então nem suspeitávamos nos daria ocasião de renovarmos estas melancólicas reflexões.

Havíamos deixado no Chapadão as cabeceiras do Ananás, a que já nos referimos, dizendo que o Sr. Roosevelt por participar das dúvidas relativas ao curso do Rio que acabou recebendo o seu nome, o escolhera para explorar, no caso de se verificar a hipótese deste ser um simples tributário do Ji-Paraná.

Imagem 44 – Acampamento no Rio Cardoso (Cherrie)

O reconhecimento que estávamos fazendo, desvaneceu todas as opiniões contrarias à de ser o antigo Dúvida a parte superior do maior de todos os contribuintes da margem direita do Madeira; e disso resultou continuar o Ananás envolvido no seu manto de mistério, dando lugar a novas suposições a respeito do sistema potamográfico a que pertenceriam as suas águas. Parecia-nos muito provável que elas fossem para o galho oriental do Aripuanã; mas também não se podia em absoluta rejeitar a suposição de que corressem para o Tapajós ou entrassem diretamente no Amazonas pela Foz já conhecida sob o nome de Canumã. Para resolver de uma vez todas estas dificuldades, organizou-se, no presente ano, nova expedição que, descendo o Ananás, reconheceu ser ele um dos dois formadores de outro Rio, cuja identidade os expedicionários só puderam descobrir quando lhe atingiram a Foz, porque aí encontraram o marco de 1914 com a indicação por nós deixada: "*Rio Capitão Cardoso*". Infelizmente, porém, o intrépido Chefe dessa Expedição, o Ten Marques de Souza, e um de seus canoeiros dias antes haviam perdido a vida, num assalto que sofreram dos índios habitantes daqueles Sertões. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

06.04.1914 – Neste dia, baldeamos ainda, passando corredeiras que eram as últimas do grotão. Por espaço de alguns quilômetros, continuamos a passar junto a morros, e temíamos que a qualquer momento nos defrontássemos, outra vez, com um novo desfiladeiro entre serras. Nesse caso, teríamos dias mais de penoso labor e mais perigos pela frente, com os homens desanimados, fracos e doentes. Muitos já começavam a ter febre. Esse seu estado era inevitável, após um mês de trabalho ininterrupto, da pior espécie, para vencer longa série de encachoeirados que acabávamos de passar.

Uma grande demora a mais, acompanhada de esforço estafante, teria quase pela certa significado que os mais fracos da comitiva começariam a perecer. Já tínhamos dois Camaradas por demais enfraquecidos para auxiliarem os outros, sendo tal seu estado que nos causava sérias apreensões. No entanto, os morros gradativamente se foram transformando em planície nivelada e o Rio nos conduziu através dela com uma velocidade que nos permitiu registrar 36 km no resto do dia. Por duas vezes, antas atravessaram o Rio à nossa passagem, porém longe da minha canoa. Além disso, na tarde antecedente, Cherrie matara dois macacos e Kermit, outro, de modo que tivemos todos um bocado de carne fresca; e já tivéramos uma boa sopa de tartaruga, de uma que Kermit tinha apanhado.

Tivemos que baldear em uma curta série de corredeiras, descendo as canoas descarregadas sem dificuldade. Afinal, às 16h00, chegamos à Foz de um grande Rio que entrava pela direita. Pensávamos que fosse o Ananás, porém não tínhamos certeza, é claro. Era menos volumoso que o nosso, porém quase da mesma largura; a sua era de 82 m naquele

lugar, e de 110 m, a do Rio maior. Havia corredeiras logo abaixo da junção, que ficava a 10°58′ S ([112]). Tínhamos percorrido 216 km quilômetros ao todo, e nos encontrávamos em situação quase ao Norte do ponto de partida. Acampamos na ponta de terras entre os dois Rios.

Era extraordinário verificar que, na Latitude de 11°, corria um grande Rio inteiramente desconhecido dos cartógrafos, que não vinha indicado nem por sombra em qualquer mapa. Chamamos a esse grande afluente Rio Cardoso, em homenagem a um bravo oficial da Comissão que falecera exatamente ao iniciarmos a Expedição. Ficamos um dia nesse local, determinando a posição certa pelo Sol e depois pelas estrelas; dois homens foram mandados examinar as corredeiras à frente. Voltaram dizendo que havia entre elas grandes quedas d'água, que criavam sério obstáculo ao nosso avanço.

Tinham apanhado um grande peixe siluroide ([113]), que forneceu uma excelente refeição a toda a turma. Naquela tarde, ao pôr do Sol, a vista do grande caudal, de nosso acampamento onde se juntavam os Rios, era de grande beleza. Pela primeira vez, tínhamos espaço aberto à nossa frente e por sobre nossas cabeças, de modo que cairia a noite, as estrelas e a lua crescente se ostentavam soberbas nas alturas, ao mesmo passo que a claridade lunar lançava um rastilho de prata no meio da corrente arrepiada pelos rochedos. O enorme silurídeo que os homens tinham apanhado media metro e tanto de comprido, com a enorme cabeça característica fora de toda a proporção com o corpo e com a boca enorme, não proporcionada à cabeça. Esses peixes, embora tenham pequenos dentes, devoram presas muito grandes.

[112] 10°58′ S: 10°59′20″ S.
[113] Silurídeo: bagre.

Aquele peixe continha os restos meio digeridos de um macaco. Provavelmente, o macaco fora apanhado quando bebia água da ponta de um galho e, uma vez abocanhado por aquela caverna hiante, não havia salvação. Nós, americanos, ficamos assombrados à ideia do tal silurídeo matar um macaco, mas nossos amigos brasileiros nos informaram que, no Baixo Madeira e no trecho do Amazonas, adjacente à sua Foz, existe um silurídeo ainda mais gigantesco que, de modo semelhante, faz vítimas humanas. É um peixe de cor cinzenta esbranquiçada, medindo cerca de três metros, com a cabeça enorme, usualmente desproporcionada e uma boca rasgada, rodeada de dentes miúdos. Seu nome é piraíba ([114]) – pronunciado com quatro sílabas. Quando estacionava em Itacoatiara, pequena cidade à beira do Amazonas, na Foz do Madeira, nosso médico vira um daqueles monstros, que fora morto por dois homens que havia atacado.

Estavam eles a pescar numa canoa quando o animal surgiu do fundo – pois é um peixe da lama e, erguendo-se meio fora d'água, se atirou contra eles de goela escancarada, por sobre a borda da canoa. Mataram-no a facão. Foi levado em triunfo pela cidade num carro de bois, tendo-o visto o Doutor que afirmou que media 03 m de comprido. Segundo nos disse, os nadadores temem-no mais do que ao jacaré, pois a este podem ver, e não à piraíba, que fica oculta nas profundezas das águas. O Coronel Rondon nos contou que, nas cidades do Baixo Madeira, o povo construiu estacadas nas águas em que se banhavam, não se aventurando a nadar nas águas livres, de medo à piraíba e ao jacaré. (ROOSEVELT)

---

[114] Piraíba, Piratinga (Brachyplathystoma filamentosum): é o maior peixe de couro da Bacia Amazônica, podendo atingir 03 m de comprimento e 150 Kg de peso.

07.04.1914

- Relata Rondon -

07.04.1914 – Dois acontecimentos igualmente inesperados, nos obrigaram a passar aí o dia 7 de abril: foi, um deles, o aparecimento do assassino do Sargento Paixão, e o outro, a descoberta de nova cachoeira, surgindo em terreno tão baixo (o aneroide acusava a pressão correspondente a 754,9 mm, que nos causou admiração encontrá-la.

A canoa em que eu e o Tenente Lyra viajávamos, vinha na vanguarda da esquadrilha, correndo com bastante velocidade. Estávamos ainda a duas léguas de distância do ponto em que depois descobrimos a Foz do "*Capitão Cardoso*", quando de repente ouvimos a voz de alguém, que de terra exclamava: Tenente!

Surpreendidos, não atinamos logo com a pessoa que nos chamava; nem pensávamos no criminoso, porque todos aceitávamos a hipótese de que ele tivesse tomado a resolução de voltar Rio acima, caminhando pela margem até encontrar os trilhos dos Navaité, pelos quais facilmente sairia na estação telegráfica de José Bonifácio.

No entanto, era ele que ali estava, trepado nos galhos de uma árvore pendente sobre a correnteza do Rio, implorando misericórdia e pedindo que o recebêssemos a bordo.

Não lhe atendemos imediatamente; precisávamos antes comunicar ao Sr. Roosevelt ser de nosso dever tomar nas canoas aquele homem, para entregá-lo aos tribunais do País. E foi o que fizemos, apenas nos achamos todos reunidos no lugar do novo acampamento.

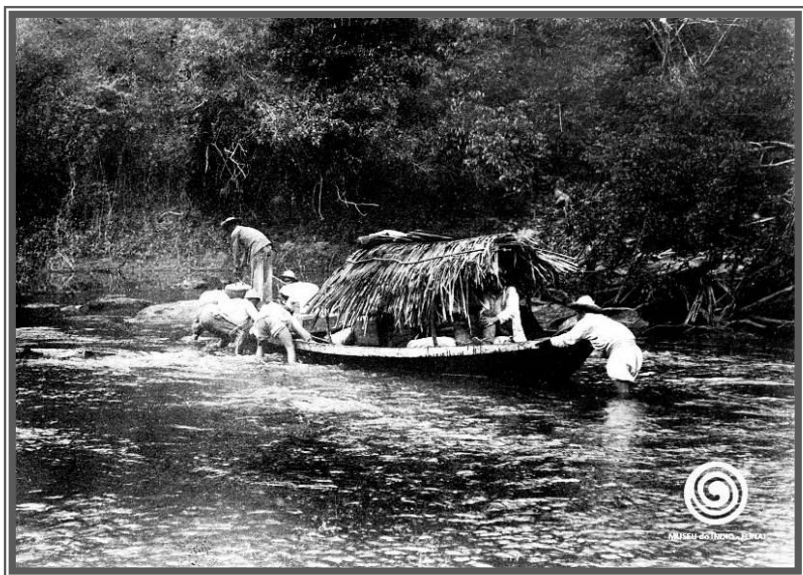



Imagem 45 – Canoa de Roosevelt

O Sr. Roosevelt disse-nos que também ele e os seus companheiros de canoa tinham passado por surpresa igual à nossa. Quanto a conduzirmos o criminoso, respondeu que nada mais lhe restava senão conformar-se com ver-me cumprir o que eu dizia ser de meu dever de oficial brasileiro e de homem; mas que, a não ser esta consideração, nenhuma outra o decidiria, caso estivesse em seu poder, a reincorporar na Expedição um indivíduo que se havia dela excluído pelos seus maus instintos, acrescendo a isso a clamorosa injustiça que seria expor os demais expedicionários a terem aumento de trabalho e de riscos de virem a sofrer fome, por intenção de salvar a existência de alguém que se revelara tão antipático e insociável.

Esperamos o resto da tarde e a noite de 7, que o desgraçado foragido viesse ao nosso encontro, no acampamento. Mas, não tendo isto acontecido, na manhã seguinte mandei o canoeiro Luiz Correia e Antônio Pareci irem por terra, Rio acima, procurá-lo.

Nessa diligência os dois homens gastaram o dia inteiro, regressando à noite com a notícia de o não terem encontrado. No entanto, os gritos de chamado, os disparos das armas de fogo e a fumaça do acampamento eram indícios mais do que suficientes para orientar os passos de qualquer pessoa que estivesse perdida na mata, dentro de um círculo de muitos quilômetros de raio. Para tirarmos o maior proveito possível da parada a que éramos forçados, eu e o Ten Lyra ocupamo-nos nas medições dos Rios e nas observações astronômicas necessárias ao cálculo das coordenadas geográficas da nossa posição, enquanto o Antônio Correia e outro canoeiro iam explorar a cachoeira, com o intuito de descobrirem os Canais por onde pudessem descer as canoas no dia seguinte. Este último serviço fez-se, primeiro, pela margem direita, com resultado negativo, porque o Rio, depois de se subdividir por múltiplos Canais de rocha, acaba dando um salto maior do que os até agora encontrados, Transportaram-se, pois, os dois canoeiros para a margem esquerda, onde foram mais felizes; um Canal permitia a passagem das canoas vazias, mas o trecho encachoeirado prolongava-se por grande extensão, toda ela semeada de ilhas, que forçaram o Rio a alargar o seu leito, e ao mesmo tempo a tomar o rumo de Poente e de Sudoeste, desviando-o de um morro existente do lado Norte. (RONDON)

- Relata Cherrie -

07.04.1914 – Nós, americanos, acreditávamos que estaríamos partindo, logo cedo, seguindo nossa jornada Rio abaixo. Qual foi o nosso espanto ao ouvir o Cel Rondon anunciar que pretendia permanecer neste Acampamento por mais um dia e que tinha a intenção de enviar dois Camaradas à retaguarda, para tentar achar o assassino Júlio, capturá-lo e levá-lo conosco para entregá-lo às autoridades militares!

A decisão do Cel Rondon é quase inexplicável, tendo em vista nossa situação. Nosso estoque de suprimentos está diminuindo de forma alarmante e só temos, a partir de agora, consumindo meias rações, o suficiente para duas ou três semanas; além disso, as nossas quatro canoas já estão abarrotadas. O Cel Roosevelt tem tido febre constante, Kermit agora mesmo apresenta febre muito alta e eu continuo muito doente, padecendo com a diarreia. Não temos ideia das dificuldades que nos aguardam ou quanto tempo levaremos antes de chegar a um ponto em que possamos conseguir ajuda. Do nosso ponto de vista, este atraso e a tentativa de levar um prisioneiro conosco colocaria em risco a vida de todos os membros da Expedição, o transporte de um preso é um compromisso muito arriscado.

O Cel Rondon nem sequer aventara ser necessário realizar um reconhecimento à frente para verificar as Rápidos cujo ruído ouvíamos! Só depois de Kermit e o Cel Roosevelt terem protestado, Antônio Correia foi enviado a jusante para analisar o que estava à nossa frente. Antônio Correia voltou e relatou a existência de fortes Rápidos e Quedas! Vamos ter, novamente, um trabalho duro pela frente. Antônio Correia e Henrique trouxeram um enorme peixe conhecido como pirarara ([115]) com pouco de mais de metro de comprimento e com uma aparência do nosso peixe gato, mas com umas placas que lhe cobrem o terço anterior do corpo. Na limpeza da Pirarara, os homens descobriram a cabeça e um braço de alguma espécie de macaco! Infelizmente essas relíquias foram atiradas fora sem que eu pudesse vê-las, e só por acaso tomei conhecimento do fato. A Pirarara é um peixe muito saboroso. (CHERRIE)

---

[115] Pirarara (Phractocephalus hemioliopterus): peixe liso, encontrado nas Bacias dos Rio Araguaia, Tocantins e Amazonas, que pode chegar a pesar 60 kg e alcançar 1,5 m de comprimento.

08.04.1914

- Relata Rondon -

08.04.1914 – No dia imediato, lutando corajosamente contra as dificuldades opostas por esta cachoeira, que recebeu a designação de "*Sete de Abril*", e mais com as que se lhe seguiram, não conseguimos avançar mais do que 3.655 metros, apesar de termos trabalhado desde as 08h00 até próximo das 16h00. Paramos à beira de outra cachoeira, e ao acampamento aí instalado demos o nome de "*Piranhas*", em lembrança de alguns desses peixes pescados pelo Ten Lyra. (RONDON)

- Relata Roosevelt -

08.04.1914 – Neste dia, só descemos cinco quilômetros, pois encontramos muitas corredeiras. Tivemos de baldear as cargas de duas canoas, mas as vazias passaram sem dificuldade, pois, na margem Ocidental, havia longos Canais e de correnteza rápida dentro da mata. O Rio estivera mais cheio, mas ainda se conservava muito alto, e a corrente tumultuava em volta das muitas ilhas que naquele ponto dividiam o Canal.

Às 16h00, acampamos ao alto de outra série de encachoeirados, nos quais as canoas canadenses teriam passado oscilando e sem embarcar uma gota d'água, mas que nossas canoas só podiam vencer descarregadas. Cherrie matou três macacos e Lyra pescou duas grandes piranhas, de modo que mais uma vez tivemos um jantar e um almoço muito bons. Quando um grupo de homens, em trabalho puxado, fica a meia ração a maior parte do tempo, passa a tomar vivo interesse em qualquer refeição razoavelmente satisfatória que possam conseguir. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

08.04.1914 – De nosso Acampamento, como tem sido rotina já há algum tempo, ouvimos o barulho dos Rápidos tanto a montante como a jusante! Ainda não atravessamos os Rápidos a jusante da Foz do Rio Cardoso. Nossa marcha é curta. Por duas vezes, os barcos passaram carregados, mas somente com os remadores a bordo. Por duas vezes, transportamos a carga por terra, por uns 400 e 100 metros, respectivamente, e os barcos conduzidos à sirga vazios. A primeira travessia de 400 metros mostrou-nos como estava fraco o Coronel Roosevelt.

Ele estava completamente exausto, no limite de suas forças, mas, mesmo assim, mantinha sua postura. Kermit está cada vez mais preocupado com o seu pai, embora ele próprio ainda esteja com febre. A falta de alimentos em quantidade suficiente é um dos motivos de estarmos todos fisicamente debilitados, e a falta de força e energia é extremamente evidente nos Camaradas. Parece, finalmente, que estou recuperando-me completamente da doença que tem me atormentado, embora, é claro, ainda esteja enfraquecido.

Logo que chegamos ao novo Acampamento, ouvi um alarido de macacos na floresta. Peguei minha arma, entrei na mata, achei um bando de mais de doze símios alimentando-se e consegui abater três. Um deles, no entanto, permaneceu preso, pela cauda preênsil, em um galho. Nós não teríamos conseguido alcançá-lo, mas Antônio Pareci subiu por uma pequena árvore, ascendendo pelos seus galhos até as proximidades de onde o macaco estava pendurado e, agitando os ramos, conseguiu derrubá-lo. Todos acharam a carne fresca muito agradável. Usando pedaços de carne de macaco como isca, Lyra pegou bons pacus para o nosso jantar.

Imagem 46 – Camaradas (Cherrie)

Minha ceia [a segunda refeição] consistia de refrigerante, um biscoito e uma pequena porção de peixe com uma xícara de café. Não é uma refeição muito saudável para homens adultos! Os macacos ficaram para o café da manhã.

O Coronel Rondon relatou ter visto um urubu. Estamos novamente cercados por colinas baixas e rochosas, mas acho que provavelmente as deixemos para trás depois de amanhã. Quando atravessávamos o Rio, acima dos Rápidos, Antônio Pareci quebrou o remo! Se eu não tivesse alertado e Coronel Roosevelt insistido, não teríamos um remo reserva! Ficaríamos à mercê das águas considerando que o tamanho e o peso da canoa não poderiam ser controlados pela pequena pá do timoneiro. Podemos afirmar que o Cel Rondon demonstrou, em diversas ocasiões, despreocupação com detalhes importantes, dando provas de ser um chefe de uma Expedição incompetente! Dr. Cajazeira contou-nos, esta noite, uma história extraordinária de um homem comendo peixes encontrados no Baixo Madeira, Amazonas e Negro etc. (CHERRIE)

09.04.1914

- Relata Rondon -

09.04.1914 – Desse acampamento descemos, no dia imediato, 9 de abril, mais 4.575 m, transpondo duas cachoeiras, que obrigaram os nossos valentes trabalhadores a transportar as cargas por caminhos martirizantes, o primeiro com a extensão de 700 m e o segundo com a de 400. Estes homens já apresentavam o aspecto de organismos esgotados pelo excesso dos esforços que vinham desenvolvendo havia 42 dias seguidos, numa luta sem tréguas contra as formidáveis resistências da natureza selvagem do Sertão e do Rio, que se apresenta eriçado de todos os obstáculos próprios a levarem até o infinito as dificuldades da navegação; no entanto, nenhum sinal de abatimento moral se manifestava neles, e nada pressagiava a possibilidade de virem a perder o ânimo necessário para enfrentar e vencer novos obstáculos e resistir aos embates de maiores desventuras e de mais pesados sofrimentos. (RONDON)

- Relata Cherrie -

09.04.1914 – Nós ainda estamos cercados por montanhas e o rugido dos Rápidos ecoa em nossos ouvidos! Fizemos apenas uma marcha relativamente curta. A primeira coisa que fizemos, na parte da manhã, foi um transporte por mais de 600 m, contornando os Rápidos, partindo as canoas vazias. Passamos quase toda a manhã neste transportar e carregar as canoas.

Era quase meio-dia quando finalmente embarcamos por apenas quinze ou vinte minutos até desembarcarmos novamente para explorar a região à frente e avaliar as características e extensão de outra longa série de Rápidos.

Felizmente foi encontrado, numa das margens, um Canal que permitiu que as canoas passassem carregadas, com êxito. Em seguida, depois de mais quinze minutos, alcançamos a cabeça de outros Rápidos onde realizamos um transporte de 200 m para a carga e de onde as canoas passaram vazias com êxito. Carregamos e embarcamos novamente, tivemos de picar a voga durante uns 15 minutos para impedir a alagação das canoas e, finalmente, conseguimos trazê-las até a margem direita a montante de outra longa série de Rápidos.

Chegamos cedo o bastante para realizar um reconhecimento e descobrir que amanhã há a necessidade de executar um transporte de 700 m à nossa frente e onde será possível executar a travessia das canoas vazias. Esta longa série de Rápidos a jusante da Foz do Rio Cardoso ia de encontro ao que afirmara Rondon que, durante o desnecessário atraso no Rio Cardoso, insistiu que não existiam Rápidos à frente! ([116]) **Ele** [Rondon] está desanimado e triste, mas é do tipo que nunca aprende. Kermit continua muito doente com febre e mal consegue ficar de pé.

O Médico aplicou-lhe quinino. No final da noite, a temperatura que tinha chegado até 39,8° C, caiu. No caminho ao longo do primeiro transporte da manhã, atirei em um grande e belo tucano, mas de uma espécie que já tenho; ele vai para a panela. Lyra pescou uma piranha de bom tamanho. Falei das colinas baixas que nos cercam na última noite. Hoje à noite, avistamos uma crista à nossa frente na margem oposta que se eleva a uma altura considerável.

[116] Mais uma vez o cansaço, a fome e a dificuldade de entender o idioma nacional confundem a razão do naturalista Cherrie. O tratamento até então respeitoso de Coronel, a partir de agora, foi suprimido intencionalmente pelo arrogante naturalista.

Esta cadeia de montanhas, através da qual o Rio Roosevelt cortou o seu caminho, é, sem dúvida, a continuação da faixa que forma o curso do Rio Cardoso a Oeste do Roosevelt. Senti-me muito bem hoje – mas estou com fome! Desde a confluência do Rio Roosevelt ([117]), navegamos em um Rio muito grande, e nossas canoas parecem demasiadamente pequenas perante ele. (CHERRIE)

10.04.1914

- Relata Roosevelt -

10.04.1914 – Neste dia, repetimos essas tarefas: uma curta e rápida descida; baldeação por algumas centenas de metros, e que nos tomou, apesar disso, umas duas horas; outra descida de alguns minutos e novas corredeiras. Viajamos outra vez menos de 05 km; nesses 2 dias, vínhamos descendo à razão de um metro de altitude por quilômetro de avanço e parecia quase impossível que tal estado de coisas pudesse durar, pois o aneroide indicava que estávamos ficando em nível muito baixo. Como suspirava eu por uma grande canoa de casca de bétula, lá do Maine, como aquela em que uma vez desci o Mattawankeag em plena enchente! Teria ela deslizado por aquelas corredeiras, como uma jovem desliza numa contradança. As nossas sobrecarregadas canoas de troncos teriam mergulhado a proa embaixo de cada onda. A região era bela. O Rio, alargado, serpeava entre colinas, ora num só Canal, ora em vários. A mata orvalhada da chuva cintilava ao sol. As várias espécies de frondes, as folhas de palmeira e as folhas enormes das pacoveiras imprimiam sua feição peculiar e tropical em toda a paisagem – era como se alguém, por água, atravessasse um gigantesco jardim botânico.

[117] Rio Roosevelt: Rio Cardoso.

À tarde, apanhamos um velho tucano, uma piranha e uma tartaruga fluvial, de pescoço torto, razoavelmente comível, e assim tivemos outra vez carne fresca. Dormimos como de costume ao rumor das corredeiras. Estávamos havia seis semanas a caminho, e durante quase todo esse tempo estivéramos no fatigante esforço de transpor corredeiras após corredeiras. Estas são os mais perigosos inimigas dos exploradores e viajantes que percorrem aqueles Rios. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

10.04.1914 – As colinas que tínhamos avistado na tarde de ontem causaram todo o transtorno que poderia se esperar delas. Não ficavam longe da trilha, acima da qual acampamos até às 12h00. Fizemos uma pequena parada na margem esquerda, depois de contornar os Rápidos, enquanto as canoas eram transpostas carregadas. Aguardamos enquanto Rondon, Lyra e Antônio Correia faziam um reconhecimento mais a jusante para investigar outra série de Rápidos, cujos primórdios avistávamos e cujo rugido era muito sinistro. Não foi encontrado um local através do qual as canoas vazias pudessem passar, tendo em vista ser uma série muito longa [cerca de 1.500 m] de Rápidos furiosos. O reconhecimento não identificou nenhuma passagem, a partir da margem esquerda; a direita, porém, parecia apresentar mais possibilidades.

Assim que cruzamos para a margem direita, para melhor ainda reconhecer a região, verificamos que foi uma opção feliz. Pareceu-nos possível passar as canoas vazias para baixo. Mais adiante, elas vão ser descidas por uma curta distância à sirga, e depois, passar vazias novamente. Uma trilha foi aberta e nossa bagagem e carga transportada até o Acampamento.

Kermit ainda está bastante doente e com febre, o Cel Roosevelt melhorou e eu estou me sentindo melhor do que nas duas últimas semanas. O cão de Kermit – "*Trigueiro*" – foi inadvertidamente deixado para trás, esta manhã. Ele tinha subido a bordo da balsa com Kermit, mas deve ter saído de novo, Kermit estava doente demais para se dar conta do que sucedeu.

Gastei meu último cartucho de calibre pesado com o tiro desta manhã, minha arma tem agora pouco valor para a obtenção de carne para a nossa Expedição. Atirei em um grande macaco-aranha, ferindo-o, mas não conseguimos pegá-lo. Alguns dos camaradas, talvez achando que minhas latas contivessem carne, extraviaram minhas coleções mais importantes. Foi, sem dúvida, para mim, uma perda muito grave. [...] (CHERRIE)

11 a 12.04.1914

- Relata Roosevelt -

11 a 12.04.1914 – Repetiram-se os mesmos trabalhos. Passamos a manhã toda a baldear as cargas para baixo das corredeiras em cujo início havíamos pernoitado, descendo as canoas vazias. Em seguida, por 30 ou 40 minutos, corremos pelas águas céleres do Rio serpenteante, quase acontecendo um desastre às canoas geminadas, que foram atiradas por um redemoinho contra as árvores de uma ilhota meio submersa. E chegamos a outra série de encachoeirados, onde baldeamos as bagagens e abarracamos muito depois de anoitecer, debaixo de chuva – um bom exercício de paciência para aqueles de entre nós que ainda sofriam um tanto de febre. Ninguém gozava saúde perfeita. Havia algumas semanas que distribuíramos parte do conteúdo de nossas latas com os Camaradas, porém os nossos alimentos não eram para eles muito satisfatórios.

Precisavam de mais volume, e o prato de resistência em suas refeições eram os palmitos; mas, naquele dia, não tiveram tempo para tirá-los. Afinal resolvemos passar aquelas corredeiras com as canoas vazias, o que foi feito sem que sofressem acidentes. Em tais viagens é altamente indesejável correr outros riscos além dos inevitáveis, porque as consequências de um desastre são muitíssimo sérias; mas também, caso não se arrisque nada, o avanço será tão lento que constituirá por si um desastre; é necessário variar constantemente os métodos do trabalho, indo-se desde o excesso de cautela até à temeridade.

À noite, tivemos um magnífico peixe ao jantar, grande e prateado, chamado pescada, espécie que ainda não apanháramos antes. Certo dia, o cão Trigueiro deixou de embarcar conosco e tivemos de passar esse dia no mesmo acampamento a fim de o encontrarmos. No Domingo de Páscoa, tudo correu do modo para nós já por demais familiar. Só deslizamos em águas livres durante dez minutos ao todo, levando oito horas a baldear cargas, desviando-nos de outra corredeira a que as canoas vazias transpunham; a balsa quase ficou inundada. Nesse dia, pescamos 28 peixes grandes, na maior parte piranhas, e todos comeram à farta ao jantar e ao almoço da manhã seguinte. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

11.04.1914 – Esta manhã, dois homens foram mandados de volta, por terra, ao Acampamento 28, na tentativa de trazer o "*Trigueiro*". Pessoalmente, acho que foi um grande erro da parte do Cel Roosevelt e Kermit, quando estamos tão ansiosos para chegar ao nosso destino. De manhã, verificamos que os Rápidos poderiam ser transpostos com as canoas vazias.

A consequência [“*Trigueiro*”] foi de que a partida da Expedição, que poderia ter acontecido às 09h00, foi adiada. Um precedente foi criado e nossos companheiros, sem dúvida, poderão valer-se dele, no futuro, para parar por um dia ou parte dele! Um dia inteiro foi gasto neste Acampamento, as canoas estavam carregadas e prontas para partir antes do meio-dia, mas Antônio Pareci e Henrique só retornaram lá pelas 17h00, no entanto, tinham encontrado “*Trigueiro*”. As tralhas da cozinha e a bagagem pessoal foram retiradas das canoas, pouco depois das 16h00, e ultimaram-se os preparativos para o pernoite. Preparei duas pequenas peles de aves, elas são as primeiras depois de vários dias. Um grande pássaro “*Anni*” ([118]) foi visto. [...]

A balsa transportava a maior parte de nossos víveres, ficamos naturalmente alarmados. Antônio e Henrique, além de trazerem o cão “*Trigueiro*”, trouxeram um courasow ([119]). (CHERRIE)

- Relata Cherrie -

12.04.1914 – Estávamos todos muito animados com a notícia que Luiz Corrêa trouxe ontem à noite. Ele tinha ido até a outra margem para pescar e, navegando ao longo dela, encontrou um lugar onde alguns galhos haviam sido cortados com uma faca ou um machado! Neste lugar, o corte só poderia ter sido feito embarcado em uma canoa e os índios desta região não são “*índios canoeiros*”. Consequentemente, alguns seringueiros devem ter se aventurado por estas plagas do Roosevelt! Nossas chances de encontrá-los podem vir a acontecer brevemente.

---

[118] Anni: provavelmente, trata-se da Anhinga anhinga, conhecida como carará, biguatinga, anhinga, arará, meuá, miuá e muiá. Ave ciconiforme anhingídea que habita os Rios e lagoas desde o Sul dos EUA até ao Norte do Chile e da Argentina.

[119] Courasow: mutum.

Fizemos um pobre progresso hoje, apenas cerca de 2,5 km. Partimos do Acampamento cedo; alguns minutos, depois das 07h00 e, no final, de uma descida de 5 min, estávamos a montante de mais uma longa série de Rápidos. A carga teve primeiro de ser transportada por cerca de meio quilômetro até um local onde os barcos poderiam atravessar vazios e, em seguida, descer por uma queda de cerca de um metro à sirga. Ao aproximarem-se das quedas, os canoeiros perderam o controle de nossa canoa mais antiga, que foi arremessada contra as rochas. Felizmente, aonde ela foi jogada, a água não era profunda, embora fosse muito rápida e, após quase três horas de intensa labuta, orientada por Rondon e Lyra, ela foi finalmente resgatada. [...] Abaixo das Quedas, embarcamos para uma descida de cerca de 500 m. Depois tivemos de transportar as cargas entre 200 e 300 m até o Acampamento. As canoas passaram vazias. Nosso Acampamento está novamente na margem direita em um emaranhado quase inextricável de bambus, pequenas árvores e arbustos, o pior emaranhado que encontramos até agora!

Hoje avistamos um urubu-de-cabeça-vermelha ([120]), uma grande Garça Azul ([121]), a primeiro do Rio. O Cel Rondon relatou que na Boca do Rio Cardoso um Black Skimmer ([122]). Os Paroarias e os Kingfisher ([123]) são muito comuns. Este foi um dia ruim para os peixes! Entre 25 e 30 peixes grandes foram pescados! Hoje à noite todo mundo poderá comer a quantidade de peixe que desejar. Mas o nosso jantar foi só peixe com direito a um biscoito. Amanhã esperamos pescar mais peixes e assim não precisaremos abrir mais uma lata de ração. [...] (CHERRIE)

---

[120] Urubu-de-cabeça-vermelha: Cathartes aura.
[121] Garça Azul: Garça-moura – Ardea cocoi.
[122] Black Skimmer: Talha-mar – Rynchops niger.
[123] Kingfisher: aves da família Alcedinidae – martim-pescadores, ariramba.

13.04.1914

- Relata Roosevelt -

13.04.1914 – A primeira parte da manhã foi uma repetição daquela cansativa rotina; porém, ao fim da tarde, o Rio começou a correr em longos estirões remansosos. Percorremos 15 km e, pela primeira vez em tantas semanas, acampamos sem o escachôo ([124]) das águas nos ouvidos. [...] (ROOSEVELT)

- Relata Rondon -

13.04.1914 – Na jornada seguinte, 13 de abril, depois de atravessarmos um rápido perigoso, onde perdemos dois remos da balsa, entramos num trecho favorável à navegação, por ter o Rio começado a manifestar a tendência de encaixar em leito regular as águas que, desde a cachoeira "*Sete de Abril*", vinham, dispersadas por inúmeros canais, rasos e pedregosos. Assim conseguimos avançar 13.400 m, vendo a vegetação marginal recobrar o aspecto da floresta amazônica, interrompida no terreno rochoso e alagadiço da cachoeira das Piranhas. (RONDON)

- Relata Cherrie -

13.04.1914 – [...] depois de enfrentar Rápidos por mais de um mês, acampamos onde seu rugido não é ouvido. Anteriormente, quando saíamos dos acampamentos, tínhamos uma única perspectiva que era de mais um dia lutando contra os Rápidos à frente de nós. Tivemos um bom início, mas depois de uma descida de 5 min, tivemos de parar a montante de uns Rápidos, onde todos, exceto os remadores, tiveram que marchar por terra, mas onde se achava que as canoas carregadas passariam de forma segura.

[124] Escachôo: rebentar a água nas quedas.

Era necessário parar por aqui e fabricar remos, uma tarefa demorada quando é necessário fazê-los a partir de toras. Ao final de 3 horas, tínhamos 5 pás novas, regularmente lavradas. Pouco depois do meio-dia, partimos pela segunda vez. Apenas alguns minutos se passaram e estávamos, novamente, à frente de outros Rápidos. A carga teve de ser transportado por uma distância de cerca de 400 m, e as canoas vazias desceram sem acidente. Carregamos as bagagens pela trilha por 02h30, sem muita esperança de poder embarcar novamente nas canoas. A cada curva do Rio, uma nova expectativa – o que ele nos reservava logo adiante – até que, finalmente, verificamos que o nosso caminho estava desimpedido. Apenas uns pequenos Rápidos que foram facilmente ultrapassados! Progredimos bem durante 2 horas! Ocasionalmente, um morro ou uma colina baixa apareciam diante de nós provocando-nos apreensão, mas tudo correu bem. Esta noite, no Acampamento, consegui uma nova espécie – um Heteropelna ([125]). O Cel Roosevelt quase não consegue andar, ele está com erisipela em uma perna e um pouco de febre. [...] (CHERRIE)

14.04.1914

- Relata Rondon -

14.04.1914 – Partimos cio nosso 31° acampamento na manhã de 14 de abril, data que nos serviu para designar um novo tributário da margem esquerda do Roosevelt, distante 252.475 m do Passo da Linha, e prosseguimos a marcha até completarmos nesse dia o percurso de 31.350 metros, ao fim do qual acampamos. (RONDON)

[125] Heteropelna (nome desconhecido, provavelmente trata-se do Heterocercus linteatus): o tangará também conhecido como coroa-de-fogo e dançarino-coroa-de-fogo e, nos países de língua inglesa, Flame-crowned Manakin.

- Relata Roosevelt -

14.04.1914 – Fizemos um bom percurso de 32 km, aproximadamente. Passamos pela Foz de um pequeno Rio que entrava pela direita. Passamos por três corredeiras de pouca importância, e noutra, mais forte, baldeamos as canoas. O Rio se estendia agora em compridos estirões geralmente tranquilos. Pela manhã, quando largamos, a vista era linda. O Rio, largo e sereno, por uns 800 m, era recoberto por leve nevoeiro, emoldurado em altas paredes de floresta tropical, em que a copa das árvores gigantescas apenas se distinguia através de seu branco véu. Vários membros da comitiva pescaram muito, mataram um macaco e um casal de jacutingas ([126]) – aves aparentadas com o peru, mas do porte de um galo – de modo que tivemos um acampamento bem abastecido outra vez.

A época da seca estava começando, mas ainda caíam chuvas pesadas. Naquele dia, o pessoal conseguiu cocos de uma nova espécie, cujo sabor muito lhes agradou, porém esses cocos eram prejudiciais à saúde, e a metade dos homens foi intoxicada e incapacitada para o trabalho do dia seguinte. Na balsa, só dois podiam fazer alguma coisa, e Kermit labutou no remo durante o dia todo. (ROOSEVELT)

- Relata Cherrie -

14.04.1914 – Tivemos um excelente dia, embora não tenhamos podido manter-nos embarcados durante todo o tempo. Fizemos duas paradas – a primeira, somente os remadores desceram com as canoas pelos Rápidos por uma distância de cerca de 500 m, levando mais de uma hora.

---

[126] Jacutingas: Pipile jacutinga.

Na segunda, houve um transporte da carga por uma distância similar, que consumiu mais de três horas. Em seguida, surgiram vários Rápidos pelos quais passamos sem transtornos, embora isso não tenha servido para melhorar nossa opinião sobre a habilidade dos nossos canoeiros.

O dia correu bem, percorremos 32 km. Cerca de 20 km no rumo Norte, e 05 no rumo Oeste. Uma nova andorinha apareceu hoje, com a cauda preta e uma faixa branca no peito. Outras duas espécies ainda voam sobre nós, mas, aquela com o peitoral branco ([127]) é mais rara. Nesta noite, no Acampamento, ouvimos um formicarius. Pouco antes de chegarmos ao Acampamento, um pequeno jacaré – o primeiro neste Rio. (CHERRIE)

(Heterocercus linteatus)

[127] Peitoril (Atticora fasciata): ave da família Hirundinidae, também conhecida como Andorinha-de-faixa-branca.

Imagem 47 – Balsa da APROVALE

Imagem 48 – Comemorando cada Etapa (Dr. Marc M.)

Imagem 49 – Parada para descanso

Imagem 50 – Ponte de 204 m da APROVALE

Imagem 51 – Dr. Marc – Ponte da APROVALE (Cel Angonese)

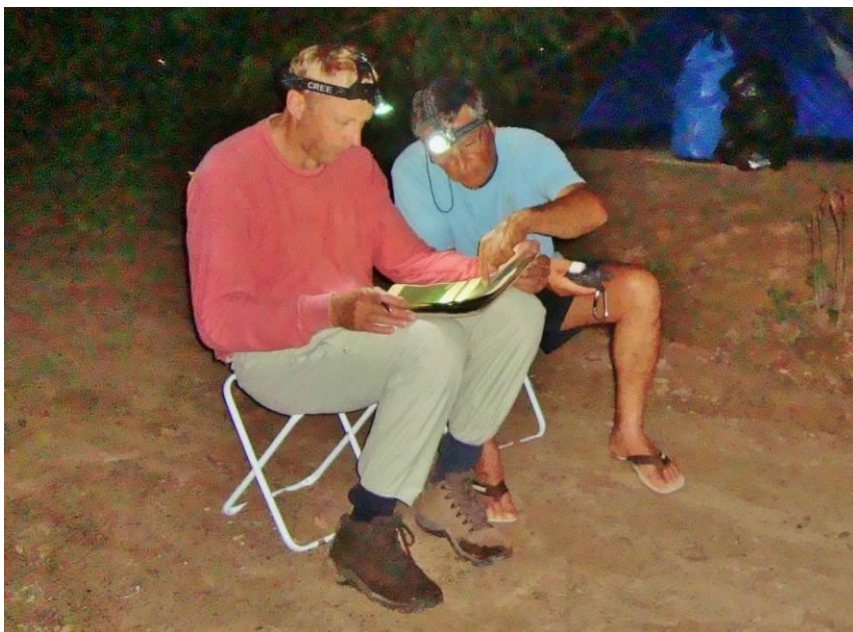



Imagem 52 – Georeferenciando as Espécies (Cel Angonese)

Imagem 53 – "Areal" (Cel Angonese)

Imagem 54 – Transposição da Cachoeira das Três Piranhas

Retorno em 2019

Depois de uma longa e burocrática negociação retornamos, em setembro de 2019, ao Roosevelt para percorrer o trecho que os Cinta-Larga nos tinham impedido de navegar desde a Ponte Ten Marques (KM 100) até o KM 269, em 2014. Em 2019, de 12 a 29 de agosto, eu havia navegado solitariamente, durante 18 dias, sendo 13 de remo, pelos Rios Branco e Negro, em pleno pico da cheia, desde Boa Vista (RR) até Manaus (AM) numa extensão total de 860 km. Pela primeira vez desde que iniciei minhas amazônicas jornadas, em 2008, tive, apoio das três Forças Armadas, em uma única jornada, o Exército, em Boa Vista (RR), a Marinha, em Caracaraí (RR), e a Força Aérea, em Moura (AM), além de contar, pela 1ª vez, com o apoio irrestrito da Polícia Militar do Estado de Roraima, em Santa Maria do Boiaçu (RR) e, novamente, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), no Parque Nacional do Jau (AM). Depois de uma curta permanência em Manaus parti para Vilhena (RO) para cumprir mais esta etapa a convite do Dr. Marc Meyers.

Nossas embarcações, agora, eram dobráveis e desmontáveis. A canoa de carga, que tinha sido usada em 2014, seria pilotada por dois Cinta-Larga (Magno e Estevão) e os dois caiaques duplos, um tripulado pelo Dr. Marc e o Cel Angonese e o outro por mim e o Coronel de Cavalaria Marco Antonio Diel, subcomandante do Colégio Militar de Porto Alegre. A fragilidade e a péssima manobrabilidade dos caiaques ficou patente durante todo o percurso e em mais de uma oportunidade colocou em risco a integridade física dos canoeiros e o cumprimento da missão.

Novamente, não sendo o protagonista do evento, tive de me submeter a realizar apenas uma "*descida*" de Rio e não de participar de uma Expedição com o intuito de conhecer as gentes e coisas da região percorrida.

A equipe reuniu-se primeiramente em Vilhena (RO) onde tinham ficado armazenados os caiaques e dias depois partimos, de van, para Cacoal (RO), onde ficamos hospedados no excelente Cacoal Palace Hotel do Sr. Luiz Carlos Bordignon, um formidável empreendedor que se tornou, em poucos dias, um grande amigo e entusiasta de nossa saga.

Outros fatos notáveis, dignos de nota, em Cacoal foram a grata oportunidade de conhecer o Sr. Oita Motina Cinta-Larga Filho Semani, Presidente da Associação PATJAMAAJ dos Povos Cinta Larga, sua esposa Sr.ª Sara Gonzaga Semani Cinta-Larga, seus filhos e a fantástica história de vida destes guerreiros além da oportunidade de entrevistar o Cacique João Brabo citado à exaustão no capítulo "*Os Cinta-Larga*".

Os 165 km que percorremos em 11 dias permitiram-nos avaliar a grandeza da Expedição original que enfrentaram, o então, Rio da Dúvida no pico da cheia, com pesadas canoas de troncos e uma carga considerável.

No 2° dia da Expedição (11.09.2019), numa transposição à sirga, nosso caiaque virou e minha velha caixinha à prova d'água, que carrego no convés dos caiaques Argos I e II, com a borracha de vedação ressecada pelo Sol, deixou entrar água avariando parte de meu material eletrônico – a Câmara Fotográfica Nikon Coolpix P600 e o GPS Garmin GPSmap 62sc.

Imagem 55 – Acionamento Criminoso do Rastreador

Mais do que o considerável prejuízo material, o que mais me afetou foi a impossibilidade de documentar nossa passagem pelas belas corredeiras e saltos deste trecho tumultuário do Rio Roosevelt, de colher imagens daquela natureza pujante e fotografar os nativos Cinta-Larga.

Para complementar minha desdita, no 2° Acampamento, de 11 para 12.09.2019 (11°29’26”S \ 60°27’30”O), pouco mais de um quilômetro à montante da Aldeia Roosevelt alguém acionou, criminosamente, o pedido de socorro de meu rastreador que estava dentro do meu chapéu tropical pendurado na minha barraca.

Curiosamente, pouco antes de me afastar do acampamento para carregar o material na camionete do Professor da Aldeia Roosevelt, tinha mostrado a este Mestre e a alguns visitantes este importante e emergencial equipamento. A ativação do alarme colocou imediatamente os serviços de busca e resgate através do Centro Internacional de Coordenação de Resposta de Emergência (IERCC), baseado em Houston no Texas em situação de alerta.

A Rosângela, em Bagé, RS, através de um tradutor, respondeu a uma série de perguntas da Central GEOS e logo em seguida a Polícia Militar (PM) e os Bombeiros Militares (BM) de Cacoal foram acionados.

Na Aldeia, o tal Professor, contou-nos que uma "*amiga*" sua lhe telefonara informando que os BM tinham recebido um alerta à respeito de um tal de "*Irani*", integrante da Expedição Centenária, que se afogara e cujo o corpo não tinha sido encontrado. Uma novela cujos autores acobertados pelo anonimato permanecerão impunes.

Depois de visitarmos a Aldeia Rooseevelt, retornamos aos nossos caiaques e mais uma vez uma ação facinorosa e covarde fora cometida. Meu remo flutuava nas águas ao lado do caiaque e não fixado pelos extensores como eu o deixara. Com mais de 60.000 km de caiaque pelos mananciais brasileiros tenho uma conduta prussiana em relação ao equipamento e jamais, repito, jamais permito que meu remo permaneça n'água sujeito a seguir à torrente, um erro de principiante desatento o que nunca foi meu caso. Imediatamente busquei meu rastreador infrutiferamente. Voltei à Aldeia com o Angonese para alertar os familiares e autoridades locais para não considerarem qualquer alerta emitido pelo nosso rastreador. Novamente o tal Professor disse que sua "*amiga*" lhe informara que o rastreador fora acionado novamente, fato que desmentimos junto às autoridades locais e ao GEOS.

Curiosamente o equipamento nos foi restituído, nove dias depois, no Cacoal Palace Hotel no dia 21 de setembro ligado ... O jogo de baterias não dura mais de um dia e meio, curioso não?

Infelizmente meus ingênuos companheiros de jornada acharam, na oportunidade, que eu estava maquinando uma teoria da conspiração. No início da jornada procurei ir à frente estudando os melhores locais de passagem, mas, com o passar do tempo verifiquei que a nossa formidável equipe de nativos (Magno e Estevão) tinha mais competência e entusiasmo para tal e resolvi segui-los.

A alimentação foi outro ponto fraco da nossa empreitada, comer diariamente arroz com linguiça, em um Rio em que a fartura de peixe era mais do que suficiente para nosso consumo era um atentado ao bom senso e à saúde. Embora chegássemos cedo, logo no início da tarde, aos locais de acampamento, a refeição só era servida à noite. Dormir de barriga cheia para quem tem problema de refluxo não é nada salutar.

A cada manhã, antes de iniciar a jornada, tinha de aguardar os sonolentos camaradas, o fogo para aquecer o café e a lenta desmontagem do acampamento. Esta Expedição só não foi um pesadelo total em virtude da ação impecável de nossos versáteis nativos Cinta-Larga Magno e Estevão.

Hino Rio-Grandense

(Francisco P. da Fontoura e Joaquim J. Mendanha)

Como a aurora precursora
Do farol da divindade
Foi o Vinte de Setembro
O precursor da liberdade.

Aportamos, finalmente, na Ponte da Aprovale, por volta das 10 horas do dia 20 de setembro, uma data muito especial para nós gaúchos.

Imagem 56 – Entrevista com João "Brabo"

Entrevista com João "*Brabo*"

Em Cacoal, por volta das 17 horas do dia 21 de setembro, como já havíamos combinado no primeiro encontro com o Cacique João "*Brabo*", nos deslocamos até sua residência para uma entrevista.

O Dr. Marc demonstrou preocupação com minha conduta durante a entrevista, disse a ele que não se preocupasse, nas minhas descidas já havia entrevistado Comandantes Militares de Área (Gen Heleno e Gen Villas Bôas), Comandantes de Brigada (Gen Paulo Sérgio e Poti), Comandantes da PM de todos os níveis, inúmeros Prefeitos, líderes comunitários nativos e não-índios e não ia ser agora que eu ia me desviar de minha meticulosa rotina.

Marcelo Cinta-Larga filho de João "*Brabo*" traduziu a entrevista concedida por seu pai:

Marcelo: Ele está dizendo que antigamente, antes de ter contato com homem branco, ele vivia no meio do mato, não sabia que existia homem branco, até achava que homem branco era bicho, e não tinha ideia de que os homens brancos queriam amansar os índios até porque eles fugiam dos homens brancos.

Quando começaram a observar, mais de perto, os homens brancos, eles comentavam entre eles pra saber que bicho era aquele tão semelhante a eles, mas bem mais peludo. Tomaram conhecimento do homem branco quando eles começaram a deixar facão, panela e os índios foram então se aproximando para ver o que era aquilo e foram pegando estes materiais e assim foram estabelecendo os primeiros contatos com os homens brancos e foram sendo amansados aos poucos.

Em 1971, que eles amansaram mais ainda em decorrência do contato com a FUNAI, garimpeiros e seringueiros que cada vez mais se aproximavam deles, foi desta maneira que tiveram os primeiros contatos com o homem branco.

Nessa época que ele ficava isolado no meio do mato não tinham doenças contagiosas. Ficar no meio do mato isolado era melhor, eles tinham, na época, mais saúde, mais força. Ele disse que não acreditava no que seus pais diziam que ia acontecer quando os homens brancos entrassem na área deles para amansar, querendo, na realidade, algo da terra deles, foi assim então que ele teve os primeiros contatos com os homens brancos. (Marcelo)

Hiram: Eu queria que o Cacique João "*Brabo*" contasse algo de sua origem suas experiências de vida como criança. (Hiram)

Marcelo: Ele está dizendo que nasceu em Juína, no meio de um cemitério, porque muitos de seus parentes tinham sido mortos em guerras intertribais e que não sabia que aquele local seria, mais tarde, o Mato Grosso. Teve uma infância muito difícil, em que chegou a ter de comer argila. Somente a mãe cuidava dele porque o pai se encontrava constantemente em guerra. O pai dele escolheu-o, ainda pequeno, como Cacique, e ele teve de iniciar seu treinamento muito cedo e com dez anos ele já estava bem adestrado.

O treinamento era muito rígido, o pai dele atirava flechas nele para que ele se desviasse delas. Ele e mais dois estavam sendo submetidos ao mesmo treinamento e ele foi o único sobrevivente e, por isso mesmo, foi escolhido pelo pai para a liderança desde criança. Por isso ele é o líder até hoje, naquela época o sobrevivente era aclamado líder.

Ele diz que agora as coisas são mais fáceis, na época dele para ser líder, tinha de caçar jacaré, cobras venenosas, permanecer um dia inteiro dentro d'água numa cachoeira do Rio para amadurecer mais rápido. Naquela época de conflito os perdedores serviam de repasto aos vencedores e é por isso que ele é até hoje um líder que não foi escolhido apenas por ser um guerreiro, mas porque todos respeitavam o pai dele que o indicara como líder e aqui está ele até hoje para cuidar de seu povo.

Ele disse que naquela época não tinha ideia que ao encontrar homem branco tudo isso aconteceria, ele não acreditava, naquela época, que o presságio vaticinado por seus pais era tão verdadeiro, senão ele teria preferido ficar no meio do mato. (Marcelo)

Hiram: A mídia se refere a um grande extermínio dos Cinta-Larga, conhecido como Paralelo 11, gostaria que o Cacique fizesse um relato deste acontecimento. (Hiram)

Imagem 57 – Paralelo 11° – Esquartejamento

Massacre do Paralelo 11° (1963)

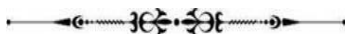
Esses índios são parasitas, são vergonhosos. É hora de acabar com eles, é hora de eliminar essas pragas. Vamos liquidar esses vagabundos. (Antonio Mascarenhas Junqueira)

Farei uma breve interrupção na nossa entrevista para, engarupados na memória, voltarmos os olhos para o passado e relembrarmos este terrível massacre promovido pelo empresário Antonio Mascarenhas Junqueira chefe da empresa de extração de borracha Arruda, Junqueira & Cia Ltdª, nos idos de 1963, em que foram mortos, com requintes de crueldade, trinta Cinta-Larga. Este Massacre aconteceu nas cabeceiras do Rio Aripuanã (MT) onde a empresa de Antonio Mascarenhas planejava explorar a seringa e por isso resolveu remover a força os Cinta-Larga da área.

Uma aeronave lançou dinamite sobre a aldeia destruindo-a e logo depois, homens armados com metralhadoras atacaram a aldeia com ordem de eliminar os sobreviventes. Um dos assassinos tirou um bebê da mãe que o amamentava, deu um tiro na cabeça da criança, pendurou a mãe de cabeça para baixo e a cortaram ao meio. Neste ataque, 30 (há uma discrepância numérica nos relatórios) Cinta-Larga foram trucidados e somente dois ou três teriam sobrevivido. No julgamento de um dos acusados, o juiz afirmou:

> Nunca ouvimos um caso em que havia tanta violência, tanta ignomínia, egoísmo e selvageria e tão pouca apreciação da vida humana.

Detalhes do massacre foram incluídos no "*Relatório Figueiredo*" de 1967, que resultou na extinção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Jornal do Brasil, n° 22 – Rio, RJ
Domingo e Segunda-feira, 05 e 06.05.1968

Todos os Meios Foram Lícitos Para Liquidar os Índios
✧ Departamento de Pesquisa ✧

– Nunca vi tanta corrupção na minha vida!

Esta exclamação do Ministro do Interior, General Afonso de Albuquerque Lima, retrata a indignação da opinião pública do Brasil e de vários países do mundo quando foram revelados os últimos vinte anos de massacre, assassinatos, escravidão, lenocínio e roubo sofridos pelas nações índias em nosso País.

> – Do roubo ao estupro, da grilagem ao assassinato, do suborno às torturas medievais, passando pelo lenocínio ([128]), pelos desregramentos e taras sexuais, por todos os crimes contra a administração pública, tudo se cometeu contra a lei e contra a moral.

Afirmou o Presidente da Comissão de Inquérito, Procurador Jader de Figueiredo Correia.

A Devassa

Para chegar a essas conclusões, os membros da Comissão de Inquérito do Ministério do Interior viajaram 58 dias, por 15 Estados e 3 Territórios, percorrendo 15 mil quilômetros, interrogaram dezenas de testemunhas e apreenderam centenas de documentos.

[128] Lenocínio: ação de explorar, estimular ou favorecer o comércio carnal ilícito, ou induzir ou constranger alguém à sua prática.

Durante as investigações, a Comissão afastou 200 servidores do extinto Serviço de Proteção aos Índios e indiciou 134 outros, entre os quais dois ex-Ministros de Estado, dois Generais, um Tenente-Coronel e dois Majores. Destes acusados, 17 já sofreram prisões administrativas e 38 foram dispensados a bem do serviço público.

Anteriormente, em 1964, uma Comissão Parlamentar de Inquérito instalada na Câmara Federal apurara, superficialmente, denúncias de Padres Salesianos sobre matanças de índios nos anos de 1962 e 1963, nas jurisdições das 1ª, 5ª e 6ª Inspetorias [a primeira no Amazonas e as duas últimas em Mato Grosso]. Os resultados dessa CPI foram enviados ao Chefe da Casa Civil da Presidência da República em 1967, e dali encaminhados ao Ministério do Interior, onde foram transformados no Inquérito Administrativo n° 154-67.

Mais Poderes para Apurar

Esse primeiro inquérito administrativo constatou "*a geral corrupção e a anarquia total imperantes no Serviço de Proteção aos Índios em toda a sua Área, como, também, através dos tempos*". Em consequência deste relatório, o Presidente da República enviou mensagem ao Congresso Nacional criando a Fundação Nacional do Índio, que absorveria o Serviço de Proteção aos Índios, o Parque Nacional do Xingu e o Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Aprovado pelo Congresso em menos de dois meses, foi sancionado em dezembro último pelo Presidente da República ([129]).

Mas enquanto o projeto que criava a Fundação tramitava no Congresso, a 3 de novembro do ano passado, o Ministério do Interior expedia a Portaria

[129] Presidente Arthur da Costa e Silva.

239.67, instaurando uma segunda Comissão de Inquérito, com amplos poderes e sem limite de jurisdição, para "*produzir prova testemunhal e documental*" dos fatos relatados pela primeira Comissão e de outras denúncias que surgissem.

Os Fatos e as Provas

Coube a essa Comissão, presidida pelo Procurador Jader de Figueiredo Correia, o levantamento mais completo, com "*prova testemunhal e documental*", sobre os massacres de índios e as irregularidades no extinto Serviço de Proteção aos Índios [SPI].

As causas principais do quase extermínio das populações indígenas do Brasil, segundo a Comissão, são a apropriação de suas ricas terras [minérios, madeira, plantações e gado] e uma política errada de integração na sociedade civilizada.

Entre os crimes cometidos contra os Indígenas, o massacre dos Cinta-Larga, em 1963, no Paralelo 11° de Mato Grosso, foi um dos mais selvagens de que teve notícia o País.

Como foi

A chacina dos Cinta-Larga, conforme depoimentos gravados e assinados em Cuiabá, na 6ª Inspetoria do ex-SPI, pelo Inspetor Ramis Bucair, foi ordenada por Antônio Mascarenhas Junqueira, cujo sócio é Sebastião Palma Arruda, irmão do ex-Prefeito de Cuiabá e ex-Presidente do Banco da Amazônia. A firma dos dois, uma dos mais ricas do Estado, chama-se Arruda e Junqueira. A história dessa matança só veio a público porque o pistoleiro Ataíde Pereira dos Santos, um dos homens, do grupo de matadores, não recebeu os NCr$ 50,00 prometidos pela empresa. Ataíde confessou que apenas matou o chefe dos Cinta-Larga, com um tiro de mosquetão no

peito, e que os outros foram metralhados e retalhados a facão por Francisco Luís, vulgo Chico Luís, o chefe do bando, e pelos outros membros da expedição. Ataíde afirmou que viu Chico Luís matar uma criança com um tiro de 45 na testa e depois pendurar pelos pés a mãe da criança a uma árvore e a retalhar a facão, quase de um só golpe, o seu corpo. Em seguida, atearam fogo a todas as malocas e jogaram os corpos dos índios mortos no Rio Aripuanã. Nenhum índio teve tempo de usar suas armas [arco e flecha] e só dois ou três conseguiram escapar, embrenhando-se no mato.

Formas de Extermínio

Além dos massacres, por pistoleiros, profissionais contratados, os fazendeiros, seringalistas e funcionários do extinto SPI usavam as seguintes formas para dizimar as tribos índias: privação dos meios de subsistência, expulsão dos índios de suas terras e introdução sistemática e em escala sempre crescente de vícios e doenças.

Foi assim com os Maxacalis, que vivem em três aldeamentos ao Nordeste de Minas Gerais – Pradinhos, Micael e Água Boa, regiões ricas em gado, terra e minérios. Para acabar com os 300 índios remanescentes que ali se encontravam, os fazendeiros e mineradores, em conluio com os agentes do ex-SPI, distribuíram aguardente fartamente e contrataram pistoleiros. A bebida fazia com que lutassem entre si, aqueles que não tivessem sido atingidos pelas balas dos bandoleiros ou pelas epidemias.

Os índios chegaram a tal ponto de embriaguez que trocavam, satisfeitos, um saco de feijão por uma garrafa de cachaça. Em outubro do ano passado, graças ao Capitão Manuel dos Santas Pinheiro, do Policiamento Rural da Polícia Militar de Minas Gerais, os Maxacalis voltaram a uma vida normal.

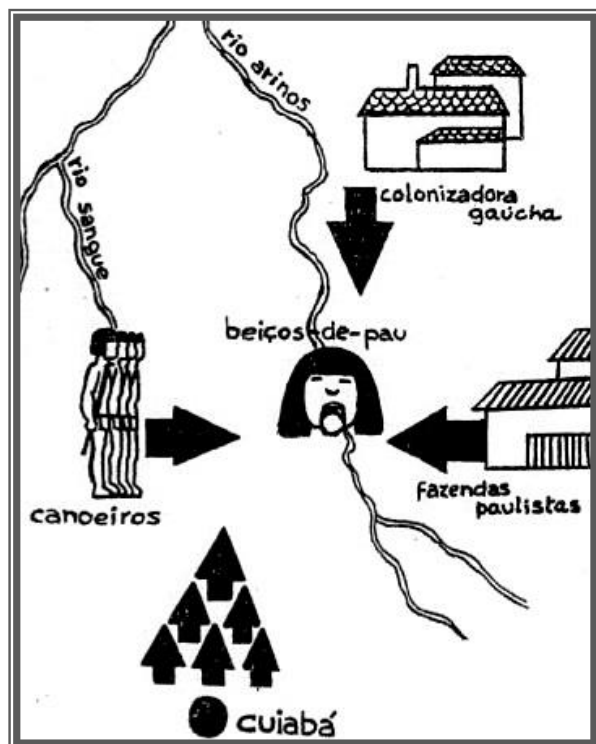



Imagem 58 – Jornal do Brasil, n° 22

Arsênico e Formicida

Para matar os integrantes da tribo dos Beiço-de-Pau, de Mato Grosso, contou o chefe da 6ª Inspetoria, Ramis Bucair que os seringalistas formaram uma expedição e subiram o Rio Arinos, levando presentes, miçangas e colares, e grande quantidade de comida para os índios. Na viagem, os gêneros se estragaram e apenas o saco de açúcar ficou intacto. A este açúcar, os seringalistas adicionaram arsênico e formicida, distribuindo-os aos índios. Na manhã seguinte, muitos índios estavam mortos e os seringalistas espalharam a notícia de que grassava uma grande epidemia no local. Este crime ocorreu perto da Barra dos Rios Tomé de França e Miguel de Castro com o Rio Arinos.

Os Beiço-de-Pau, cujas terras são cobiçadas tanto por fazendeiros como por seringalistas, não tem saída; ao Norte, está a Empresa Colonizadora Gaúcha, que explora os seringais; ao Sul, encontra-te a frente de expansão da civilização, que se irradia de Cuiabá; a Leste, estão os colonizadores das fazendas paulistas; e a Oeste, o Rio do Sangue, Onde vivem os índios Canoeiros.

Integração e Pobreza

O Inspetor Ramis Bucair diz que os seringalistas ficarão pobres no dia em que os índios forem pacificados e se integrarem na civilização.

> –Às vezes, um capataz manda matar alguns seringueiros e culpa os índios: onde o punhal se cravou, fincam uma flecha.

Para o Inspetor Bucair, a modalidade mais nova no extermínio das nações índias é o lançamento de bananas de dinamite por aviões, que "*evita as caras e cansativas expedições de matança*". Este processo foi usado contra os Cinta-Larga, a mando, segundo o Procurador Jader de Figueiredo Correia, de uma das maiores firmas comerciais de Mato Groso, que se beneficiou do crime especulando com as terras tomadas aos índios.

O piloto do avião seria Toschio Lombardi Xatô, empregado do Antônio Mascarenhas Junqueira, segundo denúncia do ex-Chefe da 5ª Inspetoria do ex-SPI, Hélio Jorge Bucker, que disse ainda que nem o Exército teria condições de impedir essa matança, tal o poder dos grupos mandantes no Estado. O Procurador Jader de Figueiredo Correia diz em seu relatório que o piloto chamasse Donato. O denunciante, Hélio Jorge Bucker, esteve preso, por ordem do Presidente da Comissão de Inquérito por desvio de dinheiro.

As Torturas

O Procurador Jader de Figueiredo Correia revelou que é impossível estimar o número exato de crimes, mas acredita que, dos 90 mil índios existentes há 20 anos, milhares foram assassinados.

Disse o Presidente da Comissão de Inquérito que na 7ª Inspetoria, no Paraná, para torturar os índios, enfiavam estacas de massapé no terreno, formando um ângulo agudo, e trituravam o osso do prisioneiro.

> –O trabalho escravo tomou-se rotina, inclusive com a participação de mulheres de funcionários. Uma delas obrigou um Cinta-Larga, em Mato Grosso, a passar a noite numa cisterna entupida de excrementos, acocorado no espaço de um metro quadrado. Em Nonoai, Rio Grande do Sul, dias antes da chegada da Comissão, o chefe do posto construiu no local uma cadeia para os índios. A prisão, para os agentes mentes cruéis, representa um estágio superior. Numa enfermaria construída especialmente para a vistoria da Comissão, surpreendemos uma índia enferma dormindo com um cão doente, um porco e oito leitões, todos abrigados num espaço exíguo.

A Comissão de Inquérito possui confissões completas de incitamento a prostituição, sevícias, trabalho escravo, usurpação de trabalho índio, desvio de recursos, fraudes na venda de gado, madeira, minério etc.

> –O genocídio vem sendo praticado impunemente. Os espancamentos, independentes de idade e sexo, são praticados como rotina e só despertam atenção quando, aplicados em exagero, provocam a morte. Outra forma de castigo empregada usualmente pelos agentes do ex-SPI é o de obrigar o índio a castigar seus próprios parentes e amigos. Os filhos castigam as mães, irmãos as irmãs e assim por diante – afirmou o Procurador.

O trabalho escravo de um a dois anos, segundo o Presidente da Comissão de Inquérito, era imposto como pena por falta tola cometida pelo índio. E era normal a troca de objetos banais por jovens índias que depois seriam encaminhadas à prostituição.

Números da Matança

As tribos mais afetas nos últimos vinte anos foram as seguintes: Mundurucu: eram 19.000 há 20 anos e hoje são 1.200: Nhambiquara: eram 10.000 e agora são 1.000, a maioria doente: Carajá: de 4.000 passaram a ser 600: Xócren: eram 800 e hoje são 200: Gaiacu ou Cinta-Larga: de 10.000 são apenas 400 que morrem na Serra de Bodoquena, longe de suas verdadeiras terras.

O Comandante da Colônia Militar de Tabatinga, Amazonas, Major José Luís Leal dos Santos, declarou em março deste ano que os índios Ticuna eram torturados no vilarejo de Belém, na foz do Rio Tacamã, acrescentando que ele próprio esteve no local e comprovou a veracidade do fato.

– O que mais me revoltou – disse o Major Leal dos Santos – foram os depoimentos das jovens índias, violadas pelo filho do proprietário do vilarejo. O ritual de eleição da virgem era precedido de uma festa em que a cachaça era distribuída em quantidade, a tal ponto que os índios caíam no chão. O filho de Jordão Aires de Almeida, Leandro Sousa Aires de Almeida, de 23 anos, escolhia, então, sua presa, geralmente a índia mais nova de todas. O pai não tem culpa. É um homem de 60 anos, que :se criou entre os Ticuna e realmente organizou o aldeamento de Belém. É certo que explorava os índios, mas em compensação ensinava-lhes muita coisa e supria a comunidade de gêneros alimentícios em troca de produtos regionais- O rapaz. Leandro, implantou o terror na Aldeia.

Anos atrás ele fora expulso do Exército por ter violado quatro meninas da fronteira. Pai e filho estão, agora, presos no quartel de Tabatinga para serem processados pela Delegacia de Repressão ao Tráfico de Pessoas.

Aldeia Escrava

Uma segunda investigação à Aldeia de Belém, em face de denúncia do índio Veríssimo, revelou que os Aires de Almeida mantinham as 600 índios sob regime de escravidão. Esta investigação, determinada pela Polícia Federal, foi comandada pelo Capitão José da Cunha Barros Filho, Comandante da 7ª Companhia de Fronteiras, com sede em Tabatinga. Em seu relatório final, a Delegada Neves da Costa, da Repressão ao Tráfico de Pessoas, informa ao então Diretor-Geral do Departamento Federal de Segurança Pública, Coronel Florimar Campelo, que, em depoimento, o fazendeiro Jordão Aires de Almeida confessou que as índios eram seus trabalhadores e que, para mantê-los num regime disciplinar austero, formara uma polícia própria, composta pelos caboclos Zé Cazuza, Iricino Laguri, Manuel Porfírio, Francisco das Chagas, Torquato Mendes, Nagib Dick e Raimundo Salustiano. Disse mais, que os índios, quando descomprimam as ordens, eram aprisionados pela sua polícia e acorrentados em um poste de aroeira, existente na varanda de sua casa. O índio Veríssimo, que denunciou as atrocidades, foi um deles. Passou sete dias sem comer e sem beber, com as mãos e os pés acorrentados, satisfazendo em pé suas necessidades fisiológicas. Seu corpo ficou todo picado por mosquitos carapanã. Depois da denúncia ao Comandante da 7ª Cia de Fronteiras, Veríssimo retornou ao vilarejo e foi espancado com chicote de couro de peixe-boi, entregando as costas para que não atingissem sua filha de poucos anos que trazia nos braços. Ameaçado de morte, fugiu de Belém.

Apenas 10 índios depuseram, confirmando as denúncias de Veríssimo. A maioria dos Ticuna mostrou-se com medo de represálias.

A índia Lita Jacamim, de 13 anos, disse ter sido violentada por um parente de Jordão Aires de Almeida, o que lhe provocou um aborto. Ela acredita que o violador cumpra a promessa de casar-se com ela. Outra índia Alaíde Dick tem uma filha pequena, Jandira, do mesmo parente de Jordão.

Para manter os índios na fazenda, sob trabalho escravo, além da polícia particular, os Aires de Almeida instituíram o sistema de fornecimento: pagavam a índios como Veríssimo NCr$ 0,50 e lhes vendiam um pedaço de sabão por NCr$ 3,00, o que os deixava sempre como devedores. Os que fugiam eram presos como ladrões, por não terem pago suas dívidas. Jordão e seu filho Leandro estão sendo processados apenas pelos crimes de agressão e sequestro.

Devastação no Sul

No Rio Grande do Sul, no Município de Cacique Doble, a 78 quilômetros da Cidade de Lagoa Vermelha, 300 mil pinheiros foram devastados nos últimos vinte anos. A terra é habitada por remanescentes dos Guarani e Kaicangue. São ao todo 23 Guarani e 207 Kaicangue. Hoje, na reserva florestal, aos 300 mil pinheiros não há madeira sequer para construir casas para os índios que sobraram. Bento Manuel Antônio, atual chefe dos Kaicangue recorda, que muitos índios morreram e outros fugiram para evitar maus tratos nas celas construídas especialmente para aprisiona-los. Segundo os índios informaram à Comissão de Inquérito, quem mandava na Aldeia era uma mulher, Juraci Batista, que ficou célebre pela frase que repetia todo momento:

–Remédio para doença de índio é cemitério.

Uma mestiça Kaicangue disse aos membros da Comissão que a única aspiração dos índios era que fosse encontrado e degolada Juraci Batista. Juraci Batista é a mesma mulher que, acompanhada de uma jovem índia, Toxerodo, vem realizando intensa campanha pela televisão carioca em favor dos índios, "*contra os massacradores de nossos irmãos de sangue*". A jovens índia que apresenta ao público, contou que sua mãe foi enforcada pelo funcionário do ex-SPI, Fábio de Abreu.

Principal Acusado

O principal acusado pela Comissão de Inquérito é o Major aviador Luís Vinhas Neves, diretor por quase dois anos do extinto SPI. O Procurador Jader de Figueiredo Correia acusou-o de cometer 42 delitos, sendo os mais importantes o assassinato e a sevícia de índios, a venda ilegal de terras e o desvio de um milhão de cruzeiros novos. Foi preso por 23 dias e depois libertado, por força de habeas-corpos.

O cunhado do Major Vinhas Neves, Paulo Salino dos Santos, fez declarações à Comissão de Inquérito, afirmando que o ex-diretor do extinto SPI comprou imóveis em quantidade espantosa sem explicar de onde provinham os recursos.

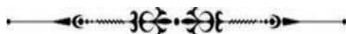
O relatório da Comissão tem 5.115 páginas, em 21 volumes que pesam 43 quilos. Não é completo porque os inquéritos anteriores desapareceram no misterioso incêndio ocorrido no ano Passado no Bloco 8 da Esplanada das Ministérios, em Brasília, local onde se encontravam os arquivos do ex-SPI. O Procurador Jader de Figueiredo Correia, apesar disso, acredita que dos 700 servidores do antigo Serviço de Proteção aos Índios pouco mais de 10 se salvarão da limpeza.

No Caminho dos Semivivos

O JORNAL DO BRASIL, em junho de 1965, numa série de 6 reportagens – "*No Caminho dos Semivivos*" – alertava as autoridades sobre o assunto, apontando o extermínio da população indígena pelos fazendeiros, latifundiários e comerciantes, que, sem escrúpulos, buscavam a posse das terras dos índios que lhes era garantida por lei especial. Outros jornais, e até mesmo organismos oficiais, denunciavam as irregularidades existentes no Serviço de Proteção aos Índios, criado pelo Marechal Rondon em 1910 e que, antes de morrer, já não acreditava na política adotada pelo SPI. Os presentes levados pelos pioneiros só serviam para iludir o índio que, enquanto recebia açúcar, sal, facas, colares, fumo e bebidas, tinham suas terras invadidas por gananciosos. (JB, N° 22)

Jornal do Brasil, n° 100 – Rio, RJ
Domingo e Segunda-feira, 04 e 05.08.1968

Justiça de Cuiabá Entrava Punição à Chacina de Índios

[Sergio Galvão]

CUIABÁ E ARIPUANÃ – O assassinato há cinco anos de <u>nove membros</u> da tribo Cinta-Larga, inclusive uma criança de colo e uma mulher [rasgada ao meio até quase o pescoço] – um dos mais bárbaros crimes contra os índios – pode acabar sem qualquer punição, porque a Justiça de Mato Grosso vem procurando inocentar os culpados, por todos os meios, apesar dos protestos da população do Estado.

No momento em que o Governo Federal dá por encerrada a investigação da matança de índios, com a conclusão dos inquéritos no extinto Serviço de Proteção aos Índios – o Ministro do Interior chegou a afirmar que "*o Executivo fiz tudo que lhe cabia; a Justiça comum deve agora punir os culpados*" – o JB levanta todo um processo em poder da 3ª Vara de Justiça de Cuiabá, para mostrar como funciona a Justiça em um caso que envolve importantes seringalistas.

Crime

O processo na 3ª Vara de Justiça de Cuiabá, prova que, em setembro de 1963, às margens do Rio Aripuanã, em Mato Grosso, nove índios da tribo Cinta-Larga foram barbaramente assassinados pelos membros de expedição organizada por Francisco Amorim de Brito, encarregado geral da firma seringalista "*Arruda & Junqueira e Cia. Ltda*.", situada na localidade de Juína-Mirim, às margens do Rio Juruena. Ficou provado que o chefe da expedição, depois de ter assassinado uma criança de colo com um tiro na cabeça, arrastou a mãe para perto de uma árvore e amarrou-a fortemente de cabeça para baixo entre duas árvores, aplicando-lhe em seguida, com um facão de mato, violento golpe que a dividiu até o peito. Os réus confessaram o crime.

Missão Cumprida à Risca

Composta por Ataíde Pereira dos Santos, Manuel Virgílio de Almeida, Ramiro Casta e Silvestre de tal, a expedição foi chefiada por Francisco Luís da Costa, vulgo "*Chico Luís*". Sua missão era colher poaia [ou ipeca ([130]), raiz muito utilizada na homeopatia].

[130] Ipeca (Psychotria ipecacuanha): arbusto de apenas 30 cm de altura, usado como planta medicinal. Conhecida também como Ipecacuanha, ipeca-verdadeira, poaia e poia cinzenta.

Após um dia de caminhada pelo mato, os companheiros fizeram ver a Chico Luís que era perder tempo seguir à frente, argumentando que o terreno era seco e, portanto, nele, não se encontraria poaia. Chico Luís respondeu, porém, que a tarefa não era colher poaia, e sim "*caçar índios*". A informação causou protestos dos companheiros. – Quem aguentar, vai. Quem não aguentar, passa pra lá – respondeu Chico Luís, dando a entender que estava disposto a cumprir as determinações recebidas de Francisco Amorim de Brito, mesmo que fosse necessário usar a força.

A expedição prosseguiu, caminhando na mata, depois de ter atravessado o Rio Juruena. Após alguns dias de caminhada, os mantimentos acabaram. Passaram a alimentar–se de caça e palmitos até que encontraram um roçado pertencente aos índios, onde existia batata, aipim e cará. Ali fizeram acampamento, armando barracas de matéria plástica. Ao fim de sete dias, um avião reequipou a expedição de munição, roupas, remédios e mantimentos. Lançado do avião, um bilhete assinado por Francisco de Brito que continuassem em frente, pois adiante existia um Rio e, provavelmente, também os índios. Após várias horas de viagem, chegaram ao Rio, onde acamparam. No dia seguinte, reiniciaram suas atividades, quando em dado momento avistaram fumaça. Passaram a andar com cautela, até que viram uma maloca, perto da qual alguns índios trabalhavam na construção de mais duas. Tomaram posição de ataque atrás das árvores. Os índios não perceberam. Muitos tiveram tempo de fugir para o mato, sete caíram mortos. Ficou apenas uma índia, com seu filho no colo. Ataíde propôs a Chico que levassem a mulher e a criança para a Missão do Utiariti. Chico Luís não lhe deu ouvidos. Sacou de um revólver calibre .45, deu um tiro na cabeça da criança e esquartejou a mãe.

Crime Descoberto

A chacina teria sido ignorada como "*segredo da selva*" se dois anos mais tarde, revoltados com os maus tratos de Chico Luís e Francisco de Brito, Ataíde não tivesse fugido do seringal e contado a história ao Padre Edgard Smith, que a gravou. Presos os integrantes da expedição confirmaram a história.

Nos depoimentos colhidos pelo presidente da Comissão de Inquérito, Inspetor da PF Job Maia Salgado, muita coisa ficou para ser apurada, inclusive as denúncias do padre Francisco Valdemar Veber:

> – Não é de hoje que a firma Arruda & Junqueira vem praticando crimes contra os índios, pois já organizou várias expedições punitivas contra os mesmos; o seringal da firma Arruda & Junqueira é apenas um argumento que serve de trampolim para outros empreendimentos, como sejam a exploração de minérios e aquisição de fazendas, com o dinheiro adquirido no Banco de Crédito da Amazônia; essas expedições têm por objetivo afastar os índios das regiões ricas em borracha, cassiterita, ouro, diamante, breu e outros minérios.

Conclusões Finais

Muitas dificuldades encontrou a Comissão de Inquérito. O padre Edgard Smith, autor da gravação, apesar de ter sido insistentemente procurado em Mato Grosso, Brasília, Rio e São Paulo, não foi encontrado. O mesmo ocorreu com o piloto Toschios Lombardi Xato, condutor e orientador da expedição, Silvestre de tal, um dos acusados, está desaparecido até hoje. Zuíno Boliviano, cujo depoimento seria uma peça forte no processo, morreu afogado no Rio Juruena, "*quando pescava*". Francisco de Brito, organizador da expedição, foi assassinado numa revolta de seringueiros.

Mesmo assim, o Presidente da Comissão de Inquérito, com os dados que colheu, concluiu seu trabalho apontando os componentes da expedição como Incursos no Artigo 121, Parágrafo 2°, Inciso IV, do Código Penal.

> E Antônio Mascarenhas Junqueira e Sebastião Palma Arruda – proprietários da firma Arruda & Junqueira e Cia. Ltda. – como incursos nas penas do Artigo 121 e 25 do Código Penal.

As conclusões foram encaminhadas ao juiz da 3ª Vara da Justiça de Cuiabá, em 29 de junho de 1966.

Como Age a Justiça ([131])

Em julho de 1966, o promotor público de Cuiabá, Sr. Luís Vidal da Fonseca, levantou o problema da incompetência do Juízo de Cuiabá, em virtude de o crime ter ocorrido no município de Aripuanã "*que pertence à Comarca de Diamantino [Artigo 70, do Código de Processo Penal]*".

Diante disso, o processo foi para a Comarca de Diamantino. O juiz de Diamantino, Sr. Carlos Avalone, mandou o processo de volta, porque Aripuanã pertence a Cuiabá. Reconhecida a competência do Juízo de Cuiabá, o promotor Luís Vidal da Fonseca, alegando ter sido advogado da firma Arruda & Junqueira – com fundamento no Art. 214, I, IV e 258 "*in fine*", do Código de Processo Penal – deu-se por suspeito para fazer a denúncia.

O outro promotor, Sr. Benedito Pereira do Nascimento, não aceitou a suspeição do colega. O juiz na época, Sr. Domingos Sávio Brandão Lima, concordou com o segundo promotor, e decidiu pela competência do Sr. Luís Vidal da Fonseca, em 24 de setembro.

---

[131] Outros tempos, velhos e seculares vícios de um sistema político falido onde a justiça faz de tudo para privilegiar os poderosos.

O promotor reclamou à Corregedoria de Justiça, que cassou o despacho do juiz Domingos Sávio Brandão Lima, alegando, no dia 15 de fevereiro de 1967, que o conflito deveria ser resolvido pelo Procurador do Estado.

O procurador, Sr. Benjamim Duarte, decidiu não haver impedimento. O Promotor não concordou e não fez a denúncia [abril de 1967]. Nesse ínterim, funcionava na Vara Criminal o Sr. Anselmo do Amaral Falcão, que alegou não poder apresentar a denúncia, Já que sua mulher era parente do acusado Sebastião Palma Arruda [julho de 1967].

De Mão em Mão

O Juiz aceitou o impedimento e manteve o processo para o Promotor substituto, Sr. Atílio Ourives, que não aceitou, alegando que o Sr. Luís Vidal da Fonseca não estava impedido de funcionar no processo, conforme decidira o Procurador, e pediu a remessa dos autos ao Promotor competente.

Os autos voltaram ao primeiro Promotor, que já não estava na Comarca. O processo foi então ao Sr. Zélio Guimarães, que estava em exercício em setembro de 1967. O Sr. Zélio Guimarães, afirmando que o Promotor competente era o Sr. Luís Vidal da Fonseca, não ofereceu denúncia. O Juiz substituto em setembro, Sr. José Nunes da Cunha, mandou o processo para o Procurador-Geral decidir. O Procurador, Sr. Benjamim Duarte Monteiro, decidiu novamente que o Promotor competente era o Sr. Luís Vidal da Fonseca, que já voltara ao exercício. Este, em outubro mais uma vez recusou-se e fez nova reclamação à Corregedoria.

O Corregedor, que era o juiz autor do despacho que o corregedor anterior cassara, decidiu em novembro que o conflito deveria ser julgado pelo Procurador,

julgando-se incompetente par ajuizar o conflito. Um outro juiz, o Sr. Milton Ferreira Mendes, mandou oficiar ao Corregedor, pedindo providencias. O Sr. Ataide Monteiro da Silva, atual Procurador da Justiça, decidindo o conflito, aceitou a incompetência do Sr. Luís Vidal da Fonseca e determinou que o primeiro Promotor intentasse a ação penal competente de acordo com suas convicções jurídicas. Revoltado com o jogo de escusas, o Procurador lembrou em seu despacho:

> Desde agosto de 1966 perambulam os autos de "*ceca em meca*", num jogo de escusas, de desculpas e impedimentos, em desprestígio da Justiça, sem que o órgão da acusação deduza em juízo a pretensão punitiva consistente na denúncia.

Não Terminou

Diante disso, o processo foi para o promotor Zélio Guimarães que apresentou a denúncia contra os componentes da expedição, mas não denunciou os Srs. Antônio Mascarenhas Junqueira e Sebastião Palma Arruda, sob a seguinte alegação:

> Deixo de denunciar Antônio Mascarenhas Junqueira e Sebastião Palma Arruda, por não ter ficado concretizada a anuência de matança aos índios. Já que o objetivo da expedição era a exploração de minérios e expansão do seringal.

Feita a denúncia, imediatamente o Juiz da 3ª Vara, Sr. Carlos Avalone, decretou a prisão preventiva dos acusados, marcando para o dia 27 deste mês a audiência de interrogatório dos réus. O processo deverá correr à revelia, sendo muito pouco provável que os acusados compareçam. Apesar da boa vontade do Juiz Carlos Avalone, o prosseguimento ao processo será muito difícil, Já que mais de mil processos estão em andamento naquela Vara Criminal.

Além disso, não há como prender os acusados, que estão bem acobertados e desaparecidos na selva amazônica, numa região em que só eles conhecem os caminhos e os meios de sobrevivência. Mesmo que o processo prossiga, resta a possibilidade de um hábil advogado alegar falta de prova de corpo de delito, já que não houve reconstituição do crime, a Polícia nunca chegou ao local e, mesmo que chegasse, nada encontraria, pois os corpos dos índios teriam sido jogados no Rio. Como o caso é notório e revoltou a população cuiabana, a esperança é que o corpo de jurados chegue a uma conclusão, sem necessidade de recorrer ao Supremo Tribunal Federal.

Justiça Fora da Lei

A Justiça de Cuiabá encontra dificuldade em tudo, começando pelo tamanho da Comarca, que vai até as divisas com o Pará e o Amazonas, numa distância de mais de mil quilômetros. A Polícia é muito pouca e mal paga. Quando é necessário ouvir uma testemunha é preciso ir ao local. Na maioria dos casos, o local só pode ser alcançado por avião. Por exemplo: como mandar um oficial de justiça intimar uma testemunha em Aripuanã se a sede do município fica a 900 quilômetros em linha reta de Cuiabá e o único meio de transporte é o avião? Não existe dinheiro para isso. Por sua vez, não se pode exigir que uma testemunha que está em Aripuanã venha depor em Cuiabá. De um modo geral, um oficial de justiça nunca sai de Cuiabá. A Comarca está dividida em três varas – duas cíveis e uma criminal. Para a Vara Criminal existe apenas um Juiz, que é o Sr. Carlos Avalone. Esta Vara acumula ainda as execuções criminais e o Juizado de Menores. Além disso, existem ainda os crimes cometidos nas fronteiras que vão para as mãos do Juiz da capital do Estado [Artigo 88, do Código de Processo Penal].

Atualmente, existem mala de mil processos na Vara Criminal. Como se não bastasse, os juízes da capital são sempre chamados para substituir os Desembargadores durante seus Impedimentos, como férias e licenças.

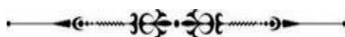
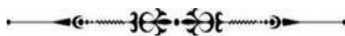
A cadeia de Cuiabá é o que se poderia julgar de pior. Não existe uma sala para a prisão de menores e muito menos uma sala para a prisão de mulheres. Isto obriga os juízes a agirem fora da lei, mantendo menores com adultos e mulheres com homens.

O Fórum funciona em uma residência alugada, por sinal adquirida há cinco meses, pois antes as três Varas e mais um Cartório [6° Ofício] funcionavam no porão da Assembleia Legislativa. Aliás, a Assembleia Legislativa não tem prédio próprio, pois o edifício que ocupa pertence ao Fórum, que foi alijado para dar lugar aos parlamentares. As melhores dependências disse prédio estão com a Assembleia. O que sobrou está sendo ocupado pelo Tribunal de Justiça do Estado.

Mais Dificuldades

Nas épocas de júri, os juízes ficam desesperados por não terem onde realizar as sessões. A média de mil processos tende a aumentar. E, assim mesmo, só estão consignados os mais graves. Cuiabá só tem um médico legisla. Quando entra de licença ou de férias, não se pode fazer exame médico-legal.

O Promotor Público acaba de abrir um processo contra um médico psiquiatra particular – existem dois na cidade – porque se negou a continuar fazendo exames de sanidade mental de graça. Só faz exames quando o réu pode pagar. Na semana passada, o Juiz Criminal julgou em um só dia 23 processos prescritos. A prescrição, por sinal, tem sido a tônica dos processos instaurados.

> Segundo alguns advogados, a situação resulta do desinteresse dos políticos, que, por conveniência, preferem manter a Justiça como está, no interesse de figurões apaniguados ou afilhados políticos que estão com seus processos em vias de prescrever. O Tribunal de Justiça do Estado vem reagindo como pode a essa situação e tem recebido apoio do Governador Pedro Pedrossian. Quando se pede à Assembleia a criação de mais uma Comarca, os políticos logo pensam na criação de novos cartórios.
>
> De um modo geral, os deputados só dão alguma coisa à Justiça, se os Juízes cederem às suas propostas. Como os juízes não têm cedido, as dificuldades aumentam a cada dia. (JB, N° 100)

Os "*Esquerdiopatas Caviar*" procuram por todos os meios culpar os Governos Militares de massacrar as populações indígenas brasileiras quando na verdade o que aconteceu é que após a Revolução Redentora de 1964 é que estas ações de extermínio foram devidamente coibidas, apuradas e sancionadas. Continuando com a nossa entrevista:

> **Marcelo**: Ele está dizendo que esse massacre do seu povo foi lá no Rio da Eugênia ([132]) conhecido como Paralelo 11°, onde foram mortos 3.000 indígenas ou até mais – é isso que o pessoal fala. Mataram até as crianças e as mulheres usando açúcar envenenado. (Marcelo)

[132] Afluente da margem direita do Rio Capitão Cardoso. João Brabo acrescenta, à história do Massacre do Paralelo 11°, um envenenamento similar ao dos Beiço-de-Pau, crime ocorreu perto da Barra dos Rios Tomé de França e Miguel de Castro com o Rio Arinos, aumentando, consideravelmente, os números de vítimas que, segundo os relatórios oficiais, oscilava de 9 a 30 vítimas.

Imagem 59 – Rio da Eugênia (IBGE)

Hiram: Gostaria de ouvir a versão do Cacique João Brabo à respeito da morte dos garimpeiros no dia 07.04.2004. (Hiram)

Marcelo: Ele está dizendo que a mídia só divulga que os Cinta-Larga assassinaram os 29 garimpeiros ([133]), mas a mídia não divulga que, na década de 1970 ([134]), milhares de índios Cinta-Larga morreram por envenenamento. Tenho convicção de que se um índio invadir a casa de homem branco certamente o homem branco vai matar índio.

---

[133] O inquérito da Polícia Federal avalia que esse número é bastante superior, chegando a mais de uma centena de mortos. Os Cinta-Larga estavam inquietos com as ameaças feitas pelo garimpeiro Baiano Doido, que vociferava, a todo momento, que mataria qualquer índio que tentasse retirá-lo da reserva. O Cacique Oitina Matina afirmou que:

> Cada cidadão tem direito de se defender e pagar pelo que fez de errado. Nesse assunto eu nem estou do lado do índio nem do lado do branco, todos os dois estão errados. Mas não vamos denunciar os guerreiros. Podem esquecer isso.

[134] **1971** – Os Cinta Larga mataram dois funcionários da FUNAI, Possidônio Bastos, que chefiava o subposto, e o radiotelegrafista Acrísio Lima. Segundo os Cinta-Larga, o ataque foi uma retaliação à ação de um dos garimpeiros que impedido de "*namorar*" uma índia teria passado veneno no pilão de fazer "*chicha*". Na verdade o suposto envenenamento foi apenas uma epidemia de gripe que vitimou parte da população de várias aldeias.

1972 – Em dezembro houve uma salutar confraternização com os funcionários do Posto Indígena Roosevelt.

1973 – No final de janeiro receberam presentes e almoçaram com os funcionários do posto, estabelecendo relações harmônicas. A partir de outubro, os Cinta-Larga começaram a frequentar pacificamente a margem esquerda do Rio Aripuanã, em frente à Vila Aripuanã.

1974 – Três famílias Cinta-Larga, no dia 12 de janeiro, entraram na Vila de Aripuanã distribuindo artesanatos procurando estabelecer relações de amizade. Alguns meses depois, 69 Cinta-Larga visitaram Aripuanã e acabaram contraindo o vírus da gripe. A doença dizimou quase metade da população Cinta-Larga dessa região.

1976 – Descoberta de ouro no igarapé Jurema, afluente do Ouro Preto. A exploração de ouro atraiu a atenção dos Cinta-Larga que passaram a frequentar o local e contrair novas doenças.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

poder

09/05/2004 - 06h05

Índios explicam os motivos da chacina de 29 garimpeiros

da **Agência Folha**, na Terra Indígena Roosevelt (RO)

Os índios cintas-largas mataram 29 garimpeiros dentro da reserva Roosevelt, em Espigão d'Oeste (Rondônia), no último dia 7 de abril, para defender o território indígena, as mulheres e as crianças, disseram dois chefes da tribo à Agência **Folha**.

"Quando um bandido entra na casa do branco, o branco mata o bandido. Assim é na nossa casa. Eles [os guerreiros] queriam proteger os cintas-largas. Podiam [os garimpeiros] matar todos nós", disse à reportagem o chefe João Bravo Cinta Larga, uma das lideranças mais influentes da etnia.

Imagem 60 – Folha de São Paulo, 09.05.2004

Agora, graças a isso, tem muita gente com medo de invadir nossas terras. A mídia fica dizendo que foram os Cinta-Larga que mataram os garimpeiros, quando na verdade foi uma etnia que convive com os Cinta-Larga e que tinha conhecimento de tudo que aconteceu na década de 70. Um parente chegou na Aldeia, de madrugada, contando que garimpeiro ([135]), que estava com malária, estava dizendo que estava preparado pra matar os índios Cinta-Larga. A mídia não quer saber o que provocou tudo isso, só querem dizer que o índio é assassino. (Marcelo)

Hiram: Só para esclarecer, aquele incidente do Paralelo 11° em que foi colocado arsênico na alimentação, no açúcar, etc, teriam sido garimpeiros e seringueiros os protagonistas? (Hiram)

[135] Baiano Doido.

Marcelo: Ele diz que foram os dois, seringueiros e garimpeiros, porque os garimpeiros estavam de olho no minério e os seringueiros na seringa. Eles se organizaram, cercaram a Aldeia, e colocaram veneno no açúcar, na chicha ([136]) e jogaram gás tóxico. (Marcelo)

Marc: Antes do branco chegar, como era a guerra, já que existiam três grandes grupos ([137])? (Marc)

Marcelo: Ele está dizendo que antigamente entre os clãs o que era mais violento era o dele o Mãm. Os Kakín não podiam nem olhar com a cara feia pra eles que eram imediatamente mortos, assados e devorados como se tratasse de um troféu. Os Kabãn, não eram tão brabos e tinha medo dos Mãm e os respeitavam, já os Kakín enfrentavam os Mãm e sempre eram derrotados neste confronto, por isso, até hoje os Kakín não se aproximam muito dos Mãm. Os Mãm são muito respeitados pelos outros clãs porque são robustos enquanto os Kakín são mais magros. Os remanescentes dos Kakín proliferaram e vivem hoje no meio dos Mãm. A maior população original é a dos Mãm, mas hoje existe uma miscigenação muito grande dos três clãs originais. (Marcelo)

Hiram: Quais são as principais preocupações do cacique, hoje, com tudo que está acontecendo em relação aos Cinta-Larga? (Hiram)

---

[136] Bebida alcoólica artesanal, obtida pela fermentação de determinados cereais, raízes, sementes (milho, mandioca, etc.).

[137] Os grupos Cinta Larga são Mãm [com várias subdivisões – MãDut, MãGap e MãGuip], Kakín [com subdivisões] e Kabãn [sem subdivisões]. É provável que, anteriormente, houvesse maior nitidez na distribuição demográfica destas divisões: Os Kabân ao Norte, na região dos rios Branco e Vermelho, os Mâmderey no Meio, e os Mâmjiwáp nas cabeceiras dos Rios Tenente Marques e da Eugênia. Os Kakín eram numerosos e guerreavam contra os Kabãn e Mãm que se uniram para enfrentar os Kakín reduzindo significativamente sua população. Após a instalação dos postos da FUNAI foram feitos sucessivos remanejamentos alterando sua distribuição espacial.

Marcelo: Ele está dizendo que a maior preocupação dele com o que está acontecendo hoje é principalmente com a Comunidade, com os indígenas jovens que estão perdendo a cultura nativa. Para não acontecer uma tragédia ele sempre acreditou que pode orientar a Comunidade para não deixar de lado a nossa cultura, porque se isso acontecer as pessoas não vão mais respeitar a gente. Se já não estão nos respeitando, sem a nossa cultura, as coisas só vão piorar. Estou muito preocupado porque a Polícia Federal já está prendendo indígenas, preocupado com o Exército que a qualquer hora pode tomar a Terra Indígena e nessa hora é preciso de uma liderança como a dele. Bem que o pai dele disse que um dia a cidade ia crescer e iam invadir diminuindo a Terra deles. A mata diminuindo e o calor aumentando em decorrência da derrubada da mata. (Marcelo)

Marc: A população de Cinta-Larga está aumentando e muitos moram na Reserva, há uma tendência dos Cinta-Larga migrarem para a cidade? (Marc)

Marcelo: Ele disse que está muito preocupado, alguns já abandonaram as Aldeias alugando casas na cidade. Muitos jovens que vem pra cidade, hoje em dia, usam drogas que lhes oferecem e na Aldeia não tem droga, não tem bebida alcoólica, só as bebidas tradicionais que oferecemos, em ocasiões especiais, aos nossos jovens. O uso excessivo da tecnologia por parte, principalmente, dos jovens que não sabem mais fabricar um arco ou uma flecha, não querem caçar... Ele disse que não está aqui na cidade por que quer, mas porque precisa tratar dos problemas de saúde. A vontade dele não era de estar vivendo na cidade mas na Aldeia. Ele agradece a vocês por terem vindo aqui, as portas estarão sempre abertas pra vocês a qualquer hora e pede desculpas se fez alguma coisa ruim para vocês, no passado, porque não os conhecia tão bem como agora. (Marcelo)

Só depois desta incrível entrevista com o Cacique Geral dos Cinta-Larga dei por encerrada, definitivamente, minha homenagem à Expedição Rooseevelt-Rondon (1914). Minha preocupação, agora, é com o futuro deste valoroso povo. Continuo envidando esforços, junto com o Presidente da Associação PATJAMAAJ dos Povos Cinta Larga, Sr. Oita Motina, para tentar viabilizar um projeto de pesca-turismo no Sul da Reserva Roosevelt.

A extração criminosa de madeira de lei, diamante e ouro, sem qualquer controle da reserva só seria terminantemente resolvida quando, através do DNPM e FUNAI, fossem efetivados contratos firmados com empresas idôneas que através do emprego científico do Manejo Florestal e da Mineração Industrial destinassem parte dos percentuais líquidos de sua produção para todas as famílias das aldeias proporcionalmente ao número de membros de cada uma delas e outra parte, a ser determinada pelos líderes comunitários de cada aldeia, para uma poupança e para melhorias nas comunidades.

Não posso deixar de agradecer aos digníssimos Policiais Militares e Bombeiros Militares de Cacoal (RO) que nos apoiaram nos deslocamentos para o local de Partida (Aldeia Rooseevelt) e na chegada na Balsa da Aprovale.

Após o encerramento da missão o Exército Brasileiro, através da 17ª Brigada de Infantaria de Selva nos apoiou no deslocamento até o 1º Pelotão de Especial de Fronteira "*Real Forte Príncipe da Beira*" e de lá para Porto Velho (RO).

Logo depois do Capítulo "*No Caminho dos Semivivos*", vamos fazer um relato desta interessante jornada.

O Sonho dos Sonhos

(Múcio Teixeira)

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distraído
Por tanto bem – tão mal compreendido,
Por tanto mal – tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cansado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto – em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prossigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada – de tudo o que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida – o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

Luiz Carlos Bordignon

Os Rios são caminhos que andam
e que nos levam aonde queremos chegar. (Blaise Pascal)

Na água que avançava devagarzinho, via seu rosto como num espelho e nessa imagem havia algo que lhe despertava recordações, algo de que se esquecera e que lhe voltava à memória, quando refletia um pouco: esse rosto parecia-se com o de outra pessoa que ele, Sidarta, em tempos remotos, conhecera, adorara e temera.
(Hermann Hesse – Sidarta)

Nestas infindas jornadas, pelos caminhos que andam, tenho conhecido amigos de "*outras eras*" que nos cativam imediatamente com seu carinho, fidalguia e hospitalidade. Ouvimos encantados as histórias de vida – exemplos de determinação, disciplina e força – destes formidáveis bandeirantes hodiernos que abandonando sua terra natal partiram em busca de novos desafios e construíram com seu suor e energia invulgar um futuro promissor em outras plagas. Homenageando neste capítulo o amigo Luiz Carlos prestamos um tributo a todos aqueles que participaram desta verdadeira "*Marcha para o Oeste*" brasileiro.

Olá! Coronel

Venho nessas breves linhas encaminhar para vós, um breve relato buscado em minhas memórias, sobre minha chegada a esta rica terra de Rondônia, e, por conseguinte de algumas pessoas, que estiveram e se fizeram presentes nessa jornada vivida até aqui, pessoas estas que como eu, vieram da região sul do nosso país.

Em meados de 1978, na cidade de Francisco Beltrão, um pequeno grupo de amigos conterrâneos, se reuniram e resolveram, sair do Paraná e conhecer o Norte do Brasil. Esses quatro amigos moradores da cidade de Francisco Beltrão, PR, tomaram rumo em uma viagem de camionete para ver de perto a região Centro Oeste e Norte do pais, com o intuito de localizar nessa jornada uma cidade, um município onde pudessem trabalhar e investir na exploração de madeira.

Um dos componentes desse grupo de amigos era meu valente pai, um gaúcho nascido em Serafina Correia, RS, cidade natal também deste narrador. Vagaram viajando e conhecendo boa parte do Norte mato-grossense e grande parte do estado de Rondônia, e nessas andanças acabaram achando melhor se estabelecerem na cidade de Pimenta Bueno-RO, isso no ano de 1979.

Em 1980, mais precisamente em 10 de janeiro deste ano, desembarquei em Pimenta Bueno, RO, em um voo da TABA [Transporte Aéreo da Bacia Amazônica], empresa de aviação da época, nesta época, estava eu com tenros 17 anos.

A partir de então, dei uma guinada na minha vida, tudo mudou completamente, os costumes, as pessoas, era tudo muito diferente do que eu tinha vivenciado até aquele momento, digo o conhecimento da minha infância e vivência com os parentes todos esses, do Sul do pais, ficaram para trás, deparei-me com pessoas e hábitos bastante diferentes daqueles que eu já estava acostumado.

Mas foi uma experiência gloriosa, e, apesar de sofrer cedo demais, com a doença que acometeu meu pai, ele sofreu um AVC, no ano de 1981, com apenas 49 anos, e com isso a minha vida teve tomar uma nova direção, retornando ao Paraná.

Os projetos o que planejávamos tudo ficou em segundo plano, era esquecer todo o planejado, e a prioridade passou ser tentar salvar a vida dele, e a partir daí, *"recomeçou tudo sem projeto algum"*. Fiquei cinco anos ao lado dele, e somente então, no ano de 1987, retornei para Rondônia.

A partir daí sim, a vida teve um enorme crescimento, comecei a trabalhar com madeira, tal qual meu pai fizera e assim eu também dei prosseguimento à sua profissão e com isso, obtive os contatos, e muitos desses tenho até o dia de hoje, pessoas oriundas de todas as regiões do país.

A exploração de madeira aquela época era intensa e imensa, cito como exemplo, Pimenta Bueno, que chegou a ter 35 madeireiras, Rolim de Moura aproximadamente 40 e assim, em quase todos os municípios de Rondônia, a economia predominante era exploração e venda de madeiras.

A exportação de madeira era o que gerava toda a movimentação econômica, no mercado interno, restava a madeira de segunda qualidade, isso se dava pelo preço que o mercado interno não podia competir.

A intensidade desse comércio era tão forte que, a madeira de mogno, uma essência muito valorizada, começou a rarear, e então se buscou por este tipo de madeira em outras regiões e começou-se a negociar esse produto, oriundo das regiões de terras indígenas e de proteção ambiental.

Eu, meu irmão e uns tios, que na mesma época estávamos trabalhando com esse tipo de madeira, tivemos notícia de uma área no município de Aripuanã, MT, que podia ser acessada pelo município de Espigão do Oeste, onde poderíamos trabalhar, sem nos envolver com áreas indígenas ou de preservação.

Na época, as prisões e multas, eram de pouca expressão, porém já causavam estrago e traziam medo aos madeireiros.

Começamos a trabalhar em 1989 nesta área decidi e assim ficamos durante dois anos. Quando passávamos por uma estrada aberta pelos proprietários daquelas terras que, esses chamavam de "*Gleba Lunardelli*", e passava por uma área de conflito entre posseiros e índios onde hoje é atualmente uma reserva indígena demarcada, víamos com muita frequência a exploração das reservas indígenas.

Conhecemos alguns caciques e muitos madeireiros, colegas que trabalharam nesse sistema ilícito de exploração. Os acordos entre os caciques e madeireiros se tornavam frequentes, e com isso surgiam também os atritos e alguns com desfechos acalorados e em muitos com riscos e perdas de vidas.

Riscos como: perda de maquinários e apetrechos para indígenas, que os queimavam e, de outro lado os madeireiros prometendo revidar assim que pudessem. Mesmo assim, as explorações continuavam em todas as áreas indígenas sem exceção.

Nós, eu e meus familiares tínhamos receio e nunca nos arriscamos em terras indígenas.

Neste período conheci alguns valentes que trabalhavam comigo, numa área distante cerca de 270 km de Pimenta Bueno, mata adentro, passando então dentro das reservas indígenas dos Zoró e ao lado da reserva indígena Cinta-Larga.

Lembro com saudades de alguns desses valentes, que o tempo deu por conta, e com isso o destino nos separou. Eram homens de muita coragem, citarei alguns deles. O Tião Mineiro, um valente que me acompanhava e estava sempre por perto, já tinha

passado por vários estados brasileiros inclusive tinha estado na África com a empreiteira "*Mendes Júnior*", Antônio, conhecido como "*Fiinho*", paulista de nascimento, mas sul mato-grossense de coração e com muito conhecimento na exploração de madeira, Osório, um excelente caminhoneiro e mecânico, José Telles, um gaúcho de André da Rocha, tratorista perfeito para aquelas dificuldades. E também outros que no momento não cito nomes, mas que foram também muito importantes nessa empreitada.

Empreitada, que fomos a cada dia tendo dificuldades e mais dificuldades, a madeira passava por um período de valores baixos, mercado retraído, e na exploração o custo era muito alto, não suportamos as dificuldades pois estávamos, distantes da cidade e a madeira que explorávamos era de valor mais baixo do que as outras madeireiras extraiam de áreas indígenas, que era o mogno, Ipê e outras de lei de 1° qualidade. Encerramos as atividades no ano de 1992, onde passei a me dedicar a criação de gado, uma atividades que já estava dando bons resultados.

Na nossa região, essa atividade na época era pouca fiscalizada e não se tinha dificuldades para fazer der-rubadas para plantar pasto, café ou outra atividade que expandia. Hoje em dia, estou totalmente ligado à pecuária, e tentando melhorar a produtividade com novas técnicas de produção.

Atualmente as áreas de preservação e áreas indíge-nas continuam a ser exploradas, tanto na madeira quanto na exploração mineral, como ouro, diaman-tes, cassiterita, manganês e outros minérios.

As áreas de propriedades particulares estão em constante monitoramento, tanto é que, possuo uma área de terras que faz divisa com reservas indígenas, e como é documentada, tenho endereço, e-mail, telefone e outros dados meus, onde recebo informa-

ções, para não fazer qualquer tipo de exploração ou abertura florestal sem autorização dos órgãos competentes, mas a maioria das propriedades não tem documentos oficiais, informações e nem a possibilidade de serem intimadas, isso deve ter sérias consequências no futuro, penso eu.

Coronel, eu presenciei muitos conterrâneos perderem a vida, a maioria na exploração da madeira, origem da grande expansão desse Estado, correta ou incorreta, esta ocorreu!!!

Aqui em Pimenta Bueno, em 1980 meu pai e uns colegas gaúchos, e outros tradicionalistas, criaram o "*CTG Porteira Aberta" que manteve suas atividades até os idos de* 1993. Quem o manteve em funcionamento foi um dos seus fundadores e alguns funcionários da madeireira que vieram do Rio Grande do Sul, grande parte de André da Rocha e Nova Prata, RS. A partir daí, foi perdendo força e parou de entreter a cidade com bailes, jogo de bocha, churrascadas etc...

Coronel, eu e outros amigos madeireiros fomos testemunhas, na época que o município de Pimenta Bueno era o maior explorador de mogno da reserva indígena Cinta-Larga, uma madeireira voltada para a exportação que trabalhava com um cacique que coincidentemente, esteve aqui um dia após sua passagem pela reserva.

Era o cacique Roberto Carlos, na época, hoje não tenho ideia do que seja. O Roberto raramente se afastava da madeireira, pois eu ia lá frequentemente visitar meus amigos porque dependia deles para me ajudarem na reposição de peças de caminhão que eram de difícil aquisição. Como eles tinham vários veículos do mesmo modelo e compravam muitas peças de reposição para sua frota e para a própria serraria, dependíamos, então, muito deles.

Morávamos todos no mesmo condomínio, onde presenciei muitos fatos sobre essas negociações e que até hoje não são diferentes.

Coronel Hiram, espero que alguma parte deste breve relato, possa ser lhe útil em seu documentário, e que se houver necessidade de mais informação, e que possa colaborar, estarei à disposição.

Luiz Carlos Bordignon;
Nascimento: 01 de agosto de 1963;
Local: Serafina Corrêa/RS;
Filiação: Odílio Luiz Bordignon e Joyce Maria Moroni Bordignon.

Searas de Paz
(Adair de Freitas)

Pegar em armas em nome da terra
Que barbaridade, onde é que já se viu?
A terra precisa de arados e enxadas
E mãos calejadas pra ofertar o cio
Irmãos de Pátria, de fé e de sangue
Fomentando a guerra só vão conseguir
Financiar a fome, cultivar o ódio,
Pragas na lavoura do nosso porvir
Financiar a fome, cultivar o ódio,
Pragas na lavoura do nosso porvir

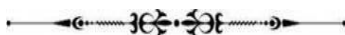
Não, não é assim
Tirar a terra de quem dela cuida
E apesar de tudo não saiu dali
Não, não é assim
Deixar sem terra os que querem cuidá-la
Pois campos-taperas não vão produzir

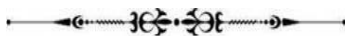
Sim, homens ilustres de cruz ou de espada
De discursos lindos e palavras vãs
É chegada a hora de cumprir promessas
Dar as mãos pra vida que o mundo tem pressa
De searas novas para o amanhã
É chegada a hora de cumprir promessas
Dar as mãos pra vida que o mundo tem pressa
De searas novas para o amanhã [...]

Ninguém tem culpa de haver nascido
Sobre as sesmarias de algum ancestral
Nem é culpado quem nasceu num catre
Acampado à beira da estrada real
Há de haver um jeito de ajeitar o tranco
Pra levar a tropa rumo ao seu destino
E deixar na estrada muito boi corneta
Que não é colono e nem campesino
E deixar na estrada muito boi corneta
Que não é colono e nem campesino [...]

No Caminho dos Semivivos

No capítulo anterior, o "*Jornal do Brasil*", n° 22, de 05 e 06.05.1968 informava que em junho de 1965, aquele periódico repercutiu numa série de 6 reportagens sob o título "*No Caminho dos Semivivos*", mostrando, sem conotações ideológicas, o extermínio da população indígena pelos fazendeiros, latifundiários e comerciantes. A excelente qualidade do trabalho recomenda que o republiquemos:

Jornal do Brasil, n° 132 – Rio, RJ
Quarta-feira, 09.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois
No Caminho Dos Semivivos (I)

[Reportagem - Juvenal Portella / Fotos - Rubens Barbosa]

Nascido para proteger os índios, pois o espírito do Decreto n° 9.214, de 15 de dezembro de 1911, que o Presidente Washington Luís, 17 anos mais tarde ratificou em outra lei, era exclusivamente esse, o SPI não conseguiu cumprir esse objetivo, principalmente pela omissão de muitos de seus funcionários. Em Cuiabá, ele mantém uma Inspetoria com 11 postos funcionando deficientemente; 58 funcionários, a maioria incapaz profissionalmente; apenas um velho caminhão para atender a todo o serviço e a verba é insignificante. Seu atual chefe, no cargo há somente quatro meses, teme que a sua boa intenção em diminuir a intensidade do drama seja tragada pelas várias dificuldades que está encontrando.

Os números mostram, embora de maneira deficiente devido ausência de estatísticas, que mais de 10 mil índios vivem nas regiões Centro e Norte de Mato Grosso, ainda não pacificados. Muitos chegam a ser até violentos e atiram flechas nos aviões que sobrevoam as áreas onde habitam. Essa hostilidade tem duas explicações:

1) Não tiveram ainda qualquer contato com aqueles que o SPI chama de civilizados, e
2) Reagem contra os ataques dos homens que desbravam as matas com várias intenções, principalmente os seringalistas. De resto, apenas 1.300 – ou um pouco mais – vivem em meio ao homem civilizado, em postos oficiais, Aldeias próprias, trabalhando para fazendeiros, na caça, na pesca ou mesmo pelas ruas, sem nada fazer.

A vida do índio está de tal maneira deformada que já não é possível estudá-la isoladamente. Identifica-se, nos dias de hoje, com a dos, homens do sertão, dada a atividade que executa, quer em proveito próprio, quer para proveito de outros, que é o caso mais comum. Por princípio, os índios pacificados deveriam habitar uma Aldeia de casas construídas com o barro, a madeira e o sapé – taipas – dirigida por um homem do SPI. Na realidade, isso não acontece, na maioria dos casos há índios espalhados por fazendas, há os que trocaram uma roça pela caça ou pesca para não morrer de fonte e ainda existem os que nada fazem, a não ser provar da pinga que lhe dão. Os poucos que conseguiram progressos passam o tempo entregues a toda sorte de tarefas em busca do sustento, todas elas, porém, passageiras e sem dar perspectivas de algo bom para o futuro. Futuro é uma palavra que os índios desconhecem e temem. Para os mais velhos, como o Capitão Seremecê, de um grupo dos xavantes, o passado e o presente deram a fórmula para acabar com o futuro.

Mesmo de memória fraca, o robusto Seremecê ainda consegue lembrar-se da mão protetora de outros tempos e se lhe pedem o nome de um "*branco bom*", ele não hesita: "*Marechal Rondon*". Chega a ser impressionante a maneira como o velho militar é venerado pelos índios, sejam eles Xavante, Bororo, Pareci ou Nhambiquara. O grande exemplo disso está numa prece que um grupo de índios Bororo fez e um deles leu diante de um retrato de Rondon, em 1912:

> Grande Chefe! Tu és bom, muito bom mesmo, muito bom! Tu sim, és nosso verdadeiro amigo. Tu, sim, dás aos Bororo o que eles precisam e desejam. Como o Sol, tu não cansas nunca na tua amizade pelos Bororo. Vem! Volta depressa! Nós estamos com muitas saudades de ti, homens, rapazes, mulheres, moças, meninos, meninas. Os Bororo todos estão com imensas saudades de ti. Vem! Volta depressa! Assim seja.

O ESQUEMA

Nos primeiros tempos da pacificação, Rondon preocupou-se muito com uma providência, que acabou sendo adotada, oficialmente e vigora ainda, a de criar um Posto com funcionários encarregados de prestar toda a assistência aos índios que fossem sendo cativados. Assim caberiam aos homens dos postos criar as condições necessárias para que os indígenas não desacreditassem no civilizado e, principalmente, tivessem meios para desenvolver suas atividades de modo a auferir lucros com isso. Durante muito tempo essa medida deu resultados positivos, mas, há cerca de 10 anos, as coisas tomaram outro caminho, chegando a uma situação insustentável atualmente.

Vivendo em Postos, os índios teriam, se tudo funcionasse perfeitamente, não só os recursos, mas as possibilidades que não tinham na vida selvagem.

Para se ter uma ideia da utilidade do esquema montado, basta que se explique o seguinte: o SPI, por força de seus regulamentos apenas controlaria o trabalho dos índios, mas todos os seus lucros aplicaria em benefício da melhoria da lavoura, da pecuária ou reverteria na criação de outras fontes de renda, como serraria, que é a mais prática devido à quantidade de madeira em disponibilidade na mata.

O Inspetor Regional de Cuiabá, Mato Grosso, Sr. Hélio Jorge Bucker, que deu estas informações, afirmou, no entanto, que, no plano da realidade, tudo isso é apenas teoria, uma vez que nada funciona na prática. E as causas do não funcionamento são muitas, indo até mesmo ao terreno da corrupção.

Em vez de viverem aldeados, com uma assistência mínima, que envolve as de aspecto material e inclusive, moral; os índios estão ao abandono.

SITUAÇÃO

Uma das mais importantes zonas do Serviço de Proteção aos índios é a que envolve o Estado de Mato Grosso, onde funcionam duas Inspetorias Regionais (IR) – a quinta, em Campo Grande, e a sexta, em Cuiabá – devido à área enorme. A sexta conta parte da história do Marechal Cândido Mariano Rondon, pois foi em suas terras que ele ligou grande parte dos fios telegráficos, a sua mais importante missão.

Para os que não sabem, o engenheiro militar Rondon foi designado por ato do então Ministro da Guerra; General J. N. de Medeiros Mallet, a 11 de julho de 1900, para construção da linha telegráfica do São Lourenço a Miranda, em Mato Grosso. Esta, aliás, foi uma das missões de Rondon, pois muitas outras iguais lhe foram atribuídas. O aviso do Ministro ao Capitão do Corpo de Engenharia dizia:

RONDON, 75 ANOS DEPOIS:

NO CAMINHO DOS SEMIVIVOS (II)

Reportagem de JUVENAL PORTELLA
Fotos de RUBENS BARBOSA

— Sô Arlindo me empreste um boi para moer a cana.

— O boi está cansado. Vai você para a moenda.

O suor pingou forte da cara cansada do índio bororo, que não disse mais nada. Juntou a mulher — que levava um filho prêso por uma [illegible] às costas — e o resto da família, a menina e o menino, e, sob o sol que queimava muito naquela tarde de maio, pôs o tronco a funcionar, movimentando a moenda que lhe daria a garapa. O índio, a exemplo da maioria dos moradores da aldeia do Pôsto Gomes Carneiro, era um homem doente. Se o fato fôsse contado por qualquer índio da região teria pouco crédito, porque, na realidade, os indígenas ainda não sabem distinguir a verdade da mentira. Mas a cena aconteceu diante dos repórteres, sem que o Sr. Arlindo Dias da Costa, encarregado do pôsto, percebesse. Minutos antes, o mesmo funcionário tinha dado ordens para que um boi fôsse morto, a fim de ser transformado em churrasco para as visitas — fazendeiros que discutiam na sala de aulas com o Inspetor do SPI o problema da invasão de terras indígenas.

A aldeia onde moram os índios fica distante do pôsto meia légua por estrada de terra — boa —, seguindo por uma picada de meio quilômetro. Quem começa a caminhar com destino à aldeia tem, a princípio, a ilusão de que encontrará uma clareira repleta de casas cuidadas, de crianças brincando, de velhos sentados às portas tecendo baquités — cestas de vime — e de mulheres esperando a volta de seus maridos da jornada na roça ou na caçada. O ladrar dos cães à distância, o gorjeio das aves e suas presenças nas árvores maiores, além da tranqüilidade aparente, criam naqueles que pela primeira vez chegam por ali um quadro até mesmo otimista. No grupo em que estávamos — um Tenente da Polícia Militar, um engenheiro, um fotógrafo americano e sua mulher, além do Sr. Hélio Jorge Bucker, chefe da Sexta Inspetoria Regional — os comentários eram exatamente êsses, embora alguns não esperassem encontrar a mais perfeita ordem. O encarregado do pôsto não pôde nos acompanhar, alegando ter muito trabalho a fazer."

DESOLAÇÃO

De fato, existia uma clareira, não muito grande. Bem no centro, bastante desgastada, uma enorme cabana — a definição mais suave —, moradia dos solteiros. Ao seu redor, as casas cobertas de palha e feitas no barro prêso às estacas de madeira ruim. Ninguém soube dizer ao certo a população da aldeia.

— É que muitos vão embora, outros que tinham ido voltam, vários estão caçando e as mortes acabam com os que a gente mal conheceu. — Informou um bororo.

A ingenuidade faz do índio um curioso e, tôda vez que há presença de estranhos, todos se reúnem para ver quem é êle. Nesse dia, poucas mulheres saíram de suas casas para ver os visitantes. Por isso, fomos obrigados a ir cabana por cabana. Foi quando todos entenderam a razão da ausência na clareira. A tosse impedia aos mais velhos responder com clareza o cumprimento que levamos. Os mais novos tossiam também. Tossiam as crianças, nuas, descalças, de barrigas grandes por causa dos vermes.

— Só há uns dois ou três dias é que começamos a tomar remédio. Antes, não.

E era verdade: dias antes da nossa chegada ao Vale do Rio São Lourenço o SPI mandou algumas caixas de medicamentos. Penicilina era a medicação, mais nada. Nem dieta, nem xarope, nem exame médico. Mesmo porque médico nunca chegou por ali. Um casal de jovens estudantes norte-americanos — dono da única cabana em condições de ser habitada — ajudava com comprimidos e outras drogas. Um índio disse que trocava comprimidos por enfeites indígenas, mas não foi levado muito a sério. O engenheiro Ramis Bucair, que já comandou algumas expedições para fazer contatos com índios não pacificados, parou na entrada de uma das casas e disse baixinho, retirando-se:

— Tuberculose.

SOLUÇÃO

Índio não sabe a idade que tem, a não ser os mais novos, mesmo assim por contrôle de terceiros. Na aldeia do Pôsto Gomes Carneiro, entretanto, podia-se calcular que dos 41 indígenas com quem falamos 18 já entravam nos 60 e 70 anos. Todos estavam contaminados, presumindo-se — porque não houve exame médico — que até as crianças. E isso porque a família, mesmo grande, chegando às vêzes a 14 membros, não se desune: dormem todos em esteiras, pràticamente juntos, num só cômodo porque a cabana não tem divisões internas e onde também é aceso um fogão para cozinhar os alimentos.

De volta ao pôsto, depois de andar muitos metros com os magros cães no caminho (até o cão é magro na aldeia), alguém quis saber do responsável, o funcionário Arlindo Dias da Costa, o que estava acontecendo com os índios.

— É essa gripe que anda por aí. — Explicou.

Uma conversa com o agente Arlindo não pode durar muito, porque suas respostas são curtas — sua mulher é quem as alonga.

— Não houve exame médico porque aqui não há médico e trazer um da Capital é botar fora uma fortuna, quando êle aceita vir.

E mais:

— A gente aplica injeção de Penicilina porque é o que temos. Se há tosse e gripe, a Penicilina dá jeito.

— Houve quem quis saber o que se fazia para evitar a morte do índio pela doença. A resposta, embora pareça cínica, foi dada com muita firmeza:

— Êles têm um cemitério para cuidar disso.

O Sr. Arlindo Dias da Costa, a exemplo da maioria dos funcionários do SPI na região da Sexta Inspetoria, é analfabeto. Mas, o pior: não tem iniciativa alguma e, conforme acabou por concluir o Sr. Hélio Jorge Buker, a menor capacidade para o cargo que ocupa há muitos anos.

QUADRO IGUAL

O exemplo do Pôsto Gomes Carneiro poderá ser aplicado a quase todos os demais. Por indicação do Inspetor, funcionários são nomeados encarregados, tendo como obrigação morar no pôsto. Isso significa pràticamente afastar-se da civilização e viver na mata. Todos os atuais encarregados estão nos lugares há vários anos, principalmente por falta de quem os substitua. Os postos têm atribuições especificadas no Regimento do SPI, aprovado pelo Decreto 10 652, de 16 de outubro de 1942 e modificado pelos Decretos 12 318, de 27 de abril de 1943 e 17 [illegible], de 26 de janeiro de 1945. São elas conforme o artigo 12:

1 — Atrair as tribos arredias ou hostis, impedindo hostilidades entre as mesmas e estabelecendo entre elas relações amistosas;

2 — Conservar e fazer respeitar a organização interna das tribos, sua independência, seus hábitos, línguas e instituições, não intervindo para alterá-los, a não ser que ofendam a moral ou prejudiquem os interêsses do índio ou de terceiros;

3 — Exercer sôbre o índio, de qualquer categoria, na forma da legislação vigente, a tutela que lhe deve ser prestada pelo Estado, resguardando-o da opressão e da espoliação;

4 — Criar um ambiente de respeito recíproco entre o índio e o civilizado;

5 — Não permitir violência contra o índio, promovendo a punição dos crimes que se cometerem contra êle, garantindo o respeito à família indígena e promovendo a punição dos que violarem ou tentarem violar;

6 — Garantir a efetividade da posse das terras ocupadas pelo índio, impedindo, pelos meios legais e policiais ao seu alcance, que as populações civilizadas ataquem-no ou invadam suas terras, e comunicando às autoridades os fatos dessa natureza que ocorrerem;

7 — Fiscalizar a entrada, para o sertão, de pessoas estranhas ao serviço e velar pela fronteira próxima, de acôrdo com as instruções que lhes forem expedidas;

8 — Informar à Inspetoria Regional das ocorrências extraordinárias ou imprevistas;

9 — Executar, rigorosamente, as instruções baixadas pela IR ou diretamente pelo Diretor;

10 — Zelar pela preservação e conservação do material e demais bens do patrimônio nacional e do índio, confiados à sua guarda, mantendo em dia a sua escrituração e prestando contas ao Chefe da Inspetoria, da respectiva gestão e dos suprimentos recebidos, ou ao Diretor, quando pelo mesmo tenham sido feitos os aludidos suprimentos;

11 — Proceder à demarcação das terras pertencentes ao índio, conforme determina o artigo 154 da Constituição;

12 — Manter escolas para o índio;

13 — Dar ao índio ensinamentos úteis, procurando despertar nêle os sentimentos nobres, incutir-lhe a idéia de que faz parte da nação brasileira e, ao mesmo tempo, prestigiar as suas próprias tradições e manter nêle, bem vivo, o orgulho de sua raça e de sua tribo;

14 — Prestar ao índio assistência sanitária, fazendo-lhe observar práticas higiênicas;

15 — Conduzir o índio ao trabalho por meios persuasivos;

16 — Combater o nomadismo e fixar as tribos, despertando o gôsto do índio para a agricultura e indústrias rurais e assegurando, pelo incremento das mesmas e da pecuária, uma base sólida à vida econômica do índio;

17 — Manter trabalho e instituições de lavoura e pecuária em grau condizente com o nível do índio, aperfeiçoando a técnica, à medida que o índio fôr evoluindo socialmente;

18 — Envidar esforços para melhorar as condições materiais da vida indígena, fornecendo ao índio, quando fôr necessário, roupas, alimentação, instrumentos de trabalho, sementes, animais e outros recursos;

19. Incentivar a construção de casas para o índio, empregando-o, persuasivamente, neste mister;

20. Manter o índio da fronteira dentro do nosso território.

Essas instruções são cumpridas? Um contato de 12 dias com oito postos deu a resposta: não. Os argumentos usados como justificativa, se não convencem, pelo menos têm servido para que o estado de coisas — ruim — permaneça ao longo de muitos anos. Um dêles se refere aos recursos, de que se ressentem os postos. Mas êle passa a não ter nenhum valor se considerado um fato contido num dos itens, aquêle que se refere à manutenção de trabalhos nas terras do pôsto. Na maioria dêles, êsses trabalhos existiam, em forma de boa criação de gado, lavouras e até mesmo, num dêles, o Galdino Pimentel, de uma indústria, que é um capítulo triste na história do SPI.

Próximo às margens do Rio São Lourenço, em outra etapa do seu curso, há 25 anos foi erguido um imenso galpão, canalizada água, introduzida energia elétrica e instalada maquinaria de serraria, de beneficiamento do arroz, de fabrico de açúcar e farinha. O material, todo importado, era de excelente qualidade, havendo mesmo uma serra francesa de 10 lâminas, das mais modernas na época. Um grupo de índios bororos foi treinado por especialistas e cuidou de tôda a produção, além da responsabilidade pela manutenção do material. Durante muito tempo o pôsto teve renda própria, pois além de empregar a produção ainda fornecia aos demais. Os elementos indígenas ganhavam pelo que produziam. Essa obra, produto do esfôrço de Rondon, foi abandonada há 11 anos, por desleixo dos administradores. Ao mesmo tempo, a tribo que ocupava a aldeia do pôsto foi-se reduzindo. Muitos preferiram trabalhar em terras de fazendeiros próximos, outros se entregaram à roça por uma garrafa de pinga, a maioria morreu, vítima de muitas doenças, as últimas das quais foram o sarampo e a tuberculose.

No mesmo pôsto, hoje dirigido por Silvino Ribeiro da Silva, um homem vencido pela idade, o SPI perdeu uma lancha, *Nilo Peçanha*, também dos tempos de Rondon, por desleixo do encarregado daquela época, João Fonseca. O fato aconteceu em 1954 e o valor da embarcação oscilava entre Cr$ 5 e Cr$ 6 milhões.

FRUTO DA INCOMPETÊNCIA

Não há nenhum exagêro na afirmativa de que a incompetência é o lugar-comum no SPI de Mato Grosso. Por causa disso morrem índios de tudo o que é doença, invasores tomam suas terras, o gado desaparece, secam os mandiocais e arrozais, a corrupção tem livre acesso. Estatísticas não existem e em alguns postos não se sabe quantos índios estão aldeados. Do Sr. Silvino da Silva ouvimos uma explicação sôbre o problema do gado:

— Não há cercado e as reses vão pastar longe. Não temos peões e não podemos laçá-las. Então, elas vão ter às terras de fazendeiros e tudo fica mais difícil.

Seis reses apenas, quando o pôsto teve centenas, é o que resta. Meia dúzia — não mais — de índios, cansados, mulheres doentes, mais nada, quando mais de 800 viviam em outros tempos pelos campos e na indústria. Bem ao lado da sede do pôsto funciona um outro, pertencente ao Departamento dos Correios e Telégrafos, embora em terras do SPI. Devido a denúncias, segundo as quais funcionários do DCT exploravam mulheres indígenas e trocavam o trabalho dos homens nas lavouras que possuíam por uma garrafa de pinga, houve um inquérito administrativo. Parte dos funcionários foi afastada, mas a corrupção continuava, segundo o JB constatou, ao descobrir caixas contendo garrafas de aguardente.

— Tôdas essas coisas nos levam ao desânimo.

Foi a frase do Sr. Hélio Jorge Bucker, ao tomar contato pela primeira vez com êsses problemas.

Imagem 61 – Jornal do Brasil n° 133, 10.06.1965

> A linha telegráfica partirá da margem esquerda do Rio São Lourenço, junto à estação desse nome e irá em demanda da Vila de Miranda, ou até à margem direita do Rio Apa, se assim resolver o Governo, passando por Santo Antônio do Itiquira, Coxim, Corumbá e Coimbra. Será escolhido entre Coxim e Corumbá um ponto que melhor convier, podendo ser aquele, para dele tirar um ramal que vá ter diretamente ao local que for escolhido para a concentração das forças do 7° Distrito Militar no vale do, Rio Aquidauana.

Foi durante este trabalho que Rondon exerceu uma série de atividades estudos de Botânica, Zoologia, Geologia, Geografia etc. – entre as quais aquela que o notabilizou: a pacificação das tribos indígenas que encontrava pelo caminho. Graças ao seu trabalho, conseguiu o apoio dos Bororo numa das etapas de alongamento da linha telegráfica. Por este e outros motivos, a Sexta Inspetoria Regional do SPI é das mais importantes. Em sua área Rondon construiu vários postos para proteção aos indígenas, a maioria ainda em funcionamento.

O QUE É

A Sexta IR está praticamente falida. Até o prédio que ocupa, numa das ruas centrais de Cuiabá; não lhe pertence e há uma ameaça de despejo por falta de pagamento. Seu Chefe é o Sr. Hélio Jorge Bucker, oficial reformado do Exército. Há quatro meses ocupa o Posto, tendo, antes, ocupado o cargo em outras Inspetorias e funcionando na sede do Serviço, quando estava instalada na Guanabara. Pelo que constatou durante esse tempo, o Sr. Bucker se vê num dilema: enfrentar problemas – grandes – já existentes e os que estão sendo criados pelos invasores de terras do patrimônio indígena ou renunciar. Mas, o que é a Sexta Inspetoria? O Sr. Bucker respondeu, citando alguns dos problemas do SPI:

> De modo geral, os recursos do SPI são parcos, haja vista que a dotação orçamentária para o ano de 1965, para atender a todo o Serviço, foi de Cr$ 1 bilhão e 500 milhões, sendo que Cr$ 1 bilhão e 100 milhões se destinam ao pagamento do pessoal, sobrando Cr$ 400 milhões para atender a todos os Postos Indígenas e Inspetorias de todo o Brasil. Calculamos, a grosso modo, uns 120 Postos em todo o território, instalados, sendo pensamento a criação de mais alguns. Essa dotação é irrisória uma vez que aqui mesmo, em Cuiabá, vemos que certos seringalistas obtém do Banco da Borracha financiamentos superiores a Cr$ 300 milhões para uma exploração que não importa em construções e em obras, apenas alimentação e pagamento do pessoal.

Explicou que os Cr$ 400 milhões restantes da dotação, são distribuídos entre as Inspetorias para auxílio direto aos índios, não dando oportunidade de construir, de melhorar, intensificando o trabalho nos Postos, de maneira a torná-los autônomos.

> É pensamento da Diretoria que as inversões sejam reversíveis e não como antigamente, quando os recursos eram aplicados para a compra de imóveis e materiais, sem que houves.se uma preocupação de criar condições a fim de que os postos adquiram meios de produzir suas próprias rendas.

Com relação especificamente à Sexta Inspetoria, o Sr. Hélio Jorge Bucker confessou que ela não deixa de ser grave, exatamente por falta de recursos que permitam a autonomia dos postos.

> Para dar um exemplo de como é ruim a situação na parte administrativa, basta que se diga que, para 11 Postos, temos apenas um caminhão já obsoleto para o atendimento. Existem Postos a Norte, Sul, Leste e Oeste da região, sendo que alguns chegam a distar até mil quilômetros da sede e quando chove o acesso a eles se torna impraticável, dado às condições das estradas, entre outras coisas.

OS POSTOS

O SPI, segundo seus funcionários, sofre antes de tudo o problema de ser um órgão do Ministério da Agricultura e não um Departamento, por exemplo, com autonomia para resolver vários problemas ligados aos indígenas, inclusive o de aspecto social, o da integração do índio na vida do País.

> Esse e outros problemas não podem, ser resolvidos com os minguados recursos do Serviço, que, integrado como um órgão auxiliar, tem pouca projeção. Além do mais é preciso notar que o trabalho com o índio não é daquele que se pode planejar, uma vez que surgem situações imprevistas a todo instante, forçando medidas que só podem ser atendidas se houver uma elasticidade maior. Da forma em que se situa, os problemas continuam a ter suas soluções adiadas.

É necessário, por outro lado, que exista o desenvolvimento da região para que possam os índios e o próprio SPI acompanhá-lo.

> E na realidade existe isso em alguns Postos, como nos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Esses Postos, pode-se dizer, já são altamente autossuficientes, produzindo como qualquer particular. Produzem o trigo, a madeira etc., ajudando ainda a outras inspetorias que não possuem esses recursos.

Com relação aos 11 postos da Sexta Inspetoria, porém, ocorre praticamente o contrário: apenas o do Bugres tem apresentado progresso. Esse posto se situa na Barra do Bugres, no município do mesmo nome, tem uma área de 24.625 hectares. É habitado pelos índios Umutina, também conhecidos como Barbado, e Pareci. Está localizado entre os rios do Bugres e Paraguai, possui terra fértil e a principal, fonte de renda é a indústria extrativa, com a

exploração da ipecacoanha [poaia], além de seringais nativos. Os 150 índios moram em bangalôs de alvenaria. Os demais postos são estes:

1 – C. Magalhães, no Município de Santo Antônio de Leveger, habitados por índios Bororo. Por avião gasta-se, de Cuiabá, 125 quilômetros e por via terrestre 180. Há pista de pouso;

2 – Gomes Carneiro – no mesmo município do anterior e povoado, ainda, por índios Bororo. Por via aérea a distância é de 150 quilômetros e 200 por terra;

3 – Galdino Pimentel – ainda em Leveger e também abrigando Bororo. A distância, por avião, é de 150 quilômetros e 210 por terra;

4 – Piebage – é o terceiro Posto em Leveger a ter índios Bororo, 165 quilômetros por ar e 225 por terra, as distâncias;

5 – Dr. B. Farias, em Rondonópolis. Para se chegar lá é necessário percorrer 240 quilômetros de avião ou 320 por automóvel. Os Bororo são os índios que habitam a região;

6 – Simões Lopes, situado em Chapada, abrigando Xavantes e Bacaeris. Está distante de Cuiabá 225 quilômetros por avião e 310 por terra;

7 – Marechal Rondon – dista 280 quilômetros via área de Cuiabá e 480 por via terrestre. Bacaeris e Xavantes são os seus habitantes;

8 – José Bezerra, em Rosário Oeste – povoado por índios Cajabis. Dista 275 quilômetros de avião desde Cuiabá e 500 por via terrestre;

9 – Major Libânio – situado no Município de Diamantino e habitado pelos índios da tribo dos, Pareci e Iranche. É preciso voar 325 quilômetros ou andar 830 para se chegar lá;

10 – Pirineus de Sousa – Município de Mato Grosso, habitado pelos Nhambiquaras. Dista 530 quilômetros por via aérea e 1.020 por terra, tomando-se por base Cuiabá.

Conta-se, ainda, o Posto Santana, que está funcionando há menos de dois meses e foi organizado pelo misto Inspetor Regional, Sr. Hélio Jorge Bucker. Esse Posto, chefiado pelo Agente João Viegas, já produziu mais de Cr$ 1 milhão e, conforme sua estrutura, tende a ser dos mais eficientes.

SITUAÇÃO

Não se tem, nos dias de hoje, um quadro geral da distribuição geográfica dos índios pacificados. Isso devido a diversos problemas, que serão estudados em outras reportagens desta série. Na realidade, calcula-se em um pouco mais de 1.300 e menos de 1.500 o número dos indígenas assistidos – de certa forma. Em número bastante inferior grupara-se os não aldeados, mas que, de certa forma, têm algum contato com os civilizados. Vai a mais de 10 mil, distribuídos em várias tribos, a quantidade de índios não pacificados, mas de existência conhecida.

O panorama em Mato Grosso dos aldeamentos de índios não pacificados é o seguinte: índios Solui, Cinta-Larga, Tabaiuna, Madonha, Cabeça-Seca, Arara, Canoeiro, Cajabi [embora existam grupos já pacificados dentro desta tribo], Orelha-de-Pau, Tchicão, Beiço-de-Pau; restos dos Nhambiquara e três tribos desconhecidas.

Com relação aos postos indígenas, pode-se ainda dizer que são os seguintes, pertencentes à Quinta Inspetoria Regional: Cachoeirinha, Ipeg, Panai, Lalima, Alves Barros, Nalique, São João Aquidovão, Benjamim Constant, Vitorino, Uriti, José Bonifácio e Francisco Horta.

Em todo o País, segundo o Major Luís Vinhas, Diretor do SPI, estima-se em 120 mil os índios sob assistência oficial e mais ou menos esse número o dos que ainda não foram pacificados. Vários Postos chamados de atração estão sendo fundados e em Mato Grosso há planos para quatro deles, o primeiro dos quais deverá ser o atual Posto Indígena José Bezerra, que está situado em terras não pertencentes ao patrimônio indígena e sem qualquer utilidade.

Postos de atração, segundo o SPI, são os locais onde se procura fazer os primeiros contatos com índios desconhecidos. Esse trabalho é cansativo e demorado para ser executado por um ou grupo de homens sem condições de permanecer na mata durante muito tempo.

> O processo de cativar o índio é demorado e às vezes dura até dois anos. Primeiro, a expedição deixa presentes num lugar próximo à área onde eles vivem e vai embora, voltando um ou dois meses mais tarde. Verifica, então, se os presentes foram ou não levados. Se foram deixam mais e repetem a operação, até que, se tudo estiver dando certo, acabam por encontrar no mesmo lugar presentes deixados pelos índios. Na terceira ou quarta vez que isso ocorrer, os membros da expedição não se afastam, ficam observando de longe. Os índios fazem o mesmo. E isso vai acontecer até que haja uma coincidência no momento de depositar os brindes.

Contou o Sr. Hélio Bucker que o primeiro contato direto provoca "*uma emoção de não se poder conter as lágrimas*". Esse trabalho, porém, é muito prejudicado, principalmente por causa das penetrações dos seringalistas, visando à indústria extrativa, que, para conseguir o objetivo, forçam um recuo do índio da área que ocupa, quando não acabam com quase toda a tribo.

> Os índios não são hostis, querem o contato, a pacificação. No primeiro contato ficam otimistas, mas é quando surgem homens que, não sabendo disso, amedrontam-se ao vê-los e provocam o choque.

Com relação às missões religiosas, explicou que elas não chegam a ter unta influência malévola. Mas há algumas que chegam a prejudicar, trazendo obstáculos à administração, uma vez que influem nos encarregados, contrariando a orientação do SPI.

> Essa história que diz ser o índio um preguiçoso não é verdadeira, porque se fosse ele não sobreviveria. Enfrenta todas as intempéries, numa luta desigual, além da luta pela sobrevivência enfrentando os perigos do mato. O contato com o civilizado é que pode prejudicá-lo, isso sim.

INTEGRAÇÃO

Há alguns indígenas que estão quase que completamente integrados na vida normal, por força da dedicação de um ou outro funcionário mais dedicado, como é o caso do Agente Flávio de Abreu, hoje assessorando o Inspetor Bucker. Esse servidor, homem tipicamente sertanejo, serve há quase 20 anos no SPI e toda sua vida, praticamente, tem-se passado no campo. No tempo em que foi encarregado do Posto Piegaba, procurou dar aos índios, usando para isso de uma energia que considerava necessária, todos os recursos que lhe eram possíveis a fim de que eles não se tornassem uns párias. Graças a isso alguns elementos Bororo e Xavante conseguiram melhores conhecimentos e hoje servem quase que como funcionários do Serviço. Um deles, Otaviano, considerado um dos melhores peões do norte mato-grossense, é o maior exemplo do trabalho consciente do Sr. Flávio. Infelizmente, os frutos não são maiores porque a consciência dos que cuidam do índio impede que sigam a orientação do companheiro.

Mas, pelo progresso que alguns indígenas alcançaram, o que se permite acreditar que outros possam chegar às mesmas condições, perde o sentido a diferenciação que se faz entre eles e as demais pessoas: índios e civilizados. Além disso, pesa o fato de que o índio não tem mais o corpo nu, usando hoje as mesmas roupas que usamos. Claro que as condições são outras, pois raramente um homem ou mulher indígena tem mais de uma peça de roupa e quando isso acontece, não chega a três. Entre as crianças o problema é o mesmo e há uma explicação. Caberia ao SPI fornecer roupas e calçados, mas como a verba não permite e sem os recursos próprios que os Postos deveriam ter e não tem, raramente isso acontece. Há dias, na base do crédito, o Sr. Bucker conseguiu alguma coisa, mas aí surgiu um outro problema, criado pelo próprio indígena: em vez de botas, que são, realmente, mais apropriadas para a vida do campo, ele queria sapatos do tipo esporte. (JB, N° 132)

Jornal do Brasil, n° 133 – Rio, RJ
Quinta-feira, 10.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois
No Caminho Dos Semivivos (II)

[Reportagem - Juvenal Portella /
Fotos - Rubens Barbosa]

–Sô Arlindo me empreste um boi pra moer a cana?

–O boi está cansado. Vai você para a moenda.

O suor pingou forte da cara cansada do índio Bororo, que não disse mais nada. Juntou a mulher – que

levava um filho preso por uma cinta às costas – e o resto da família, a menina e o menino, e, sob o Sol que queimava muito naquela tarde de maio, pôs o tronco a funcionar, movimentando a moenda que lhe daria a garapa. O índio, a exemplo da maioria dos moradores da aldeia do Posto Gomes Carneiro, era um homem doente. Se o fato fosse contado por qualquer índio da região teria pouco crédito, porque, na realidade, os indígenas ainda não sabem distinguir a verdade da mentira. Mas a cena aconteceu diante dos repórteres, sem que o Sr. Arlindo Dias da Costa, encarregado do Posto, percebesse. Minutos antes, o mesmo funcionário tinha dado ordens para que um boi fosse morto, a fim de ser transformado em churrasco para as visitas – fazendeiros que discutiam na sala de aula com o Inspetor do SPI o problema de invasão de terras indígenas.

A aldeia onde moram os índios fica distante do Posto meia légua por estrada de terra – boa –, seguindo por uma picada de meio quilômetro. Quem começa a caminhar com destino à Aldeia tem, a princípio, a ilusão de que encontrará uma clareira repleta de casas cuidadas, de crianças brincando, de velhos sentados nas portas tecendo baquités – cestas de vime – e de mulheres esperando a volta de seus maridos da jornada na roça ou na caçada. O ladrar dos cães à distância, o gorjeio das aves e suas presenças nas árvores maiores, além da tranquilidade aparente, criam naqueles que pela primeira vez chegam por ali um quadro até mesmo otimista. No grupo em que estávamos – um Tenente da Polícia Militar, um engenheiro, um fotógrafo americano e sua mulher, além do Sr. Hélio Jorge Bucker, chefe da Sexta Inspetoria Regional – os comentários eram exatamente esses, embora alguns não esperassem encontrar a mais perfeita ordem. O encarregado do Posto não pode nos acompanhar, alegando ter muito trabalho a fazer.

DESOLAÇÃO

De fato, existia uma clareira, não muito grande. Bem no centro, bastante desgastada, uma enorme cabana – a definição mais suave – moradia dos solteiros. Ao seu redor, as casas cobertas de palha e feitas no barro preso às estacas de madeira ruim. Ninguém soube dizer ao certo a população da aldeia. – É que muitos vão embora, outros que tinham ido voltam, vários estão caçando e as mortes acabam com os que a gente mal conheceu. – Informou um Bororo.

A ingenuidade faz do índio um curioso e, toda vez que há presença de estranhos, todos se reúnem para ver quem é ele. Nesse dia, poucas mulheres saíram de suas casas para ver os visitantes. Por isso, fomos obrigados a ir cabana por cabana. Foi quando todos entenderam a razão da ausência na clareira. A tosse impedia aos mais velhos responder com clareza o cumprimento que levamos. Os mais novos tossiam também. Tossiam as crianças, nuas, descalças, de barrigas grandes por causa dos vermes.

> – Só há uns dois ou três dias é que começamos a tomar remédio. Antes, não.

E era verdade: dias antes da nossa chegada ao Vale do Rio São Lourenço o SPI mandou algumas caixas de medicamentos. Penicilina era a medicação, mais nada. Nem dieta, nem xarope, nem exame médico. Mesmo porque médico nunca chegou por ali. Um casal de jovens estudantes norte-americanos – donos da única cabana em condições de ser habitada – ajudava com comprimidos e outras drogas. Um índio disse que trocava comprimidos por enfeites indígenas, mas não foi levado muito a sério. O engenheiro Ramis Bucair, que já comandou algumas expedições para fazer contatos com índios não pacificados, parou na entrada de uma das cassas e disse baixinho, retirando-se:

– Tuberculose.

SOLUÇÃO

Índio não sabe a idade que tem, a não ser os mais novos, mesmo assim por controle de terceiros. Na Aldeia do Posto Gomes Carneiro, entretanto, podia-se calcular que dos 41 indígenas com quem falamos 18 já entravam nos 60 e 70 anos. Todos estavam contaminados, presumindo-se – porque não houve exame médico – que até as crianças. E isso porque a família, mesmo grande, chegando às vezes a 14 membros, não se desune: dormem todos em esteiras, praticamente juntos, num só cômodo porque a cabana não tem divisões internas e onde também é aceso um fogão para cozinhar os alimentos.

De volta ao Posto, depois de andar muitos metros com os magros cães no caminho [até o cão é magro na Aldeia], alguém quis saber do responsável, o funcionário Arlindo Dias da Costa, o que estava acontecendo com os índios.

– É essa gripe que anda por aí. – Explicou. Uma conversa com o agente Arlindo não pode durar muito, porque suas respostas são curtas – sua mulher é quem as alonga.

> – Não houve exame médico porque aqui não há médico e trazer um da Capital é botar fora uma fortuna, quando ele aceita vir.

E mais:

> – A gente aplica injeção de Penicilina porque é o que temos. Se há tosse e gripe, a Penicilina dá jeito.

Houve quem quis saber o que se fazia para evitar a morte do índio pela doença. A resposta, embora pareça cínica, foi dada com muita firmeza:

– Eles têm um cemitério para cuidar disso.

O Sr. Arlindo Dias da Costa, a exemplo da maioria dos funcionários do SPI na região da Sexta Inspetoria, é analfabeto. Mas, o pior: não tem iniciativa alguma e, conforme acabou por concluir o Sr. Hélio Jorge Bucker, a menor capacidade para o cargo que ocupa há muitos anos.

QUADRO IGUAL

O exemplo do Posto Gomes Carneiro poderá ser aplicado a quase todos os demais. Por indicação do Inspetor, funcionários são nomeados encarregados, tendo como obrigação morar no Posto. Isso significa praticamente afastar-se da civilização e viver na mata. Todos os atuais encarregados estão nos lugares há vários anos, principalmente por falta de quem os substitua. Os Postos tem atribuições especificadas no Regimento do SPI, aprovado pelo Decreto 10.652, de 10 de outubro de 1942, e modificado pelos Decretos 12.318, de 27 de abril de 1943, e 17.684, de 26 de janeiro de 1945. São elas conforme o artigo 12:

1. Atrair as tribos arredias ou hostis, impedindo hostilidades entre as mesmas e estabelecendo entre elas relações amistosas;

2. Conservar e fazer respeitar a organização interna das tribos, sua independência, seus hábitos, línguas e instituições, não intervindo para alterá-los, a não ser que ofendam a moral ou prejudiquem os interesses do índio ou de terceiros;

3. Exercer sobre o índio, de qualquer categoria, na forma da legislação vigente, a tutela que lhe deve ser prestada pelo Estado, resguardando-o da opressão e da espoliação;

4. Criar um ambiente de respeito recíproco entre o índio e o civilizado;

5. Não permitir violência contra o índio, promovendo a punição dos crimes que se cometerem contra ele, garantindo o respeito à família indígena e promovendo a punição dos que violarem ou tentarem violar;

6. Garantir a efetividade da posse das terras ocupadas pelo índio, impedindo, pelos meios legais e policiais ao seu alcance, que as populações civilizadas ataquem-no ou invadam suas terras, e comunicando às autoridades os fatos dessa natureza que ocorrerem;

7. Fiscalizar a entrada, para o sertão, de pessoas estranhas ao serviço e velar pela fronteira próxima, de acordo com as instruções que lhes forem expedidas;

8. Informar à Inspetoria Regional das ocorrências extraordinárias ou imprevistas;

9. Executar, rigorosamente, as instruções baixadas pela IR ou diretamente pelo Diretor;

10. Zelar pela preservação e conservação do material e demais bens do patrimônio nacional e do índio, confiados à sua guarda, mantendo em dia a sua escrituração prestando contas ao Chefe da Inspetoria, da respectiva gestão e dos suprimentos recebidos, ou ao Diretor, quando pelo mesmo tenham sido feitos os aludidos suprimentos;

11. Proceder a demarcação das terras pertencentes ao índio, conforme determina o artigo 154 da Constituição;

12. Manter escolas para o índio;

13. Dar ao índio ensinamentos úteis, procurando despertar nele os sentimentos nobres, incutir-lhe a ideia de que faz parte da nação brasileira e, ao mesmo tempo, prestigiar as suas próprias tradições e manter nele, bem vivo, o orgulho de sua raça e de sua tribo;

14. Prestar ao índio assistência sanitária, fazendo-lhe observar práticas higiênicas;
15. Conduzir o índio ao trabalho por meios persuasivos;
16. Combater o nomadismo e fixar as tribos, despertando o gosto do índio para a agricultura e indústrias rurais e assegurando, pelo incremento das mesmas e da pecuária, uma base sólida à vida econômica do índio;
17. Manter trabalho e instituições de lavoura e pecuária em grau condizente com o nível do índio, aperfeiçoando a técnica, à medida que o índio for evoluindo socialmente;
18. Envidar esforços para melhorar as condições materiais da vida indígena, fornecendo ao índio, quando for necessário, roupas, alimentação, instrumentos de trabalho, sementes, animais e outros recursos;
19. Incentivar a construção de casas para o índio, empregando-o, persuasivamente, neste mister;
20. Manter o índio da fronteira dentro do nosso território.

Essas instruções são cumpridas? Um contato de 12 dias com oito Postos deu a resposta: não. Os argumentos usados como justificativa, se não convencem, pelo menos tem servido para que o estado de coisas – ruim – permaneça ao longo de muitos anos.

Um deles se refere aos recursos, de que se ressentem os Postos. Mas ele passa a não ter nenhum valor se considerado um fato contido num dos itens, aquele que se refere à manutenção de trabalhos nas terras do Posto. Na maioria deles, esses trabalhos existiam, em forma de boa criação de gado, lavouras e até mesmo, num deles, o Galdino Pimentel, de uma indústria, que é um capítulo triste na história do SPI.

Próximo às margens do Rio São Lourenço, em outra etapa do seu curso, há 25 anos foi erguido um imenso galpão, canalizada água, introduzida energia elétrica e instalada maquinaria de serraria, de beneficiamento do arroz, de fabrico de açúcar e farinha.

O material, todo importado, era de excelente qualidade, havendo mesmo uma serra francesa de 10 lâminas, das mais modernas na época. Um grupo de índios Bororo foi treinado por especialistas e cuidou de toda a produção, além da responsabilidade pela manutenção do material. Durante muito tempo o Posto teve renda própria, pois além de empregar a produção ainda fornecia aos demais. Os elementos indígenas ganhavam pelo que produziam. Essa obra, produto do esforço de Rondon, foi abandonada há 11 anos, por desleixo dos administradores. Ao mesmo tempo, a tribo que ocupava a Aldeia do Posto foi-se reduzindo. Muitos preferiram trabalhar em terras de fazendeiros próximos, outros se entregaram a roça por uma garrafa de pinga, a maioria morreu, vítima de muitas doenças, as últimas das quais foram o sarampo e a tuberculose.

No mesmo Posto, hoje dirigido por Silvino Ribeiro da Silva, um homem vencido pela idade, o SPI perdeu uma lancha, "*Nilo Peçanha*", também dos tempos de Rondon, por desleixo do encarregado daquela época, João Fonseca. O fato aconteceu em 1954 e o valor da embarcação oscilava entre Cr$ 5 e Cr$ 6 milhões.

FRUTO DA INCOMPETÊNCIA

Não há nenhum exagero na afirmativa de que a incompetência é lugar comum no SPI de Mato Grosso. Por isso morrem índios de tudo o que é doença, invasores tomam suas terras, o gado desaparece, secam os mandiocais e arrozais, a corrupção tem livre acesso. Estatísticas não existem e em alguns Postos não se sabe quantos índios estão aldeados.

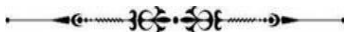
Do Sr. Silvino da Silva ouvimos uma explicação sobre o problema do gado:

– Não há cercado e as reses vão pastar longe. Não temos peões e não podemos laçá-las. Então, elas vão ter às terras de fazendeiros e tudo fica mais difícil.

Seis reses apenas, quando o Posto teve centenas, é o que resta. Meia dúzia – não mais – de índios, cansados, mulheres doentes, mais nada, quando mais de 800 viviam em outros tempos pelos campos e na indústria. Bem ao lado da sede do Posto funciona um outro, pertencente ao Departamento dos Correios e Telégrafos, embora em terras do SPI. Devido a denúncias, segundo as quais funcionários do DCT exploravam mulheres indígenas e trocavam o trabalho dos homens nas lavouras que possuíam por uma garrafa de pinga, houve um inquérito administrativo. Parte dos funcionários foi afastada, mas a corrupção continuava, segundo o JB constatou, ao descobrir caixas contendo garrafas de aguardente.

– Todas essas coisas nos levam ao desânimo.

Foi a frase do Sr. Hélio Jorge Bucker, ao tomar contato pela primeira vez com esses problemas. (JB, N° 133)

Jornal do Brasil, n° 134 – Rio, RJ
Sexta-feira, 11.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois No Caminho Dos Semivivos (III)

[Reportagem - Juvenal Portella / Fotos - Rubens Barbosa]

Reservo êste capítulo para um depoimento pessoal não exatamente sôbre o problema indígena, mas sôbre o elemento humano, sôbre o que resta dêle, melhor dizendo. Para obter o seu retrato andei — com meus companheiros de trabalho — durante vários dias dentro do mato, cruzando de dia ou de noite por caminhos longos e tortuosos, atravessando em canoas estreitas rios caudalosos e perigosos, dada a presença da piranha e outros peixes inimigos (existem sim). No lombo de um cavalo velho andei quatro horas em cima de charco, com espinhos, paus e cipós batendo-me no corpo, ao tempo que tôda espécie de mosquitos quase impedia a caminhada. Isso sem poder ver a luz do sol, uma vez que no alto as árvores se juntavam formando um teto verde de fôlhas e galhos.

Não me engano, depois disso, ao afirmar que o índio é sobretudo um triste, embora êle não saiba explicar essa tristeza. Nos oito postos que visitei, com liberdade para perguntar tudo a todos, só encontrei dois momentos bons: uma festa onde moças e rapazes indígenas dançavam o rasqueado e a polca como qualquer civilizado. O outro foi no Rio Piratininga, onde uma mulher se banhava nua. Ao sentir a presença de outras pessoas ela buscou proteção nas roupas, demonstrando que o pudor é uma conquista dos índios. Andei oito mil quilômetros, desde a Guanabara, dos quais muitos no território indígena, para aprender uma coisa: os índios necessitam urgentemente de mais amor e menos desprêzo.

RONDON, 75 ANOS DEPOIS:

NO CAMINHO DOS SEMIVIVOS

(IV)

Reportagem de JUVENAL PORTELLA
Fotos de RUBENS BARBOSA

DIALOGO COM MILTON

É um índio bororo, alto, forte, muito vivo, com um cargo de mando na sua tribo, membro do grande conselho, pacificado há muitos anos e com um bom nível de alfabetização. Deram-lhe um nome, Milton, que êle adota com muita vaidade, a ponto de desprezar totalmente aquêle usado nos seus tempos de mata. Foi um dos primeiros indígenas com quem falei, à vontade, logo no início da jornada pelo sertão mato-grossense. Foi um diálogo breve, mesmo porque Milton não é de muito falar. Prefere mais o sorriso, largo na sua bôca ampla. Antes de tudo, pediu-me um cigarro, mas tirou dois quando lhe ofereci o maço. Explicaram-me que os índios gostam muito de fumo e são capazes de nos tomar o maço, se bobearmos, o que, aliás, comprovei mais tarde numa aldeia de xavantes.

Reproduzo o diálogo com Milton, um índio vestido, um índio civilizado, com muito tempo de convivência no meio nôvo que lhe deram a conhecer, para que se possa sentir como é o indígena nos dias atuais:

— É melhor esta vida ou aquela do mato?

— A mesma coisa.

(Essa indiferença percebi na maioria dos índios com quem falei.)

— Mas, Milton, viver entre gente que você não conhecia, longe dos perigos da selva, não é melhor?

— É. É melhor.

As respostas demonstraram uma coisa: incerteza. Bastava insistir com um certo ar de espanto, para que o bororo modificasse a sua opinião.

— Fale algo em sua língua, por favor.

— Esqueci.

Milton disse que havia esquecido a sua língua, que nem mesmo uma simples saudação podia fazer. O certo, porém, é que, quando chegamos, êle trocava algumas palavras com um outro membro de sua tribo. Insisti e não tive êxito. Só entendi depois que me explicaram:

— Êles não gostam, depois que se tornaram civilizados, de falar na língua de origem. Acham que isso ficou para trás.

Falamos mais algumas poucas coisas. Deu-me algumas informações sôbre o número de indígenas em seu pôsto, pediu-me o gravador que levava de presente (sem oferecer nada em troca) e como não dei contentou-se em ouvir a sua voz. Em geral, os indígenas que conheci são muito desconfiados, falam pouco, riem muito, são curiosos, ingênuos (a repetição se faz necessária) e possuem uma virtude: bondade. Não têm iniciativa, mas atendem prontamente e com extrema boa vontade qualquer pedido que se lhes faça. No Pôsto Marechal Rondon, cujo acesso, além de uma longa picada mato adentro, que os locais chamam de estrada, é necessário o uso da canoa, que um indiozinho cajabi conduz, conheci a atividade escolar. Uma turma de 71 alunos, a maioria da qual integrada por meninos, é dirigida por uma moça, de nome Luci.

— São muito bons os meninos. Como em qualquer colégio, há os que aprendem mais rápido, os que custam a fazê-lo e os que não aprendem nada. Dão trabalho, como qualquer aluno dá à professôra em qualquer centro civilizado, mas isso é desculpável.

Os meninos — e a exemplo de todos os indígenas pacificados — têm nomes comuns, como João, Pedro, Cândido, Marcelo, José, Antônio, Manuel etc. Gostam mesmo dêsses nomes e — a maioria — sabem escrevê-los na lousa, sem muito trabalho. A professôra Luci ensina também trabalhos manuais, como um meio de despertar-lhes o gôsto por certas artes. A repercussão tem sido razoável e quase todos preferem a construção de aviões e os desenhos de casas e paisagens a outra qualquer atividade.

DIA DE FESTA

No Pôsto Simões Lopes, por onde corre o Rio Piratininga, e onde várias irregularidades foram anotadas no correr dos últimos anos, principalmente com relação ao gado, encontrei um fato que me pareceu completamente nôvo. Quando chegamos, ao cair da tarde, alguns indígenas resolveram fazer uma surprêsa: pediram ao encarregado, Sr. Pedro Vane, permissão para utilizarem a grande sala de aulas com uma festa. A princípio pensamos que se trataria de danças típicas, na base dos trajes coloridos, grandes enfeites cobrindo o corpo, batuque e tudo isso que se conhece por leitura ou cinema. Nada disso. Quando a noite caiu vi de longe o prédio da escola iluminado pelos lampiões a querosene e ouvi acordes de violão e acordeão. Cumpri o trajeto entre a casa dos hóspedes — todos os postos possuem uma — e o colégio, uns 300 metros, sem que ninguém quisesse me explicar como era aquela festa de índios, com instrumentos comuns aos civilizados. Pediam-me que entrasse e visse.

Entrei e vi um grupo de mocinhas indígenas dançando, mas dançando não a sua maneira: dançavam o rasqueado, gênero musical da região sertaneja, a polca, a valsinha até. Timidamente, os rapazes indígenas, principalmente por causa da minha presença e a dos companheiros de viagem, não arriscavam a tirar as moças. Por isso, dançavam meninas com meninas, mocinhas com meninas, em duplas do mesmo sexo. Só mais tarde, quando todos incentivaram, é que êles se encorajaram e então a festinha virou um baile muito concorrido. O que me impressionou, além das evoluções, e que faziam relativamente bem, foi o ambiente: tôdas as cadeiras e mesas da sala foram afastadas e colocadas em redor, para que, quem não dançasse, pudesse apreciar sentado. Mulheres — quase tôdas com seus filhos ao colo — detinham-se nos pares e até chamavam a atenção de um ou outro para um passo errado. Os homens acompanhavam a música com as mãos, enquanto os outros, se não dançavam, aplaudiam os que o faziam. Tudo dentro de uma ordem total, como se na organização tivesse participado um civilizado, o que não aconteceu. Por determinação do administrador do Pôsto, a festa se encerrou às 11 horas da noite, sem qualquer protesto e em silêncio.

DOIS EXTREMOS

Os índios que eu conheci, numa convivência de 12 dias seguidos, não andam nus. Vestem-se como qualquer um de nós, gostam de coisas fúteis, porque só conhecem coisas fúteis, como óculos escuros, chapéu de palha, espelhinhos, que prendem à cintura, anéis e coisas assim. Fàcilmente, trocam baquités, arcos, flexas, cocás ou aves por um dêsses objetos, sempre em desvantagem, considerados os valôres de cada uma dessas coisas. Não perderam a crendice deixada por seus antepassados, mas não chegam a fazer hoje em dia os rituais exagerados de que se tem notícia. Conservam algumas tradições, como a do casamento, que é curiosa. Um casamento entre indígenas é fato consumado no nascimento da menina. Quando isso acontece, seus pais escolhem o marido e desde então ambos são comprometidos. Ao chegar à idade considerada normal para a vida em comum — a partir dos 15 anos, embora existam casos em que a moça se casa com 13 — ela é entregue ao marido e começam aí as comemorações, que chegam muitas vêzes a durar seis meses. O ponto alto da cerimônia é a caçada. Todos os homens e mulheres da aldeia saem em busca da caça, que é tôda destinada à mãe da noiva. O noivo tem como obrigação reunir a maior quantidade de caça e entregar à sogra. Ao acontecer isso, a noiva, com o corpo coberto de pintura e de enfeites, mas totalmente nua, vai para o centro da aldeia. As outras moças, então, disputam numa corrida de suas casas até o lugar onde ela se encontra, o direito a um enfeite. É uma cerimônia semelhante ao lançamento do véu, entre os civilizados.

A morte de um índio tem uma cerimônia especial, em geral, e umas raras tribos fazem um ritual diferente. Quando morre alguém, os homens mais fortes da aldeia são convocados para impedir que os parentes, entregues ao desespêro, cometam desatinos. Alguns dêsses desatinos podem ser enumerados:

1. Impedem pelo uso da fôrça que se enterre o morto;
2. Quando não fazem isso, lutam para se enterrarem vivos junto do cadáver;
3. Não largam o corpo, abraçando-o.

Um detalhe pode ilustrar o funeral: o morto é enterrado na posição vertical, numa cova de seu tamanho e junto a todos os objetos que lhe pertenceram em vida, pois não se admite que outra pessoa possa usá-los. O luto é representado pelo corte total dos cabelos, nos homens. Os que abriram a cova são pagos pelo dono do cadáver. Durante o velório tôda a aldeia se reúne e canta até a madrugada.

INDIFERENÇA

A não ser durante a festa no Pôsto Simões Lopes, não vi alegria nos rostos dos indígenas. Notei, isto sim, uma certa indiferença na grande maioria pelo que lhe acontece agora. A verdade é que poucos conseguiram entender a mudança. Os que nasceram no atual sistema de vida a êle se acostumaram e são, igualmente, indiferentes ao que acontece em redor. Os velhos são tristes e silenciosos, sem esperanças e descrentes no dia de amanhã. Apenas as crianças, assim mesmo quando ainda não ajudam os pais no trabalho doméstico, são alegres. Como qualquer outra, embora de barriga grande, olhos fundos e tosse presente tôda hora.

Os índios não reclamam contra um estado de coisas que lhes dá uma condição de raça inferior. Essa condição se percebe em muitos fatôres, dos quais êstes me parecem os mais importantes:

1. Doentes vivem misturados aos sadios;
2. O interior das casas é anti-higiênico;
3. As mulheres não têm qualquer proteção no instante do parto, nem antes ou depois;
4. As crianças nascem e crescem sem a menor assistência;
5. Falta trabalho e com isso muitos índios, entregues ao lazer, tornam-se imprestáveis, em alguns casos.

E tudo isso se deve ao abandono a que foram entregues pela omissão do SPI, que vê aldeias se assemelharem às mais rudes favelas, de uma maneira indiferente. E o SPI tem obrigação até mesmo de prestar assistência sanitária ao índio, fazendo-lhe observar práticas sanitárias, conforme manda o regulamento.

O ÊRRO DA OMISSÃO

O que fizeram do índio, então? Há de se perguntar. Negar-lhe um boi para mover a moenda é o mínimo, considerando o que não se fêz por êle. Ouvi de certos donos de terras — dentro da área indígena — expressões duras, mas contendo uma certa verdade, como esta:

— Para que tanta terra para tão poucos índios, se êles nada fazem nela.

Alguns têm uma pequena roça, outros trabalham na roça do Pôsto, mas muitos ainda se valem de seus conhecimentos da caça ou da pesca para se manter vivos. Deram roupa ao índio, em alguns calçaram botas, nas mãos de uns entregaram uma enxada e ficou por aí. Se êles compreendem isso? A grande maioria, não. Há os que reclamam, mas não são levados a sério. Acabam deixando suas aldeias e se entregando ao trabalho nas fazendas do Estado, muitas vêzes por um salário de nada. Ou então acabam se embriagando em qualquer canto. Por causa dessa situação foi fácil desviar a mulher para um caminho errado, como aconteceu no Pôsto Galdino Pimentel, onde funcionários do DCT encontraram facilidades para isso.

Os chefes de grupos, porque cada tribo é dividida em grupos e cada um tem um chefe com o título de capitão, não têm condições para provocar uma reação, uma vez que são velhos demais para isso ou se acomodaram à situação. Resta, então, a esperança, manifestada através do bacururu, dança e canto que significa espantar o azar e os maus, para que possa haver um pouco de alegria. Vez em quando os homens da tribo se juntam no terreiro, formam um círculo, de mãos dadas, e cantam, acompanhando-se com os pés. Mas, passa a dança e o canto e nada de bom acontece. Então, o índio se deixa cair na rêde e dorme, porque madrugada ainda irá em busca dos recursos na mata, como nos tempos de não pacificado, para que possa comer e viver um pouco mais. A grande verdade é que, se não partir das autoridades, não será a iniciativa do elemento índio que lhe dará melhores meios de vida. O índio mudou bastante, também, e por isso os civilizados que os assistem (teòricamente) nada temem. Já não é tão forte entre os indígenas o ensinamento dos antepassados com relação ao espírito "traidor do branco", como transmitiu aos seus uma índia bororó de nome Rosa, heroína da pacificação de um grupo de sua raça que vivia no Rio São Lourenço. Rosa, ao morrer, aconselhou seu filho:

— Olha meu filho, você nunca confie nos brancos. Êles só nos tratam bem, fazem-nos festas, enquanto precisam de nós ou têm qualquer interêsse dependente de nós. Fora daí êles são falsos e traidores.

Imagem 62 – Jornal do Brasil n° 136, 14.06.1965

Quando a madrugada desponta no sertão e o Chapadão, recoberto de uma vegetação baixa, contrastada às vezes por arbustos nus do mês de maio, fios cobertos de uma névoa muita espessa, a vida também começa. Das redes erguem-se os peões para: um dia a mais no campo, em busca do gado solto.

De umas poucas casas ouve-se o ruído da lenha queimando no grande fogão de barro. O dia, via de regra, começa para os civilizados quando o índio já está de volta do banho no Rio, que corre a menos de meia légua da Aldeia, bem junto ao Posto que o Governo instalou já faz muitos anos. Para todos, até mesmo com relação aos visitantes, a hora de acordar já é tarde se isso acontece às quatro horas. Primeiro, o guaraná, que o sertanejo de Mato Grosso adota religiosamente. Traz sempre consigo o açúcar, o guaraná em pó, o copo pequeno do vidro grosso, a colher para mexer e a guampa, um recipiente trabalhado em chifre de boi próprio para água.

A mistura tem uma técnica: menos açúcar, mas bem medido, que o guaraná e a água correspondendo à quantidade dos dois produtos somados. Só depois é que se serve o café, em xícaras pequenas. Antes de selar o cavalo ou sair no caminho da roça, todos se servem do "*quebra-torto*", uma espécie de almoço matinal, geralmente composto de mais café, leite, mate, bolinhos de mandioca, ovos estrelados, pirão a carne moída, acompanha bananas e, vez por outra, laranjas. Essas cenas são comuns em toda a região e o complemento delas seria a ida do índio às suas terras, em busca do trabalho. Mas, se trabalho não há, terras tampouco. Onde estão as terras dos índios? No dia 12 do mês passado a Sexta Inspetoria Regional do SPI enviou, em caráter urgente, um rádio à Diretoria do Serviço, em Brasília, dando conta de "*uma situação ameaçadora*", gerada pela invasão do território indígena, nestes termos:

– Situação ameaçadora. Perigo. Providências. Trabalho de medição e de derrubada continua apesar dos pedidos. Ameaças a funcionários dos Postos.

O Diretor do SPI enviou, então, novo rádio, endereçado ao Governo do Estado de Mato Grosso, pedindo a sustação da invasão e no dia imediato autorizou a Sexta Inspetoria a pedir o auxílio de Forças do Exército para contornar o problema. A invasão se processava, segundo as denúncias, na área denominada Reserva Indígena Teresa Cristina, que, segundo o SPI, possui 65.923.411 m^2. Seus pontos de referência são: Serras dos Coroados e do Brigadeiro Jerônimo, Rio São Lourenço e vários córregos. A área foi levantada por Rondon e o mapa também por ele desenhado, conforme consta na Sexta Inspetoria. Dois terços dela estão tomados por pessoas possuidoras de títulos expedidos pelo Governo do Estado e, por causa disso, legalmente, encarado este aspecto. Então, como reivindicar estas terras? O SPI diz ter provas de que a área pertence aos índios.

SITUAÇÃO

Agentes dos Postos Gomes Carneiro, Galdino Pimentel e Piebaga, situados dentro da Reserva Teresa Cristina, denunciaram medidas violentas da parte dos invasores. Na verdade, muito antes disso, a denúncia já havia sido feita. Era Inspetor em Cuiabá o Sr. Alfredo José Silva, em 1962, quando encaminhou um pedido de revisão das terras do Galdino Pimentel, "*invadidas por autorização política*", conforme explicou. Essas terras foram demarcadas por Rondon. O processo tomou o número SE 363/62 e o então funcionário da seção, Sr. Hélio Jorge Bucker, fez uma série de perguntas para que o Inspetor Alfredo respondesse, sem o que as providencias legais não poderiam ser tomadas. O processo voltou a Cuiabá em 10.10.1963 e foi engavetado, até que o atual inspetor, o mesmo Hélio Bucker, encontrou-o.

– Eu mesmo formulei perguntas e eu mesmo as responderei.

A essa época, era Chefe o Sr. José Batista, sobre quem pesam graves denúncias, principalmente de omissão no problema das terras. Agora, o assunto voltou a ser a dor de cabeça do SPI. Antes de tomar uma atitude, o Sr. Bucker resolveu fazer um levantamento "*in loco*" da situação, pediu apoio da Polícia Militar do Estado que destacou um oficial para acompanhá-lo. Assim, formou-se uma Comissão integrada Pelo Inspetor Bucker, Tenente João Evangelista, Engenheiro Agrônomo Ramis Buscair e Agente Flávio de Abreu, acompanhada pelos Repórteres do JB.

DENÚNCIAS

O trabalhador Antônio Isidoro da Silva, respondendo pela direção do Posto de Piebaga, prestou um minucioso depoimento sobre os acontecimentos. Disse que uma pessoa de nome José de Almeida lhe informara que as terras do Piebaga – a região tem, esse nome, por causa do Rio Piebaga que, passa por ela – eram devolutas. Por isso mediu-as, inclusive as que passavam dentro do Posto, e vendeu-as para terceiros, conforme o relato. A medição cortou a cerca da invernada, a pista de pouso etc.

– Isso aconteceu há três anos e o Sr. Almeida, que se diz Capitão do Exército, fez todo o trabalho por ordem de um Sr. João Sejope. Quem mediu as terras foi o prático Carlos, que não é credenciado para fazer tal serviço. Um dos marcos está 150 metros distante da sede do Posto. As terras foram vendidas para um Sr. Bitão. Em sequência desse primeiro lote, foram medidas terras para os Srs. Antônio de Matos e Jurandir, que são do Município de Rondonópolis. O agrimensor dessas últimas medições foi Joaquim Lima. Uma outra pessoa, José Pinto, mediu o resto, até a divisa do extremo Sul da área, no local denominado Morro Pelado, da Reserva Teresa Cristina.

Esclareceu o trabalhador que o Sr. Antônio Pinto lhe aconselhou a ir embora, ameaçando outros funcionários, e que os invasores possuem um arsenal, incluindo até metralhadoras do tipo "*peripipi*".

Já outro trabalhador, André de Oliveira, do Posto Galdino Pimentel, foi mais além, informando ter recebido ameaças contra sua vida se insistisse em procurar reses em "*terras que não pertencem mais ao Posto*". As declarações desse funcionário, no entanto, não foram levadas muito a sério, "*pois está meio gira*". Soube-se, porém, de um peão que trabalhava para os invasores e que fugiu deles, da existência de um barracão repleto de armas. O agente do Posto Gomes Carneiro, Arlindo D. da Costa, foi informado de que a mata estava sendo devastada e foi ao encontro dos responsáveis por isso. Alguns acataram a ordem de parar mas muitos disseram que só poderiam fazê-lo com "*autorização do Sr. Bitão*".

RAZÕES DE UM

Para o Inspetor Hélio Bucker o SPI tem razão, embora reconhecendo que os portadores dos títulos tem os seus direitos. Seus argumentos são baseados não só na Constituição, mas nos erros cometidos pelo próprio Governo Estadual, através de seu órgão responsável. Um a um, são eles:

1. A Constituição, ao passar as terras da União ao domínio dos Estados, manda preservar as áreas do Patrimônio Nacional e aquelas reservadas aos indígenas. Não existe essa preservação;

2. Na regulamentação da medição de terras está claro que o agrimensor encarregado terá de verificar a existência de índios e respeitar a área por eles ocupadas, considerando não só o aldeamento, mas os pontos de caça e pesca por eles utilizados na vida rotineira. Muitas medições foram feitas sem que tal fato fosse considerado;

3. O número de títulos expedidos pelo Governo mato-grossense excede a área da Reserva Teresa Cristina, tendo ido a mais de 70 mil m2, quando ela é de pouco mais de 65 mil m2;

4. Sendo terras do patrimônio indígena o SPI não necessita obrigatoriamente possuir o título definitivo, bastando apenas o memorando descritivo;

5. Existe um mapa da região com os limites demarcados por Rondon, em poder do Departamento de Terras do Estado, não podendo, portanto, desconhecer a existência das terras indígenas.

Esses e outros motivos, de acordo com o SPI, formam o dossiê que será utilizado na defesa das terras na ação possessória que deverá ser impetrada. Mas, como esse tipo de recurso demorará a ser julgado, presumindo-se que leve um ano tramitando na Justiça, e a fim de impedir o prosseguimento da ação invasora, o SPI está, ainda, tentando obter dos fazendeiros um modo que permita a solução do problema sem que os índios continuem vendo suas terras serem tomadas. Para isso, ficou mais ou menos acertada uma visita do Major Luís Vinhas, Diretor do SPI, à região contestada. Com essa visita se pretende abrir um diálogo franco entre os dois lados e deixar que uma solução de emergência surja dele. De qualquer maneira, o SPI tem poderes, se quiser usá-los, para requisitar tropa federal a fim de garantir a posse.

E DOS OUTROS

Os fazendeiros, por sua vez, alegam ter direito às terras que ocupam – e que pretendem ocupar – tendo também os seus motivos:

1. Requereram as áreas ao Governo do Estado, que não lhes negou a concessão do título de propriedade;

2. Compraram uns, terras que já eram da propriedade de outros;
3. Possuem benfeitorias feitas com seus recursos;
4. A sustação da derrubada da mata para construção de novas roças e abertura de locais próprios à pastagem do gado implicará num grave problema social, pois cerca de três mil pessoas ficarão sem trabalho para o sustento;
5. Terão de alimentar essas três mil pessoas, o que representará um ônus pesado, uma vez que não terão, com a sustação, meios de produzir.

Alegam, ainda, que não invadiram terras de ninguém; "*mesmo porque quase não há índio na Reserva Teresa Cristina*". Houve, também, uma denúncia de que homens a serviço dos fazendeiros – cerca de 200 – estariam bem armados, dispostos a defender as terras. Por causa disso, um Capitão do Exército foi designado para apurar esse fato, a começar pelo Município de Rondonópolis.

A VERDADE

A par da argumentação das duas partes interessadas no assunto, existem outros fatos que comprometem uma solução imediata. Nisso, grande parte de culpa pertence ao Departamento de Terras. O Secretário de Agricultura, Sr. Bernardo Baia Neto, aliás, confessou num oficio enviado à Sexta Inspetoria "*que o Departamento de Terras e Colonização dava andamento a processos de venda de terras da Reserva Teresa Cristina*" e que, "*lamentavelmente, o DT não possuindo mapa cadastral do Estado até bem pouco tempo desconhecia a existência da Reserva*". No mesmo ofício o Secretário de Estado mato-grossense confessou que "*há poucos meses, por ouvir dizer, o Sr. Diretor do DT soube da existência da dita área, reservada e por isso sustou-se imediatamente o andamento das vendas que se processavam*".

O documento tem o número 151/65, de 9 de abril, tendo sido protocolado sob o número 211. Há dias, porém, um funcionário do SPI foi informado de que o mapa autêntico, feito de próprio punho pelo Marechal Rondon, foi encontrado em poder do Departamento de Terras, fato que ele não considerou verdadeiro, acreditando que o setor sabia de sua existência há muito tempo e se omitia. O funcionário é o Agrônomo Ramis Bucair.

Ocorre – e isto é o mais importante – que, segundo comparações feitas entre memorandos descritivos de alguns possuidores de terras e o mapa em poder da Sexta Inspetoria, o SPI não sabe, na verdade a quantidade de terras de que é possuidor na Reserva Teresa Cristina. Numa reunião entre funcionários do Serviço e os fazendeiros o Sr. Ramis Bucair compreendeu isso e Julgou prudente efetuar-se nova medição na área como primeiro passo para o encaminhamento de uma solução. Os fazendeiros, por outro lado, disseram ter acertado com o Major Vinhas a medição das terras da Reserva, declaração considerada duvidosa. Acontece, porém, que em alguns títulos examinados pelo SPI ficou constatada uma série de irregularidades que, segundo se entendeu, demonstra a má fé quando da sua expedição.

Primeiro, falta a assinatura do engenheiro na planta; troca ou omissão de nome de um dos limites geográficos da área; inversão de pontos cardeais etc.

O exemplo está no título assinado pelo então Governador João Ponce de Arruda, em 21 de outubro de 1960, registrado no Registro do Cartório de Imóveis de Cuiabá, sob o número 16.049, folhas 1.481, livro 3P, página 17, n° 885, em 10 de Junho de 1961, pertencente ao Sr. Benedito Bernardo Soares do Rosário. Sua área é de 1.908 hectares, um lote denominado Santo Antônio.

A CULPA

Muitos dos funcionários da Sexta Inspetoria apontam como responsável pela situação o antigo Inspetor José Batista. Segundo declarações do Agente Arlindo Dias da Costa ele permitiu que o Sr. José de Almeida medisse as terras, depois de lhe dar instruções em contrário e de voltar atrás, após uma conversa entre os dois.

> – Fui até vítima de tentativa de suborno, pois me ofereceram Cr$ 1 milhão para deixar medir as terras. Comuniquei ao Sr. Batista que, em vez de dar força, acabou concordando com o invasor.

Um outro caso ocorreu, envolvendo o nome do Sr. José Batista. Foi em relação ao posto Piebaga, que na época era administrado pelo Agente João Viegas Muniz. O fato aconteceu entre ele e o fazendeiro José de Almeida, tendo o então Inspetor Regional, do SPI dado fim à questão ao permitir a ação do último, conforme comunicação por escrito que lhe enviou. O ofício, número 53/63, datado de 15.05.1963, assinado pelo Sr. José Batista Ferreira Filho, tem esta redação que conservamos:

> – Sabedor que fui do quase incidente havido entre vossa pessoa e o Sr. João Viegas Muniz, encarregado do Posto indígena Coronel Galdino Pimentel tomou iniciativa de pôr as coisas nos devidos lugares. O Sr. João Viegas Muniz levado naturalmente pelo excesso de zelo, com referência às terras do Posto indígena Piebaga, foi ao vosso encontro de maneira inamistosa, tendo-o como invasor da área indígena, de qualquer maneira, fugindo aos princípios que devem nortear as pessoas de bem. Segundo verificação, é vossa pessoa um confinante com as terras do referido Posto, não justificando a atitude tomada pelo então encarregado do PI Coronel Galdino Pimentel. Houve equívoco, para o qual peço vossas desculpas, e não seria o SPI na minha

> pessoa ofensor de vizinhos, os quais temos por dever travar relações de boa amizade, ombreando-nos pelo desenvolvimento e progresso da região. Apelando para o vosso espírito de compreensão, de homem afeto às lutas do sertão, para que o incidente seja relegado ao segundo plano, e partindo para dias melhores, entre os componentes do Serviço de Proteção aos Índios e os proprietários dos lotes Oriente e Ventura.

Sabe-se, por outro lado, que várias pessoas possuíam títulos desde 1951, mas não invadiam a terra para tomar posse porque o SPI os impedia. Somente há cerca de três anos é que a maioria dos atuais fazendeiros começou a se estabelecer na área, isto é, na Administração José Batista. O Sr. Hélio Bucker, atual Inspetor, acredita, no entanto, que a culpa não é apenas do seu antecessor: "*Isso vem de outras fontes, também*". De qualquer maneira, não há, ainda, uma solução para o problema. O Posto da Barra dos Bugres possui urna área de 24.625 ha; o Simões Lopes 49.988; o Batovi 50 mil e o Santana 6.323, todos sem problemas. Vale registrar, ainda, que o Departamento de Terras deixou de vender 2.500 hectares dentro da Reserva Teresa Cristina ao Sr. Edgar Fontoura, que havia requerido, depois de publicar o edital de compra, devido aos protestos de um funcionário do SPI. (JB, n° 134)

Jornal do Brasil, n° 136 – Rio, RJ
Domingo e Segunda-feira, 13 e 14.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois
No Caminho Dos Semivivos (IV)

[Reportagem - Juvenal Portella /
Fotos - Rubens Barbosa]

Reservo este capítulo para um depoimento pessoal não exatamente sobre o problema indígena, mas sobre o elemento humano, sobre o que resta dele, melhor dizendo. Para obter o seu retrato andei – com meus companheiros de trabalho – durante vários dias dentro do mato, cruzando de dia ou de noite por caminhos longos e tortuosos, atravessando em canoas estreitas Rios caudalosos e perigosos, dada a presença da piranha e outros peixes inimigos. No lombo de um cavalo velho andei quatro horas em cima de charco, com espinhos, paus e cipós batendo-me no corpo, ao tempo que toda espécie de mosquitos quase impedia a caminhada. Isso sem poder ver a luz do Sol, uma vez que no alto as árvores se juntavam formando um teto verde de folhas e galhos.

Não me engano, depois disso, ao afirmar que o índio é sobretudo um triste, embora ele não saiba explicar essa tristeza. Nos oito Postos que visitei, com liberdade para perguntar tudo a todos, só encontrei dois momentos bons: uma festa onde moças e rapazes indígenas dançavam o rasqueado e a polca como qualquer civilizado. O outro foi no Rio Piratininga, onde uma mulher se banhava nua. Ao sentir a presença de outras pessoas ela buscou proteção nas roupas, demonstrando que o pudor é uma conquista dos índios. Andei oito mil quilômetros, desde a Guanabara, dos quais muitos no território indígena, para aprender uma coisa: os índios necessitam urgentemente de mais amor e menos desprezo.

DIÁLOGO COM MILTON

Um índio Bororo, alto, forte, muito vivo, com um cargo de mando na sua tribo, membro do grande conselho, pacificado há muitos anos e com um bom nível de alfabetização. Deram-lhe um nome, Milton, que ele adota com muita vaidade, a ponto de desprezar totalmente aquele usado nos seus tempos de mata.

Foi um dos primeiros indígenas com quem falei, à vontade, logo no início da jornada pelo sertão mato-grossense. Foi um diálogo breve, mesmo porque Milton não é de muito falar. Prefere mais o sorriso, largo na sua boca ampla. Antes de tudo, pediu-me um cigarro, mas tirou dois quando lhe ofereci o maço. Explicaram-me que os índios gostam muito de fumo e são capazes de nos tomar o maço, se bobearmos, o que, aliás, comprovei mais tarde numa aldeia de Xavantes. Reproduzo o diálogo com Milton, um índio vestido, um índio civilizado, com muito tempo de convivência no meio novo que lhe deram a conhecer, para que se possa sentir como é o indígena nos dias atuais:

– É melhor esta vida ou aquela do mato?

– A mesma coisa.

Essa indiferença percebi na maioria dos índios com quem falei.

– Mas, Milton, viver entre gente que você não conhecia, longe dos perigos da selva, não é melhor?

— É. É melhor.

As respostas demonstraram uma coisa: incerteza. Bastava insistir com um certo ar de espanto, para que o Bororo modificasse a sua opinião.

– Fale algo em sua língua, por favor.

– Esqueci.

Milton disse que havia esquecido a sua língua, que nem mesmo uma simples saudação podia fazer. O certo, porém, é que, quando chegamos, ele trocava algumas palavras com um outro membro de sua tribo. Insisti e não tive êxito. Depois me explicaram:

– Eles não gostam, depois que se tornaram civilizados, de falar na língua de origem. Acham que isso ficou para trás.

Falamos mais algumas poucas coisas. Deu-me algumas informações sobre o número de indígenas em seu Posto, pediu-me o gravador que levava de presente [sem oferecer nada em troca] e como não dei contentou-se em ouvir a sua voz. Em geral, os indígenas que conheci são muito desconfiados, falam pouco, riem muito, são curiosos, ingênuos [a repetição se faz necessária] e possuem uma virtude: bondade. Não têm iniciativa, mas atendem prontamente e com extrema boa vontade qualquer pedido que se lhes faça. No Posto Marechal Rondon, cujo acesso, além de uma longa picada mato adentro, que os locais chamam de estrada, é necessário o uso da canoa, que um indiozinho Cajabi conduz, conheci a atividade escolar. Uma turma de 71 alunos, a maioria da qual integrada por meninos, é dirigida por uma moça, de nome Luci.

> – São muito bons os meninos. Como em qualquer Colégio, há os que aprendem mais rápido, os que custam a fazê-lo e os que não aprendem nada. Dão trabalho, como qualquer aluno dá à professora em qualquer centro civilizado, mas isso é desculpável.

Os meninos – e a exemplo de todos os indígenas pacificados – tem nomes comuns, como João, Pedro, Cândido, Marcelo, José, Antônio, Manuel etc. Gostam mesmo desses nomes e – a maioria – sabe escrevê-los na lousa, sem muito trabalho. A professora Luci ensinas também trabalhos manuais, como um meio de despertar-lhes o gosto por certas artes. A repercussão tem sido razoável e quase todos preferem a construção de aviões e os desenhos de casas e paisagens a outra qualquer atividade.

DIA DE FESTA

No Posto Simões Lopes, por onde corre o Rio Piratininga, e onde várias irregularidades foram anotadas no correr dos últimos anos, principalmente

com relação ao gado, encontrei um fato que me pareceu completamente novo. Quando chegamos, ao cair da tarde, alguns indígenas resolveram fazer uma surpresa: pediram ao encarregado, Sr. Pedro Vane, permissão para utilizarem a grande sala de aula para uma festa. A princípio pensamos que se tratava de danças típicas, na base dos trajes coloridos, grandes enfeites cobrindo o corpo, batuque e tudo isso que se conhece por leitura ou cinema. Nada disso. Quando a noite caiu vi de longe o prédio da escola iluminado pelos lampiões a querosene e ouvi acordes de violão e acordeão. Cumpri o trajeto entre a casa dos hóspedes – todos os Postos possuem uma – e o colégio, uns 500 m, sem que ninguém me explicasse como era aquela festa de índios, com instrumentos comuns aos civilizados. Pediram-me que entrasse e visse.

Entrei e vi um grupo de mocinhas indígenas dançando, mas dançando não à sua maneira: dançavam o rasqueado ([138]), gênero musical da região sertaneja, a polca, a valsinha até.

Timidamente, os rapazes indígenas, principalmente por causa da minha presença e a dos companheiros de viagem, não arriscavam a tirar as moças. Por isso, dançavam meninas com meninas, mocinhas com meninas, em duplas do mesmo sexo. Só mais tarde, quando todos incentivaram, é que eles se encorajaram e então a festinha virou um baile muito concorrido.

O que me impressionou, além das evoluções, e que jaziam relativamente bem, foi o ambiente: todas as cadeiras e mesas da sala foram afastadas e colocadas em redor, para que, quem não dançasse, pudesse apreciar sentado.

---

[138] Rasqueado: O nome do ritmo é referência ao rasqueado que as unhas fazem no instrumento de corda ("*arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas sem as pontear*").

Mulheres – quase todas com seus filhos ao colo – detinham-se nos pares e até chamavam a atenção de um ou outro para um passo errado. Os homens acompanhavam a música com as mãos, enquanto os outros, se não dançavam, aplaudiam os que o faziam. Tudo dentro de uma ordem total, como se na organização tivesse participado um civilizado, o que não aconteceu. Por determinação do administrador do Posto, a festa se encerrou às 11 horas da noite, sem qualquer protesto e em silêncio.

DOIS EXTREMOS

Os índios que eu conheci, numa convivência de 12 dias seguidas, não andam nus. Vestem-se como qualquer um de nós, gostam de coisas fúteis, porque só conhecem coisas fúteis, como óculos escuros, chapéu de palha, espelhinhos que prendem à cintura, anéis e coisas assim. Facilmente, trocam baquités, arcos, flechas, cocares ou aves por um desses objetos, sempre em desvantagem considerados os valores de cada uma dessas coisas.

Não perderam a crendice deixada por seus antepassados, mas não chegam a fazer hoje em dia os rituais exagerados de que se tem notícia. Conservam algumas tradições, como a do casamento, que é curiosa.

Um casamento entre indígenas é fato consumado no nascimento da menina. Quando isso acontece, seus pais escolhem o marido e desde então ambos são comprometidos. Ao chegar a idade considerada normal para a vida em comum – a partir dos 15 anos, embora existam casos em que a moça se casa com 13 – ela é entregue ao marido e começam aí as comemorações, que chegam muitas vezes a durar seis meses. O ponto alto da cerimônia é a caçada. Todos os homens e mulheres da aldeia saem em busca da caça, que é toda destinada à mãe da noiva.

O noivo tem como obrigação reunir a maior quantidade de caça e entregar à sogra. Ao acontecer isso, a noiva, com o corpo coberto de pintura e de enfeites, mas totalmente nua, vai para o centro da Aldeia. As outras moças, então, disputam numa corrida de suas casas até o lugar onde ela se encontra, o direito a um enfeite. É uma cerimônia, semelhante ao lançamento do véu, entre os civilizados. A morte de um índio tem uma cerimônia especial, em geral, e umas raras tribos fazem um ritual diferente. Quando morre alguém, os homens mais fortes da aldeia são convocados para impedir que os parentes, entregues ao desespero, cometam desatinos. Alguns desses desatinos podem ser numerados:

1. Impedem pelo uso da força que se enterre o morto;
2. Quando não fazem isso, lutam para se enterrarem vivos junto com o cadáver;
3. Não largam o corpo, abraçando-o.

Um detalhe pode Ilustrar o funeral: o morto é enterrado na posição vertical, numa cova de seu tamanho junto a todos os objetos que lhe pertenceram em vida, pois não se admite que outra pessoa possa usá-los. O luto representado pelo corte total dos cabelos, nos homens. Os que abriram a cova são pagos pelo dono de cadáver. Durante o velório toda a aldeia se reúne e canta até a madrugada.

INDIFERENÇA

A não ser durante a festa no Posto Simões Lopes, não, vi alegria nos rostos das indígenas. Notei, isto sim, uma, certa indiferença na grande maioria pelo que lhe acontece agora. A verdade é que poucos conseguiram entender a mudança. Os que nasceram no atual sistema de vida a ele se acostumaram e são indiferentes ao que: acontece ao seu redor.

Os velhos são tristes e silenciosos, sem esperanças e descrentes no dia de amanhã. Apenas as, crianças, assim mesmo quando ainda não ajudam os pais no trabalho doméstico, são alegres. Como qualquer outra, embora de barriga grande, olhos fundos e tosse presente toda hora. Os índios não reclamam contra um estado de coisas que lhes dá uma condição de raça inferior. Essa condição se percebe em muitos fatores, dos quais estes me parecem os mais importantes:

1. Doentes vivem misturados aos sadios;
2. O interior das casas é anti-higiênico;
3. As mulheres não têm qualquer proteção no instante do parto, nem antes ou depois;
4. As crianças nascem e crescem sem a menor assistência;
5. Falta trabalho e com isso muitos índios, entregues ao lazer, tornam-se imprestáveis, em alguns casos.

E tudo isso se deve ao abandono a que foram entregues pela omissão do SPI, que vê Aldeias se assemelharem às mais rudes favelas, de uma maneira indiferente. E o SPI tem obrigação até mesmo de prestar assistência sanitária ao índio, fazendo-lhe observar práticas sanitárias, conforme manda o regulamento.

O ERRO DA OMISSÃO

O que fizeram do índio, então? Há de se perguntar. Negar-lhe um boi para mover a moenda é o mínimo, considerando o que não se fez por ele. Ouvi de certos donos de terras – dentro da área indígena – expressões duras, mas contendo uma certa verdade, como esta:

– Para que tanta terra para tão poucos índios, se eles nada fazem nela.

Alguns têm uma pequena roça, outros trabalham na roça do Posto, mas muitos ainda se valem de seus conhecimentos da caça ou da pesca para se manter vivos. Deram roupa ao índio, em alguns calçaram botas, nas mãos de uns entregaram uma enxada e ficou por aí. Se eles compreendem isso? A grande maioria, não. Há os que reclamam, mas não são levados a sério. Acabam deixando suas Aldeias e se entregando ao trabalho nas fazendas do Estado, muitas vezes por um salário de nada. Ou então acabam se embriagando em qualquer canto. Por causa dessa situação foi fácil desviar a mulher para um caminho errado, como aconteceu no Posto Galdino Pimentel, onde funcionários do DCT encontraram facilidades para isso.

Os chefes de grupos, porque cada tribo é dividida em grupos e cada um tem um chefe com o título de Capitão, não têm condições para provocar uma reação, uma vez que são velhos demais para isso ou se acomodaram à situação.

Resta, então, a esperança, manifestada através do bacururu, dança e canto que significa espantar o azar e os maus, para que possa haver um pouco de alegria. De vez em quando os homens da tribo se juntam no terreiro, formam um círculo, de mãos dadas, e cantam, acompanhando-se com os pés. Mas, passa a dança e o canto e nada de bom acontece.

Então, o índio se deixa cair na rede e dorme, porque madrugada ainda irá em busca dos recursos na mata, como nos tempos de não pacificado, para que possa comer e viver um pouco mais.

A grande verdade é que, se não partir das autoridades, não será a iniciativa do elemento índio que lhe dará melhores meios de vida. O índio mudou bastante, também, e por isso os civilizados que os assistem [teoricamente] nada temem.

Já não é tão forte entre os indígenas o ensinamento dos antepassados com relação ao espírito "*traidor do branco*", como transmitiu aos seus uma índia Bororo de nome Rosa, heroína da pacificação de um grupo de sua raça que vivia no Rio São Lourenço. Rosa, ao morrer, aconselhou seu filho:

> – Olha meu filho, você nunca confie nos brancos. Eles só nos tratam bem, fazem-nos festas, enquanto precisam de nós ou um qualquer interesse dependente de nós. Fora daí eles são falsos e traidores. (JB, n° 136)

Jornal do Brasil, n° 137 – Rio, RJ
Terça-feira, 15.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois No Caminho Dos Semivivos (V)

[Reportagem - Juvenal Portella / Fotos - Rubens Barbosa]

Em 1942, o "*The National Indian Institute – Department of the Interior*" – publicou um trabalho intitulado "*Os Índios dos Estados Unidos*", um autêntico retrato da vida indígena naquele país e no qual se constata a existência de um grande número de órgãos trabalhando quase que exclusivamente no problema de uma maneira efetiva. No Brasil a coisa é diversa. Certo ou errado, deficiente ou eficientemente, com ou sem recursos apenas um aparelho oficial tem-se dedicado ao assunto: o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), aliás sempre atacado pela maioria interessada ou no bem-estar do índio ou no seu único patrimônio, as terras. De resto, falta tudo, embora existam o Conselho Nacional e algumas entidades particulares ou coisas afins.

Faltam leis. Falta dinheiro. Falta programa. Falta coragem para uma luta aberta contra os que querem acabar com a raça indígena. Faltam homens capazes e, sobretudo, falta visão do problema.

Já não se trata de tirar o índio da miséria em que vive. Isto é urgente, mas também é urgente lhe dar uma condição humana e social tão digna como a de qualquer civilizado. Integrá-lo na vida comum, dar-lhe o mesmo direito de cidadão civilizado, ajudar-lhe a ter uma consciência de seus problemas são medidas que não podem ficar para depois.

Não se pode desconhecer que ainda é grande o número de indígenas não cativados e é com esses que se devem preocupar os responsáveis pelo assunto, oferecendo meios aos já pacificados, a fim de que eles possam ajudar a salvar os outros.

CONDIÇÃO EXIGIDA

Queixam-se os homens do SPI de uma condição inferior do órgão em função de tão importante problema. Acreditam que, se o Serviço não fosse apenas uma parcela dentro do esquema administrativo do Ministério da Agricultura e possuísse mais autoridade e autonomia, as soluções poderiam ser melhor encaminhadas. De uma maneira objetiva, essa reclamação procede, uma vez que, pelo menos é o que se tem constatado, os Ministros que passaram pelo cargo não dedicaram uma atenção maior ao assunto, permanecendo a situação do indígena péssima há vários anos. Independente de obter o SPI uma condição melhor, necessário se torna uma reorganização na estrutura das Inspetorias Regionais e nos Postos Indígenas, tudo objetivando:

1. Melhor aparelhamento dos Postos, de maneira a propiciar meios para que eles, dentro de um projeto a curto prazo, possam obter rendas próprias;

2. Reestruturação do pessoal, inclusive admitindo-se pessoas capazes para os cargos de maior importância;
3. Melhorar a fiscalização da aplicação dos recursos;
4. Afastamento imediato daqueles sem condições de ocupar postos de direção;
5. Adoção de uma nova política em relação aos índios, fazendo-se imediatamente um levantamento das tribos para se saber o seu número, o que não existe;
6. Redistribuição geográfica do elemento indígena, de acordo com a sua capacidade de trabalho e a capacidade de produção dos Postos.

É claro que essas medidas são apenas aquelas julgadas imediatas, mas acompanhariam um planejamento e não seriam tomadas isoladamente. No momento, muitas delas, mesmo dentro do atual estado de coisas, não poderiam ser tomadas, uma vez que estão proibidas nomeações, não há disponibilidade de verbas e o pensamento é não se fazer alusão aos erros cometidos por administrações passadas.

REVISÃO IMPORTANTE

O Major Luís Vinhas, Diretor do SPI, segundo o Inspetor Regional de Cuiabá, entende que se deve deixar de lado tudo o que já passou e pensar unicamente no presente e no futuro do SPI e dos índios. No entanto, a revisão de muitos erros só se faz importante, uma vez que as respostas a diversas perguntas que se tem de formular não só explicarão as causas da atual situação, bem como permitirão, daqui por diante, uma nova ação de trabalho. Essa ação, porém, terá de ser enérgica, o que, por sinal, é promessa do Major Vinhas. Fora disso, tudo será apenas ilusão, pois a realidade revela que, se não forem tomadas medidas rápidas e severas, o problema só se agravará cada vez mais.

É imprescindível que antigos e atuais funcionários do SPI respondam pelo menos a estas perguntas:

1. Por que não há a posse definitiva das terras indígenas, existindo ainda boje regiões protestadas por terceiros?
2. Por que a Sexta Inspetoria Regional tem uma dívida de Cr$ 11 milhões na praça de Cuiabá?
3. Por que não houve manutenção de material nos vários setores, levando-se em conta que ele podia ser útil nos dias atuais?
4. Que motivos causaram a dispersão de vários indígenas, a ponto de não se conhecer exatamente o seu número total?
5. Como se explica o desaparecimento do gado do SPI nos últimos anos, quando se sabe que o número de cabeças, em alguns Postos, há poucos anos, demonstrava perspectivas de um futuro melhor?
6. Que providências concretas foram tomadas, nos últimos anos, pelos administradores, no sentido de:
    a. Evitar choques armados entre índios e civilizados?
    b. Evitar a invasão do território indígena?
    c. Houve punição dos culpados Por estes fatos?
7. A inexistência de um controle contábil das operações de vendas e distribuição dos lucros obtidos na comercialização de objetos produzidos pelos indígenas, uma vez que elas se processam sob a orientação dos agentes dos Postos;
8. Por que já não existe produção nos Postos?
9. Como e em que circunstancias foram aplicadas as verbas e quais os seus elementos comprobatórios?
10. Que resultados práticos têm-se obtido com a alfabetização dos índios?

11. Por que existe falta de assistência médica?
12. Que providências foram tomadas para atender à população Indígena do Posto Gomes Carneiro; quando ela foi vítima de sarampo, não faz, muito tempo?
13. Que tipo de assistência moral se presta ao indígena e quem dela se encarrega?
14. Por que se permite que os índios trabalhem para terceiros?
15. Existe fiscalização para saber se, trabalhando para terceiros, o índio recebe um salário justo e tratamento humano?
16. Em que circunstâncias foram admitidos no SPI os atuais agentes de Postos na Inspetoria de Cuiabá?
17. Que destino toma a produção dos Postos [se elas existem]?
18. Por que o agente João Fonseca – que perdeu um olho no trabalho – foi mandado para a Cidade de Rondonópolis, se, na ocasião, protestava contra a ação invasora do território indígena?
19. De que maneira pararam de funcionar a serraria e as máquinas de beneficiamento de arroz, produção de açúcar, farinha etc. do Posto Galdino Pimentel?

Essas perguntas se referem a fatos passados e presentes e só a sua existência prova que, em vez de dedicação devida aos índios, os homens que recebem dos cofres da Nação [bem ou mal, não importa], tem-se preocupado com outras coisas, que não se referem em absoluto à proteção que deveriam dar.

CAUSAS DA INATIVIDADE

A inatividade do índio, fato real, deve-se a muitos fatores, dos quais o mais importante, segundo as necessidades mais urgentes, prende-se à inexploração da terra.

O que se deveria fazer, como base para a formação de uma consciência do índio que está sendo civilizado, é mostrar-lhe a importância da terra para a sua sobrevivência. A exemplo do índio norte-americano, o índio brasileiro precisa ter o amor ao solo do qual é o dono, antes de tudo. Então, é preciso encaminha-lo no sentido de:

1. Utilizar a terra no sentido prático, através de uma lavoura em alta escala e de criação racional, tudo objetivando não apenas o consumo próprio como o comércio com os centros consumidores;
2. Ensinar ao índio técnicas de lavoura e criação;
3. Fornecer recursos agrícolas aos indígenas;
4. Prepará-lo para que, em futuro próximo, ele próprio se administre;
5. Dar-lhe condições para se organizar administrativamente.

O que se vê, no panorama atual e a continuar assim, só revela que o índio brasileiro será sempre espoliado, jamais terá cultura suficiente para reconhecer os seus direitos, viverá [se, sobreviver] sempre dependendo, para tudo, de um órgão oficial pouco expressivo e sem meios de lhe dar mais do que dá agora e, finalmente, nunca será autossuficiente. Uma análise, mesmo superficial, mostra esta triste realidade:

1. O índio, quando criança, é submetido a um processo de alfabetização superado e ministrado de maneira imperfeita;
2. Do chamado "*curso primário*", onde os mais felizes conseguem aprender a escrever o nome e a dizer meia dúzia de palavras, não alcança outro estágio de cultura;
3. Lidando num meio rude [a referência é a falta de cultura dos que o assistem] não pode o índio aprender nada e nem a se esclarecer;

4. Fica entregue ao SPI que, mesmo agindo de extrema boa vontade, não passa da inferior condição de seu zelador;
5. Por que ficou afeto ao SPI o índio vê todos os seu problemas [terra, assistência médica, social etc.] entregues a outras mãos, sem poder ter acesso a eles, no sentido de entendê-los e opinar quanto às soluções.

Se alguém contar histórias de que o índio luta pela defesa da terra onde, vive, estará mentindo. O certo é que ele, se luta, e isso não existe com relação ao pacificado e sim aos demais, será por um destes motivos: instinto de defesa contra quem não conhece; temperamento agressivo; pelo direito de pescar e caçar na região; seguindo exemplos de outras tribos ou em revide. Fora disso, o resto fica por conta dos que conhecem o assunto apenas por ouvir dizer.

AS ESPERANÇAS

Apesar de todo um quadro desfavorável é lícito afirmar que ainda há esperança de que ele se modifique. Agora mesmo, em Brasília, o Major Luís Vinhas sustenta uma luta contra os que têm interesse na manutenção do atual panorama.

É possível mesmo que não se mantenha no cargo, mas seu esforço ficará registrado, como registradas ficam estas palavras que ele me disse em Brasília há mais de um mês:

– A disposição nossa é no sentido de colocar as coisas nos lugares, doa a quem doer.

E não excluiu militar ou parlamentar de uma ação enérgica, nem as missões religiosas espalhadas por territórios indígenas, algumas realmente atuando com eficiência, de seu esquema: terra de índio será de índio e direito de índio será respeitado.

Convém lembrar que nos Estados Unidos a situação não era diferente da realidade brasileira. No trabalho Intitulado "*Os Índios dos Estados Unidos*", Allan G. Harper, John Collier e Joseph C. M. Caskill, contaram, em 1942:

– Há dez ou vinte anos, nos Estados Unidos se dizia que o índio estava desaparecendo. Os fatos pareciam justificar essa opinião. Quatro séculos de luta haviam contribuído para fazer desaparecer os aborígines do quadro nacional.

Adiante, explicaram que, se a raça índia estava moribunda, não estava porém morta de todo, para depois afirmar:

– Atualmente, os índios dos Estados Unidos só formam uma fração da, população total, mas essa fração não é insignificante.

Os mesmos autores, contando a história do índio americano, dão-nos esperanças de solução do problema brasileiro, quando relatara, tratando dos resultados da nova política de seu Governo:

– Assim, pois, devido ao interesse público e à nova política do Governo, as perspectivas do destino dos índios são infinitamente melhores que há 15 anos. Ao contemplar seu porvir, sabem que suas esperanças e aspirações descansam em uma base sólida.

Sabem que os brancos tem boa vontade. O antigo desejo de destruir os índios desapareceu e quando algum perigo os ameaça, como ocorrerá de vez em quando, o povo americano acudirá em sua ajuda. Sabem que todos os órgãos administrativos do Governo têm um fim básico – o de dar-lhes ajuda prática para que um dia possam realizar todas as suas aspirações. Isto, além de tudo, é um direito fundamental de todo homem numa democracia livre. Por que não fazemos o mesmo? (JB, n° 137)

Jornal do Brasil, n° 138 – Rio, RJ
Quarta-feira, 16.06.1965

Rondon, 75 Anos Depois
No Caminho Dos Semivivos (VI)

[Reportagem - Juvenal Portella / Fotos - Rubens Barbosa]

Reunidos os dados que turmas coligiram nos seus estudos, foi escolhido o traçado que, partindo da linha telegráfica de Oeste, um quilômetro antes desta atravessar o Rio Manso, procurasse a Colônia de São Lourenço, desta para Coxim, fraldejando a serra de São Jerônimo e de Coxim pela margem direita do Taquari até o Juca Gomes, de onde procuraria Corumbá através dos pantanais do Paraguai-Mirim.

Esta foi uma das rotas seguidas por Cândido Mariano da Silva Rondon, em 1900. Na maior parte deste trecho existem índios, que ele conheceu ainda hostis, que pacificou e ajudou a civilizar. Nos mesmos locais, em 1965, ainda há hostilidade, da parte dos muitos brancos que querem acabar com o que resta das terras. Por este caminho passamos e nele, agora, poucos têm esperança de que um novo Rondon surja para salvar o que resta da raça indígena.

IGUALDADE

A mentalidade alcançada pelos responsáveis pelo problema indígena nos Estados Unidos permitiu, segundo o "*The National Indian Institute*", que se alcançasse condições de vida tão humanas como a de qualquer branco civilizado evidentemente dentro de outro padrão.

Na verdade, respeita-se o índio e a ele se concedem vantagens comuns aos demais cidadãos, inclusive determinado empréstimo visando ao melhor aproveitamento de suas terras, claro que uma adaptação ao problema brasileiro seria, no momento, quase impossível, pois muitas dificuldades precisam ainda ser superadas, inclusive a da incompreensão humana. Se, por exemplo, a Secretaria de agricultura de Mato Grosso nem ao menos oferece condições para conhecer as terras do seu território, como poderia ditar normas que beneficiassem as terras dos indígenas?

Essa é uma mostra em diversas, pois ao tempo que os organismos norte-americanos, no momento em que se levou a sério o problema, trataram de encaminhar soluções concretas, entre nós a situação ainda está como há 10 anos ou pior, levando-se em conta medidas que não foram tomadas e que, por, isso, agravaram o drama.

No livro "*Os Índios dos Estados Unidos*" a que já nos reportamos, existe um trecho explicando uma lei aprovada pelo Congresso – a "*Indian Reorganization Act. [18.06.1934]*" –, a terceira das grandes leis que influíram na história dos assuntos indígenas. Essa lei, na realidade, ocupava-se do problema da terra. O artigo comentou o assunto assim:

De acordo com os métodos democráticos, a vigência da lei sobre uma tribo ou um grupo depende de um referendo, e os índios têm direito a votar se a aceitam ou não. Alguns aspectos da lei estavam em completa contradição com a política indígena anterior, outros a desenvolveram. A lei:

1. Proibiu o parcelamento das terras que as tribos tivessem ou comprassem no futuro;

2. Devolveu as terras que haviam tirado das tribos e que estavam sem colonizar;

3. Autorizou o Governo a comprar mais terras para as tribos todos os ano, com fundos federais;
4. Tornou obrigatória a conservação dos recursos naturais das terras indígenas;
5. Estabeleceu restrições sobre herança para o arrendamento, a troca ou para evitar a sua alienação;
6. Estabeleceu um fundo rotativo de créditos para fazer empréstimos às tribos ou a indivíduos para empresas agrícolas ou industriais.

Ao proibir o parcelamento de mais terras, a Lei de Reorganização índia pôs fim à política que havia dominado e controlado a vida indígena desde 1887.

Ao estabelecer que se adquirissem novas terras, reconheceu as necessidades dos índios que não tinham terras, que haviam sido deserdados pela lei e pela História. Aceitou o princípio básico de que o futuro da maioria dos índios estava ligado à terra. As disposições sobre a conservação das riquezas naturais se baseavam na ideia de que se devia proteger as riquezas naturais das propriedades índias, tanto como as da Nação. O Fundo Rotativo veio a ser o primeiro fundo de crédito importante dos índios. Havia se comprovado que sem um fundo como esse nenhum esforço econômico dos índios podia dar frutos.

A Lei de Reorganização Índia pós fim à força destrutiva da posse privativa da terra. As condições das propriedades índias têm sido trocadas. Em 1934, as terras índias, como temos dito, chegavam a pouco mais de 52 milhões de acres. Em 1941, o total havia subido para 55 milhões e mais alguma coisa, devido em parte à Lei de Reorganização. O fundo rotativo agora ascende a US$ 5.299.600 e com sua ajuda tribos e indivíduos tem estabelecido um número de empresas econômicas.

E OS ESFORÇOS?

No plano brasileiro, desconhece-se um mínimo de tentativas de caráter oficial visando o benefício indígena, principalmente com relação ao problema das terras. Pode-se alegar que o Governador de Mato Grosso baixou decreto desimpedindo uma área de terra para os indígenas, mas isso não tem grande significado quando se lembra o fato de que ele próprio expediu títulos para que outros explorassem áreas reservadas aos índios. Não se pode, também, deixar de mencionar o esforço de alguns funcionários responsáveis, que tentaram de muitos modos e maneiras conseguir situações melhores.

Um exemplo disso foi José Bezerra Cavalcanti, que já, em 1924, se preocupava com os índios do Paraná. Nesse ano, enviou um extenso relatório sobre a povoação de São Jerônimo, relatando o drama das terras dos indígenas dessa região. Nessa ocasião, advertira Bezerra Cavalcanti:

> O caso da Povoação Indígena de São Jerônimo é característico e muito próprio para se prever qual será a sorte dos nossos indígenas se lhes vier a faltar a assistência que lhes presta este Ministério, por intermédio desta repartição.

E esta assistência, realmente, tem faltado, principalmente dos órgãos oficiais. Não se votam leis procurando melhorar as condições de vida do índio. Ao contrário, parlamentares de quando em quando espalham notícias inteiramente falsas e alarmistas, como aquela, há meses, que dizia estar um grupo da tribo Cinta-Larga prestes a conter os habitantes da aldeia de Vilhena, quando na verdade os índios foram à procura de recursos médicos, que não possuem ainda hoje. Não se concede, por leis especiais, créditos para construção de estradas ligando os aldeamentos indígenas ao resto da civilização, o que

poderia ajudar muito no escoamento de uma produção que passaria a existir, se medidas paralelas fossem também tomadas. Onde estão os esforços no sentido de transformar uma situação realmente triste? O caso dos índios de Mato Grosso não é isolado. Índios do Pará, do Amazonas, de outros Estados, por fim, sofrem dramas iguais ou mais intensos.

No quadro das comparações, o Brasil sofre uma terrível desvantagem com os Estados Unidos, mesmo respeitadas as circunstâncias e as condições entre um e outro país. De qualquer forma, o mínimo deveria ter sido tentado, numa ação conjunta e não isolada. Os índios do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, segundo o SPI, sofrem menos, porque possuem condições melhores. Então, não é válido esquecer os outros, como tem acontecido. Enquanto em 1934 se votava uma lei concedendo crédito para agricultura dos índios norte-americanos, aqui, hoje, alguns lutam para evitar que terras de índios brasileiros sejam tomadas, com a cumplicidade [ou omissão] de certos organismos estaduais.

Processos semelhantes aos adotados aqui – exploração do trabalho indígenas em troca de bebida etc. –, doenças que vitimam os daqui – tuberculose, sarampo etc. – ocorreram com os índios dos Estados Unidos também e tudo isso foi sendo superado. As mesmas esperanças dominam uns poucos homens que, deve-se dizer, ainda tentam fazer alguma coisa em favor da raça índia. Mas, esperanças só pouco representam. Pelo que vi, depois de uma longa jornada sertão adentro, somente com uma grande reforma e um esforço comum é que será possível, como que começando tudo de novo, encontra-se o caminho da salvação. Caso contrário, continuaremos no caminho dos semivivos, que são os índios brasileiros. (JB, n° 138)

Imagem 63 – Portagem

Imagem 64 – Portagem

Imagem 65 – Petróglifos – Corredeiras: Taunay

Imagem 66– Petróglifos – Corredeiras: Taunay

Imagem 67 – Petróglifos – Corredeiras: Taunay

Imagem 68 – Petróglifos – Corredeiras: Taunay

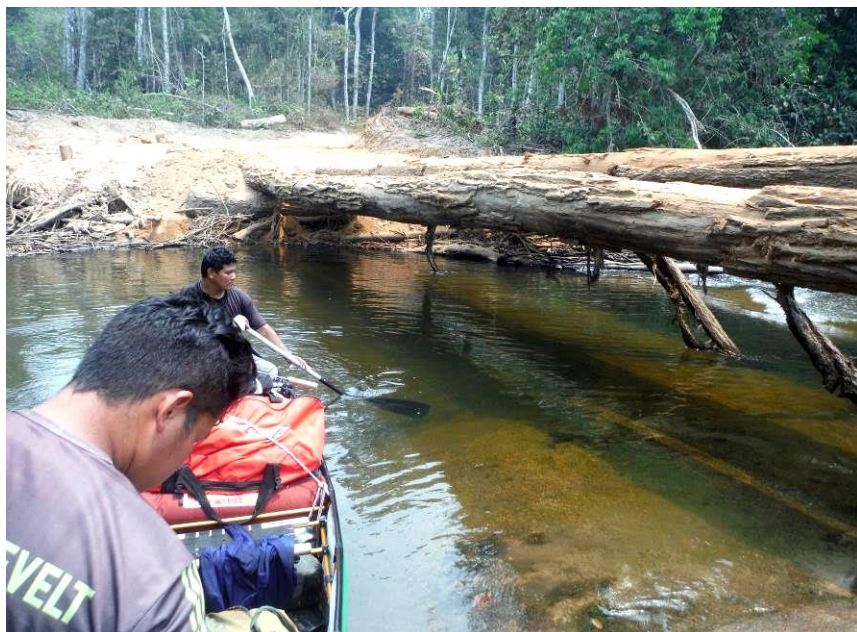



Imagem 69 – Ponte dos Madeireiros na Reserva Roosevelt

Imagem 70 – Resgate (PM) na Balsa da Aprovale

O Forte e o “*Labirinto*”

Com o apoio da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, Porto Velho, RO, partimos em comboio de duas viaturas, no dia 24.09.2019, por volta das 07 horas da manhã, de Cacoal com destino ao Forte Príncipe da Beira (FPB), localizado às margens do Rio Guaporé no Município de Costa Marques.

“Nossa casa está queimando. Literalmente. A floresta amazônica, pulmão que produz 20% do oxigênio do nosso planeta, está em chamas. Isso é uma crise internacional. Membros do G7, vamos discutir essa emergência de primeira ordem em dois dias”. (Emmanuel Macron)

Neste deslocamento de 435 km, e depois de 770 km do FPB à Porto Velho, não avistamos nenhum sinal das propaladas queimadas do enlouquecido presidente francês Emmanuel Jean-Michel Frédéric Macron e referendadas pela esquerda festiva tupiniquim. Chegamos ao Forte Príncipe da Beira (FPB) logo no início da tarde e fomos alojados no Hotel de Trânsito do 1° Pelotão Especial de Fronteira (1° PEF), comandado pelo 1° Tenente de Infantaria Daniel Marques Cunha. O 1° PEF é subordinado ao 6° Batalhão Especial de Fronteira (6° BIS), sediado em Guajará-Mirim, RO.

Nesta mesma tarde fomos reconhecer algumas construções do “*Labirinto*” ao Norte da estrada, de 30 km de extensão, que liga a sede do município de Costa Marques ao FPB. O chamado “*labirinto*”, nada mais é que uma rudimentar estrutura construída nas proximidades do FPB, formada por paredes de pedra unidas com argila, sem qualquer elemento de liga, de forma extremamente irregular formando trilhas dentro das quais existem pequenas e arcaicas estruturas.

O “*Labirinto*” se estende pelos dois lados da estrada. A área Meridional se prolonga até as proximidades da Baía Redonda que se comunica com o Rio Guaporé e onde encontramos, em profusão, o cauxi (Porifera Demospongiae), que é um importante elemento antiplástico (de liga) e que poderia ter sido utilizado tanto na construção do “*Labirinto*” como no FPB. Não é preciso ser um especialista para verificar que as técnicas da construção não têm nenhum traço em comum com a engenharia lusa ou espanhola.

Podemos arriscar a afirmar, já que não houve nenhum levantamento realmente científico na área, que esta primitiva arquitetura seria uma prova da passagem dos povos que habitavam a América pré-colombiana fugindo dos cruéis colonizadores espanhóis.

Estes sítios arqueológicos, que apresentam largas valas construídas pela mão humana, são, via de regra, formados por uma ou várias valas e morrotes adjacentes interligados, com profundidades que alturas de 1,5 m a 4 m e, excepcionalmente, de 50 a 500 m, e mais raramente ainda ultrapassando os 1.000 m. Estes vários sítios arqueológicos encontrados de forma descontínua, se estendem por uma área de 200.000 km^2 nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia e na Província do Beni (Bolívia). Estas construções são popularmente conhecidas como “*geoglifos*” no Brasil, “*zanjas circundantes*” na Bolívia ou genericamente como “*earthworks*”. Concordo plenamente com a arqueóloga Denise Pahl Schaan, ex-Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará que afirmava que os “*geoglifos*” teriam sido construídos com propósito religioso, por comunidades dispersas que se encontravam sazonalmente para a construção de tais estruturas.

((o))eco

Incêndios florestais na Bolívia já destruíram 2,1 milhões de hectares

Giovanny Vera

domingo, 1 setembro 2019 16:10

Imagem 71 – www.oeco.org.br (01.09.2019)

25.09.2019

Retornamos ao labirinto de manhã, guiados pelo esclarecido Sr. Elvis Pessoa, Presidente da Associação Quilombola do Forte e do fidalgo 2° Tenente Dentista e Historiador Rafael Moreira de Almeida. À tarde, com o 2° Ten Moreira visitamos os petróglifos do Guaporé gravados nas rochas de um ilhote do Rio Guaporé, a antiga Guarda de Santa Rosa (1753), que depois foi Presídio de Nossa Senhora da Conceição (1759 ou 1760) e atualmente Forte de Bragança (1767 ou 1768), de lá, acompanhado do Moreira fiz uma visita ao FPB.

À margem esquerda do Guaporé, lado boliviano, avistávamos densas nuvens de fumaça provocadas pelas queimadas, A mídia nacional e estrangeira e o tresloucado Macron calam-se convenientemente. As exportações bolivianas não causam nenhuma preocupação à economia francesa.

Homenagem Póstuma a Denise Pahl Schaan

(revistapesquisa.fapesp.br/2018/03/07)

> Morreu no sábado (03.03.2018), aos 56 anos, em decorrência de complicações desencadeadas por uma esclerose lateral amiotrófica, a arqueóloga gaúcha Denise Pahl Schaan. Formada em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS], a pesquisadora mudou-se para Belém, no Pará, em 1997, com o objetivo de estudar coleções de cerâmica Marajoara do Museu Paraense Emílio Goeldi. Denise trabalhava no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), dedicando-se ao desenvolvimento de pesquisas em antropologia na Amazônia voltadas ao estudo de sociedades complexas, ecologia histórica, arqueologia da paisagem, antropologia sonora e visual, etnografia audiovisual, gênero, patrimônio cultural e arte. Mestre em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS] e doutorada em antropologia social pela Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, ela também fazia etnografia audiovisual, produzindo filmes documentais e roteiros. [...]
>
> A arqueóloga escreveu ao todo 14 livros, mais de 40 artigos, cerca de 40 capítulos de livros, entre outras produções acadêmicas. Dentre suas principais pesquisas, destacam-se as com geoglifos, grandes desenhos feitos no solo da floresta por culturas pré-colombianas. Os resultados de um desses trabalhos, publicado em 2011, ajudaram a ampliar a cronologia da cultura amazônica sobre o fenômeno. [...]

Imagem 72 – Denise Pahl Schaan (Radioweb, UFPA)

Ela também se dedicou à ocupação pré-histórica na região do alto rio Anajás, tendo descoberto nove sítios arqueológicos da cultura marajoara e estudou indícios de povoamentos na região de Santarém e Belterra, no Pará, onde encontrou sinais de povoações antigas em platôs, longe dos grandes rios. Seus achados indicaram a possibilidade de terem existido sociedades amazônicas pré-colombianas hierárquicas vivendo à base de manejo da pesca, uma estrutura social que habitualmente se considera associada à agricultura. [...]

O Canto do Guerreiro

(Antônio Gonçalves Dias)

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
– Ouvi-me, Guerreiros.
– Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
– Guerreiros, ouvi-me;
– Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A frecha imprumada,
Ferindo uma presa,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
– Guerreiros, ouvi-me,
– Ouvi meu cantar. [...]

Imagem 73 – Deslocamento para Forte Príncipe da Beira

Imagem 74 – Forte Príncipe da Beira (FPB)

Imagem 75 – Labirinto (Giovani da Silva Barcelos)

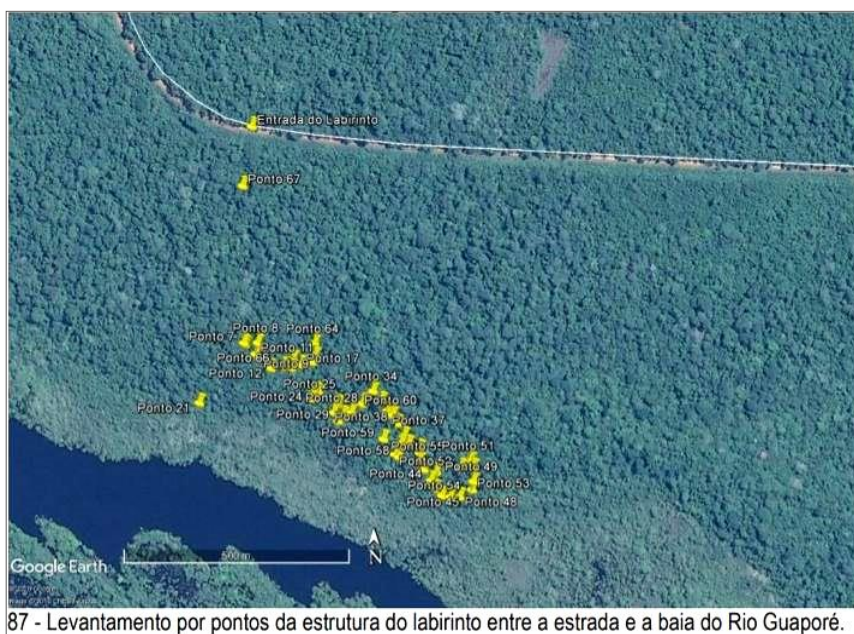



Imagem 76 – Labirinto (Giovani da Silva Barcelos)

Imagem 77 – Labirinto

Imagem 78 – Paiol do FPB no Labirinto

Imagem 79 – Ten Moreira – Forte Príncipe da Beira (FPB)

Imagem 80 – Forte Príncipe da Beira (FPB)

Imagem 81 – Petróglifos do Guaporé

Imagem 82 – Petróglifos do Guaporé

Imagem 83 – Petróglifos do Guaporé

Imagem 84 – Petróglifos do Guaporé

Maraquitã (KM 269) – AC08 (KM 440)

Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo, cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho. O homem branco esquece a sua terra natal, quando – depois de morto – vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia – são nossos irmãos. (Cacique Seattle)

O trecho que relatamos, cinco capítulos antes, e que deveria ter sido percorrido pela Expedição Centenária desde a Ponte Tenente Marques até o Acampamento de pescadores da Aprovale (com uma extensão aproximada de 170 km), foi abortado pelo Cacique João Brabo Cinta–Larga. Graças ao empenho de nossos caros amigos Bombeiros Militares de Rondônia, voltamos ao Rio Roosevelt no dia 28 de outubro.

27.10.2014 (segunda–feira) – Vilhena, RO – AC05

Em Vilhena, ficamos hospedados, sábado e domingo, no Hotel Colorado, e depois de nos reorganizarmos e identificarmos o ponto mais favorável para dar continuidade à nossa Expedição partimos, na segunda–feira, de Vilhena com destino à Balsa do "*Condomínio Aprovale*" (Km 255 desde o Passo da Linha da Comissão Telegráfica – 10°40'16,3" S / 60°30'58,9" O). A viagem transcorreu sem grandes novidades até alcançarmos a TI dos Zoró, onde era intenso o movimento de caminhões carregados com toras de madeira.

Observamos diversas destas toras sem a devida identificação e outras cortadas dentro da própria TI aguardando transporte – sinais claros de exploração madeireira irregular dentro da Área Indígena. Assim como os Cinta-Larga, os Zoró barganham, sem qualquer controle suas riquezas naturais mostrando total despreocupação com o legado de seus antepassados. Certamente eles não partilham da mesma filosofia do Cacique Seattle cujas palavras encabeçam este capítulo.

Felizmente ninguém nos cobrou pedágio na passagem da cancela por uma de suas Aldeias. Às margens do Roosevelt, constatamos sua pujança depois de receber seu mais poderoso afluente – o Rio Cardoso. Embora a balsa seja uma propriedade particular, bancada pelo "*Condomínio Aprovale*" (Associação dos Produtores Rurais do Rio Roosevelt), fomos levados cortesmente até a margem direita sem qualquer empecilho.

Precisávamos de um lugar para acantonar e o balseiro nos informou que encontraríamos guarida na Serraria Madeireira Ita da Fazenda Fonte Viva que ficava a apenas 05 km adiante.

A Fazenda Fonte Viva faz parte de um belo projeto de desenvolvimento sustentável que explorava os recursos naturais através do manejo sustentável ([139]).

---

[139] Manejo sustentável: administração da vegetação natural para a obtenção de benefícios econômicos, sociais e ambientais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema objeto do manejo e considerando-se, cumulativa ou alternativamente, a utilização de múltiplas espécies madeireiras ou não, de múltiplos produtos e subprodutos da flora, bem como a utilização de outros bens e serviços. (Lei Federal N° 12.651, de 25.05.2012)

Para a execução do manejo florestal é necessária a elaboração de Plano Operacional Anual (POA) definindo o cronograma de atividades, os métodos de operação e manejo florestal a serem aplicados na colheita.

1ª Fase: realiza-se o inventário florestal levantando todas as árvores de valor comercial existentes numa área de exploração anual, o traçado e dimensões das estradas e pátios de estocagem, o corte das árvores e o arraste das toras;

2ª Fase: visa a identificação da área do projeto, dos talhões, marcação das áreas permanentes, demarcações de faixas e picadas nos talhões, árvores porta sementes, árvores de corte e árvores proibidas de corte;

3ª Fase: faz-se o cálculo do inventário florestal e o cálculo do volume comercial;

4ª Fase: compreende a segurança no trabalho e infraestrutura do acampamento;

5ª Fase: corresponde ao abate de árvores propriamente dito que envolve as técnicas a serem empregadas no corte, segurança dos operadores, definição das estradas e trilhas de arraste, pátios de estocagem, carregamento das toras e monitoramento da exploração florestal.

O manejo visa, então, uma exploração racional da floresta respeitando sua dinâmica natural. Ao longo do Rio Roosevelt observamos várias áreas semelhantes onde o respeito a essas técnicas vem permitindo que além da flora a fauna se reproduza abundantemente. Na serraria fomos muito bem recebidos e conseguimos um lauto jantar e um local para dormir.

Conhecemos o simpático Sr. Zé Patroleiro, um paranaense cujo pai veio, como tantos, para a região depois de vender suas terras no Sul com o sonho de comprar uma gleba suficiente para ser dividida pelos futuros herdeiros. Infelizmente o sonho transformou-se em pesadelo ao ser enganado por um corretor inescrupuloso e verificar que a área da terra comprada era muito menor do que lhe anunciara o malfadado vendedor. O pai sempre se culpou pela desdita a que condenara toda a família e o desgosto foi-lhe aos poucos minando as forças e a saúde.

Os filhos tiveram de procurar emprego e foi assim que o Zé transformou-se de agricultor em operador de máquinas. Mas como reza a peça de teatro de Shakespeare "*All's Well That Ends Well*" (Tudo está bem quando termina bem), o Zé é hoje o orgulhoso pai de uma estudante de medicina e os filhos que não quiseram continuar os estudos são como o pai operadores de máquinas. O Coronel Angonese, cuja filha Rafaela também é uma discípula de Hipócrates (o pai da medicina), sabe muito bem o custo que isso representa para um assalariado.

28.10.2014 (terça-feira) – KM 269 – KM 299

Tivemos muita dificuldade na hora de partir, a bateria do carro dos bombeiros, que estava com todo o nosso material, estava totalmente descarregada e, embora o Zé Patroleiro insistisse em que se trocassem as baterias do carro com as de sua máquina, o pessoal ficou insistindo durante muito tempo usando os cabos para dar a famosa "*chupeta*". O motor só deu partida depois da troca recomendada veementemente pelo Zé, o passo seguinte foi a recolocar, novamente a bateria velha e tomar cuidado para não desligar o motor.

Percorremos uma trilha usada pelos pescadores para chegar até uma íngreme barranca na margem direita do Rio onde descarregamos as embarcações e a carga e reiniciamos nossa jornada. O Rio Roosevelt tinha agora outras características, a correnteza, a largura eram maiores, a fauna mais diversificada com a presença das belas e solitárias garças mouras (Ardea cocoi) que agora davam seu ar de graça. As aves mais comuns em toda extensão continuavam sendo as andorinhas-de-peito-branco ([140]), os martins-pescadores-pequenos ([141]) e martins-pescadores-grandes ([142]), os biguás ([143]) e os socós-boi (Tigrisoma lineatum).

As araras Canindé ([144]) de vistosa coloração azul ultramarino no dorso e amarelo-dourado na parte inferior que avistamos na 1ª Fase de nossa descida (Rondônia) foram, progressivamente, substituídas aqui pelas belas Araracanga ([145]) de intensa coloração vermelha escarlate; asas tricolores (vermelho, amarelo na parte média e azul intenso nos extremos), rabadilha e base do rabo azul.

Aportamos, por volta das 14h00, na margem esquerda, em um aprazível lugar a montante da Ponte da Aprovale (KM 299 – 10°21’55,7”S / 60°36’14,9”O), depois de percorrer 30 km. O local era usado sistematicamente por pescadores e as áreas de acampamento e fogo necessitavam apenas de uma pequena limpeza. Avistei uma família de capivaras na cabeceira da ponte, e à noite fomos visitados por um enorme tatu.

---

[140] Andorinhas-de-peito-branco: Atticora tibialis.
[141] Martins-pescadores-pequenos: Chloroceryle americana.
[142] Martins-pescadores-grandes: Megaceryle torquata.
[143] Biguás: Phalacrocorax brasilianus.
[144] Canindé: Ara ararauna.
[145] Araracanga: Ara macao.

O Jeffrey como de costume, apesar de ter sido advertido, por diversas vezes, por mim e pelo Angonese para que não o fizesse, à noite, se refrescava, no Rio, ficando apenas com a cabeça de fora e desta feita afirma (há controvérsias!) ter levado choque de um pequeno poraquê.

Relata o Coronel Angonese:

> Na ponte, o Jeffrey foi tomar banho no Rio devido ao calor. Ficou alguns minutos n'água, quando deu um baita berro. Eu que estava arrumando meu material fui correndo até a margem para acudi-lo. Na saída ele deu outro grunhido, relatando, logo em seguida, que tinha recebido duas descargas elétricas de Poraquê. Disse que estava muito dolorido mas logo se recuperou do susto e foi deitar-se. De madrugada Jeffrey acordou com barulho perto da barraca, com a lanterna avistou um tatu passeando pelo acampamento.

29.10.2014 (quarta-feira) – KM 299 – KM 330

Definimos como objetivo para este dia como local de acampamento a Fazenda Perautas, a 31 km de distância do acampamento atual. A progressão foi igualmente tranquila e só precisei reconhecer a passagem por uma Ilha (10°28'21" S / 60°31'30" O). Ao aportar assustei um cardume de piraputangas ([146]) e depois de realizado o reconhecimento partimos pelo braço esquerdo sem qualquer percalço. Chegamos no nosso destino (KM 330 – 10°08'27,4" S / 60°38'55,7" O) que eu marcara no mapa como "*Porto*" e realmente nele estava ancorado um barco de alumínio.

---

[146] Piraputangas: Brycon hilarii.

O aprazível recanto tinha, à sua frente, uma pequena e bela Ilha pedregosa e era, também, um local usado por pescadores, tinha mesa, bancos e grelha à nossa disposição.

Como o mapa mostrava a sede de uma fazenda a apenas 1.500 m de onde estávamos resolvi, depois de montar a barraca, pedir autorização ao encarregado. Na sede, encontrei o Gerente, chamado Lourival, um mineiro de boa cepa, muito prestativo e falante que me levou na sua camionete de volta até o acampamento, foi uma carona muito bem vinda, já que eu estava de pés descalços.

Ele se apresentou ao pessoal, deu-nos algumas dicas do que iríamos encontrar pela frente e recomendou-nos procurar o Jair quando chegássemos à Cachoeira do Chuvisco, depois disso voltou aos seus afazeres ficando de retornar mais tarde.

O Angonese achou uma tapera e um antigo pomar onde conseguimos colher algumas mangas verdes já que as maduras, ou de vez, os animais selvagens já as tinham consumido.

À noite o Lourival e a esposa vieram nos convidar para ir até sua casa e, como estávamos muito cansados, somente o Jeffrey aceitou o convite visando carregar as baterias de seus equipamentos eletrônicos.

Em sua casa, o Lourival, como bom mineiro, convidou o Jeffrey para degustar uma cachacinha e os dois voltaram bem mais tarde muito eufóricos e trouxeram de brinde uma garrafa d'água bem gelada que foi muito apreciada.

30.10.2014 (quinta-feira) – KM 330 – KM 360

Partimos por volta das 08h00. O Lourival tinha prometido vir se despedir, antes da partida, mas acho que a cachacinha noturna tinha vergado a determinação de nosso amável anfitrião.

Encontramos alguns rápidos e pequenas cachoeiras pelo caminho que não obstaculizaram nossa progressão. Eu vinha acompanhando a lenta progressão de meus companheiros até que, depois de navegarmos quase 20 km, decidi ir à frente e esperá-los em um lugar mais aprazível. Aportei em uma bela Ilha (09°58’39,3”S/60°38’11,9”O) aproveitando para esticar as pernas, hidratar-me e refrescar-me mergulhando nas límpidas águas do arenoso leito do Rio Roosevelt.

Aguardei durante uma hora e como meus Camaradas não aparecessem resolvi verificar se tinha acontecido algum imprevisto. Depois de remar mais de 02 km Rio acima, enxerguei o trio descendo calmamente.

Eu ainda não tinha assimilado que as longas paradas faziam parte da “*americana*” rotina da equipe. Aguardei-os e prosseguimos juntos passando pela aprazível Ilha em que eu tinha feito meu alto-horário, pela Foz do pequeno Igarapé Santa Maria (09°58’05,73”S/ 60°37’51,4”O), situada à margem direita, e aportamos na praia de uma Ilha (KM 360 – 09°57’34,0”S/ 60°39’18,8”O) a 30 km do acampamento anterior. O local apresentava vestígios de estar sendo usado sistematicamente por pescadores que ali estacionavam e estavam massacrando em lenta agonia a mais bela e frondosa árvore da Ilha fazendo fogo junto às suas raízes. O Angonese foi tentar a sorte na pescaria enquanto aprontávamos o acampamento.

31.10.2014 (sexta-feira) – KM 360 – KM 388

A jornada foi tranquila e fizemos uma parada mais longa por volta das 12h00 em um ponto do Mapa 094 onde eu assinalara como sendo um "*Areal*" (09°50'18,5" S / 60°40'40,7" O) e que na verdade eram rochedos. A baixa qualidade das fotos aéreas do Google Earth não permitia, por vezes, observar os detalhes corretamente.

Continuamos nossa jornada e pouco mais de uma hora depois, a uns oito quilômetros do "*Areal*", comecei a ouvir um rugido conhecido de águas revoltas. Avisei meus parceiros que iria à frente fazer um reconhecimento e piquei a voga. A série de cachoeiras (Três Piranhas – 09°47'49" S / 60°40'24" O) era formada por um pequeno arquipélago e o Rio fluía por três canais permeados de rochedos formando cinco degraus distintos e distantes de uns 50 a 100 metros uns dos outros.

Verifiquei que a melhor opção era contornarmos pela margem direita. O primeiro foi facilmente transposto a remo, no segundo embora a queda não chegasse a um metro de altura optamos por conduzir as embarcações à sirga tendo em vista que as rochas poderiam danificar os cascos das mesmas. O terceiro foi transposto sem problemas pelos caiaques e ficamos observando e torcendo para que os "*Camaradas*" o ultrapassassem, com sucesso, com sua pesada canoa.

Os "*Camaradas*" já dominavam com muita segurança a técnica de navegação da instável e pesada canoa e venceram esta etapa sem qualquer contratempo. O quarto degrau, semelhante ao primeiro, foi transposto sem qualquer dificuldade.

Descuidei-me, por alguns segundos, e quase fui tragado pelo quinto e mais desafiador obstáculo de quase dois metros de altura que naquele local era formado por um intrincado labirinto de pedras aguçadas.

Fiz um reconhecimento mais adiante e descobri, colado na margem direita, um local que me pareceu mais adequado a realizar a passagem à sirga de todas as embarcações. Foi com dificuldade que o vencemos depois de muito esforço e sofrer alguns arranhões e hematomas.

Embora tivéssemos percorrido apenas 28 km, resolvemos acampar a jusante da Cachoeira, estávamos muito cansados depois de transpor à sirga a Cachoeira das Três Piranhas. O local era aprazível, sem barrancos, relativamente limpo, lenha à vontade e, o mais importante, graças ao Angonese, saboreamos três piranhas assadas que nomearam a Cachoeira.

01.11.2014 (sábado) – KM 388 – KM 422

O dia transcorreu célere e de águas calmas. Lá pelas 10h00 avistamos uma anta que saboreava, despreocupada, um barreiro ([147]) numa barranca à margem direita do Rio. O dócil animal permitiu que eu me aproximasse para fotografá-la, o tapir aguardou, pacientemente, a chegada de todo o grupo e, depois de algum tempo, retirou-se sem pressa barranco acima.

Cheguei à Fazenda Buriti que eu referenciara no mapa. Lá encontrei dois homens que, segundo eles, tinham sido contratados para desmontar algumas benfeitorias da mesma.

---

[147] Barreiro**:** terreno salitroso onde os animais se nutrem de sal.

Eles informaram que a fazenda era de propriedade de um grupo alemão que queria deixar a floresta intacta, removendo inclusive as benfeitorias da sede da fazenda, com o objetivo de negociar créditos de carbono. Consegui algumas frutas com eles, aguardei meus parceiros chegarem e como tínhamos parado a pouco continuei logo a navegação enquanto meus parceiros resolveram, não sei por que, fotografar a fazenda. Ato temerário considerando o lugar ermo e a possibilidade daqueles homens estarem cometendo algum ato ilícito.

A Foz do Rio Branco (KM 427 – 09°38'15,9"S / 60°38'51,9"O) ficava a apenas 1.200 metros da última parada, aguardei meus amigos e como não aparecessem continuei remando até uma pequena Ilha (KM 430 – 09°37'07,2"S / 60°39'44,3"O) à frente do Porto de uma grande fazenda. Permaneci na Ilha que estava tomada por quero-queros ([148]) por mais de meia hora e, estranhando a demora do grupo, remei Rio acima para ver o que se passava. Depois de remar uns 500 metros avistei os três. Pensei, comigo mesmo, que era preciso, em qualquer missão, manter o foco e não consumir tempo ou energia em eventos que não sejam estritamente condizentes com os objetivos propostos.

Minha sugestão de que acampássemos por ali já que a apenas uns 10 km teríamos de enfrentar uma nova Cachoeira e que seria preferível fazê-lo descansados e não no final de uma jornada, não foi acatada. Fui com os "*Camaradas*" fazer contato com o Gerente da fazenda que nos presenteou com algumas frutas e água fresca, para minha surpresa, ao voltar, meus parceiros resolveram continuar a descida.

---

[148] Quero-queros: Vanellus chilensis.

Cheguei à Cachoeira (KM 422 – 09°33’37,5” S / 60°36’12,1” O) por volta das 17h00 e fui, imediatamente, analisar os locais de passagem. Estava reconhecendo a margem esquerda quando os “*Camaradas*” chegaram e pedi ao Angonese que verificasse a existência de alguma trilha naquela margem.

Naveguei até o meio do Rio tentando visualizar alguma outra passagem já que a trilha na margem esquerda era inviável. Escolhi minha rota e chamei os parceiros para observarem minha passagem. Executei a passagem com o caiaque sem dificuldade mas consideramos que seria temerário tentar fazer o mesmo com a pesada canoa.

Achei uma passagem à sirga a cavaleiro da margem direita e auxiliado pelos “*Camaradas*” realizamos a difícil e dorida transposição. Solicitei autorização do Dr. Marc para transpor seu caiaque, não consegui regular o pedal do leme que tinha sido apertado com alguma ferramenta e, além disso, o remo era muito diferente do meu.

O resultado é que senti dificuldade em manobrá-lo na veloz torrente e bati o casco em uma das pedras, a mesma que eu conseguira desviar, sem problemas, pilotando meu caiaque, felizmente a embarcação não sofreu nenhum dano e poupamos assim de ter de conduzir o caiaque à sirga ferindo-nos como acontecera na descida da canoa.

Tínhamos navegado 34 km e transposto uma Cachoeira média. O local de acampamento a jusante da corredeira era aprazível e o fragor das águas embalou nossos sonhos.

02.11.2014 (domingo) – KM 440 – KM 477

A navegação foi quase toda por rápidos, as rochas emergiam das águas e pareciam observar curiosas nossa progressão. Depois de navegar uns 10 km chegamos à outra Cachoeira (KM 450 – 09°29’38,6” S / 60°35’21,8” O), perguntei a alguns pescadores que estavam na margem esquerda se ela tinha alguma passagem e eles me informaram que os práticos cruzavam pelo lado direito sem grandes problemas – se eles passavam nos também o faríamos.

Enquanto eu realizava o reconhecimento meus parceiros ficaram conversando com os pescadores. Verifiquei as duas opções possíveis, chamei meus companheiros, e lhes indiquei a mais viável. Passei primeiro mostrando que devíamos passar bem à direita e não seguir a torrente principal pois esta jogaria a embarcação sobre uma grande pedra. Desci sem mesmo colocar a saia, atirei o corpo para trás para o caiaque não mergulhar a proa, tangenciei a margem direita exatamente como pretendia e o leme deu um leve toque em uma pequena rocha, como eu previra, deixando a perigosa pedra bem à minha esquerda.

Os Camaradas e o Dr. Marc passaram igualmente com tranquilidade. O Dr. Marc que no primeiro dia naufragara por duas vezes enroscando-se nas galhadas meio submersas agora saia-se airosamente passando nas quedas como um legítimo veterano.

Como só teríamos pela frente alguns rápidos informei aos companheiros que iria à frente para contatar o Sr. Jair Schiavi, Gerente da Fazenda Buritizal, para que ele nos auxiliasse na travessia da Cachoeira do Chuvisco.

Do contrário, teríamos de realizar uma "*portagem*" de mais de 1.000 m. O Jair Schiavi tinha sido indicado pelo Lourival, Gerente da Fazenda Perautas.

Seguindo a orientação do Lourival desembarquei, na margem direita, próximo à segunda casa e segui a trilha que me conduziria rumo Norte até encontrar uma estrada.

Estava quase chegando quando ouvi vozes de dois homens que ali estavam colhendo mangas. Eram amigos do Jair Schiavi e as frutas eram para os porcos dele, eles me levaram de barco até a margem oposta e me apresentaram ao Jair Schiavi. Muito falante e prestativo o Gerente da Buritizal disse que eu chegara em boa hora pois no dia seguinte ele sairia cedo para resolver alguns problemas particulares.

Perguntei se ele tinha condições de nos abrigar e alimentar informando que estávamos prontos a pagar-lhe pelos serviços. Ele apenas sorriu, chamou a esposa que aquiesceu em preparar-nos o jantar.

Embarquei na lancha que ele pilotou habilmente pelas estreitas passagens da Cachoeira Chuvisco. Quando chegamos ao local, aonde eu deixara o meu caiaque, meus companheiros tinham acabado de desembarcar. Carregamos na lancha do Jair Schiavi a carga da canoa e partimos céleres atrás dele.

Nosso anfitrião pilotava com rara habilidade. Ele foi um guia extraordinário mostrando os locais exatos por onde deveríamos passar e nos aguardando quando nos atrasávamos um pouco.

Aportamos, depois de navegar por 37 km, e levamos a bagagem estritamente necessária para dormirmos já que o Jair nos disponibilizou uma casa para o pernoite. Tomamos um bom banho com água translúcida e fomos jantar na casa do Gerente da Buritizal.

Sua esposa Sr.ª Edna Maria de Lima Schiavi tinha preparado um verdadeiro banquete, eles nos contaram que tinham abrigado, também, os canoístas americanos Paul Schurke e Dave Freeman, além de cinco canoístas brasileiros, que realizaram uma descida de 438 km pelo Rio Roosevelt em homenagem à Expedição Original. Schurke e Freeman também interromperam, como nós, sua jornada na Ponte Tenente Marques mas reiniciaram, segundo o Dr. Marc, a descida na Foz do Rio Branco (KM 409), bem abaixo do KM 269 de onde partimos para executar a 2ª Fase até o Aripuanã.

O Jeffrey aproveitou para usar a internet e enviar algumas notícias. Tive de chamar a atenção dele de que já eram 23h00 e que devíamos deixar os donos da casa descansar. A dona da casa e o filho Jackson Schiavi já tinham dado visíveis sinais do adiantado da hora retirando-se da mesa e nosso anfitrião fazia força para manter os olhos abertos.

Meu amigo não tinha se dado conta de que o relógio dele ainda estava com o fuso horário de Rondônia (22h00) e que não devíamos abusar das gentilezas de nossos anfitriões. No Rio Grande do Sul, permanecer na casa de alguém após as 23h00 é considerado uma indelicadeza imperdoável, não sei se nos EUA é diferente.

Na hora da partida fui com o Jackson Schiavi colher algumas laranjas e mangas. Enchemos um dos sacos com laranjas sempre tomando cuidado para que os porcos que ficavam à espreita não as roubassem. Depois fomos pegar algumas mangas, sempre seguidos pelos esfaimados suínos, descuidei-me, por um instante, e uma das porcas abocanhou um dos sacos pelo fundo e saiu arrastando-o e espalhando as laranjas campo afora. Corremos atrás dela tentando recuperar o fruto do seu furto quando, de repente, o animal pisou numa das bordas do saco dando uma incrível pirueta mortal estabacando-se espetacularmente. A porca, contrariada, e amuada afastou-se grunhindo e nós conseguimos reaver a maioria das laranjas furtadas. O Angonese comentou que no Sul do país esta não era época de colher laranjas.

Fazenda Buritizal (Informações)

Localizada à margem esquerda do Rio Roosevelt, município de Colniza/MT, a apenas 70 km do vilarejo Guariba, que em breve se tornará Município. Uma estrada de 16 km liga a Fazenda à BR 230, onde é possível chegar ao vilarejo Guariba (70 km) ou ainda a Colniza (180 km no lado de Mato Grosso) ou Machadinho (180 km do lado de Rondônia).

O acesso à fazenda se dá por terra (BR 230), por ar (a fazenda possui campo de pouso) através de diversas empresa aéreas conhecidas na região ou ainda, dependendo do trajeto, pelo Rio Roosevelt.

Área Total: 20.000 hectares

Área de Pasto: 07.500 hectares

Área de Reserva: 12.500 hectares

15.04.1914

– Relata Rondon –

15.04.1914 – No dia 15, por se terem agravado os padecimentos do Sr. Roosevelt, que estava ameaçado de uma manifestação erisipelatosa na perna direita, só pudemos retomar os nossos serviços às 08h00. Passamos por um sistema de morros existentes na margem esquerda, a que demos o nome de Serra da Cigana, avistando em seguida, do mesmo lado, um marco de madeira com as iniciais J. A., gravadas a fogo. Examinando o lugar, descobrimos outro marco igual a esse, na margem oposta. Tal foi o primeiro sinal da nossa civilização encontrado neste Rio pelos expedicionários que haviam partido da Ponte da Linha Telegráfica no dia 27 de fevereiro, e percorrido, desde aquela data, 270.200 m através de regiões inteiramente incultas e abandonadas.

No entanto, aquele sinal era ainda bem pouco expressivo a respeito da importância dos conhecimentos que ele revelava existir desta paragem entre os civilizados porque restava saber se as terras assim demarcadas pertenciam a algum proprietário, que as tivesse feito medir regularmente, ou se eram simples ocupações desses enérgicos seringueiros que se embrenham pelos Sertões e aí se estabelecem por iniciativa própria, sem nenhuma espécie de dependência ou de relação com as autoridades públicas, e praticamente isolados do resto do mundo.

Prosseguindo a viagem, fomos descobrir, a 2.600 m de distância dos marcos, um rancho grande, bem construído, tendo ao lado outro menor, destinado ao serviço de defumação do látex seringueira.

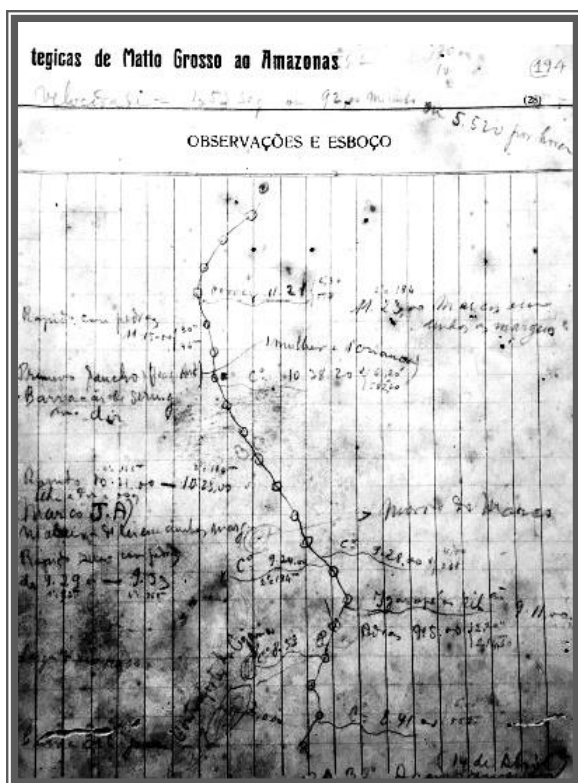



Imagem 85 – Caderneta de Levantamento

O proprietário, Joaquim Antônio, cujo nome corresponde às iniciais dos marcos, achava-se ausente, provavelmente por pouco tempo, visto existirem no interior do rancho muitos utensílios domésticos e grande quantidade de gêneros alimentícios. Deixamos ali inscrições com os nossos nomes e indicação do lugar da nossa procedência, e continuamos a descer o Rio. Andados mais 3.600 m, encontramos pequena canoa, tripulada por um preto velho, que, apenas avistou a flotilha, manobrou a sua embarcação, de modo a procurar refúgio em terra, vendo isso, levantei-me na minha canoa e agitando o capacete na mão, dirigi a palavra àquele homem. Só então ele reconheceu não haver motivo para fugir e sem receio, aproximou-se de nós.

Explicou-nos que se havia amedrontado por não lhe ser possível esperar a chegada de pessoas civilizadas, descendo o Rio desde as suas nascentes. Igual surpresa sentiriam os outros moradores que íamos encontrar abaixo da sua casa; para poupar-lhes o susto de suporem que éramos índios devíamos avisá-los da nossa aproximação por três tiros de carabina, combinados com os sons de uma buzina de taquara, que nos deu.

Convidando-nos para visitarmos a sua casa, o velho disse-nos chamar-se Raymundo José Marques e ser natural do Estado do Maranhão. Apresentei-o ao Sr. Roosevelt, que não tinha saltado da canoa, por motivo dos seus padecimentos. Nessa ocasião, tendo eu feito alusão ao título de Ex-presidente do nosso hóspede, o velho Raymundo perguntou-me, meio admirado: "*Mas ele é Presidente mesmo?*", "*Agora não é, expliquei lhe, mas foi Presidente*". "*Ah!*", comentou o velho, "*mas quem foi Rei sempre tem Majestade*". O Sr. Roosevelt, ouvindo este comentário, manifestou-se muito admirado de existir tanto espírito e cortesia num homem que vivia internado no Sertão, longe da cultura dos grandes centros populosos, e assegurou-nos que um matuto dos Estados Unidos, em igualdade de condições, seria incapaz de se manifestar com a graça e a inteligência do nosso sertanejo.

Despedimo-nos do velho maranhense e continuamos a navegação rio abaixo. Passamos por outra barraca de seringueiro, cujo proprietário estava ausente, e fomos aportar na de um chamado Honorato, situada a 11.450 metros de distância da do Raymundo. Ao todo, fizéramos nesse dia um percurso de 24.800 metros. Seguindo o conselho do velho Raymundo, demos os tiros de carabina e os toques de buzina, logo que percebemos estar nas proximidades de nova barraca.

Infelizmente essa precaução não surtiu o desejado efeito. A mulher do Honorato, mal avistou as canoas, deitou a correr espavorida pela margem do Rio, carregando nos braços uma criancinha. O caminho por onde ela fugia, era cortado, a certa distância, por um Igarapé; no afã de se salvar do perigo imaginário, a pobre senhora atirou-se ali, caiu; conseguiu levantar-se com as roupas encharcadas, e continuou a desvairada corrida até atingir a casa de um vizinho, onde chegou, desmaiada. O pânico comunicou-se à outra família. Felizmente, ali estava o Honorato e com ele mais 3 homens. Armaram-se todos, tomaram uma canoa e vieram Rio acima [...]

Nós estávamos no terreiro da casa abandonada, onde tínhamos feito acender fogo para a nossa cozinha. A certa distância, o Honorato e os seus companheiros puderam avistar-nos, reconhecendo então que não tinham de lutar com os índios. Vieram ao nosso encontro, agora admirados de que ali tivéssemos chegado, percorrendo caminho inteiramente novo e desconhecido de todos os moradores daquele Rio. Entramos a conversar amistosamente.

Soubemos ser este Rio o galho Ocidental do Aripuanã. Os seus moradores davam-lhe o nome de Castanha e nele se estabeleciam por acordo mútuo, trabalhando cada qual por sua própria conta, e proveito. No caso de algum precisar de auxílio os outros reúnem-se para lho prestar. Na distribuição das terras, seguem a regra do novo ocupante subir em canoa o espaço correspondente a duas horas de navegação, a partir da última barraca já instalada. No ponto atingido, plantam marcos idênticos aos que encontramos e descrevemos, e desse momento em diante as terras assim assinaladas são consideradas e respeitadas como propriedade legítima da pessoa cujo nome corresponde às iniciais neles gravadas.

Todos reconhecem que os terrenos pertencem ao Governo; mas não julgam que isso possa, de qualquer forma invalidar o direito de posse resultante do fato da ocupação.

Quanto a moradores indígenas, de que não havíamos encontrado nenhum vestígio depois de passada a cachoeira do Paixão, disseram-nos os seringueiros que, de longe em longe, tinham notícias do aparecimento de alguns, ora num lugar, ora noutro muito diferente. Há tempos, eles apareceram e foram recebidos a tiro, numa barraca acima da propriedade do Honorato. A represália não se fez esperar, e a consequência dela foi o dono daquela barraca, um caboclo chamado Manoel Vieira cair ferido por golpes de flechas. Depois desse fato, nenhum outro tão grave se havia dado; mas os seringueiros não alimentavam grandes ilusões a respeito da tranquilidade que estavam desfrutando, pois sabiam ser fatal terem de entrar em conflito com os primitivos donos daquelas terras, das quais não se podiam apossar sem lutas.

O pânico causado pela nossa chegada mostra claramente o grau de tensão nervosa em que vive aduela gente, constantemente atormentada pela expectativa de ver surgir do interior do Sertão os guerreiros indígenas. A mulher do Honorato contou-nos depois, que não só viu, distintamente, as canoas em que vínhamos, cheias de índios, como também ouvia os seus gritos terríveis e se sentia perseguida por eles enquanto corria. E essa alucinação fê-la sofrer tanto, que à noite apareceu-lhe um acesso febril, que foi combatido pelo Dr. Cajazeira.

Da barraca do Honorato para baixo, fomos encontrando Seguidamente outros estabelecimentos de seringueiros e mesmo um barracão, ou casa de negócio, onde compramos alguns gêneros [...] (RONDON)

Imagem 86 – Ten João Salustiano Lyra

– Relata Roosevelt –

15.04.1914 – [...] Antônio Correia, dirigindo-se a Kermit, disse:

> – Parece um sonho a gente estar dentro de uma casa outra vez, ouvindo a voz de mulheres e crianças, em vez de estar no meio daquelas serranias e cachoeiras! [...]

Pelo que informaram, nos achávamos a 15 dias da Confluência dos dois Rios; mas havia numerosos seringueiros nas suas margens, onde muitos deles se tornaram moradores permanentes. [...]

Os próprios seringueiros não tinham a menor ideia das cabeceiras, que ficavam em região até então jamais pisada por gente civilizada. O Rio da Castanha era, evidentemente, pelo menos em extensão, materialmente igual, senão superior ao Alto Aripuanã e, parecia agora ainda mais provável que o Rio Ananás ficasse nas cabeceiras da corrente principal, do que nas do Rio Cardoso.

> Espero que este ano o Rio Ananás também seja posto no mapa. Um dos auxiliares do Coronel Rondon vai tentar descê-lo. Atravessamos suas cabeceiras no altiplano e muito possivelmente passamos por sua Foz, embora seja também possível que entre no Rio Canumã ou no Rio Tapajós. Mas não figurará nos mapas antes de descoberta sua Foz por alguém. [...]

Não mais precisávamos sofrer uma contínua ansiedade, criada pela necessidade de poupar víveres, pelo dever de lutar sem saber aonde nos levaria a luta, pela incerteza amarga dos dias futuros.

Era tempo de acabarmos com aquilo. O esforço exaustivo em um ambiente insalubre estava começando a se fazer sentir sobre cada um de nós. [...] Eu me encontrava em piores condições. As consequências da febre ainda perduravam, e a perna, que machucara no serviço de passar canoas nas corredeiras, havia piorado, aparecendo um abscesso. O bom Médico, a quem muito devo pelo seu incansável cuidado e bondade, abrira-o, colocando um dreno; o entusiasmo com que os borrachudos e os piuns participaram da operação e os curativos emprestaram-lhe um "*encanto*" especial.

Eu mal podia manquejar e estava quase entregue, mas "*não se pode parar, Comandante, quando as baterias estão em ação*". Ninguém deve empreender Expedição como a nossa, a menos que resolva não prejudicar seus companheiros com qualquer atraso causado por seus próprios sofrimentos ou enfermidades. Seu dever é seguir para diante e, se necessário, ir se arrastando, até cair sem forças! Por felicidade, não fui submetido à semelhante provação. Conservei-me em estado favorável até a passagem nas últimas corredeiras dos grotões. Quando o sério transtorno me sobreveio, só tínhamos pela frente a viagem de canoas. (ROOSEVELT)

Imagem 87 – Dr. José Antônio Cajazeira

– Relata Cherrie –

15.04.1914 – [...] Compramos mandioca e inhame e, o melhor de tudo é que, todos nós, saboreamos uma refeição completa, a primeira em muitos dias e, embora não tenhamos desfrutado de uma dieta exclusiva de peixe por muitos dias, foi um período longo o suficiente para me enjoar dela!

Kermit e eu tínhamos planejado saborear uma garrafa de "*scotch*" logo que avistássemos os primeiros sinais de seringueiros e resolvemos abrir a garrafa esta noite! Uma hora antes de chegarmos a este Acampamento, choveu torrencialmente e eu estava encharcado como sempre. As roupas molhadas coladas ao corpo não contribuem para melhorar da minha dor de garganta. [...] Ia esquecendo de falar de outra fantástica visão que surgiu nesta noite – a Ursa Maior pendurada acima do horizonte Norte à vista! De cabeça para baixo, é claro, mas como ela nos pareceu linda, é como se um velho amigo tivesse vindo nos visitar. (CHERRIE)

16.04.1914

– Relata Cherrie –

16.04.1914 – Fizemos uma longa marcha, mais de oito horas, mas a corrente do Rio é tão lenta que só avançamos 39 km. Como havíamos colhido informações sobre o que nos aguardava pela frente, não tivemos surpresas nem ficamos apavorados imaginando o que estaria nos aguardando a cada curva do Rio.

Sofremos com uma borrasca que durou um par de horas até ao meio-dia. Eu estava encharcado e, como até o fim do dia o tempo continuou nublado e fresco com chuviscos ocasionais, eu senti frio e permaneci molhado durante toda a tarde.

Acantonamos em uma Barraca abandonada e, como chegamos quase ao anoitecer, isso veio a calhar. Encontramos, também, um campo com inhames em abundância. O Dr. aplicou um dreno na perna do Coronel Roosevelt esta manhã e como resultado o Coronel começou a melhorar. (CHERRIE)

17.04.1914

– Relata Cherrie –

17.04.1914 – Tivemos uma navegação relativamente curta – 30 km. Pouco depois do meio-dia, a chuva começou a cair torrencialmente e continuou assim por cerca de quatro horas e às 15:00 nós ocupamos uma Barraca desocupada, na margem esquerda. Estávamos encharcados assim como a maioria da nossa bagagem incluindo os meus cobertores e rede. A partir de um ribeirinho na margem oposta do Rio, conseguimos um frango, limões, bananas e um abacaxi.

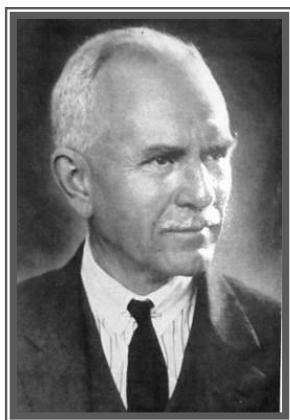



Imagem 88 – George Kruck Cherrie

Preparei algumas peles de andorinha Peitoril. Não usei meu cobertor molhado e dormi vestindo minha camisola de lã. A perna do Coronel está muito melhor hoje. (CHERRIE)

18.04.1914

– Relata Cherrie –

18.04.1914 – 47 km hoje! Nosso melhor desempenho desde que a Expedição começou! [...] O dia inteiro foi agradável e sem chuva, mas tão logo acampamos, choveu torrencialmente. Avistamos um grande número de castanheiras ao longo das margens carregadas de ouriços que, dizem, caem em novembro. (CHERRIE)

19.04.1914

– Relata Viveiros –

19.04.1914 – A 09°38′ S ([149]) recebia o Rio Roosevelt o Rio Branco. (VIVEIROS)

[149] Cópia do livro de Roosevelt, na verdade a Foz do Rio Branco – KM 409 – 09°38′15,9″ S / 60°38′51,9″ O.

– Relata Roosevelt –

19.04.1914 – Durante quatro dias não apareceram corredeiras que exigissem descarga e baldeação. E, neste dia, obtivemos uma canoa com o Sr. Barbosa. Era um homem gentil e hospitaleiro, que também nos deu um pato, uma galinha, alguma mandioca e três quilos de arroz, recusando qualquer paga; residia numa casa espaçosa, com sua esposa trigueira, que fumava cigarros, e sua numerosa prole. A nova canoa era leve e ampla, de sorte que foi possível armar sobre ela um toldo baixo, sob o qual eu podia repousar, pois ainda estava doente.

Pela tarde, passamos junto à Foz de um Rio volumoso que entrava pela esquerda, o Rio Branco, na Latitude **09°38' S**. Logo depois chegamos à primeira corredeira séria – a Panela. Baldeamos as cargas, descemos as canoas descarregadas e pousamos na base dela em uma casa espaçosa. O Médico comprou um bonito jacamim, manso e confiante, que daí por diante foi meu companheiro de canoa. Já tínhamos passado bom número de casas habitadas e ainda maior de casas vazias.

Os moradores eram seringueiros, mas geralmente eram habitantes permanentes também, tendo seus lares com esposa e filhos. Alguns, tanto homens como mulheres, mostravam ser de puro sangue negro, ou puro sangue indígena, ou Sul-europeu, mas na grande maioria todas as três raças andavam mescladas em graus diferentes.

Eram muito corteses, serviçais e hospitaleiros. Muitas vezes recusavam o pagamento pelo que lhes era possível dispor, do pouco que tinham, para nos obsequiar. Quando cobravam, os preços eram muito altos, como era justo, pois viviam num ermo longínquo e tudo lhes custava preços fabulosos, salvo os produtos de suas lavouras.

As casas frescas, de pau-a-pique, cobertas de folhas de coqueiros, eram desguarnecidas, só contendo redes e alguns utensílios de cozinha muito simples; e muitas vezes, um relógio, a máquina de costura ou uma carabina de proveniência de nossa Pátria. Geralmente plantavam flores, inclusive perfumadas rosas. Sua criação doméstica se limitava, além dos cães, a algumas galinhas e patos.

Plantavam mandioca, milho, cana-de-açúcar, abóboras, abacaxis, bananas, limões, laranjas, melões e pimenta; e também vários frutos e vegetais nativos, tais como o quiabo, um fruto foliáceo que dá nos galhos de um arbusto elevado e que é cozido com a carne. Eles obtêm alguma caça nas matas, e peixe em maior quantidade no Rio.

Não há, entre aquela gente, representante do governo; em verdade, ainda agora, até sua própria existência é quase ignorada pelas autoridades governamentais; e a igreja os tem ignorado tanto quanto a Nação. Quando querem casar-se, têm de passar vários meses para irem a Manaus e voltarem, ou a qualquer cidade menos importante; e é comum que o batismo do 1° filho e o casamento se realizem ao mesmo tempo. Só têm o direito de posse sobre as terras, e estão sempre arriscados a ser expulsos por magnatas sem escrúpulos, que vieram mais tarde, mas trazendo documentos legalmente perfeitos. As leis sobre as terras deveriam conceder a cada um daqueles pioneiros do povoamento as terras que na ocasião ocuparem e cultivarem e nas quais tenham criado seu lar.

O pequeno lavrador, dono da terra que cultiva com o suor de seu rosto, constitui, em todos os países, o maior elemento de força nacional. São esses os autênticos pioneiros do povoamento, os que realmente dominam o Sertão.

País algum jamais foi conquistado de um modo eficaz, ou explorado a fundo, por uns poucos chefes, homens de exceção, embora tais homens possam prestar grandes serviços.

A conquista, de fato, a exploração completa e o povoamento são levados a cabo por uma multidão anônima, composta de homens modestos, entre os quais os de maior valia são evidentemente os fundadores de lares. Todos seguem, pela maior parte do tempo, as pegadas de seus antecessores, mas, às vezes, se afastam da trilha batida na extensão de alguns quilômetros, devassando novos tratos de terra, e erguem suas moradas em lugares onde nunca existiram outras casas.

Para se proceder assim, como um verdadeiro pioneiro, é preciso que não se sinta forte atração pela vida social, e que não se tenha necessidade disso, talvez por ignorá-los do luxo e também do conforto, a não ser o da espécie mais rudimentar. Aqueles povoadores que vínhamos encontrando estavam satisfeitos de morar no ermo. Tinham encontrado um bom clima e terras férteis, sendo a ida a alguma cidade caso raro, nem tendo grande empenho em fazer tal viagem.

Em resumo, aqueles homens, e, como eles, todos os que andavam pelo Brasil na linha fronteiriça da civilização com a vida selvagem, estavam então procedendo da mesma forma que há 150 anos procederam os nossos desbravadores de florestas ao empreenderem a conquista do vale do Mississipi; como os fazendeiros *boers*, há mais de um século na África; e como os canadenses, quando, há menos de meio século, começaram a tomar posse do seu Noroeste. Uma vez por outra, alguém repete que a "*última fronteira*" só pode ser encontrada no Canadá ou na África e que está quase desaparecida.

Em escala muito mais vasta, tal fronteira poderá ser encontrada no Brasil – um país tão extenso quanto toda a Europa, ou como os Estados Unidos – e, antes que ela desapareça, muitos decênios se escoarão. Os primeiros povoadores foram para o Brasil um século antes de que nos Estados Unidos e no Canadá aportassem os primeiros colonos.

Por espaço de 300 anos, o progresso foi muito lento, pois o governo colonial português daquela época era quase tão inepto quanto o espanhol. No último meio século, o progresso se acelerou rapidamente, e esse crescimento promete ainda aumentar de contínuo no futuro. Os paulistas, na caça das minas, dos escravos e de terras, foram os primeiros brasileiros natos que, há um século, representaram um grande papel, abrindo ao povoamento grandes extensões de Sertões.

Os caçadores da borracha repetiram-lhes o feito nos últimos decênios. A borracha deslumbrou-os, assim como o ouro e os diamantes deslumbraram outros homens, e os impeliram a um errático vagabundear pelas vastas extensões do orbe. Na procura de seringais, converteram em estradas batidas Rios cuja própria existência era ignorada dos governos e dos cartógrafos.

Qualquer que fosse seu êxito, deixavam para trás, por toda parte, povoadores que labutavam, casavam-se e criavam filhos. A colonização estava iniciada, entrando a conquista do Sertão na sua fase inicial. (ROOSEVELT)

Imagem 89 – Anta no Barreiro

Imagem 90 – Cachoeira (09°33’37,5” S/60°36’12,1” O)

Imagem 91 – Transposição à Sirga (09°33’37” S/60°36’12” O)

Imagem 92 – Cachoeira (09°29’38,6” S/60°35’21,8” O)

Imagem 93 – Cachoeira (09°29’38,6” S/60°35’21,8” O)

Imagem 94 – Fazenda Buritizal (Cel Angonese)

Imagem 95 – Balsa Panelas e Camaradas

Imagem 96 – Cachoeira Panelas (Margem Direita)

Imagem 97 – Cachoeira Panelas (Margem Esquerda)

Imagem 98 – Urania leilus (Cachoeira Panelas)

Imagem 99 – Sr. Arão e Dr. Marc Meyers

Imagem 100 – Ilha do Cotovelo – Arbustos de Camu-camu

Fz Buritizal – Pousada Rio Roosevelt

A Natureza

(Jose Agostinho de Macedo)

Erguendo a fronte aos nautas se descobre
E brinca pelo azul campo espelhado;
E não se espanta com a terrível vista
Do homem, que encerrado em frágil lenho
Ousa afrontar o mar, o vento, a morte;

03.11.2014 (segunda) – KM 460 – KM 484

Depois de navegarmos, em águas calmas, por uns 06 km surgiram alguns rápidos que foram transpostos pelo canal da esquerda que se estendia ao longo de duas pequenas ilhas (09°13’18,9”S/ 60°42’26,3”O), de uns 300 m de comprimento cada uma, conforme nos orientara o amigo Jair. Seis quilômetros adiante, depois de passar por mais alguns rápidos, avistamos a Foz do Igarapé Panelas (09°11’33,4” S / 60°44’35,4” O) e, 2,5 km a jusante, a pequena Comunidade de Panelas onde existe uma balsa. Parei pouco depois do acesso da balsa, à margem direita, e consultei dois ribeirinhos a respeito da trilha apontada pelo Jair para desbordar a Cachoeira Panelas. As informações do Jair eram muito precisas, continuei remando, a cavaleiro da margem direita, contornando uma série de rochedos até encontrar uma pequena Baía onde avistei o velho barco exatamente no local e posição que ele descrevera. A proa da embarcação apontava para uma trilha de uns 300 m que dava acesso a um pequeno porto a jusante da Cachoeira das Panelas, onde fotografei a bela mariposa “*Urania leilus*” que eu encontrara, pela primeira vez, no Rio Tapajós, depois de realizar minha terceira descida pelos amazônicos caudais. Ao contrário da maioria das mariposas, a “*Urania leilus*”, tem hábitos diurnos.

Conseguimos fazer a “*portagem*” em pouco mais de duas horas e partimos sabendo que logo à frente enfrentaríamos um novo labirinto formado por diversas ilhas e inúmeros rochedos e onde a largura do Rio ultrapassava os 500 metros.

A imagem do Google Earth estava encoberta por nuvens e tive de usar minha experiência e bom senso para escolher os canais mais adequados para a descida. Estes caminhos mais seguros eram sempre os mais longos, a cada bifurcação eu analisava a cota dos canais à minha frente e optava, invariavelmente, pela mais baixa que, logicamente, não tinha ou pelo menos deveria apresentar menos obstáculos a reter as águas do Rio. Agindo dessa maneira evitamos maiores sobressaltos e chegamos até um ponto onde estes diversos canais convergiam para um único com uma largura de aproximadamente 200 metros e onde as águas estavam mais serenas.

Fizemos uma parada em um pedral à margem esquerda e por volta das 15h00, depois de percorrer 24 km indiquei aos meus amigos uma casa abandonada (AC12 – 09°08’04,8” S / 60°41’42,8” O) onde poderíamos pernoitar com certo conforto, o único inconveniente era a altura do barranco. Fiz contato com o Sr. Arão, um seringueiro aposentado, que morava numa pequena casa nos fundos da casa grande, e ele concordou que ali pernoitássemos. Segundo ele, o dono da propriedade, que a usava apenas para pescar com os familiares, falecera em um desastre aéreo.

O Sr. Arão, a pedido do Dr. Marc, esquentou a água para preparar as rações. O pequeno seringueiro jantou conosco mas não apreciou o sabor da comida importada.

04.11.2014 (terça) – KM 484 – KM 509

Desmontamos o acampamento e parti antes de meus amigos avisando que esperaria por eles quando encontrasse algum obstáculo e caso isso não acontecesse eu os aguardaria na Ilha do Cotovelo (08°59’55,3” S / 60°43’57,9” O) que estava localizada a uns 18 km da residência do Sr. Arão. Remei forte e a uns 3 km da referida Ilha contatei alguns ribeirinhos (09°00’39,7” S / 60°42’55,6” O) solicitando a eles que informassem aos “*Camaradas*” que os aguardaria na Ilha do Cotovelo onde cheguei por volta das 10h00.

As únicas formações rochosas desde o AC12 ficavam a pouco mais de um quilometro da Ilha e não ofereciam qualquer tipo de dificuldade. Ao chegar na Ilha espantei, sem querer um pequeno jacaré que dormitava tranquilamente nas pedras da Ilha.

Aqui como nas demais ilhas pedregosas do Roosevelt encontrei diversos arbustos de Camu-camu ([150]). Eu não sabia se seus frutos eram ou não comestíveis. Só alguns dias mais tarde quando elas já começavam a rarear é que fiquei sabendo, pelo Kleber (Cachoeira Carapanã), de que eram os tão cobiçados frutos ricos em vitamina C. Eu arriscara provar apenas um deles tendo em vista que as frutas maduras não apresentavam bicadas de pássaros e as caídas no chão não tinham sido comidas por pequenos mamíferos.

---

[150] Camu-camu (Myrciaria dúbia): arbusto também conhecido como caçari ou araçá encontrado na Amazônia às margens dos Rios e Lagos. A planta pode permanecer submersa de 4 a 5 meses e frutifica, nestes locais, no período que vai de novembro a março. Na terra firme, a floração pode ocorrer durante o ano inteiro. Os frutos são esféricos de 01 a 03 cm de diâmetro, de coloração arroxeada. Pesquisas determinaram que o camu-camu possui 20 vezes mais vitamina C (ácido ascórbico) do que a acerola.

Dizem os especialistas que 90% do que os animais comem também pode ser consumido pelos seres humanos. A bela fruta de um roxo intenso e sabor levemente ácido mas agradável não era "*CAL*" – Cabeluda, Amarga ou Leitosa.

No Curso de Operações na Selva, do CIGS, haviam-nos ensinado que se uma fruta apresentasse essas três características não se deveria comê-la embora a existência de apenas uma ou duas dessas características não a tornasse, necessariamente, imprópria ao consumo.

Aguardei até o Dr. Marc aparecer e como as antigas fotos da Ilha eram muito diferentes da aparência que ela tinha hoje resolvi explorar sua ponta de jusante que a foto do Google Earth mostrava estar coberta pela mata mas que segundo as leis da hidrodinâmica poderíamos encontrar um banco de areia onde seria possível aportar e nos refrescar dentro d'água à sombra das árvores.

Assim que iniciamos a descida surgiram os "*Camaradas*" logo a montante da Ilha. Aguardamos a dupla na ponta de jusante um bom tempo e como eles não aparecessem deduzimos que tinham aportado na Ilha. Descemos lentamente e estacionamos na margem direita do Rio ainda aguardando os "*Camaradas*". O Dr. Marc, enquanto isso, aproveitou para contatar o pessoal de terra, através do telefone satelital, repassando nossa posição atual. Finalmente apareceram os "*Camaradas*", o Jeffrey tinha aproveitado para realizar algumas filmagens desde a Ilha do Cotovelo e por isso tinham demorado tanto.

Relata o Cel Angonese:

> Nós encontramos uma montaria [embarcação a remo construída de um tronco de árvore] com uma senhora, uma criança de colo mais 4 crianças. Moravam nas imediações da Ilha do Cotovelo. O chefe da família, Sr. Francisco, era um dos últimos que continuavam com a antiga profissão de seringueiro. Todo dia partia em sua trilha percorrendo seu seringal colhendo o látex daquelas árvores que renderam tantas divisas ao Brasil e que agora tão poucos se dedicam a esse trabalho. A técnica de preparo foi aperfeiçoada dos antepassados. Antigamente a "*pela*" era preparada na fumaça de um fogo lento. Agora o látex é colocado em um recipiente e endurecida com coalho. O seringueiro do Rio Roosevelt está vendendo seu produto a R$ 4,50 o kg do látex.

Recordemos brevemente, já que discorremos exaustivamente sobre o tema no Livro "*Descendo o Juruá*", o processo de preparação da "*pela*".

Preparação da "Pela"

Antigamente para colher a goma, cingia-se a árvore com um cipó que envolvia o tronco obliquamente a um metro e setenta do solo até o chão onde era colocado um pote de argila. Eram, então, feitos diversos cortes na casca acima do cipó que aparava a seiva e a conduzia até o pote. Este processo de sangria exagerada, conhecida como "*arrocho*", acabava matando a árvore e foi abandonado há muito tempo. Com o passar dos anos o método tornou-se mais racional visando preservar a integridade da "*árvore da vida*". O seringueiro parte, de seu tapiri, a cada dois ou três dias, de madrugada, carregando todos os seus apetrechos pela "*estrada*".

Este intervalo, antigamente desrespeitado, permite à árvore se recuperar da última sangria. O seringueiro para, em cada seringueira, e parte para a extração da seringa que é feita através de pequenas incisões de 25 a 30 cm descendentes e paralelas na casca da planta, que começam a uma altura de aproximadamente 2 m acima do solo. Une depois, cada uma das extremidades inferiores dos cortes através de um corte vertical para que o látex escorra por ele para a cuia. A cuia é embutida na casca cortada com essa finalidade ou mediante o emprego de argila. Os cortes são feitos, normalmente até as 11h00, em todas as árvores da "*estrada*", exceto nos meses de agosto e setembro época da floração. Por volta do meio-dia ele começa a recolher as cuias despejando o látex coagulado em um balde ou em um saco "*encauchado*" ([151]).

À tarde, por volta das 14h00, volta para o rancho, almoça e dá início à defumação do material recolhido que leva umas duas horas para ficar pronto. O fogo é feito debaixo da terra para que a fumaça saia por um furo ao nível do chão.

A melhor fumaça é a de coco de babaçu, mas, no Rio Purus usava-se para esta operação os frutos da palmeira urucuri; no Rio Autaz os da palmeira iuauaçu e no Rio Jaú e onde estas palmeiras são mais raras utilizavam-se madeiras como a carapanaúba e a paracuúba. A bola de borracha ("*pela*") é rodada em volta de uma vara de aproximadamente um metro e meio de comprimento chamada "*cavador*". Para iniciar a bola enrola-se na vara um "*tarugo*" de goma coagulada no qual o leite gruda facilmente.

---

[151] Encauchado: impermeabilizado com látex.

O seringueiro vai despejando o leite com uma cuia ou uma grande colher de pau, ao mesmo tempo em que gira o "*cavador*", a parte líquida se evapora imediatamente, e forma-se uma fina camada de goma elástica, e a bola vai engrossando, cada dia um pouco mais.

Uma "*pela*" pronta, depois de vários dias, pesa em média de 50 quilos, é, então, exposta ao sol, quando toma a coloração escura e assim permanece até ser comercializada.

Látex "in natura"

Os seringueiros transferem o látex coletado para "*bombonas*", que serão enviadas para a fábrica, estes recipientes contêm hidróxido de amônia, composto altamente tóxico, que preserva o leite, durante alguns dias. Caso o látex seja conservado "*in natura*" por muito tempo depois de extraído o produto coalha tornando-se inaproveitável tanto para a produção fabril como a artesanal.

Pouco mais de um quilômetro depois da Ilha do Cotovelo o Rio faz uma curva abrupta à direita permitindo com isso que ali se forme um belo banco de areia onde estavam pousadas diversas Talha-mares ([152]).

---

[152] Talha-mar: conhecido também como Corta-água, Corta-mar, Bico-rasteiro, Gaivota-de-bico-tesoura ou ainda Paaguaçu. A Talha-mar voa rasante à água e com a parte inferior do bico (bem maior que a parte superior) mergulhada com o objetivo de capturar pequenos peixes e crustáceos que nadam próximos à superfície.

Estávamos em pleno Parque Estadual Guariba e daqui em diante o mapa não mostrava nenhuma casa ou clareira onde pudéssemos acampar sem que fosse necessária uma derrubada de mata. A última parada possível estava situada logo adiante e que acabamos verificando se tratar de um Sítio abandonado (AC13 – 08°59’58,1” S / 60°46’01,5” O) no alto de um barranco. O Jeffrey não entendeu porque estávamos parando tão cedo depois de ter navegado apenas 25 km desde o Sítio do Sr. Arão e o Dr. Marc encarregou-se de fazer as devidas explicações. À noite o Angonese pescou um belo espécime de pirarara e algumas piranhas e o Dr. Marc aproveitou para medir a força da mordida das temíveis predadoras.

05.11.2014 (quarta-feira) – KM 509 – KM 544

Parti cedo informando meus parceiros que tentaria achar um acampamento próximo à Foz do Igarapé São Liberato, localizado no Estado do Amazonas, à uns 05 km da Fronteira Estadual entre o MT e o AM. Eles deveriam preparar-se para navegar no mínimo 35 km compensando o curto percurso do dia anterior.

Eu esperava encontrar na Foz do Liberato um banco de areia propício à montagem do acampamento tendo em vista o processo natural de assoreamento provocado por um afluente na sua Foz. O vazio demográfico impressionava, não havia viva alma por aquelas bandas. Os barrancos e a vegetação densa não mostravam nenhum lugar propício a um acampamento. Passei pela Foz de um Igarapé onde havia uma mesa na barranca, aproximei-me do local e avistei as instalações de um acampamento de pescadores dentro do Parque Estadual Guariba.

A partir das 12h30, antes mesmo de avistar a Foz do Igarapé São Liberato (AC14 – 08°45’08” S / 60°50’44,9” O), eu ziguezagueava de uma margem à outra tentando, infrutiferamente, achar um local adequado para nosso acampamento. Finalmente aproei, por volta das 13h30, para a almejada Foz esperando ali encontrar as condições adequadas para nossa estadia. Ao aproximar-me avistei um banco de areia quase ao nível d’água, arvorei remo, e ergui os olhos para os céus agradecendo ao Senhor de todos os Exércitos a bela visão. O idílico momento durou muito pouco pois ao volver novamente os olhos para a terra dei de cara com a cabeça de um enorme jacaré-açu que pescava despreocupadamente piraputangas na Boca do belo Igarapé de águas pretas. A cabeça do enorme réptil tinha uns 70 cm, e o animal ultrapassava seguramente os 5,5 metros. Com um movimento muito rápido o gigantesco sauro lançou-se às águas do Rio Roosevelt e desapareceu num piscar de olhos, não sei quem se assustou mais com a presença do outro se eu ou o colossal jacaré, que o Jeffrey teima em chamar de aligátor.

Foi o único animal deste porte avistado pela equipe em todo o Roosevelt, os demais eram pequenos e não chegavam aos dois metros de comprimento. Na minha descida pelo Rio Solimões, ao passar pela RDS Mamirauá observei e fotografei grande quantidade destes sauros gigantescos e muito gordos que ultrapassavam os seis metros, felizmente era uma área pródiga em recursos naturais e eles raramente atacavam os seres humanos. Felizmente nosso amigo não deu mais as caras e conseguimos montar acampamento e descansar sem grandes preocupações. Quando a equipe chegou eu já tinha limpado a área, montado a barraca e preparado o local do fogo.

O Cel Angonese havia pescado dois belos tucunarés mas, infelizmente, descuidou-se por um momento e uma piranha cortou-lhe o dedo, o Dr. Marc preparou-lhe um curativo bem apertado. Montei a barraca do amigo com o objetivo de poupar-lhe a mão sequelada e à noite degustamos os tucunarés assados. Assim relata o Angonese sua desdita:

> **Mordida da piranha**: Neste dia o calor estava muito elevado e depois de várias remadas os nossos cantis individuais estavam precisando de reposição. Cada integrante da Expedição portava dois cantis com capacidade de 1 litro d'água ao qual depois de cheio com a água do Rio adicionávamos um comprimido de Clorin [comprimido de cloro]. Após 1 hora a água ficava própria para o consumo. Ao avistar um Igarapé na margem direita do Rio Roosevelt (08°47'37,2"S/60°50'59,8"O) eu e Jeffrey decidimos aportar para recompletar nossos cantis e fazer uma parada para descanso. A água do Igarapé, por percorrer sempre as sombras da floresta primária é muito mais fresca que a do Rio aberto. Junto conosco também aportou o Dr. Marc e enquanto eu enchia os cantis e colocava o Clorin, Jeffrey indicou onde havia visto um salto de um peixe de grande porte.
>
> Já pensando no jantar da equipe preparei a carretilha com isca artificial de meia água e de primeira pesquei um Tucunaré de médio porte. De vereda pesquei vários tucunarés que foram soltos ficando com dois para nosso jantar. No último arremesso veio fisgada uma piranha prateada de 20 cm que quando suspensa pela isca se debateu vindo a soltar-se e mordendo meu dedo indicador da mão direita. O corte foi profundo circundando metade do dedo com grande sangramento. A hemorragia foi estancada com papel higiênico. Com meu Kit de primeiros socorros o Dr. Marc fez um bom curativo. Jeffrey

aproveitou para filmar e fotografar o ataque da piranha da Amazônia. Mesmo com o dedo latejando tive que remar até nosso local de acampamento, a Foz do Igarapé São Liberato, onde o Coronel Hiram nos aguardava.

Por estar ferido na mão direita, a equipe teve que trabalhar na montagem do acampamento com menos um integrante. Os três montaram o abrigo para o fogo, Coronel Hiram roçou a área, montou minha barraca e limpou os dois tucunarés, Jefrey juntou lenha e Marc fez fogo.

Fiz questão de assar nosso jantar que foi consumido acompanhado de farinha. Os peixes eram sempre assados com cabeça, a pedido do Coronel Hiram que as saboreava deixando apenas os ossos. Minha preocupação era a inflamação do ferimento devido a umidade e de sempre ter que fazer uso da mão para os trabalhos o que dificultava a cicatrização. Fazia dois curativos por dia sempre colocando a pomada Nebacetim o que ajudou muito na cicatrização. Ao final da Expedição o dedo estava totalmente curado.

06.11.2014 (quinta-feira) – KM 544 – KM 586

Este seria o dia mais longo de todos, teríamos de navegar 42 km até a famosa Pousada "*Pousada Rio Roosevelt*". Não havia obstáculos pelo caminho e as águas eram mais rápidas, por isso, adiantei-me para providenciar apoio para a "*portagem*" mecanizada na Cachoeira do Infernão evitando, quem sabe, o exaustivo carregamento do material por uma trilha de mais de um quilometro. Próximo ao nosso acampamento, à margem esquerda, passei por um confortável acampamento de apoio da Pousada Rio Roosevelt infestado por macacos que empoleirados numa enorme mangueira devoravam as frutas freneticamente.

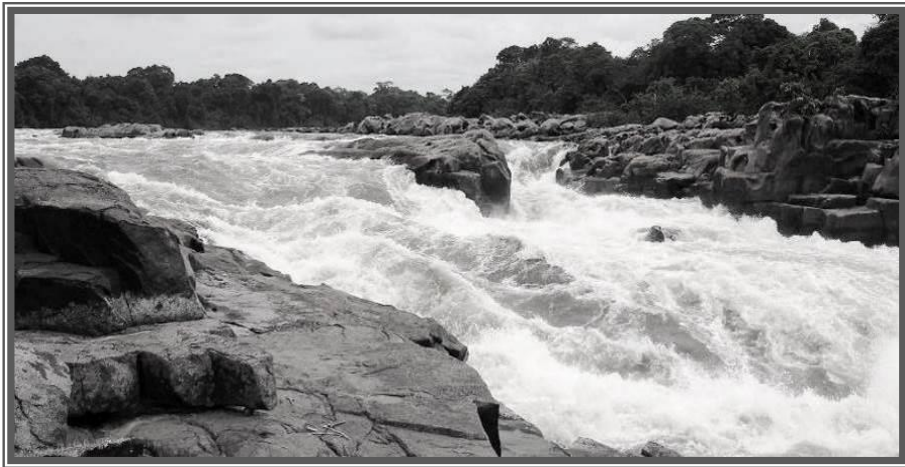



Imagem 101 – Cachoeira do Infernão (08°29’39”S/60°57’44”O)

Chegando no Infernão, aportei numa balsa próxima ao campo de pouso da pousada, e segui por uma bela e longa trilha até chegar à Pousada Rio Roosevelt. Contatei os funcionários com o intuito de conseguir, além da “*portagem*”, o pernoite e um jantar. Rapidamente resolvemos o assunto que era mais premente que era o da transposição – um trator tracionando um reboque foi deslocado para montante da Cachoeira onde ficamos aguardando os parceiros chegarem. Depois de duas horas de espera nossos novos amigos, cansados de esperar, foram com uma voadeira ver por onde eles andavam e os encontraram ainda a montante do Rio Madeirinha. Foi uma espera de mais de três horas e meia. Quando chegaram, embarcamos o material e enquanto o trator se deslocava pela trilha externa fomos pela interna destinada aos pedestres. Os companheiros ficaram radiantes ao avistarem as luxuosas instalações, infelizmente a diária individual de R$ 400,00 por apenas um pernoite compeliu-nos a montar as barracas na praia. Depois de um banho fomos convidados para jantar. O Angonese pescou uma enorme bicuda (Boulengerella maculata).

Imagem 102 – Mapa 2ª Fase (MT)

20.04.1914

– Relata Roosevelt –

20.04.1914 – Paramos na primeira casa de comercio e compramos, é claro que por alto preço, fumo e açúcar para os Camaradas que, aproveitando a abundância, comiam em excesso, e os casos de doenças se tornaram mais frequentes que nunca. Na canoa de Cherrie, só ele e o piloto podiam remar forte e seguidamente. O sortimento do comerciante era muito reduzido, era só o que restava do sortimento comprado havia um ano, pois os grandes batelões ainda não chegavam a tais alturas, Rio acima.

Esperávamos encontrá-los abaixo da corredeira do "*Inferno*", que vinha a seguir. O comprador de borracha leva seu fornecimento anual de mercadorias num batelão, partindo em fevereiro e atingindo o curso mais alto do Rio em princípios de maio, quando finda a época das chuvas. Os grupos de seringueiros são então abastecidos, e os moradores fixos adquirem o que necessitam e mais as coisas supérfluas de seu agrado.

A safra de castanha do Pará tinha falhado aquele ano no Rio, coisa séria para todos os desbravadores do Sertão. Neste dia, fizemos a mais extensa jornada de todas: 52 km. Lyra tomou a altura de nosso acampamento, que era de 08°49' S.

Naquele lugar, o Rio, belo e majestoso, media 300 m de largura. Ficamos numa casa abandonada. Os vestígios deixados pela enchente indicavam que as águas haviam subido, havia apenas dois meses, até inundar a parte mais baixa da casa. A diferença de nível das águas da época das cheias para a da estiagem é extraordinária. (ROOSEVELT)

– Relata Roosevelt –

20.04.1914 – Tivemos, hoje, uma jornada muito satisfatória e só uma ou duas vezes o Rio apresentou leves ondulações nos Rápidos. Nos Rápidos Panela, conseguimos comprar algumas bananas, cana-de-açúcar, muitos limões, mandioca, duas ou três galinhas e um pato.

Perto das 12h00, chegamos a uma loja onde compramos leite condensado, açúcar, arroz e tabaco. Temos agora, em abundância, todos os alimentos necessários. Nosso progresso, hoje, foi maior do que esperávamos, na verdade, o melhor que já fizemos – 52 km. O Tenente Lyra fez algumas observações astrais para Latitude – 08°49’S. Estamos exatamente na linha de fronteira entre os estados do Amazonas e Mato Grosso. [...] (CHERRIE)

21.04.1914

– Relata Rondon –

21.04.1914 – No dia 21 partimos do Barracão do Sr. Benevenuto e passamos pela antiga Barraca do Bagaço, lugar aproximado do paralelo de 08°48’, por onde corre a linha divisória de Mato Grosso e Amazonas, idealmente traçada de Santo Antônio do Madeira à nascente do Uraguatás, afluente do Tapajós. Prosseguindo a viagem, às 16h00, avistamos, pela margem esquerda, a Foz do Madeirinha, outro afluente do Rio Roosevelt, situado a 519.875 metros da Linha Telegráfica. No ponto em que o vimos, tem esse tributário a largura de 80 m, e as suas águas, na estação chuvosa, podem ser navegadas por canoas até as mais altas cachoeiras. Nele há vários estabelecimentos de seringueiros, e os índios que o habitam, os Urumis, são de índole branda, e aceitam o convívio dos civilizados.

Um pouco abaixo da Barra do Madeirinha existe a cachoeira chamada do Infernão, formada por um afloramento de granito. Aí as canoas precisam ser esvaziadas e as cargas transportadas por terra. Para facilitar esse trabalho existe na parte superior da cachoeira um Barracão, cujo administrador foi soldado do exército. [...] As nossas observações acusaram para a latitude o valor de 08°29'27,4" e para a longitude, a O. do Rio, o de 17°29'39". [...] Pernoitamos no estabelecimento do Infernão, a 523.325 ([153]) metros do Passo da Linha Telegráfica, visto não ter sido possível varar as canoas nessa mesma tarde. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

21.04.1914 – Neste dia, fizemos outro bom avanço, chegando à corredeira do "*Infernão*" [...] Antes de chegarmos àqueles Rápidos, havíamos parado numa ampla e aprazível casa coberta de folhas de coqueiro, onde conseguimos uma canoa bastante grande e espaçosa, e leve de manejar, deixando ali nossas duas canoas menores. Acima da corredeira, entrava pela esquerda um Rio pequeno, o Madeirinha ([154]). Os Rápidos venciam uma diferença de nível de mais de dez metros e as águas precipitavam-se bravias. Se fôssemos os primeiros a afrontá-las, sem dúvida, perderíamos muitos dias para achar uma passagem, e quantos perigos e fadigas não passaríamos para fazer descer as canoas. Mas já não éramos pioneiros exploradores de terras desconhecidas. Era fácil andar por onde outros já definiram o caminho. Tínhamos como guia um homem prático, e as cargas foram baldeadas por um caminho de três quartos de quilômetro; quanto às canoas, foram descidas por canais conhecidos, na manhã seguinte.

---

[153] Segundo nossas medições 586 km.
[154] Madeirinha: Foz – 08°31'05" S / 60°57'25" O.

Na base da corredeira, havia uma grande casa com um negócio, mas, acampados acima, estavam alguns seringueiros à espera dos grandes barcos dos "*aviadores*" seus chefes, para os conduzirem para cima. Era um grupo de aventureiros audazes, que levavam uma vida penosa, cheia de perigos e trabalhos, e em que de contínuo se defrontavam com a morte – e que também pouco valor davam à vida dos outros. Não era pois de admirar que, por vezes, surgissem conflitos com tribos de índios inteiramente bravios com que entravam em contato, embora também eles tivessem no sangue boa dose de sangue indígena. (ROOSEVELT)

– Relata Cherrie –

21.04.1914 – Tivemos outro bom dia de navegação e esta noite estamos acampados a jusante dos Rápidos "*Infernão*". Nossa carga foi toda levada para baixo, mas as canoas irão somente amanhã. Este é um dos mais perigosos Rápidos encontrados aqui nos trechos inferiores do Rio. A cerca de uma hora acima do "*Infernão*", trocamos as duas das canoas que nos serviram tão bem por um barco maior. Uma das canoas tinha sido uma das últimas fabricadas e a outra era ainda do lote original. Agora permanecemos apenas com uma das "*balsas*" que pertencia ao lote original. O Cel Roosevelt está muito bem e sua perna melhorou consideravelmente; mas ele ainda é um homem bastante doente. Ele come muito pouco, emagreceu tanto que suas roupas mais parecem sacos penduradas nele. Kermit e eu compramos, na lojinha daqui, uma garrafa de vermute italiano. Custou 10.000 Réis. Mas o preço valeu a pena! Este ponto já foi visitado por outro engenheiro brasileiro ([155]) que determinou ser sua Latitude 08°19' S. (CHERRIE)

---

[155] Ignacio Moerbeck.

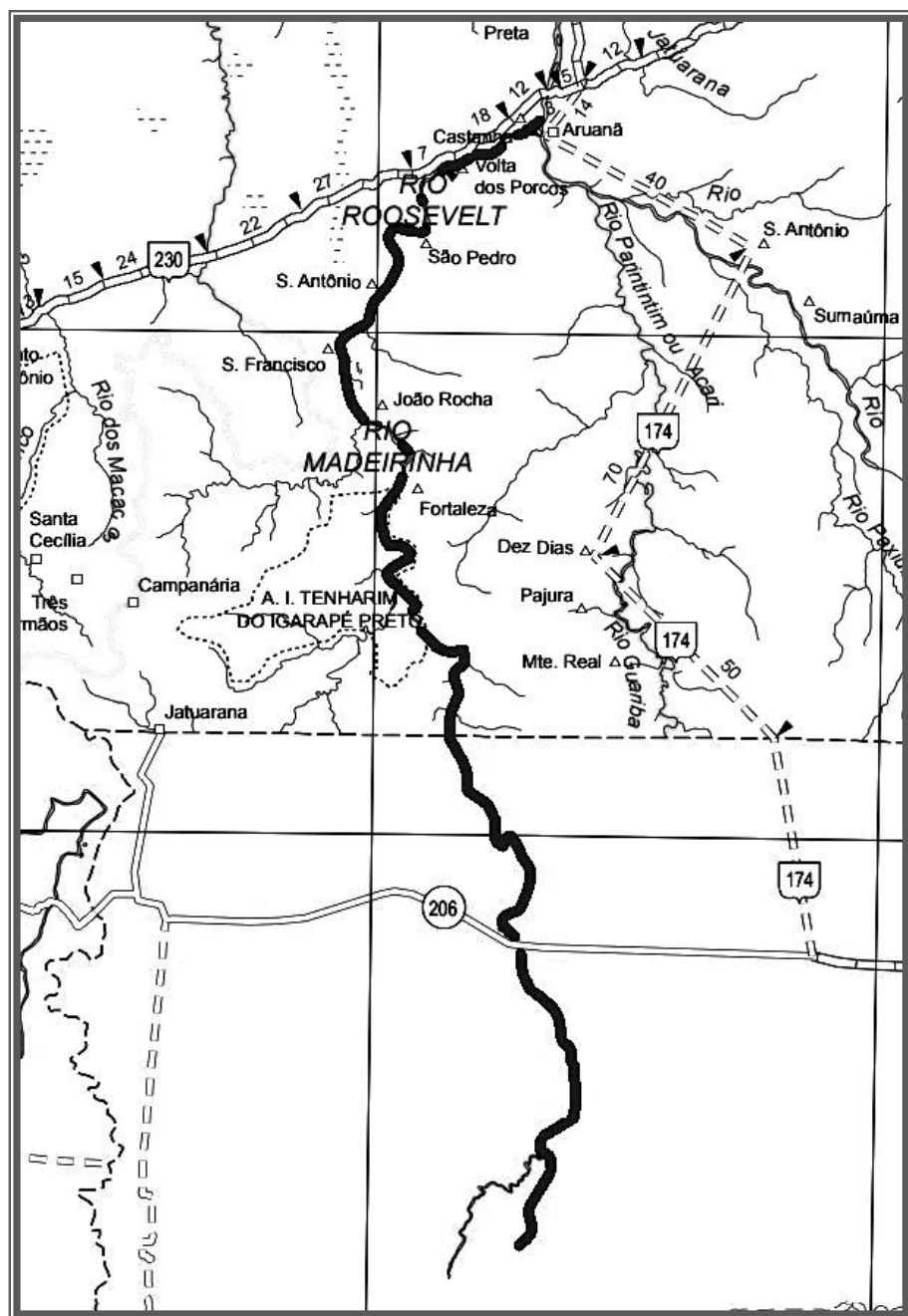



Imagem 103 – Mapa 3ª Fase (MT)

Imagem 104 – Sítio abandonado

Imagem 105 – Sítio abandonado

Imagem 106 – Acampamento de Pescadores dentro do Parque

Imagem 107 – AC de Apoio da Pousada Lodge Roosevel

Imagem 108 – Cachoeira do Infernão

Imagem 109 – Roosevel River Lodge

Imagem 110 – Cachoeira do Infernão

Imagem 111 – Cachoeira do Inferninho

Imagem 112 – Cachoeira do Inferninho

Imagem 113 – AC de Apoio da Pousada Rio Roosevelt

Imagem 114 – Suíte – Pousada Rio Roosevelt

Imagem 115 – Cel Angonese no Rio Machadinho

Pousada Rio Roosevelt – Aripuanã

Uma jornada de mil milhas
começa com o primeiro passo. (Confúcio)

07.11.2014 (sexta-feira) – KM 586 – KM 612

O dia iniciou com a passagem dos Rápidos do Infernão. Tínhamos deixado para trás a Cachoeira mas não seus Rápidos. Fui à frente reconhecendo as possibilidades que são muitas tendo em vista a largura do Rio chegar a 800 metros permeada de ilhas e rochedos, felizmente ultrapassamos sem maiores dificuldades os obstáculos apresentados. Relata o Angonese:

> Quase virada da canoa e queda do Jeffrey: Nos despedimos dos integrantes da Pousada Roosevelt com o Coronel Hiram à frente escolhendo as melhores rotas já que ainda estávamos dentro do complexo da Cachoeira do Infernão, e como o nome já diz, são águas não confiáveis. Num dos últimos rápidos deste complexo de desníveis acentuados, onde redemoinhos e ondas laterais desestabilizavam a embarcação (08°29'38,5" S / 60°58'04,6" O) a canoa inclinou ejetando o Jeffrey na água. Com a queda dele a canoa voltou ao normal onde pude conduzi-la a salvo até uma praia próxima. O Jeffrey foi socorrido pelo Cel Hiram que o rebocou de caiaque. Neste episódio a máquina fotográfica profissional do Jeffrey ficou mergulhada, chegando a encher o visor de água. Imediatamente abri a carga que estava amarrada da canoa e enquanto o Jeffrey tirava a água do fundo com uma caneca eu comecei meus procedimentos de manutenção da máquina. Saqueia a bateria, tirei a fita de tiracolo, envolvi em uma camisa limpa e coloquei num saco com o arroz que ficaria lacrado por três dias [o arroz tem propriedade higroscópica].

Cachoeira da Glória

Logo adiante, a 3 km, a Cachoeira da Glória, que se estende por quase 2 km, cujas corredeiras podem ser transpostas facilmente exceto a que fica a meio curso dela (08°28’18,5” S / 60°58’37,4” O). Parei em umas pedras (08°28’48,8” S / 60°58’40,0” O) antes da curva à esquerda onde se iniciam os rápidos e aguardei o Dr. Marc se aproximar. Informei-lhe que ele devia colar na margem esquerda logo depois da curva e me acompanhar até onde eu aportasse. O Dr. Marc fez a curva aberta demais e teve, depois, de passar por uma rota menos segura, pedi a ele que orientasse os “*Camaradas*” e que eles aportassem em segurança logo adiante porque eu precisava fazer um reconhecimento à frente. Desembarquei na margem esquerda para reconhecer o melhor ponto de passagem e depois me desloquei até meus parceiros informando-lhes que iria atravessar e verificar se era seguro eles descerem por ali também. Coloquei a saia no caiaque, por precaução, e atravessei a torrente veloz, o problema não era a queda nem a velocidade das águas eram os grandes redemoinhos que se apresentavam logo depois, o rebojo formado por eles poderia provocar um desastre.

Aportei mais adiante e pedi que eles viessem para a margem esquerda onde transporíamos as embarcações à sirga. Felizmente conseguimos vencer esta etapa sem grandes problemas.

Cachoeira do Inferninho

Navegamos em águas calmas, pelos dez quilômetros de uma longa curva à esquerda, antes de encontrar o “*Inferninho*”, que também se estende por uns dois quilômetros.

Fui à frente e a primeira passagem à esquerda foi simples, mas os obstáculos se sucediam e, em um deles, tivemos de usar o recurso da sirga por garantia para transpor a canoa. Foram muitas as surpresas, não tive tempo de reconhecer cada passagem, demoraria demais, então atravancamos. Depois do Inferninho encontramos mais algumas rochas e rápidos que não apresentavam nenhuma dificuldade. Aportei em uma Ilha (08°22'11,2" S / 60°59'42,8" O) onde decidíramos acampar e embora tivesse sugerido aos "*Camaradas*" o uso da sirga em um local bastante seguro para isso eles preferiram realizar a passagem à remo. Ganhavam confiança, dia-a-dia, nossos "*Camaradas*" depois de enfrentar tantos desafios. Foram 26 km de pura emoção.

08.11.2014 (sábado) – KM 612 – KM 642

O dia anterior tinha sido cheio de emoções em vivo contraste com o de hoje que transcorreu num marasmo só. Eu tinha programado alcançar a Foz do Rio Machadinho (08°10'38,4" S / 61°01'51,7" O) que estava a exatos 30 km da Ilha onde acampáramos. Segundo informação dos funcionários da Pousada Rio Roosevelt alguns metros a montante do Machadinho e na mesma margem estava localizado o Acampamento de apoio da Pousada Rio Roosevelt onde poderíamos pernoitar.

Cheguei cedo, a cozinha e casa de hóspedes estavam fechados com cadeado, os dois aposentos destinados aos funcionários, porém, estavam abertos. Depois de colocar a barraca para secar fiz uma faxina nos quartos e montei a barraca em um deles. Tomei um bom banho de chuveiro, a caixa d'água estava abastecida, e fiquei aguardando meus parceiros.

Ame o seu próximo como a ti mesmo.
(Bíblia Sagrada – Mateus 22:39)

O Jeffrey montou a barraca no outro aposento espalhando seu material por todo canto. O Angonese ia dormir no mesmo aposento que eu e não sobraria espaço para o Dr. Marc montar sua barraca no aposento em que estava o Jeffrey. Nosso caro Mestre já estava montando, resignadamente, sua barraca ao relento quando resolvi organizar as coisas.

Reposicionei a barraca e as tralhas do Jeffrey e coloquei a barraca do Angonese que era menor que a do Dr. Marc no mesmo cômodo e com isso o caro Mestre podia ocupar confortavelmente o mesmo aposento que eu. Desde pequeno meu velho pai me ensinou a olhar ao redor e verificar se minhas ações poderiam estar causando algum transtorno ao próximo.

Coisas simples como num dia de chuva, portando guarda-chuva não andar sob as marquises – deixe-as para quem está desabrigado, em um supermercado, ao parar, cole o carrinho junto aos balcões e entre dois produtos expostos, assim você não interrompe o tráfego e não bloqueia o acesso das pessoas aos gêneros. Infelizmente o individualismo parece estar cada vez mais e mais presente nas ações das pessoas de todas as classes sociais que jamais se preocupam com o coletivo. Os japoneses, na última Copa aqui no Brasil, foram os verdadeiros campeões ao recolher o lixo deixado pelos torcedores relaxados.

O Angonese pescou 12 belos tucunarés no Machadinho, em apenas 30 min, soltou dez e separou dois belos espécimes para degustarmos no nosso *"almojanta"*. Limpei os peixes e o Angonese assou-os.

Relata o Cel Angonese:

> Foz do Machadinho: Neste final de jornada, descarregamos a carga da canoa e montamos as barracas. Com a canoa vazia remei 200 metros a jusante do acampamento até a Foz do Igarapé Machadinho. Lá avistei uma família de Ariranhas que se afastou com a minha chegada. Preparei a carretilha com uma colher. Comecei os arremessos e em duas fisgadas peguei dois belos tucunarés que foram reservados para nosso jantar. Para aproveitar o local piscoso, troquei a isca para uma colher sem farpa no anzol. Por ser um lugar de difícil acesso havia um grande cardume na Boca do Igarapé. Pesquei 12 tucunarés de grande porte além de outros pequenos e também bicudas. Apesar do cansaço, os arremessos e as recolhidas carregaram minhas baterias. Não podia desperdiçar esta oportunidade. Retornei para o acampamento onde o Coronel Hiram eviscerou os peixes para assá-los para o nosso jantar. Mais uma vez as cabeças faziam parte do cardápio.

09.11.2014 (domingo) – KM 642 – KM 676

Parti cedo, como de costume e parei na casa do Dr. Rogério para um café. Os paranaenses parecem se adaptar excepcionalmente na Amazônia. Parti logo em seguida pois queria achar um local confortável para acampar. Eu marcara umas ilhas de pedra a 34 km de onde pernoitáramos como ponto mais curto para acampar e caso o local não fosse satisfatório eu iria continuar procurando avante. Relata o Cel Angonese:

> Dr. Rogério: Ao avistarmos uma bela residência de grande porte, aportamos para descanso e colher informações. O local estava sendo construído para ser uma futura pousada de pesca com acesso pela

cidade de Santo Antônio de Matupi [KM 180 da Transamazônica], de propriedade do Dr. Rogério, Médico desta mesma cidade. Seus familiares estavam presentes por ser um domingo. Nesta ocasião sua esposa fritou alguns pastéis que foram devorados pelos remadores. Dr. Rogério e seu sócio Marcos mostraram dois objetos encontrados no leito do Rio Roosevelt: uma garrafa de barro onde estava escrito AMSTERDAM e uma garrucha muito antiga que nos foi mostrada e registrada pela equipe.

Novamente a equipe demorou-se para sair e parou tempo demasiado na casa do Dr. Rogério, o resultado dessa combinação fatídica de atrasos foi que enfrentaram fortes ventos de proa que os impediu de prosseguir até que a ventania diminuísse seu ímpeto. Eles vinham dando oportunidade, desde o início da Expedição, para que isso acontecesse e apesar de tudo continuaram a agir de igual forma do primeiro até o último dia de viagem.

Eu tinha chegado cedo à referida Ilha de Pedras (07°55’54,3”S/60°59’52,8”O), antes das 11h00. Preparei o local do fogo coloquei os esteios para fixação da lona, colhi lenha para o fogo, cobri a lenha com um plástico, fixei a trempe, montei minha barraca, lavei minhas roupas, tomei banho, troquei a roupa e nada do restante da equipe chegar. Os Camaradas chegaram somente por volta das 17h00 e o Dr. Marc visivelmente cansado, chegou logo depois, achando que tinha sido deixado para trás e quase resolvera acampar em outro local. A desorganização pode provocar fadiga e os dois juntos levam-nos a tomar decisões que podem comprometer a segurança e o bom andamento de um projeto. Eu sabia que isso viria a acontecer mais cedo ou mais tarde se não corrigíssemos alguns desvios de conduta.

10.11.2014 (segunda-feira) – KM 676 – KM 701

Parti sozinho por um longo Estirão, quase 10 km, e logo depois de uma suave curva à esquerda avistei, à margem direita, a Foz do Igarapé Caripe ([156]) e estava passando por umas pequenas corredeiras quando ouvi um grito, olhei para trás e só então enxerguei, à margem esquerda, a Casa de Apoio que um ribeirinho, que passou por mim de voadeira, mencionara no dia anterior, quando cruzara por mim na sua voadeira.

Voltei e depois de aportar fui até a casa onde ficamos conversando durante algum tempo, ele me informou que por ali passara, também, a equipe capitaneada pelos americanos Paul Schurke e Dave Freeman mas que ao contrário da nossa desciam juntos e se comunicando pelo rádio durante todo o tempo. O prestativo amigo reforçou, mais uma vez, que na Cachoeira do Infernão eu deveria procurar apoio do caseiro Kleber que trabalhava na Pousada do Vitão. Orientou-me à respeito da localização da trilha que permitiria contornar a Cachoeira Carapanã. Despedi-me do prestativo ribeirinho e continuei minha descida.

A pouco mais de 01 km, Rio abaixo, passei à direita da Ilha Santa Rosa, que tem uns 03 km de comprimento, e onde o Rio apresenta sua largura recorde de 1,3 km. Após a Ilha o Rio inflete para a direita, as águas calmas prenunciam um grande obstáculo mais à frente, a região é muito bela e tranquila o som das águas revoltas ainda não chegaram aos meus ouvidos.

---

[156] José Caripe: foi nessa região que a Expedição original encontrou o Sr. Caripe proprietário de um armazém e que Cherrie afirmou que "*imperava como o Rei da extração da borracha*" no Rio Roosevelt.

Mantenho a rota junto à margem esquerda conforme me orientara o paranaense Marcos que trabalhava com o Dr. Rogério. Vou margeando uma grande Ilha à minha direita até avistar a entrada da referida Trilha (07°47’41,3” S / 60°54’48,1” O). Foram apenas 25 km de navegação. Desembarco e ando pela trilha mais de 03 km (seis de ida e volta) e não encontro nada, meus informantes não haviam me repassado as distâncias, volto e resolvo navegar mais à frente e encarar a famosa Cachoeira do Carapanã.

Embora a largura de margem a margem ultrapasse os 700 m, grande parte do caudal é carreado, graças a um infindável número de ilhas e rochas de todos os tamanhos e formas, para a margem esquerda à uma velocidade impressionante. Deixo o caiaque ancorado entre as rochas e atravessado em relação à torrente para que meus parceiros possam avistá-lo à distância quando se aproximarem e vou até a margem verificar se existe alguma outra trilha mais curta. Não existe nenhuma trilha recente e a passagem embora relativamente curta (400 m) necessitaria ser aberta à facão até uma pequena praia a jusante onde mais tarde encontrei o reboque e as voadeiras do Vitão. Retorno à trilha anterior e resolvo medir a distância até a referida praia pela trilha usada pelo pessoal do manejo florestal. Foram aproximadamente 3.900 m até a praia que ficava a jusante da Carapanã e a aproximadamente 1.200 m a jusante havia outro Salto que teríamos também de desbordar. A mata fervilhava de vida, avistei pacas, cutias, caititus, mutuns de várias espécies, bandos de jacamins, macacos prego, aranha e barrigudos, ouvi, também, o barulho de um animal rompendo a mata em desabalada carreira que só podia estar sendo produzido por uma anta, enfim um paraíso ecológico sem precedentes.

Voltei até a margem onde deixara meu caiaque e lá encontrei meus parceiros, eu tinha acabado de andar mais de 15 km e estava exausto. Reportei as distâncias encontradas e afirmei que a melhor e praticamente a única opção plausível era conseguirmos apoio mecanizado com o tal do Kleber. O Angonese e o Jeffrey, depois de descansarem um pouco resolveram encarar a mesma trilha que eu percorrera sem dobrar à direita no entroncamento. Os dois retornaram à noite e o Angonese disse que andaram por volta de 10 km até chegar a uma pousada onde contataram o Kleber que ficou de conseguir algum apoio para o dia seguinte. Relata o Cel Angonese:

> Apoio do Kleber: após nos confirmar que conseguiria o apoio no dia seguinte, o Kleber nos ofereceu uma costela de boi e 16 ovos de galinha, que aceitamos de pronto. Começamos o regresso para o acampamento quando o Sol já estava se pondo, tínhamos que retornar para tranquilizar os outros remadores. A força do grupo é a união do grupo, tínhamos que permanecer unidos. Foram mais 10 km de retorno pela noite amazônica na qual o maior perigo eram as surucucus e as onças pintadas que utilizam-se da emboscada para abater suas presas, atacando pelas costas. Chegamos às 20h30 ao acampamento muito cansados depois de 20 km de marcha forçada. Imediatamente fritei a costela para não estragar e utilizar no dia seguinte e de manhã comemos uma bela omelete de desjejum.

11.11.2014 (terça-feira) – KM 701 (AC19)

Não acordamos muito cedo aguardando o desenrolar dos acontecimentos. Caso o Kleber conseguisse algum apoio ele só iria aparecer à tarde. O Dr. Marc conseguiu convencer o Angonese de reconhecer a margem direita da Cachoeira Carapanã.

Não achei viável a empreitada tendo em vista a falta de disponibilidade de tempo do Jeffrey. A "*portagem*" das próximas cachoeiras seria extremamente exaustiva e demorada demais.

À tarde, depois de permanecer um bom tempo de "*molho*" nas águas límpidas do Roosevelt, parti com o Angonese, no encalço do Kleber carregando, nas mochilas, material para acantonamento na Pousada do Vitão, se fosse o caso. Tínhamos caminhado pouco mais de dois quilômetros pela trilha quando surgiu uma camionete pilotada pelo Sr. Antônio, doravante tratado por nós de Santo Antônio.

Fomos até o porto a jusante da Cachoeira Carapanã buscar o reboque do Vitão e, em seguida, até o acampamento onde a dupla americana permanecera. Colocamos os dois caiaques no reboque e os carregamos com uma carga leve, em cima dos caiaques colocamos a canoa e o material mais pesado foi na caçamba da camionete. Passamos pela Pousada do Vitão e fomos direto até a margem do Roosevelt descarregar o material no local da partida, já que teríamos de nos deslocar para lá a pé no dia seguinte. Levamos apenas o material imprescindível de acantonamento já que na pousada encontraríamos um local abrigado e colchões. Despedimo-nos do prestativo Santo Antônio que adiara uma viagem já agendada para nos apoiar. A noite foi muito agradável, a Pousada tem uma infraestrutura privilegiada, a energia é gerada por uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH), há uma bela estrutura de madeira, com churrasqueira, mesas, enfim um fantástico restaurante encravado sobre as águas de um agradável Igarapé em plena selva amazônica.

Imagem 116 – Porto do Vitão

O Kleber cobriu-nos de gentilezas, conseguiu carne para o churrasco, arroz, ovos, enfim um jantar gastronomicamente equiparado ao do nosso amigo Jair da Buritizal.

12.11.2014 (quarta-feira) – KM 711 – KM 718

Saímos um pouco tarde da Pousada e ainda tínhamos uma longa caminhada até o Rio. Partimos do Porto do Vitão (07°42′59,9″ S / 60°55′14,6″ O) juntos já que existiam muitas corredeiras pela frente.

A uns 700 metros resolvemos, por segurança, passar à sirga sem grandes problemas e continuamos colados à margem esquerda como recomendara o Kleber, mais algumas corredeiras pequenas e de repente a temível Cachoeira Samaúma acostamos e enquanto fui à frente verificar se era possível transpô-la o Cel Angonese achou a entrada da trilha de 250 m que a desbordava. A Samaúma podia ser transposta a remo mas não com os nossos caiaques oceânicos.

Transportamos todo o material para uma agradável praia a jusante de uma pequena Capela que os ribeirinhos veneram. No jardim uma grande cruz de metal com a inscrição "*Semaúma*", e na capela, diversas muletas, pernas e braços de madeira, fotos, roupas e outros objetos ofertados por crentes agradecidos.

O Kleber havia-nos dito que "*Semaúma*" fora uma menina que morreu, há muitos anos, afogada nas águas da Cachoeira Samaúma e foi enterrada ali mesmo onde hoje é o jardim da atual Capela que mais tarde foi construída em sua homenagem. "*Semaúma*", desde então, vem operando verdadeiros milagres.

Meus parceiros ficaram aguardando na praia enquanto eu fui verificar se havia um local de passagem no Canal do Meio ou o Canal da direita já que o Angonese considerara que o da esquerda era inviável para a canoa. Aproei para montante direto para a Samaúma, eu tinha de atravessar o Rio e não queria que a força de suas águas me desviasse para jusante.

Aportei próximo ao Canal do Meio em uma zona de águas calmas e atravessei um banco de areia submerso para analisar o Canal. Tive de escalar diversas rochas para conseguir uma visada mais adequada e por fim constatei que a transposição, por ali, também era inviável.

Voltei ao caiaque e naveguei rumo à margem direita que encontrei bloqueada por rochedos. Subi o Rio margeando até que avistei, depois de uma estreita passagem, um Canal que descia sem muito estardalhaço o que poderia significar uma boa alternativa para descermos.

Aportei e novamente tive de escalar os rochedos acompanhando toda a rota até chegar a um lugar de remanso, encontrei, no caminho, uma isca artificial que depois entreguei ao Angonese, havia algumas passagens mais estreitas mas contornáveis até chegar à última abordagem que tinha duas opções, a da esquerda embora mais tranquila tinha à sua frente um paredão que bloquearia perigosamente quem por ali adentrasse e a da direita era mais estreita e de menor calado mas não tinha nenhum obstáculo à sua frente – decidi que naquele ponto cruzaríamos pela direita.

Regressei, muito cansado, até a praia e informei a meus companheiros minha decisão. Carregamos os caiaques e a canoa e partimos para a travessia do Canal da Direita. Na chegada confundi-me com uma das entradas de acesso ao Canal mas voltei a tempo de orientar corretamente os Camaradas, o cansaço começava a prejudicar meu discernimento. Fomos ultrapassando os obstáculos com sucesso até chegar ao último, antes do remanso. Os Camaradas estacionaram diante das duas opções à sua frente e embora eu já tivesse decidido que a melhor era à da direita ultrapassei-os e enveredei pela da esquerda. Passei tranquilamente pela estreita garganta mas depois fui atirado pela torrente veloz contra o paredão de arenito, a proa chocou-se violentamente contra as pedras e o caiaque adernou para a direita e inclinou-se para bombordo empurrando-me para baixo. Segurei-o firmemente, e tentando evitar que ele soçobrasse.

O Dr. Marc surgiu, não sei de onde, e me ajudou a mantê-lo fora d’água, retirei a câmera fotográfica e entreguei-a ao Dr. informando-lhe que não conseguiríamos segurá-lo durante muito tempo e a solução era empurrá-lo no sentido da corrente.

Foi o que fizemos, agarrei-me a Cabo Horn e fui conduzindo-o para uma área remansosa. Retirei a água do caiaque enquanto recuperava o fôlego. A "*portagem*", os reconhecimentos e agora esse quase naufrágio, o segundo em mais de 40.000 km de navegação em um caiaque Cabo Horn, tinham-me exaurido as poucas forças que ainda me restavam. Naveguei até as rochas onde o Dr. Marc tinha deixado minha câmera, havia perdido, nesta ocasião, meu "*Chapéu Bandeirante*" e os mapas, continuamos nossa emocionante jornada. As águas continuavam rápidas, as inúmeras ilhas só perdiam em beleza para as do Alto Rio Negro. Tivemos alguns sobressaltos aqui e ali mas nada de muito sério. Relata o Angonese:

> Cansaço: a Expedição já dava mostras de estar muito cansada. Logo após o Cel Hiram ter quase virado com seu caiaque, a nossa canoa transpôs uma cachoeira muito revolta com maestria seguindo a rota indicada por nosso esclarecedor, mas foi surpreendida por redemoinhos e correntezas de través que fez com que o Jeffrey novamente perdesse o equilíbrio e caísse n'água novamente.
>
> Consegui remar sozinho até uma praia para esgotar a água enquanto o Jeffrey era socorrido pelo Cel Hiram. Entrou um volume grande d'água na canoa mas devido a seus flutuadores laterais ela continuou aprumada. Desta feita foi perdida nas águas revoltas do Rio Roosevelt a Bandeira do Brasil que acompanhava a Expedição desde seu início na Fazenda Baliza, sempre na proa da canoa dos Camaradas. Tive a boa ventura, a destreza e a sorte de nunca ter virado com a canoa.

Para aqueles que se esforçam para preservar a tradição e os bons costumes transcrevo o belo texto que meu caro amigo Cel Eng Higino Veiga Macedo me enviou 3 anos depois:

Diálogo com o Chapéu Bandeirante

Dia 13 de julho de 2017, cinco da manhã. Barulho na parte alta do guarda roupa do quarto. Um barulho diferente! Alguém batia com insistência de dentro para fora. Pensei estar sonhando.

Pensei em pesadelo. Batida insistente como se fora gente de fora chamando gente de dentro, como nas casas da Arte Real. No guarda roupa algumas lembranças da caserna: Chapéu Bandeirante, facão, coldre sem arma, placas de OM onde servi...

Meus troféus de guerra, como disse um sapador. Fiquei intrigado, pelo bater e pelo horário: cinco da manhã. O horário é o meu horário de levantar todos os dias, mesmo que me deite às três. Adestramento "*pavloviano*" dos tempos de Tenente de trecho. Nem a idade apaga. Ficou instintivo. Abri a portinhola. Um susto e uma surpresa.

Um susto: quem batia era o meu último e velho Chapéu Bandeirante. Um tanto amassado, manchas de barro, carneira rota, barbela desfiando... Uma surpresa: ele falou comigo.

– Bom dia combatente! Há quanto tempo você não me procura! Anda sumido!

– Bom dia! É companheiro, depois da reserva, não há como desfrutar de tua sombra! E nem usar de teu prestígio, embora reconheça em você o mais perfeito símbolo militar das Armas. Você faz parte do traje. Os demais são de uso. Desculpe, a mim e a todos: não é desprezo. É relaxo.

– Sabe que dia é hoje, estradeiro? Hoje, dia 13 de julho de 2017?

Pensei em datas nacionais e não encontrei nada.

Pensei em aniversariante da turma... nada! Aniversariante da família... também, nada!!! Mês de julho não tem feriado, pensei rápido.

– Meu amigo de grandes e longas jornadas, por mais que eu pense não consigo me lembrar de nada: de feriado, de dia santo, de efemérides! Ajude o já ancião, que chega à casa dos setenta anos!

– É... sinto–me esquecido. Hoje completo meio século que fui adotado na nossa Arma de Engenharia – dia 13 de julho de 1967. Você, agora velho estradeiro, ainda era "*bicho*" na AMAN. Aflito, aguardava resultado do "*Carro de Fogo*"...

  Naquela data, sem pompa e sem discursos, foi autorizado meu uso. Nem poderia ser diferente. Havia muito serviço em muitas frentes. Lá, quando comecei a trabalhar, tudo era muito pragmático, sem tempo para cerimônias. Você conhece bem minha história. Andou farejando sobre minha origem!

– É claro que te conheço! Você foi incorporado no 5º BEC, por ordem do então comandante Carlos Aloysio Weber, cognominado Alemão. Tentei resgatar teu valor como símbolo. Farejei até tua chegada ao Nordeste. Na verdade, pensei que motivaria algumas autoridades para te fazer uma sagração, tanto em Porto Velho quanto nos quartéis onde te usam, de vez em quando, né? Vou te mostrar até uma fotografia onde tu foste apresentado fora do Batalhão, lá no Rio de Janeiro. Em tua homenagem, deixarei os nomes dos que te ostentavam.

Confesso que já quase não segurava as lágrimas. Senti–me um ingrato. Via nele um ícone sagrado. Desvalorizado.

– Pois é amigo, pensei que teu aniversário fosse se transformar em uma efeméride da Arma Azul Turquesa, mas como sempre, minhas ideias acabam por ficar sepultadas em algum lugar. Eu queria que você fosse usado diariamente, como te usei no Acre e em Rondônia: no trecho, na sede, na guarda de honra, no desfile de sete de setembro... De oficial de Dia! Há coisa mais majestosa que um oficial de Dia? Mas, o que tenho visto é você ser usado apenas no Dia da Engenharia, nas formaturas. Também acho que você é pouco cultuado como Símbolo da Arma. Símbolo de trabalho, abnegação, desenvolvimento, esperança. Símbolo é o que contém uma filosofia em si mesmo. Queria que comemorassem teu aniversário. Feliz aniversário! Muitos anos de vida. Cinquenta anos são meio da vida... Quem sabe um dia se crie o teu dia! E você continua uma lenda, um ícone, um exemplo... como nos Velhos Tempos... Felicidades meu velho Chapéu Bandeirante.

Por fim o Angonese, que tinha uma 2ª via dos mapas, optou por parar numa extensa faixa de areia (07°40'46,8" S / 60°53"16,9" O). Coloquei meu material para secar e ajudei o Angonese catando lenha e na proteção do fogo. Ouvíamos o ruído dos motores que passavam na BR-230 distante apenas 1.300 m de onde estávamos e, de repente, escutamos, pela primeira vez no Rio Roosevelt, o bufo conhecido de um boto-vermelho ([157]) macho.

A presença de um boto em qualquer região é o prenúncio de navegação tranquila a jusante. As cachoeiras são barreiras geográficas que os botos não conseguem transpor, portanto, isso significava que a partir dali até o Rio Madeira não existia nenhum obstáculo significativo à navegação.

---

[157] Boto-vermelho: Inia geoffrensis.

A título de ilustração gostaria de citar o caso do Rio Madeira, onde existem duas espécies de botos-vermelhos que estão separadas por estas barreiras geográficas. No Alto Madeira, existem 16 cachoeiras que separam duas espécies distintas – a Inia boliviensis *"endêmica"* da região acima das cachoeiras, e a Inia geoffrensis, abaixo delas. Os Sistemas de Transposição de Peixes construídos nas Hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio levaram em conta esse fator impedindo, como antes, que os botos, que vivem a jusante destes obstáculos naturais, possam utilizar, agora, estes sistemas para subir o Rio, comprometendo todo o ecossistema a montante das Hidrelétricas.

Esta realidade poderá ser alterada num futuro próximo quando a Hidrovia do Madeira for definitivamente implantada. As eclusas vão permitir que os mamíferos aquáticos e peixes as usem para alcançar áreas onde antes a natureza se encarregara impedir. Percorrêramos apenas 07 km.

13.11.2014 (quinta-feira) – KM 718 – KM 747

Último dia de navegação no Roosevelt foram 21 dias de muita emoção, aprendizado e camaradagem, com uma breve interrupção de dois dias entre a 1ª e 2ª Fase, totalizando 23 dias. Cada remada fazia–me recordar a determinação e coragem de um veterano que do alto de seus 68 anos abandonou o conforto e a tranquilidade da longínqua Califórnia para se aventurar nos ermos sem fim de um Rio tumultuário, inóspito por vezes, mas pleno de vida e de uma beleza sem par. Rarefeito em termos de população mas não de hospitalidade, encontramos em cada lar, em cada parada uma mão estendida pronta para dividir conosco o pouco que tinham.

A cordialidade típica do ribeirinho sempre me encantou em cada uma de minhas amazônicas jornadas e continua me maravilhando. A coragem desses homens e mulheres capazes de sobreviver com tão pouco esbanjando tanta alegria e afetividade.

Tenho certeza de que este velho Mestre brasileiro de coração e americano por adoção guardará eternamente com muito carinho a odisseia que cumpriu com a fibra e determinação inquebrantável de um guerreiro Mundurucu de outrora e a serenidade ancestral dos Lamas tibetanos. Obrigado, mais uma vez, Dr. Marc pelo convite. Como disse antes mais uma convocação do que um chamado, foi um privilégio participar com o amigo desta épica jornada.

O Angonese, velho amigo, companheiro de outras jornadas, não me surpreendeu, apenas confirmou ser um militar de escol, competente como "*Jungle Expert*" e remador audaz. Parceiro para todas as missões, não mediu esforços para que conseguíssemos abreviar o tempo de deslocamento e nos tranquilizasse quanto à segurança e destreza que imprimia na condução da pesada e pouco manobrável canoa. O Angonese permitiu que variássemos nosso cardápio da ração americana liofilizada trazida pelo Dr. Marc, com saborosos carreteiros e, principalmente, no Médio e Baixo Roosevelt, com peixes pescados e assados por ele próprio.

Nas proximidades da Confluência do Aripuanã encontramos alguns pescadores, que estavam hospedados na Pousada Amazon Roosevelt, que nos presentearam com refrigerantes gelados – muito bem vindos. Aportamos no trapiche da Pousada depois de percorremos 29 km.

Nesta pousada, diferente da anterior, o Gerente foi bastante solicito e embora estivesse com a lotação esgotada permitiu que acampássemos nas imediações e desfrutássemos das comodidades das instalações sanitárias, área de lazer e refeições junto com os demais hóspedes.

O Dr. Marc, o Cel Angonese e o Jeffrey foram até a Balsa (Vila do Carmo), Rio Abaixo, combinar com o "*Pelado*" nossa viagem de camionete até Humaitá onde estaria esperando-nos o Sgt BM Douglas para conduzir-nos até Vilhena. Preferi relaxar e permanecer na área de lazer da pousada, minha missão, finalmente, estava concluída.

Nas minhas outras descidas a programação geral, as metas diárias enfim todas as variáveis eram decididas apenas por mim. Nesta missão o Dr. Marc era o coordenador e eu tentei me ater tão somente à segurança no deslocamento, escolha dos acampamentos e contatos prévios para transposição das cachoeiras. É difícil, para alguém acostumado a liderar, transformar-se, de uma hora para outra, em apenas mais um membro da equipe, tentei cumprir meu papel, por vezes bufei, mas acho que no final conseguimos chegar a um consenso.

Agradeço aos meus parceiros a compreensão e a paciência. Minha intransigência quanto aos horários e distâncias diárias a serem percorridas visava tão somente acelerar nossa progressão o suficiente para que, ao enfrentar as grandes Cachoeiras como Carapanã, Apuí e Samaúma tivéssemos tempo suficiente para analisá-las e transpô-las, sem necessitar de socorro de terceiros, desfrutando das suas belezas naturais e curtindo seus desafios.

Em relação aos equipamentos eletrônicos, que tanto sofreram com a umidade e foram salvos, algumas vezes, pela receita caseira do Angonese – deixar que o arroz lhes absorva a umidade, cito Luiz Cruls:

> O caráter mais saliente de toda a região do "*Amazonas*" é a excessiva umidade da atmosfera. Ao anoitecer, começa o fenômeno a tornar-se sensível; todos os objetos, as roupas, etc., expostos ao ar livre, cobrem-se de forte orvalho.
>
> Dentro da mata, a folhagem começa a gotejar, como se fosse devido à chuva. Quem a essas horas, tiver de observar ao ar livre, experimenta grandes dificuldades.
>
> Continuamente, as objetivas das lunetas cobrem-se de uma camada de umidade, as imagens dos astros apagam-se, e chegam a desaparecer. Daí a necessidade de haver sempre uma pessoa encarregada de limpar, frequentemente, as objetivas. (CRULS)

O "*camarada*" Angonese faz uma Ode à sua canoa:

> A canoa: a canoa de carga remada pelos Camaradas foi trazida pelo Dr. Marc dos EUA.
>
> Com armação de alumínio, lona de nylon verde nas laterais e borracha reforçada no fundo resistiu a 23 dias de navegação por um Rio cheio de obstáculos como paus, troncos, galhos, pedras, correntezas e quedas d'águas de pequeno porte, além do transporte por mais de 1.500 km amarrada sobre reboque. Por duas vezes se fez necessário o remendo de rasgos ocorridos com cola apropriada de fábrica e também com Tape. Mostrou-se capaz de conduzir uma grande carga conduzida por dois remadores.

263

Commissão de Linhas Telegraphicas Estra[illegible] tegi

LEVANTAMENTO DE RIO A LUGEOL

Estação	Micrometro	Distancias	Azimuths	Margens	ANEROIDE		
					Temperatura	Pressão	Altitude

	726.	375.71
	252.	867.
Total do Rio Roosevelt =	979.	242.71

	726.	375.71
	252.	867.
Total do Rio Roosevelt =	979.	242.71

Imagem 117 – Caderneta de Levantamento do Rio Roosevelt

Relatos Pretéritos

22.04.1914

– Relata Rondon –

22.04.1914 – Às 11h30 de 22, terminados os trabalhos de varação das canoas, prosseguimos a viagem. Desse ponto para baixo tínhamos de lutar contra alguns obstáculos importantes, tais como a cachoeira da Glória, que exige um varadouro por terra com a extensão de 528 m, e a do Inferninho. Mas, apesar desses embaraços serem agravados pelo mau estado de saúde do Sr. Roosevelt, que mal se podia suster sobre a perna doente. (RONDON)

– Relata Cherrie –

22.04.1914 – Outro dia satisfatório apesar de navegarmos apenas 15 km. Inicialmente passamos nossos três barcos pelos Rápidos "*Inferninho*", carregamos e partimos. Para nossa grande surpresa e prazer, fomos capazes de passar os Rápidos da Glória sem problemas. O restante do dia foi bom e sem incidentes.

23.04.1914

– Relata Roosevelt –

23.04.1914 – No outro dia, percorremos cerca de 50 km, fazendo o Rio uma longa curva para Oeste. Encontramos meia dúzia de batelões que subiam, cada um com uma tripulação de seis ou oito homens, dois deles levando também mulheres e crianças.

Os tripulantes usavam compridos varejões com ganchos na extremidade, ou melhor, forquilhas de pau servindo de ganchos. Com estes enganchavam os ramos e impeliam o batelão Rio acima, tocando-o também a varejão onde o fundo permitia.

O Rio era tão caudaloso como o Paraguai e o Corumbá, mas, em contraste frisante com o Paraguai, muito poucas aves aquáticas se viam. Descemos uma corredeira aliás bem forte, a do Inferninho, pela manhã, mas sem descarregar as canoas.

À tarde, desembarcamos para pernoitar em uma grande casa aberta, espécie de rancho, onde havia dois ou três porcos, a primeira criação viva que encontrávamos, além de galinhas e patos. Era um lugar sujo, mas obtivemos alguns ovos. (ROOSEVELT)

– Relata Cherrie –

23.04.1914 – Excelente dia, cobrimos 49 km. Avistamos e adicionamos diversas aves hoje – Anhinga, night hawk ([158]). Nosso ponto de paragem tinha muita sujeira e lama, os porcos, cães e galinhas disputavam um lugar. O Coronel Roosevelt está melhor. (CHERRIE)

---

[158] Night hawk: bacurau-norte-americano – Chordeiles minor.

24.04.1914

– Relata Roosevelt –

24.04.1914 – Descemos cerca de 50 km, até o Rápido Carapanã, que Lyra verificou estar a 07°47’ S ([159]). Encontramos vários batelões no percurso, e as casas das margens indicavam que os moradores dispunham de recursos mais amplos do que os da parte mais alta. Na corredeira, havia uma grande casa de comércio, propriedade do Sr. Caripé, o mais abastado seringalista que trabalhava naquele Rio [...]. Foi muito gentil e hospitaleiro e nos deu uma boa canoa para substituir nossa última canoa de proa quadrada. Sua casa ampla e arejada era fresca, limpa e confortável. (ROOSEVELT)

– Relata Cherrie –

24.04.1914 – Mais um dia de sete horas de curso ameno. Chegamos às 15h30 depois de percorrer um trajeto de 55 km. Paramos na Barraca de quem pode, com toda razão, ser chamado de “*Rei*” dos seringueiros do Rio Roosevelt (ex–Rio da Castanha). (CHERRIE)

25.04.1914

– Relata Cherrie –

25.04.1914 – Nossa jornada hoje foi de apenas 11 km, mas enfrentamos uma longa série de corredeiras, incluindo três transportes da bagagem e um arrasto das canoas por terra. Acreditamos que este será o nosso último carregamento de canoas por terra.

[159] 07°47’ S: 07°50’43”S / 60°57’57”O.

O cão “*Triguero*” de Kermit foi deixado para trás em uma de nossas paradas. Ele provavelmente foi ao mato e ninguém notou quando ele não voltou para as canoas com a gente. É provável que seja encontrado por algum dos seringueiros que cruzam o Rio para sangrar as seringueiras. (CHERRIE)

26.04.1914

– Relata Rondon –

26.04.1914 – Pela manhã de 26 de abril deixamos o nosso acampamento de Samaúma, na lat. austral de 7°40’55,6” e long. O do Rio de 17°2,4’22”, continuando a descer o antigo Castanha. Atravessamos a cachoeira da Galinha, com as canoas descarregadas, em seguida a das Araras, inteiramente submergida nesta ocasião, como em todas as estações de chuvas.

Pouco depois passamos pela Foz do Igarapé ‘‘*Do Ouro*”, assim chamado por se acreditar ser ali o lugar de uma jazida de areias auríferas há anos secretamente explorada por um negro africano, que aparecia com esse metal e o vendia a certo português, negociante do Aripuanã.

Prosseguindo a viagem, às 1 hora da tarde chegamos ao ponto de confluência do Rio que vínhamos navegando, com o Aripuanã, que descia de Sudeste.

Ali encontramos acampados, esperando-nos desde 21 de março, o Tenente Pyrineus, com a sua turma auxiliar composta de seis pessoas. A esse lugar chegara a turma embarcada em canoas, visto não lhe ter sido possível transpor com o aviso “*Cidade de Manaus*” a cachoeira de Matamatá, distante dali uns 7.900 metros.

Havia 59 dias que partíramos da ponte da Linha Telegráfica, com a nossa flotilha de sete canoas, sulcando as águas do Rio cujo nome resumia todas as indecisões resultantes do mistério do seu curso e da região desconhecida por ele atravessada. Nesse tempo percorremos **686.360 metros**, dos quais os primeiros 276.000 foram tão ásperos e hostis que, para os vencer, tivemos de lutar durante 48 dias seguidos, sem nos deixarmos abater por nenhuma fadiga, nem pelos transes dolorosos que amarguraram os nossos corações e por instantes abismaram as nossas almas na contemplação da insondável fatalidade das cousas da nossa vida. Chegávamos ao fim dessa penosa travessia, quase todos doentes e esgotados de forças. O eminente chefe da Comissão Americana, depois do insulto palustre, sofrido na cachoeira do Paixão, nunca mais recobrara a saúde de que dantes gozava.

O seu filho, Kermit, estava também bastante combalido dos demorados acessos de febre que o atormentaram por muitos dias, em seguida ao acabrunhador trabalho de varar as canoas naquela cachoeira. O Ten Lyra e o Sr. Cherrie tinham tido longos padecimentos gástricos, e os homens das equipagens, atacados de febres e esmagados de cansaço, apresentavam-se todos enfraquecidos e com certeza estariam literalmente derrotados se não fossem da tempera dos nossos admiráveis caboclos e sertanejos.

Mas a alegria de vermos o feliz êxito que tiveram os nossos esforços e trabalhos, realizados sempre com a esperança de alcançarmos este prêmio, fazia-nos esquecer todas as atribulações passadas, e, acalmado o alvoroço do encontro, só num ponto permitia concentrarmos a atenção: queríamos, de um relance, avaliar a importância dos resultados que acabávamos de obter. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

26.04.1914 – Pelo meio da tarde, transpusemos a última corredeira perigosa. Os remos foram manejados com energia, [Cherrie e Kermit trabalhavam tanto quanto os Camaradas] e as canoas seguiram dançando pela volumosa e rápida torrente. A floresta equatorial chegava de cada lado até à beira d'água. E, embora o nível do Rio já estivesse descendo, ainda se achava tão elevado, que em muitos pontos pequenas ilhas encontravam-se submersas, e as águas corriam por entre troncos de árvores copadas. Às 13h00, atingimos a Foz do Rio da Castanha, onde avistamos as barracas do Ten Pyrineus, tendo à frente, desfraldadas, as bandeiras dos Estados Unidos e do Brasil; e com as carabinas a salvarem das canoas e da praia, encostamos no barranco do acampamento asseado e bem cuidado, de feição militar.

O Alto Aripuanã era Rio mais ou menos do mesmo volume que o Rio da Castanha, porém mais largo que este, e provavelmente mais curto. Naquele ponto, se juntava ao Rio da Castanha, vindo de Leste, formando o que os seringueiros chamavam o Baixo Aripuanã. A Foz deste último estava indicada nos mapas, e, algumas vezes, trazia seu nome, mas somente como um Rio pequeno sem importância. Tínhamos viajado de canoa, de 27.02.2014 a 26.04.2014. Percorrêramos **750 km** (!). Desde as cabeceiras, pela altura do 13°S, até o ponto onde se tornava navegável e nele entramos, o Rio tinha um curso de 200 km – talvez mais, 300 km –, provavelmente.

Por consequência, havíamos incluído no mapa um Rio de quase mil quilômetros de comprimento, cuja existência não só era desconhecida, como também impossível, se os mapas oficiais estivessem certos. Mas isso não era tudo.

Parecia que aquele caudal de quase mil quilômetros era realmente o verdadeiro curso superior do Aripuanã, caso em que o curso total atingia 1.500 km (?).

Pyrineus esperava-nos havia cerca de um mês, na junção dos Rios a que os seringueiros chamam Rio da Castanha e Alto Aripuanã. Não podia ele saber em qual deles apareceríamos, nem se por qualquer deles viríamos. A 26.03.2014, medira o volume dos dois, e verificara que o Rio da Castanha, embora mais estreito, era mais profundo e correntoso, excedendo em volume de 84 metros cúbicos, por segundo, ao Aripuanã. [...]

Ficamos muito alegres por encontrarmos Pyrineus e por nos acharmos em seu acampamento. Quatro horas de Rio abaixo nos levariam ao povoado ribeirinho de São João, um porto de escala das gaiolas, as maiores das quais vão a Manaus em dois dias. O maior número daqueles pequenos vapores pertencia ao Sr. Caripe. Por Pyrineus, soubemos que Lauriadó ([160]) e Fiala tinham chegado a Manaus a 26.03.1914. Nas águas encachoeiradas da garganta do Papagaio, a canoa de Fiala virara, perdendo ele todos os seus objetos, tendo ele por pouco escapado de morrer. Senti verdadeira satisfação ao saber que o valente e distinto rapaz se salvara.

A canoa canadense se portara muito bem. Tivemos não menor alegria ao saber que o Chefe da Expedição que descera pelo Ji-Paraná também se achava a salvo, embora sua canoa se tivesse emborcado nas corredeiras, perdendo ele todos os seus instrumentos e notas. Chegara a Manaus a 10.04.2014.

---

[160] Lauriadó: Tenente Alcides Lauriadó de Santana.

Fiala havia regressado à Pátria. Miller estava colhendo espécimes nas proximidades de Manaus, realizando trabalho de capital importância. As piranhas eram ferozes no lugar onde estávamos e ninguém se podia banhar. Cherrie, quando em pé na água, junto à praia, foi atacado e mordido, mas de um salto ganhou o seco, antes que sofresse maior mal. Dormimos pela última vez em barraca no acampamento de Pyrineus. Chovia a cântaros. (ROOSEVELT)

27.04.1914

– Relata Rondon –

27.04.1914 – No dia 27 de abril, no acampamento do Tenente Pyrineus, próximo à Barra do Aripuanã, eu, como Chefe da Comissão Brasileira, inaugurei a nova placa comemorativa da mudança dos antigos nomes de Dúvida e Castanha, para o de Rio Roosevelt, tal como já vinha fazendo em todos os lugares notáveis de nosso percurso, a partir da Foz do Kermit. A cerimônia dessa inauguração quis assistir o ilustre homenageado; e apesar disso lhe custar grandes sofrimentos, provocados pelo esforço exigido da perna doente, veio colocar-se de pé ao lado do marco inaugural, comungando assim mais uma vez com os pensamentos de fraternidade internacional e com os sentimentos de amizade e de consideração pessoal que nós, os que tivemos a satisfação e a honra de ser os seus companheiros de trabalho durante a dificílima travessia, queríamos por aquele ato externar. [...] Terminada a cerimônia da inauguração da placa indicativa da nova denominação do Rio, o Sr. Roosevelt, acompanhado dos outros membros da Comissão Americana e do Dr. Cajazeira, tomou as canoas e dirigiu-se para o lugar onde estava fundeado o aviso "*Cidade de Manaus*".

Eu e os Tenentes Lyra e Pyrineus deixamo-nos ficar no acampamento, para realizarmos as medições dos Rios, e à noite fazermos as observações astronômicas necessárias ao cálculo da latitude e da hora. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

27.04.1914 – De manhã, nos reunimos junto ao marco que o Cel Rondon fizera erigir e onde leu a Ordem-do-Dia, destacando o fato de havermos nós, explorando e investigando, descoberto que o Rio, cujo curso superior fora denominado Dúvida nos mapas da Comissão Telegráfica, e cuja maior parte acabáramos de percorrer; que o Rio conhecido por alguns seringueiros por Rio da Castanha, e cuja parte inferior era pelos mesmos chamada Aripuanã [que não figurava nos mapas, salvo pela sua Foz algumas vezes indicada, porém, sem indicação de seu curso] eram todos partes de um único mesmo Rio.

Por decisão do governo brasileiro, passava a ser denominado Rio Roosevelt, e que era o maior afluente do Rio Madeira, com suas nascentes próximas do 13°S, e sua Foz pouco ao Sul do 05°S, absolutamente ignorado dos cartógrafos e em grande parte ignorado por quem quer que fosse, salvo pelas tribos locais de índios.

Deixamos Rondon, Lyra e Pyrineus fazendo suas observações astronômicas e embarcamos pela última vez nas canoas. Conduzidos sem abalos pela corrente veloz, passamos uma série pouco importante de corredeiras e rumamos ao pequeno povoado do Sr. Caripe, de nome São João, onde chegamos às 13h00 de 27 de abril, exatamente antes da queda de um pesado aguaceiro. Tínhamos percorrido cerca de 800 km durante os 60 dias que passáramos nas canoas.

> Ali encontramos o vaporzinho fluvial de Pyrineus e nele nos instalamos; e todos achamo-lo confortável ao extremo. Na aprazível residência do proprietário, foi-nos apresentada sua esposa, mostrando-se ambos mais que atenciosos e generosos em sua hospitalidade. Só tínhamos pela frente a perspectiva de 36 horas de viagem até Manaus. Uma excursão como a que fizéramos era uma prova de fogo. (ROOSEVELT)

Observamos, nitidamente como o cansaço, a doença, a alimentação inadequada e a pressão psicológica foram minando pouco a pouco a capacidade de discernimento do Naturalista Cherrie. A dificuldade de entender o idioma levou-o a achar que Rondon teria sido capaz de dar uma ordem que ele reproduziu, mais tarde no seu "*Dark trails: adventures of a naturalist*":

> – Rondon: Teremos de abandonar as canoas e seguir, cada um por si, pela floresta.

Cherrie estarrecido escreveu:

> – Cherrie: Para todos nós aquilo era praticamente uma sentença de morte.

A partir daí o tratamento respeitoso que Cherrie tinha para com Rondon e seus atos ruíram como um castelo de cartas.

Cherrie deixa de tratá-lo de Coronel, quando menciona seu nome junto ao de outros membros da Expedição, coloca-o por último na relação e contesta suas decisões de forma veemente nos seus escritos, afora isso o diário é mais uma das peças importantes que se tem para aquilatar o hercúleo esforço destes indômitos desbravadores.

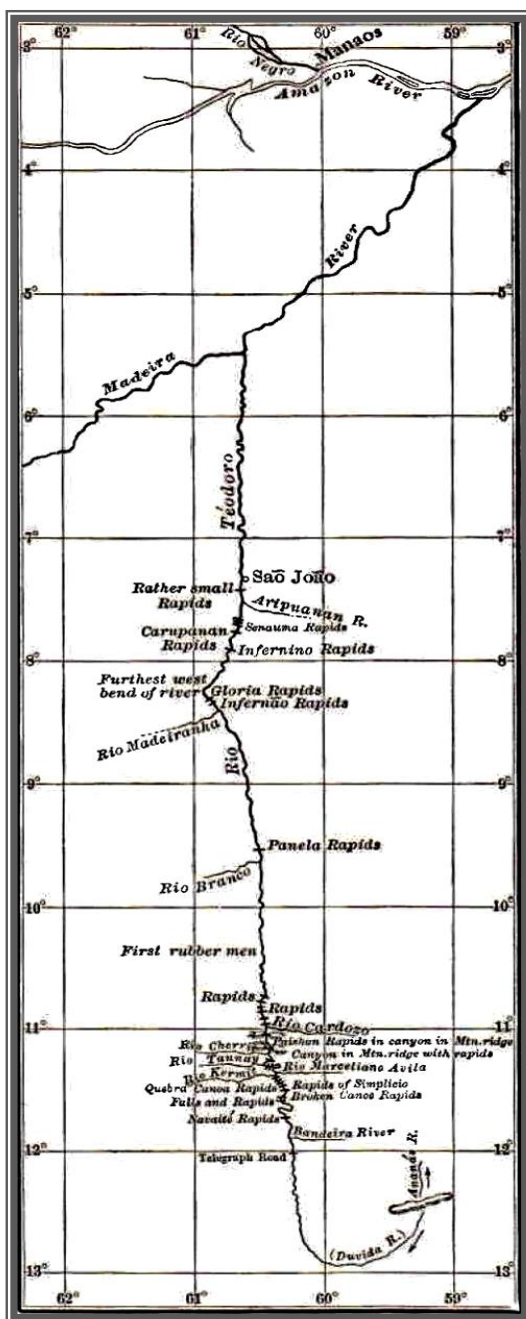



Imagem 118 – Rio Teodoro

Imagem 119 – Montante da Cachoeira Carapanã

Imagem 120 – Dr. Marc e suas anotações

Imagem 121 – Transposição da Cachoeira Carapanã

Imagem 122 – Pousada do Vitão

Imagem 123 – AC21 (KM 741 – Praia)

Imagem 124 – Chegada

Imagem 125 – Rumo à Balsa (BR–230)

Imagem 126 – Ponte da Linha Telegráfica (2015)

Rio Aripuanã – Manaus – Belém

28.04.1914

– Relata Rondon –

28.04.1914 – Na manhã seguinte, 28 de abril, por nossa vez, prosseguimos a viagem águas abaixo, fazendo o levantamento tomográfico até a cachoeira de Matamatá; daí ao Madeira, já esse trabalho havia sido terminado pelo Tenente Pyrineus.

Continuando a descer, chegamos antes de meio-dia ao "*Cidade de Manaus*", onde encontramos o Sr. Roosevelt com aparência de se achar um pouco melhor dos seus padecimentos.

Três horas depois iniciou o nosso navio a marcha para a frente e navegando ininterruptamente, alcançou, pela madrugada, a Foz do Roosevelt, donde logo se passou para o Madeira. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

28.04.1914 – No começo da tarde, a comitiva toda, e mais o Sr. Caripé, partimos no vapor. Apenas 12 horas de navegação rápida foram necessárias para nos levar à Foz do Rio, em cujo alto curso nosso jornadear fora tão demorado e penoso.

Da cabeceira à Foz, conforme os cálculos de Lyra, o Rio pelo qual descêramos era de 1.500 km [cerca de 900 milhas, ou talvez de mil milhas de comprimento] ([161]), desde a sua nascente, no planalto central, a 13°S, até sua embocadura no Madeira, perto do 05°S. (ROOSEVELT)

[161] Na verdade 1.070 km.

29.04.1914

– Relata Rondon –

29.04.1914 – Descendo essa grande artéria fluvial, avistamos, pela manhã de 29, a cidade de Borba; à tarde tocamos na estação de Amatari, da Amazon Telegraph. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

29.04.1914 – De manhã, estávamos na corrente caudalosa e lamacenta do Baixo Madeira, que é um belo Rio Tropical. Caíram fortes pancadas de chuvas, como sempre, embora devêssemos estar no fim da estação das águas. Pela tarde, entramos finalmente no majestoso Amazonas, o Rio gigantesco que contém a décima parte do volume de todas as águas correntes do globo. Tinha alguns quilômetros de largura no ponto onde o atingimos, e não podíamos, em verdade, afirmar se a margem que avistávamos era do continente ou de alguma Ilha. Subimos por ele até à meia-noite, e em seguida pelo Rio Negro acima, por breve distância, chegando a Manaus na manhã de 30 de abril. (ROOSEVELT)

30.04.1914

– Relata Rondon –

30.04.1914 – Finalmente na madrugada seguinte, entramos no porto de Manaus, em cujo cais atracamos. No cais estavam os representantes do Governo Estadual, enviados para fazerem a recepção ao Sr. Roosevelt e oferecerem-lhe hospedagem em terra, o que foi aceito. Apesar dos sofrimentos que lhe causava o estar de pé, o ilustre hóspede recebeu as visitas oficiais do Governador do Estado, da Câmara Municipal e de outras pessoas gradas. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

30.04.1914 – Manaus é uma cidade notável, situada apenas a 03° ao Sul do Equador. Há 60 anos, não passava de um pequeno grupo anônimo de cabanas ocupadas por alguns índios e uns poucos de componentes das classes mais pobres do Brasil. Atualmente, é uma grande e bela cidade moderna, com teatro, bondes elétricos, bons hotéis, lindas avenidas e edifícios públicos, assim como belos prédios residenciais. As pinturas vistosas e a arquitetura cheia de arabescos dão à cidade uma fisionomia exótica, que agrada aos olhos de um habitante do Norte. Seu rápido surto de prosperidade e crescimento foi devido ao comércio da borracha. Atualmente, é ele muito menos remunerador do que já foi. Sem dúvida precisará melhorar um tanto, mas, em qualquer caso, o desenvolvimento do vale imensamente rico e fértil do Amazonas prosseguirá e crescerá em proporções enormes quando forem criadas vias de comunicação aproximando-o do planalto Brasileiro situado ao Sul da planície amazônica.

Lá encontramos Miller, ficando muito satisfeitos por vê-lo. Tinha feito boa coleta de mamíferos e aves no Ji-Paraná, no Rio Madeira e nos arredores de Manaus; toda a sua coleção de mamíferos era digna de nota. [...]

Todos foram muito atenciosos conosco em Manaus, especialmente o Presidente do Estado e o agente executivo da cidade. O Sr. Robiliard, representante consular britânico e agente da Cia. Booth de transatlânticos, foi gentilíssimo também. Facilitou-nos a viagem num dos navios cargueiros da linha do Pará e, dali para diante, num dos navios mistos para Nova York, via Barbados. Todo o pessoal da Cia. Booth foi muito bondoso para conosco.

Levei o meu adeus aos Camaradas, com sincera amizade e antecipadas saudades. O presente de despedida que dei a cada um foi em soberanos de ouro; e fiquei sensibilizado ao saber que, entre si, resolveram que cada um conservaria um soberano, à guisa de medalha, como recordação de nossa Expedição. Constituíam uma equipe excelente, sendo bravos, pacientes, obedientes e fortes. Já haviam esquecido os dias penosos e estavam gordos, porque agora podiam comer quanto quisessem; alegrava-os ir conhecer o Rio de Janeiro, o que sempre ambicionavam os homens de sua classe, e sentiam-se muito orgulhosos de ter participado da Expedição.

Mais tarde, em Belém, despedi-me do Cel Rondon, do Dr. Cajazeira e do Ten Lyra. Juntamente com a minha admiração pela sua audácia, coragem e perseverança, crescera no meu íntimo uma forte e sincera amizade para com eles. Estimava-os, e sentia-me satisfeito ao pensar que fora seu companheiro na realização de um feito que tinha certa importância duradoura. (ROOSEVELT)

01.05.1914

– Relata Rondon –

01.05.1914 – O Sr. Roosevelt embarcou num navio mercante com destino a Belém. Eu, porém, com os outros membros da Comissão Brasileira, ainda nos demoramos em Manaus, onde tivemos notícias da turma chefiada pelo Capitão Amílcar de Magalhães, da qual faziam parte o naturalista Miller, da Comissão Americana, o Dr. Euzébio Paulo de Oliveira e o Sr. Henrique Reinisch, respectivamente geólogo e taxidermista da Comissão Brasileira. Essa turma, depois de ter assistido ao embarque da que desceu o antigo Dúvida, dirigiu-se para a estação telegráfica Barão de Melgaço, no Rio Comemoração de Floriano.

Em canoas, desceu esse Rio, e o Ji-Paraná, em cuja foz se passou para bordo de navios da navegação regular do Madeira, indo então para Manaus, onde chegou a 6 de abril.

Além dos trabalhos dos naturalistas, foi realizado mais, pelo chefe da turma, o levantamento topográfico do primeiro dos Rios navegados, e o do trecho do segundo compreendido entre o Igarapé Boa Vista, e o Riachuelo. A ocorrência capital, registrada durante a viagem foi o naufrágio sofrido pelo Capitão Amílcar, cuja canoa afundou; felizmente, não houve perda de vida a lamentar, mas só a das cadernetas do levantamento já realizado, e algum material.

Terminados todos os serviços que nos haviam retido na Capital do Amazonas, voltamos para bordo do aviso "*Cidade de Manaus*", às 17h30, ainda na mesma data de 1° de maio, e fomos nas águas do "*Dunstan*", navio que levava o Sr. Roosevelt, na esperança de encontrá-lo fundeado no porto de Itacoatiara onde sabíamos que tinha de parar. (RONDON)

– Relata Cajazeiras –

01.05.1914 – A 01.05.1914, convidamos, então, o nosso ilustre colega, Dr. Madureira de Pinho, que concordou plenamente com o nosso diagnóstico, assim como com a necessidade da intervenção cirúrgica. Esta foi efetuada sem o menor acidente desagradável. Poucas horas depois, partíamos para Belém do Pará. Durante sua permanência no paquete inglês "*Dunstan*", conservamo-nos como, até então, seu único médico assistente. Gradualmente, foi apresentando melhoras locais e gerais; e, quando chegamos a Belém, encontrava-se em estado de poder andar livremente, com a bela aparência que todos lhe admiravam. (CAJAZEIRAS)

– Relata Roosevelt –

01.05.1914 – Deixamos Manaus, seguindo para Belém do Pará, como até pouco tempo era chamada. A viagem foi interessante. Navegamos por entre tempestades e soalheiras; a floresta circundante ficava amesquinhada pelo gigantesco Rio que emoldurava. O nascer e o pôr do sol tingiam o céu de um incêndio fantástico de mil cores, por sobre a vastidão das águas. Parecia tudo a materialização de uma grandeza selvagem e da solidão. Ainda assim, o homem por toda parte procurava vencer essa solidão, e lutando para daquela própria grandeza tirar proveito. Passamos por muitas cidades nascentes e prósperas; em uma paramos para receber cargas. Em toda parte notava-se progresso e expansão.

A transformação, que se operou a partir dos tempos em que Bates e Wallace andaram por essa região, naquela época pobre e inteiramente primitiva, é maravilhosa. Um de seus resultados foi o grande afluxo de imigrantes europeus, especialmente do Sul da Europa. Por toda parte notava-se a mistura de raças; não há diferenciação nítida de cores, como em muitos países de língua inglesa; são ali muito altas as doses de sangue índio e negro; mas a raça predominante na atualidade em número, e que rapidamente cresce em influência, é a dos brancos de tez azeitonada.

O Rio só raramente aparece em sua largura completa. Em geral navegamos em canais, entre ilhas. A superfície das águas era pontilhada de ilhas flutuantes de vegetação. Miller explicou que grande parte delas vinha das lagoas semelhantes àquelas em que estivera ele caçando, nas margens do Solimões – lagoas repletas da grande e esplendente Vitória-Régia e densa proliferação de lírios aquáticos. [...]

02 a 06.05.1914

– Relata Rondon –

02 a 06.05.1914 – Mas, ao amanhecer do dia 2, chegando aquele porto, vimos que o "*Dunstan*" nos havia tomado a dianteira. Prosseguimos, pois, descendo o Amazonas e só à tarde, já na cidade paraense de Óbidos, foi que o conseguimos alcançar. De Óbidos partimos ao meio-dia de 3 de maio, e ao amanhecer de 5 fundeávamos no porto de Belém, passando-me eu, imediatamente, para bordo do navio do Sr. Roosevelt. Aqui, repetiram-se as visitas e recepções oficiais, tanto das autoridades estaduais, como das federais, sendo por essa ocasião o Sr. Roosevelt convidado para assistir, no dia seguinte, a um banquete que lhe oferecia o Governador do Pará. (RONDON)

– Relata Roosevelt –

05 a 06.05.1914 – Belém, capital do estado do Pará, constituía um admirável exemplo do verdadeiro e surpreendente progresso que o Brasil tem apresentado nos anos recentes. É uma bonita cidade quase sob o Equador. Mas não é apenas bonita; as docas, os serviços de dragagem, os armazéns, depósitos e casas de comércio, todos exprimem a energia e o triunfo na órbita comercial. É uma cidade tão limpa, salubre e bem policiada como qualquer outra de igual importância da zona temperada Setentrional.

Os edifícios públicos são belos e as casas particulares de aspecto atraente; existe um belo teatro e o serviço de bondes é excelente. Há luzes acesas durante toda a noite, para protegerem os cavalos contra os vampiros, nas cavalariças do batalhão montado.

O Jardim Botânico e o Museu são magníficos. Os parques, as alamedas de palmeiras e de mangueiras, os restaurantes ao ar livre e a vida cheia de alegrias à noite, sob as luzes, tudo isto confere à cidade uma feição típica e cheia de encanto. Belém e Manaus são frisantes exemplos do quanto se pode fazer nas regiões semitropicais. O Presidente do Pará e sua encantadora esposa foram mais do que gentis para conosco. (ROOSEVELT)

07.05.1914

– Relata Rondon –

07.05.1914 – Finalmente, terminado esse e os demais atos da recepção oficial de Belém, na manhã de 7 de maio fomos, os da Comissão Brasileira, levar a bordo do "*Dunstan*", as nossas despedidas e votos de boa viagem ao Sr. Roosevelt, em quem cada um de nós reconhecia, não só um estadista de fama mundial, um espírito elevado e de rara cultura científica e literária, um homem de caráter firme, resoluto e imperativo, uma alma reta e nobilíssima, mas também e acima de tudo um crente entusiástico da grandeza e da beleza do futuro da nossa Terra e da nossa gente, e um amigo sincero daqueles que tiveram a ventura de ser seus companheiros constantes de fadigas e de privações durante a demorada e trabalhosa travessia dos Sertões do Planalto dos Pareci, do Juruena e do antigo Dúvida.

Às 11 horas, o "*Dunstan*" levantava âncora, rumo do Oceano, por onde se dirigiria para New York. Ainda o acompanhamos por curto espaço, de bordo do aviso "*Cidade de Manaus*"; afinal, por entre as névoas da saudade, que já iam envolvendo os nossos corações, lançamos aos espaços as últimas despedidas, erguendo vivas ao Chefe da Expedição Americana e à grande República que tem a Glória do o ter por filho.

Às 23h00, desse mesmo dia, o "*Cidade de Manaus*" voltava para a Capital do Amazonas, indo eu nele embarcado. [...] afim de ir continuar os meus trabalhos de construção da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Madeira. (RONDON)

– Relata Viveiros –

07.05.1914 – Foram comovidas as palavras que dirigiu aos Camaradas aquele homem tão emancipado de preconceitos, que foi o primeiro Presidente americano a sentar-se ao lado de um preto, o advogado Washington ([162]). Depois de pedir que fossem traduzidas as suas despedidas, ofereceu-lhes, como lembrança, moedas de ouro – e muito o sensibilizou saber que todos as guardariam, como lembrança. Disse Roosevelt:

– Roosevelt: *They were a fine set, brave, patient, obedient and enduring* ([163]).

Ao despedir-se de mim, do Lyra e do Dr. Cajazeira, era muito mais do que pela coragem, a prudência, a firmeza, a eficiência, a noção do dever e responsabilidades exercitados em comum que se sentia preso; era, sim, afeição muito grande, espontaneamente nascida a perigosa mas bela proeza que juntos acabávamos de realizar.

---

[162] Booker Taliaferro Washington: em 1901, o escritor negro, ganhou notoriedade internacional, aceitando o convite de Theodore Roosevelt para jantar na Casa Branca. O convite enfureceu os Sulistas brancos, que consideraram, na época, que um negro sentar-se à mesa com o Presidente dos Estados Unidos da América – juntamente com a primeira dama e sua família – abria um perigoso precedente de igualdade racial. Na época, o Senador Democrata Benjamin Ryan Tillman, da Carolina do Sul, conhecido como "Pitchfork Ben" (Ben da Forquilha), vociferou: A atitude de Presidente Roosevelt, ao receber esse crioulo, necessitará que matemos mil crioulos no Sul até que eles aprendam de uma vez qual é o seu lugar.

[163] Eles formam um bom conjunto, corajoso, paciente, obediente e persistente

Cuidei de pôr em prática o inglês, mas nessa ocasião bem brasileiro:

- Rondon: "*Don't show your feelings*" ([164])

E disse simplesmente:

- Rondon: Despeço-me de meu querido Coronel, de meu querido companheiro de cinco meses, para me recolher ao meu acampamento.

- Roosevelt: Seu acampamento! Depois de tão duras provações, só algum tempo no aconchego do lar lhe poderia restituir o primitivo vigor...

- Rondon: Deixei meu acampamento para recebê-lo e, agora, a ele volto...

Depois de uma pausa disse:

- Roosevelt: Convido-o e espero-o em minha Pátria.

- Rondon: Lá estarei, quando o Sr. for, novamente, eleito Presidente dos Estados Unidos, para assistir à sua posse... (VIVEIROS)

– Relata Roosevelt –

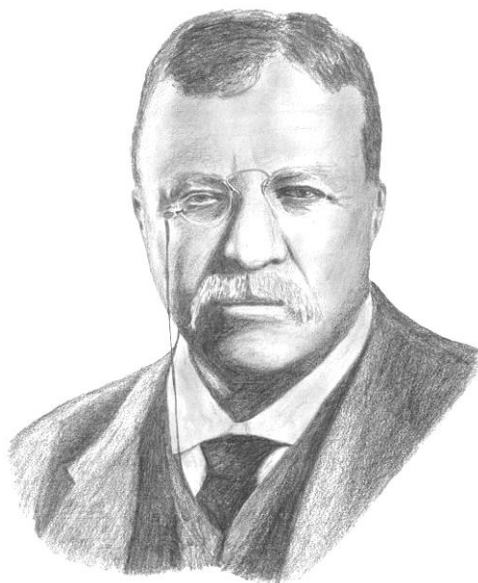
07.05.1914 – Dissemos adeus a nossos amigos brasileiros e partimos rumo ao Norte para Barbados e Nova York.

Zoologicamente, a Expedição fora um triunfo completo. Cherrie e Miller tinham reunido cerca de duas mil e quinhentas aves, 500 mamíferos e alguns répteis, batráquios e peixes. Muitos destes eram novos para a ciência, pois, grande parte das regiões percorridas jamais haviam sido perlustradas por naturalistas.

---

[164] Não demonstre seus sentimentos.

Sem dúvida, o trabalho mais importante que realizamos foi o geográfico, com a exploração do Rio desconhecido, empreendida por sugestão do governo Brasileiro, juntamente com representantes seus. Nenhuma tarefa dessa natureza pode ser levada a termo sem ter como base trabalhos anteriores por longo tempo continuados. Como já disse em outro lugar, o nosso feito constituiu a pedra de fecho na pirâmide erigida pelo Coronel Rondon e seus companheiros da Comissão Telegráfica, durante os seis anos anteriores. Foi sua exploração científica do chapadão, seu levantamento da Bacia do Juruena e sua descida pelo Ji-Paraná, que nos tornaram possível esclarecer o mistério do Rio da Dúvida.

No mapa ao lado, dei o traçado de toda a minha excursão pela América do Sul. O curso do novo Rio vai em separado. O trabalho da Comissão, a obra mais importante dessa espécie realizada na América do Sul, é um dos inúmeros empreendimentos que muito abonam o governo republicano do Brasil. (ROOSEVELT)

O Grande Chefe

(Coronel de Engenharia R/1 Antônio Lara Rondon)

[...] Hoje a História rende sua homenagem
Verdes Campos de Vilhena... Paraíso de Três Buritis...
Barão de Melgaço... Marco Rondon... Porto Amarante
Nas margens do Cabixi e tantas outras...
São paragens jamais esquecidas...
Onde apenas carneiros gastos pelo tempo
Testemunham os feitos épicos dos heróis da linha telegráfica
Desta proeza ímpar realizada no Brasil...

Não, não estão mortos! Vivem no que realizaram
Deixando cada um de seus atos e pensamentos
Tornando mais fecundas sua obras
Porque a isentaram de qualquer mácula
Levando, como estímulo, a viver o presente
Tendo em vista o interesse do futuro.

Nas paisagens deslumbrantes do Pantanal Mimoseano
Destaca-se a imponência da Lagoa de Chacororé...
Serpenteada pela Sesmaria de Morro Redondo...
Berço imaculado deste Grande Chefe
E tudo isto nos traz grandes saudades
E as tristes saudades choram tua falta
Eu vi a seriema soluçando
Eu vi revoadas de pássaros chorando
De tantas e tantas saudades de ti... Marechal da Paz.

PAGMEJERA

Teus filhos tão queridos e amados
Ecoam seus cantos tristes e saudosos
Salpicados de delicadeza e desesperada esperança
É o poema dos Bororos
Cheio de imorredoura fé... irresistivelmente poético e evangélico...

Tu és bom... muito bom mesmo, muito bom!
Tu sim... és nosso verdadeiro amigo
Tu sim deste aos índios o que eles precisam e desejam
Como o Sol, tu não cansas nunca, na tua amizade pelos índios
Vem, volta depressa...
Nós estamos com muitas saudades de ti...
Homens, mulheres, rapazes, moças, curumins e cunhantãs
Os índios todos estão com imensas saudades de ti

VEM!... VOLTA DEPRESSA... ASSIM SEJA!

Expedição Científica Roosevelt-Rondon

ANEXO N° 6

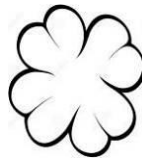
Relatório apresentado ao
Chefe da Comissão Brasileira

Coronel de Engenharia

Cândido Mariano da Silva Rondon

pelo Médico da Expedição

Dr. José Antônio Cajazeira

Capitão-Médico do Exército

RIO DE JANEIRO
Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C.

1914

ACAMPAMENTO "*SETE DE SETEMBRO*"

É lugar desabitado. Aqui encontramos, de novo, a turma do Capitão Amílcar. Todos gozavam saúde. Não houve até aí a menor pirexia ([165]). Vieram seguindo a profilaxia pela quinina, como fora estabelecida. No acampamento do "*Passo da Linha Telegráfica*"; à margem direita do Rio da Dúvida, o último de nossas marchas a cavalo, nada houve de anormal quanto ao estado sanitário. Até este trecho da Expedição, o estado sanitário das duas turmas foi excelente, como ficou em evidência da descrição minuciosa do que ocorrera. Acresce que cometemos várias vezes o grande erro de acamparmos em lugares habitados, focos de impaludismo ([166]), fato justificável somente pelas conveniências do serviço. Além disso, submetemos os nossos homens a marchas a pé, quotidianas, de 24 a 30 km, carregados com o que lhes pertencia.

Apesar de desprovidos de proteção especial para sua cabeça [uns com chapéus de palha, a maioria, porém, com chapéus de feltro e, além de tudo, pretos], não tivemos, quer entre os Norte-Americanos, quer entre os nossos, um só caso de insolação ou de intermação ([167]). No entanto, viajamos muitos dias, desde manhã até 16h00 ou 17h00, sob Sol ardente. Outras vezes, chuvas torrenciais nos perseguiam em marchas inteiras. Pois bem, a despeito de tudo, os nossos homens chegavam, nos lugares em que devíamos acampar, aptos para todos os serviços, e entregavam-se ao preparo do terreno e à armação das barracas sem demonstrar fadiga.

---

[165] Pirexia: febre.

[166] Impaludismo: malária.

[167] Intermação: é uma situação semelhante à insolação, mas esta é mais grave e pode levar à morte. A intermação é causada pelo aumento da temperatura corporal e pelo mau resfriamento do corpo, por incapacidade de se resfriar adequadamente.

Fortes e bem nutridos, e em perfeito equilíbrio de saúde, embarcamos todos nós no "*Passo*" do Rio da "*Dúvida*", a 27.02.1914, não obstante a longa travessia efetuada nas condições descritas, e o grande intervalo de uma refeição ao da outra [cerca de 12 horas], determinado pelo feitio da região. Desceram o Rio da Dúvida 22 pessoas; porém o número total de pessoas de que se compunha a Expedição era de 148 homens.

RIO DA DÚVIDA

No Rio da Dúvida, a região é completamente desabitada por civilizados, na parte alta. Ao chegarmos ao acampamento "*Carregador*", dia 03.03.1914, o Miguel Cuiabano apresentou, novamente, febre; sua temperatura máxima foi de 37,8° C, nesse dia.

No dia seguinte (04.03.1914) – acampamento "*Rápido*" – a temperatura elevou-se a 39,6° C, ficando completamente apiréxico ([168]) pouco depois das 12h00 e assim se conservou até nova recaída.

A 15.03.1914, sucumbiu, tragado pela Cachoeira "*Simplício*", o canoeiro Antônio Simplício da Silva, nosso infortunado companheiro.

A 18.03.1914, o Sr. Kermit Roosevelt manifestou nova recaída, permanecendo febril apenas algumas horas. Temperatura máxima 37,8° C.

A 20.03.1914, o Miguel Cuiabano manifestou sintomas de orquite ([169]). A temperatura, na axila, atingiu 39,2° C. A uretra não apresentava alteração aparente nem fora ele vítima de qualquer traumatismo, apenas vinha marchando a pé. O tratamento consistiu no uso de um suspensório e aumento da dose de quinina.

[168] Apiréxico: sem febre.
[169] Orquite: inflamação do testículo.

No dia seguinte (21.03.1914), estava apiréxico, muito aliviado, e, apesar de continuar a marchar a pé, quotidianamente, no quarto dia já não manifestava mais a referida orquite.

É a segunda vez que observamos tal fato, em idênticas circunstâncias, em indivíduos impaludados. Nesse dia apareceu-lhe forte raquialgia ([170]), sem elevação térmica. Esta continuou dias seguidos, porém mais atenuada. [Medicação analgésica e aumento da dose de quinina]. De 08 a 17.04.1914, passou bem. A 18.04.1914, recaiu, indo a pirexia até 39,4° C. A 20.04.1914, novo acesso; – temperatura máxima 40,4° C. – Estes últimos acessos duraram algumas horas.

Devido à imperfeição com que usava a quinina, o Sr. Kermit Roosevelt recaiu de novo, a 05.04.1914, indo a sua temperatura a 39,6° C; 01 gr. cloridrato de quinina em duas doses.

No dia seguinte (06.04.1914), a temperatura chegou a 38,6° C; 0,50 gr. [via gástrica], mais 0,75 gr. [injeção intramuscular do mesmo sal]. No dia 07.04.1914, a temperatura não foi além de 37,8° C; 0,50 gr. + 0,50 gr. + 0,50 gr. de cloridrato de quinina; – três doses [via gástrica]. No dia 08.04.1914, amanheceu apiréxico. Nesse dia, recusou a quinina. A 09.04.1914, sua temperatura se elevou, de novo, a 39,0° C; 0,50 gr. + 0,50 gr. + 0,50 gr. de cloridrato de quinina, em injeções intramusculares, de 6 em 6 horas. No dia 10.04.1914, sua temperatura era 37,2° C; 0,50 gr. + 0,50 gr. – mesmo sal [injeção intramuscular]. No dia 11.04.1914, estava apiréxico e, tendo adotado nosso método, nunca mais teve febre.

[170] Raquialgia: dor aguda na coluna.

O impaludado crônico Pedro França, apesar de todas as fadigas e privações de nossa Expedição, só manifestou febre a 14.04.1914, dia em que sua temperatura atingiu 39,8° C. No dia seguinte (15.04.1914), Pedro França estava apiréxico.

A 18.04.1914, Pedro França teve nova elevação térmica, cuja máxima chegou a 38,2° C. A febre durou algumas horas. A temperatura elevou-se a 40,4° C.

A 03.04.1914, faleceu, vitimado por hemorragia interna, determinada por ferimento por arma de fogo, na região subclávia direita, o Cabo Manoel Vicente da Paixão. Nada nos foi possível fazer. Quando chegamos, já o referido Cabo era cadáver.

A 14.04.1914, o canoeiro João Soares achara, em plena floresta, um fruto semelhante em gosto à castanha-do-Pará. Afirmara-nos ser comestível e chamar-se "*abio de umbigo*". Era realmente saboroso tal fruto. Provaram-no os Coronéis Roosevelt e Rondon, os Srs. Kermit, Cherrie, Tenente Lyra e nós. Os que o comeram na razão de um a três [frutos] nada sentiram de anormal; porém os que o ingeriram acima deste último número manifestaram, horas depois, vômitos frequentes, diarreia intensa e tonturas. Alguns ficaram tão deprimidos que precisamos empregar-lhes tônicos cardíacos.

No dia seguinte (15.04.1914), vários de nossos homens não nos podiam prestar o menor serviço. Infelizmente, não pudemos conservar um único fruto para exames ulteriores, nem chegamos a ver a árvore que os produzia. Os nossos homens tinham comido todos os frutos encontrados e nos achávamos bastante afastados do lugar em que aquele fruto fora apanhado, no solo.

Na excursão do Rio Roosevelt [Dúvida] até sua Foz, não deparamos polinevrites periféricas. Além disso, não nos foi possível descobrir dermatopatias de espécie alguma. A entidade mórbida dominante neste Rio é o impaludismo. Em 2° lugar vem a ancilostomose ([171]). Devido à deficiência acentuada da alimentação, em qualidade e em quantidade, todos nós emagrecemos sensivelmente. Alguns de nossos homens chegaram a ficar bastante deprimidos [Souza, Miguel, Nunes]; porém, começamos a apresentar aspecto melhor logo que fomos adquirindo alguns recursos alimentícios nas Barracas encontradas.

ESTADO DE SAÚDE DO CORONEL ROOSEVELT

Até o Passo em que embarcamos no Rio da Dúvida, o Sr. Cel Roosevelt gozou a mais completa saúde. Sua grande resistência começou a diminuir com as privações, fadigas e preocupações morais, oriundas dos empeços ([172]) sérios que nos ofereciam as múltiplas cachoeiras.

No dia 03.04.1914, ingerira ele, ao jantar, 0,50 gr. de cloridrato de quinina, e no dia 04.04.1914, ao almoço, tomara sua dose matinal de 0,50 gr. do mesmo sal. Conversávamos no nosso Bivaque, enquanto os outros companheiros tentavam passar nossas canoas nos últimos tombos de uma Cachoeira, quando às 14h30, muito pálido, começou a sentir fortíssimo frio. O termômetro acusou a temperatura de 38,0° C, na axila. Depois de resguardá-lo o melhor que pudemos, visto já nos acharmos nessa época privados de quase tudo, inclusive de vários medicamentos, administrei-lhe, pela via gástrica, 0,50 gr. de cloridrato de quinina.
Uma hora depois, tinha a temperatura de 36,8° C.

[171] Ancilostomose:ancilostomíase ou amarelão.
[172] Empeços: estorvos.

Sendo impossível passarmos outra noite naquele molesto Bivaque, logo que nossas quatro canoas se acharam carregadas, às 17h00, levamos o Coronel Roosevelt, envolto no seu poncho impermeável, para sua canoa e demandamos à outra margem.

Mal havíamos partido quando, infelizmente, desabou sobre nós forte aguaceiro. Nossas canoas não podiam suportar toldo; e o acampamento em floresta densa e cerrada não é coisa que se pratique em poucos minutos, ainda que se possuam homens experimentados e resistentes, como no nosso caso.

Meia hora depois, estávamos na outra margem do Rio. Achava-se agitado e delirante o nosso doente; a temperatura atingira 39,6° C. Estabelecemos o emprego de injeção intramuscular de cloridrato de quinina (0,50 gr.), de 6 em 6 horas. A temperatura manteve-se elevada toda a noite, apresentando remissões de alguns décimos de grau apenas.

No dia seguinte (05.04.1914), conservou-se febril; porém sua temperatura máxima não ultrapassou 38,2° C, voltando, em breve trecho, a ter somente alguns décimos de grau de elevação térmica, além da normal.

Por ser igualmente nocivo esse acampamento, num momento em que o enfermo apresentava tranquilidade completa [37,5° C], o transportamos para outro acampamento mais tolerável, cerca de 800 m distante do primeiro. Em vista do seu grande abatimento físico, resolvêramos levá-lo deitado em sua cama de campanha para o novo acampamento.

Logo que o Coronel Roosevelt conheceu nossa resolução, opôs tenaz resistência, declarando-nos, por fim, que não desejaria tornar-se um peso à nossa Expedição.

Mesmo afracado ([173]) como se achava, iniciou a marcha para o outro acampamento, acompanhado pelo seu filho Kermit, pelo Sr. Cherrie e por nós. Seguiam-nos sua cama e uma cadeira, ambas de campanha.

De momento a momento, muito fatigado, repousava, ora na cama, ora na cadeira. E assim, corajosamente, efetuou a travessia, penosa para o seu estado de moléstia, naquela época, e muito prostrado, mas sem alteração alguma grave, chegou ao novo acampamento, preparado pelo Cel Rondon. Às 15h00, do dia 06.04.1914, achava-se apiréxico e assim se manteve todo o dia; sua prostração era ainda patente.

Estatuímos então um grama de cloridrato de quinina por dia. Conservou-se assim apiréxico até o aparecimento de nova enfermidade. O Coronel Roosevelt, durante duas noites, foi cuidadosamente velado por nós. Os quartos ([174]) eram feitos pelo Coronel Rondon, 1° Tenente Salustiano Lyra, Kermit Roosevelt e nós. De quando em quando, nas ocasiões em que não estava de quarto, eu ia observar o nosso ilustre enfermo.

Não pudemos efetuar pesquisas hematológicas, como sistematicamente o fazemos, todas as vezes que nos achamos diante de um caso febril em zona inquinada ([175]) pela malária, por falta de material apropriado.

Mantinha-se ainda sob a ação diária de um grama de cloridrato de quinina quando, no dia 13.04.1914, solicitou nossa atenção para a sua perna direita. Do exame efetuado, adquirimos a convicção de tratar-se

---

[173] Afracado: enfraquecido.
[174] Quartos: plantões.
[175] Inquinada: contaminada.

de um fleimão profundo ([176]) na face interna [terço médio] da perna em questão, motivado naturalmente por traumatismo sofrido nas nossas lutas com as cachoeiras. O termômetro patenteava a temperatura 38,0° C, na ocasião do exame.

Como era natural, o Coronel Roosevelt pediu-nos para adiarmos a intervenção cirúrgica, na esperança que se efetuasse a cura sem a referida intervenção. Concordamos, enunciando-lhe, porém, com clareza, a nossa descrença em tal resultado. Empregamos a medicação paliativa a tais casos. Dia a dia, porém, agravava-se seu estado, e sérias apreensões começaram a povoar nosso espírito.

Nesse período, a nossa viagem era de fato muito penosa para o nosso enfermo. O Coronel Roosevelt viajava deitado sobre latas de alimentos, revestidas apenas pelo pano que em terra nos servia de toldo. Ainda pior do que essa situação eram os momentos de embarque e desembarque em barrancos, quase sempre de difícil ascensão. Apesar dos cuidados de todos nós, não podíamos fornecer mais conforto ao Coronel Roosevelt.

Consolava-nos somente a resignação do nosso bravo companheiro, cuja fibra de explorador se manifestava nítida nesses momentos dolorosos. Contra o Sol ardente que nos atormentava, defendia-se apenas com um chapéu de Sol, meio desmantelado, do serviço de astronomia. A sua canoa, apesar de ser a maior, não permitia tolda ([177]) naquele trecho do Rio da Dúvida [Roosevelt]. Aceita a necessidade inadiável da intervenção cirúrgica (16.04.1914), praticamo-la imediatamente, libertando grande coleção purulenta.

---

[176] Fleimão profundo: inflamação profunda.
[177] Tolda: toldo – cobertura destinada a abrigá-lo do sol e da chuva.

Não obstante, os vários incômodos determinados pela natureza e modo por que viajávamos, começou logo a manifestar melhoras sensíveis, tornando-se em breve trecho completamente apiréxico.

A 19.04.1914, começou a queixar-se de forte dor na região glútea direita. Fizemos o que era racional, em tal emergência, para evitar a formação de novo fleimão, mas, sem resultado; seu estado geral favorecia-os, pareceu-nos. A essa série de perturbações ainda se veio juntar uma dispepsia gastrointestinal ([178]).

Devido às condições do Rio e aos recursos que íamos encontrando, o Sr. Coronel Roosevelt já viajava um pouco menos penosamente; vinha agora deitado sob improvisada tolda e, mais tarde, em ampla canoa com toldo de madeira. Nesta última, viajava deitado em sua cama de campanha.

Depois de alguns dias, achava-se restabelecido da perna e começou a apresentar melhoras no seu estado geral. Era preciso intervir no novo fleimão. Acabávamos de chegar a Manaus, 30.04.1914. Manifestamos então a necessidade de ouvirmos a opinião de outros médicos, desde que nos encontrávamos em Manaus.

Somente o argumento da necessidade de uma anestesia mais perfeita conseguiu sua permissão à vinda de outro colega. O ilustre enfermo confiava demasiado na nossa cultura profissional. A 01.05.1914, convidamos então o nosso ilustre colega, Dr. Madureira de Pinho, que concordou plenamente com o nosso diagnóstico, assim como com a necessidade da intervenção cirúrgica.

---

[178] Dispepsia gastrointestinal: indigestão.

Esta foi efetuada sem o menor acidente desagradável. Poucas horas depois, partíamos para Belém do Pará. Durante sua permanência no paquete inglês "*Dunstan*", conservamo-nos como, até então, seu único médico assistente. Gradualmente, foi apresentando melhoras locais e gerais; e quando chegamos a Belém, encontrava-se em estado de poder andar livremente, com a bela aparência a que todos lhe admiravam.

Antes de despedirmo-nos de tão bravo companheiro, fornecemos-lhe os cuidados higiênicos que julgávamos ainda necessários à sua saúde, bem como a terapêutica a seguir, lembrando-lhe, com especial interesse, a necessidade de usar a quinina, a bordo e por algum tempo, mesmo depois de restituído ao seu país.

Quando o Sr. Coronel Roosevelt partiu de Belém, encontrava-se restabelecido desse último fleimão; seu estado geral era excelente. As várias injeções que lhe praticamos, quer de quinina, quer tônicas ou reconstituintes, foram sempre efetuadas nos membros superiores, e jamais manifestaram o mais leve sinal de infecção.

Heroísmo

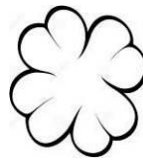
(MAGALHÃES, 1942)

PARA MIM, ESTE HEROÍSMO É BEM MAIS NOBRE E BEM MAIS DIFÍCIL, DEMANDA MUITO MAIS ENERGIA E TENACIDADE DO QUE O HEROÍSMO DO MOMENTO, DE DURAÇÃO EFÊMERA, COMO O QUE REQUER O ATAQUE DE UMA TRINCHEIRA INIMIGA: A PRIMEIRA É UMA TEMERIDADE REFLETIDA; A SEGUNDA, UMA TEMERIDADE QUE SE INCENDEIA COMO A PÓLVORA NEGRA, AO CALOR REPENTINO DO ENTUSIASMO CONTAGIOSO DAS MASSAS, QUE ARRASTAM O HOMEM ÀS MAIORES LOUCURAS.

LÁ É O COMANDANTE QUE FASCINA A MASSA COM O SEU ENTUSIASMO VIRIL, AQUI A MASSA QUE ELETRIZA O COMANDANTE, ENVOLVENDO-O NA ONDA MAGNÉTICA DOS HURRAS COMUNICATIVOS...

Impressões da Comissão Rondon

5ª Edição ilustrada, atualizada e aumentada

Coronel Amílcar Armando Botelho de Magalhães

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

1942

Ontem como Hoje...

Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos.
(Isidore Auguste Marie François Xavier Comte)

A história do mundo nada mais é que a biografia dos grandes homens. (Thomas Carlyle)

A mais autêntica homenagem que se pode prestar aos grandes vultos da Pátria é manter viva a lembrança de seus feitos, interpretar os acontecimentos de que participaram e recolher os dignos exemplos que nos legaram.
(Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Ed Nova Fronteira)

Pena que as autoridades tupiniquins não tenham tido a capacidade de aquilatar a relevância de nossa Descida pelo antigo Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt, desde Rondônia, atravessando o Noroeste do Mato Grosso até o Amazonas, e da homenagem que seus expedicionários se propunham a prestar à memória de Cândido Mariano da Silva Rondon – o Marechal da Paz e a Theodore Roosevelt – o ex-Presidente dos EUA.

Há exatos cem anos, estes dois grandes nomes da historiografia universal gravaram para sempre, seus nomes no "*pantheon*" dos heróis da humanidade ao realizar a épica descida por um Rio totalmente desconhecido, permeado de diversos Saltos, Cachoeiras e Rápidos, desafiando a turbulência de suas águas e enfrentando as agruras de um ambiente hostil, sem poder contar com qualquer tipo de socorro externo. Os séculos correm celeremente pela nossa querida e malfadada "*Terra Brasilis*" e continuamos eternamente, marcando o passo, estagnados moralmente, "*in æternum*", citados como "*o país do futuro*", um porvir que cada vez parece tornar-se mais e mais longínquo.

Um povo que ignora o esforço titânico de seus antepassados, que é incapaz de cultuar seus valores mais caros não conseguirá, jamais, almejar um futuro pródigo para seus filhos. O Hino do Rio Grande do Sul traz na sua bela letra uma insofismável verdade: "*Povo que não tem virtude / Acaba por ser escravo*".

O Coronel Amílcar A. Botelho de MAGALHÃES, há mais de setenta anos, já apontava esse equívoco cometido pelas autoridades republicanas em relação ao próprio Rondon:

> O lado moral, o lado heroico, o prisma sob o qual pudesse a nação aquilatar das dificuldades vencidas e dos sacrifícios empregados para chegar a essa quilometragem aritmeticamente contada e reduzida a mapas e a esquemas, são faces da questão votadas ao silêncio, ao desprezo e quiçá mesmo ao ridículo dos homens de gabinete, incapazes de aguentar alguns meses de Sertão... Dos vastos e admiráveis relatórios, que andam por cinquenta volumes, apresentados pelo General Rondon ao Governo da República, vede o que transcrevem, sem cor e sem entusiasmo, quase todos os Excelentíssimos Srs. Ministros da Guerra e da Viação e Obras Públicas em seus relatórios anuais. Através dos Relatórios Ministeriais, a obra de Rondon é quase uma obra de anão! (MAGALHÃES)

Heróis Anônimos

Da vontade fizeram renúncia como da vida... Seu nome é sacrifício. POR OFÍCIO DESPREZAM A MORTE E O SOFRIMENTO FÍSICO... A gente conhece-os por militares... por definição, o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai CORAGEM, e à sua direita a DISCIPLINA. (Guilherme Joaquim de Moniz Barreto – Carta a El-Rei de Portugal, 1893).

Evidentemente, a modelar conduta de Rondon cooptou o coração e as mentes de seus jovens Oficiais que tão galhardamente seguiram seu exemplo e, algumas vezes, imolaram-se anonimamente a serviço da Pátria. Não atacaram o inimigo nem tomaram de assalto suas instalações – seu foco era a Missão, estendendo linhas telegráficas ou demarcando os Sertões de "*brasis ainda sem Brasil*"; por vezes sacaram de suas armas atirando para o alto – morreriam, e alguns pereceram, se fosse preciso, mas não matariam nunca nossos aborígenes; foram arrojados e indômitos – enfrentaram as vicissitudes da selva e de seus habitantes hostis; cumpriram bravamente o que lhes foi determinado sem jamais titubear ou contestar as ordens recebidas.

Novamente recorreremos a um capítulo do livro "*Impressões da Comissão Rondon*", do Coronel Amílcar Armando Botelho de MAGALHÃES, para apresentar alguns destes homens de fibra inquebrantável, prestando uma justa homenagem a todos os heróis esquecidos, militares e civis, que tombaram nos "*ermos sem fim*" dos Sertões inóspitos, lançando linhas telegráficas ou demarcando nossas fronteiras.

UMA PÁGINA DE SAUDADE

1° Ten JOÃO SALUSTIANO LYRA

> De todos os vultos que desapareceram no decorrer dos trabalhos da Comissão Rondon, o primeiro nesta homenagem que lhes vou prestar, com pungente saudade, não só por justiça como pelo grau afetivo particular que me ligava a cada um deles, cabe ao distinto companheiro 1° Ten João Salustiano Lyra, provecto engenheiro-militar tão cedo roubado ao nosso convívio.

Vissem-no de perto como eu, robusto e jovial, modesto e sensato; cordial como todo indivíduo dotado de espírito superior; enérgico nos momentos precisos, sem quixotadas, mas firme, resoluto, inabalável, orientado pela bússola invariável da dignidade e do dever, e certamente lamentariam do fundo da alma que uma juventude tão esperançosa fosse bruscamente suprimida pelo destino!

Da sua capacidade, sempre vitoriosa a cada prova a que fora submetida, de seu brilhante talento, de seu já vasto cabedal científico e prático, de suas elevadas virtudes, não só o Exército como o Brasil, e quiçá a humanidade, teriam colhido extraordinárias vantagens se bem longa houvesse sido a sua trajetória na vida.

Digno êmulo de Rondon nas grandes explorações do Sertão, foi ele o único a quem o notável Chefe confiou o serviço da vanguarda, que é afinal, propriamente, toda a exploração, e requer qualidades raras de inteligência, golpe de vista, decisão, tato especial; bastava isto para o recomendar se ele não trouxesse, desde os bancos escolares, a tradição de um merecimento que se destaca do comum de uma geração.

Tomou parte com o General Rondon em quatro Expedições: as três grandes Expedições de reconhecimento e exploração de 1907, 1908 e 1909, de Mato Grosso ao Amazonas, e a Expedição Científica Roosevelt-Rondon em 1913-14. Em todas afrontara perigos e privações inenarráveis; por muitas vezes sentira a iminência de perder a vida!

Quis um destino caprichoso, imprevisto como todos os destinos, que fosse perder a vida num pequeno Rio (Sepotuba, afluente da margem direita do alto Paraguai) aos 03.04.1917, quando dirigia uma turma

independente de serviço geográfico, em trabalhos de levantamento da carta de Mato Grosso.

Como a sua vida excepcional, excepcional foi também a sua morte, envolvida no mistério da ausência de testemunhas. Estas apenas assistiram à primeira fase do desastre que o vitimou; como desapareceu, e para sempre, o seu corpo na profundeza das águas, ninguém o sabe...

No cenário apenas quatro protagonistas, dois que pereceram e dois que se salvaram; uma corredeira impetuosa onde as águas borbulham e burburinham, espadanando sobre rochedos; em torno a floresta despovoada, silenciosa e indiferente como toda massa inerte da natureza...Nesse desvão sem glória, a mão do destino apaga facilmente uma existência gloriosa e uma juventude viril também preciosa – Lyra e Botelho.

Tem muita força a fatalidade: como conceber de outra forma que dois grandes nadadores, de fortes músculos, acostumados a esforços mais violentos, fossem vencidos nessa luta?!

Ainda mais quando a calma revelada pelos náufragos levou-os a atirar para terra as cadernetas de levantamento, para que não se perdessem na corrente e com elas desaparecesse o resultado do trabalho até aí executado; quando espontaneamente atiram-se na água, na convicção de que tal iniciativa evitaria, como evitou, a submersão da pequena canoa em que navegavam!

Esta, flutuou realmente, depois de colher em seu bojo boa porção de líquido, e, arrastada pela correnteza só pôde ser atracada à margem 200 metros a jusante, apesar do esforço neste sentido empregado pelo piloto.

Fora lançado na água, ao primeiro desequilíbrio da canoa, o proeiro, que nadou para a margem e nada mais viu, porque tratara apenas de se salvar. O piloto, no último olhar que lançou para a retaguarda, viu ainda os dois oficiais à tona da água; quando saltou em terra e correu margem acima ao local do sinistro, nenhum vestígio mais deles encontrou: haviam desaparecido.

Aos gritos do piloto, na esperança de que os oficiais, arrastados pela velocidade das águas, pudessem ter saído mais abaixo, apenas o eco respondeu... Por terra, trilhando caminhos diferentes, a tropa diariamente vinha à beira do Rio, ao encontro da turma de levantamento, em pontos previamente determinados pelo Chefe da Expedição – Tenente Lyra. E era essa justamente a última etapa a vencer, para amarrar o serviço a Tapirapuã, porto da margem esquerda do Sepotuba [hoje Rio Tenente Lyra] até onde, desde a foz, a Comissão havia já executado o levantamento desse curso de água. A última etapa correspondeu, assim, o último dia de vida dos dois distintos oficiais.

Os sobreviventes pediram socorro ao pessoal da tropa e todos reunidos porfiaram em encontrar os corpos dos malogrados exploradores. Ao terceiro dia de pesquisas infrutíferas, deram sepultura ao Tenente Eduardo de Abreu Botelho, mas não foram jamais encontrados os restos mortais do Primeiro-Tenente Lyra.

Estava em impressão nesse momento o último trabalho realizado pelo Primeiro-Tenente Lyra, correspondente ao serviço astronômico da Expedição Roosevelt e o Sr. General Rondon; em homenagem ao mérito e aos serviços desse dedicado ajudante, determinou a inclusão de seu último retrato nessa publicação [Publicação n° 52 da Comissão Rondon].

Muito teria eu a dizer se fosse possível estender mais as presentes apreciações sobre a inconfundível personalidade do Tenente Lyra; mas, seria descabido para o caráter deste modesto opúsculo, escrito nas horas vagas, durante as viagens de bonde e de trem, ou enquanto esperava ser despachado nos Ministérios e nas Repartições Públicas, onde me levavam constantemente as funções do cargo que exerço na Comissão (Chefe do Escritório Central).

2° Ten EDUARDO DE ABREU BOTELHO

A morte deste oficial ocorreu conforme está exposto linhas antes. Seu corpo foi encontrado em adiantado estado de putrefação, deformado pelos peixes e tendo em uma das mãos um fragmento de cipó, a que provavelmente se agarrara nos últimos instantes de vida, na ânsia do salvamento. A pedido de sua desolada família, os seus restos mortais foram exumados no Sertão e conduzidos pela Comissão ao Rio de Janeiro.

Ficou-me para o resto da vida a forte impressão de dor e de saudade inenarrável de sua velha mãe, atingida por tão prematuro golpe: as suas lágrimas incontidas e o seu aspecto desolado, faziam-na como a encarnação da mágoa humana, quando defrontou a primeira vez comigo, depois da triste ocorrência que me competira comunicar-lhe muitos dias antes, por intermédio de sua Exmª filha. Pesada incumbência essa de transmitir às famílias, com as delicadezas que o caso requer, o desaparecimento de um companheiro de trabalho! Várias vezes, infelizmente, tive que desempenhá-la nestes seis anos de escritório!

Do opúsculo "*O desastre do Sepotuba*", cuja publicação o escritório central autorizou (por conta dos recursos obtidos mediante subscrição aberta

pelos companheiros da Comissão, para as despesas da missa solene, em homenagem à memória dos dois inesquecíveis mortos), transcrevo os seguintes tópicos:

> Admiradores dos trabalhos patrióticos da Comissão que a sabedoria popular designou com a mais ampla justiça – Comissão Rondon – resolveram publicar as seguintes notas, obtidas no escritório central da Comissão, com os comentários que aqui expõem, a fim de prestar uma singela mas expressiva homenagem aos dois dignos oficiais, recentemente desaparecidos no sinistro ocorrido em águas do Rio Sepotuba, aos 03.04.1917.
>
> Acreditam que a simples leitura destas despretensiosas notas e dos documentos que exibem, sirvam para despertar na mocidade brasileira o interesse pelas coisas do Brasil, salvando a memória dos heróis protagonistas do mar da indiferença.
>
> Ecoou dolorosamente por todo o Brasil esse desastre que teve por teatro o extremo Sertão Noroeste de Mato Grosso e do qual foram vítimas dois distintos oficiais do nosso Exército, ali em trabalhos da Comissão Rondon. Pela segunda vez, a fatalidade veio desta forma cobrir de luto a brilhante e patriótica corte de oficiais que, em torno do valoroso, experimentado e competente engenheiro-militar que é o Coronel Rondon – o notável sertanista patrício – tem dedicado uma parcela de vida e a totalidade de seu entusiasmo varonil aos perigos imprevistos de explorar os nossos Sertões.
>
> Ainda ontem caía Marques de Sousa, em pleno coração de Mato Grosso, quando explorava o então Rio Ananás, sagrado depois com o seu heroico nome; hoje sentimo-nos abalados com o desaparecimento de outros dois jovens oficiais, arrancados à vida pelas águas revoltas do vertiginoso Sepotuba.

> Ajoelhemo-nos, com veneração máxima, diante destes dois novos túmulos que se abrem, e apontemos à mocidade de nossa Pátria esse nobre exemplo, estoico, sublime, com que se sagraram para sempre heróis benditos, esses tipos de energia máscula, misto de ousadia bandeirante e de intenções patrióticas, sempre orientadas por consciente dedicação ao serviço público. Dois nomes mais inscreveu a história Pátria na lista dos que morreram no cumprimento do dever, no teatro das mais arrojadas Expedições dos que sacrificaram a vida em trabalhos úteis, colimando o progresso do país: o 1° Ten Engenheiro-Militar João Salustiano Lyra e o 2° Ten Eduardo de Abreu Botelho, seu digno auxiliar. E daqui fazemos um justo apelo ao Poder Legislativo para que, igualmente, em homenagem aos dois pujantes troncos derribados prematuramente por cruel fatalidade, conceda uma pensão ([179]) aos herdeiros dos Tenentes Lyra e Botelho, tal como muito legitimamente concedeu aos herdeiros de Marques de Souza. A Comissão Rondon se ufana de o poder aqui registrar, pela minha desautorizada voz. (MAGALHÃES,1942)

Os companheiros de trabalho da Comissão Rondon e os que a esta pertenceram, mandaram celebrar, no dia 3 do corrente, uma missa no altar-mor e duas outras nos altares laterais da suntuosa Igreja da Candelária, em homenagem à memória de seu s bravos companheiros Tenentes Lyra e Botelho. Durante a tocante cerimônia, a parte musical e de cânticos, organizada pela Exmª Sr.ª D. Margarida Calasans, esposa do Dr. Armando Calasans, forneceu uma suave e carinhosa nota artística à solenidade, despertando grande emoção na numerosa assistência.

[179] O Congresso Nacional concedeu essa pensão, por decreto assinado no início de 1918.

> Fizeram-se ouvir então Madame Calasans em primeiro lugar, cantando o "*Pia Jesus*"; em seguida madame, Siqueira no "*Trio de Bacchi*". As duas senhoras, esposas de dois ex-ajudantes da Comissão Rondon, bem como a senhorita Lourdes Vallim, que cantou o "*Salutaris*", prestaram gentilmente o seu concurso à grandiosidade dessa manifestação de sentimento, pela perda irreparável dos dois queridos mortos. O Sr. Hess Mello executou belíssimo solo de violoncelo. Todos os acompanhamentos foram prestados pelo exímio artista que é o maestro Figueira.
>
> Finalmente, cabe aqui a referência à saudação que o General Rondon leu no cemitério de S. Francisco Xavier, ao serem recolhidos os despojos do Tenente Botelho ao jazigo perpétuo da família, saudação que já foi integralmente transcrita no capítulo "*O estilo é o homem*". (MAGALHÃES, 1942)

Reproduzimos abaixo a locução pronunciada por Rondon, mencionada por Magalhães no parágrafo anterior:

> Cumprimos, nós, da Comissão Telegráfica, o doloroso dever de render esta singela homenagem à memória do saudoso Segundo-Tenente Eduardo de Abreu Botelho. Venerar e amar a memória de quantos concorreram com uma parcela do seu esforço para a grandeza e civilização da nossa Pátria, é um dever cívico a todo mundo imposto.
>
> Entre os muitos que deram, com a sua vida, prova de amor, de patriotismo, pela obra da integração do Sertão ao patrimônio nacional, é de justiça mencionar o simpático oficial do Exército Tenente Eduardo de Abreu Botelho.

Ainda como Alferes-aluno, ele comandou o 2° Destacamento Militar que foi instalado na Ponte de Pedra sobre o Sacuriú-Iná, para policiar o Grande Sertão, procurando então congregar, em núcleo indígena, os Parecis-Cachinitis do vale desse Rio e do Anhanazá. Fundou o segundo núcleo de Utiarity, reunindo ali os Parecis-Uaimarés, do vale do Timalatiá. Completou a instalação da estação telegráfica de Vilhena e organizou o serviço de conservação da linha, construída em pleno coração do Noroeste mato-grossense. Daí partiu para cooperar na construção do Norte, servindo no setor do Madeira.

A segunda fase da sua – para sempre interrompida – carreira, ainda na Comissão telegráfica, depois de um interregno de caserna, consistiu em trabalhos prestados à carta de Mato Grosso.

O destemido oficial fez parte da turma de exploração geográfica chefiada pelo valoroso engenheiro militar, o eternamente glorioso Primeiro-Tenente João Salustiano Lyra, a quem a fatalidade o ligou no desespero do último momento, para nunca mais as memórias desses dois oficiais se separarem.

Foi no desempenho deste espinhoso dever que Botelho desapareceu do cenário da intensa vida nacional. Os dois malogrados oficiais exploravam as cabeceiras do alteroso Sepotuba. Haviam pesquisado todos os recantos e segredos de um dos formadores do Rio. Desciam-no para completar o trabalho. Os perigos se sucediam de Catadupa em Catadupa, de Salto em Salto, de Cachoeira em Cachoeira. O Rio era um só Rápido.

Após três naufrágios sucessivos, em que o Tenente Lyra, em fragílima piroga operava, auxiliado pelo radiotelegrafista Magalhães, que não sabia nadar, o

abnegado Tenente Botelho, que então, por terra acompanhava a turma de serviço, se oferece para substituir o telegrafista que três vezes escapara de morrer afogado. Dolorosa fatalidade!

O bravo oficial, como o seu denodado Chefe de turma, se distinguia como nadador. Confiantes em si mesmos, nos seus músculos bem treinados, embarcaram e desceram o Rio os intrépidos oficiais, arrostando a fúria das correntes. Mal haviam se desembaraçado dos primeiros tropeços da partida, foram logo atropelados pela impetuosidade das corredeiras.

O leito do Rio é cavado na declividade dos últimos espigões das abas da serra dos Parecis e do seu grande contraforte, a serra de Tapirapuã. Justamente por isso, naquele trecho, entre o Salto das Nuvens e o da Felicidade, as águas se entrechocam em convulsões desesperadas. A embarcação é assoberbada pelos furiosos embates das ondas. Era inevitável o naufrágio.

Para impedir a perda do material, os dois oficiais lançaram-se no Rio, vestidos e equipados como se achavam. Arriscaram a vida para salvar o serviço! A luta foi tremenda.

A canoa com seus dois tripulantes, assim aliviada, foi repentinamente atirada, Rio abaixo, para bem longe. Os oficiais são arrebatados pela corrente. Os tripulantes tentam salvá-los. Impossível a subida da canoa. O Ten Lyra debatia-se na convulsão das vagas da Cachoeira. E o seu equipamento não lhe permitia maior liberdade de ação. O intrépido Tenente Botelho demandou a ribanceira. Alcançou-a. Na ânsia da salvação, volta a vista para o camarada, que se debatia no infernal rebojo. Atira para a barranca a caderneta que trazia à mão. Salva o serviço!

Volta "*incontinenti*" para acudir o companheiro, pensando salvá-lo também. Momento de desespero! Os dois abraçados lutam contra o ímpeto das fragorosas ondas. Vãos esforços! A fatalidade venceu o ânimo. Os dois companheiros, num sublime e fraternal amplexo de solidariedade humana, sumiram-se na voragem das vagas. Abismaram-se às profundezas das **locas** (furnas) da Cachoeira. Sacrificaram-se pelo serviço. Sublime dever!

Seria doloroso homenagear um destes oficiais, sem lembrar o outro. Embora de caráter muito íntimo, como é a solenidade deste culto de família, falando de Botelho, não poderíamos deixar de lembrar do Lyra.

Por isto solicitamos o necessário perdão, caso possam as nossas referências profanar o sagrado remanso deste eterno jazigo, na consagração do culto, que neste instante tributamos à memória do Tenente Eduardo de Abreu Botelho, com profunda saudade do seu companheiro de desdita.

Nobre camarada, aqui, diante dos teus sagrados despojos estão os teus companheiros de Sertão; os teus amigos, os teus Camaradas do Exército, a tua família, que vieram trazer-te o último adeus.

Sendo verdade que "*os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos*", a tua memória não desaparecerá das almas dos teus companheiros, do coração da tua família, da lembrança da sociedade que serviste.

O teu nobre exemplo será ensinamento para as gerações vindouras, que cultuarão o teu nome pelo rasgo de altruísmo em que sepultaste a tua vida. Morreste para salvar o companheiro. Edificante lição!

Desapareceste da ação objetiva para reviveres nas exortações subjetivas dos que acreditam na regeneração social.

A nossa saudade é sincera, como profunda é a convicção que temos de estar trabalhando pela grandeza da República, da qual o Exército jamais se desinteressará.

A nossa gratidão se nivela à veneração com que cultuamos os feitos dos grandes servidores. Redivivo serás, nobre Botelho, nos corações dos teus companheiros da Comissão Telegráfica. Cansa-se de pensar, cansa-se de agir, nunca se cansa de amar.

Que prazeres podem exceder aos da dedicação?

Não há de irrevogável na vida senão a morte.

Para bem cumprirmos o dever, precisamos ter o coração sempre cheio, mesmo de dor, da mais amarga dor!

2° Ten FRANCISCO MARQUES DE SOUZA

Trágica foi também a morte deste bondoso camarada, cuja pureza de alma transparece do diário de viagem que redigiu até a véspera de seu desaparecimento. Hábil operador nos trabalhos de campo, hábil desenhista, que vinha colaborando na nossa cartografia, enquanto se curava do impaludismo e da leishmaniose, contraídos no Sertão, a sua simpática figura gravou-se indelevelmente no coração de todos nós que privamos com ele. Dotado dos mais nobres sentimentos, vitimou-o a sua própria grandeza de coração, o seu excessivo espírito humanitário, temperado de profunda fé católica.

Num gesto admirável – que lembra muito bem o desprendimento da vida e o superior desprezo de Jesus pela dor ou pela morte que lhe pudessem dar os seus algozes – abrindo os braços em cruz, em face da horda de índios que o atacou, chamando-lhes amigos e insistindo para que não lhe desferissem mais suas flechas selvagens, dir-se-ia antes um predestinado ao martírio dos Sertões, do que um simples ente humano...

Como preito à sua memória, descrevo o que se passou na Expedição que lhe custou a vida e a seguir transcrevo alguns tópicos do seu diário de viagem, reproduzindo a notícia [redigida por mim] que foi publicada pelo "*Jornal do Commercio*" desta capital, em 13.09.1915, nos seguintes termos:

> Podemos hoje reconstituir, com todos os pormenores, as cenas da manhã de 29 de maio de 1915, nas margens do Rio Ananás, no momento em que caiu vitimado pelas flechas dos índios Araras, o Tenente Marques de Souza, da Comissão Rondon, por esta encarregado de proceder ao levantamento daquele Rio.
>
> À frente de uma turma de dez homens, o Tenente Marques de Souza iniciara, a 16 de abril, a exploração do Ananás e, pelo seu diário, os nossos leitores ficarão inteirados das aventuras e peripécias dessa laboriosa e destemida travessia, realizada por entre perigos quase intransponíveis, em que avultam três naufrágios sofridos em pouco mais de um mês de incessantes trabalhos.
>
> Vamos descrever as cenas de 29 de maio, valendo-nos das declarações dos sobreviventes dessa trágica manhã, naquelas longínquas paragens do Sertão mato-grossense.
>
> Na véspera, aportara Marques de Souza àquele ponto e aí instalara o seu 43° acampamento. Fora a

isso obrigado por se terem despedaçado e naufragado, numa Cachoeira próxima, de três saltos, duas canoas de sua Expedição, que com esse desastre só poderia dispor, daquele momento em diante, de uma única embarcação. Era, pois, necessário acampar, para construir novas canoas.

Próximas da margem direita do Rio, existem duas ilhas. O Comandante escolheu a maior, com magníficas árvores de sombra, para o seu acampamento.

A noite, como se verá adiante, pelo diário, correu sem novidade.

Primeiras horas do dia. A vida intensa do acampamento já se iniciara. O pessoal fora convenientemente distribuído, segundo as necessidades do dia: fabricação das canoas, pescarias, caçadas e apanhamento de castanhas.

Em torno da Ilha, onde Marques de Souza permaneceu dirigindo o serviço de fabricação de canoas, a cargo de quatro homens, a floresta, gigantesca e silenciosa, parecia inabitada e tranquila.

Todavia, iludindo o próprio faro do cão de guarda do acampamento, ali estava bem perto, à distância apenas de poucos metros, tudo vendo e tudo observando, sem despertar a menor desconfiança nem produzir o mínimo ruído que lhe denunciasse a presença, o grupo nu de índios desconhecidos...

Os expedicionários, conforme já dissemos, dispunham de uma única canoa, a que transportara à margem oposta os dois homens encarregados de caçar, os quais, para isso, haviam levado as duas armas prestáveis, das poucas que ainda restavam à coluna expedicionária.

Todo o núcleo de arrojados exploradores estava disperso.

Súbito corta o ar a primeira seta, outra, mais outra... Quer da Ilha, quer da margem, sentem-se os homens acossados pelas taquaras selvagens. Lançando mão da única arma de fogo que ficara no acampamento, Marques de Souza, corajosa e abnegadamente, atira para o ar.

Há um grande pânico, e a onda silvícola retrocede indecisa. A um segundo disparo, a arma falha, os índios recuperam a coragem e avançam novamente, desferindo flechadas a torto e a direito. Traído pela carabina, o oficial tenta ainda um supremo recurso: abre os braços, em atitude de amizade, e exclama: "*Não me flechem!*" A sua figura, porém, o seu gesto generoso não logra convencer nem comover os aborígenes, que ali encontravam oportunidade de vingar as perseguições com que eram vitimados, há longos anos, pelos seringueiros sem escrúpulo.

Marques de Souza é atingido por duas flechas em pleno peito e por uma outra no abdômen. Vendo já morto, ao seu lado, o canoeiro Tertuliano Ribeiro de Carvalho e um outro, também bastante flechado, o oficial atira-se na água e tenta nadar, com os seus homens, para as bandas em que se achava a canoa.

Graves eram, porém, os ferimentos recebidos, e Marques de Souza submerge e é arrastado pela forte correnteza do Rio. E assim acabou a vida do valoroso e digno oficial, que era um dos mais belos ornamentos da Comissão Rondon.

Morto o oficial, e morto o companheiro, recebido na canoa, prestes a afogar-se um outro canoeiro quatro vezes flechado, o pânico invade aquela gente, entregue a si mesma, sem uma cabeça dirigente. E assim, os que escaparam, resolveram apressadamente abandonar aqueles sítios, apelando para o supremo raciocínio do "*salve-se quem puder*".

E, remando águas abaixo, abandonaram os dois cadáveres, bem como mais dois companheiros que se haviam embrenhado na floresta, para os serviços

de caça. Um destes, que por feliz coincidência se encontrava próximo da margem, atraído pelo rumor da canoa, abeira-se do Rio e consegue assim incorporar-se aos fugitivos, dois dos quais se achavam completamente nus.

O outro caçador, porém, lá ficou, abandonado, ignorando o que se passara.

Quando o sol já ia alto, tomou tranquilamente o rumo do acampamento e para lá se dirigiu, levando o produto de suas caçadas. Vinha espreitando, como costumam fazer os caçadores profissionais, e, ao aproximar-se do acampamento, ouviu um extraordinário murmúrio de vozes que em nada se assemelhavam às dos seus companheiros. E assim avançou sutil e cauteloso.

Num desvão de pedra, acocorado, observou que o acampamento onde ele esperava encontrar o seu oficial e os Camaradas, estava agora ocupado por numeroso grupo de índios. Viu-os tomar o cadáver do cão de guarda e envolvê-lo na capa de borracha de uso do oficial; viu-os quebrarem e arremessarem na água os instrumentos de engenharia, empregados no serviço de levantamento do Rio. Do seu esconderijo, observou tudo, e, até a hora em que o sol tranquilamente esmaecia no poente, ali se conservou, nessa atitude perigosa e incômoda, sem nada poder fazer, em vista da insuperável superioridade numérica do inimigo.

O caçador esteve nessa posição pelo espaço de sete horas seguidas. Já quase noite, os índios lançaram-se ao Rio, atravessando-o a nado, em busca de suas malocas.

Foi então que o espião se ergueu e caminhou para o acampamento, onde examinou os destroços abandonados e encontrou entre estes o diário do Tenente Marques de Souza, preciosa relíquia, cujo original a Comissão Rondon, sábado último, entregou à família do pranteado sertanista.

Obtivemos uma cópia desse documento, cujas primeiras páginas vamos hoje oferecer aos leitores do *"Jornal do Commercio"*.

Marques de Souza, diariamente, escrevia em um caderno as suas impressões e os resultados das explorações que ia realizando. Essas notas eram tomadas sem maiores preocupações de estilo, muitas vezes na própria canoa, e denunciam na sua singeleza, a bondade de alma do digno oficial, bem como a sua inquebrantável energia, a sua intemerata bravura e o seu ilimitado zelo pelos serviços que lhe foram confiados.

Juntamente com o diário, foi arrecadado o livro de ponto do pessoal e outros pequenos objetos.

No dia seguinte, perdidas as esperanças de se encontrar com os companheiros, o caçador resolveu partir, margeando o Rio, repousando somente durante as noites e trazendo consigo os objetos arrecadados.

No dia 13, encontrou em uma praia o corpo de Marques de Souza. Verificou então os três ferimentos a que já nos referimos. Com um caco de panela indígena e um tição apagado, objetos estes achados junto do cadáver, o expedicionário cavou na areia um túmulo e nele enterrou o seu inditoso Chefe.

Desperta, sem dúvida, um certo interesse, a figura desse caboclo, João Pereira da Cruz, natural do Piauí, abandonado por seus companheiros, condenado a marchar através do desconhecido, contando consigo, só consigo, para comer, dormir e defender-se.

Durante 24 dias caminhou, avançando o máximo que lhe permitiam a fadiga e a deficiente alimentação. Ao cabo desse tempo, encontrou a primeira barraca de seringueiros, mas aí não foi possível descansar, e outros 22 dias teve que

marchar nessa vida obrigatória de nômade, tristemente aventurosa.

Ao fim de 46 dias de dispêndio forçado de energia, caminhando Rio abaixo ao encontro de seus ingratos companheiros, chegou à barraca de um seringueiro que, compadecendo-se dele, conduziu-o em sua ubá e permitiu-lhe, assim, alcançar os fugitivos, com os quais chegou a Manaus, finalmente, cerca de dois meses depois do trágico acontecimento.

Eis alguns trechos do diário de Marques de Souza:

A 18.02.1915 – Ainda não iniciei os trabalhos. Mandei fazer as canoas. Há dificuldade de madeiras grossas, de forma que se torna necessário desobstruir o leito do Rio para fazer a primeira ubá. Infelizmente, tenho que permanecer deitado, devido aos pés. Tenho suportado porque não posso sair do mosquiteiro, devido à praga de abelhas, piuns, borrachudos e companhia.

Que martírio!! Mais ou menos 11h30. Desde Barão de Melgaço, pouco durmo. Só concilio o sono às 24h00 ou à uma 01h00. Fico em um estado de desespero horrível. Estou ansioso para que se inicie este meu trabalho a fim de acabá-lo o mais breve possível.

Há momentos agradáveis nesta vida de Sertão, mas, em compensação, nos momentos de amarguras, de aborrecimento, sofre-se mais, muito mais do que em outro qualquer lugar; talvez seja devido à falta de um consolo, talvez devido à ausência de uma pessoa amiga.

A 22.02.1915 – Ficou pronta a primeira ubá e finalizou-se o serviço de construção do primeiro marco, que pretendo fincar amanhã no campo do Mangabal. O marco tem a seguinte inscrição:

> Comissão Rondon, marco n° 1 – Campo do Mangabal – Amarração da Variante dos Campos de Maria de Molina ao marco do Porto do Rio Ananás, de onde a turma de Exploração desceu esse Rio. – Tenente Marques de Souza. 22.02.1915.

A 02.03.1915 – Que lugar horrível este! Úmido, sujo e cercado de grandes poças de água estagnada. Amanhã vou mudar o acampamento para baixo, pois o pessoal que está desobstruindo o Rio deu-me notícias de um bom lugar. Às 14h00, saí com o Cândido e fomos explorar uma bela campina onde o capim gordura roxo lastrou com uma exuberância espantosa. Ela fica a uns 300 m do local onde nos achamos e fica a uns 50 m da margem esquerda de um Ribeirão, que suponho ser o Lyra. É local de antiga roça de índios, pois encontramos um pé raquítico de mandioca.

A 05.03.1915 – Mudei hoje acampamento; é o 5°. A mata é feia, suja, mas o local é arenoso e seco. O Rio continua no mesmo. Tem recebido vários Igarapés, mas em lugar de ficar mais largo, aprofunda-se e, em certos pontos, estreita-se bastante. Tem "*voltas*" verdadeiramente caprichosas, tornando difíceis as manobras das ubás. Felizmente hoje, a praga das abelhas, mosquitos de mil qualidades, as terríveis mutucas e as teimosas "*Beruanhas*" ([180]) não nos impacientaram. Agora, às 18h00, chove copiosamente. Que tristeza eu sinto quando as tardes são chuvosas! O quanto me não recordo de casa, de minha noiva e de meus amigos.

A 06.03.1915 – Às 07h00, baixei o Rio para explorá-lo antes de fazer o levantamento, como habitualmente faço, até o ponto em que ele recebe dois Igarapés na margem esquerda e creio que um na direita. Não se pode dizer ao certo, pois o terreno é todo baixo e alagado.

---

[180] Beruanha: inseto hematófago encontrado no excremento dos animais e que transmite ao homem, entre outras doenças, o tifo e o carbúnculo.

Cheguei até a pinguela de que se servem os índios Nambiquara, do grupo dos Cananis. À margem esquerda, ficam os Campos dos Palmares de Maria de Molina. Procurei aí no porto um bilhete de despedida que me deixou o Coronel Rondon, quando explorava, há dias passados, os campos, mas não encontrei, porque, com certeza, os "*Parentes*" inutilizaram-no. Ao chegar no Porto dos Cananis, lugar alto, vi as ubás sem o pessoal e logo calculei que eles estavam com os índios. Não errei. Depois de dar dois gritos de chamada, eles vieram com os dois índios e uma criança. Pouco compreendi do que me disseram os índios em resposta às informações que lhes pedi. Apenas percebi claramente, pois neste ponto explicaram bem, que o Rio corria sempre na direção do nascente. Se assim for, quem sabe se não estarei nas cabeceiras do Canumã? Lembrei-me logo de um fato que muito me entristeceu na noite de 15.02.1915, fato que me narrou o Coronel Rondon, quando foi ao meu acampamento despedir-se de mim.

UMA BATALHA ENTRE ÍNDIOS

Narrou-me ele que, subindo o alto Ji-Paraná, pouco abaixo do ex-acampamento dos Araras, viu em uma ubá de casca de cajueiro três índios. Aproximando-se, notou que todos três estavam feridos. Um velho, com flechada que lhe varou o pescoço e uma outra na mão; a criança ferida em uma das mãos e um rapaz com um ferimento no peito.

Tendo feito ligeiros curativos aos feridos, prosseguiu a viagem e, chegando ao ex-acampamento dos Araras, parou e desembarcou. Logo ao olhar, viu que ali se tinha desenrolado uma luta terrível: luta em que alguns indígenas se tinham empenhado com todo o seu ardor guerreiro. No chão sobejavam os vestígios desta sangrenta luta. O capim rasteiro todo amassado, flechas quebradas e as poças de sangue, indicavam o que se tinha ali passado. Era horrível...

Impressionou-lhe mal este acontecimento.

Ao chegar em Pimenta Bueno, pôde então saber toda a verdade. Em Pimenta Bueno, conforme disse atrás, achava-se uma turma de índios (descendentes dos Tupis), notando-se entre eles os de nome Marupá, Avená e a índia Inaiôp, um velho e uma criança. O índio Marupá e a sua mulher Inaiôp, inspiraram simpatia a todo o pessoal. Eram alegres, brincalhões e muito unidos. Tendo o Coronel Rondon mandado chamar os KepiKiri-uats para fazer-lhes presentes, como faz com todos os índios, eles não quiseram ter o encontro e preferiram então fazer uma ligeira ubá de casca de cajueiro e desceram para esperar o Coronel Rondon.

Ao enfrentarem o Porto dos Araras, pararam e foram para terra. Aí então, índios de sua nação, porém de grupos diferentes, agrediram-nos e travou-se a luta sangrenta, onde pereceu o robusto e infeliz Marupá. O móvel de tudo isso era o rapto e a posse da desditosa Inaiôp. E enquanto os sobreviventes desciam, lacrimosos, o Ji-Paraná, a jovem índia aguardava o momento em que o mais forte e apaixonado lhe designasse a sua sorte. Pobre Inaiôp!!

A 09.03.1915 – E este meu pobre caderno que já me acompanha de Porto Alegre, desde o mês de agosto de 1908, abandonou-me por dois dias. Vou transcrever as notas que tomei no dia oito: ontem pela manhã, mudando meu acampamento para este, quando atracava no Porto dos índios, a ubá em que eu vinha, tocando em um pau, e, devido à forte correnteza do Rio, virou e perdi não só minhas dietas, como também miudezas, objetos e todos os fósforos. Graças a Deus, consegui salvar os instrumentos. Estou desta forma com 80 palitos de fósforos, que consegui reunir entre todo o pessoal. Já tomei as providências para despachar o João com um índio para Três Buritis, a fim de ver se consigo arranjar ao menos um maço.

Neste primeiro contratempo, perdi também as notas que tomava, a minha bolsa, tesourinha, espelho, binóculo, enfim, todas essas miudezas indispensáveis para uma pessoa que faz Expedição. Ainda dei graças a Deus por ter salvo a caixa com papéis da Expedição e o meu relógio, apesar do formidável banho que tomou. Os índios estão constantemente em nosso acampamento, despreocupados, felizes nesta vida nômade que levam. Agora mesmo está ao meu lado um grupo de mulheres que, a todo instante, riem-se gostosamente e conversam. Reina entre eles a alegria, enquanto em mim, a tristeza.

São as saudades dos meus, o contratempo que ontem sofri, a falta absoluta de caça e pesca para a alimentação do pessoal, o estado do Rio, sempre trancado de árvores, enfim, mil coisas pequeninas são os fatores principais que concorrem para que esteja triste. Estou aflito para sair desta zona e entrar em outra onde a mata e o Rio me possam fornecer alguma coisa.

A 11.03.1915 – Os índios não apareceram ontem, mas, em compensação, roubaram-me dois machados, os melhores que eu tinha. No dia nove, apareceram pela segunda vez os índios mais bonitos que vi nesta zona dos Nambiquara. Julguei que fossem os Sabanezes. São mais claros, a pele bem avermelhada, desempenados e com bonita musculatura. A minha primeira preocupação foi tirar-lhes uma fotografia, mas quando armei o tripé e assentei a máquina para pô-los em foco, levantaram-se precipitadamente, agarraram nos arcos e flechas e as mulheres nos baquités, cheios de ananazes e saíram apressadamente, sem que ao menos lhes pudesse tirar um instantâneo. Ficaram em nosso acampamento (quarto) somente dois índios da aldeia que dista daqui um quilômetro. Na tarde de ontem, fiz o levantamento expedito deste acampamento à aldeia dos índios. Destes consegui, sem que desconfiassem, tirar três instantâneos. Aí vi um índio bem velho, mas bem forte ainda e alegre.

Às 11h00, chegou o João. Ele foi a Três Buritis e, como não achasse o José Francisco, foi até José Bonifácio. Felizmente, trouxe-me 17 caixas de fósforos para dois meses!!!

Acampei hoje na margem direita. É este o nosso quinto acampamento. Felizmente, o Rio está melhor. Um pouquinho mais largo, porém bem profundo e, em lugar da mata de charravascal ([181]), temos taquaral. É difícil encontrar-se lugar firme. Tudo é terreno alagado, composto de Igarapés. Às três horas da tarde, chega uma turma de índios da maloca do Nuchilá, em José Bonifácio, e que vieram com o João até a aldeia que fica perto de nosso acampamento. Já me acho em nosso quinto acampamento, desde as doze e meia da tarde. O local é alto, mas o mato é de charravascal e tabocal, sendo que para o centro tudo é campo. (MAGALHÃES, 1942)

UM BILHETE DO CORONEL RONDON

A 15.03.1915 – Hoje completou um mês que o Coronel nos fez a visita de despedida e, grande coincidência, o pessoal achou, quase que na mesma hora em que ele chegou em nosso acampamento, o bilhete que ele nos deixou numa vara da pinguela de que se servem os Cananis para atravessarem o Rio. O bilhete diz o seguinte:

> (Rio Ananás).
>
> Carumiriaru – 11.02.1915 – boa viagem aos intrépidos exploradores do Rio Ananás ou Carumiriaru.
>
> P. S. – Logo abaixo recebe o Ribeirão Heron.

A 17.03.1915 – Hoje cedo, mudei para o oitavo acampamento na margem direita do porto em que

[181] Charravascal: região de vegetação quase impenetrável, formada de espinheiros e certas leguminosas.

está a pinguela dos Cananis, na qual o Coronel Rondon nos deixou o bilhete de boa viagem. A balsa, graças a Deus, veio bem. Contra minha expectativa, a balsa não trouxe toda a carga que ficou muito aumentada com a carne do boi que matamos. Isso devido ao lastro ser feito de varas verdes. Mas logo que sequem, ela suportará toda a carga e cinco homens. Hoje recebi a visita de sete índios. Nada me trouxeram e queriam "*boi*". Um dentre eles era malcriado e atrevido. Fui ríspido com ele e pouco depois foram embora. Estou ansioso para me afastar desta antipática tribo.

A 01.05.1915 – 28° acampamento, 02h00. Saí às 07h30. Após meia hora de viagem, ouvimos o ruído de um salto, e, com toda precaução, mandei fazer uma exploração. Isto passou-se às 08h00, e às 09h00, sabia eu da existência de mais dois saltos, sendo impossível a viagem pelo Rio. Na margem esquerda, onde atracamos, é um pequeno campo limpo, e fácil nos foi transportar a carga.

Acampei logo abaixo do segundo salto, que tem 1,5 a 02 m de altura, numa praia. O Rio é largo e o lugar belíssimo. Julgamos prosseguir a viagem, mas foi impossível. O pessoal conseguiu, com facilidade, botar as canoas acima do segundo salto e amanhã então tratar-se-á de rolá-las por terra. Parece incrível que, desde o dia 10.04.1915 até hoje, não tenhamos viajado duas horas por dia! Ora são os secos ou corredeiras, ora as cachoeiras, e os saltos, uns em seguida aos outros. Quando acabaremos com esta luta sem fim? Teremos, depois destes dois saltos, outros mais?

A 02.05.1915 – Só à tarde, após lutarmos o dia inteiro, é que conseguimos varar por terra as duas ubás. Esperamos sair pela madrugada, restando saber se nos acontecerá fazer viagem e, em uma ou duas horas, creio que havemos de encontrar ainda um grande salto, porque até agora não tivemos peixes. Quando chegará o dia da alegria nossa, terminando esta fastidiosa viagem?

A 03.05.1915 – Às 04h00 da madrugada, começamos a nossa lida e, às 05h30, prosseguimos viagem. Todos estavam esperançados de não encontrarmos Cachoeira (pois o terreno era baixo) no resto do dia. Mas eis que às 08h00 parávamos para explorar o Rio, pois ouvimos ruído de um salto. Às 09h00 horas, era eu sabedor de que o pessoal tinha andado mais de quilômetro e sempre em cachoeiras e saltos.

Tomamos então um paraná da margem esquerda e fizemos a descarga das ubás. Não satisfeito, mandei o João Peru explorar o Rio enquanto que o pessoal fazia o varadouro para a carga. Às 12h30 chega o pessoal e logo às 13h00 o João, que me disse ser a zona toda encachoeirada, chegando ele até um grande salto, que calculou em 10 m de altura, tendo ouvido para baixo novo ruído de Cachoeira.

Às 16h30, estava a carga em nosso 29° acampamento e o pessoal prosseguiu no pique, além de um Igarapé de 10 m de largura. O que será de nossas ubás? Teremos que fazer outras e abandonar estas? Amanhã resolveremos. Hoje, o Cândido e o João mataram 13 jacutingas.

A 04.05.1915 – 30° acampamento; mudamos para este acampamento, abaixo do tombo grande, e na margem esquerda. O nosso caminho sempre margina o Rio, vendo-se, a cada instante, lugares pitorescos e belíssimos. Não vi ainda o tombo grande porque aqui cheguei sentindo as pernas completamente "*bambas*" e doridas.

O João foi em exploração até ao último seco, que dista mais ou menos um quilômetro daqui. De lá, depois de tudo examinar, desceu o Rio, que sempre é melhor, pois não se ouve sinal de Cachoeira e as águas correm pouco. Amanhã iniciarei o serviço de "*varação*" das ubás. Creio que vou perdê-las, pois as passagens são dificílimas e em outros trechos não podem ser feitas por terra, devido às pedras e ao terreno.

Teremos outra demora? Só Deus sabe quando sairemos daqui. Julgo que estes últimos tombos são no contraforte da serra do Norte, e, se assim for, o Rio melhorará e depressa faremos a nossa penosa viagem.

A 05.05.1915 – Varamos as ubás até o 29° acampamento, próximo do primeiro tombo: pretendemos amanhã vará-las por terra, sendo provável demorarmo-nos aqui alguns dias, pois temos muito serviço. A "*boia*" está curta e já o pessoal achava-se desanimado porque não encontrava nem um patauá, nem castanhas. Felizmente, hoje, o Cândido, João e Manguary encontraram bastante, que dará para abreviar-lhes a "*brisa*".

Hoje, às 12h30, chega do acampamento o mestre Terto, desanimado, acobardado, lembrando a ideia de se abandonar as ubás e fazer novas, de casca de cajueiro ou castanheira. Fiquei aborrecido neste instante, muito mais do que habitualmente, pois que as contrariedades nesta vida de exploração são muitas, e disse-lhe que regressasse e que haveríamos de varar as ubás embora levássemos uns 15 dias, como ele calculava, para botá-las abaixo do tombo grande. Ainda continuo doente: o ventre demasiadamente inchado, duro e dolorido, as pernas fracas e uma como que "*dormência*" em todo o corpo. Quantos esforços feitos para apressar a minha viagem!!! E todos quase frustrados. É preciso ter-se muita resignação e ânimo bem forte para não se esmorecer.

A 06.05.1915 – Hoje pela manhã, o pessoal saiu na minha frente com ordem minha para iniciar o varadouro, para quando eu lá chegasse, já estivesse alguma coisa feita. Comi algumas castanhas com farinha, tomei café e segui.

Ao chegar no tombo do 29° acampamento, vi com pasmo e grande admiração, o Manguary, na proa da ubá grande, descer o tombo pequeno e, em seguida,

despenhar-se pela Cachoeira abaixo, sempre na proa da canoa, para finalmente encalhar bem na boca do tombo grande! Fleumaticamente, olhava com indiferentismo para o buraco como quem mede uma pequena altura para uma queda de água, e dizia: "*agora vamos desencalhar a ubá para descê-la pelo tombo*". Depois de 15 minutos, ela precipita-se e cai, submergindo e quebrando-se o cabo de proa: estava na margem direita do Paraná segura por ele. Quando ela se submergiu, ele afrouxou o cabo, deixou-a descer mais e amarrou-a. Logo após, com toda correnteza da água, dá um pulo e mergulha, conseguindo baixar com a ubá até ficar o cabo bem esticado. Meia hora desalagava-mo-la na margem esquerda, onde me achava com o pessoal. Depois, ele e o Aristóteles, outro louco, disseram-me que iam descer a outra Cachoeira do Paraná para ficarem na parte de cima do segundo tombo. Achei loucura, mas como me garantissem não haver perigo, cedi.

Às 15h30, estava ela na margem direita encalhada na Boca do segundo tombo. Atravessaram o Rio os dois e amanhã esperamos ser ainda bafejados por esta "*brisa*" de felicidade. Talvez amanhã estejam elas abaixo do último e mais alto tombo. Darei graças a Deus se formos felizes nesta travessia, ansioso como estou por seguir para frente, pois ainda continuo doente. Piorei das pernas, pois não posso fazer um passeio de 50 metros que não me sinta cansado, necessitando parar ou continuar a marcha amparando-me nas árvores. Quando estarei ao lado dos meus? Oh! quanto não me tenho lembrado dos meus e quantos castelos tenho eu arquitetado, para quando chegar em casa? Será a última vez que me afasto de minha família para me meter em empresas arriscadas como esta.

A 07.05.1915 – A febre me fez hoje uma das "*raras*" visitinhas, mas não me deixou prostrado como dantes. Pela manhã saí com o pessoal para retirar a ubá grande, que tinha ficado submergida até o meio entre as pedras de um pequeno tombo. Sentindo-me mal, voltei ao acampamento, um pouco desanimado,

por ver que se tornava difícil a retirada da turma, pensando já numa nova demora.

Às 10h00, chega o Manguary e avisa-me de que tinham, após grande luta, retirado a ubá que se achava no tombo, acima do nosso acampamento. Fiquei satisfeito e, às 15h30, já estava ela abaixo do porto junto à outra. Amanhã iremos fazer remos, pois só temos três (!) Hoje não tivemos caça e o que nos valeu foram as castanhas e o patauá ([182]) (MAGALHÃES, 1942)

PÁGINA ÍNTIMA

A 09.05.1915 – Só poderá compreender esta página íntima quem, como eu, se ache isolado do mundo; só, inteiramente só, sem ter ao menos um amigo para confiar-lhe o que sinto.

Estou completamente isolado de tudo, os recursos escassos, eu sempre doente, sofrendo a todo instante, e as dificuldades sempre crescentes; enfim obstáculos que surgem a todo momento, impedindo a continuação desta penosa e longa viagem. E pensar que ainda não temos meio caminho andado!

Oh! como é triste a nossa situação e muito em particular a minha. Quem como eu, através do indiferentismo aparente, idolatra os seus, não pode deixar de, em pleno "*deserto*" do Oeste brasileiro, verter algumas lágrimas de saudade, lágrimas que exprimem também o estado apreensivo pela saúde dos meus e pela sua felicidade. Quem há que não derrame, como eu, estas lágrimas? E ainda quem há que não se recorde dos fatos mais íntimos de casa? Constantemente, parece-me que estou em casa. Hoje, por exemplo, é domingo, o dia em que todos ficam em casa. Pela manhã, pareceu-me ver a mamã e as meninas na luta do vestuário para a missa e o Ed e o Henrique saírem para o banho.

---

[182] Patauá (Oenocarpus bataua ou Jessenia bataua): palmeira originária da Amazônia, cujo fruto comestível é rico em óleo.

Depois da missa, a infalível palestra na porta da rua; enfim, seria fastidioso enumerar tudo.

E... até do Dr. Angelino, à espera do Monsenhor, o Marinho! E são estes os fatores que concorrem para que fique com os olhos marejados de lágrimas, e elas, umas após outras, ardentes, deslizam pela minha face...

O que disse não denota fraqueza de ânimo, não é o medo. Apesar de doente, o mais doente dentre todos, eu sou o mais alegre, que de quando em vez dirijo frases de entusiasmo, dirijo um gracejo que não fere a disciplina – enfim, procuro sempre animar todos para a continuação da viagem.

A 28.05.1915 – Hoje pela manhã fomos passar as ubás. A grande, logo ao entrar num Paraná do primeiro tombo, tomou impulso, devido à correnteza da água, e o pessoal foi obrigado a largar o cabo, vindo entre o segundo e o terceiro tombo, num remanso. Arrebentou toda proa, e o banco do centro abriu-se, assim como o fundo, fazendo um pouco de água. A pequena, que se achava já no remanso de cima do segundo tombo, também arrebatou o cabo das mãos do pessoal e só foi vista uma vez. Perdemos a "*Fulana*" – a veterana do Ananás – que se alagou comigo nos primeiros dias de exploração, em um porto de índios. Isto se deu às dez horas do dia e, às duas horas da tarde, já tínhamos um belo cajueiro derrubado para fazer outra canoa. Agora estamos sem cabo para as canoas. Enfim, Deus é grande e não nos desamparará. São mais quatro dias perdidos!

Capitão CÂNDIDO CARDOSO

Quando, em 1914, alcancei a margem direita do Rio "*Comemoração de Floriano*" (descoberto e assim batizado pelo General Rondon em sua terceira

grande Expedição de 1909) no ponto em que fora localizada a estação Barão de Melgaço; antes de descer o terreno abrupto que a linha telegráfica aí percorreu; na parte mais alta, como que buscando aproximar do céu a área da terra que acolheu os despojos humanos; numa unção espontânea do mais profundo pesar, parei de cabeça descoberta diante de uma grande cruz de madeira de lei, lavrada, em cujos braços se lia uma inscrição mais ou menos nos seguintes termos:

> Aqui jaz o Capitão Cândido Cardoso que morreu cumprindo o seu dever em 08.01.1914.

Era um cemitério em miniatura, atestado indiscutível do sacrifício que demandou a construção naquela zona palúdica, espécie de sala de espera – para os que vinham do Sul – da imensa mataria da Amazônia. Em torno à cruz mais alta, a da inscrição, agrupavam-se outras modestas e toscas, sobre túmulos de soldados, a despertarem-me, sempre, a meditação, quanto à diversidade dos destinos humanos: aqueles túmulos, na sua muda e indiscutível eloquência dos fatos, atestavam que nem mesmo a morte nivela os homens, e que é uma ilusão a igualdade! Encontrava-me ali em serviço da Expedição Roosevelt e conduzia comigo um norte-americano, o Sr. Leo Müller, taxidermista que acompanhava o grande estadista no seu arrojado "*raid*" pelo Sertão Noroeste do Brasil. O estrangeiro sentiu também uma forte impressão em presença daqueles túmulos e pediu informações minuciosas sobre os trabalhos da Comissão Telegráfica.

Cândido Cardoso era o Oficial Comandante do contingente e, pela sua prática em serviços congêneres, estava à frente da construção, dirigindo os trabalhos da Seção do sul. Os engenheiros abriam o pique de locação e locavam os postes: a ele

competia propriamente a construção da linha, desde a abertura das covas, para a posteação, até o esticamento do fio. Quando assumiu esse encargo, o acampamento atravessava uma grande crise e era evidente o desânimo dos praças. Com a sua energia máscula e a sua habilidade na direção delas, o espírito geral reanimou-se e o serviço prosseguiu, embora com sacrifícios inauditos. Pode-se dizer, sem medo de errar, que o trabalho aí foi executado por enfermos; os que pioravam eram substituídos pelos que melhoravam, para que aqueles baixassem à enfermaria do acampamento e aí readquirissem as novas e fraquíssimas forças que lhes permitiriam render os companheiros naquele insano labor cotidiano. Não obstante, o gigantesco esforço que deles exigia, Cândido Cardoso despertava nos soldados o desejo de bem servir e, muitas vezes, com demonstrações de alegria, prestavam-se eles a prolongar o penoso expediente além das doze (!) horas habituais de serviço! Era um forte, um corajoso soldado, que nunca temera perigos e jamais recuara diante das perspectivas mais assombrosas da fome e da epidemia. O seu vulto enérgico e decidido inspirava confiança. Vitimou-o a sua dedicação pelo serviço e o estoicismo a que se habituara de prosseguir nas tarefas que lhe eram cometidas, embora com a saúde comprometida. [...]

Velho combatente das campanhas do Sertão, nas quais Rondon tomou parte como General em Chefe durante trinta anos (!) há traços formidáveis do seu esforço em obras que o tempo custará por certo a apagar. Das grandes pontes que ele construiu, na estrada de automóveis, entre Aldeia Queimada e a estação de Juruena, como a do Rio Papagaio e outras, mesmo abandonadas, será tarefa secular do tempo deslocar a última pedra dos seus bem montados encontros. São obras colossais para os recursos de que dispúnhamos naquelas longínquas

paragens, com bate-estacas improvisados e acionados exclusivamente pelo braço humano, comparáveis, guardadas as proporções, a essas maravilhas da antiguidade, pirâmides do Egito e outras, diante das quais o homem moderno para extasiado, sem compreender como fora possível executá-las antes dos progressos da civilização atual.

Notável exemplo de atividade e de proveitoso labor, a sua memória há de perdurar na veneração que tanto soube merecer, de seus companheiros de Comissão e de seu ilustre Chefe, como de quantos meditem na colaboração importante que prestou aos penosos trabalhos de Sertão. Seus restos mortais foram conduzidos de Barão de Melgaço para Cuiabá, em dezembro de 1916, pelo Tenente Boanerges Lopes de Sousa, por ordem do General Rondon e a pedido da Ex.ma viúva do Capitão Cardoso.

2° Ten JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA

É o mesmo oficial a que se refere a Ordem-do-Dia transcrita no capítulo "*O estilo é o homem*". Faleceu a 19.03.1908, durante a campanha memorável que representa a construção do ramal telegráfico de Cáceres à cidade de Mato Grosso. Para melhor avaliar a importância de sua colaboração e ter-se uma ideia de sua individualidade, vou aqui reproduzir as palavras que Rondon pronunciou, por ocasião de baixar à sepultura o corpo deste inditoso oficial:

> Prezado companheiro,
>
> Não há nada irrevogável na vida senão a morte! – Augusto Comte.
>
> Acabas de deixar a vida objetiva em pleno vigor da existência e cheio de esperanças ainda à família e à Pátria.
>
> Cruel fatalidade!

Lutaste com coragem e esforço no serviço da Pátria, e pela Pátria; caíste, entretanto, no fim da luta, quando o teu organismo exausto pelo envenenamento rápido de infecção adquirida no serviço, já não podia sustentar o teu espírito cheio de entusiasmo, enquanto que, intemerato, persistias ainda na jornada pelo dever.

Estimado companheiro, os teus irmãos no trabalho e nas privações, que de perto conheceram o teu valor, revelado na construção do ramal, que te roubou a vida, acham-se à beira do teu túmulo, para render-te as homenagens que as tuas belas qualidades de caráter, e os teus relevantes serviços prestados à nação, neste longínquo recanto do Brasil, bem merecem.

A tua dedicada família, que será a guarda sagrada do teu nome honrado, perdeu na tua transformação objetiva o amparo moral e material, que constituía, daquele grupo social, que tanto estremecias.

A tua velha mãe, que a esta hora chorará juntamente com a tua nobre esposa, a desgraça irremediável que arrebatou o filho bem amado, perdeu com o teu desaparecimento objetivo o arrimo precioso que a sua venerável velhice não podia dispensar.

Perderam todos – mãe, esposa, filhos e irmã – o carinho, a ternura, de que eras capaz por eles, acostumados a ver em ti o ente querido que constituía o objeto mais ardente das suas santas inspirações afetivas.

A Pátria perde com a tua morte, tão prematura e tão infeliz, um servidor dedicado, austero e cheio de vigor, depois de relevantes serviços prestados a sua defesa nestas ingratas bandas Ocidentais.

Cruel ingratidão da sorte!

Os teus amigos, estes que neste momento supremo dobram-se diante da tua última e eterna morada, vêm regar com sentidas lágrimas o teu último repouso, como a demonstração mais ardente do

reconhecimento e da gratidão pelas grandes emoções que lhes despertaste, durante a feliz convivência que contraíram contigo, nestes ingratos e cruéis trabalhos, que afinal consumiram-te a existência, roubando à família o seu precioso e insubstituível apoio moral e material; à Pátria o servidor intemerato, e à classe a que todos pertencemos, o cooperador, modesto, é verdade, mas ardoroso e enérgico.

Prezado amigo, para nós e para a tua família, não morreste: a tua bondosa memória persistirá eternamente em nossas almas, como a expressão mais intensa da nossa simpatia, respeito e homenagens que as nossas relações determinaram.

Resignemo-nos, pois, diante de tão triste e irrevogável fatalidade!

Nada há indiferente perante o sentimento; e segundo os ensinamentos morais do mais sábio e do mais nobre dos mestres, Augusto Comte, nunca devemos deixar de ter o coração sempre cheio, mesmo de dor, sim, de dor, da mais amarga dor. (MAGALHÃES, 1942)

Pranto Geral dos índios
(Carlos Drummond de Andrade)

Chamar-te Maíra, Dyuna, Criador, seria mentir pois os seres e as coisas respiravam antes de ti mas tão desfolhados em seu abandono que melhor fora não existissem. As nações erravam em fuga e terror Vieste e nos encontraste. Eras calmo pequeno determinado. Teu gesto paralisou o medo tua voz nos consolou, era irmã. Protegidos de teu braço nos sentimos. O akangatar mais púrpura e o Sol te cingiria mas quiseste apenas nossa felicidade. Eras um dos nossos voltando às origens e trazias na mão o fio que fala e o foste estendendo até o maior segredo da mata. A piranha, a cobra, a queixada, a maleita não te travavam o passo militar e suave. Nossas brigas eram separadas e nossos campos de mandioca marcados pelo sinal da paz.

E dos que se assustavam pendia o punho fascinado pela força de teu bem-querer. Ó Rondon, trazias contigo o sentimento da terra. Uma terra sempre furtada pelos que veem de longe e não sabem possuí-la terra cada vez menor onde o céu se esvazia da caça e o Rio é memória de peixes espavoridos pela dinamite terra molhada de sangue e de cinza estercada de lágrimas e lues em que o seringueiro, o castanheiro, o garimpeiro, o bugreiro colonial e moderno celebram festins de extermínio. Não nos deixaste sós quando te foste. Ficou a lembrança, rã pulando n'água do Rio da Dúvida: voltarias? Os amigos que nos despachaste contavam de ti sem luz antigo, entre pressas e erros, guardando em ti, no teu amor tornado velho o que não pode o tempo esfarinhar e quanto nossa pena te doía. Afinal já regressas. É janeiro tempo de milho verde.

Uma andorinha um broto de buriti nos anunciam tua volta completa e sem palavra. A coisa amarga Girirebboy circula nosso peito e Karori a libélula pousando no silêncio de velhos e de novos é como o fim de todo movimento A manada dos Rios emudece. Um apagar de rastros um sossego de errantes falas saudosas, uma paz coroada de folhas nos roça e te beijamos como se beija a nuvem na tardinha que vai dormir no Rio ensanguentado. Agora dormes um dormir tão sereno que dormimos nas pregas de teu sono. Os que restam da glória velha, feiticeiros, oleiros, cantores, bailarinos estáticos debruçam-se em teu ombro. Ron don ron don repouso de felinos toques lentos de sinos na cidade murmurando. Rondon amigo e pai sorrindo na amplidão.

Pousada Amazon Roosevelt – Vilhena

Para não perder o costume tomei café às 05h00 (14.12.2014) e estava com todo o material em condições de ser embarcado na lancha antes das 06h00. Evidentemente só partimos por volta das 08h00 com destino à Vila do Carmo onde o "*Pelado*" já nos aguardava ansiosamente.

O carregamento das embarcações e do material foi feito com muita competência. O "*Pelado*" tinha preparado um suporte de madeira na caçamba da camionete que funcionou perfeitamente. Estávamos bem mais aliviados, o Dr. Marc deixara de presente sua velha e surrada barraca de 20 anos de idade, eu abandonara meu colchão de ar que furara na Pousada Rio Roosevelt, deixamos para trás, enfim, uma série de itens que não nos fariam falta doravante.

O "*Pelado*" é um dinâmico empreendedor, possui comércio, bar, faz carretos com a sua camionete, comercializa óleo de copaíba que adquire dos ribeirinhos, enfim é um empresário multitarefa. Nosso motorista despediu-se da família e rumamos, pela BR-230 (Rodovia Transamazônica), para Humaitá.

A estrada de chão batido está em ótimas condições de trafegabilidade e mantivemos uma média de 90 km/h.

Muito falante, nosso amigo "*Pelado*" contou como foi o entrevero dos entre os habitantes locais e os índios Tenharim que há muitos anos vinham cobrando irregularmente pedágio dos motoristas que trafegavam na BR-230. Vamos contextualizar a questão para melhor entender a questão.

Questão Tenharim

A posição de todos os moradores, madeireiros e fazendeiros é expressa taxativamente pelo Presidente da Associação dos Madeireiros de Matupi:

> Nós não queremos mais os pedágios na área indígena, porque quando chega um carro e para, nós ficamos a mercê da vontade dos índios. Se eles tiveram qualquer situação para apresentar contra a gente, a hora oportuna é quando a gente está no carro. Aí, eles podem sequestrar, nos assassinar, nos torturar. (Samuel Martins)

Posição essa, rebatida, sem qualquer amparo legal, como soe acontecer com as questões indígenas em geral pelo Vice-presidente da Articulação dos Povos Indígenas de Rondônia:

> Para nós indígenas, isso é legal, apesar de que não existir na Lei. A rodovia levou à degradação do meio ambiente, introdução do álcool nas aldeias, entre outros problemas. Esses danos não foram reparados e nós entendemos que deveríamos fazer a cobrança como forma de compensação. Cabe ao governo regularizar, caso contrário vai continuar morrendo índios e não-indígenas. E nós queremos a harmonia. (Marcos Apurinã)

O mesmo discurso das massas oprimidas como sempre. Mudam-se os cenários, as etnias, as controvérsias mas ouve-se o mesmo surrado chavão.

O agravamento da questão deu-se após o atropelamento e morte do cacique Ivan Tenharim, no dia 02.12.2013. "*Pelado*" contou-nos que, segundo os índios, um dos Pajés teria tido uma "*visão*" de que os responsáveis pela tragédia teriam sido três homens a

bordo de um carro preto e que isso bastou para que os índios parassem o primeiro veículo com estas características, no dia 16.12.2013, dirigido pelo professor Stef Pinheiro de Souza, acompanhado pelos Sr. Luciano da Conceição Ferreira Freire e Sr. Aldeney Ribeiro Salvador no quilômetro 137, nas proximidades da Aldeia Taboca e chacinassem a todos.

No dia 24.12.2013, véspera de Natal, os familiares e amigos dos desaparecidos interditaram a balsa que faz a travessia do Rio Madeira, em Humaitá ao mesmo tempo em que os moradores da cidade de Apuí e do Distrito de Santo Antônio de Matupi invadiram a Área Indígena e depredaram as barreiras de pedágio e incendiaram a Aldeia.

Neste mesmo dia os moradores de Apuí e Humaitá queimaram três carros da Fundação Nacional do índio (FUNAI) e Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

No dia 27.12.2013, um grupo que cobrava agilidade nas buscas, pelos homens desaparecidos, ateou fogo em um posto de pedágio e casas de apoio localizadas no Município de Manicoré. Interessante é que as forças federais só foram acionadas depois que os direitos indígenas foram ameaçados, o que não acontecia quando trabalhadores eram ameaçados ou tinham de se sujeitar aos preços abusivos cobrados nas barreiras.

Muni Lourenço Silva Júnior, Presidente da Federação de Agricultura e Pecuária do Estado do Amazonas (FAEA) criticou o pedágio cobrado por indígenas e apresentou uma proposta coerente que a muito tempo deveria ter sido implantada:

> Os valores cobrados se diferenciam de acordo com o tamanho do veículo. O que nós defendemos em relação ao pedágio, é que isso seja paralisado. Nós defendemos que seja instalado um posto da Polícia Rodoviária Federal na rodovia, para que se evite uma série de situações, inclusive de acidentes de veículos usados também pelos indígenas. Nós não temos, fique isso muito claro, absolutamente nada contra os indígenas. Defendemos é que efetivamente sejam cumpridas as leis, principalmente a garantia do ir e vir. De forma segura sem riscos com relação à integridade física. Houve dificuldade para o escoamento da produção e do trânsito de veículos e caminhões.

O Vice-governador do Amazonas, José Melo, afirmou no dia 12.01.2014 que os índios Tenharim não voltariam a cobrar pedágio na BR-230, mas como nesse país tudo acaba em "*pizza*" os índios seriam compensados com a criação de um programa de assistência financeira no modelo do Bolsa Família. Imediatamente foram enviadas 860 cestas básicas e 360 quilos de medicamentos às aldeias. Os cinco indígenas Tenharim acusados do crime foram presos encaminhados à Penitenciária Pandinha de em Porto Velho. Interessante ressaltar que essa cobrança de pedágio indevida está deixando de ser exceção para se tornar ordinária na "*terra brasilis*" onde nem todos brasileiros são tratados igualmente ou ainda uns são mais "*iguais*" que os outros.

Percorremos os 300 km da Balsa da Vila do Carmo, no Rio Aripuanã até a Balsa de Humaitá, no Rio Madeira, sem qualquer alteração e chegamos à Margem direita do Madeira por volta da 12h00, onde paramos para almoçar tendo em vista que era horário da refeição dos balseiros também.

Chegamos à Humaitá, AM, no início da tarde onde estava nos esperando o Sgt BM Douglas que a partir dali nos conduziria, por asfalto, passando por Porto Velho, RO, até Vilhena. A viagem foi confortável, embora cansativa considerando as enormes distâncias percorridas. Dormimos em Rondônia e no dia seguinte (15.11.2014) seguimos para Vilhena. Eu que conhecera de Rondônia somente sua Capital Porto Velho quando realizei, com meu filho João Paulo Reis e Silva, a descida do Rio Madeira, em homenagem ao Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre, admirava, deslumbrado, o pujante desenvolvimento do belo Estado. As cidades planejadas e muito limpas, as fazendas bem cuidadas mostravam a determinação de um povo empreendedor que transformou aqueles ermos sem fim em um grande polo de desenvolvimento.

Gerd Kohlhepp e Markus Blumenschein, na Revista Território, fazem importantes considerações à respeito da migração dos sulistas para a região Centro Oeste e Rondônia:

> A migração interna, vinda do Sul do Brasil para o Norte, passou primeiramente pelos cerrados do Planalto Central e concentrou-se, a partir da década de 70 – após iniciativas pontuais no Norte de Mato Grosso nos anos 60 – nas florestas tropicais amazônicas no eixo da Transamazônica, em Mato Grosso e em Rondônia. Somente após certo tempo, com o fracasso da colonização agrária na Amazônia, os campos cerrados no Centro do Brasil tornaram-se o novo "*Eldorado*" da migração interna a partir do Sul do Brasil. Entretanto, a modernização da agricultura nos estados sulistas e o fim da economia cafeeira no Norte do Paraná, por razão de prejuízos causados pelas geadas, levaram a um processo crescente de expulsão e pressão emigratória.

O geógrafo alemão Leo Waibel, ex-consultor no Conselho Nacional de Geografia, estava convencido, já na segunda metade dos anos 40, de que os campos cerrados poderiam ser explorados pela agricultura:

> A agricultura em terras de cerrado; caso seja bem sucedida, mudará por completo a situação social e econômica do Planalto Central. Tomar-se-ia, entretanto, necessária uma mudança total dos métodos agrícolas, uma mudança da agricultura nômade para a permanente...

Os executores da agricultura em grande escala, desenvolvida nos campos cerrados do Planalto Central brasileiro, são sulistas que emigraram dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, principalmente a partir de 1975. Os dados estatísticos mais recentes indicam para o período de 1975 a 1996 um saldo de migração de aproximadamente um milhão de famílias. Através da migração desses sulistas, implantou-se uma economia tradicional agropecuária voltada à exportação e com um elevado emprego de capital.

Isso foi indispensável justamente no momento em que, em função da crise mundial da dívida externa [deflagrada em 1982], a agricultura de soja voltada à exportação revelou-se um importante gerador de divisas e o Centro-Oeste brasileiro foi visto como principal espaço econômico de um desenvolvimento agrário tomado, por isso, mais necessário que nunca. [...]

A formação de uma "*diáspora sulista*" no Centro-Oeste destacou-se também em diferenças socio-culturais em relação à população tradicional, as quais podem ser observadas até mesmo nos chapadões além dos limites do Centro-Oeste. Essas diferenças manifestam-se em conflitos culturais com uma

respectiva “*exibição*” da própria identidade regional [população tradicional versus “*gaúcha*”, ou seja, “*sulista*”] e, sob o ângulo político, na emancipação de municípios recém-criados, que possuem uma população predominantemente originária do Sul do Brasil. Hoje sua influência política se estende, muitas vezes, para além da Câmara Municipal e da Prefeitura, atingindo, também, a Assembleia Legislativa, as secretarias de Estado e até mesmo o Senado Federal (um senador). Os sulistas também trouxeram, com sua migração para o Centro-Oeste, a difusão de CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), de igrejas luteranas e de emissoras de rádio com música gaúcha. (GERD & MARKUS)

Flor de Pedra
(Heliodoro Balbi)

Esta, por ser talhada em pedra fria,
Talvez, senhora, menos vos agrade,
– Talhou-a o fogo ideal da fantasia
No mármore pagão da egrégia Helade ([183]).

Um dia o artista, olhando um bloco, sente
A alva cisma dos sonhos a segui-lo,
E, sem pensar, alucinadamente,
Pega do bloco e crava-lhe o anfismilo ([184]).

Primeiro, a mão nervosa rasga e aviva
O traço, que o circunda e cinge em torno,
E vê, pasmado, a curva de uma ogiva
Na branca cinzeladura de um contorno. [...]

E salta à luz, estonteante e presa
Da brancura do mármore risonho,
A flor, que encerra em si toda a beleza
Das nevroses ([185]) do céu e ânsias do sonho...

– Losna ([186]) ou meimendro ([187]), venenosa ou santa,
Flor! carquísio da vida e urna da morte
[Exclama], teu primor meu braço espanta...
Nunca meu braço mais a pedra corte.

Mas, furioso, o artista nesse instante
Quebra a flor e do mármore renega,
Pois não lhe dera a natureza amante
O estuoso ([188]) aroma da giesta ([189]) grega.

---

[183] Helade: Hélade (perde a rima).
[184] Anfismilo: cinzel.
[185] Nevroses: desassossego, inquietação.
[186] Losna: erva medicinal conhecida como artemísia absinthium.
[187] Meimendro: planta medicinal usada como narcótico ou anestésico.
[188] Estuoso: agitado.
[189] Giesta: spartium junceum.

Quedas de Árvores

Notamos para logo uma circunstância que a uniformidade estrutural da região em grande parte explica: a constância do aspecto geral da floresta, que até às cercanias de Cataí não varia, dilatando-se por todo o desenvolvimento do Rio com inalterável monotonia; o mesmo tom verde-escuro das folhagens e os mesmos renques de árvores de troncos quase retilíneos e unidos, distendidos pelo alto das barrancas.

A pequena altura relativa da mata, onde se destacam de momento em momento, à feição de grandes calotas esféricas, as frondes dominantes das samaumeiras, reflete bem a exuberância do solo que favorecendo a multiplicidade das espécies prejudica o desenvolvimento próprio de cada uma delas.

Além disto, as condições naturais do meio de algum modo se contrapõem à grande altura dos tipos vegetais. Realmente, estes dispondo, graças à umidade excessiva, de todos os elementos de vida, não precisam procurá-los nas camadas mais profundas do subsolo. Assim as árvores, de um modo geral, não têm o eixo descendente. As suas raízes irradiam diferenciadas em radículas fasciculadas, quase à flor da terra inconsciente e úmida que ao mesmo passo lhes favorece o crescimento e se opõe a uma exagerada altura capaz de torná-las instáveis. De fato, as que se destacam desta grandeza uniforme a qual desdobra num plano quase de nível as frondes das matas amazônicas criam dispositivos que lhes explicam o porte excepcional.

Consistem na formação tão característica das sapopembas, mercê das quais se alteiam as copas alterosas da samaúma e do caucho.

Apesar disto, às menores rajadas de uma tormenta é vulgaríssimo o fato da queda de numerosas árvores, desabando largos lances de floresta. (CUNHA)

Quando comandei a 1ª Companhia de Engenharia de Construção, do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, sediada no Abonari, Norte do Amazonas, ao Sul da Terra Indígena Uaimiri-Atroari, nos idos de 1982 a 1983, um curioso fenômeno despertou-me a atenção – o lúgubre estrondo produzidos pela queda das grandes árvores.

Funesto Crepitar

Atendendo à uma salutar dinâmica natural, as árvores mais altas e mais antigas, assoladas constantemente pelas amazônicas intempéries e por elementos da própria biota, que refugiam-se sob suas frondosas copas, acabam por tombar levando consigo a vegetação que lhe circunda. O intrincado cipoal que a cinge e a irmana à mata que a cerca metamorfoseia-se mostrando repentinamente as cruéis garras de um pacto mortal. O gigante arbóreo, como Menés, o unificador do Alto e Baixo Egito de outrora, arrasta consigo para o eterno descanso a mata que a rodeia em submissa veneração. A queda do gigante arbóreo, o esmagar furioso de troncos e galhos, a tensão produzida pelo cipoal arrastando frágeis arbustos do entorno produzem um estrépito, similar a um crepitar soturno de gigantesca fogueira.

O Grito da Copaibeira

[...] o estouro do tronco velho de um sassafrás ou capivi [copaibeira] oco, que o acúmulo de bálsamo repentinamente fez rachar. (SPRUCE)

As qualidades cicatrizantes do óleo da copaíba (Copaifera sp) foram enaltecidas pelo Padre José de Anchieta, em Carta de Maio de 1560, enviada aos seus superiores:

> Das árvores uma parece digna de notícia, da qual, ainda que outras haja que destilam um líquido semelhante à resina, útil para remédio, escorre um suco suavíssimo, que pretendem seja o bálsamo, que a princípio corre como óleo por pequenos furos feitos pelo caruncho ou também por talhos de foices ou de machados, coalha depois e parece converter-se em uma espécie de bálsamo; exala um cheiro muito forte, porém suavíssimo e é ótimo para curar feridas, de tal maneira que em pouco tempo, como dizem ter-se por experiência provado, nem mesmo sinal fica das cicatrizes. (ANCHIETA)

Segundo Spruce, o velho, fragilizado e carcomido tronco de uma copaibeira pode armazenar seiva em tal quantidade que o faz rachar, de repente, provocando um característico estrondo. Consegui confirmar a afirmativa de Spruce com apenas uma fonte na minhas amazônicas jornadas.

O Lamúrio da Palmeira

No dia 22 (01.1853), às 16h00, quando preparávamos o jantar, fomos surpreendidos pelo som do disparo de fuzil, vindo da floresta existente na margem oposta do Rio, que teria quando muito 73 m de largura. (SPRUCE)

Um ruído em especial, análogo a um tiro de fuzil, surpreende e chama a atenção daqueles que arrostam a Hileia pela primeira vez. Os nativos atribuem tal ruído a Yamadu, Curupira e a tantas outras entidades que segundo sua crença perambulam pela floresta caçando ou mesmo caçoando dos humanos que a invadem contrariando suas leis naturais.

Mas repercutamos mais alguns parágrafos de Richard Spruce à respeito do curioso som:

Fiquei intrigado ao escutar tal ruído naquela desolada e inóspita floresta, na qual dificilmente um ser humano se atreveria a penetrar, especialmente usando arma de fogo. [...] Havia muitos anos que ninguém residia à beirado Lago Vasiva, e naquela época não se tinha notícia da presença de mercadores ou viajantes no Cassiquiare, além de nós, evidentemente. Tendo em vista tudo isso, era natural que eu estivesse perplexo. Na realidade o barulho que tínhamos escutado não era exatamente igual ao disparo de um fuzil ou rifle, mas tampouco era um dos costumeiros ruídos que de tempos em tempos quebram o silêncio daquelas vastas solidões, e com os quais eu estava perfeitamente familiarizado. [...]

Entrementes, meus índios, tão assustados quanto eu, logo tentaram encontrar uma explicação para a origem daquele inusitado estrondo. Ora disseram, aquilo só podia ser coisa de "*Yamadu*", que por ali deveria estar "*in própria persona*" caçando por aquelas paragens e ele, com certeza, iria mandar-nos um terrível pé-d'água, ou outra calamidade qualquer, para espantar-nos de seu território. [...]

Durante muitos anos depois, aqueles estampidos isolados, que escutei vindos da floresta sombria do Lago Vasiva, costumavam frequentar minha lembrança e meus sonhos. [...] E assim foi que, em abril de 1857, enquanto subia o Rio Pastasa, no sopé Oriental dos Andes, escutei de novo aquele som que lembrava o disparo de uma arma de fogo, e bem perto de onde estávamos. Os índios Jivaros, que habitavam aquela área, não usava, arma de fogo, e o ruído que eu acabara de escutar era idêntico ao que tinha ouvido no Lago Vasiva. Intrigado, perguntei ao piloto:

– Que barulho foi esse?

Ao que ele respondeu:

– Quer ir ver o que foi?

Aceitei a oferta e entrei no mato atrás dele. Três minutos depois chegamos a um monte de escombros que lembravam o aspecto de um montão de feno – eram os restos do tronco de uma palmeira cuja queda fora a razão do estampido. Era uma palmeira grossa e alta, que quando ereta, deveria ter uns 24 a 30 m de altura.

Quando a vitalidade de uma dessas palmeiras se exaure, a copa frondosa primeiro murcha e cai; depois o cerne tenro gradualmente apodrece e é carcomido internamente pelos cupins, até que nada mais resta dele senão uma delgada casca, e quando essa casca não consegue mais suportar seu próprio peso, ela racha e desaba de uma hora para a outra, com um estrondo que lembra o disparo de um fuzil. (SPRUCE)

Dinâmica Florestal

As mais velhas árvores ao sucumbir atendem a um chamado natural primevo onde a lei da natureza impera e onde a harmonia quebrada por instantes será dentro de poucos decênios devidamente restaurada.

Ao presenciar tais fenômenos ficamos estarrecidos, confusos mesmo, pois olvidamos, por vezes, que a selva é um organismo vivo e astuto.

Alguns estudos avaliam que a idade média das árvores de 100 cm de diâmetro da Bacia Amazônica é de 500 anos embora, não raras vezes, encontremos troncos de mais de 200 cm que ultrapassam um milênio de idade.

Quando esses monumentos arbóreos tombam arrastam consigo outras árvores menores abrindo clareiras proporcionais a seu porte. A clareira aberta permite que os raios solares penetrem, favorecendo o crescimento de novas árvores que ocuparão paulatinamente o lugar das que feneceram.

Logicamente as clareiras abertas vão tornar as árvores situadas nas suas bordas muito mais vulneráveis à ação dos ventos além de provocar localmente uma sensível redução da umidade e elevação da temperatura.

Essas mudanças vão provocar, inicialmente, uma mudança radical no tipo de vegetação, a clareira será invadida por plantas oportunistas como cipós, trepadeiras, árvores de tronco oco e de crescimento muito rápido como a embaúba, mas após duas ou três décadas estas abruptas transformações terão sido neutralizadas progressivamente pela dinâmica natural da floreta que recuperará sua antiga fisionomia.

Acampados nas proximidades da Cachoeira Carapanã testemunhamos, mais uma vez, esta magnífica, extraordinária mesmo, e nada sutil dinâmica do Reino Vegetal. Aqueles que desconhecem os mistérios e segredos da nossa Hileia assustam-se, impressionam-se com os ruídos oriundos dos ermos dos sem fim que as trevas solidárias fazem questão de ocultar.

É a sobrevivência em jogo, os monumentos centenários abrindo espaço e trazendo a luz benevolente do Astro Rei aos mais jovens. Ao adentrarmos neste Paraíso Perdido devemos manter a mente e os sentidos alertas e racionalmente interpretar as mensagens que os seres da floresta nos enviam.

George Miller Dyott

Imagem 127 – Explorador George Miller Dyott

O escritor, fotógrafo, piloto e explorador George Miller Dyott filho de pai britânico (Freeford Hall) e mãe americana nasceu em Nova Iorque (EUA), no dia 06 de fevereiro de 1883, e faleceu na sua cidade natal, em 02 de agosto de 1972, com 89 anos.

Estudou na Faculdade de Engenharia Elétrica Faraday House, em Londres, e após retornar aos EUA, aprendeu a pilotar no "*Curtiss Field*" recebendo seu brevê de piloto em 17.08.1911. Dyott foi o primeiro piloto a voar no Aeródromo de Nassau (Campo de Mitchell), em Long Island, à noite, em outubro de 1911.

Nesta mesma época, em parceria com o Dr. Henry W. Walden projetou monoplanos e começou a realizar voos de apresentação. Retornando ao Reino Unido, projetou o Monoplano Dyott, fabricado pela Hewlett & Blondeau.

Em 1914, foi comandante de esquadrão do "*Royal Naval Air Service (RNAS)*" ([190]) onde, durante a Primeira Guerra Mundial, planejou uma aeronave biplano bimotor cujo projeto, após várias adaptações para uso militar e testes nos céus franceses, foi definitivamente abandonado. Finda a Primeira Grande Guerra, tornou-se um explorador e ingressou na "*Royal Geographical Society*".

A Expedição Dyott-Roosevelt

Em 1926, logo após seu retorno de uma Expedição à selva equatoriana, planejou sua próxima jornada aproveitando-se dos estreitos laços de amizade que mantinha com os Roosevelt foi, então, contratado pela "*Roosevelt Memorial Association*" para excursionar pelo "*Rio da Dúvida*", oficialmente chamado de Rio Roosevelt. Sua Missão era refazer os passos da Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1913/1914), com o intuito de confirmar a descoberta do Rio da Dúvida e complementar os estudos realizados pela Expedição pioneira cujo enorme acervo cinematográfico, da fauna e da flora tinham sido extraviados nas caudalosas e traiçoeiras águas do Rio Roosevelt.

Entre 1914 e 1926, uma Expedição brasileira e uma norte-americana tinham tentado, sem sucesso, refazer a jornada pelo "*Rio Roosevelt*". Uma delas interrompeu a jornada depois de ter sido atacada por índios hostis e a outra desapareceu logo depois de iniciar a jornada, não se tendo notícia de seus integrantes desde então.

---

[190] RNAS: componente aéreo da Real Marinha Britânica (01.07.1914), coordenado pelo Departamento Aéreo do Almirantado. No dia 01.04.1918 foi vinculado ao Real Corpo Aéreo do Exército Britânico para formar a Real Força Aérea.

O planejamento inicial da Missão Dyott, logo de início, sofreu alguns revezes. Depois de viajar 6.000 milhas até o Rio de Janeiro, um dos membros da equipe, Arthur Perkins, adoeceu e teve de retornar a Nova Iorque, incorporando, mais tarde, à Expedição.

Mais tarde, ao chegar ao acampamento base (São Luiz de Cáceres), verificaram que o gerador de alta frequência que seria usado na operação do transmissor de 500 W era inoperante e prosseguiram apenas com o equipamento portátil de 24 W.

Os expedicionários, agora, só dependiam da boa sorte que era a de através dos radioamadores brasileiros suas mensagens pudessem se retransmitidas para Nova Iorque. Façamos uma retrospectiva histórica baseada nos periódicos da época:

Gazetas de Notícias n° 117
Rio de janeiro, RJ – Quarta-feira, 19.05.1926

Exploradores dos Sertões Brasileiros

Organiza-se em Nova Iorque uma Grande Expedição para Visitar e Estudar a Região do Rio da Dúvida

Nova Iorque – [Correspondência epistolar da United Press para, a "*Gazeta, de Notícias*" – O jornal "*New York Times*", desta cidade, publica um artigo em que se refere a uma Expedição Norte-americana que pretende vir muito em breve aos sertões brasileiros, a fim de explorar as regiões visitadas por Theodore Roosevelt]. O artigo em questão diz, em suma, o seguinte:

> Conforme fomos informados, há dias, está sendo organizada uma Expedição destinada a visitar e estudar a região do Rio da Dúvida, acompanhando o caminho seguido pelo falecido Presidente Roosevelt. Essa Expedição será chefiada pelo explorador dos sertões sul-americanos, Sr. George Miller Dyott que tem a sanção da "*Roosevelt Memorial Association*".

Uma história pitoresca completa da viagem do Coronel Roosevelt através das florestas do Brasil constituirá um rolo de filmes colocado nos arquivos da associação. Presentemente filmes cinematográficos da Jornada ao Rio da Dúvida são a única coisa cuja falta é de se notar nos arquivos da associação segundo R. W. Wail bibliotecário e diretor assistente da associação. A data da partida da Expedição Dyott ainda não foi determinada. Nem o Coronel Roosevelt ([191]) nem Kermitt Roosevelt tomarão parte na sua Expedição.

Disse Mr. Wail:

> Dyott pretende seguir o mesmo caminho, pisado pelo falecido Presidente Roosevelt. É uma jornada excessivamente perigosa e ele tenciona percorrer territórios onde anteriormente nenhum homem branco havia percorrido. O Sr. Dyott é um amigo dos Roosevelts e eles demonstram um entusiasmo incontido por sua Expedição.
>
> A Associação participará, na Expedição das possibilidades que ofereça o Mercado de Nova Iorque para os nossos filmes descrevendo as viagens. A única coisa nesse sentido que possuímos neste momento é um certo número de filmes tirados no começo da viagem de Roosevelt. O restante desapareceu quando naufragou uma canoa que os conduzia através do Rio. (GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 117)

[191] Roosevelt faleceu no dia 06 de janeiro de 1919.

Gazetas de Notícias n° 122
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 25.05.1926

Exploradores dos Sertões Brasileiros

A Partida para o Rio da Expedição que irá às Regiões do Rio da Dúvida

Nova Iorque, 24 – [U.P] – O Sr. G. Dyott partirá para o Rio de Janeiro, a 3 de julho [...] Espera ele poder manter-se em comunicação diária com o resto do mundo por meio do rádio, para o que leva uma estação permanente de 500 W, que será estabelecida no interior. A sua comitiva compõe-se de mais de quarenta pessoas, inclusive guias e outros auxiliares. A Expedição é custeada pela família Roosevelt, que está muito desejosa de obter filmes dos lugares por onde o ex-Presidente passou, em 1914. (GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 122)

Revista do Automóvel-Club n° 15
Rio de janeiro, RJ – Junho, 1926

O *"Hinterland"* Brasileiro - Recordando a Peregrinação Histórica de Roosevelt Pelo Rio da Dúvida

[...] Nem o Coronel Roosevelt, nem Kermitt Roosevelt tomarão parte na Expedição. [...]. É uma jornada excessivamente perigosa, e ele tenciona percorrer territórios que anteriormente nenhum homem branco haja percorrido. (RAC N° 15)

Jornal do Brasil n° 155
Rio de janeiro, RJ – Quinta-feira, 01.07.1926

Viagem da Expedição Dyott
para o Rio da Dúvida

Os Índios da Serra do Norte

"Plus que toute autre science, l'anthropologie est susceptible pourtant d'exercer un jour une influence sur notre organisation sociale. Son objet n'est-il pas de nous montrer l'homme dans toute sa nudité, de nous livrer le secret de ses actes, de ses passions et de ses besoins, dans le passé et peut-être dans l'avenir?"
(Dr. Paul Topinard – L'anthropologie, 1877 [192]*)*

Relendo o livro do ex-Presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, sobre a Expedição de 1914, realizada junto com o General Rondon, do Mato Grosso para Amazonas, é impossível não concordar com a opinião emitida pelo Major Dyott em sua entrevista concedida ao "*New York Times*" reproduzida há pouco tempo em nossa folha. O ilustre explorador, que brevemente deve chegar nesta capital, pretendia, com razão, que o trabalho do ex-Presidente deixasse muitas questões não esclarecidas e não respondidas. As faltas existentes no relatório Roosevelt são muito compreensíveis. Com efeito, a duração relativamente curta da Expedição não permitiu um exame detalhado das questões incluídas no programa do empreendimento e com maior razão foram deixados

[192] Mais do que as outras ciências, a antropologia será capaz, portanto, de exercer, um dia, uma influência sobre nossa organização social. Seu objetivo não é apresentar o homem em toda sua naturalidade, de nos mostrar o mistério de suas ações, de suas paixões e necessidades no passado e, quem sabe, no futuro? [TOPINARD, Paul. L'anthropologie – França – Paris – Editora: C. Reinwald et cie, 1877] (Hiram Reis)

sem estudo problemas que não visaram diretamente o objetivo da exploração. Em consequência, pouca atenção foi dada pelo eminente autor à etnografia indígena, o que justifica que Roosevelt não procurasse entrar em contato imediato com a tribo índia, a qual marcou sua presença pela fechada que fez vítimas os cães do presidente.

Falando da história da formação da Expedição, Roosevelt menciona que o livro representasse só um resultado de uma exploração de 300 milhas geográficas. Primeiramente, antes da saída do Presidente de Nova Iorque, o programa foi limitado a um estudo referente à mamologia ([193]) e ornitologia.

Para poder utilmente realizar esse objetivo da Expedição, por um acordo com a direção do Museu da História Natural de Nova Iorque, Roosevelt, convidou para participarem na exploração dois cientistas americanos, os Srs. G. H. Cherrie, especialista em ornitologia, e Leo Miller, em mamologia. Estes executaram um trabalho científico muito interessante, conseguindo reunir espécimes raros para o museu nova-iorquino mencionado. Depois da chegada dos eminentes exploradores americanos ao Rio de Janeiro, graças à iniciativa do Senador Lauro Muller, nesse tempo Ministro aos Negócios Exteriores, o programa sujeitou-se a uma modificação, transformando-se a Expedição em uma Comissão Americano-brasileira, sob a direção do Presidente e do ilustre General brasileiro Rondon.

A Comissão, denominada Comissão Roosevelt-Rondon, ampliou o programa primitivo, incluindo, além das questões zoológicas as de geografia.

Tratava-se de explorar uma região inteiramente desconhecida e especialmente um Rio de que a

---

[193] A mamalogia é a área da zoologia que estuda os mamíferos.

importância e o rumo pertenciam ao domínio de adivinhar. Daí a primeira denominação do Rio da Dúvida, batizado depois Roosevelt, em honra do falecido Presidente.

As questões de antropologia e etnografia não sendo expressamente compreendidas no programa da Comissão, é muito natural encontrar pouca coisa sobre os índios no livro mencionado. A obra tão magnificamente realizada pela Comissão abriu uma porta até esse momento fechada, o que permite ao Major Dyott repetir a Expedição Roosevelt-Rondon com o intuito de completar os estudos tão brilhantemente iniciados em 1914.

O Major, julgando o teor da entrevista, pretende dar a atenção especial à etnografia indígena. Pode esperar-se que o corajoso explorador terá a possibilidade de descobrir as novas tribos índias e de reunir uma nova documentação sobre as famílias já conhecidas. Até agora relativamente, pouca gente se consagrou ao estudo dos índios da Serra do Norte sob o Ponto de vista puramente científico. Além dos numerosos trabalhos remarcáveis ([194]) da autoridade em tudo que é índio do General Rondon, da obra monumental do professor Edgard Roquette Pinto, dos livros interessantes do professor Von Stein e do Dr. Max Schmidt, encontramos pouca documentação à respeito deles [...]

Os estudos referentes à língua, hábitos e costumes, religião, arte, assim como regime legal que rege as relações das tribos entre os seus membros e com as outras tribos, representam um valor não menos importante dos resultados que podem ser obtidos em matéria de antropologia pura.

[194] Notáveis.

Infelizmente, com respeito ao direito primitivo índio, e às suas fontes, até agora a documentação é muito pobre e particularmente no que se refere às tribos da Serra do Norte.

No livro do Dr. Max Schmidt o assunto na questão à respeito das tribos Guató e Uulischei (?) foi até certa extensão examinado, deixando, porém, muitas questões sem resposta e às estudadas, faltam o método jurídico, devendo nessa ocasião ser aplicado. O próprio autor reconheceu que nessas informações por ele reunidas são incompletas, explicando a insuficiência por falta do tempo para proceder ao trabalho com toda a atenção desejada. O cientista alemão não dispondo de fundos necessários, foi obrigado, num prazo relativamente curto, a reunir apressadamente os materiais que faltavam forçosamente a uma precisão necessária. Devia ele limitar-se a dar a ideia geral sobre vários assuntos, cada um dos quais merece uma análise detalhada.

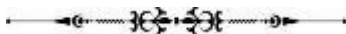
As pesquisas referentes ao regime legal das tribos, vigente até o momento da aplicação da legislação geral brasileira devem fornecer materiais muito preciosos não só do ponto de vista histórico brasileiro, mas servir de fonte da história do direito mundial. Especialmente quando, atualmente, o direito europeu, felizmente ou, infelizmente, domina o espírito das legislações nos países americanos, não deve deixar-se, sem estudo minucioso, o regime legal dos indígenas, que para o Brasil são os índios. Observando a situação atual do Velho Mundo, encontramos diariamente novos problemas sociais que ocasionam a procura de organizar a vida da sociedade nas novas bases. Os princípios do direito que, durante, muitos séculos eram reconhecidos encontram-se, senão abolidos, em todo o caso ameaçados na sua aplicação.

Não estamos, no presente, por exemplo, na Rússia, da destruição do princípio essencial do direito, que é o respeito da propriedade individual?

A organização da família não foi sujeita, em muitos países, a um assalto por parte dos espíritos reformadores? Com efeito, o desenvolvimento intenso da vida nos países, chamados civilizados, sob a influência das novas invenções e aperfeiçoamentos teóricos influiu, senão sobre o abandono, em todo o caso sobre a deformação dos princípios essenciais do direito. Nessa situação, do esquecimento completo das fontes do direito subsistente em cada ente humano desde o seu nascimento no instinto de equidade, a análise do direito dos primitivos deve prestar grandes serviços ao progresso da ciência jurídica.

Possivelmente, entre os índios encontraremos ainda princípios sãos, os quais não na sua forma, mas adaptados às exigências da vida moderna, permitirão resolver muitos problemas referentes à organização da vida da sociedade. Queremos esperem que o Major Dyott, interessando-se pela etnografia indígena, não deixará de dar atenção especial às questões do direito índio, até agora quase desconhecido. Ramon da Paz. (JORNAL DO BRASIL N° 155)

O Jornal n° 2.237
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 25.07.1926

Para Explorar a Região do Rio Roosevelt

O Explorador Dyott vem com seis Cientistas e um Operador Cinematográfico

Nova Iorque, 24 [U.P.] – O explorador George Dyott, acompanhado dos cientistas Robert Young e Arthur Perkins e do operador Eugene Bussey, partiu para a América do sul, a bordo do "Vandyck", tencionando atravessar o Rio Roosevelt, ou da Dúvida, em cuja região se demorara dois anos. (O JORNAL N° 2.237)

O Paiz n° 15.253
Rio de janeiro, RJ – Domingo, 25.07.1926

O Comandante Dyott vai Explorar o Brasil

Nova Iorque, 24 [Aust.] – Embarca hoje, neste porto, a bordo do paquete "*Vandick*", o comandante George Miller Dyott, que vai empreender a primeira Expedição a pé, pelo coração da América do Sul, seguindo as pegadas da "*Expedição Roosevelt-Rondon*", de 1913/14. A Expedição dirigida pelo comandante Dyott partirá do Rio do Janeiro devendo ir até Corumbá, no Estado de Mato Grosso, de onde se internará pelas selvas até sair pelo Porto do Pará ([195]).

Os expedicionários levam 15.000 m de películas cinematográficas a fim de trazer documentação completa de sua viagem. Além de abundante material para a confecção de filmes, a Expedição dirigida pelo comandante Miller Dyott, que hoje partiu para o Rio de Janeiro, a fim de empreender uma viagem de estudos a pé, atravessando o Brasil desde Corumbá até Belém do Pará, leva fortes lâmpadas elétricas que pretende empregar como única arma de defesa contra as feras, que naturalmente encontrará em seu percurso. (O PAIZ N° 15.253)

[195] Belém do Pará.

Diário de Pernambuco n° 175
Recife, PE – Domingo, 01.08.1926

Os estudos Etnológicos dos Índios –
Meios de Chegar ao Entendimento da Alma dos Selvagens – A Propósito da Missão Chefiada pelo Major Dyott, O Sr. Ramon da Paz Escreve, para o "*Jornal do Brasil*", Interessantes Considerações, Apoiadas Numa Notável Cultura.

[...] O Major tratando do seu empreendimento, explicou ao grande matutino nova-iorquino o "*New York Times*", a sua tática para aproximar as tribos ferozes, resumindo-as na procura do estabelecimento das relações amigáveis. [..

A tática mencionada pelo Major corresponde exatamente ao modo de agir do General Rondon. Com efeito, o grande brasileiro, que descobriu muitas tribos e as aproximou da civilização não agia pela violência, mas procurava entrar em contato com elas no espírito de proteger, auxiliar e fazê-las aproveitar dos benefícios da vida moderna.

Durante a sua longa carreira de pacificador dos índios o General procedendo dessa maneira, obtinha sempre resultados excelentes. Os selvagens de ontem, tornando-se fieis cidadãos da união, souberam conservar um sentimento de gratidão ao seu querido protetor. Todos que tiveram ocasião de entrar em contato com as tribos já pacificadas são unânimes em certificar a estima e a popularidade de que goza o General entre os indígenas mencionados.

Roosevelt, o observador imparcial, no seu livro sobre a Expedição para o Rio da Dúvida, presta homenagem ao General Rondon, relatando o encontro da

Comissão com os índios Nhambiquaras e o acolhimento cordial que ele recebeu da tribo pacificada. O resultado obtido pelo General prova a eficácia da tática que o Major Dyott pretende adotar no seu empreendimento.

A questão do modo como o explorador procura aproximar os primitivos, além de representar uma curiosidade do ponto de vista anedótico ([196]), constitui um fator muito importante no prosseguimento dos estudos etnológicos. Com efeito, esses estudos podem ser utilmente realizados unicamente acompanhando um método científico determinado, do qual a tática faz parte integral.

Além do exame dos elementos anatômicos do idioma, do produto material do trabalho dos índios, quase tudo se resume a um estudo psicológico. Para estabelecer as características das tribos devemos, abstraindo do nosso modo de pensar habitual, procurar compreender o processo do trabalho mental dos examinados. Como no nosso meio civilizado tendemos naturalmente a fazer deduções dos atos de um indivíduo, os quais representam geralmente o resultado do pensamento e o produto da vontade, esse método seria errôneo com respeito aos primitivos. Por exemplo os atos de ferocidade em nossa psicologia, desenvolvida nos ramos de uma certa ordem universalmente reconhecida entre os civilizados, representam um traço característico negativo, bem determinado.

Com razão, adotando a respeito destes atos a atitude correspondente às regras obrigatórias de nossa sociedade teríamos o direito moral de reprimi-los com toda a violência. Todavia estas represálias nunca seriam justificadas nas relações com os índios.

---

[196] De uma breve narração um de caso verídico pouco conhecido

Estes vivendo isolados num outro mundo, acostumados a organizar a sua vida no seio da natureza, entrando em contato com os seres do mesmo nível cultural, não podem ter as nossas mesmas concepções do bem e do mal. Fomos educados nos princípios estabelecidos pela religião e nas exigências éticas universalmente reconhecidas.

O que no nosso sentimento será um produto de um instinto mau a que estamos acostumados a chamar criminoso, mu vezes terá com respeito aos índios, a sua fonte no espírito da instintiva defesa da sua existência, ou então nas crenças, nas tradições, na ordem estabelecida desde milhares de anos no mundo especial dos primitivos.

As agressões, ataques, atos de crueldade que em nossa opinião representam um atentado contra o direito sagrado de liberdade individual podem ter uma significação muito diferente, quando praticados pelos primitivos. Assim o cientista deverá, não tanto examinar as demonstrações e os atos, mas procurar a fonte, os motivos que os ocasionam. Uma indicação preciosa, quanto à psicologia dos primitivos, muitos vezes pode ser encontrada no estudo da língua. Nos idiomas reflete-se, geralmente a psicologia do povo e especialmente dos primitivos.

Tive ocasião de estudar os princípios da língua mais primitiva entre as vivas – a chinesa. A experiência desses estudos embora não tenha estado na China, permitiu-me compreender melhor os chineses e o mundo asiático. Estes conservaram a sua psicologia própria, distinta de todas as outras nações. A língua chinesa ficou até hoje em seu estado primitivo as palavras representando uma combinação principalmente ideológica de um número limitado de concepções essenciais.

Por exemplo, a língua chinesa não possui uma palavra especial para o **comércio**. Para exprimir essa ideia o chinês dirá vender, comprar. A nossa palavra **briga** é representada por duas mulheres. Acrescentando às duas mulheres uma terceira exprimir-se-á a **inveja**. Não encontramos nessas palavras a concepção chinesa sobre a mulher?

Acredito que nos estudos profundos das línguas dos índios procurando a origem das palavras encontraremos possivelmente explicações sobre o modo de pensar destes primitivos. Analisando não só os atos exteriores da atividade das tribos mas os motivos, a fonte, comparando-os com o produto, o resultado do pensamento obteremos talvez, respostas a muitas questões até agora não esclarecidas. O explorador terá em primeiro lugar que dar atenção necessária ao momento psicológico que representa a chave para os estudos desses últimos primitivos. [Ramon da Paz] (DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 175)

O Imparcial n° 5.644
Rio de janeiro, RJ – Sábado, 07.08.1926

A Comissão Norte Americana que vem Explorar os Sertões Brasileiros Deve Chegar Hoje pelo "*Vandick*"

Quem é o Major Dyott?

Passageiros do "*Vandyck*", chegarão hoje ao Rio os exploradores chefiados pelo major Dyott [...]. Leva aparelhos radiotelegráficos e os aviões necessários para a Expedição. [...] A Expedição Roosevelt teve uma grande vitória digna de nota. [...]

Os estudos sobre as tribos de Guató e Kulischi (?) e a aplicação das modernas leis sobre o domínio das terras e legislação entre selvícolas, rigorosamente estudada, tem tido no Brasil um cumprimento perfeito. Infelizmente, os, aborígenes paraguaios, bolivianos e argentinos estão mais abandonados.

Os pobres selvícolas do sul da Patagônia, que concorrem anualmente com milhões de pesos para engrandecer Buenos Aires, deveriam ter melhor acolhimento e proteção. Nas regiões das soberbas florestas onde medram o "*Sol de Maio*" ([197]), única saia das mulheres selvagens, bem reproduzem a grandeza daquelas regiões que vivem na nudez, figura simbólica da miséria. Levantar o espírito do índio, é um dever. (O IMPARCIAL N° 5.644)

Gazetas de Notícias n° 181
Rio de Janeiro, RJ – Terça-feira, 10.08.1926

O "*Vandyck*" na Guanabara

Chegou a Missão Dyott que veio Continuar os Estudos Encetados pelo Coronel Roosevelt

Ao cair da noite de ontem, aportou à Guanabara, depois de uma ótima, viagem de 11 dias de Nova Iorque ao nosso porto, o paquete inglês "*Vandyck*".

[197] Bandeira Argentina: o peruano Juan de Dios Rivera, descendente dos Incas, quando fez a primeira moeda do país, sugeriu o símbolo de Inti, o deus do Sol Inca, conhecido também como "*Sol de Maio*", como emblema da nação argentina. A denominação do Sol faz referência à Revolução de Maio, ocorrida na semana de 18 a 25 de maio de 1810, que marcou o início do processo de independência da Espanha dos países do então Vice-Reino do Rio do Prata. (*www.todoestudo.com.br*)

Trouxe o grande transatlântico britânico, que faz a carreira entre portos das Américas, Norte e Sul, dentre inúmeros passageiros, o oficial do Exército inglês e explorador George Dyott, acompanhado de seus auxiliares Arthur Perkins e Eugene Bussey, radiotelegrafistas e J. T. Calvão, encarregado da seção de transportes da Comissão.

O Diretor Geral das grandes fábricas de filmes cinematográficos norte-americanos, "*Metro Goldwyn Mayer*" e "*First National Pictures*", que vem ao Brasil montar escritórios de propaganda e de estudos, para instalação de grandes "*ateliers*".

A Comissão Dyott

O nome do grande explorador que permanecerá em nosso País até fevereiro do ano próximo, é sobejamente conhecido nos centros científicos a quem o seu instinto aventureiro e devotamente têm enriquecido com preciosos dados. [...]

A bordo tivemos ensejo dê trocar com o comandante George Dyott, chefe da Missão Científica, algumas palavras e de sua gentileza, obtivemos:

> **Dyotty**: Acompanhado de seus auxiliares Arthur Perkins e Eugene Bussey e José Tozzi Calvão, este último brasileiro, depois de uma demora de 8 ou 10 dias, no Rio de janeiro, para os indispensáveis preparativos de nossa Expedição, seguiremos para São Paulo, Corumbá, São Luiz de Cáceres e finalmente Cachoeira de Utiariti. Depois, desceremos o Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt e estacionaremos nas margens do Rio Madeira, onde estabeleceremos nosso principal acampamento.

Conhecido já o programa, de sua missão, tem ela ainda algum fim especial? Perguntamos.

> **Dyotty**: Sim, independente dos dados que colheremos para complemento dos estudos já feitos pelo falecido Coronel Roosevelt, forneceremos ao "*New York Times*" detalhadas notícias de nossa Expedição. Para isso estamos providos dê uma estação radiotelegráfica ultra-potente, que se comunicará diretamente com o "*New York Times*", em Nova Iorque. O nosso ponto principal de convergência será, como disse, nas margens do Rio Madeira, porém faremos excursões pelos arredores desse local, assim, estou provido também de um ótimo e pequeno aparelho de radiotelegrafia que me permitirá estar sempre em comunicação com a estação principal de nossa Expedição. Esta peculiaridade reúne a vantagem de não demorar a Expedição de enviar notícias à Nova Iorque e de solicitarmos auxílios imediatos, no caso de perigos iminentes. Minhas últimas explorações, feitas na África e mesmo na América do Sul, entre o Equador e o Pará, mostraram-me a necessidade dessa medida e de outras que porei em prática. Assim, levo grande quantidade de lâmpadas elétricas de grande energia, que servirão para amedrontar as feras e uma provisão enorme de pequenos objetos que se prestarão a captar a simpatia dos índios.

Mostrou o ilustre explorador grande confiança no êxito da Expedição e, depois de nos falar sobre coisas do Brasil, que conhece bastante, nos deu um vigoroso aperto de mão, e adeus de despedida. O "*Vandyck*" atracava. (GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 181)

O Imparcial n° 5.646
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 10.08.1926

Chegou Ontem, pelo "*Vandyck*", a Comissão Norte-americana Chefiada pelo Major Dyott, que vai Explorar os Nossos Sertões

[...] Logo após a entrada do paquete inglês, subimos a bordo e conseguimos do ilustre viajante, a gentileza de alguns informes sobre a sua projetada exploração. Mr. Dyott, ao declinarmos-lhe a nossa qualidade de jornalista, prontificou-se a ser entrevistado, convidando-nos a entrar em sua cabine, onde amavelmente nos expôs o seu programa, respondendo às nossas perguntas, como verá o leitor.

Repórter: É essa a primeira vez que vem ao Brasil?

> **Dyott:** Não. Eu já estive no Brasil, quando explorei o Noroeste da América do Sul. Nessa ocasião percorri o interior do Equador, da Bolívia, do Peru e estendi a minha penetração pelas florestas amazônicas. Ao Rio, no entanto, é a primeira vez que venho. Quis deixar o melhor para o fim.

Repórter: De quantas pessoas se compõe a Expedição?

> **Dyott:** Por enquanto, nós somos apenas quatro. Eu, os Sres. Eugene Bussy e Arthur Perkins, operadores radiotelegrafistas e o Sr. José Calvão, brasileiro que me acompanha como auxiliar e intérprete. Além destes penso contratar aqui um fotografo e mais tarde, no interior, tantas pessoas quantas se fizerem necessárias para o êxito da minha missão.

Repórter: Quem patrocina a exploração?

> **Dyott:** Eu entrei em acordo com o "*New-Iorque Times*" para publicar a reportagem da minha excursão. Além desse jornal estou comissionado pelo "*New-York Zoological Society*" a quem enviarei fotografias e, se possível, um ou outro exemplar da fauna do interior brasileiro.

Repórter: O Sr. pretende realizar caçadas no interior.

Dyott: Sim. Mas caçadas sem tiros. Eu procurarei, tão somente fotografar e cinematografar os animais. Não mais me seduzem as caçadas para matar. Delas quero apenas guardar as recordações das que fiz na África e, mais especialmente, as de tigres, na Índia.

Repórter: Qual o itinerário que traçou?

Dyott: Pretendo seguir, o mais fielmente possível, o itinerário estabelecido por Theodore Roosevelt, quando aqui esteve. Quando alcançar o alto sertão, estabelecerei uma estação ultra-potente de radiotelegrafia e então realizarei explorações transmitindo notícias, por intermédio do telégrafo sem fio, para o "*New York Times*".

Repórter: A sua permanência no Brasil será longa?

Dyott: Penso que a minha viagem não ultrapassará um limite de oito meses. Aqui no Rio ficarei o tempo indispensável a tudo providenciar o que, acredito, não irá além de uns 10 dias.

Repórter: A afabilidade de Mr. Dyott nos animou a ir além dos limites que nós traçamos e, sem-cerimoniosamente abordamos outros assuntos que não os da sua excursão. Assim perguntamos-lhe: diga-nos Mr. Dyott, é fato que se pensa revogar a lei proibicionista ([198]), nos Estados Unidos?

Dyott: Revogar? Não, não acredito. O que se fará, fatalmente, é modificá-la. A prática, já provou, sobejamente, a sua ineficácia. Hoje em dia bebe-se em toda parte, nos Estados Unidos. Aliás, não há que admirar que assim suceda, pois que o álcool é tão necessário à vida, quanto o sal, por exemplo. O Sr. deve saber disso. Os que não bebem álcool, propriamente, ingerem açúcar que vai fornecer ao organismo o álcool de que ele necessita.

---

[198] Lei proibicionista: chamada de Volstead Act, de 1919, a famosa Lei Seca Americana.

E observe através dos tempos, sempre desde as mais remotas eras se fez e se bebeu álcool. O mal está no abuso e não no uso.

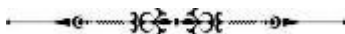
Repórter: Íamos agradecer ao distinto explorador a amabilidade da sua palestra quando, nos ocorreu dar-lhe uma nova que, no nosso entender, haveria de interessar-lhe. E arriscamos: sabe que uma nadadora norte-americana, Ms. Ederle ([199]), conseguiu atravessar o Canal da Mancha a nado? Não nos enganamos. Mr. Dyott, teve um sorriso de satisfação e com visível entusiasmo nos respondeu.

Dyott: Sim, eu já sabia. Foi uma proeza admirável que deve impressionar ao mundo.

Repórter: Revelava-se, nessas palavras, o sangue esportivo britânico. Era a alma do desportista que falava pela boca desse intemerato, desbravador de sertões. (O IMPARCIAL N° 5.646) separa

O Jornal n° 2.350
Rio de Janeiro, RJ – Terça-feira, 10.08.1926

Um Continuador da Obra de Roosevelt nas Regiões do Rio da Dúvida

O Estudo dos Nossos Índios de Mato Grosso e do Amazonas; Projetos da Missão Dyott; Algumas Palavras do Explorador Norte-americano ao "*O Jornal*"

[199] Ederle: às 21h30, do dia 06.08.1926, a nova-iorquina Gertrude Ederle aportava nas praias da cidade de Kent realizando um feito histórico tornando-se a primeira mulher a realizar a travessia, a nado, do legendário Canal da Mancha, braço de mar que separa a ilha da Grã-Bretanha do norte da França unindo o mar do Norte ao Atlântico, com quase 34 km de distância.

[...] Disse-nos o Sr. Dyott:

> **Dyott:** [...] Duas outras expedições, uma brasileira o outra norte-americana, tentaram, mais tarde, continuar os trabalhos iniciados, mas foram obrigadas a abandoná-los devido aos ataques dos índios. Agora a nossa Missão vem fazer novas tentativas nesse sentido. [...]

Quem é o Explorador Dyott

O Major Dyott já chefiou várias expedições na África do Sul e em outras partes do mundo, e voltou, ainda há pouco, de explorar as regiões desconhecidas entre o Equador e o Peru. Foi o primeiro a adotar o avião nas Expedições de regiões não conhecidas, como em 1911, em Orizaba [México], e em 1914, no Congo Belga. O explorador Dyott é autor dos livros: "*On the Trail of the Unknown*" e "*Silent Highways of the Jungle*". Entre outros trabalhos interessantes que o Major norte-americano pretende realizar, figura o estudo dos insetos daquelas regiões que serão fotografados e coletados. (O JORNAL N° 2.350)

O Imparcial n° 5.647
Rio de janeiro, RJ – Quarta-feira, 11.08.1926

O Conhecimento do Brasil

Animados por objetivos diferentes, mas todos de caráter acentuadamente científico, alheias "*bandeiras*" estão, de tempos a esta parte, intensificando as suas explorações através do imenso território nacional, como, pela frequente leitura dos jornais, vem sendo informada toda gente. [...] Tudo explica a fascinante atração que as nossas selvas misteriosas e magníficas exercem sobre o espírito estrangeiro.

A ciência tem muitas modalidades que justificam a audaz fantasia desses pioneiros de outras nações. Em breve, dada a pertinácia inteligente e produtiva desses "*bandeirantes*" do século XX, o coração da mata brasileira, ainda áspero e agreste, hoje, terá sido adoçado e suavizado, podendo ser, então, entregue aos prazeres do turismo internacional. Enquanto isso, nós, os da terra, com uma displicência que seria caricata se não fosse impatriótica, de o todo contentes com as nossas avenidas e os nossos superficiais prazeres de civilização, continuamos a afirmar, com elegante descuido, que Mato Grosso não existe e o Amazonas é mera expressão geográfica. Não vá ser tarde quando nos lembrarmos que há em ambos duas estupendas realidades. (O IMPARCIAL N° 5.647)

Jornal do Brasil n° 205
Rio de janeiro, RJ – Sábado, 28.08.1926

Em Torno da Expedição Dyott

[...] Dyott pretende verificar o progresso do país e demonstrar o seu desenvolvimento durante o período que nos separa da Expedição Roosevelt-Rondon de 1914, consagrando-se aos estudos da fauna e flora, não deixará de interessar-se pelas questões econômicas. Filmando as empresas agrícolas e industriais modelares nas regiões atravessadas, o ilustre explorador dará atenção especial às possibilidades dos enormes recursos naturais escondidos nas terras, quase desconhecidas do sertão. Não pretende consagrar-se especialmente aos estudos dos índios, mas encontrando-os no seu caminho, Dyott está certo de poder estabelecer o progresso na obra do catequese iniciada e concluída pelo General Rondon.

Assim, falando da Expedição do Mato Grosso e dos índios não se pode deixar de lembrar o papel desempenhado pelo eminente General e patriota. O chefe militar de destaque, o engenheiro e construtor da rede telegráfica em Mato Grosso e Amazonas tem o grande mérito de ter pacificado numerosas tribos índias, tornando seus membros legais cidadãos da União. Não diminuindo a importância da catequese com grande êxito prosseguida pelos padres, especialmente jesuítas e salesianos, que não hesitam fazer sacrifícios enormes, as vezes da própria vida, para servir à grande ideia da religião e humanitária, devemos notar os resultados admiráveis obtidos pelo General na catequese leiga.

Este soube conciliar as qualidades de grande chefe militar, introduzindo na vida dos selvagens a disciplina tão necessária, com os princípios de filosofia, do Augusto Comte. Não obstante, não tive a honra de encontrar pessoalmente o General Rondon, mas conheço a sua obra e está reflete o caráter do grande brasileiro. Conseguiu ele, num espaço de poucos anos, resolver o problema tão difícil e delicado, como é a pacificação dos selvagens, sem recorrer à força brutal, impondo a civilização por meio da influência moral nos espíritos dos primitivos.

O General, conhecendo a fundo a alma dos índios, soube criar a atmosfera necessária para poder operar-se a transformação na vida dos selvagens, conduzindo-os ao trabalho produtivo e à compreensão dos benefícios e da superioridade de nossa civilização. Acompanhando a atividade do General Rondon, observamos um plano bem estudado e determinado, constituído no aldeamento dos índios mencionados. Estabelecendo novos centros agrícolas, os índios foram transferidos para as aldeias especialmente organizadas para este fim.

Era preciso removê-los das florestas virgens onde, não tendo outros recursos, os indígenas consagravam-se unicamente à caça e à, pesca sem fornecer algum trabalho produtivo. A vida deles consistia só na procura dos alimentos para se sustentarem e da satisfação das suas necessidades animais. A pesca e especialmente a caça fizeram os índios nômades; não obstante possuírem um lugar determinado, onde se encontrava a sede da tribo, abandonavam-no frequentemente por um tempo mais ou menos longo para encontrar o que precisavam seus próprios custeios. As mulheres com filhos acompanhavam geralmente os seus maridos nessas caçadas, que ocupavam a vida dos primitivos.

Estes, pacificados, mudaram inteiramente o seu ser tornando-se pouco a pouco, lavradores, cultivando a terra e adotando o sistema de viver de uma nação civilizada. As aldeias, criadas pelo Gen Rondon, ficando sob a direção de instrutores competentes, compreendem hoje escolas e a nova geração indígena aprende não só ler e escrever, mas igualmente a pensar como nós civilizados. Isso é a obra grandiosa realizada pelo General e seus ilustres colaboradores. Há pouco tempo passou por minhas mãos um livro recentemente publicado em Zurique, sob o título "*Unter Indianern und Riesenschlangen*" ([200]). O autor deste livro, Dr. Heinrich Hintermann cientista suíço, fez parte em 1924/1925 de uma Expedição da Comissão Rondon ([201]), chefiada pelo Capitão Vasconcellos. Encontramos no livro a descrição do trabalho difícil e cheio de sacrifícios, fornecida pelos lustres oficiais, os capitães Vasconcelos e Reis, na exploração geográfica da região do Rio Xingu.

[200] "*Entre Índios e Cobras Gigantes*".

[201] Heinrich Hintermann: em 1924 Hintermann visitou, com Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcellos, os postos indígenas dos Rios Ronuro, Kuluene e Kuliseu, na região do Alto Xingu.

O Dr. Hintermann, narrando o seu encontro com a tribo Kuliseu, certifica os resultados admiráveis obtidos pelo General Rondon e o Serviço de Proteção aos Índios na organização da vida destes selvagens de ontem. Seja entre os índios aldeados, Bacairi, seja no acampamento dos Camaiurá, em toda a parte só o nome do Gen Rondon era suficiente para evocar o sentimento de gratidão e veneração infinita.

Isso é o que nos relata um testemunho imparcial, o sábio estrangeiro Hintermann. Da mesma atitude dos índios com respeito ao General, fala no seu livro Roosevelt, citando o seu encontro com os Nhambiquara, o mesmo dirá na sua volta, o Comendador Dyott demostrando a grandeza do Brasil e o papel desempenhado por seus melhores filhos. [Ramon da Paz] (JORNAL DO BRASIL N° 205)

Jornal do Brasil n° 213
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 07.09.1926

O Serviço radiotelegráfico da Expedição Dyott-Roosevelt

Como sabemos, a Missão Científica Dyott-Roosevelt, chefiada pelo comendador G. M. Dyott, que por estes dias segue para São Paulo, Mato Grosso e Amazonas, leva consigo instalações radiotelegráficas. Estando aparelhada com instalações muito aperfeiçoadas, a missão pretende, durante toda a Expedição, ficar em continuo contato com os centros civilizados do mundo inteiro, irradiando diariamente notícias sobre o prosseguimento da viagem. Os radioamadores em nossa Capital, terão assim a possibilidade de apanhar as irradiações da missão.

Recebemos do chefe da Expedição algumas informações sobre o serviço projetado. As instalações compreendem uma estação poderosa te 250 watts e um aparelho portátil de transmissão de 25 watts. A estação será montada em Mato Grosso, ao norte da cidade São Luiz de Cáceres, e começará a funcionar daqui a um mês. O funcionamento desta estação, que terá a capacidade de transmitir sinais diretamente para Nova Iorque e Londres, será assegurado por um especialista operador, o Sr. Eugene Bussey, da "*Radio Corporation of America*". A estação de S. Luiz de Cáceres receberá irradiações emitidas por um aparelho portátil que acompanhará a missão durante todo o tempo, mesmo na descida, nas canoas do Rio Roosevelt [Rio da Dúvida].

O aparelho portátil que será operado por um radioamador norte-americano, o Sr. Perkins, de Nova Iorque, possui a capacidade de transmissão no rádio de 1.000 milhas inglesas. Nas provas realizadas a bordo do vapor "*Vandyck*", durante a viagem de Nova Iorque ao Rio, demonstrou a capacidade efetiva no rádio de 1.050 milhas.

A estação e o aparelho portátil serão regulados nas ondas curtas de 20 a 80 metros. O comprimento das ondas será escolhido, depois dos provas feitas, em conjunto com o estabelecimento da estação principal em Mato Grosso. A força necessária para a estação será produzida por meio de baterias secas, que serão recarregadas por um gerador à mão, também portátil. As letras de chamada da estação serão GMB e do aparelho portátil 2GYA.

Os radioamadores dispondo das informações que comunicamos, terão a possibilidade de acompanhar a Expedição, no desenvolvimento do seu interessante empreendimento. (JORNAL DO BRASIL N° 213)

Correio da Manhã n° 9.707
Rio de janeiro, RJ – Domingo, 12.09.1926

Outra Expedição ao Rio da Dúvida

[...] Uma Estação Radiográfica

Atingido o Rio Papagaio, Dyott instalará uma estação radiográfica deixando aí um operador. Prosseguirá com o resto da Expedição, levando três botes desmontáveis e dois outros pequenos aparelhos de rádio para ligação constante com a estação permanente, que irradiará sistematicamente as peripécias da jornada. Alcançado que seja o Rio Madeira, dentro de poucos dias estará a Expedição em Manaus e Pará ([202]) de onde reembarcará para os Estados Unidos.

Quando a estação permanente do alto do sertão do Brasil for notificada do êxito da Expedição os aparelhos serão desativados e seu encarregado voltara para o Rio e depois para Nova Iorque. Bussey é o nome do operador que ficará na estação do Rio Papagaio, de onde transmitirá diretamente para um jornal norte-americano os feitos da viagem. [...]

Em matéria de provisões e mantimentos fia-se em grande parte no "*rifle*" e na espingarda, considerando que tomaria grande vulto o carregamento excessivo de mantimentos justamente quando grande parte da carga é composta de filmes cinematográficos e respectivo aparelhamento. Dyott está convicto que pode fazer os índios hostis correrem à disparada, ameaçando-os com focos elétricos de bolso, o que parece arma pouco eficaz. [...]

[202] Belém (PA).

Dyott confia no rádio. Diz ele:

> As comunicações radiotelegráficas constantes revigoram o ânimo e, em caso de emergência, salvam situações. Tem-se a impressão de estar perto de tudo, por mais longe que sejam as distâncias... Na minha última Expedição ao Amazonas, fui dado como morto no "*Times*" de Londres porque não tinha comigo um aparelho transmissor bastante forte para dar notícias, e também porque os índios de uma maloca, que tinham prometido construir uma canoa para descer um afluente e alcançar uma base da Expedição, puseram-se ao "*fresco*" ([203]), quando mais deles necessitava. Ao lado disso, os radioamadores terão oportunidades interessantíssimas de ligações. (CORREIO DA MANHÃ N° 9.707)

Correio da Manhã n° 9.711
Rio de janeiro, RJ – Sexta-feira, 17.09.1926

Em Busca do Rio Roosevelt

Já Partiu Desta Capital a Expedição Chefiada por Dyott; Essa Expedição Descerá o Curso Daquele Rio Fazendo Estudos e Radiografando Impressões Diárias

[...] Tendo partido do Rio pela manhã, o Sr. Dyott pretende permanecer alguns dias em São Paulo, onde pretende filmar o Instituto Seruntherapico do Butantã e fará, também, uma parada em Descalvados, sobre o Rio Paraguai, a fim de filmar uma caçada de onças. A Expedição viaja sob os auspícios da "*Zoological Society*", de Nova Iorque, e da "*Roosevelt Memorial Association*". (CORREIO DA MANHÃ N° 9.711)

---

[203] Puseram-se ao fresco: fugiram.

Popular Radio
USA, Nova York – April, 1927

Buzzing with Bussey in Brazil
[Ralph E. Thomas]

Qualquer "radioamador" disponibilizaria seus melhores 50w para capturar as letras mágicas "GMD", as iniciais de chamada da Expedição George Miller Dyott que agora explora os sertões Brasileiros. A Expedição tenta atravessar o Planalto Central do Brasil e a Serra dos Pareci para explorar as cabeceiras do Rio Roosevelt, mais conhecido como o "Rio da Dúvida". A estação GMD, operada por Eugene Bussey de Yonkers, Nova Iorque, e transmitindo em comprimentos de onda entre 20 e 80 metros, manteve a Expedição quase constantemente em contato com a civilização; a expedição também carrega um pequeno aparelho portátil, 2-GYA, que transmite mensagens através do GMD das regiões mais inacessíveis.

Lentamente, o sintonizador de ondas curtas girou enquanto eu sintonizava à longa distância na Estação Amadora 2-UK. Os sinais vinham de todas as partes do globo. Alguns dos sinais eram fortes, claros e estáveis; outros estavam fracos, distorcidos e dificilmente audíveis.

Mas um fato era certo – esta foi uma boa noite para a recepção de "*DX*".

Por fim, os mostradores pararam de girar, pois quando o conjunto foi colocado em ressonância, ouvi os sinais do britânico 2-NM chamando de "*teste EUA*".

Um giro do botão de controle e meu transmissor estava pronto para a ação; em poucos minutos a comunicação foi estabelecida e uma conversa amigável se seguiu. Da mesma forma foram trabalhados Portugal 1-AE, mexicano 5-B e vários outros. Todos receberam meus sinais altos e claros.

Satisfeito com os resultados até então, mudei para o limite inferior da banda e registrei várias estações brasileiras. Um após outro, os brasileiros 1-AW, 1-IB, 1-AK e 5-AB foram sintonizados. Mas quem era aquele sinal fraco e constante quase inaudível através do "*QRM*" e ocasionais quedas de estática, chamando "*cq, cq, de GMD, GMD, GMD*".

Mais uma vez, meu transmissor foi acionado e meus sinais dispararam para o espaço, chamando "*GMD, GMD, de 2-UK, 2–UK*".

Houve um momento de suspense quando voltei para o meu receptor. O GMD ouviria meus sinais e responderia?

Com certeza, os sinais fracos desta vez puderam ser ouvidos chamando e a comunicação foi estabelecida. Disse Bussey, o operador de rádio.

> Esta é a Expedição G. M. Dyott, no sertão do Brasil. Estou certamente feliz em me conectar, você é a primeira estação a me responder depois de muito tempo. Tenho uma longa mensagem para o New York Times; você vai retransmitir para mim?

A interferência neste ponto tornou-se tão grande que fui obrigado a pedir-lhe que aumentasse o comprimento de onda. Ele fez isso e, depois de algum tempo, a qualidade da comunicação melhorou significativamente, e conversamos por vários minutos. A mensagem enviada foi a seguinte:

APRIL, 1927 Page 367

"Buzzing" with Bussey in Brazil

By RALPH E. THOMAS (2-UK)

From the "River of Doubt" to New Jersey

Ralph Thomas, a radio amateur of New Brunswick, N. J., is one of the fortunate few to pick up code signals from the Dyott expedition in South America; the shaded portion of the above map shows the location of the explorers.

Nearly any "ham" would give his best 50-watter to pick up the magic letters "GMD," the call letters of the George Miller Dyott expedition now exploring the wilderness of Brazil. The expedition is trying to proceed across the central plateau of Brazil and the Parecis Hills to explore the headwaters of the Rio Roosevelt, better known as the "River of Doubt." Station GMD, operated by Eugene Bussey of Yonkers, New York, and transmitting on wavelengths between 20 and 80 meters, has kept the expedition almost constantly in touch with civilization; the expedition also carries a small portable set, 2-GYA, which relays messages through GMD from the more inaccessible regions.

SLOWLY the dials of the short-wave tuner swung around as I tuned in for long distance at Amateur Station 2-UK. Signals were coming in from all parts of the globe. Some of the signals were strong, clear and steady; others were faint, fading and scarcely readable.

But one fact was certain—this was a good night for "DX" reception.

Finally the dials ceased turning, for as the set was brought into resonance I heard the signals of British 2-NM calling "test U. S. A."

A twist of the throw-over switch and my transmitter was ready for action; within a few minutes communication was established and a friendly chat ensued. In the same manner Portugal 1-AE, Mexican 5-B and several others were worked. All reported my signals "fine business."

Feeling well satisfied with results so far, I turned to the lower end of the band and logged several Brazilian stations. One after another, Brazilian 1-AW, 1-IB, 1-AK and 5-AB were tuned in. But who was that faint, steady signal that was barely audible through the "Qrm" and occasional crashes of static, calling "cq, cq, de GMD, GMD, GMD."

Once more my transmitter was brought into play and my signals flashed out into space, calling "GMD, GMD, de 2-UK, 2-UK."

There was a moment of suspense as I switched back to my receiver. Would GMD hear my signals and reply?

Sure enough, the faint signals this time could be heard calling 2-UK; communication had been established.

"This is G. M. Dyott Expedition, in the wilderness of Brazil," said Bussey, the radio operator. "I am certainly glad to connect, as you are the first station to answer me for a long time. I have a long message for the New York *Times*; will you relay it for me?"

The interference at this point became so great that I was compelled to ask him to raise his wave. This he did, and after more or less difficulty all the traffic was cleared and the conversation took a general trend, and we chatted for several minutes. The message was as follows:

G. M. Dyott Expedition,
Brazil, Oct. 18, 1926.

New York *Times*,
New York:

Expedition now encamped on the banks of the Sepotuba, preparing for canoe transportation up river. Limited facilities necessitate decrease in baggage and personnel. Perkins returning.

(Signed) G. M. Dyott.

"I am using a portable set with less than twenty watts input," continued Bussey. "Your signals are clear, steady and very strong. What is the nature of your set and what power are you using?"

I gave him the information. My transmitter consists of a 50-watt tube in the Hartley circuit. The high voltage is supplied by an Acme 600-watt power transformer which transforms the 110-volt, 60-cycle house current to 1500 volts, which in turn is rectified by Rectigon tubes working on each half of the cycle. The inductances are sections of a Radio Corporation helix; the condensers are Dubilier. The radiating system consists of a vertical antenna 30 feet long and a horizontal counterpoise of about the same length, twelve feet from the ground. This is worked on the fundamental wavelength of thirty-seven and one-half meters, and is what is known as a current feed system. The receiver is a home-made affair built along low-loss lines and uses one step of audio frequency.

(Continued on page 391)

Imagem 128 – Popular Rádio, abril de 1927

Expedição G. M. Dyott,
Brasil, 18 de outubro de 1926.
New York Times, Nova York:
Expedição agora acampada às margens do Rio Sepotuba, preparando o transporte de canoa Rio acima. As instalações limitadas exigem redução de bagagem e pessoal. Arthur Perkins voltando.
[Assinado] G. M. Dyott

Continuou Bussey.

Estou usando um aparelho portátil com menos de vinte watts de entrada. Seus sinais são claros, estáveis e muito fortes. Qual é a natureza do

conjunto e que potência você está usando? [...] (RALPH THOMAS)

O Jornal n° 2.445
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 28.11.1926

A Expedição Chefiada pelo Explorador Dyott

Foi Ameaçada pelos Índios em Mato Grosso
[New York Times]

Nova Iorque, 27 [U.P.] – O "*New York Times*" recebeu um despacho pelo rádio, procedente de Mato Grosso dizendo que a Expedição chefiada pelo explorador George Miller Dyott, chegou ao ponto extremo navegável em canoas do Rio Sepotuba. A Expedição tenciona agora marchar através do planalto central na direção do Rio de Roosevelt. Acrescenta o rádio-telegrama que os expedicionários viram-se ameaçados por grupos de indígenas armados que pretendiam apreender os víveres que levavam. (O JORNAL N° 2.445)

Gazeta de Notícias n° 287
Rio de janeiro, RJ – Sábado, 11.12.1926

No Mistério da Amazônia

O Explorador Inglês George Dyott revela Fantásticos Aspectos da Vida Indígena nas Selvas Brasileiras
 # Um Caso que é mais Para rir... #

“*The World Magazine*” adquiriu os direitos exclusivos da publicação das notícias de viagem do Capitão e explorador inglês George Dyott, que viveu por vários anos entre os indos do vale do Amazonas. Esse homem conta coisas maravilhosas dos selvagens “*Jivaros*” da fronteira com a Guiana e promete edificar o público das cinco partes do mundo com as declarações sensacionais acerca, de usos e costumes desses bárbaros.

Diz Dyott que os canibais o receberam mal. Resolveram-se, porém, a aproveitar-lhe os serviços de guerra, mas logo lhe impuseram o amor de seis, mulheres. Puritano, com escrúpulos clássicos, friamente pudico como qualquer inglês que guarda os domingos e canta os salmos, Dyott recusou a oferta. Maltrataram-no então. Perante o argumento decisivo da surra e até do suplício, abriu os braços à sua meia dúzia de esposas.

Manda a lei dos “*Jivaros*”, entretanto, que sejam honrados e considerados os guerreiros que dão à tribo muitos filhos, e, para ser considerado e honrado, Dyott quase que povoou o deserto amazônico. Regressou à Inglaterra deixando três dezenas de descendentes nos campos dos “*Jivaros*” e seis esposas que lhe choram exemplarmente a ausência...

Claro é, que o assunto interessou extraordinariamente à sociedade britânica e não se fala do outra coisa nos altos meios onde o escândalo é sempre um prato de luxo. As damas londrinas comentam risonhamente o caso; gente séria e respeitável enruga a testa, ruborizando-se e não falta quem tenha a trouxa arrumada e os bilhetes comprados... para o Amazonas! O Capitão George Dyott é também um hábil novelista. Esse sujeito esperto acaba de pregar uma peça ao universo inteiro.

Isso de nação indígena que quer o estrangeiro louro para tipo de raça é um mito alegre, e nada mais. A esta hora, recolhido à paz do seu gabinete, o viajante estará a rir da, ingenuidade fácil dos homens. Pois há quem acredite na fábula?

Lembra-nos a história certo caso interessante que, à guisa de anedota, corre por aí. Alto, bela figura de homem, correto e grave, um Coronel de uma cidade, próxima era tido por muito bom sujeito. Tinha, porém, um defeito considerável; não discernia claramente a verdade e a fantasia. Assim foi que, de uma feita, narrou aos vizinhos amigos esta passagem de sua vida. Viajava pelos sertões com amigos numerosos que andavam à caça, e foram todos aprisionados por uma tribo de índios, truculenta, e perversa. Os antropófagos fecharam os ouvidos às lamentações e peditórios. Cerraram os olhos ao choro e às lágrimas. E mataram cruelmente todos os presos, com exceção de um – O Coronel. O cacique atentara nele. Reparou na bela figura de homem. Salvou-o portanto, serviria para; reprodutor. O Capitão Dyott é um grande pandego! (GAZETA DE NOTÍCIAS N° 287)

Jornal do Commercio n° 32
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 01.02.1927

A Expedição Dyott-Roosevelt
Sua Chegada ao Rio Roosevelt

Notícias vindas de Mato Grosso dizem estar a Expedição Dyott-Roosevelt, que se acha há vários meses no sertão mato-grossense, concluindo a última, etapa do seu itinerário, já tendo chegado ao passo do Rio Roosevelt. [...]

Do Porto Esperança, em Mato Grosso, ponto terminal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, seguiu a Expedição para a cidade de S. Luiz de Cáceres, donde prosseguiu até ao Porto de Tapirapuã, à margem esquerda do Rio Sepotuba, depois de incorporar à sua comitiva alguns sertanejos brasileiros, conhecedores da região que devia ser percorrida. Nessa viagem fluvial a Expedição foi transportada pela lancha "*Rosa Bororo*", da Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios, de Mato Grosso.

Em Tapirapuã foi organizada a Expedição terrestre, que partiu, sem demora, para Aldeia Queimada, Utiariti, Juruena, Vilhena e José Bonifácio, em busca do passo do Rio Roosevelt, na linha telegráfica Cuiabá e Santo Antônio do Madeira, numa extensão de cerca de 650 quilômetros, seguindo, invariavelmente o trajeto percorrido pela "*Expedição Roosevelt-Rondon*" em 1914.

Chegados àquele passo, detiveram-se o Comendador Dyott e seus companheiros no preparo da duas "*ubás*", canoas, necessárias à descida do Rio até a sua foz no Madeira, donde prosseguiram para Manaus, viajando nos navios que fazem a navegação regular no Rio Amazonas, e, assim, terminaram a interessantíssima viagem que empreenderam os emissários da "*Roosevelt Memorial Association*". [...] O Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon recebeu ontem do Sr. Comendador George Miller Dyott o seguinte telegrama expedido pela estação de José Bonifácio, situada no alto sertão mato-grossense:

> General Rondon, Rio. – Embarcando no Rio Roosevelt, agradecemos a V. Exª o acolhimento recebido. Em homenagem a V. Exª batizamos uma canoa com o nome de "*General Rondon*", Saudações, Dyott. (JORNAL DO COMMERCIO N° 32)

Jornal do Brasil n° 81
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 05.04.1927

A Missão Dyott-Roosevelt

Do nosso ilustre colaborador Ramon da Paz que acompanha a Missão Científica Dyott-Roosevelt, recebemos o seguinte telegrama:

> A Missão Científica Dyott-Roosevelt chegou a Manaus, depois de quase sete meses de viagem por ínvios sertões. Sou feliz por ter ocasião de participar de um empreendimento, que me permitiu confirmar a minha admiração para com o grande país, Brasil. Saudações aos companheiros da redação e a toda a imprensa carioca. – Ramon da Paz.

O "*Jornal do Brasi*l" publicará em breve, as informações que aquele nosso colaborador nos, prometeu enviar, sobre a viagem de exploração pelos sertões do Brasil. (JORNAL DO BRASIL N° 81)

O Paiz n° 15.512
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 10.04.1927

A Amazônia Misteriosa

Uma Notável Conferência do Dr. Roman Poznanski, da Missão Dyott-Roosevelt

O subchefe da Missão Dyott-Roosevelt, que acaba de percorrer o noroeste brasileiro, numa atribulada viagem de estudos e pesquisas, realizou há pouco, em Manaus, uma curiosa conferência, cuja sumula o

nosso prezado e ativo correspondente na capital amazonense nos enviou no cabograma que transcrevemos a seguir:

Manaus, 9 [Especial para O PAIZ] – O Dr. Roman Poznanski, subchefe da Missão Dyott-Roosevelt, fez uma aplaudida conferência pública, no salão principal do "*Club Nacional*", na presença do Presidente do Estado, do Prefeito Municipal e grande número de pessoas de todas as classes da nossa sociedade.

Referiu as peripécias da penosa travessia do noroeste brasileiro, precisando as dificuldades encontra das e relativas à falta de gente e de aninais para o serviço, de transportes. Contou que a missão, por duas vezes, foi assaltada por um grupo de 18 homens, pertencentes à chamada Coluna Prestes. A primeira, eia Tapirapuã, e a segunda no Salto. Finalmente, o chefe ou comandante do grupo, indivíduo de nome Emygdio da Costa Miranda, abandonou os companheiros, que o quiseram matar, vindo pedir proteção à missão Dyott, que o acolheu, sob a condição de entregá-lo à primeira autoridade brasileira que fosse encontrada.

Passando a missão pelo posto telegráfico, Emygdio foi, requisitado de Cuiabá, pelo Presidente de Mato Grosso, ficando de ser enviado com aquele destino. O conferencista referiu ainda os grandes trabalhos que teve a Missão para transpor o morro do Paixão, onde os exploradores entraram em contato com os índios Araras, que, apesar de mansos, abriram várias caixas pertencentes aos expedicionários, à procura de machados e facões.

Acampados, certa noite, pouco distante de lençol de água corrente, sobreveio grande chuva, que; alagou tudo subindo as águas 6,4 metros, arrebatando vários utensílios e aparelhos pertencentes à missão.

Por fim, chegaram ao ponto mais difícil da travessia do noroeste, a passagem de inúmeras cachoeiras do Rio da Dúvida, que formam uma verdadeira escada de pedra e desce do planalto de Mato Grosso em busca do vale do Amazonas, obrigando os expedicionários a abrirem varadouros de até 306 metros de extensão. Como derradeiro episódio, o conferencista referiu o seguinte caso:

> Sem uma revista, nem um livro para ler, naqueles ermos sertões a Missão, logo que chegou ao primeiro barracão civilizado, à margem do Rio da Dúvida, pediu ao seu proprietário qualquer obra ou jornal para ler, indo este buscar o único livro que ali havia, um volume do "*Na Planície Amazônica*", de Raymundo Moraes ([204]).

---

[204] O escritor Raymundo Moraes, filho de Miguel Quintiliano de Moraes e de Lucentina Martins Moraes, nasceu em Belém no dia 15 de setembro de 1872. Interrompeu cedo os estudos, havia concluído apenas o curso fundamental, para acompanhar seu pai Miguel Quintiliano, prático de navios no Rio Madeira. O Fascínio e a magia de navegar pelas artérias vivas da hileia fizeram-no seguir a carreira do pai chegando a comandante dos "*gaiolas*". As infindas jornadas despertaram seu amor pela leitura. Autodidata de invulgar inteligência e sensibilidade aliou o conhecimento científico e literário adquirido com as experiências que recolhia e anotava nas suas jornadas. Seus líricos relatos, carregados de emoção, são flagrantes que vivenciou e paisagens que impregnaram sua alma durante quase trinta anos. São crônicas de quem aprendeu com as águas e as gentes, com os seres da floresta, os ventos e as chuvas.

Deixemos falar o inspirado escritor:

A Amazônia é um inigualável repositário de águas doces, vivas, cantantes, que saltam e deslizam, sob a luz crua do Equador, desde as cachoeiras rugidoras nas escadas de pedra aos lagos serenos nas várzeas infindas. Com a bacia imensa retalhada de rios, recortada de angras, listradas de furos, os paranás, e os igapós se traçam, se ligam, se anastomosam no mais complicado e bizarro aranhol fluvial do planeta. [...] A principal característica do Amazonas, no entanto, é a metamorfose. Para fixar suas linhas de drenagem, na construção das molduras que o apertam no "canon", apaga de noite o que delineou de dia. Solapa, rói, gasta, para mais adiante restaurar, no tear potamológico, a topografia que sumira.

(Raymundo Moraes - Na Planície Amazônica)

Imagem 129 – Na Planície Amazônica – 1ª Ed., 1926

Referindo o incidente o Dr. Poznanski disse, para mostrar irradiação desse mesmo livro, que:

> A missão considera-o a maior obra escrita sobre a Amazônia. Isso não provém somente das belezas da sua forma e do seu estilo literário, mas das verdades nele contidas [...]. (O PAIZ N° 15.512)

Jornal do Brasil n° 137
Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 09.06.1927

Conversando com o Nosso Patrício Dr. José Tozzi Calvão, que foi o Verdadeiro Organizador da Exploração Através dos Nossos Sertões

[...] O Dr. Calvão tomou parte em quase todas as expedições norte-americanas realizadas na América do Sul; e por isso, está em condições, melhor do que qualquer outro, de expressar opiniões concretas sobre as dificuldades superadas e sobre os resultados

efetivos das expedições. Declarou-nos o Dr. Calvão:

> **Dr. Calvão:** O principal elemento de sucesso de uma Expedição depende sempre do cálculo exato dos mantimentos, que, para a sua duração, precisam da perfeita saúde dos membros que nela tomem parte. Não é suficiente possuir uma boa constituição física, mas é indispensável que ela seja preservada das febres maláricas e das outras moléstias fáceis de insinuar-se nos organismos mais fortes, pelo duro regime de vida, que cada expedicionário se deve impor. A organização dos transportes e recursos alimentícios, exige também a competência de homens experimentados nessas viagens, porque, como seria prejudicial qualquer otimismo a respeito às condições do itinerário, assim poderia resultar muito incomodo uma organização pesada dos ditos transportes. [...]

Repórter: A Expedição teve encontros com os revoltosos em pleno sertão?

> **Dr. Calvão:** Dois encontros. O primeiro aconteceu na madrugada do dia 02.11.1926. Enquanto eu, com a comitiva composta de animais do montaria, de quarenta e cinco bois de carga e de dez homens, preparava-me para a travessia do sertão de Mato Grosso em demanda do Rio Roosevelt [Dúvida], fomos surpreendidos pelos revoltosos da Coluna Prestes, comandados pelo Capitão Miranda. Em consideração de que a missão era estrangeira, requisitou somente os nossos animais de sela, que eu tinha escolhido em São Luiz de Cáceres, deixando-nos alguns cavalos magros e cansados. Com estes animais atravessamos cento e oitenta léguas de sertão, habitado pelos célebres Nhambiquaras, chegando a 24 de dezembro a Utiariti, que fica na margem esquerda do Rio Papagaio, acima do Salto de Utiariti, que mede quarenta metros de largura por oitenta de altura.

Repórter: Qual foi a parte mais difícil da Expedição?

Dr. Calvão: A parte mais difícil da viagem foi a travessia do Rio Roosevelt, cheio de cachoeiras e de voltas perigosas. Às vezes precisávamos parar longas horas no Rio, para cortar algumas arvores colossais que obstruíam a passagem das canoas. A 02 de fevereiro encontramos as primeiras cachoeiras, e fomos obrigados a abandonar o batelão de madeira, como também parte da carga e os nossos aparelhos radiotelegráficos e os motores. Armamos então a terceira canoa de lona, e assim conseguimos superar a primeira grande dificuldade. Eu procedia ([205]) sempre na frente, explorando o Rio e os canais por onde poderíamos passar. No dia 28 de fevereiro, precisando caçar entreguei o lugar, de piloto ao índio, que me acompanhava e fiquei na proa, para ter liberdade de matar alguma jacutinga ou mesmo algum macaco. Foi um desastre, porque, pela imperícia do meu novo piloto, a canoa, ao atravessar uma cachoeira, foi de encontro às pedras virando e jogando os tripulantes n'água. Porém, por boa sorte, a carga de mais necessidade estava bem acondicionada, por isso, flutuando pelas águas espumantes da cachoeira, foi apanhada pelas outras canoas a 2 quilômetros abaixo. Lutamos assim todos os dias, sempre de baixo de fortes chuvas e trovoadas, molhados até os ossos. No dia 3 de março, chegamos à Serra do Sargento Paixão, e às cachoeiras do mesmo nome. Tivemos de fazer um varadouro de três quilômetros. Enquanto eu com mais dois homens íamos abrindo o varadouro numa floresta espessa, fomos cercados por uma tribo de índios desconhecidos, em atitude hostil. Os meus companheiros apavorados quiseram fugir, mas felizmente consegui contê-los, o que foi a nossa salvação, pois, do contrário, os índios nos teriam atacado. Mostrei, então, que éramos amigos, entregando à tribo, que depois soube chamar-se "*Araras*", machados e facões de presente e recebendo, em troca, arcos, flechas, milho e "*chicha*" [aguardente de milho]. Até a chegada ao Rio Madeira varamos, em 45 dias, 65 cachoeiras.

---

[205] Procedia: avançava.

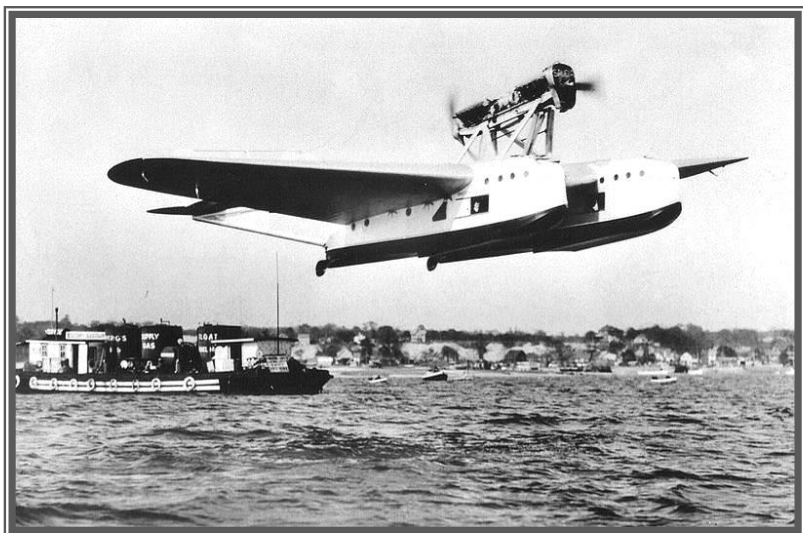



Imagem 130 – Savoia-Marchetti S.55

Repórter: Quantos meses durou a Expedição?

Dr. Calvão: Deixamos o Rio em 15.09.1926 e chegamos a Manaus no dia 02.05.1928.

Repórter: Quais são as suas impressões sobre os nossos sertões?

Dr. Calvão: O entusiasmo com que tenho tomado parte em tantas expedições, e o desejo de realizar ainda outras explorações, podem demonstrar o meu vivo interesse para o conhecimento mais perfeito e o estudo destas regiões maravilhosas, exuberantes de riquezas, e que poderiam, só elas, assegurar a prosperidade de um grande país.

Repórter: Quase são os resultados práticos dessas expedições?

Os resultados, hoje, são para os estudiosos. E seja-me permitido afirmar que talvez se interessem mais os estrangeiros do que os nossos patriotas em conhecer as extraordinárias riquezas que existem naquele "*Inferno Verde*".

> Quando o problema das comunicações for resolvido – e parece que o voo de De Pinedo ([206]) têm apresentado a possibilidade de solução do problema, os resultados das atuais explorações poderão ser apreciadas praticamente. [...] (JORNAL DO BRASIL N° 137)

Jornal do Brasil n° 141
Rio de janeiro, RJ – Terça-feira, 14.06.1927

A Chegada ao Rio do Nosso Colaborador Dr. Ramon da Paz – Seus Estudos Acerca do Problema dos Índios – Os Resultados da Missão

Anunciamos, anteontem, numa entrevista que nos concedeu o Sr. José Tozzi Calvão, que o nosso prezado colaborador Dr. Roman Poznanski [Ramon da Paz] se achava atualmente na Europa para organizar uma nova Expedição aos sertões brasileiros. [...] Falando das expedições, respondeu-nos Dr. Ramon da Paz:

[206] Em 1927, com a missão de promover o fascismo e os avanços tecnológicos de seu país, e, o Coronel Francesco de Pinedo, da Força Aérea Italiana, foi incumbido de liderar o "*Raide das Duas Américas*". Acompanhado do engenheiro Carlo del Prete e do mecânico Vitale Zacchetti, pilotou um Savoia-Marchetti S.55, bimotor hidroavião de casco duplo, batizado de Santa Maria em homenagem à nau capitânia de Cristóvão Colombo. Foi uma jornada impressionante. Partindo da Itália, o Santa Maria chegou ao porto de Natal, no Rio Grande do Norte, em 24 de fevereiro, em uma travessia via Senegal, Cabo Verde e Fernando de Noronha. Depois, em uma série de escalas, a expedição passou pelo Rio de Janeiro, Buenos Aires, Assunção, Manaus e Belém, seguindo pelo Caribe até os Estados Unidos. Mesmo com a destruição do avião, atingido por um incêndio durante um reabastecimento no estado do Arizona, em 6 de abril, a missão prosseguiu com o Santa Maria II, que voltou à Itália via Terra Nova, Açores e Lisboa. A missão de longa duração foi o primeiro voo da história a cruzar o oceano em ambos os sentidos... (aeromagazine.uol.com.br)

Dr. Ramon da Paz: Muitos conservam ainda na sua memória o legendário explorador, que avançava e contramarchava com sua intrépida bandeira através de obstáculos sem conta em busca de ouro e outras riquezas naturais escondidas nas terras desconhecidas do Novo Mundo; esquecem geralmente os grandes patriotas prontos a fazer sacrifícios para içar a bandeira do seu país nas terras remotas, dando à sua pátria novos recursos de riqueza e prosperidade nacional, não se recordam mais dos servidores da igreja, que, trazendo a cruz penetraram nos sertões para ensinar os selvagens a distinguirem o bem do mal, divulgando os altos princípios da religião, não dão o justo valor aos trabalhos dos cientistas e ao papel desempenhado pelos homens, como o eminente General Rondon e seus colaboradores que arriscaram a vida para contribuir ao progresso da ciência e servir aos interesses da sua Pátria e da humanidade inteira.

Um explorador, na opinião de muitos, é ainda um homem que se lança à aventura para satisfazer os seus desejos egoístas de lucro pessoal. Nesta atmosfera pouco favorável, o explorador-cientista tem por costume iniciar a realização do seu empreendimento, sabendo que os esforços não são devidamente apreciados, se não mesmo censurados.

Repórter: A Missão Dyott não teve, porém essa atmosfera desfavorável.

É verdade, a Missão Dyott-Roosevelt [...] Pelo contrário, ficando sob o patrocínio de importantes instituições americanas [...] se beneficiava do auxílio eficaz do governo brasileiro que em muito facilitou a realização do empreendimento iniciado. O apoio do grande brasileiro e sertanista General Rondon, o interesse concedido aos nossos esforços pela imprensa, representantes da opinião pública do país, contribuíram para o êxito feliz da longa e penosa viagem através dos sertões do "*hinterland*" brasileiro.

Repórter: Qual é a sua opinião sobre o valor da Expedição?

Dr. Ramon da Paz: Quanto ao valor da Expedição Dyott-Roosevelt é prematuro ainda formar uma opinião. Depende tudo da qualidade dos trabalhos que devem ser publicados.

O comandante Dyott, que é um escritor de grande talento e conferente ([207]) por excelência, divulgando os resultados obtidos, julgo, corresponderá à confiança que lhe demonstraram com a entrega da direção de uma Expedição Científica. Porém pode-se dizer desde já que o ilustre chefe da Expedição realizou o seu objetivo principal conseguindo reunir uma documentação cinematográfica e fotográfica importante, permitindo-lhe a reconstituição completa da obra realizada pela Comissão Roosevelt-Rondo em 1914. O comandante Dyott consagrava-se igualmente aos estudos zoológicos e nada da vida dos animais e insetos escapa à sua visão fina e observadora.

Repórter: Quais eram os outros membros da Missão?

Dr. Ramon da Paz: Quanto aos outros membros da Missão, o Sr. Eugene Bussey, perito nas questões de radiotelegrafia, assegurado o serviço radiotelegráfico da Missão, realizava durante toda a viagem numerosas experiências de transmissão e recepção com ondas curtas. As experiências mencionadas demonstraram na prática o futuro e superioridade das ondas curtas na radiotelegrafia. Os resultados obtidos pelo Sr. Bussey na transmissão regular dos radiogramas para o Rio e Estados Unidos confirmam uma vez mais a praticabilidade de um serviço radiotelegráfico mesmo durante uma viagem realizada em condições anormais e difíceis.

O Sr. Calvão era nosso oficial de transportes e nesta qualidade demonstrou o conhecimento das condições especiais de consumições nos sertões brasileiros.

---

[207] Conferente: conferencista.

Quanto a minha modesta pessoa devo mencionar que pela primeira vez na minha vida fiz parte de uma Expedição. Sou um homem de gabinete e se decidi participar de um empreendimento como a "*Expedição Dyott-Roosevelt*" era para em primeiro lugar reunir diretamente uma documentação autentica para os meus trabalhos científicos. A Expedição era para mim um meio de obter o que precisava, mas por si não representava a atração que procuram infelizmente e exclusivamente muitos exploradores de profissão. Estes que muitas vezes não tem o preparo cientifico necessário, consideram a coisa principal percorrer regiões desconhecidas, vencendo as dificuldades de ordem material encontradas no caminho. Estas dificuldades, geralmente grandes, requerem um esforço as vezes sobre-humano, porém o fato de ter vencido os obstáculos não é o mérito único de um explorador. Não é o fato de ter atravessado regiões desconhecidas que dá valor a uma Expedição, mas os resultados obtidos e divulgados meio de publicações, relatórios e conferências.

Repórter: Quanto aos resultados de seus trabalhos?

Dr. Ramon da Paz: Posso dizer que tive a oportunidade de reunir uma documentação interessante, porém, um pouco incompleta. As dificuldades encontradas em São Luiz de Cáceres [MT], na organização definitiva da Expedição de ordem material e a perda de parte dos mantimentos durante a viagem obrigaram-nos a realizar a nossa marcha de uma maneira bastante precipitada. Por conseguinte não tive a possibilidade de demorar o tempo necessário nos vários pontos da nossa travessia. Não obstante, os materiais reunidos me permitem hoje iniciar a publicação de informações sobre as possibilidades econômicas das regiões percorridas. Além das questões econômicas dedicava durante a minha viagem uma atenção especial ao problema dos índios. A convivência, emboca curta, com os últimos primitivos deu-me a possibilidade de fazer observações interessantes no domínio dos estudos etnológicos dos chamados selvícolas.

Repórter: Quanto durou a Expedição?

> **Dr. Ramon da Paz:** [...] A viagem era muito difícil, penosa e perigosa, especialmente a descida do Rio da Dúvida, que representa uma cachoeira quase contínua. Sofremos muito com insetos, especialmente perseguiam-nos continuadamente as formigas de todas as espécies. Porém vencemos todos os obstáculos, graças à moral excelente de todos os membros da Expedição.

Repórter: Há pouco referia-se ao problema dos índios. Pensa publicar algum estudo à respeito?

> **Dr. Ramon da Paz:** Formado em direito, continuo sempre a ter interesse especial para as questões da minha competência. O problema dos índios representava, para mim, uma atração sob o ponto de vista do regime legal existente entre estes últimos primitivos. Procurei no encontro com os índios receber uma documentação autêntica sobre as normas aceitas pelos primitivos na vida que corre longe da atmosfera do mundo civilizado, julguei possível entre os índios encontrar os princípios de um direito natural contendo normas mais puras do que as que estão infelizmente, deformadas na nossa vida civilizada em consequência da Grande Guerra e dos fenômenos sociais subsequentes. Estes, com efeito, modificaram todas as nossas concepções sobre a moral e equidade, fazendo esquecer as bases essenciais do direito. Procurei esta documentação para o livro que escrevo sobre "*Direito Natural dos Primitivos*". (JORNAL DO BRASIL N° 141)

The New York Times
USA – Nova York – Domingo, 10.07.1927

The Last Miles of the River of Doubt

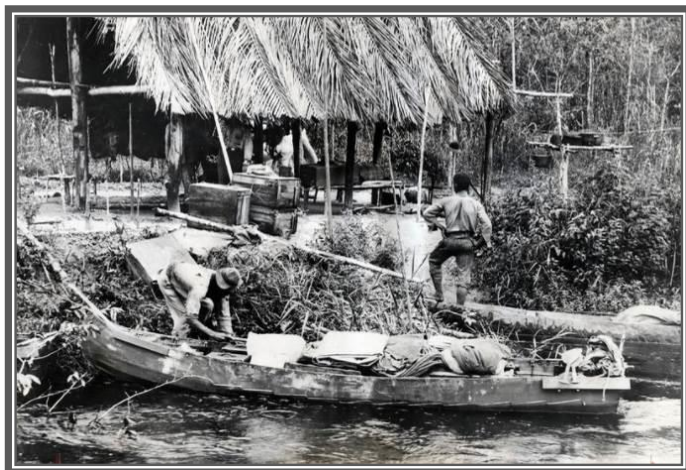



Imagem 131 – Botes de Borracha

Nossos botes de lona fizeram coroaram com mais sucesso nossos esforços do que qualquer outra coisa. É difícil imaginar como o Coronel Roosevelt sobreviveu à provação de sua exaustiva jornada no rio. [...] Antes de deixar Nova York, eu me dei conta de que 50% dos problemas enfrentados pela expedição de Roosevelt se deveram às pesadas canoas de tronco escavado que empregaram. Esses botes primitivos são tão pesados que é quase impossível transportá-los por terra; arrastá-los pela selva em troncos rolantes é quase tão impossível quanto; e não se pode ter neles qualquer grau de segurança para transpor corredeiras. Foi por isso que eu comprei canoas portáteis e as transportei por quilômetros através do Brasil Central. (DYOTT, 1927)

O Dia n° 3.506
Curitiba, PR – Domingo, 19.06.1935

Esses "*Exploradores*"
[Frederico Faria de Oliveira]

Não faltaram opositores vermelhíssimos à ideia feliz quando o Sr. Juarez Távora, então Ministro da Agricultura sugeriu providências enérgicas contra os estrangeiros que disfarçados em excursionistas, demandam ao interior do Brasil, para de regresso aos seus pagos criarem lendas sobre os nossos usos e costumes. Justificando o seu pensamento, o ex-titular do Governo Provisório citou uma porção de casos concretos, ocorridos com viajantes alienígenas, entre os quais, um na época da iniciativa do Sr. Juarez Távora andava pela imprensa de Paris a inventar feias histórias a nosso respeito.

Que o Sr. Távora tinha razão os fatos o demonstram de longa data. Com efeito, esses excursionistas e exploradores, em chegando ao Brasil, são de uma amabilidade extremada para com o nosso País e a nossa gente. Elogiam-nos a hospitalidade, exaltam a nossa natureza inigualável, elevam ao sétimo céu a nossa civilização.

Ficamos todos anchos ([208]) ante a torrente de palavras elogiativas e, para retribuir tais galanteios, cercamos os hospedes fingidos de toda a sorte de considerações e mimos abrimos-lhes o coração e tratamos de lhes adivinhar os pensamentos, na certeza de que de retorno à pátria, só possam dizer bem deste povo tão injustiçado.

As lições não nos tem servido do escarmento ([209]). Raros, raríssimos, os excursionistas que têm sabido corresponder a nossa tradicional hospitalidade. Haja vista o que acaba de acontecer com um deles. Trata-se do Sr. G. M. Dyott aquele mesmo "*inglês*" fanfarrão que, há meses, em entrevistas a jornais londrinos – como tive a oportunidade de comentar – despejara um caldeirão de inverdades sobre o Brasil.

---

[208] Anchos: orgulhosos.
[209] Escarmento: lição.

> Sem realizar outra excursão pelos territórios do nosso País o viajante com fumaças de explorador volta às colunas da imprensa britânica e "*yankee*" para repetir as mesmas barbaridades contra a terra e os homens desta Pátria. Telegramas procedentes de Londres e dos Estados Unidos nos dão conta das invencionices saídas do cérebro escaldante do aventureiro ingrato. Muito bem recebido pela sociedade e governo brasileiros, o homem como que jurou aos seus guias espirituais maldizer a Nação brasileira.
>
> Inventou coisas tétricas sobre o interior brasileiro contando uma série de mentiras prejudiciais à nossa dignidade de povo que possui, é certo, os Lampiões talando ([210]) os sertões inóspitos, mas quem afinal de contas, sorri das ultra civilizações em que os fuzis e as metralhadoras dos "*yankees*" reduzem cidades maravilhosas à condição de centros fora da lei e dos bons sentimentos humanos. Mr. G. M. Dyott viu coisas de arrepiar no Brasil. O sensacionalismo do excursionista atinge às raias do absurdo.
>
> Foi pena que o explorador precisasse caminhar tanto para "*ver*" as coisas horríveis que afirma ter visto em nossos sertões. Coisas piores ele poderia ter visto si quisesse, muito mais próximo de sua pátria. Era só dar um pulo a Chicago, ou a Nova Iorque cuja imprensa, sentindo também a volúpia da publicação de histórias que tais – transcrevendo-se – terá lá mesmo motivos bastantes para o sensacionalismo de um noticiário em que avultam os bandidos infinitamente piores que os Lampiões. (O DIA N° 3.506)

Nova Expedição com antigos membros da deletéria Missão Dyott-Roosevelt mostram o "*Lado Negro*" do Sr. José Tozzi Calvão...

---

[210] Talando: Devastando.

Correio da Manhã n° 10.400
Rio de janeiro, RJ – Sexta-feira, 30.11.1928

O Vale do Amazonas Será a Terra de Ophir?

O que nos disse o Sr. Ramon Poznanski, Vice-diretor da Expedição Calvão

[...] Resolvemos, por isso, manter alguns minutos de palestra com o convidado, que assim, se externou:

> [...] Desse modo, o Dr. Norman Taylor, curador do jardim botânico de Brooklyn, membro da Academia de Ciências de Nova Iorque, realizará os estudos da flora amazônica. Este cientista americano fará coleções destinadas ao Museu Nacional e ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro e ao do Brooklyn.
>
> Os engenheiros competentes procederão ao levantamento topográfico do Rio Aripuanã, nas suas seções ainda não exploradas, assistidos pelo Sr. W. Carr, oficial da marinha mercante inglesa, que realizará as observações astronômicas necessárias. Eu, pessoalmente, tomei a meu cargo os estudos etnológicos dos índios e econômicos sobre as possibilidades das regiões a serem percorridas.
>
> A primeira parte dos meus trabalhos será prosseguida conforme as preciosas indicações do grande vulto da ciência brasileira, o professor Roquette Pinto. O ilustre diretor do Museu Nacional, com simpatia, acolheu a Expedição, declarando-se pronto a prestar o seu auxilio e cooperação.
>
> Conforme as sugestões feitas pelo Dr. Roquette Pinto, serão, realizados estudos que tratarão da questão do "*aculturamento*" das tribos já conhecidas.

Os estudos econômicos serão semelhantes aos que realizei durante a "*Expedição Dyott-Roosevelt*", e que resultaram em um relatório apresentado por mim, após a viagem, ao Sr. Ministro da Agricultura. Os resultados dos trabalhos de todas as, seções serão postos ao dispor do Brasil e divulgados em publicações feitas pelos expedicionários. Eu, pessoalmente, sou encarregado de reunir os trabalhos em um relatório geral em benefício da Comissão.

De tal maneira, a Expedição não tem o objetivo de conservar uma documentação, para si, mas entregala ao domínio público. Do mesmo modo como as coleções botânicas, as etnográficas serão remetidas aos respectivos institutos científicos.

Julgo que as informações por mim dadas ao "*Correio da Manhã*" são suficientes para indicar o verdadeiro caráter do empreendimento, que representa uma obra patriótica de um jovem brasileiro, para a qual eu, polonês, sincero amigo do Brasil, estou feliz de poder contribuir.

Durante a Expedição vamos irradiar notícias, porque levamos aparelhamento completo confiado ao radioamador americano Sr. Erick Palmer. A parte material pertence ao nosso oficial de transporte, que é o Sr. Alfredo Mayer.

Agradecendo ao Sr. Roman Poznanski a gentileza com que atendera ao nosso, pedido, retiramo-nos. (CORREIO DA MANHÃ N° 10.400)

Correio da Manhã n° 10.412
Rio de janeiro, RJ – Sexta-feira, 14.12.1928

Dissolveu-se a Missão Científica ao Vale do Amazonas; o Sr. Tozzi Calvão é Energicamente Acusado Pelos seus Antigos Companheiros

Recebemos, ontem, a seguinte carta dos membros da, missão científica brasileira ao vale do Amazonas:

> Os abaixo assinados, membros da Missão Científica Brasileira–Americana ao Vale do Amazonas, têm a honra de pedir a V. Exª reproduzir, em sua conceituada folha, a seguinte declaração:
>
> A Expedição chefiada pelo Sr. José Tozzi Calvão dissolveu-se, hoje, em circunstâncias, que explicam as causas da terminação do empreendimento. A Expedição que chegou à Capital Federal no dia 12 de dezembro até hoje não pode iniciar a viagem, e isto por falta do fundos. A circunstância de que não há fundos necessários chegou ao nosso conhecimento há poucos dias e foi uma verdadeira surpresa para os membros da Expedição, porque o Sr. Calvão, antes da sua partida de Nova Iorque, declarou possuir todo o capital que exige a realização de tal empreendimento. Durante semanas os expedicionários esperavam no Rio o restabelecimento financeiro da Expedição, quando, ontem, o Sr. Calvão declarou aos membros a falência da empresa e informou da impossibilidade de conseguir os fundos necessários. Em presença desta situação, conforme a iniciativa do Dr. Roman Poznanski, apoiada por todos os membros da missão, o Sr. Calvão pediu ao Dr. Norman Taylor assumir a chefia da Expedição, que devia ser reorganizada e financiada com fundos a serem conseguidos pelo próprio Dr. Taylor.
>
> Hoje o Dr. Taylor, na presença do Dr. Poznanski e Sr. Carr, comunicando a aceitação da proposta pediu ao Sr. Calvão entregar-lhe o material da Expedição necessário. Contrariamente ao entendimento de ontem o Sr. Calvão recusou-se categoricamente a dar satisfação ao pedido, declarando ao mesmo tempo, que não fará mais despesas com a estadia dos membros americanos e inglês no Rio, nem com as passagens de volta para os Estados Unidos e à Inglaterra, em violação dos contratos por ele, Calvão, assinados.

> Desta maneira os membros da Expedição encontram-se na impossibilidade de realizar os estudos científicos projetados. Como se vê, o obstáculo do iniciar os trabalhos é devido não somente ao fato da falência financeira da Expedição, mas ao impedimento criado pelo Sr. Calvão na reorganização possível da Expedição em sólidas bases financeiras. – Norman Taylor, G. W. Carr, Roman Poznanski e Eric Palmer. Queira receber, V. Exª, os protestos da nossa elevada estima e alta consideração. – Pelos acima assinados. Norman Taylor. (CORREIO DA MANHÃ N° 10.412)

Muitos exploradores, ao longo da história, procuram atrelar ao nome de suas expedições o "*codinome*" de "*científicas*" procurando com isso conseguir subsídios de organizações públicas e privadas. A famigerada Expedição Dyott-Roosevelt que propalava aos quatro ventos que um de seus propósitos seria o de realizar estudos antropológicos dos nativos que encontrasse na sua jornada já mostrava, de antemão, uma pretensão impossível de ser atingida a curto prazo. O estudo antropológico de um povo envolve o estudo de seus costumes, crenças, hábitos, universo psíquico, mitos, rituais, processo histórico, linguagem, leis, relações de parentesco, aspectos extremamente subjetivos que para serem analisados demandam de muito tempo pois é preciso ganhar a confiança dos nativos e desfrutar de uma convivência íntima e ininterrupta.

A propalada "*técnica*" tantas vezes citada pelo Sr. Dyott baseava-se no exemplo de Rondon mas não levava em conta que estes silvícolas tinham por ele um respeito e confianças que foram sendo conquistados progressivamente alicerçados em um exemplo de conduta ímpar que serve de modelo até os dias de hoje. Vejamos uma reportagem que reproduz um desses contatos da Expedição Original:

Dom Casmurro n° 223
Rio de janeiro, RJ – Sábado, 25.10.1941

Os Nhambiquaras Dançam para Theodore Roosevelt

Em Demanda do Rio da Dúvida – O Homem mais Primitivo do Mundo – A Serra do Norte – Uma Árvore de Natal em Plena Selva – “*Tanganii, Tangrê*”; e os Índios Rodam, Rodam em Torno de um Ponto Invisível – Os Cães de Roosevelt são Devorados Pelos Índios

[Clóvis de Gusmão]

20 de fevereiro de 1914. A Expedição Roosevelt-Rondon prossegue a sua marcha através da grande selva mato-grossense em demanda do Rio da Dúvida. Aquela noite a Expedição irá acampar bem próxima ao Homem da Idade da Pedra. As duas tendas lá estão armadas e no alto as duas bandeiras. Na de Rondon, a brasileira, a estrelada bandeira americana, na de Roosevelt. Como a noite não tarda, já os homens começam a improvisar a fogueira que vai servir de luz para o acampamento e afugentará a surpresa sombria das serpentes.

Em cada canto do quadrilátero estará uma sentinela. Sim, uma sentinela como em dias de guerra porque ali bem perto está o Homem da Idade da Pedra. Esta noite o Coronel Rondon vai oferecer ao estadista “*Yankee*” uma pitoresca homenagem. O índio da Serra do Norte, o homem mais primitivo do mundo dançará para ele. Faz algumas horas apenas alguns Nhambiquaras visitaram o acampamento da Expedição que vai descobrir o Rio da Dúvida.

E com espanto, aquele homem habituado ao sertão, que havia estado nas brenhas africanas, teve diante de si o mais rude exemplar humano. O selvagem africano era um civilizado diante daqueles homens! Agora o jantar é servido nos pratos de folha e, à roda da fogueira todos estão sentados à maneira oriental sobre peles de animais.

Cherrie, o naturalista, Kermit, o filho de Roosevelt, o Capitão Fiala, os Tenentes Lyra e Amílcar de Magalhães, o Dr. Cajazeira, médico da Expedição, o Cel Rondon, chefe da construção das linhas estratégicas do Noroeste brasileiro e indicado pelo Ministério do Exterior para acompanhar através da floresta o hóspede Ilustre. Não tardará o momento em que os índios da Serra do Norte, que durante séculos a fio se mantiveram imunes do menor contato com a civilização e a cultura mesmo por intermédio de tribos vizinhas, virão dançar para Theodore Roosevelt.

Enamorado das aventuras, o grande homem está encantado com a ideia de Rondon. Sua espera não foi mais inquieta quando um sábio o convidou para aquela luta de serpentes em São Paulo. A Serra do Norte durante séculos fez parte daquela estranha geografia utópica que colocava o Eldorado além das montanhas de Tumuk Humak ou figurava o Mar Tenebroso dos velhos marinheiros jogando-se para o infinito naquele ignoto recanto onde a terra era sustentada no espaço por quatro elefantes.

Muitos anos depois de David Livingstone haver devassado os segredos africanos ainda continuavam as suas abas de vegetação medíocre completamente virgens para o olhar civilizado. Quando os primeiros povoadores do Rio Amazonas conquistaram ao índio a margem direita do grande Rio e, pelos afluentes do Madeira, atingiram o coração daquela rude selva uma cachoeira os deteve.

E a impressão de pavor foi tão grande que eles a chamaram de "*Infernão*" aquela montanha líquida. Do lado Sul, nas cachoeiras do Rio Paraguai o obstáculo foi outro; a Leste aquelas fabulosas florestas anãs feitas de mato ralo mas tão densamente entrelaçadas pelo capim navalha e pelo gravatá de gancho que a própria anta não as consegue romper; a Oeste, do lado boliviano, os areais periódicos, um pequeno Saara ainda não romantizado. E assim defendida por todos os lados e ainda pelo índio, pela fera e pelas doenças tropicais, a Serra do Norte trouxe até este século o seu mistério.

O Rio Juruena, muito além do último pouso de civilizados, além de "*Arroz Sem Sal*", a última feitoria de seringueiros que existia para aquelas bandas, já não era mais que uma simples lenda. A Serra do Norte não chegava a ser uma lenda, era o mistério. Os mapas não a consignavam sequer. E os estudos da região feitos através da preciosa informação dos viajantes apenas vagamente a figuravam do outro lado do Juruena.

1907 O explorador brasileiro Cândido Rondon inicia o estudo sistemático de toda a enorme área do Noroeste brasileiro. Marchando inicialmente da banda Leste do Rio Paraguai atinge as águas do Juruena e prosseguindo, no ano seguinte a sua marcha já então com a sua base de operações a Oeste vai com seus homens acampar nas proximidades da Serra do Norte.

Tudo isso porém não acontece assim sem drama. Prisioneiro primeiro daquelas florestas anãs de que falamos, batido quase pelo pequeno deserto ardente, Rondou teve a ventura de encontrar diante de si a população selvagem mais interessante do mundo, o

Homem da Idade da Pedra lascada em toda a sua rudeza, desconhecendo a casa, o anzol, a banana, o cachimbo, criando ratos e comendo cobras. A primeira Expedição de Rondon, em 1907 Já trouxe notícias do Homem da Serra do Norte. Eram antropófagos, diziam dele os índios que os conheciam. O fato que receberam hostilmente a Expedição e por pouco o próprio Coronel Rondon não perdeu a vida nesse primeiro contato. Teve porém a oportunidade para examinar as flechas e o modo como eram feitas. E hábil sertanista deparou surpreso com uma realidade estranha, aqueles homens estavam em plena idade da pedra lascada. A ponta das flechas cortadas a machado de pedra o denunciava perfeitamente. Na segunda jornada o sertanista pode estudar uma aldeia abandonada.

Concluiu então pela não antropofagia dos Nhambiquaras. Mas os índios continuavam a resistir a flechadas contra a invasão das suas terras. Rondon devia levar a linha telegráfica de Cuiabá, próximo às nascentes do Rio Paraguai à Santa Antônio do Madeira, quase sobre o Rio Amazonas. Era urna tarefa para vários anos a fio.

E durante aqueles anos, na medida que fundava aldeias no curso da linha telegráfica e criava destacamentos militares em lugares estratégicos, ia ele tratando de pacificar os Nhambiquara para poder estudá-lo. De noite, os Nhambiquaras derrubavam postes que ele havia erguido durante o dia. O zumbido dos sinais Morse parecia ao bugre primitivo uma invisível abelha e era para colher aquele mel maravilhoso que ele derrubava os postes.

Num ponto da serra, nas frondes de uma árvore, preparavam os Nhambiquaras uma armadilha. Os homens de Rondon responderam substituindo as flechas que os deviam matar por presentes, contas,

machados, pentes, espelhos e colares. Os Nhambiquaras insistiram no gesto hostil, os homens de Rondon prosseguiram nos presentes.

E assim meses e meses. Até que pouco a pouco aquela árvore se foi tornando como uma árvore de Natal. Um dia porém quando os seus homens aprenderam o uso do ferro e as mulheres, como as de todo o mundo civilizado se enamoraram pelas contas e espelhos, os Nhambiquaras não botaram mais flechas na árvore da montanha. Colocaram também as suas dádivas mais preciosas.

O seu vinho de ananás silvestre, os insetos fritos que o seu paladar apreciava tanto, os seus machados de pedra, as suas flautas nasais, as pulseiras feitas de rabo de tatú. E assim se fez a paz com os Nhambiquaras.

1911 Foi isso em fins de 1911. O contato com o Homem da Serra do Norte foi um motivo de espanto para o civilizado, eles desconheciam a própria cor humana a que todas as populações do mundo estavam afeitas. Tomando um pobre negro, João da Cruz, quiseram verificar se aquele negro que ele ostentava nas faces não seria pintado e o levaram a força até um ribeiro e o lavaram e esfregaram com pedras até que a sua carne ficou em sangue.

Mas não foi uma surpresa menor para eles a ignorância daqueles homens que vinham de longe. O nome disso, perguntavam, "*Ananás*", dizia o civilizado. E eles riam gargalhadas gostosas. E prosseguiam. O nome disso? "*Rato*", respondia alguém. E novas gargalhadas enchiam o espaço. Mas tudo isso pertence ao passado. Hoje os. Nhambiquaras já não precisam socar no pilão a carne que comem e as

suas crianças já não choram, como noutro tempo, quando os pais raspavam os seus cabelos com a casca do coco. Apenas uma vez ou outra matam os burros dos acampamentos de Rondon para comer.

O próprio Coronel Rondon lhes ensinou o uso e o modo de fabricar canoas e eles não precisam mais atravessar os rios em jangadas elementares feitas com o talo das palmeiras. Já não dormem no chão como dantes.

1914

Só não perderam as lembranças da sua antiga astrolatria ([211]) e um sinal evidente dela está nessa dança da estrela que eles vão dançar para Theodoro Roosevelt. Também não creem que a carne da serpente, que eles tanto apreciam, possa ser repulsiva. Pouco a pouco vem chegando. Os expedicionários já estão sentados em semicírculo para assistir a dança.

E eles dançam. Os homens sopram com o nariz as flautas. As mulheres sacodem para o alto os braços com as pulseiras. Elas estão completamente nuas e os homens ostentam apenas um adorno simbólico. E dançam. A dança na realidade consiste num círculo repetido em sobre o lugar já pisado. A música é uma melodia monótona com duas palavras apenas, repetidas durante toda uma noite de festa. "*Tanganii*", canta um grupo, "*tangrê*", outro responde. E a dança prossegue até que a assistência cansa e o Coronel Rondon, falando em Nhambiquara manda parar.

E essa noite, de 20.02.1914, o ex-presidente "*Yankee*" dormiu sob uma encantada impressão. O Homem da Idade da Pedra, o homem mais atrasado do mundo naqueles dias dançara para ele.

---

[211] Adoração prestada aos astros.

E sob aquela impressão acordou ele na madrugada de 21. Pouco mais tarde, haveria de constatar o roubo de dois dos seus mais preciosos cães. Dois velhos companheiros das suas aventuras pela selva. Àquela hora estariam sendo devorados, comentou alguém. E Theodore Roosevelt sorriu amargamente. Mas quem poderá impedir um homem da Idade da Pedra de achar saborosa a carne de cachorro? (DOM CASMURRO N° 223)

Imagem 132 – Expedição Dyott Roosevelt

Bibliografia

24HN, 15.07.2014. ***Extração de Diamantes em Terra Indígena em MT Atrai Conflitos e Mortes, Ladrões, Prostitutas e Contrabandistas*** *– Brasil – Mato Grosso, Cuiabá – 24 Horas News (24horasnews.com.br), 15.07.2014.*

ANCHIETA, José de. ***Cartas, informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta*** *– Brasil – Rio de Janeiro – Officina Industrial Graphica, 1933.*

ANDRADE, Mário de. ***Amar, Verbo Intransitivo: Idílio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Agir Editora Ltdª, 2008.*

ARINI, Juliana. ***A Terra dos Canibais*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Época, 24.02.2007.*

AUGUSTO RONDON, Frederico. ***Pelo Brasil Central*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1934.*

BETO & FANY, Beto Ricardo & Fany Ricardo. ***Povos indígenas no Brasil, 2006/2010*** *– Brasil – São Paulo, SP – Pancrom Indústria Gráfica, 2011.*

BORGES, Durval Rosa Sarmento. ***Rio Araguaia, Corpo e Alma*** *– Brasil – São Paulo, SP – Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1986.*

CAJAZEIRA, Dr. José Antônio. ***Expedição Científica Roosevelt–Roondon*** *– Anexo N°6 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1916.*

CB, N° 14.950. ***Massacre no Garimpo foi Aviso, diz Cacique*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense, n° 14.950, 23.04.2004.*

CB, N° 14.951. ***Diamantes por Armas*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense, n° 14.951, 24.04.2004.*

CB, N° 14.958. ***Risco de Tensão no Pará*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense, n° 14.958, 01.05.2004.*

CB, N° 15.652. ***Aval Para Exploração em Reservas Indígenas*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense, n° 15.652, 21.03.2006.*

CB, N° 16.017. ***Nosso Objetivo é que os Índios Utilizem bem os Recursos Minerais e que as Comunidades Usufruam da Riqueza Extraída do Subsolo*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense, n° 16.017, 26.03.2007.*

CHERRIE, George Kruck. ***Cherrie's Diary of the Theodore Roosevelt Expedition to Explore the River of Doubt in Brazil, October 1913 to May, 1914*** *– USA – New York – Manuscript – American Museum of Natural History, 26.05.1927.*

CHERRIE, George Kruck. ***Dark trails: Adventures of a Naturalist*** *– USA – New York – G. P. Putnam's Sons, 1930.*

CORREIO DA MANHÃ N° 9.707. **Outra Expedição ao Rio da Dúvida** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 9.707, 12.09.1926.

CORREIO DA MANHÃ N° 9.711. **Em Busca do Rio Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 9.711, 17.09.1926.

CORREIO DA MANHÃ N° 10.412. **Dissolveu-se a Missão Científica ao Vale do Amazonas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 10.412, 14.12.1928.

COSTA, Angyone. ***Introdução à Arqueologia Brasileira – Etnografia e História*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1934.*

COUDREAU, Marie Octavie. ***Voyage au Cuminá*** *– França – Paris – A. Lahure, Imprimeur–Éditeur, 1901.*

CRULS, Luiz. ***Relatório Cruls: Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2003.*

CUNHA, Euclides da. ***Apresentação do Diário Realizado por Membros da Expedição, "Desde a Partida de Manaus até às Cabeceiras do Purús"*** *– Brasil – Rio de Janeiro, DF – Arquivo histórico do Itamarati, 1906.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 175. **Os estudos Etnológicos dos Índios – Meios de Chegar ao Entendimento da Alma dos Selvagens** – Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco n° 175, 01.08.1926.

DOM CASMURRO N° 223. **Os Nhambiquaras Dançam para Theodore Roosevelt** – Brasil – Rio de janeiro, RJ – Dom Casmurro n° 223, 25.10.1941.

DYOTT, George Miller. **The Last Miles of the River of Doubt** – USA – New York – The New York Times, 10.07.1927

FREGAPANI, Gelio. ***Orgulho e Vergonha*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – DEFESANET, 15.11.2011.*

FROTA, Sylvio. ***Ideais Traídos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jorge Zahar Editor, 2006.*

GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 117. **Exploradores dos Sertões Brasileiros** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazetas de Notícias n° 117, 19.05.1926.

GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 122. **Exploradores dos Sertões Brasileiros** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazetas de Notícias n° 122, 25.05.1926.

GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 181. **O "*Vandyck*" na Guanabara** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazetas de Notícias n° 181, 10.08.1926.

GAZETAS DE NOTÍCIAS N° 287. **No Mistério da Amazônia** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazetas de Notícias n° 287, 11.12.1926.

GERD & MARKUS, Gerd Kohlhepp e Markus Blumenschein. ***Brasileiros Sulistas Como Atores da Transformação Rural no Centro–Oeste Brasileiro: O Caso de Mato Grosso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Território, ano V, n° 8 (jan/jun), 2000.*

ISTO É, N° 1.731. ***Lá Está a Riqueza que os Estrangeiros e os Políticos Querem Tirar do meu Povo...*** *– Brasil – São Paulo, SP – Isto É, n° 1.731, 05.12.2002.*

JB, N° 22. ***Todos os Meios Foram Lícitos Para Liquidar os Índios*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 22, 05 e 06.05.1968.*

JB, N° 23. ***Governo vai Tirar Garimpeiro da Reserva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 23, 01.05.2004.*

JB, N° 100. ***Justiça de Cuiabá Entrava Punição à Chacina de Índios - [Sergio Galvão]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 100, 04 e 05.08.1968.*

JB, N° 132 a 138. ***Rondon, 75 Anos Depois*** *–* ***No Caminho Dos Semivivos (I a VI)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 132 a 138, 09 a 16.06.1965.*

JC, N° 170. ***Chefes Cintas–Largas são Acusados de Contrabando*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Commercio, n° 170, 26.04.2004.*

JC, N° 207. ***Governador Aparece em Conversa*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Commercio, n° 207, 13.06.2005.*

JORNAL DO BRASIL N° 81. **A Missão Dyott-Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 81, 05.04.1927.

JORNAL DO BRASIL N° 137. **Conversando com o Nosso Patrício Dr. José Tozzi Calvão** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 137, 09.06.1927.

JORNAL DO BRASIL N° 141. **Os Resultados da Missão** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 141, 14.06.1927.

JORNAL DO BRASIL N° 155. **Os Índios da Serra do Norte** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 155, 01.07.1926.

JORNAL DO BRASIL N° 205. **Em Torno da Expedição Dyott** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 205, 28.08.1926.

JORNAL DO COMMERCIO N° 32. **A Expedição Dyott-Roosevelt – sua Chegada ao Rio Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Commercio n° 32, 01.02.1927.

JORNAL DO BRASIL N° 213. **O Serviço Radiotelegráfico da Expedição Dyott-Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 213, 07.09.1926.

JUNGHANS Miriam. ***Emilia Snethlage (1868–1929): uma naturalista alemã na Amazônia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – História, Ciências, Saúde–Manguinhos, vol. 15 suppl. – 2008*

KLINTOWITZ, Jaime. ***A história do Brasil em 50 frases*** *– Brasil – São Paulo, SP – Texto Editora Ltdª, 2014.*

MACEDO, José Agostinho de. ***A Natureza*** *– Portugal – Porto – Tipografia de Francisco Pereira de Azevedo, 1854.*

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. ***Pelos Sertões do Brasil (1928)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1941.*

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. ***Impressões da Comissão Rondon (1942)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1942.*

MAXWEL John C. ***As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança: Uma Receita Comprovada para Desenvolver o Líder que Existe em Você*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Thomas Nelson Brasil, 2007.*

MILLARD, Candice. ***O Rio da Dúvida*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia das Letras, 2007.*

MINDLIN, Betty e outros. ***Couro dos Espíritos: Namoro, Pajés e Cura entre os índios Gavião–Ikolen de Rondônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – SENAC, 2001.*

MORAES, Raymundo de. ***Na Planície Amazônica*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1936.*

NASH, Roy. ***A Conquista do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.*

O CRUZEIRO, N° 03. Cinta-Larga – ***A Pacificação Fracassada*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Cruzeiro, n° 03, 19.01.1972.*

O CRUZEIRO, N° 19. Cinta-Larga – ***A Morte Como Destino*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Cruzeiro, n° 19, 11.05.1968.*

O DIA N° 3.506. **Esses “*Exploradores*” (Frederico Faria de Oliveira)** – Brasil – Curitiba, PR – O Dia n° 3.506, 19.06.1935.

O IMPARCIAL N° 5.644. **Quem é o Major Dyott?** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Imparcial n° 5.644, 07.08.1926.

O IMPARCIAL N° 5.646. **Chegou Ontem, pelo “*Vandyck*”...** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Imparcial n° 5.646, 10.08.1926.

O IMPARCIAL N° 5.647. **O Conhecimento do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Imparcial n° 5.647, 11.08.1926.

O JORNAL N° 2.237. **O Explorador Dyott vem com seis Cientistas e um Operador Cinematográfico** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Jornal n° 2.237, 25.07.1926.

O JORNAL N° 2.350. **Um Continuador da Obra de Roosevelt nas Regiões do Rio da Dúvida** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Jornal n° 2.350, 10.08.1926.

O JORNAL N° 2.445. **A Expedição Chefiada pelo Explorador Dyott** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Jornal n° 2.445, 28.11.1926.

O PAIZ N° 15.253. **O Comandante Dyott vai Explorar o Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz n° 15.253, 25.07.1926.

O PAIZ N° 15.512. **A Amazônia Misteriosa** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz n° 15.512, 10.04.1927.

POPULAR RADIO. **Buzzing With Bussey in Brazil (Ralph E. Thomas)** – USA, Nova York – Popular Radio, April, 1927.

RAC N° 15. **O "*Hinterland*" Brasileiro** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Automóvel-Club n° 15, Junho, 1926.

RALPH THOMAS. **Buzzing with Bussey in Brazil** – USA – New York – Popular Radio USA, April, 1927.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. ***Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de Outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no Teatro Phenix do Rio de Janeiro Sobre os Trabalhos da Expedição Roosevelt–Rondon e da Comissão Telegráfica*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1916.*

ROOSEVELT, Theodore. ***Nas Selvas do Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1976.*

SILVA A. Casemiro da. ***As Cores no Idiomatismo*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã, 30.05.1950.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – Minas Gerais – Editora Itatiaia, 2006.FREGAPANI, Gélio Augusto Barbosa.* ***Orgulho e Vergonha*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Defesa Net, 09.03.2014.*

VIVEIROS, Esther de. ***Rondon Conta Sua Vida*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria São José, 1958.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens Pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.*

Dali, Paixão passou a servir no Acampamento Geral da Construção onde, foi promovido a graduação de Sargento, graças aos seus relevantes serviços. Concluindo seu tempo de serviço nas fileiras do Exército, reengajou no 5° Batalhão de Engenharia, continuando a contribuir com sua invulgar capacidade de trabalho e liderança à Comissão de Linhas Telegráficas e, mais tarde, à Expedição Científica Roosevelt–Rondon.O Sargento Paixão sempre demonstrou aos seus superiores, pares e subordinados uma inexcedível boa vontade no desempenho de suas funções e, como disse Rondon: "*servindo de exemplo aos seus Camaradas, pelo espírito de disciplina que imprimia a todos os seus atos, e sobretudo pela moralidade de sua vida de Soldado e de Homem*".

O Sargento Paixão foi covardemente assassinado por um dos Camaradas que vinha furtando, sistematicamente, os escassos víveres destinados a suprir a todos os membros da Expedição.

Coronel Hiram Reis e Silva
(Pesquisador Militar)